AS TREVAS E A LUZ

EXPOSIÇÕES SOBRE EFÉSIOS 4:17-5:17

D.M. LLOYD-JONES

AS TREVAS E A LUZ

Exposição sobre Efésios 4:17 a 5:17

D. M. LLOYD-JONES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Caixa Postal 1287 01059-970 - São Paulo -SP

Título original:

Darkness and Light

Editora:

The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:

1982

Copyright:

Lady E. Catherwood

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Revisão:

Antonio Poccinelli Capa:

Ailton Oliveira Lopes

Primeira edição em português:

1995

Impressão:

Imprensa da Fé

- ÍNDICE

- PREFÁCIO
- A PRÁTICA ARRAIGADA NA DOUTRINA
- VIDA VAZIA - A VIDA SEM CRISTO
- SEPARADOS DA VIDA DE DEUS
- O PECADO NUM MUNDO PAGÃO
- O CRISTÃO E O NÃO CRISTÃO
- O CONHECIMENTO DA VERDADE
- OUVINDO A CRISTO E APRENDENDO A CRISTO
- DESPINDO-NOS E REVESTINDO-NOS!
- CORRUPÇÃO, CONCUPISCÊNCIA, ENGANO
- QUANDO NÃO ORAR, MAS AGIR
- RENOVADOS NO ESPÍRITO DO ENTENDIMENTO
- O NOVO HOMEM E A SUA ORIGEM
- JUSTIÇA, SANTIDADE E VERDADE
- APRONTE-SE E FAÇA!
- COMO E POR QUE O CRISTÃO SE REVESTE DO NOVO HOMEM
- “DEIXAI A MENTIRA”
- IRA PECAMINOSA E IRA SANTA
- NÃO FURTAR,
- COMO COMUNICAR-NOS COM OS NOSSOS SEMELHANTES
- “NÃO ENTRISTEÇAIS O ESPÍRITO SANTO DE DEUS”
- PERDOADO E PERDOANDO
- “IMITADORES DE DEUS”
- A OBRA EXPIATÓRIA DE CRISTO
- A IGREJA E O ESTADO: SUAS FUNÇÕES DIFERENTES
- MALES QUE NEM SE DEVE MENCIONAR ENTRE OS SANTOS
- O REINO DE CRISTO E DE DEUS
- A IRA DE DEUS
- FILHOS DA LUZ
- AS OBRAS INFRUTUOSAS DAS TREVAS
- O FRUTO DA LUZ
- AGRADÁVEL AO SENHOR
- EXPOSTOS PELA LUZ
- O NÉSCIO E O SÁBIO
- ANDANDO PRUDENTEMENTE
- REMINDO O TEMPO

ÍNDICE

PREFÁCIO

Não há nenhuma razão particular para a ordem em que têm sido publicados os oito volumes que reúnem os sermões do Dr. Lloyd--Jones sobre Efésios. Foi porque eles não apareceram na seqüência cronológica que a única porção que restava para completar-se por ocasião da morte do autor, em primeiro de março de 1981, foi Efésios 4:17-5:17. O presente volume cobre agora a lacuna e, assim, conclui [1] uma série que já foi extraordinariamente usada por Deus em todo o mundo. A opinião, outrora ouvida, segundo a qual os que maior atração sentiriam pelos sermões do Dr. Lloyd-Jones eram os que se beneficiavam diretamente do seu ministério, foi refutada há muito tempo. Embora seja grande o número dos que desfrutaram do seu inesquecível ministério, muito maior é o número dos que já foram beneficiados por suas obras publicadas. E muitos mais, cremos nós, ainda virão a estar sob a sua influência.

O Dr. Lloyd-Jones foi pregador, de ponta a ponta. Dos seus sermões sobre Efésios, pregados entre 1954 e 1962, nenhum foi escrito, exceto na forma de esboço esquemático. Por conseguinte, a sua publicação só foi possível porque havia gravação completa deles em fita. Dessas fitas, transcritas pela Sra. E. Burney, o Dr. Lloyd- Jones preparou a exposição de Efésios para publicação, e a esse labor, conquanto auxiliado por sua esposa e pelo Sr. S. M. Houghton, ele dedicou muito tempo. Foi um trabalho mais árduo, disse ele muitas vezes, que a própria pregação!

No caso do presente volume, o Dr. Lloyd-Jones não pôde empreender nenhuma supervisão do preparo da sua publicação antes da sua morte. Felizmente, os princípios editoriais sobre os quais ele trabalha-

va, estavam claramente firmados nos volumes anteriores, e os seus auxiliares, já mencionados - com o auxílio adicional de Lady Catherwood, filha mais velha do autor - seguiram-nos fiel e rigorosamente. Não se pouparam esforços para que a forma final deste volume seja como ele gostaria que fosse.

Em 1937, quando o Dr. Campbell Morgan estava na última parte do seu ministério na Capela de Westminster, ele falou da sua confiança em que, quando os obreiros de Deus têm que renunciar ao seu trabalho, Deus está ali, e o Seu escolhido sucessor está a caminho. Ele não sabia então que dentro de doze meses o Dr. Lloyd-Jones haveria de juntar-se a ele.

Agora, passados mais de quarenta anos, certamente este livro servirá também como parte da ininterrupta obra de Deus.

Em 1955 o Dr. Wilbur M. Smith, depois de visitar a Inglaterra, escreveria

extensamente no *Moody Monthly* (Mensário de Moody) sobre o que tinha ouvido na Capela de Westminster, mencionando particularmente a série do Dr. Lloyd-Jones sobre Efésios, que chegara então apenas ao sermão trinta e oito. Smith concluiu: "Eu gostaria que todos os ministros da Palavra de Deus na América pudessem ter ouvido os sermões que ouvi deste ungido servo do Senhor neste verão. Minha linguagem é completamente inadequada para comunicar a experiência de sentar-me aos pés de uma tão ungida proclamação das verdades eternas da nossa santíssima fé".

Este volume, juntamente com todos os demais da série, com a bênção de Deus, dará ao leitor uma idéia daquilo que o Dr. Wilbur Smith quis dizer. Oxalá ajude também a promover aquela pregação em todas as nações!

O autor destas páginas já entrou no gozo do seu Senhor. A nós, que continuamos no presente cenário de peregrinação e serviço, resta lembrar os que nos falaram a Palavra de Deus, "a fé dos quais imitai . . . Jesus Cristo é o mesmo ontem, e hoje, e eternamente" (Hebreus 13:8).

Iain H. Murray 28 de dezembro de 1981

AS TREVAS E A LUZ

Efésios 4:17 a 5:17

17 E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido.

18 Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração;

19 Os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza.

20 Mas vós não aprendestes assim a Cristo,

21 Se é que o tendes ouvido, e nele fostes ensinados, como está a verdade em Jesus;

22 Que, quando ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano:

23 E vos renoveis no espírito de vosso sentido;

24 E vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade.

25 Pelo que deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros.

26 Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira.

27 Não deis lugar ao diabo.

28 Aquele que furtava, não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade.

29 Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem.

30 E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção.

31 Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias e toda a malícia seja tirada de entre vós.

32 Antes sede uns para com os outros benignos, misercordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.

1 Sede, pois, imitadores de Deus, como filhos amados;

2 E andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave.

3 Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos;

4 Nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes ações de graças.

5 Porque bem sabeis isto: que nenhum fornicário, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus.

6 Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência.

7 Portanto, não sejais seus companeiros.

8 Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz

9 (Porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade);

10 Aprovando o que é agradável ao Senhor.

11 E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as.

12 Porque o que eles fazem em oculto até dizê-lo é torpe.

13 Mas todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas, pela luz, porque a luz tudo manifesta.

14 Pelo que diz: Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá.

15 Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios,

16 Remindo o tempo; porquanto os dias são maus.

17 Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor.

1

Na língua portuguesaA? *Trevas e a Luz* é o quinto volume publicado. Ainda restam três volumes da série.

A PRÁTICA ARRAIGADA NA DOUTRINA

"E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido. "

-Efésios 4:17

Chegamos aqui a uma nova divisão de Efésios, e alcançamos uma junção muito importante, porque esta é de fato a última grande divisão da Epístola. Paulo começa no versículo 17 o que continuará como uma seção até ao fim da sua carta. E, portanto, um ponto decisivo, sumamente importante, e isso torna necessário que entendamos exatamente o que ele vai fazer e por quê. E, pois, importante, nesta conjuntura particular, que vejamos com clareza as conexões, e que tenhamos em nossas mentes uma visão geral, uma espécie de sinopse da Epístola como um todo.

O apóstolo tinha firmado a sua grande doutrina nos três primeiros capítulos, e depois, tendo feito isso, prossegue com o seu apelo e exortação á nos, para que nos demos conta de que somos membros do corpo de Cristo, e de que, portanto, o nosso primeiro interesse e consideração deve ser esforçar-nos para manter a unidade do Espírito pelo vínculo da paz em todas as ocasiões. Ele nos ajudara a fazê-lo lembrando-nos de novo a doutrina da natureza da Igreja; e em particular nos indicara como o próprio Senhor Jesus Cristo, a Cabeça da Igreja, quando subiu ao alto, estabeleceu ofícios na Igreja e pessoas para desempenhá-los, e Ele o fizera com o fim de que fôssemos instruídos, conduzidos e exortados quanto a preservarmos sempre em nossas mentes essa grande meta (Efésios 4:8,11). Não fomos salvos meramente para escapar do inferno; fomos salvos para que Deus apresentasse um povo que causaria espanto ao mundo. Vocês recordam o que ele disse no versículo dez do capítulo três: "Para que agora, *pela igreja,* a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus". Assim é que cada vez mais devemos pensar em nós mesmos, não de maneira atomística ou individualista, mas, antes, como partes da Igreja, como membros do corpo de Cristo, e a nossa suprema ambição deve sempre ser a de

crescermos nEle, a Cabeça, em todas as coisas, para que juntos cheguemos a varão perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo.^

E isso, então, que o apóstolo estivera dizendo, e assinalara que, em vista da provisão já feita - não somente pela instrução dada por meio dos pastores e mestres, e sim também por esta vida que flui da Cabeça, por meio dos canais e vias de comunicação, a cada parte segundo a sua medida e a sua capacidade - ficaremos absolutamente sem nenhuma desculpa, se falharmos.

No versículo dezessete do capítulo 4, a que passamos a dar atenção agora, Paulo

passa ao desenvolvimento de todo o seu ensino prévio. De novo começa com a palavra "portanto" (VA; ARA) - "Isto, portanto, digo", à luz de tudo aquilo que já passou. E a questão, à luz de tudo o que se passou, é: *como* vamos crescer em Cristo em todas as coisas? Como vamos chegar a esse varão perfeito? Como vamos manter a unidade do Espírito pelo vínculo da paz? A partir deste versículo até o fim da Epístola, Paulo dá-nos a sua resposta, e isso de maneira prática e minuciosa. Portanto, parece-me que seria algo bom e útil se, neste ponto, eu fizesse uma análise geral do restante da Epístola, para que pudéssemos divisar o esquema; e depois voltaríamos às diversas partes componentes, desenvolvendo-as. Este é sempre um excelente modo de proceder com as Escrituras. Diga-se de passagem, é um excelente modo de proceder com qualquer problema que nos confronte, seja qual for. Médicos e clínicos e outros que se preparam para a profissão médica lhes dirão - pelo menos costumava ser assim quando a medicina era, talvez, mais clínica e menos científica, em certo sentido, do que é agora, e menos dependente de acessórios e recursos mecânicos - que os médicos, os clínicos de antanho, sempre ensinavam que a primeira coisa que um médico deve fazer com um paciente é examiná-lo como um todo; não deve apressar-se à queixa particular, porém deve procurar ter uma visão geral e, enquanto não tiver feito isso, não deve ir para o particular. Dá-se o mesmo com um problema de matemática, por exemplo, ou de química. Se você está tentando descobrir, pela análise de uma substância específica, que elementos químicos particulares há na massa que se lhe apresenta, primeiro você aplica os seus testes gerais, pela exclusão de certos grandes grupos antes de passar à análise particular dentro dos grupos. E é exatamente a mesma coisa com relação às Escrituras. Opino, pois, que será bom e sábio que, nesta altura, tenhamos uma visão geral do restante desta Epístola.

Aqui está, parece-me, a divisão. Neste capítulo quatro, do versículo 17 ao 24, Paulo nos diz que devemos compreender que somos criaturas inteiramente novas em Cristo. Passando para questões de conduta e comportamento prático, ele começa dizendo: "Isto, portanto, digo, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios"; "mas antes", como ele diz mais tarde, "que vos despojeis do velho homem e vos revistais do novo homem". Noutras palavras, como cristãos devemos compreender que em Cristo somos criaturas *inteiramente* novas. Tendo dito isso, nos versículos 25 a 29 ele assinala a óbvia implicação disso na prática, empregando ilustrações práticas. Note-se a lógica com que o faz: ele diz, "Portanto" - para ligar a sua prática, então, à luz da doutrina -"Pelo que". Se vocês não se deram conta da importância dos*portantos* e*pelos ques* nos escritos do apóstolo Paulo, não o conhecem, de modo nenhum - "pelo que deixai a mentira" - tendo-se despido do velho homem e revestido do novo, você pôe de lado a mentira - "e falai a verdade cada um com o seu próximo; irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira", e assim por diante. Portanto, o padrão é, doutrina primeiro, seguida de implicações óbvias e práticas, elaboradas em detalhe. Depois, no versículo 30, Paulo retorna à doutrina. "Não entristeçais o Espírito Santo de Deus,

no * qual estais selados para o dia da redenção"! Noutras palavras, sempre devemos lembrarmos de que o Espírito Santo habita em nós. O apostolo está falando sobre a conduta prática, diária, e começou firmando como seu primeiro lembrete o fato de que somos inteiramente novos; o segundo segue-se rapidamente. "Nunca se esqueçam", diz ele, "de que o Espírito Santo de Deus *habita* em vocês" (versículo 30), "e por causa disso" (versículos 31 -32) é óbvio, diz ele, que devemos evitar toda e qualquer coisa que entristeça o Espírito Santo que está em nós. Portanto, "toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas de entre vós", e "sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros". Por quê? Porque, se vocês não procederem assim, estarão entristecendo o Espírito Santo.

Chegamos então ao capítulo 5, versículos 1 e 2. Nunca se esqueça, diz Paulo, que Cristo morreu para fazer de vocês filhos de Deus. Vocês são filhos amados de Deus, porque "Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave". Doutrina outra vez! E por causa dessa doutrina, eu e vocês devemos viver de tal modo que estejamos constantemente

' (VA: "pelo qual")

manifestando a sua verdade. Assim ele volta a dar as suas ilustrações práticas: "Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos"! Cristo morreu para fazer-nos santos. Tanto nos amou que *morreu* por nós com o fim de apresentar-nos a Deus como santos. Portanto, livrem-se destas coisas feias. "Nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes ações de graças." Isso, diz Paulo, segue-se necessariamente dessa doutrina. No entanto ele o desenvolve para nós com minúcias práticas. Nos versículos 6 a 17 do capítulo 5 o apóstolo faz algo interessante. Ele estivera firmando doutrina, elaborando as implicações práticas. Agora ele acha que deve fazer uma pausa por um momento, por assim dizer, e da a conhecer os pontos que defende. Deu-se conta de que lhe era necessário fazer isso por causa de certos falsos mestres que estavam visitando as igrejas - antinomianos, como os nicolaítas de que fala o livro de Apocalipse, homens que tinham entendido de maneira completamente errada o evangelho e que virtualmente ensinavam: façamos o mal para que nos venha o bem; homens que estavam transformando a graça de Deus numa espécie de escusa para a pessoa fazer o que quiser e pecar como quiser. Por isso o apóstolo diz: "Ninguém vos engane com palavras vãs", e tanto se greocupa com isso, e tão alarmado fica quanto ao futuro da igreja de Efeso, que dedica a isso considerável espaço (versículos 6-17). Ele adverte os efésios de todos os falsos e especiosos argumentos que visavam impedir-lhes a prática da vida cristã, ereforça a sua advertência com outra declaração positiva da verdade concernente aos cristãos em Cristo. Depois torna a voltar às praticabilidades - isso foi uma espécie de digressão, esclarecendo, rebitando, por assim dizer, certificando; ele sempre faz isso.

Nos versículos 18-21 o apóstolo firma outro grande princípio de doutrina, a saber, que sempre devemos lembrar a nós mesmos que as nossas vidas devem ser vividas no Espírito e plenamente sob o domínio do Espírito. “E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito; falando entre vós em salmos, e hinos e cânticos espirituais; cantado e salmodiando ao Senhor no vosso coração; dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo.” A vida do cristão é para ser uma vida inteiramente sobe o domínio do Espírito, cheia do Espírito, dirigida, dominada pelo Espírito. Isso, é claro, é doutrina. Depois, do versículo 22 ao versículo 9 do capítulo 6, ele a aplica. Tendo firmado esta verdade, que o cristão é alguém que vive a sua vida no Espírito e cheia do Espírito, ele então mostra que, obviamente, isso também é

algo que deve ser posto em ação na prática; é algo que deve governar todas as nossas relações. Assim, ele passa a considerar as relações entre mulheres e maridos, e maridos e mulheres; filhos e pais, e pais e filhos; servos e senhores, e senhores e servos. Notem como em cada caso, em todas essas subdivisões, ele tem a doutrina apropriada; ele seleciona o aspecto particularmente relevante da doutrina geral. E assim, quando ele está tratando da vida no Espírito, o que traz para exame são estas relações humanas pessoais - marido, esposa; filhos, pais; senhores, servos.

Na seção final da Epístola, do versículo 10 ao versículo 20 do capítulo 6, Paulo diz efetivamente: aí está o programa, essa é a classe de vida que vocês têm que viver. Vocês acham que é fácil? Seja o que for que vocês pensem, continua ele, não é fácil. Vocês precisam de um poder infinitamente maior que o de vocês. Há um adversário poderoso: “Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra os hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais”. Há um poderoso antagonista que fará tudo o que puder para manter-nos fora deste programa. Por quê? Para ridicularizar a obra de Deus e a graça do Senhor Jesus Cristo. Se satanás puder fazer algum cristão, ou até mesmo a Igreja toda cair em pecado, como ficará contente! Assim ele atacará vocês, diz Paulo, em todos os pontos particulares; e se vocês não se dão conta disso, já estão derrotados. Há somente um meio pelo qual agir: “Revesti-vos de toda a armadura de Deus”. Deus, diz o apóstolo, fez provisão; Deus não nos chama para cumprirmos um programa e depois nos deixa entregues a nós mesmos. Nada disso! Ele já nos supriu perfeita epormenorizadamente. Assim vemos no capítulo 6, do versículo 10 ao versículo 20, uma descrição da provisão feita por Deus para o cristão neste combate da fé - toda a armadura de Deus! E havendo dito isso, Paulo conclui, como é seu costume, com saudações pessoais e palavras de recomendação.

Aí está, pois, a análise da seção final desta maravilhosa Epístola aos Efésios. Vemos que a Epístola pode ser dividida em três seções: primeira, capítulos 1, 2 e 3, onde Paulo firma a grande doutrina da salvação; depois, em seguida, no capítulo 4,

versículos 1 a 16, vemos a doutrina da Igreja e de tudo o que nos introduz na Igreja; seguindo-se a isso, na terceira seção, temos a expressão prática das doutrinas em nossas vidas, conduta e experiência diárias, e em todos os contatos da vida. Que maravilhoso esquema é este, e como o apóstolo desenvolve em detalhe cada seção de modo que não há lugar para enganos!

Examinemos agora resumidamente o caráter geral desta última seção, porque, completamente separados do seu ensino pormenoriza-

do, há certos princípios ensinados aqui, que são da maior importância. Erraremos em nossa aplicação dos detalhes, se não o abordarmos do jeito certo, em termos dos princípios obviamente implícitos no método geral do apóstolo.

A primeira coisa que, necessariamente, devemos notar é que o apóstolo Paulo nunca deixa nada ao acaso. Ele é um mestre cuidadoso, e nunca se contenta com a mera enunciação de princípios. Sempre faz isso primeiro, porém nunca pára aí, nunca o deixa nisso. Há uma escola de ensino da Bíblia que não faz nenhuma tentativa de aplicar o ensino. Para mim isso é contradizer as Escrituras. Ninguém tem direito de dividir esta Palavra de Deus e deixá-la, declarando, digamos: agora estou fazendo uma preleção, não estou pregando. E falsear o uso da Palavra de Deus. Esta Palavra é para ser aplicada sempre, e qualquer entendimento que possamos ter da Bíblia poderá ser uma cilada para nós, se deixarmos de aplicá-la. O apóstolo nos compele a aplicá-la. E não temos direito de ver a aplicação simplesmente como um cabeçalho geral e dizer: aí Paulo está aplicando a sua doutrina, pelo que passemos à Epístola seguinte. Absolutamente não! Ele pretende que encaremos cada detalhe; ele nos compele a fazê-lo pela minuciosa aplicação da verdade.

Paulo faz isso, é claro, de sorte que, como eu disse, não há desculpa pelo fracasso. E isso aplica-se a nós, não somente em geral, mas em particular. Eu e vocês devemos aplicar detalhadamente o que sabemos. A vida cristã não é mera filosofia geral; é isso, todavia não se detém nisso! É uma vida para ser vivida, e é uma vida que deve ser vivida em *minúcias particulares*. E se a nossa vida cristã não está sendo vivida em minúcias, estamos negando a própria verdade que proclamamos crer. Nunca se poderá exagerar na ênfase a isso. Todo o propósito desta seção é mostrar justamente isso. O nosso Senhor mesmo afirmou isso uma vez por todas quando disse - o que é para mim uma das palavras mais terríveis de toda a Bíblia - "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes" (João 13:17). E não nos esqueçamos de que é segundo a medida do que temos que nos será dado. "Àquele que tem, sedará, e terá em abundância (Mateus 13:12; 25:29). Lembremo-nos também de que *conhecer* é uma tremenda responsabilidade. Tiago faz disso um forte argumento quando diz, no início do capítulo três da sua carta: "Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres, sabendo que receberemos mais duro juízo". *Conhecer* é uma grande responsabilidade porque, se conhecemos e não o aplicamos, teremos que responder

por isso. O nosso Senhor de novo ensina isso com toda a clareza, quando fala sobre o senhor que voltou

e investigou a conduta dos seus servos durante a sua ausência. Diz Ele que alguns receberão muitos açoites, e alguns receberão poucos. E os servos que receberão muitos açoites são aqueles a quem muito foi dado! Portanto, digo, eu, se estivemos entendendo a doutrina desta Epístola e nos alegrando nela, a nossa responsabilidade é enorme. Cabe-nos *aplicar* a verdade. "Isto, portanto, digo." E notem como ele o reforça, dizendo: "e testifico no Senhor" - chamar o Senhor como testemunha, é o que ele quer dizer. A verdade é para ser aplicada, e nada deve ser deixado ao acaso, não devemos parar nas generalidades; a aplicação deve descer a cada detalhe das nossas vidas.

Neste ponto chegamos a um segundo princípio. A vida da igreja e a vida na igreja não deve ser um tipo separado de vida. Noutras palavras, tudo o que fazemos e dizemos faz parte da nossa vida cristã e do nosso viver cristão. As nossas vidas fora da igreja e dentro da igreja são essencialmente uma só, e devem ser interrelacionadas, pois uma afeta a outra. Não há nada mais fatal do que ter uma ruptura ou lacuna ou mudança repentina entre a vida na igreja e a vida fora da igreja. O homem da rua diz realmente que esta é a razão pela qual ele hoje está na rua, e não na igreja. Não estou dizendo que isso está certo ou errado, contudo o que ele afirma é que essa era a situação dos nossos antepassados vitorianos. Olhem para eles, diz ele, nas igrejas e capelas no domingo; mas depois olhem para eles fora delas, de segunda a sábado. Observem a devoção e a reverência e a aparente piedade no domingo; observem-nos no mercado, na loja, entre os homens, e eis que são homens diferentes. Bem, se isso era verdade, e se ainda é verdade, a crítica é válida.

Que lástima! A gente às vezes vê essa tendência na Igreja dos dias atuais. Há homens, que, por assim dizer, de repente têm que readquirir o domínio próprio e vestir uma espécie de uniforme ou máscara, e subitamente se tornam sérios e solenes, sendo eles normalmente frívolos. Parecem duas espécies diferentes de homens: são uma coisa na rua, depois cruzam os umbrais de um edifício especial, e de repente se tornam sérios e solenes. Esse é o tipo de comportamento que o apóstolo está denunciando. Devemos ser tão reverentes fora da igreja como dentro; as nossas vidas não devem ser determinadas por edifícios. A vida do cristão é *uma só,* ele é um novo homem! Ele não é alguém que simplesmente veste um terno diferente quando vem à igreja e logo depois o tira, ou apanha a religião como uma bolsa e a põe no chão pouco depois. Nada disso! Ele*é* algo; e porque *é* algo, é esse algo não somente na igreja, mas onde quer que esteja - no mercado, na loja, no negócio, na profissão, no lar, em sua convivência com os

vizinhos da porta ao lado, em toda parte. Claro! A doutrina geral prova que o Espírito está neste *novo* homem em Cristo Jesus. O Espírito não está no homem

somente quando ele está na igreja, o Espírito está nele quando ele está na estrada, em toda parte. Não deve haver nenhuma ruptura entre o que somos fora da igreja e o que somos dentro. É uma coisa só. Há uma gloriosa unidade acerca dessa vida.

Vamos adiante, porém, para considerar o terceiro princípio. E aqui vemos de novo a constante ligação da doutrina com a prática. Vimos isso em nossa análise desta grande seção da Epístola. Vimos as transições alternadas de doutrina e aplicação, doutrina e aplicação. Não estou tentando forçar um interesse artificial aqui; tudo o que fiz foi dar-lhes uma exposição, uma análise, do que o apóstolò diz - o método é dele. A mim me espanta que haja quem possa omitir isso. Aqui vemos Paulo voltando à seção prática da sua Epístola, e vocês poderiam ter dito: ah, agora já não há mais doutrina, de forma nenhuma; você nos manteve presos à doutrina por muito tempo, mas afinal terminamos com a doutrina; graças a Deus, finalmente nos tornamos práticos. Pelo contrário, vocês não podem ficar fora dela. Paulo os leva de volta a ela o tempo todo. Doutrina seguida de prática é a característica distintiva do seu método. Mesmo aqui no versículo 17 - "Isto, portanto, digo... que não mais andeis como também andam os gentios". Eu e vocês teríamos parado aqui, provavelmente. Pensaríamos que era suficiente. Não assim Paulo! Ele se sente obrigado a falar-lhes desse andar dos gentios - "na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus", e de pronto ele se vê no meio da sua doutrina de novo, e nela permanece até o fim do versículo 24. Então passa à sua aplicação prática em detalhe. Ah, a doutrina e a prática são tão intimamente relacionadas e interligadas que não devem ser separadas jamais! Paulo nem consegue tratar das questões mais práticas, exceto à luz da doutrina.

Agora desejo subdividir esta verdade da seguinte maneira: a nossa conduta sempre terá que proceder da nossa doutrina e por ela deverá ser ditada e dominada. Noutras palavras, a vida cristã não é um código que é imposto a nós, o qual não entendemos. No entanto, receio que se faz isso, e que se faz isso hoje, mesmo nos círculos evangélicos. As pessoas ouvem o som do evangelho e são convertidas. Depois lhes é dada uma espécie de código, e elas tentam praticá-lo; não sabem por quê, e não entendem a razão disso. Não posso me incomodar com doutrina, dizem elas, não sou esse tipo de gente; e muitas vezes os que as lideram dizem a mesma coisa. Procuram amoldar-se ao código, como os homens fazem noutras áreas da vida; mas não sabem por quê,

e muitas vezes se sentem mal e infelizes. Ficam sob um aglomerado de minudências, e grande conflito lavra em seu íntimo. Às vezes chegam a ter uma depressão nervosa - tive que lidar com muitas pessoas nessas condições. E tudo porque nunca tiveram doutrina. Tiveram um código. É-lhes dito que, como cristãos, naturalmente, não façam isso, não façam aquilo; todavia não sabem *por quê,* não enxergam a *razão* disso. Jamais devemos deixar as pessoas nessa situação, nunca; é muito errado. A vida cristã não é um código imposto a nós. Visto que ela decorre da doutrina,

devemos saber o que estamos fazendo e o que não estamos fazendo. Ou, para expressá-lo com maior clareza, jamais devemos fazer coisas meramente porque outras pessoas as estão fazendo, e não deixar de fazer coisas simplesmente porque outras pessoas não as estão fazendo. Devemos *entender* por que as fazemos ou por que não. Vocês não são mais crianças, diz Paulo, vocês devem aprender, devem crescer, devem ter entendimento!

Faço um resumo da questão com esta colocação: a nossa conduta deve ser para nós algo que é inevitável em vista do que cremos. É desse modo que eu gosto de pensar nisso. Se a minha vida cristã não é totalmente *inevitável* para mim, se estou sempre em conflito com ela, lutando e tentando ficar livre dela, e perguntando por que é tão dura e estreita, se me acho invejando um pouco as pessoas que permanecem no mundo, há algo *radicalmente* errado com a minha vida cristã. A conduta e o comportamento cristãos devem ser inevitáveis - não há argumento que o conteste. E quando estamos nesta posição, de fato já compreendemos claramente a questão.

Talvez achemos útil traçar uma distinção entre a moralidade e a vida cristã. Há grande diferença entre ambas. A moralidade ocupa-se da virtude e retidão da coisa praticada, em si própria e em termos da sua conseqüência social. Ela pergunta: é boa? Émá? A que leva? Como afeta as outras pessoas? Há um sentido em que a moralidade é algo muito ultrajante para o ser humano porque, em última análise, não está realmente interessada em mim, está interessada unicamente em meu comportamento. Ah, é nisso que o cristianismo é tão diferente! O cristianismo está interessado primordialmente em mim; e está interessado na minha conduta, não em si mesmo e em termos da sua conseqüência social; está interesada em minha conduta e comportamento por causa do seu interesse por Cristo, por Deus, pela Igreja, pelo plano de redenção, por todo o esquema da salvação, pelo fato de que Deus, mediante a Igreja, deixará pasmos os principados e aspotestades nos lugares celestiais. Não a conduta em si, mas a conduta em função deste esquema grandioso; Deus anulando os efeitos do mal, destruindo as obras do diabo e restaurando e reunindo numa só todas as coisas em

Cristo. A conduta e o comportamento cristãos sempre têm uma referência especificamente cristã, e só se concebem corretamente em termos do grando propósito da redenção.

Agora vamos passar a outro princípio. O fracasso na vida cristã só pode resultar, pois, em última instância, do fracasso na compreensão deste ou daquele ponto da doutrina e da verdade. Isso não requer maior demonstração. A luz de tudo o que eu estive dizendo, se algum de nós está falhando em algum ponto da conduta e do comportamento, é porque não entendemos a doutrina. Se há ira, maldade, ódio, amargor e um espírito não perdoador em algum de nós, é porque não nos damos conta de que o Espírito Santo habita em nós, e de que O estamos

entristecendo. Essa é a doutrina! Não podemos continuar sendo assim, se compreendemos a doutrina. É falhar na doutrina que faz falhar na prática. Portanto - e quero ser enfático nisto - não há nada pior do que ignorar a doutrina e falar em ser prático. Os maiores fracassos na vida cristã que conheço são as pessoas que desvalorizam a doutrina e dizem: não estou interessado em sua teologia; comigo a prática é tudo. De todas as pessoas, essas são as que falham mais, como tem que ser, porque a conduta é determinada pela doutrina e pelo entendimento. Não há nada, repito, que seja mais fatal do que dizer que se deve contrastar o doutrinário com o prático.

Para expressá-lo doutro modo, não há nada que seja tão errado e tão contra as Escrituras como fazer apelos constantes e diretos à *vontade* sem inculcar doutrina. Nunca se deve abordar a vontade diretamente; deve-se abordar por intermédio da mente e por intermédio do coração. Portanto, dirigir apelos às pessoas para que tomem decisões, venham à frente e recebam algo é uma negação de toda a seção final desta Epístola. É completa e absolutamente errado. Não se dirige apelo à *vontade* das pessoas para fazê-las santas; em vez disso, é preciso fazê-las entender a doutrina! Não é questão de decisão, é questão de entendimento e de desenvolvimento.

Portanto, não hesito em dizer que todo e qualquer método usado para ensinar a santificação que não esteja baseado direta e imediatamente na compreensão da doutrina, seguida de uma exortação a que apliquemos essa doutrina logicamente, é um falso ensino da santificação. A Bíblia ensina a santificação; o apóstolo a está ensinando aqui, a partir deste versículo dezessete até o fim da Epístola, e esse é o seu método. Entretanto há maneiras de ensinar a santificação que deixam completamente de lado a passagem que estivemos estudando. Não lhe dão nenhuma atenção. Nada se requer de você para que obtenha santificação, dizem; você a recebe como uma dádiva; você

não precisa fazer nada. Mas o apóstolo nos está exortando a desenvolver em detalhe, logicamente, o que declaramos crer, e a compreender por que inevitavelmente devemos agir assim, se realmente entendemos e captamos a doutrina.

E isso me leva á minha palavra final, que é a seguinte: a nossa preocupação como povo cristão não deve ser tão-somente um desejo de sermos bons, nem mesmo um desejo de sermos melhores do que temos sido; não deve ser meramente um desejo de livrar-nos de certos pecados e ficar nisso, ou de ter felicidade, ou mesmo de alcançar vitória em nossas vidas: tudo isso é demasiadamente egocêntrico. E é aí, de novo, onde os ensinos sobre a santidade vão mal. Dizem eles: você está com problema? - venha à clínica. Está falhando nalgum ponto? - venha, e nós o poremos em ordem. O fato é que eles estão partindo de *você; você* é tudo. Não, diz Paulo, a sua preocupação não deve ser essa; isso irá seguir-se. A nossa preocupação deve ser

a de funcionarmos plena e perfeitamente como membros do corpo de Cristo. O que deve aborrecer-me não é tanto *eu* falhar ou *eu* ter um problema em minha vida, porém eu estar falhando com *Ele,* eu estar falhando com *algreja,* eu estar falhando com *Deus* e com o Seu grande e maravilhoso propósito. É tudo demasiado subjetivo e egocêntrico; temos que ver-nos - o apóstolo nos deu este versículo dezesseis para habilitar-nos a fazer isso - como membros em particular do corpo de Ctisto. E essa deve ser a nossa preocupação, estamos traindo a Deus, por assim dizer, a Deus e Seu glorioso propósito; a Igreja está sendo traída; Cristo está sendo traído. Ele *morreu* para fazer o Seu povo perfeito, íntegro e completo, e aqui estamos nós falhando! Ah, se tão-somente víssemos isso dessa maneira! Tantas vezes vejo que as pessoas estão preocupadas consigo mesmas e com o seu pecado particular! E passam o tempo todo orando para que sejam libertas desse pecado. Então lhes pergunto: vocês já consideraram isso em termos do fato de que são membros do corpo de Cristo? E não o fizeram! Sua abordagem tem sido negativa, e por isso continuam fracassadas. Temos que ser positivos, nosso desejo deve serproclamar os louvores dAquele que nos chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz. Nosso desejo, nosso objetivo, deve ser expor a glória de Cristo e de Sua Igreja neste mundo presente.

Permitam-me expressá-lo nas palavras do nosso Senhor no Sermão do Monte: "Assimresplandeça a vossa luz diante dos homens" - e digam que pessoa maravilhosa você é, como você é bom e santo? Nem por um momento! "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as *vossas* boas obras e glorifiquem a vosso

Pai, que está nos céus." Devemos viver de tal maneira que as pessoas, entrando em contato conosco, não nos entendam, fiquem perplexas, achem que somos uma espécie de enigma, e sejam levadas a dizer: bem, eles são como são porque pertencem àquele Cristo de quem falam; são diferentes, são novas pessoas. Essa referência pessoal é da máxima importância. Temos que ver tudo isso em termos da nossa soberana vocação, da nossa posição privilegiada, do fato de estarmos juntos e ligados à Cabeça neste Corpo maravilhoso por meio destes canais de suprimento. A vida da Cabeça está fluindo por meio de nós, de modo que, quando os homens e mulheres olham para nós, sejam compelidos a pensar em Cristo. Somos Seus seguidores, somos Seus imitadores, devemos ser semelhantes a Ele. "Neste mundo", diz João, "somos como Ele é", e como Ele era, e devemos viver sempre para o louvor da glória da Sua graça.

Por esses meios, pois, o apóstolo nos colocou nas linhas certas, e, querendo Deus, nós o seguiremos à medida que nos conduza através das aplicações da verdade única, grande, gloriosa e central.

VIDA VAZIA - A VIDA SEM CRISTO

"E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza." - Efésios 4:17-19

Continuamos com a nossa consideração das palavras que se acham na Epístola de Paulo aos Efésios, capítulo quatro, versículos 17, 18 e 19.

Agora vamos concentrar-nos particularmente no versículo 17.

Lembro-lhes que a questão particular aqui é que, como cristãos, somos homens e mulheres inteiramente novos, que a regeneração é a mudança mais profunda do mundo, e que, portanto, sempre devemos manter isso no primeiro plano das nossas mentes. O cristão não é apenas um homem que decidiu ser um pouco mais moral do que era, ou que decidiu unir-se a uma igreja, ou que decidiu isto ou aquilo, seja o que for. O que torna um homem cristão é que ele nasceu de novo, foi-lhe dada uma nova natureza, é uma nova criação, é totalmente diferente do que era antes. Esse é o primeiro princípio a que o apóstolo se dedica nesta seção da Epístola, e neste versículo ele está começando a aplicá-lo. Lembrem-se dessa verdade acerca de vocês mesmos, diz ele, e ao fazê-lo, verão que certas coisas são totalmente inimagináveis; elas são impossíveis, e vocês nunca mais as verão de novo, porque agora vocês vêem claramente que foram separados uma vez e para sempre de tudo o que vocês eram antes.

Mas vejamos agora o assunto nas exatas palavras que o próprio apóstolo utiliza. Ele começa dirigindo-se a eles de maneira a mais solene. Quer chamar a atenção para algo que é de vital importância para eles. "Isto, portanto, digo, e no Senhor testifico." Não se contenta em dizer: "Isto, portanto, digo"; já seria forte, porém ele lhe acrescenta - "isto, portanto, digo, e no Senhor *testifico".* Que quer ele dizer com

a palavra testifico? A palavra significa realmente *intimar solenemente.* É como se ele estivesse convocando uma testemunha. Quando você dá testmunho, está servindo de testemunha de alguma coisa. A pessoa é posta no banco das testemunhas, e testifica. E é exatamente isso que o apóstolo está dizendo. Seu desejo é que eles não pensem nem por um momento que ele está declarando a sua opinião pessoal, pois havia então pessoas (como há agora) que só estavam muito prontas a dizer: isso é somente opinião *de Paulo:* isso é o que *Paulo* pensa. Vocês não devem dizer isso, diz o apóstolo; não é apenas uma fraqueza pessoal minha, não é apenas uma coisa que eu estou dizendo ou pensando, porque sucede que tenho mente estreita; isso não é dito porque fui um fariseu e fui instruído na lei. Absolutamente não! Enão sou

meramente eu quem está falando. “Isto, portanto, digo, e *no Senhor testifico*.”

Com essa expressão “no Senhor” ele não quer dizer tanto que está invocando o Senhor como sua testemunha, embora se encontre isso às vezes nas Escrituras - “Como Deus é minha testemunha”, diz uma pessoa, ou “Na presença de Deus”. Mas aqui a expressão não significa exatamente isso, conquanto a idéia provavelmente esteja presente. Certamente o que Paulo quer dizer é que ele está testificando isso como alguém que *está* no Senhor; ele é alguém que está em comunhão com o Senhor, está, portanto, comunicando algo definidamente autenticado e que lhe foi confiado; ele é alguém que ousa dizer que está falando como quem tem acesso à mente do Senhor. Vocês recordam como, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, no capítulo sete, ele traça essa espécie de distinção; em dado ponto ele diz: agora, é isso que eu penso, não tenho a mente do Senhor aqui. Ele estave expressando a sua opinião pessoal, e quando se trate da opinião pessoal de Paulo, ele o diz claramente. Contudo, quando ele não fala dessa maneira, está falando *no Senhor*. Noutras palavras, ele está falando com a plena autoridade de apóstolo. Não somente a grande e gloriosa doutrina foi-lhe revelada, como ele nos diz no capítulo três da nossa Epístola, mas estes pormenores acerca da conduta também lhe foram revelados; eles têm a mesma autoridade apostólica, a mesma autoridade divina, portanto, que as suas exposições das doutrinas. Então, aqui ele está falando como alguém que foi revestido da autoridade única que era própria dos apóstolos. Os cristãos são edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas. Cristo deu estes apóstolos à Igreja, e quando eles falavam e ensinavam, falavam com autoridade única, suas palavras eram definidamente inspiradas, elas têm a autoridade de Deus. “No Senhor testifico”, diz ele.

Então, que é que ele testifica? Que será essa injunção que ele lhes impõe de maneira tão solene, tendo apreendido a atenção deles, e tendo-os feito compreender que estão ouvindo as palavras do Deus vivo? Vocês notam que ele coloca o que tem a dizer, primeiramente em termos negativos: “Isto, portanto, digo, e testifico no Senhor, para que *não* andeis mais ..Somos tão ocupados hoje, não somos?, que não gostamos de elementos negativos, realmente não temos tempo para elementos negativos, queremos a verdade positiva e não gostamos de críticas ao que está errado. Deveríamos sempre ser positivos? Vocês vêem a completa loucura dessa conversa ociosa, fútil? Aqui está a autoridade divina falando por meio do apóstolo, e a primeira coisa que temos é *negativa*: NÃO! Não basta dizer aos homens e mulheres, num mundo como este e na carne, simplesmente o que eles devem fazer. Todos nós sabemos perfeitamente bem quão inadequado é isso. Primeiro devemos aprender o que não ser e o que não fazer. A idéia de que se você simplesmente mantiver o ideal diante dos homens, eles logo se amoldarão a ele, foi tão completamente reprovada pela história da raça humana, que é quase incrível que alguém ainda acredite nela. Áqui se nos diz primeiramente o que não devemos fazer. Que será?

“Vocês não devem”, é o que Paulo diz, “andar como os outros gentios andam”. As próprias palavras são maravilhosas; cada uma delas nos comunica um significado importante. Tomem, por exemplo, a palavra *andar:* “para que não *andeis* mais como *andam* também os outros gentios”. Refere-se à totalidade da vida e da conversação. Com freqüência vocês verão na V ersão Autorizada ingles a a palavra traduzida por *conversation* [1] - “Somente seja a vossaconvemipãocomo convém ao evangelho de Cristo”, diz este mesmo apóstolo em Filipenses (Fil. 1:27; ARA: “Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo”; ARC: “Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo”). Diz ele: “a nossa *conversação* está no céu” (Fil. 3:20; ARA: “a nossa pátria está nos céus”; ARC: “a nossa cidade...”). Ele se refere à totalidade da vida, ao teor geral da vida e, ao mesmo tempo, à vida em detalhe. O *andar,* como empregado nas Escrituras, significa a vida completa do homem, interna e externa. Devemos lembrar-nos de que o nosso *andar* não se limita ao exterior; envolve também o interior. Isso é importante, e vou salientá-lo mais tarde

porque, de acordo com este argumento geral, o que determina o exterior é o interior. O homem é o que ele pensa, o seu andar na vida nos diz o que ele está pensando, porque o seu andar é expressão da sua filosofia.

A seguir encontramos a expressão “*não mais”,* significando “doravante”. Aqui, logo de início, Paulo nos está apresentando a sua doutrina. Estou-lhes dizendo, afirma ele, e testificando no Senhor que vocês *não devem andar mais* como os gentios. Vocês vêem a implicação - outrora vocês andavam assim, porém não devem andar mais assim. Por quê? Por causa da tremenda mudança que se operou em vocês. Portanto, em certo sentido, a expressão *doravante* ou *não mais* contém a totalidade do evangelho. *Doravante* diz-nos isto: há o passado, o que eles eram outrora, a vidanão regenerada; mas *doravante*!

- algo aconteceu, agora há o futuro, e vai ser totalmente diferente. Imediatamente, vocês vêem, é-nos dito quão profunda mudança a regeneração produz; como o cristão é de fato um novo homem; as coisas antigas passaram, eis que todas as coisas se tornaram novas.

Considerem depois a frase subseqüente: “para que não andeis mais”, e como a Versão Autorizada e a Almeida, Revista e Corrigida, dizem, “como *os outros gentios”.* No entanto vocês notarão que as versões revistas neste ponto não têm a palavra *outros,* mas, “para que não andeis mais como andam os gentios”. Bem, esta é pura questão de documentos, e parece que os documentos mais antigos e mais credenciados não têm a palavra *outros.* Não faz a mínima diferença, gorque em todo caso o que Paulo está dizendo é: vocês cristãos de Efeso não devem andar mais como andam os gentios, apesar de vocês serem gentios e de terem outrora andado como eles. Os tradutores da Versão Autorizada certamente captaram o ponto e

também captaram o espírito da expressão. O que o apóstolo está realmente dizendo é: olhem lá, vocês são cristãos gentílicos, porém, como cristãos, não devem andar mais como andam os *outros* gentios. Nesta conjuntura, pode-se, pois, dividir os gentios em dois grupos - os que se tomaram cristãos, e os que permaneceram onde estavam, os *outros* gentios, os gentios não cristãos. Assim, quer o entendamos como *os gentios* em geral, quer como *os outros gentios,* refere-se exatamente à mesma coisa. Mas a palavra *outros* certamente ajuda a assinalar a tremenda mudança ocorrida. Noutras palavras, com cada palavra que usa, Paulo está imprimindo nas mentes desses cristãos efésios que eles não estão mais onde outrora estavam. E é este o lugar onde eles se elevam e louvam a Deus e cantam os seus louvores. "Eu era cego, e agora vejo"!

- doravante! não mais! Graças a Deus por um evangelho que nos capacita a falar desse modo e a dizer: doravante nós temos um novo

começo, uma nova partida, uma nova vida!

Então que é que não devemos fazer mais? Em que devemos refrear-nos? Aqui o apóstolo nos diz como os gentios, os *outros* gentios, continuam andando, e o expressa com a tremenda frase: "na vaidade do seu sentido" (VA: "da sua mente"; ARA: "dos seus próprios pensamentos"). Esta frase introduz a terrível descrição que o apóstolo faz aqui da vida dos não regenerados, da vida do mundo pagão daquele tempo. E, digo eu, uma tremenda e terrível descrição. Não podemos lê-la sem lembrar-nos imediatamente do que Paulo disse no início do capítulo dois: "E vos vivificou, estando vós mortos" (uma vez, antes de chegar a vocês o evangelho, "estando vós") vocês estavam -"mortos em ofensas e pecados, em que noutro tempo (vocês vêem como ele vai repetindo) andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência. Entre os quais todos nós também antes andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também". Ele estaria apenas se repetindo? Não, não está. Naturalmente há um sentido em que está, porém há uma notável diferença entre o que ele diz no início do capítulo dois e o que diz aqui. E a diferença é esta: no capítulo dois ele está fazendo uma descrição objetiva da vida dos gentios não regenerados, a vida do mundo pagão. Aqui ele faz uma análise psicológica dessa vida. Capítulo 2, descrição geral; aqui, dissecção, análise, pondo tudo às claras, mostrando-nos a fonte e origem disso tudo. Em nenhuma outra parte há uma análise mais profunda da vida não regenerada do que a que encontramos aqui. E quando digo isso, tenho em mente aquela outra passagem tremenda de Romanos 1:18-32, que é outra das profundas e magistrais análises da vida e perspectiva do mundo pagão do seu tempo. Leiam-na, leiam cada uma dessas passagens. Há outra ainda em 1 Coríntios 6:9-11, e análises similares podem ser vistas em Atos dos Apóstolos, capítulos 14 a 17. Elas estão cheias de importância e

de significação. Aqui está a que achamos que é a descrição mais magistral que jamais se pode encontrar da vida sem Cristo. E aqui realmente tudo está contido numa frase: "na vaidade do seu sentido" ou "da sua mente".

Estou acentuando esta matéria, não por ser de interesse teórico ou acadêmico, não porque eu esteja interessado na psicologia da natureza e do comportamento humanos. Estes são temas fascinantes, concordo, mas não estou chamando a atenção para eles animado por um interesse teórico desse tipo. Menos ainda estou sendo movido por uma espécie de interesse de antiquário por aqueles tempos antigos, fascinante como tal estudo possa ser. A antropologia, como se lhe chama, leva-nos de

volta ao estudo da conduta e do comportamento, à investigação das civilizações e do que lhes aconteceu; e do ponto de vista intelectual, não há nada mais cativante e emocionante. Todavia não estou fazendo uma pausa nesta altura animado por qualquer desses motivos ou idéias. A razão pela qual sou tão importunamente insistente sobre isso e procuro reter a sua atenção nisso, é que me parece que aqui temos uma perfeita descrição, análise e explicação daquilo que cada vez mais está se tornando próprio da vida no mundo moderno no qual estamos vivendo. Os princípios que o apóstolo ensina aqui são sempre verdadeiros, e a minha opinião é que o nosso mundo está se tornando cada vez mais o que é pela razão dada aqui, e por causa do fracasso do homem moderno, não compreendendo a realidade disso. Assim, quando lemos as palavras do apóstolo, não estamos vendo simplesmente a sociedade pagã de Éfeso há cerca de dois mil anos; também estamos vendo Londres hoje, Paris, Nova Iorque, qualquer delas; aqui está a vida moderna, o mundo moderno.

Essas coisas não mudam. São princípios eternos. E, portanto, se realmente estamos preocupados com a vida da sociedade e com o mundo, a primeira coisa que temos de fazer é entender o ensino do apóstolo. Nós, evangélicos, estamos sendo constantemente acusados de não sermos práticos. Ah, dizem, aí estão vocês, passam o tempo discutindo as Escrituras e falando uns aos outros; mas, quanto ao grande mundo de fora, vocês não fazem nada a respeito. O que estou ressaltando aqui, portanto, é que nada poderemos fazer, enquanto não começarmos a entender o ensino das Escrituras. E unicamente isso que habilita a pessoa a fazer algo a respeito. E todas as organizações que não começam por aí, não somente estão falhando, e têm falhado, mas inevitavelmente falharão. Essa é a tragédia em tomo das sociedades exclusivamente *morais.* Elas têm subsistido atualmente, algumas delas, por quase duzentos anos, e todavia, a despeito das suas atividades, a situação vai de mal a pior. Por quê? Porque olvidaram estes princípios apostólicos.

Nesta Epístola o apóstolo mostra a origem do iníquo tipo de vida que ele descreve. Antes de descrever a vida em detalhe, ele nos mostra por que é que ninguém jamais deve viver tal vida. Ou, noutras palavras, o que o apóstolo está asseverando aqui é que não se pode ter moralidade sem piedade. Aí, numa frase, parece-me, indiquei

todo o problema havido em particular durante os cinqüenta anos recém--passados. Há boa gente na terra que se preocupa muito com a moralidade; porém não se preocupa com a piedade. Simplesmente não se pode ter moralidade, finalmente, sem piedade. E o meio século

recém-passado provou isso até a última gota. Se retrocedermos um século e mais, veremos que a grande ênfase era à piedade, e que a moralidade decorria da piedade. Entretanto, depois veio uma geração que dizia efetivamente: a moralidade é muito boa e é sumamente essencial para o país, mas, naturalmente, não queremos mais essa piedade, não cremos mais no sobrenatural, não cremos em milagres, não cremos que Cristo é o Filho de Deus - Ele era nada mais que um grande mestre moral - e assim, naturalmente, devemos despejar toda essa parte piedosa do cristianismo. E fizeram isso. Achavam que podiam preservar a moralidade sem a piedade. Contudo, vocês vêem o que aconteceu. Apesar de se ter educação de bom nível e tudo mais que se possa providenciar, se não houver piedade por trás, a moralidade entrará em colapso. E o mundo moderno é simplesmente uma ilustração dessa verdade. Noutras palavras, o apóstolo aqui está preocupado não somente com o fato de que os gentios viviam de certa maneira, está muito mais preocupado com a razão pela qual eles o faziam. E essa ainda é a situação conosco. Todas as pessoas pensantes, de bem e decentes devem estar alarmadas com o que está acontecendo na Inglaterra. [2] O lento mas constante declínio da moralidade deve ser evidente para todos. E é claro que todos aqueles que têm um modo de viver decente estão tremendamente preocupados com essa questão. No entanto, aqui está a grande e inevitável pergunta: por que está acontecendo isso, e o que se pode fazer a respeito?

Ora, a coisa mais fútil e tola é meramente denunciar o mal. Essa é a coisa mais simples e mais fácil de fazer, como vemos nas ruas e nos nossos jornais; somente sentir desgosto, dar as costas e dizer: que coisa horrível! Que terrível! Obviamente issò não vai ajudar a ninguém. O dever do evangelho não é simplesmente denunciar; não é simplesmente refrear. O dever do evangelho é tratar da situação da única maneira pela qual se pode tratar dela radicalmente, e essa é pregar o evangelho da regeneração, este poder de Deus para a salvação, que pode até dar um jeito nesta situação aparentemente desesperada, neste problema aparentemente insolúvel. Essa é toda a história do Novo Testamento. Aí está, pois, a nossa sobrepujante razão para demorarmos neste ponto e examinarmos a matéria com tanto esmero. Esta é a única esperança para a sociedade. E façam os homens o que fizerem, multipliquem as sua organizações educacionais, morais e sociais, não tocarão no problema. Pode-se ter as costumeiras organizações pró abstinência, as cruzadas pela moralidade, os seus conselhos morais e mil outras

coisas, e não se tocará na situação. O mal envolvido está no *coração* dos homens, e a única mensagem que pode lidar com o *coração* dos homens e que é apropriada para enfrentar o problema é a do evangelho de redenção. Então, que é que o apóstolo

diz a respeito? Sigamos a sua linha de pensamento.

Ele divide o assunto em três partes. No versículo 17 ele faz uma declaração geral acerca da condição dos homens - *"a vaidade do seu sentido",* ou *"da sua mente".* No versículo 18 ele nos fala da causa da vaidade. No versículo 19 ele nos dá a conseqüência da vaidade. Primeiro, então, devemos examinar o estado e as condições gerais como ele os descreve. Eis aqui: "que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade da sua mente". Que é que ele quer dizer com isso? Que é que ele quer dizer com a palavra *mente*? E importante que o entendamos claramente porque o nosso primeiro impulso seria considerá-lo como sendo uma descrição do intelecto. Mas o termo não se refere unicamente ao intelecto, pois Paulo faz referência ao intelecto no versículo seguinte (18), onde ele fala sobre o *entendimento* entenebrecido. Assim, quando ele fala "mente" aqui, não está pensando somente no intelecto e no entendimento. "Mente" aqui significa algo muito maior. Significa a mente com as suas capacidades emocionais incluídas. Significa pensamento, vontade e suscetibilidades. Significa razão, entendimento, consciência, afetos. Na verdade, significa a alma completa do homem. Em muitos outros lugares das Escrituras o termo *mente* é empregado neste sentido, como descritivo da alma completa do homem: intelecto, afetos, consciência, vontade, a personalidade toda. Para expressá-lo doutro modo, significa toda a perspectiva dos gentios sobre a vida, toda a sua reação à vida e, portanto, todo o seu modo de viver.

A mente! A personalidade total! Paulo nos diz que esses outros gentios andam na *vaidade da sua mente.* Para que se entenda o que ele quer dizer com o termo vaidade, permitam-me dar-lhes alguns termos alternativos - o que significa realmente é *vacuidade* - vacuidade? A "Revised Standard Version" traduziu-o bem: "na *futilidade* da sua mente". Completamente vazios, absolutamento fúteis! Deveras, a palavra que o apóstolo realmente utiliza significa, em sua origem, aquilo que não leva ao alvo. Significa, pois, algo destituído de objetivo, sem indicação, carente de direção, algo que não leva a pessoa a meta nenhuma, e naturalmente a leva por fim à completa fulilidade, àquilo que é absolutamente vazio. Essa é, pois, a descrição em geral da vida do mundo pagão dos gentios. Mas, que descrição, também, do mundo moderno! Que descrição daquilo que muitos consideram a

vida real hoje! A vida de Londres, especialmente em seus círculos mais elevados! Vida! Ei-la aqui, dizem eles. O apóstolo afirma que essa vida é vazia, fútil, sem objetivo, completamente vã. Ele estaria certo?

Certamente podemos justificar a descrição que ele faz do mundo antigo de molde a aplicá-la agora à vida de hoje, e veremos que ela é igualmente verdadeira e que é uma descrição perfeita da vida moderna sem Cristo. É vida que não leva a parte alguma, que jamais oferece satisfação real. Vejam o mundo antigo. Vocês dizem, porém: ah, que dizer dos grandes filosófos? Sim, sejamos justos, vejamo-los!

Numa vida de trevas pode haver uma centelha ocasional. Nas trevas dos seus tempos, aqueles grandes filósofos devem ter parecido uma centelha de luz. Contudo, essa centelha levou a algo? Eles falavam de maneira culta acerca da verdade, da bondade e do belo. Estes eram os seus temas favoritos - a busca da verdade, a busca da bondade, a busca do belo. Bondade, beleza e verdade! Centelhas maravilhosas! Masaque levaram? Essa é a questão que o apóstolo está levantando. Qual a finalidade, qual a meta, qual o objetivo? Levaram as pessoas a algum alvo almejado? Paulo diz: não - eram indirecionados, fúteis e sem objetivo. Pergunto: ele estaria certo? Vamos submeter à prova aquela filosofia. Aonde ela levou os homens, no sentido religioso? Pela descrição que Paulo faz do povo de Atenas em Atos, capítulo 17, vemos que esse povo estava muito interessado em religião, deuses e adoração. Eles (os atenienses) falavam muito sobre a Primeira Causa e sobre a Causa Não Causada; estavam em busca de Deus, erigiam os seus altares ao "Deus Desconhecido"; procuravam uma explicação no sentido religioso. Entretanto, a que isso levou? Leiam mesmo os relatos seculares daqueles tempos antigos, e verão que eles confirmam absolutamente as Escrituras. A grande maioria do povo consistia de ateus que não criam em Deus de modo nenhum; uns eram panteístas, quer dizer, criam que Deus está em tudo e que tudo é Deus. Outros eram politeístas. Criam numa multiplicidade de deuses - Júpiter, Marte, Mercúrio - vocês os vêem mencionados no livro de Atos dos Apóstolos, e o povo lhes edificava grandes templos, como nos lembra Atos, capítulo 17. Paulo diz: quando eu estava caminhando pela sua grande cidade, cheguei à conclusão de que vocês são por demais religiosos; sua cidade inteira está coalhada de templos. Politeísmo! Aí estão eles, os grandes filósofos, estes grandes homens em busca de Deus. Aonde tudo isso leva? Futilidade! Eles não O conhecem. "Esse pois que vós honrais, não o conhecendo", disse-lhes Paulo, "é o que eu vos anuncio" (Atos 17:23). Na vaidade da mente deles, sem meta,

fúteis; não leva a nada, no sentido religioso no qual eles estavam tão interessados.

Que dizer disso, porém, em termos mais gerais, intelectualmente? A resposta é a mesma. Eles não tinham satisfação de forma alguma. Não tinham um real entendimento dos homens, da vida e do propósito da vida neste mundo. Eles tinham muito interesse pela história e pelo problema da história, mas a viam em termos de ciclos. A história, diziam eles, gira e gira em círculos, sem progresso, sem direção e sem meta; em sua intenção, talvez pareça que estão subindo, porém logo verão que estão descendo. Noutras palavras, os eventos giram e giram num circuito perpétuo. Esse era o seu conceito da história; eles nunca tiveram a concepção bíblica deste "evento único, divino e remoto, para o qual a inteira criação se move"! Eclesiastes, capítulo primeiro, expressa isso tudo perfeitamente. "Vaidade de vaidades!" "O que foi, isso é o que há de ser." "Todos os ribeiros vão para o mar, e contudo o mar não se enche." Por quê? Suas águas são absorvidas pelo sol, formam nuvens e chovem, voltando aos rios - "para o lugar para onde os ribeiros vão, para aí tomam eles a ir".

Apenas outro exemplo do ciclo que a história é.

E depois, que dizer da morte? Que conceito da morte eles tinham? Aqueles grandes filósofos, acaso tinham eles algum conceito da morte? Para muitos deles a morte era meramente o fim; o túmulo era a última palavra. Outros acreditavam no que eles denominavam transmigração das almas, uma série de reencarnações. Outros defendiam a idéia de que o estado do homem além da morte era fugidio, vago, indefinido e sombrio. Leiam a mitologia grega, e verão o que eu quero dizer. Lá estáo os homens, por assim dizer, girando intermina-velmente numa espécie de sombra e escuridão, sem luz, com todas as suas paixões ainda dentro deles. Infelicidade! Essa era a sua idéia da morte, e de qualquer vida acaso existente além da morte e do sepulcro.

E moralmente, como eram? Completo fiasco aqui também! Tornem a ler a parte final do capítulo primeiro da Epístola aos Romanos, e ali vocês verão um relato da vida vivida nos esgotos e nas sarjetas do tempo, com todas as perversões e sujeiras concebíveis! Será surpreendente que o apóstolo descreva tudo isso como vão, vazio, fútil e sem objetivo? Além disso, muitas vezes os principais filósofos eram os líderes na imoralidade. Alguns dos maiores filósofos elogiavam o amor de um homem por um homem como estando acima do amor dos homens por mulheres; eles justificavam filosoficamente as perversões. Leiam-nos vocês mesmos. Antes de vocês darem ouvidos aos filósofos modernos que dizem que não temos necessidade de Cristo, e que Platão, Sócrates e Aristóteles são suficientes, leiam-nos tão-

-somente, e verão que eles justificam essas perversões daquela maneira particular. E o resultado disso tudo foi, naturalmente, que o suicídio aumentou, e continuou a aumentar em porcentagem alarmante.

Assim, apesar de todas as fulgurantes centelhas, dos intelectos brilhantes e de todo o interesse pelo bem, pelo belo e pela verdade, a vida continuou sem significado, vã, vazia, fútil. Não foi somente Salomão que, no livro de Eclesiastes, disse isso tantos séculos antes de Cristo. Retornem, digo eu, a Atos, capítulo 17; observem as pessoas cultas de Atenas - estóicos e epicureus - homens que se encontravam para discutir essas coisas. Eles se reuniam, como se nos diz, somente para “dizer e ouvir alguma novidade”. Qual é a última? Qual a última mania, a última moda? - não apenas nas roupas, mas também no intelecto, no pensamento, nas idéias e na filosofia. Eles estavam sempre correndo atrás do mais recente, do último. Que confissão de futilidade, que completa vacuidade, um tal de girar e girar em círculos, fulgente, excitante, brilhante, mas, no fim o quê? Nada!
Nenhum entendimento da vida; nenhum conhecimento de como viver;
nenhum entendimento da morte; nada que os console além da morte e do túmulo!
“Comamos e bebamos, que amanhã morreremos” (1 Coríntios 15:32). Que utilidade há em alguma coisa? Essa era a vida do antigo mundo pagão.

Em nome de Deus lhes pergunto: não é essa uma descrição rigorosamente precisa da vida deste mundo moderno sem Cristo? A vida da televisão! A vida do cinema! A vida das bebidas e do jogo! A vida da sociedade, alta ou baixa! E o brilho, a maravilha e o "show" aparentes! Mas, que é que há nisso? Que é que há nisso para a sua alma? Que é que há nisso para o ser humano? Que é que isso lhes diz sobre a vida? A que leva? Isso tudo, por fim, deixa a pessoa vazia, de fato sem nada, absolutamente. Vaidade! - "na vaidade da sua mente", vazios, sem objetivo, fúteis. A despeito da nossa sofisticação, a despeito do fato de que se passaram quase dois mil anos desde quando estas palavras foram escritas pelo apóstolo Paulo, essa é a verdade hoje, como sempre foi. Tratemos de ver que não sejamos enganados e iludidos pela vistosa exibição ao nosso redor, com toda a sua conversa sobre a arte, com todo o seu interesse intelectual e sua sofisticação - que é que há nisso? Vejam aqueles que se dedicam a essas coisas. Que é que eles têm? Nada! É tudo vão e vazio. Eles falam de arte pela arte! Será essa a maneira de solucionar o problema? Isso oferece alguma direção? Edifica a alma? Produz moralidade? Assegura a continuidade da esperança para as pessoas que falharam e caíram? Claro que não! Eles não têm nada; é tudo fé forjada. A vida

gira e gira, como um satélite, porém pode parar a qualquer momento, e a civilização pode sofrer colapso, como aconteceu tantas vezes na história anterior. A vida sem Cristo é sempre vazia, é sempre vã; ela o esgota e o despoja, e no fim você fica uma casca vazia. Ela o exaure totalmente, deixando-o sem nada em que se apoiar, nada de que se orgulhar e absolutamente nada pelo que esperar no futuro.

Então, em suma, o apóstolo está dizendo: vocês não devem mais ser dominados e influenciados por uma perspectiva e por uma mentalidade como essas. Vocês, que nasceram de novo, estão olhando para trás, com olhos saudosos, para aquela espécie de vida? O mundo os atrai? É essa a sua concepção de como viver? Longe do que parece, diz ele, é uma vida completamente vazia, fútil, sem meta nem rumo. "Isto, portanto, digo, e no Senhor testifico, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade da sua mente." Graças a Deus por afinal ter aberto os nossos olhos para isso, para o mundo e todas as suas recompensas resplandecentes. "Esta", diz o apóstolo João, "é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 João 5:4). É a fé, é o evangelho que abre os olhos da gente para a vaidade e futilidade deste mundo e da sua mente, sua vida e sua perspectiva. Graças a Deus que, em Sua graça infinita, fez um dia que o facho de luz do Seu Espírito brilhasse em nossos corações e nos desse entendimento. Graças a Deus!

AS TREVAS E A LUZ

"E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento,

separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza.” - Efésios 4:17-19

Estivemos considerando o grande relato que o apóstolo fez da espécie de vida que estava sendo vivida pelos gentios, aqueles pagãos que não se haviam tornado crentes em nosso Senhor Jesus Cristo e seguidores dEle. Vimos que, em geral, ela pode ser caracterizada como uma vida que era um andar na vaidade das suas mentes, uma vida vazia, inútil e sem rumo, vida que não leva a nada. É como uma bolha de espuma, e esta é magnífica e atraente. Observem a sua redondez, as suas cores - todas as cores do arco-íris - como é bela! E, contudo, de repente desaparece, não resta nada; é cheia de ar, e nada mais. Esse é o tipo de vida que os homens e as mulheres estavam vivendo, a vida de uma bolha, com beleza aparente, com encanto e vibração, mas vazia; a bolha explode, e no fim você fica de mãos abanando, sem nada. “Na vaidade da sua mente.”

Paulo, porém, não se contenta em meramente expor o assunto em termos gerais. Nos versículos 18 e 19 ele passa a analisar isso, especialmente para mostrar por que as pessoas vivem tal vida. Com muita clareza e em detalhe, ele nos mostra o que foi que produziu essa mentalidade e essa perspectiva. Ele nos faz, devemos concordar, uma descrição bem precisa da vida do mundo pagão antigo e, como vimos, uma descrição igualmente precisa da vida que está sendo vivida pela vasta maioria do povo hoje. E a questão que deve levantar-se em nossas mentes é: que é que pode explicar o fato de que alguém viva tal vida, uma vida completamente vazia e vácua, uma vida que promete tanto e no fim não dá nada? Que é que pode explicar o fato de que o ser humano seja atraído por essa vida e queira vivê-la?

Aqui o apóstolo nos dá a resposta. E de novo devo salientar que estou chamando a atenção para isso, e estou seguindo cuidadosa e minuciosamente a sua análise, porque o que ele diz aqui continua

sendo a pura e simples verdade hoje. Não pode haver nenhuma dúvida de que a razão pela qual as pessoas vivem essa vida é que nunca entenderam exatamente o que ela é. A obra prima final de satanás é manter os seus vassalos tão ocupados que não tenham tempo para pensar. E, como veremos, mesmo quando eles param para pensar, ele os impede de pensar reta e verdadeiramente. Temos então aqui uma descrição do que a incredulidade significa realmente. Temos aqui uma análise intelectual e psicológica magistral da vida do incrédulo, da vida da pessoa não cristã. Desafio a todos, em qualquer literatura, de todo e qualquer lugar, a apresentar uma análise magistral como esta; por sua profundidade e clareza, é deveras inigualável; e se vocês se interessam por psicologia, encontrá-la-ão aqui. Esta parte da Epístola é simplesmente uma análise psicológica.

Que condição! Ouçam-no de novo! “Entenebrecidos no entendimento, separados da

vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração." Essa é a condição, não somente dos pagãos de quase dois mil anos passados, é uma exata descrição e análise da condição das pessoas inteligentes e sofisticadas deste mundo moderno que riem do cristianismo, que ridicularizam a fé cristã, e que se gabam do seu conhecimento e cultura, do seu intelecto e do seu entendimento. Esta é a verdade a respeito delas. Essa é a coisa espantosa. Sigamos isso, vejamos como vem a suceder que pessoas que realmente se orgulham do seu intelecto e do seu entendimento, não obstante estão de fato na condição aqui descrita pelo apóstolo.

Neste versículo dezoito há quatro frases, e cada uma delas faz parte da descrição. No entanto elas parecem cair em dois pares. O primeiro par descreve essa condição em geral; o segundo (e é aqui que devemos ser cautelosos), o segundo par explica a segunda frase do primeiro par somente. Vejamos isso em detalhe. Qual a situação dessas pessoas que andam na vaidade da sua mente? As duas principais coisas que se deve dizer sobre elas, diz o apóstolo, são, primeiro, que os seus entendimentos estão entenebrecidos; segundo, que elas estão separadas, alienadas da vida de Deus. E então ele nos diz imediatamente por que elas estão alienadas da vida de Deus. Primeiro, é porque estão separadas da vida de Deus por meio ou por causa da ignorância que há nelas; e segundo, por causa da cegueira, ou antes, da dureza do seu coração. Assim, o segundo par de cláusulas dá-nos realmente um relato e uma explicação da sua alienação de Deus; e ainda, de maneira maravilhosa, as duas últimas ligam-se às primeiras. Por que essa gente é ignorante? Por que é que os seus corações estão endurecidos? A resposta é: porque os seus entendimentos estão entenebrecidos! As-

sim, pois, a ordem é esta: devido os seus entendimentos estarem entenebrecidos estão cheios de ignorância, os seus corações estão endurecidos, e essas duas coisas levam à sua alienação de Deus. A classificação é de alguma importância, porque, se disséssemos que as duas últimas esclarecem e explicam as duas primeiras, estaríamos dizendo algo completamente errado. Jamais devemos dizer que os seus entendimentos estão entenebrecidos por causa da ignorância que há nelas. Isso é errar invertendo a ordem. Elas são ignorantes porque os seus entendimentos estão entenebrecidos. Portanto, a declaração fundamental é esta: o obscurecimento do entendimento leva à ignorância, ao endurecimento do coração e, obviamente, estes dois levam à alienação da vida de Deus. Examinemos, pois, esta descrição do não cristão e vejamos exatamente em que importa.

Shakespeare também sabia algo acerca dessa vida vã, vazia e sem objetivo. Ele escreve sobre o tipo de gente que passa o tempo todo "buscando a reputação da bolha de espuma" e que até se dispõe a "procurá-la na boca do canhão". Neste mundo vão, há muitos que estáo sempre procurando alguma espécie de reputação - reputação pelo conhecimento, pela engenhosidade, por algum tipo de habilidade artística ou executiva, pela coragem e pela bravura - "buscando

a reputação da bolha de espuma". Sempre a bolha! - e os homens a procuram, mesmo correndo grande perigo. Vivem desse modo porque os seus entendimentos estão entenebrecidos; esta é a única explicação. Então, que é que Paulo quer dizer com entendimento? Neste contexto significa particularmente intelecto. Pouco antes, ao tratar da palavra mente (versículo 17, VA), assinalamos que ali a palavra mente é um termo abrangente que inclui, não somente a razão, e sim também os afetos e a consciência, o homem completo, toda a atividade da alma. Aqui, porém, entendimento significa realmente entendimento; significa, noutras palavras, intelecto, em oposição aos sentimentos e às sensibilidades. Assombra-me e me enche de admiração a perfeição dessa análise, e ver como Paulo a põe em ação em cada parte da vida do homem; primeiro ele coloca a totalidade; depois as partes componentes. O entendimento, o intelecto, diz ele, está entenebrecido nessa gente; os seus intelectos foram cegados. E que coisa terrível é isso! Uma espécie de véu desceu e cobre as mentes de todos os que não são cristãos.

Este é um grande tema deste apóstolo, como na verdade o é de toda a Bíblia. Notem como ele o expressa para os coríntios no capítulo três da segunda Epístola que lhes escreveu, na qual ele compara e contrasta os judeus que permaneceram na incredulidade com os que se tomaram cristãos. Diz ele que o problema com o homem não convertido, seja

ele judeu ou gentio, é que há um véu sobre o seu coração e sobre a sua mente e o seu entendimento; ele não consegue ver. E o resultado, acrescenta o apóstolo, é que, mesmo quando o judeu ouve a leitura das Escrituras do Velho Testamento, como o faz todos os sábados na sua sinagoga, não enxerga o significado; ele ouve a letra, mas não capta o espírito do ensino. Há um véu, diz ele, que os cega; eles pensam que conhecem a verdade, passam o tempo a discutí-la e a falar sobre ela, porém não a vêem. Por quê? Porque há algo entre eles e a verdade, de modo que não conseguem vê-la. Depois, no capítulo quatro dessa mesma Epístola, ele se torna ainda mais específico. Ele fala de si mesmo como pregador e evangelista, e então diz: todavia nem todos crêem no que digo, e ele se expressa com estas palavras: "Se ainda o nos so evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus". O deus deste mundo cegou os entendimentos, ou a mente! É outra maneira de dizer que eles foram entenebrecidos no entendimento.

Pois bem, percorram toda a Bíblia e verão que é isto que ela diz em toda parte sobre o homem em pecado e sobre o homem que está fora de Cristo. Ela descreve a espécie de vida que as pessoas vivem, e depois faz a pergunta: por que elas vivem dessa maneira? Só há uma explicação, diz a Bíblia: a falha está nas suas mentes, nos seus intelectos e no seu entendimento. A mais elevada faculdade do homem ficou embotada e cega; ele não consegue ver por causa desse véu que desceu sobre ele; ele

está cercado pelas trevas. Permitam-me, porém, expressá-lo de modo um pouco mais teológico. O efeito mais desastroso que a Queda produziu no homem foi em seu entendimento. Essa é toda a explicação bíblica da razão pela qual o homem é como é, e o mundo é como é. Deus criou o homem perfeito, dotou-o de faculdades admiráveis, fez dele senhor da criação e do universo; e, contudo, vemos algo inteiramente diferente. Por que a diferença? O que aconteceu foi que o homem pecou, desobedeceu a Deus, caiu. E a Queda teve as conseqüências mais desastrosas para o homem e para toda a sua vida e para o seu modo de viver; e de todos os seus terríveis efeitos, o mais desastroso e devastador é na mente do homem. Entenebreceu o seu entendimento.

Não há palavra que a Bíblia utilize mais freqüentemente, com relação ao homem não cristão, do que a palavra tolo, ou louco. O pecador não passa de um tolo. O tolo é estulto, falta-lhe entendimento, é alguém que faz o que faz porque não sabe fazer melhor; ele se

precipita numa coisa sem pensar. Que tolo! vocês dizem. Que tolo, quem se meteu nisso! Se tão-somente ele pensasse por um momento, se tão-somente tivesse olhos em sua cabeça! Certamente lhe falta entendimento! Essa é a palavra que a Bíblia usa acerca do pecador, sobre o não cristão. Foi o tolo, o néscio, que disse no seu coração: não há Deus. Claro! É porque ele não tem entendimento. Vejam a colocação que Paulo faz naquele grande capítulo primeiro da Epístola aos Romanos, onde ele faz o mesmo tipo de análise. Diz ele que o que andou mal com a humanidade foi que, embora Deus tenha feito os homens à Sua própria imagem, embora a criação lhes fale acerca de Deus, e embora eles tenham começado pela adoração do Criador, agora estão adorando a criatura. Por quê? Porque, diz ele, "o seu coração insensato" ("o seu tolo coração") "se obscureceu". E ele diz de novo: "Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos". Tornoalembrar--lhes que essa é toda a explicação do mundo moderno.

Mas Paulo usa também outra palavra. Ele descreve o estado do incrédulo como um estado de trevas. Ele é alguém que está andando na escuridão em pleno meio-dia, andando às apalpadelas. Ouçam algumas das expressões típicas do Novo Testamento. Já no começo dos Evangelhos se nos diz que a vida do Senhor Jesus Cristo cumpriu uma profecia anunciada por Isaías - "O povo que andava em trevas, viu uma grande luz" (VA: "O povo que estava assentado nas trevas") (Isaías 9:2; Mateus 4:16). Retrata a raça humana sentada nas trevas; ela tentou achar um caminho de escape, entretanto não conseguiu, e afinal se assentou no mais completo desamparo e desespero. Afundou-se no cinismo - "O povo que estava assentado nas trevas" - sem nenhuma luz, sem nenhum conhecimento. Ali estão eles, sentados sem esperança e sem amparo nas trevas. Finalmente os homens vêem uma grande luz, isto é, o evangelho. Ou pensem nas constantes e conhecidas comparações e contrastes do apóstolo. Escrevendo a crentes ele diz: vejam lá, vocês não devem mais levar esse

tipo de vida; vocês não são mais da noite, vocês são filhos do dia! Vocês não estão mais nas trevas, pertencem à luz! Filhos das trevas e filhos da luz! Noite e dia! Na Bíblia o pecado é sempre associado às trevas.

Atentem também ao nosso bendito Senhor na colocação que faz com estas palavras: "A condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más" (João 3:19). O problema, diz Ele, está em amar as trevas, e não a luz. E então, de novo, não admira que o apóstolo Paulo use essas expressões, em vista do que lemos sobre o seu chamamento no caminho de Damasco. Disse-lhe o Senhor que ò estava chamando para que ele fosse uma testemunha tanto para o povo como para os gentios,

e com esta comissão particular: "Para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz" (Atos 26:18). Compete à pregação, constitui o evangelho da evangelização integral, que os olhos dos homens sejam abertos; não que lhes seja dado entretenimento, ou que sejam levados a rir ou a chorar; mas sim, abrir-lhes os olhos, tirá-los das trevas para a luz e para o conhecimento. Foi nesses termos que o apóstolo foi chamado. Devemos lembrar-nos também de que o próprio Senhor nosso descreveu-Se a Si mesmo como a Luz do mundo - "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (João 8:12).

Fiz-lhes estas citações a fim de que vocês vejam que é isso que encontramos na Bíblia acerca da vida do incrédulo. Este está nas trevas, é cego, seu entendimento se obscureceu. Todos nós seguimos o exemplo da Bíblia nesta questão, não seguimos? No passado, por exemplo, todos nós tendíamos a descrever a África como "O Continente Negro", ou "Obscuro". É assim que descrevemos as pessoas que vivem na ignorância e no paganismo - o Continente Obscuro! Contudo, vocês sabem, William Booth estava igualmente certo quando escreveu o seu famoso livro - Na Obscuríssima Inglaterra ("In Darkest England"). Escreveu-o na era vitoriana e, todavia, esse é o título do seu livro, Na Obscuríssima Inglaterra - e quão densas eram essas trevas!

Ora, é importante compreendermos que isso se aplica a todos os não cristãos. É por isso que toda a filosofia e toda a especulação, brilhantes e inteligentes como freqüentemente são, afinal não levam a nada. O apóstolo pôde dizer aos filósofos de Atenas que a vida deles consistia realmente em só buscar e nunca achar, buscando\o Senhor "se porventura, tateando, o pudessem achar". Mas não O acharam, apesar dos seus cérebros e intelectos vigorosos. Platão, Sócrates, Aristóteles, e todos os demais, nunca encontraram Deus; continuaram e acabaram nas trevas. Nunca me canso de citar a marcante observação do grande filósofo e poeta alemão, Goethe. Seu intelecto era brilhante, porém vocês se lembram do que ele disse em seu leito de morte - estava entre as suas últimas palavras - "Mais luz". Disse que necessitava de mais luz mental! Tinha passado a vida toda pensando, analisando, discutindo -

grande filósofo! Mas, infelizmente, acabou nas trevas, e o admitiu - "Mais luz!" E um homem quase infinitamente menor, chamado H. G. Wells, virtualmente confessou a mesma coisa no fim da sua vida. O título do seu última livro é A Mente no Fim da sua Corda ("Mind at the End of its Tether"). Ele tinha confiado na mente a vida inteira; no fim admitiu, no meio da Segunda Guerra Mundial, que não sabia onde

estava, e que estava sem entender. O seu entendimento estava entenebrecido! Naturalmente que não entendia! Ele não cria neste Livro! Se tais pessoas tão-somente lessemo Velho Testamento! Se, por exemplo, lessem o capítulo sessenta da profecia de Isaías, veriam isto no versículo dois: "Porque eis que as trevas cobriram a terra, e a escuridão os povos". É uma descrição literalmente exata da mente humana após a Queda; ela está obscurecida e cega; o homem não consegue pensar direito, é incapaz de entender as coisas espirituais. E, naturalmente, é por isso que ele considera as coisas espirituais como loucura, como tolice, e escarnece delas e as repudia.

O cúmulo da tragédia, no entanto, e o que me parece ser a parte mais triste de todas, é que, apesar de estar nessa condição, não há nada do que ele se gabe tanto como do seu intelecto e do seu entendimento. Isso explica por que eu estou dando tanto atenção a esse problema. Acho muito difícil entender por que muitos cristãos ficam deveras perturbados e aborrecidos pelo fato de que tantos intelectuais de renome não crêem no cristianismo, mas o rejeitam e o ridicularizam. Vocês os conhecem, não preciso mencionar os nomes deles, eles falam freqüentemente pelo rádio; escrevem nos jornais e produzem os seus livros, *Por que não sou Cristão,* e assim por diante. Todavia, muitos cristãos ficam aflitos e assustados com isso. E isso, reitero, que não posso entender, pois se os cristãos entendessem esse texto de Isaías, nunca mais ficariam surpresos. Os entendimentos dos incrédulos estão entenebrecidos! Eles se jactam dos seus intelectos - claro! Eles dizem: não sou cristão porque tenho cérebro; sou capaz de pensar, e não me deixo levar por charlatanices, não me rendo a esse tipo de lavagem cerebral; ainda estou no controle, sou racional, posso pensar e raciocinar e, por causa do meu entendimento, não sou cristão! Essa é a posição deles. E aí vocês vêem a obra prima de satanás e o cúmulo do engano. Ele conseguiu iludir aquelas pessoas, primeiramente quanto a elas próprias, e elas ficam o tempo todo sem ver que o seu problema real está no seu entendimento! Isso, para mim, é quase matéria para humor e para riso divino. O principal lema dos filósofos gregos, dos gregos pagãos, era; "Conhece-te a ti mesmo"! Nesse conhecimento, diziam eles, estava toda a arte de viver. "Conhece-teatimesmo!" Digo que é de fazer rir por esta razão, porque não houve nenhum outro ponto em que eles falharam tão completa e desastrosamente.

Ora, é certo dizer isso hoje como há dois mil anos. Os filósofos não se conheceram a si mesmos, pois eles pensavam que os seus intelectos eram bastante grandes e grandiosos para descobrir Deus, abarcar Deus e entender a Deus! Entretanto, o homem que começa pensando que é capaz de fazer isso, não é nem um pouco melhor

do que o tolo, não se conhece a si mesmo. E os homens continuam agindo assim. Aqui

desejo ressaltar que essa declaração acerca do entendimento estar obscurecido é verdadeira quanto a todos os não cristãos. Não pensem que é simplesmente uma referência a pessoas iletradas e sem instrução. É igualmente verdadeira quanto aos mais eruditos, aos mais conhecedores, à pessoa mais culta do mundo atual. A sua mente e o seu entendimento estão completamente obscurecidos. E toda a sua dificuldade acerca do evangelho é que existe essa escuridão entre a sua mente e o objeto da sua observação.

Talvez uma singela ilustração deixe isso mais claro e mais simples. Acaso vocês não observaram muitas vezes que o que é dito para zombar do cristianismo por aqueles supostamente grandes filósofos e pensadores, também é dito exatamente da mesma maneira por João, José e Joaquim, pelo homem dali da esquina? O que leva os primeiros ao repúdio não é o seu intelecto; os outros podem não ser intelectuais, porém dizem exatamente a mesma coisa. O grande filósofo escreve o seu livro sobre *Por que não sou Cristão,* e dá a impressão de que a sua incredulidade é produto do seu intelecto poderoso. Mas, vão ouvir o homem da esquina, que diz: "Não sou cristão", e verão que ele lhes dará exatamente as mesmas razões; não há diferença nenhuma. O cristianismo já deu o que tinha, é tolice, está fora de época. Sua terminologia é ligeiramente diferente, entretanto o argumento essencial é precisamente o mesmo.

Esta é uma questão muito importante, que devemos compreender. Vejam algo como isto: lembro-me de uma experiência que tive há alguns anos; eu estava sendo levado por um amigo através de uma parte da Irlanda do Norte, e ele me disse que, em certo ponto da viagem, poderíamos ver a Escócia. Finalmente chegamos àquele ponto, mas não pudemos ver a Escócia. Por quê? Porque baixara um nevoeiro! Olhei com toda a intensidade de que fui capaz, a continuei sem ver nada, senão o nevoeiro. O meu amigo continuava dizendo: "A Escócia está bem ali", porém eu não a consegui ver. Ora, por que eu não pude ver a Escócia? Foi porque de repente comecei a padecer de alguma terrível doença dos olhos? De repente desenvolvi catarata? Meu nervo ótico ficou paralisado de repente? Havia algum defeito no funcionamento do meu órgão visual? Absolutamente não! O funcionamento estava normal como sempre, todavia eu não consegui ver a Escócia. Por quê? Era o nevoeiro - a escuridão do nevoeiro. Mas o fato de que eu não pude ver a Escócia não significa que a Escócia não estava lá. E se eu começasse a dizer: não acredito que a Escócia está lá, não acredito que ela poderá ser vista alguma vez, estou olhando e não consigo vê-la - que é que vocês diriam de mim? Teriam dito que

eu era um tolo, e teriam dito isso com razão. Essa é precisamente a situação de todos os não cristãos. Os seus entendimentos estão obscurecidos! Não estou dizendo que

os poderosos filósofos não têm grandes cérebros. Contudo o maior cérebro do mundo não consegue ver através do nevoeiro, e quando o véu das trevas desce, como desceu sobre toda a raça humana, a maior mente do mundo fica inútil.

O apóstolo está dizendo exatamente a mesma coisa nos dois primeiros capítulos da Primeira Epístola aos Coríntios. "Vede, irmãos", diz ele, "a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados". E por que não? Porque confiam em seus próprios entendimentos; estão entenebrecidos, estão cegos e não conseguem ver. Quando o Senhor veio, os príncipes deste mundo não O conheceram. Eles disseram; "Este sujeito, este carpinteiro, fora com ele, crucifiquem-no!" Por que fizeram isso? Porque não o conheceram, "pois, se o conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória". Como, então, nós sabemos que Ele é o Senhor da glória? Ah, diz Paulo: "o Espírito no-las revelou", "porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus". "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" - ele não tem como remediar isso. Brilhante como possa ser, se houver nevoeiro, não conseguirá ver! Vocês continuam surpresos porque esses não cristãos ridicularizam a encarnação, os milagres, as duas naturezas em uma só Pessoa, e derramam o seu escárnio sobre a expiação sacrificial e substitutiva, e sobre a idéia de que Deus puniu os nosso pecados em Seu Filho? Não é razoável, dizem; é irracional e imoral; não posso aceitá-lo. Há somente uma resposta apropriada, quando eles dizem isso, e a resposta é esta: claro que você não pode! Alguma vez pensou que pudesse? Você não se deu conta de que a sua mente está toda obscurecida, que a sua natureza está toda pervertida, que o véu da ignorância desceu sobre você, como sobre todos os demais, que você está na mesma situação da mais simples criança, do homem mais humilde, mais ignorante do mundo, e que toda a sua mente e o seu entendimento estão entenebrecidos? E nós, como cristãos, não temos por que surpreender-nos com isso, não temos por que ser perturbados por isso. Graças a Deus, a verdade é essa! Graças a Deus que não se trata, primordialmente, de uma questão de entendimento. Graças a Deus, digo, por esta boa razão, que o maior filósofo do mundo neste momento está exatamente na mesma situação do mais ignorante membro de uma tribo numa selva primitiva. O grande filósofo não tem vantagem alguma sobre o pagão, nesta questão do evangelho. En-

quanto os dois não estiverem sob a influência e poder do Espírito Santo de Deus, nenhum deles o verá. Mas, graças a Deus, quando o Espírito Santo vier sobre ambos, ambos o verão; não somente o filósofo, nem somente o pagão, e sim os dois juntos! Voltemos à minha ilustração. Tome-se o maior filósofo do mundo esta manhã, e tome-se um homem iletrado e ignorante; juntem-se eles a mim enquanto estou là na Irlanda do Norte olhando na direção da Escócia. E nenhum de nós consegue ver nada. No entanto, depois o nevoeiro se evola, e nós três podemos ver a Escócia. Não é questão de capacidade intelectual, pequena ou grande; é questão de se ter este

poder de visão; o homem o perdeu, o seu entendimento ficou obscurecido, e isso é efeito da Queda.

Então, se o observarmos doutra maneira, veremos que o efeito da vinda do evangelho é sempre descrito em termos de luz. "O povo que estava assentado nas trevas viu grande luz!" (Mateus 4:16). E me permitam completar a minha citação de Isaías 60:2 e 3: "mas sobre ti o Senhor virá surgindo, e a sua glória se verá sobre ti. E as nações caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor que te nasceu". Ou escutem Paulo dizê-lo uma vez por todas: "Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Coríntios 4:6). Aí, está! E como a vinda da luz às trevas.

Neste ponto deixem-me fazer uma pergunta simples. Você, amigo, crê neste evangelho? Crer neste evangelho é tudo para você? Se não é, o seu coração está entenebrecido. Você pensa que sabe, pensa que entende, mas não. Esta é a única razão pela qual as pessoas não crêem no evangelho e não são cristãs. Contudo, deixem-me expressá-lo assim: você é cristão, mas tem em sua mente perfeito entendimento quanto ao que está errado com os outros que não são cristãos? Você se tornou um tanto impaciente, talvez, com o marido ou com a mulher ou com os filhos ou com os pais que ainda estão na incredulidade? Você se enerva quando lhes fala destas coisas? Você se sente como se os estivesse sacudindo porque eles não enxergam isso? Se é assim, é porque você ainda não entende que o problema com os incrédulos é que o entendimento deles está obscurecido! Você pode demonstrar a verdade, pode argumentar, arrazoar e expô-la a eles à perfeição, e eles não verão nada nela. E isso simplesmente por causa das trevas do entendimento; não têm como ajudar-se, não podem fazê-lo. _

Há uma história que, para mim, ilustra isso tudo perfeitamente. É sobre William Pitt, o Jovem, um dos maiores Primeiros Ministros que a Inglaterra já teve. Ele era amigo de William Wilberforce, o libertador dos escravos. Mas havia uma grande diferença entre eles:

William Wilberforce tinha passado pela conversão evangélica e se tomara o santo que foi; William Pitt, naturalmente, era um cristão nominal, porém isso não significava nada para ele. Ora, naquele tempo havia em Londres um grande clérigo e pregador da Igreja da Inglaterra chamado Richard Cecil, e o prazer da vida de Wilberforce era ouvir a pregação desse homem. Ele também desejava muito que o seu amigo Pitt fosse com ele. Sempre o convidava, e sempre havia alguma escusa - deveres de Estado, muito ocupado, e assim por diante. Contudo, chegou o dia em que William Pitt disse a William Wilberforce: vej o que estou livre e posso ir com você domingo que vem. Wilberforce ficou à espera, ansiosamente, e orando por seu amigo, orando no sentido de que lhe viesse um raio de luz. Domingo de manhã

foram ao culto. Richard Cecil estava pregando em suas melhores condições, sob a unção do Espírito, e Wilberforce subiu aos mais altos céus. Ele se deleitava e se gloriava na verdade, tendo uma festa na alma, todo o seu ser sendo comovido até às suas maiores profundezas; ocasionalmente se perguntava o que estaria acontecendo com o seu amigo. Todavia, o culto terminou e, quando iam saindo juntos, mesmo antes de saírem do vestíbulo, William Pitt virou-se para William Wilberforce a disse: "Sabe, Wilberforce, não tenho a mínima idéia do que aquele homem estava falando".

Não tenho dúvida de que, a julgar os homens segundo a carne, William Pitt era maior do que William Wilberforce, maior cérebro, maior estadista. Mas não é isso que realmente importa. A verdade celestial, espiritual, proferida por Richard Cecil não significava absolutamente nada para ele; ele não sabia do que se tratava; aborreceu-se, e não via a hora em que aquilo acabasse! O outro homem se deleitava e se regozijava! Vocês vêem o que faz a diferença? As trevas! Trevas que ninguém senão o Espírito Santo pode eliminar.

Qual é, então, o objetivo do meu argumento? É que nós, cristãos, devemos estar cientes disso, quando pensamos em outros que ainda não são cristãos. Reconhecemos nós a causa da dificuldade, que essa espantosa escuridão sobreveio e amortalhou o entendimento? E mesmo que façamos tudo o que pudermos, de nada valerá. Há somente uma coisa que pode afastar o nevoeiro e tirar o véu, e essa é o impacto do Espírito. Já tentamos quase tudo mais, não tentamos? Temos organizado, arranjado e utilizado meios e métodos que nós mesmos sentíamos que eram duvidosos. Resolvemos usar qualquer coisa que nos trouxesse as pessoas e as levasse à conversão. Mas não funciona! Como pode ser isso? As trevas no entendimento, o véu do pecado é a causa do problema. E só há uma coisa que pode tratar disso. Graças

a Deus, diz Paulo aos coríntios, isso aconteceu conosco: "As coisas que Deus preparou para os que O amam... Deus nos revelou pelo Seu Espírito" (1 Coríntios 2:9 e 10). "Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus." E a quem quer que ache todo este assunto aborrecido, eu gostaria de dizer: se você não sabe do que é que eu estou falando, se você não entende estas coisas, digo que é porque a sua mente, o seu entendimento está obscurecido, você está sob o domínio do diabo, de satanás, você está amortalhado por estas trevas do mal e do inferno. Trate de dar-se conta disso, é o que aconselho, e clame por luz, peça a Deus que abra os seus olhos! Veja a aterrador condição em que você está.

Também digo outra palavra aos que são cristãos, aos que gozam e vêem estas coisas. O meu supremo dever, e o seu, é orar por avivamento, orar rogando que o Espírito Santo desça sobre a Igreja de modo que venhamos a falar de tal maneira que os homens vejam. Eu mesmo não posso fazê-lo; sou como este apóstolo, e ainda pior,

“em fraqueza, e em temor, e em grande tremor”; não tenho confiança em mim mesmo, nem na igreja, nem em nenhuma organização, nem em qualquer outra coisa. Nenhum agente humano pode fazê-lo. Mas o Espírito pode - “em demonstração de Espírito e de poder”. Você ora diariamente por seu pastor para que ele seja cheio do Espírito de poder, para que ele possa pregar em demonstração do Espírito e de poder? Você ora nesse sentido, ou deixa tudo com ele? Porventura oramos rogando que o Espírito tome posse de nós? Oramos por avivamento? Sabemos do estado da sociedade, sabemos do estado de Londres, sabemos do estado do mundo, vivemos falando disso. No entanto, isso não basta! Não devemos confiar em nenhum homem, nem em numerosos homens. Necessitamos do Espírito de Deus, necessitamos de uma visitação com poder avivador, e somos chamados para orar por isso, cada um de nós. Só somos cristãos porque o Espírito de Deus abriu os nossos olhos cegos e tirou de nós as trevas. E essa é a necessidade de todos os outros. Que palavra, que frase, a do apóstolo! Os homens “andam na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento”. Pobres e tolos obscurecidos, apesar da sua sofisticação e inteligência, dos seus argumentos e debates pelo rádio e pela televisão, e dos seus artigos e livros! Que brilhante! Mas é o brilho da bolha de espuma! Não há nada nela. E a cegueira deles é resultado das trevas. Tenham compaixão deles. Não se contentem em denunciá-los; orem por eles. Acima de tudo, orem rogando que o Espírito de Deus venha com tal poder que as trevas deles sejam removidas e os seus olhos sejam abertos.

1

“Conversation” tem outros sentidos, além de conversação. Há também alguns sentidos obsoletos, arcaicos. Uma antiga edição do dicionário de Webster traz, entre outros, os seguintes sentidos: intercâmbio, comunhão, familiaridade, discurso, diálogo. Um dos sentidos dados por *NuttalVs Standard Dictionary* (1926) é “behaviour”, comportamento. Nota do tradutor.

2

Só na Inglaterra?! Nota do tradutor,

SEPARADOS DA VIDA DE DEUS

"E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza." - Efésios 4:17-19

Continuamos o nosso estudo desta análise extraordinária que o apóstolo nos dá aqui da vida do incrédulo, da vida de toda pessoa não cristã. Paulo estava de fato analisando e fazendo uma esmerada e minuciosa descrição da vida dos gentios pagãos em seus próprios dias e em sua geração. Mas, como vimos, é uma descrição igualmente verdadeira hoje, como sempre foi, em todas as eras e gerações, de todos quantos se acham fora da vida de Deus.

Estamos examinando isso por certas razões específicas; a primeira, naturalmente, é a que Paulo coloca em primeiro plano, a saber, para que, tendo uma compreensão veraz daquela espécie de vida, possamos odiá-la, evitá-la e ficar tão longe dela quanto pudermos. Uma segunda razão é esta: quanto mais entendermos o caráter e a natureza daquela espécie de vida, mais chegaremos a entender e a apreciar o que Deus fez por nõs, em Sua graça, livrando-nos daquela vida. Como pôde Ele sequer olhar para nós naquela condição? No entanto Ele o fez! Eessa é uma das melhores maneiras de enaltecer a incomparável graça de Deus. São as pessoas que entendem melhor o pecado e o que ele significa, que entendem e apreciam melhor o amor, a graça, a misericórdia e a bondade de Deus. Um conceito superficial do pecado leva a um conceito superficial da salvação, e a um conceito superficial de tudo mais. Assim, acompanhamos o apóstolo enquanto ele mostra as profundezas do pecado e da iniqüidade para que nos habilitemos a medir a altura, a profundidade, a largura e o comprimento, e conhecermos o amor de Cristo que excede o conhecimento. E terceiro, estamos fazendo isto, como eu já disse, a fim de podermos ter um verdadeiro entendimento da condição daqueles que são nossos conhecidos, entre os quais vivemos, e que ainda não são cristãos.

Esta é certamente a primeira coisa, com relação à evangelização, e todos nós somos evangelistas, se somos cristãos de verdade; todos nós vivemos entre outras pessoas. Nos primeiros dias da Igreja o cristianismo espalhou-se por meio de cristãos individuais que, quando perseguidos e dispersos, iam por toda parte e diziam ao povo por que eles foram perseguidos e o que era ser cristão. E de igual modo, em dias e tempos como os atuais, esta questão de evangelização torna-se cada vez mais uma questão pertencente à nossa vida, experiência e testemunho pessoal. Temos, pois, que ter um verdadeiro entendimento desse estado pagão, porquanto isso determinará o nosso método. Se nos dermos conta da profundidade da iniqüidade, se nos dermos conta de que esta é a pura e simples verdade acerca de todos os não

cristãos, então, digo eu, seremos levados a pôr-nos de joelhos; isso nos ajudará a ver que nada menos que o extraordinário poder do Espírito Santo de Deus pode realmente tratar de uma tal situação. Passaremos mais tempo em oração e em clamor por um poderoso avivamento religioso, por um derramamento do Espírito de Deus sobre nós. Portanto, não hesito em dizer que se eu e você não estamos orando por avivamento, há somente uma explicação. É que não compreendemos a natureza do problema que nos confronta. Pensamos que ainda podemos fazê-lo por meio de organizações ou de outras atividades, porém tão logo vejamos que o homem está realmente em pecado, saberemos que nada menos que o poder de Deus tem possibilidade de lidar com ele. E não vejo esperança hoje, fora de um poderoso despertamento espiritual, como os que Deus concedeu nos séculos passados. Há um século Ele concedeu um, em 1857,1858,1859; outro no século dezoito; e há mais tempo ainda, a Reforma Protestante, no século dezesseis. Digo que, se entendermos realmente as condições do mundo nos tempos atuais, todos nós nos poremos de joelhos, rogando a Deus que envie o Seu Espírito com extraordinário poder revitalizador. Aí estão, pois, as nossas razões para aprofundar-nos nestas questões em detalhe. Já vimos a descrição geral dos "outros gentios" que "andam na vaidade da sua mente" - e começamos a estudar a análise que Paulo fez da situação. Vimos que uma razão para a vaidade das suas mentes é o entenebrecimento do entendimento. Mas não é só isso. Agora vamos passar a examinar a segunda coisa dita pelo apóstolo: "separados da vida de Deus". É por isso que estes "outros gentios" estão andando na vaidade das suas mentes; os seus entendimentos estão obscurecidos, e eles estão separados da vida de Deus. Esta é outra declaração tremenda, e é importante que entendamos o que o apóstolo está dizendo aqui. O que quer dizer exatamente estar separado da vida de Deus? Que é a vida de Deus? Há alguns que acham que as palavras

significam o tipo de vida que Deus aprova, e certamente isso está incluído, todavia elas querem dizer muito mais. A vida de Deus não é meramente a vida piedosa, a vida que Deus nos indica nas Escrituras como sendo a vida reta. A vida de Deus não significa uma vida virtuosa apenas, ou uma vida vivida de acordo com as veredas de Deus, e de acordo com a Sua santa lei. Inclui isso, porém a frase em foco vai além. Permitam-me provar-lhes isso.

Se o apóstolo só quisesse referir-se à vida peidosa, à vida de bem, à vida virtuosa, não teria usado a palavra que de fato usa aqui, quando fala sobre a vida de Deus. Na língua grega se empregam duas palavras para vida: uma é a palavra *bios,* a palavra que utilizamos quando falamos em biologia. Biologia é o estudo da vida no sentido de estudo da organização da vida, do curso geral ou do teor geral de uma vida. Pois bem, aqui o apóstolo não fez uso dessa palavra. Das duas palavras, "bios" é a inferior. Indica a vida em geral, por assim dizer, a vida como existe nas plantas, nos animais e no próprio homem. Mas o apóstolo não usou essa palavra, de modo que não devemos interpretar "a vida de Deus" como significando apenas a vida de bem,

a vida piedosa, a vida virtuosa. Ao invés disso, ele utiliza a outra palavra para vida - *zoe*. Esta é a palavra elevada que ele sempre usa, e que as Escrituras usam em toda parte, quando o assunto é a vida propriamente dita, o princípio de vida. Ela significa realmente, num aspecto, a própria vida de Deus, a vida divina como um princípio dentro de nós. Portanto, quando afirma que os homens estão separados da vida de Deus, está se referindo à vida que há em Deus mesmo, e àquele princípio de vida que Deus dá aos que crêem nEle.

Deixem-me ilustrar o que quero dizer. Eis o que o apóstolo Pedro escreve na primeira parte da sua Segunda Epístola: "Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiqueis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo". Ali Pedro está dizendo a seu modo exatamente o que o apóstolo Paulo está dizendo aqui. Ambos dizem a mesma coisa. É por isso que, se você realmente entende e estuda completamente uma grande Epístola, como esta Epístola aos Efésios, você de fato comhece toda a doutrina da Bíblia. A Bíblia é um livro uno. Paulo fala da "vida de Deus". Pedro nos diz que os filhos de Deus são "participantes da natureza divina". Assim, Paulo se refere aqui à vida que vem de Deus, à vida que Deus dá. Os pagãos, os incrédulos, os não cristãos, diz ele, são completamente alheios a essa vida, estão inteiramente separados dela, alienados.

A tragédia do homem em pecado, do homem que não é cristão, é que ele está fora da vida de Deus, não participa dela, não a conhece,

não a desfruta. O nosso Senhor realmente expressou isso uma vez por todas, simples, clara e perfeitamente, em Sua grande oração sacerdotal, registrada no capítulo dezessete do Evangelho Segundo João. Foi assim que Ele orou: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cri sto, a quem enviaste". Diz Ele: fui enviado ao mundo por Ti, e fui enviado para dar ao Teu povo este dom da vida eterna! Essa é a vida eterna. O homem que está sem ela não conhece o único Deus verdadeiro, nem a Jesus Cristo. Esse, diz Paulo, é o problema com estes "outros gentios"; eles estão andando na vaidade da sua mente, estão caçando bolhas. Não somente porque os seus entendimentos estão obscurecidos, mas também porque são absolutamente alheios à vida de Deus; não a conhecem, não são participantes dela.

Aqui devemos notar uma coisa muito interessante (cada palavra é tão importante!): "Entenebrecidos no entendimento, estando separados. .." (VA). A tradução deveria ser, "tendo se tomado separados". Importante e iluminadora diferença! Não é que eles são ou estão separados da vida de Deus; tornaram-se separados da vida de Deus. Aí está mais uma referência à Queda do homem. Já vimos que o entendimento do homem está entenebrecido por causa da Queda; o homem perdeu esse entendimento quando Adão caiu em pecado. Aqui está outra conseqüência. O homem

se tornou alienado da vida de Deus. Originalmente ele estava em comunhão com Deus; Deus fez o homem para Si, e o homem foi destinado, não somente a conhecer a Deus, como também a gozar comunhão com Ele. Deus o fez à Sua imagem justamente por essa razão. E essa era a situação no princípio. Lemos sobre a vinda de Deus ao jardim. O homem olhava para Deus com o rosto descoberto, e fruía a Deus. Estava em perfeita comunhão e amizade com Deus, e compartilhava algo da sempiterna e eterna vida de Deus.

E aí está por que a Queda do homem é a maior tragédia da sua história, e por que a doutrina da Queda é essencial para ter-se algum entendimento da vida atual neste mundo. Por que vemos o homem "andando na vaidade da sua mente"? Porque ele abandonou a vida de Deus! Caiu em Adão e desde a Queda ele continua naquelas condições. Ele está fora do jardim, e os querubins e a espada flamejante estão guardando a porta oriental de entrada. O homem não pode voltar para lá; está fora; e a vida se tornou uma solidão por causa dessa queda e da perda da vida de Deus. Como resultado da Queda, o homem foi cortado da verdadeira vida, foi cortado da fonte do seu ser, e é desse jeito que ele ficou daí em diante. De modo que, o que eu e vocês

chamamos vida não é vida, é mera existência. O homem em pecado não vive, existe, vive como um animal, está em busca de vaidades. Ele foi cortado da vida de Deus, a fonte do seu ser, e está meramente existindo. Não está mais no paraíso, está fora, num deserto - sem repouso, intranqüilo e insatisfeito. Tem dentro de si uma vaga reminiscência de que fora destinado a algo maior; não pode livrar-se dela; há dentro dele um senso de Deus. Ele tem consciência de uma contradição. "Ele sente que não foi feito para morrer", como o poeta o expressa. Ele tem uma vaga recordação doutra existência e doutro tipo de vida, e o resultado é que ele anela por um paraíso que perdeu. Ele o está sempre buscando, todavia não o pode encontrar. Ele ficou alienado da vida de Deus.

E, contudo, com este senso de Deus dentro de si, o homem tem que cultuar alguma coisa, pelo que ele faz os seus deuses, faz os seus ídolos. Nos tempos antigos os faziam de madeira, de pedra e de metais preciosos. Ainda fazem isso nalguns lugares, mas temos outros meios de fazê-lo hoje, pois somos idólatras por natureza, todos nós e cada um de nós. Adoramos a nós mesmos, adoramos a nossa família, adoramos o nosso país, adoramos os nossos bens, a nossa posição - temos que ter um deus! E o homem sempre esteve fazendo deuses. Há um espírito de adoração dentro de nós, e o homem procura satisfazê-lo. No entanto, nada disso satisfaz; no fim ele sente que está fazendo papel de bobo. E os deuses que ele fabrica para si não satisfazem. Ele está sempre em busca do "Deus desconhecido", e não consegue achá-10. Já tentou achá-10 com a sua filosofia, mas nunca teve sucesso. "O mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria" (1 Coríntios 1:21). Assim é que, como digo, o homem está nessa solidão, e a sua vida, a sua existência, é insatisfatória. Ele

é um pobre infeliz e, tendo perdido o contato com Deus e a vida de Deus, perdeu o seu senso de valores; não compreende a verdadeira natureza de si próprio, não percebe o que realmente é de valor. Assim, passa o tempo caçando vaidades, sonhando com espirais de fumaça, e não encontra paz nem descanso, e nunca encontra satisfação.

Ah, quão ativamente o homem se tem empenhado na busca dessa satisfação! Leiam a história dos séculos, leiam os seus livros de história secular, leiam a história das grandes civilizações que surgiram e caíram. Que é que isso tudo significa? Façam um rápido exame de toda a história da raça humana, e o que verão? Verão a história do homem tentando achar um lugar de repouso, tentando achar algum lugar ou alguma coisa em que afinal encontre as respostas às suas indagações, e a satisfação fundamental à qual aspira. Mas sempre e constantemente, no fim dos seus mais altos esforços, de um modo ou

de outro, ele tem que admitir e confessar: "Tentei as cisternas rotas, Senhor, mas ah, suas águas falharam!" Muitos homens, se não são cristãos, vão perdendo as esperanças cada vez mais, à medida que envelhecem. O cinismo e o desespero se lhes apegam e os penetram, porque tudo parece tão fútil, e todo o esforço não leva a nada. Qual é a questão? O real problema é justamente esta mesma coisa da qual o apóstolo está falando. O homem não vê e não sabe que a sua necessidade suprema é a sua necessidade de Deus, o conhecimento de Deus, a participação na vida de Deus! O homem não compreende o que o autor do Salmo 42 compreendeu tão claramente, quando disse: "Como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo!" Esse é um homem que sabe, que descobriu a sua necessidade e está na pista da solução. Se tenho Deus, diz ele, tenho tudo. Entretanto o homem em pecado, na vaidade da sua mente, não sabe disso, não o compreende; seu entendimento está obscurecido, e assim ele se tomou alienado da vida de Deus.

Meus amigos, não peço desculpa por fazer-lhes algumas perguntas simples nesta altura. Vocês conhecem a Deus? Vocês participam da vida de Deus? Vocês encontraram paz e descanso para as suas almas? Citemos mais uma vez a declaração imortal de Agostinho: "Fizeste--nos para Ti, e os nossos corações não descansarão enquanto não acharem descanso em Ti!" Vocês gozam descanso no coração, paz na alma? Tendo experimentado as cisternas rotas e tendo-as visto falhar, vocês encontraram o Manancial de águas vivas, a Fonte de toda bem--aventurança? Essa, vocês vêem, é a diferença entre os não cristãos e os cristãos. O não cristão está separado da vida de Deus. O cristão é, por definição, alguém que não está mais separado e alienado; ele conhece a vida de Deus, ele a desfruta, ele está nessa vida.

Mas devemos ir adiante. Por que é que o incrédulo, o ímpio, está separado dessa maneira da vida de Deus? O apóstolo nos dá duas respostas a essa pergunta, e ambas

se acham neste versículo dezoito. A primeira é: “pela ignorância que há neles”; em segundo lugar, “pela cegueira (ou dureza) de seu coração”. Devemos examiná-las bem, porque, se há alguém que não conhece a Deus e que não está desfrutando a vida de Deus, devo dizer-lhe o porquê disso. Para mim, esta é a essência da evangelização: mostrar às pessoas por que elas não estão desfrutando a vida de Deus. É, diz o apóstolo, por causa da ignorância que há nelas. Vimos que essa ignorância está nelas porque os seus entendimentos estão obscurecidos. Ah, sim, porém a pergunta vital aqui é: de que exatamente elas são ignorantes? Através da Bíblia

toda a afirmação é que o real problema da humanidade é a ignorância. Estamos vivendo em dias e numa época em que nos gabamos de tudo o que sabemos. Lemos as nossas enciclopédias, e fragmentos de informação nas revistas. Já não lemos livros grandes, mas procuramos saber um pouco de tudo com os nossos sumários e sinopses. Então ouvimos esses enigmas intermináveis, e as pessoas parecem saber tudo! E, todavia, é-nos dito que o principal problema da humanidade hoje é a ignorância! - “pela ignorância que há neles”! De que é que eles são ignorantes?

A primeira e principal realidade da qual eles são ignorantes é o próprio Deus. Por que eles estão separados da vida de Deus? Há só uma resposta. E porque não O conhecem e não sabem a verdade acerca dEle. Se os homens tão-somente soubessem a verdade sobre Deus, toda a situação deles mudaria, todavia eles são ignorantes acerca de Deus, ignorantes do Seu caráter, ignorantes do Seu ser, ignorantes dos Seus atributos. Por que será que o homem gasta o seu tempo na Feira da Vaidade? Por que será que ele gasta o seu tempo iludindo-se com essas puras bolhas de sabão, essas vaidades que fogem e desaparecem? Que é que há com ele? Eu digo que o problema com ele é que ele tem um gosto por demais estragado e baixo, não conhece coisa melhor; não conhece a Deus e não conhece o caráter, o ser e os atributos de Deus. Que são eles? Primeiro e acima de tudo, ajlória de Deus! Esse é, de modo final, o supremo atributo de Deus. É o que faz de Deus Deus -a Sua glória! Ele habita na luz da qual homem nenhum pode acercar-se, que homem nenhum jamais viu nem pode ver. “Ó Senhor, a Tua glória enche os céus; da sua plenitude a terra se abastece.” Os anjos e arcanjos e todos os espíritos glorificados passam todo o seu tempo dando glória a Deus. A glória de Deus! Ah, se tão-somente tivéssemos um vislumbre disso, se o mundo todo tivesse um vislumbre dela, a situação se revolucionaria completamente; mas os homens e as mulheres não conhecem a glória de Deus. Estão interessados na glória, é claro; gostam de atribuir glória uns aos outros e aos grandes vultos, e se dispõem a ficar horas a contemplá-los e a aplaudi-los. Assim eles dão glória aos reinos que perecerão, com a terra e toda a sua glória. Por que fazem isso? Porque jamais conheceram a glória de Deus!

Pensem então na majestade de Deus e em Sua eternidade. Deus é o Pai das luzes, em quem não há mudança, nem sombra de variação. De eternidade a eternidade, Ele é o

mesmo. Uma vez alguém o expressou com uma frase impressiva: “O tempo não imprime nenhuma ruga na fronte de Deus”. Sempitemo e Eterno! O Eterno, o Deus bendito para sempre e sempre! A humanidade alguma vez deu alguma atenção a isso? A humanidade pensa na santidade de Deus? Vocês já

notaram como isso vem expresso no cântico entoado por Moisés e pelos filhos de Israel? “Ó Senhor, quem é como tu entre os deuses? quem é como tu glorificado em santidade, terrível em louvores, obrando maravilhas?” (Êxodo 15:11). Vocês têm alguma concepção da santidade de Deus? Pensem depois, também, na Sua justiça e na Sua retidão. Ouçam falar o salmista destes atributos. “Atuajustiçaécomo as grandes montanhas; os teus juízos são um grande abismo!” (Salmo 36:6). Deus é o Deus de toda a terra. E vocês têm pensado em Seu poder? “No princípio criou Deus os céus e a terra.” Deus falou, e foi feito; Deus disse: “Haja luz. E houve luz”. Sim, diz o cântico de Moisés e dos israelitas redimidos: “Ele é glorioso em poder” (Êxodo 15:6, VA); é o poder da Sua glória. Deus não somente fez todas as coisas, Ele sustenta todas as coisas. Como o Salmo 103 o expressa, se Deus retirasse o Seu Espírito, ainda que por um momento, todo o cosmos entraria em colapso; toda árvore, todo animal, todo ser humano. Tudo é sustentado e mantido pelo Espírito do Senhor e, se Ele Se retirasse, imediatamente a criação inteira entraria em colapso e cairia. Ele não é somente o Criador, é também o Sustentador de tudo. É o Seu poder que mantém todas as coisas andando.

Pensem também no amor de Deus e em Sua misericórdia, em Sua compaixão e em Sua graça. Sabemos algo disso, não sabemos? Estudando estaEpístolaaosÉfésios.lemos: “Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou...”, e então vem a frase suplementar “.. .para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus”. Paulo falou também das “insondáveis riquezas de Cristo”, da sabedoria de Deus e do Seu poder - os grandes atributos de Deus!

Ora, o problema com os que levam a vida de vaidade e estão separados da vida de Deus é que eles não O conhecem. Se tão-somente pudessem ver estas coisas, dariam as costas a todas as outras coisas e passariam o tempo a contemplá-10, a admirá-lO, a meditar nEle, a buscar saber mais e mais sobre Ele. Mas não vêem, são ignorantes e, portanto, passam o tempo indo atrás de tolices e vaidade. Não foi exatamente isso que Paulo disse aos pagãos de Listra? Eles estavam para adorar a Paulo e a Barnabé e a oferecer-lhes sacrifícios. Parem! - diz o apóstolo noutras palavras. Somos homens como vós e pregamos “que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo...”. É porque não conhecem a Deus que pensais que somos deuses; é ignorância vossa!

Além disso, os homens não ignoram somente o caráter de Deus, o

Seu ser e os Seus atributos; ignoram também os Seus propósitos e as Suas

dispensações. Ignoram o fato de que Ele continua sendo o Governador deste mundo, e que Ele tem um plano e um propósito para o mundo e para esta vida. Não conhecem o Velho Testamento, não conhecem o Novo. Não sabem que Deus determinou um fim para o tempo, tão certamente como lhe deu início, e que vem o dia em que Deus dará cabo deste mundo e liquidará com os seus interesses. E ainda mais grave e importante, eles não sabem que Deus está determinado a destruir os Seus inimigos e todos os que se Lhe opõem. Não se dão conta de que este mundo é de Deus e que Deus está determinado a levá-lo de volta ao que era. Ele o fez perfeito; veio o diabo e o estragou e o arruinou. Deixará Deus a coisa assim? Claro que não! Deus iniciou este grande movimento de salvação, e vem o dia em que o diabo e todos quantos lhe pertencem serão lançados no lago de fogo, e serão eliminados eternamente da presença do Senhor. Eles não sabem disso. Pensam que, porque podem dividir o átomo e dominar a sua energia, podem exercer controle sobre a vida, sobre o mundo e sobre tudo mais. Contudo não podem! O mundo todo está nas mãos de Deus. "O Senhor reina; tremam as nações" (Salmo 99:1). Ele é todo-poderoso. Ele trouxe do nada o mundo à existência, e lhe dará fim quando quiser, e nada O pode deter. Os ignorantes não sabem que estão nas mãos do Deus vivo, e que "horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hebreus 10:31). Bastava que soubessem disso para não viverem como vivem. Eles são ignorantes do que Deus fez em Cristo, são ignorantes do Seu grande propósito de redenção e de restauração, e do tempo da regeneração, quando Cristo voltará e destruirá todos os Seus inimigos com o sopro da Sua boca. E, naturalmente, são ignorantes do fato de que eles próprios estão envolvidos nisso tudo. Eles não sabem que "aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo" (Hebreus 9:27). Eles são ignorantes do fato de que, se morrerem em pecado e fora da vida de Deus, passarão uma eternidade como são agora, e até pior, porque verão a loucura disso tudo. Eles são ignorantes de todas essas verdades! Estão "separados da vida de Deus pela ignorância que há neles".

Entretanto não quero deixá-los com o aspecto negativo. Quero, antes, salientar que esta é a tragédia, o patético, do homem em pecado. Os nossos corações deveriam sangrar por todos os que não são cristãos, porque eles não percebem o que estão perdendo; não percebem que, mesmo neste mundo, como ele é neste momento, eles podem começar a conhecer a Deus. Não sabem que podem ser reconciliados com Ele e podem ter este conhecimento dEle, e que podem começar a desfrutar

Deus aqui e agora. "O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-10 para sempre." Não seria trágico que eles gastem o seu tempo correndo atrás das bugigangas extravagantes deste mundo? Se tão-somente conhecessem esta grande verdade, imediatamente desistiriam destas coisas sem valor. Mas não a conhecem, por causa da ignorância que há neles. Não sabem que podem tornar-se filhos de Deus, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. Não sabem que lhes é possível passar a eternidade, não em aflição, desgraça e infelicidade, e sim em

glória indescritível na presença de Deus, com um corpo glorificado, inteiramente perfeito em todos os aspectos, contemplando a face de Deus e fruindo a Deus por toda a eternidade. Eles não sabem disso! "As coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam." "O meu povo", diz Deus por meio do profeta Oséias, "foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento" (1 Coríntios 2:9; Oséias 4:6). E continua sendo esse o problema! Os incrédulos estão separados da vida de Deus por causa da ignorância que há neles. Ah, se apenas O conhecessem! A tarefa do evangelho é abrir os nossos olhos, bradar: "Despertem! Despertem!", fazer soar o alarme, dizer aos homens e mulheres que fujam da ira vindoura e venham conhecer a Deus e começar a fruí-10. E essa é a minha e a sua tarefa. Temos que falar aos homens e mulheres acerca desta vida de Deus. Isso é evangelização! Não devemos dizer-lhes meramente que eles terão isto ou aquilo, ou que receberão um novo impulso na vida! Não; é conhecer a Deus. As seitas podem dar felicidade e paz temporária, e mil e uma coisas, mas há só uma coisa que pode levar o homem a conhecer a Deus, e essa é o evangelho cristão. Ele não oferece um garbo jovial; ao contrário, ele me faz dizer, nas palavras do grande hino de W. T. Matson:

Senhor, eu era cego! Não podia ver Em Teu desfigurado rosto a Tua graça;

Mas agora a beleza de Tua augusta face Em radiosa visão irrompe sobre mim.

Senhor, eu era surdo! Não podia ouvir A comovente música de Tua voz;

Mas agora eu Te ouço e em Ti me regozijo,

E as palavras que dizes são-me preciosas, todas.

Senhor, eu era mudo! Não podia falar De Tua graça e da glória do Teu santo nome;

Mas agora, tocados por Tua chama viva, Meus lábios Teus ardentes louvores despertam.

Senhor, eu estava morto! Não podia agir Trazendo a Ti minha alma fria, inanimada; Agora, porém desde que me deste vida, Fora estou da trevosa tumba do pecado.

Ó meu Senhor, fizeste o pobre cego ver, Fizeste o surdo ouvir, falar fizeste o mudo, Ao morto deste vida; e eis que rompo então As cadeias do meu horrível cativeiro.

O PECADO NUM MUNDO PAGÃO

"E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza." - Efésios 4:17-19

Continuamos o nosso estudo desta descrição - alarmante porque é tão exata - que o apóstolo aqui faz da vida ímpia, da vida do não cristão. Ele estava descrevendo particularmente o paganismo dos seus dias e da sua geração, porém, como vimos, temos abundantes provas de que é igualmente uma descrição precisa da vida dos ímpios desta presente hora. O interesse do apóstolo é que os efésios aos quais está escrevendo e os quais, tendo-se tomado cristãos, haviam se emancipado do modo de vida pagão, não vivam mais daquela maneira; ao contrário, devem ver essa vida com horror. Para usar o termo utilizado noutros lugares das Escrituras, eles devem fugir dela, devem recuar dela como faz o cavalo quando alguma coisa o espanta. Esse é o seu grande objetivo. Mas também, como estive indicando, ele queria fazê-los ver quão gloriosa salvação eles estavam desfrutando. Esta os libertara daquelas condições e os introduzira em algo que era essencialmente diferente. E é importante, acho eu, que compreendamos que este é um dos problemas com que a Igreja se defronta. E o problema dos homens e mulheres que ainda se acham naquelas condições. E no momento em que virmos isso, perceberemos que em nós e por nós mesmos nada poderemos fazer, e que a maior necessidade desta hora é a necessidade de avivamento e despertamento espiritual. Espero, pois, que estaremos orando mais e mais por uma visitação do Espírito de Deus à Igreja nestes tempos terríveis pelos quais estamos passando.

Pois bem, nós vimos que os homens e mulheres estão procurando vaidades futeis porque não conhecem a Deus, Seu ser e Seus atributos; e, ao retomarmos o nosso estudo neste ponto, quero ressaltar esta pequena palavra *em.* Vocês notam que Paulo diz: "separados da vida de Deus pela ignorância que há neles" (em eles). Ora, isso é algo que não podemos deixar escapar. O apóstolo usa deliberadamente a

palavra *em,* a fim de poder fazer com que os seus leitores em Éfeso, e todos quantos viessem a ler essas palavras, entendessem o fato de que esta ignorância da qual ele está falando não é algo superficial, não é meramente uma falta de conhecimento no sentido intelectual; é isso, mas é muito pior que isso! É algo entranhado profundamente no homem como resultado da Queda e do pecado. Portanto, não devemos pensar nela como sendo mera falta de conhecimento intelectual, que se pode retificar facilmente dando informação - simplesmente como se pode dar informação aos homens sobre política, ciência ou qualquer outra coisa. Não é esse o problema aqui; esta ignorância está neles. É algo que os agarra e se torna parte da

própria tessitura de toda a sua vida e perspectiva.

É extraordinário como os cristãos podem esquecer isto, ou como parecem estar inteiramente inconscientes disto. Conheci cristãos, muito zelosos no labor cristão, que realmente acreditavam que tudo o que era necessário era instruir o povo. Achavam que, se Londres fosse emplastrada com textos, haveria tremenda resposta. O povo simplesmente não sabe, diziam eles; portanto, que sejam colocados textos das Escrituras diante dele, por assim dizer, em todo lugar aonde as pessoas vão. E eles pensavam que, em conseqüência, haveria um grande retorno para Deus. Não entendiam que a ignorância está nos homens. Não é meramente intelectual, não é só de informação que as pessoas necessitam; necessitam disso, claro que sim, porém temos que entender que essa ignorância é algo que está nas profundezas da personalidade. E me parece que há um modo muito simples de provar isso.
Há muitas pessoas cultas, intelectuais, muito capazes em termos de conhecimento, que leram o NovoTestamento, todavia continuam sem ver nada, depois da sua leitura. E devido à ignorância que está nelas, abaixo do nível do intelecto, e a mera leitura do texto de nada vale; não é de nenhum proveito para elas, absolutamente. Portanto, digo eu, é essencial compreendermos que a ignorância é algo que está nas profundezas dos homens e que se fixa neles; é uma ignorância que os domina. Se posso tomar emprestada uma frase oriunda doutro segmento da igreja que não recomendo, é uma espécie de ignorância invencível; a ignorância está neles. Veremos isso mais claramente com a frase subseqüente de Paulo, porque, num sentido, ela explica esta frase.

Eles estão separados da vida de Deus, diz o apóstolo, pela - por causa da - ignorância que há neles, por causa (aqui está a explicação), por causa da cegueira do seu coração. Estou utilizando aqui a Versão Autorizada que, infelizmente, neste ponto erra completamente em traduzir a palavra por “cegueira”. Naturalmente, chega à cegueira,

mas a palavra que Paulo usou não é cegueira, e as versões inglesas Revista e Revista Padrão indubitavelmente estão certas neste ponto (como se dá com a versão de Almeida, tanto a Edição Revista e Corrigida como a Edição Revista e Atualizada no Brasil). A palavra significa dureza ou endurecimento: “por causa do endurecimento”, ou “por causa da dureza do seu coração”. A ignorância que há neles é, em parte, a explicação da alienação, porém em acréscimo há um processo de endurecimento realizando-se no coração.

O que Paulo quer dizer com essa palavra não é meramente que o coração é duro, mas que se tomou calejado; uma espécie de calosidade o recobriu. A maioria de nós sabe o que é calosidade. Quando a pele fica grossa na sola do seu pé, por exemplo, você tem uma calosidade. Esse, diz o apóstolo, é o tipo de coisa que aconteceu com os corações dos homens. A cobertura, o revestimento, tomou-se espessa e

dura, enrijecida e fibrosa; usem qualquer destes termos, a seu gosto. Contudo é essa a expressão utilizada aqui; é uma espécie de termo médico. A coisa toda é uma figura, é claro. O coração mesmo não sente nada; mas o coração é considerado como o centro e a sede dos afetos e das emoções, e ainda mais que isso, nas Escrituras é geralmente entendido como valendo pelo próprio centro e sede da personalidade. No entanto aqui, indubitavelmente, o apóstolo está pensando primariamente nas emoções e nas sensibilidades. Ele estivera lidando mais com o intelecto, sob as expressões entenebrecidos no entendimento, e ignorância que há neles, mas aqui ele diz que, quando seguimos mais longe a pista do problema, descobrimos que a ignorância que há nas pessoas e que as domina deve-se, em última instância, ao fato de que se deu um processo de endurecimento nas profundezas do seu coração, e por causa deste engrossamento, endurecimento, calosidade, há uma ausência de sensibilidade; e o resultado da ausência de sensibilidade é que os homens não são mais suscetíveis à verdade. Não somente não crêem, porém também não são mais suscetíveis à verdade, pois os seus corações estão endurecidos.

Certamente o nosso Senhor estava pensando em algo semelhante em Sua parábola do semeador. Ele falou do terreno pedregoso onde parte da semente caiu, da beira do caminho, do caminho muito batido. A semente não pôde penetrar naquilo, e as aves a comeram. Esse é o tipo de figura que temos aqui, fazendo-nos lembrar que em toda parte nas Escrituras, tanto no Velho Testamento como no Novo, essa condição do coração é sempre posta diante de nós como o problema fundamental do homem em pecado. É por isso que muitos podem sentar-se e ouvir o evangelho, e não ser afetado por ele; é por isso que muitos podem ler a Bíblia, e não ver nada nela; é essa dureza do

coração. Agora, permitam-me dar-lhes um ou dois exemplos do que eu quero dizer.

Vejam, por exemplo, aquela grande passagem lírica e evangélica que se acha em Ezequiel, capítulo 36, começando no versículo 17. Pois bem, deixem-me citar-lhes o versículo 26 em particular, que é a promessa que Deus faz ao povo concernente ao que o evangelho vai fazer: “E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne”. Aí está, perfeitamente exposto. O coração não é mais flexível, não é mais sensível, mas está endurecido e rijo; tomou-se como pedra; e a promessa do evangelho é: “tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne”, um coração capaz de sentir, um coração cálido, um coração capaz de reagir, um coração flexível. A seguir, permitam-me dar-lhes um exemplo do Novo Testamento, para contrabalançar o que lhes dei do Velho Testamento. Vamos à Epístola aos Hebreus, e a uma citação que ali é feita de um salmo: “Portanto, como diz o Espírito Santo, se ouvirdes hoje a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação, no dia da tentação no deserto, onde vossos pais me tentaram, me provaram, e viram por quarenta anos as minhas obras. Por isso me indignei

contra esta geração, e disse: estes sempre erram em seu coração, e não conheceram os meus caminhos. Assim jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso". Neste ponto a citação termina, e o escritor prossegue, dizendo: "Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo. Antes exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado; porque nos tomamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim. Enquanto se diz: hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações, como na provocação. Porque, havendo-a alguns ouvido, o provocaram; mas não todos os que saíram do Egito por meio de Moisés". Aí está de novo, exposto largamente, e repetido, vocês observam, numa Epístola cheia de advertências ameaçadoras por causa do perigo da apostasia. O que se deve ter em conta é o coração! "Filho meu, dá-me o teu coração", diz o Velho Testamento. "Guardem os seus corações", diz outro escritor. De acordo com as Escrituras, o problema está, eventual e finalmente, no coração.

Estou desejoso de deixar isso perfeitamente simples e claro. A dificuldade com o incrédulo não está meramente em seu intelecto; a totalidade da pessoa está envolvida, os sentimentos e as sensibilidades

também. Uma das grandes causas de dificuldade e erro é que persistimos em dividir a personalidade humana de maneira totalmente artificial. Fazemos uma falsa dicotomia, sempre reprovada nas Escrituras. A tendência hoje é as pessoas se considerarem como puro intelecto, excluindo as sensibilidades e as emoções. Crer, dizem elas, é pura questão de intelecto, e elas vêm a isso com uma abordagem científica. Todavia o homem não é mero intelecto no vácuo! Creia ele ou não, o fato é que ele é uma estranha combinação e amálgama de um grande número de coisas - luxúria, paixões, desejos, emoções e sensibilidades. Conquanto as possa negar, aí estão elas, e o homem está sempre agindo como um todo. É por isso que é quase divertido, não fora trágico, ver a maneira pela qual pessoas que posam como puros intelectos, estão constantemente pondo à mostra o fato de que realmente estão sendo governadas por seus preconceitos e por seus sentimentos, o tempo todo. Elas falam em Livre Pensamento, e assim por diante. No entanto não existe livre pensamento onde não se permite que as pessoas repliquem.

Dou como ilustração o modo como a Teoria da Evolução prendeu as mentes dos homens, e até muito recentemente não havia oportunidade de réplica para os que não acreditam nela. A "British Broadcasting Corporation" não costumava dar oportunidade ao outro lado; não permitia que o assunto fosse debatido pelo rádio. O que chamam Livre Pensamento não é nada dessa espécie, é preconceito - o coração envolvido. O fato de que essa rigidez agora relaxou um pouco é porque os evolucionistas não são tão dogmáticos como eram! Mas continuam ensinando como fato uma coisa que não passa de teoria. E esses homens que costumam descrever-se

como cientistas frios, desprendidos e desapaixonados, estão mostrando desse modo, diante dos nossos olhos, a maneira pela qual o coração se intromete e os governa e os domina. Do começo ao fim, as Escrituras salientam isso; dizem elas que o homem é uno, que a sua personalidade é indivisível, e que se tem um conceito inteiramente falso do homem e da vida quando se tenta isolar essas coisas e desenvolver uma parte a expensas das outras.

Mas voltemos ao princípio. Diz-nos a Bíblia que no alvorecer da história o problema de Adão e Eva estava em seus corações, não em suas cabeças. O diabo sabia muito bem disso. Ele não veio para uma discussão teórica com os nossos primeiros pais. Não foi uma proposição puramente intelectual que o diabo apresentou a Adão e Eva. A colocação que lhes fez foi: "E assim que Deus disse: não comereis de toda a árvore do jardim?" Sua sugestão por certo foi que Deus, com uma certa proibição limitadora, realmente os estava insultando. Assim foi que a tentação do diabo saiu da esfera do intelecto e penetrou

na dos sentimentos. Deus quer manter vocês por baixo, disse o diabo a Eva; Ele sabe perfeitamente bem que no momento em que vocês comerem daquele fruto, serão deuses, vocês mesmos, e serão iguais a Ele. Noutras palavras, ele estava jogando no orgulho dela. Contudo, não se trata do intelecto, quando se apela para o orgulho, a paixão e o desejo de grandeza das pessoas! Deixou-se completamente a esfera do intelecto; não é mais científico, não é mais argumentative. Mas o diabo sabia que esse era o ponto em que era provável que o homem caísse, de modo que concentrou nele todo o seu poder e toda a sua atenção. O pecado original, a queda original do homem, deveu-se a dificuldades em seu coração, em suas sensibilidades, em seus sentimentos, em suas paixões; e continua, persistindo como sempre, desde aquele tempo.

Não sabemos nós como fato da nossa experiência pessoal e pela observação dos outros, que a persistente desobediência à vontade de Deus e aos caminhos de Deus sempre produz endurecimento? Toda vez que você comete um pecado, fica menos sensível. Toda vez que você repete um pecado, a sua consciência o perturba menos que antes. Na primeira vez, há uma agonia, há uma espécie de crise, há um sentimento de pesar, um remorso e um sentimento de vergonha; porém não seria certo que quando se vai repetindo o mesmo ato, há cada vez menos vergonha, cada vez menos pesar, cada vez menos remorso? A que se deve isso? Ah, é o tal endurecimento, o endurecimento do coração! Ele vai ficando cada vez menos capaz de responder, cada vez menos capaz de reagir, cada vez menos sensível aos apelos. Não há nada na vida, que eu saiba, que seja mais trágico do que o gradual declínio e endurecimento de uma alma. Vocês não viram isso? E pena, mas toda pessoa de mais de cinqüenta anos de idade viu isso mais de uma vez; como um homem que você conheceu quando jovem e que gradativamente se tornou mais e mais duro, mais e mais frio, e agora parece completamente insensível. Endurecimento do coração!

Éuma coisa pavorosa, uma das coisas mais tristes da vida. E o que a toma pior é que os homens a cultivam, e deliberadamente.

Como a citação de Hebreus, capítulo 3, nos indica, em prol dos propósitos do pecado os homens e as mulheres endurecem deliberadamente os seus corações. E é claro que você tem que fazer isso, se deseja ter o gozo do pecado. Enquanto o seu coração for mole e brando, você não poderá gozar o pecado porque o seu coração protesta o tempo todo, segue-se o remorso, e todo o seu prazer pelo pecado se vai. Assim é que, se você quiser gozar uma vida de pecado,

de ummodo ou de outro terá que fazer alguma coisa com o seu coração, terá que endurecê-lo, para que, a despeito de toda a discussão teórica moderna, ele não continue a afirmar-se. Diz alguém: cheguei à conclusão de que Deus não existe; essa conversa sobre moralidade e religião é um absurdo total, e vou viver como eu quiser. Entretanto, apesar de dizer isso, o seu coração continua a dizer-lhe que há um Deus. Quando ele quebra o dia do Senhor, ele se recorda; gostaria de não recordar nada, mas o seu coração continua a falar-lhe; ele pratica coisas maléficas, e o seu coração fala. Prossegue uma batalha dentro dele. Só lhe resta fazer uma coisa; de algum modo ele tem que tentar silenciar o seu coração! Muito depois que o intelecto capitulou, o coração continua fazendo os seus protestos! E assim os homens descobrem que a única maneira de gozar o pecado é, de um modo ou de outro, silenciar o coração, isto é, endurecê-lo.

Se me pedissem para declarar qual é, em minha opinião, a característica mais notável da vida sem Cristo, eu diria sem hesitação que é a dureza do coração do homem. Há muitos que andam por aí como se estivessem mascarados. E eles põem as suas máscaras deliberadamente. Mas antes de as porem, eles põem essa dureza em seus corações, esmagando deliberadamente os sentimentos, assumindo aquela postura, aquela atitude para com a vida, crucificando deliberadamente coisas dentro de si, silenciando protestos e pisoteando toda suavidade e brandura. Estão decididos a prosseguir nesse tipo de comportamento. Dureza no viver! Quão insensíveis algumas pessoas se tomaram, quase incapazes de solidariedade e compaixão! Para viver essa espécie de vida você tem que chegar a uma decisão deliberada. Se você permitir que os seus sentimentos interfiram, tudo ficará prejudicado para você, e por isso você põe esta couraça em torno de você, por assim dizer, o endurecimento do coração. Então, o que quer que aconteça, você não nota, você continua a vestir aquela fachada ousada, e você vai avante com ela. Faz-se isso deliberadamente, uma espécie de falsa crucificação da própria vida e natureza que Deus nos deu. E, digo eu, isso está sendo levado a efeito diante dos nossos olhos. Acaso vocês não acham que, com muitas dessas pessoas, vocês nunca conseguem conhecê-las realmente? Vocês se deparam com uma máscara, com essa aparência que elas vestem, parece que nunca vocês podem chegar a elas mesmas. Há uma camada de aço em torno delas, e elas estão simplesmente agindo como robôs, por assim dizer. É uma vida

mecânica; e todas essas pessoas fazem a mesma coisa, exatamente da mesma maneira. Usam o mesmo tom, as mesmas frases; é tudo artificial. O endurecimento do coração! Isso tem que ser feito, se é que elas querem gozar aquele tipo de vida, porque, se a sensibilidade

permanecer, elas não poderão gozá-lo, haverá protesto o tempo todo; pelo que o coração tem que ser endurecido.

Que é que se segue? Tendo feito isso por algum tempo - esta é a coisa terrível! - essas pessoas que cultivam a dureza vêem que realmente se tornaram duras, e mesmo que ocasionalmente queiram ter algum sentimento, não conseguem. Assim, por exemplo, quando a morte visita a família, são incapazes de derramar lágrimas, já não conseguem sentir nada, de tal forma subjugam os sentimentos que no fim não têm nenhum. E assim a vida se torna cruel. Os idosos se tornam um estorvo. Que vão para um lar de anciãos, dizem elas. Desse modo, as coisas que tomavam a vida amena, nobre e feliz rapidamente vão desaparecendo, e todos nós estamos vivendo esta vida curiosamente dura, isolada, na qual o principal desejo é que não nos perturbem, que não nos incomodem. É assim, digo eu, que os homens se vêem incapazes de sentir. E tudo isso, naturalmente, aplica-se supremamente à atitude para com Deus. O endurecimento leva finalmente a uma total inimizade, e assim a Bíblia afirma que a mente natural é "inimizade contra Deus" (Romanos 8:7); ela odeia a Deus. Falem aos homens sobre as glórias do evangelho e da vida de Deus e de Cristo, e eles dirão: isso me deixa completamente frio! Claro que deixa! Quão precisos são eles! As coisas mais gloriosas do universo, as coisas mais maravilhosas, enobrecedoras e comoventes - deixam-me completamente frio, diz o incrédulo, não me importam nada! Que frase terrível, que confissão trágica! Incapazes de sentir, completamente frios, impassíveis!

Se vocês querem um grande exemplo clássico disso tudo, vão encontrá-lo no Novo Testamento, no caso dos fariseus, que podiam olhar o Senhor Jesus Cristo no rosto, ouvir as Suas palavras e ver os Seus milagres, e contudo odiá-10. Qual era o problema deles? Ah, diz Èle, essa gente Me honra com os lábios, porém o seu coração está longe de Mim! - endurecido, frio, insensível! É cheio de amargor e ódio, levando finalmente à violência! E como venho dizendo, é exatamente a mesma coisa hoje! Se as pessoas dissessem apenas: bem, eu não acredito nesse evangelho de vocês, e parassem nisso, talvez não fosse tão ruim; mas nunca param aí. Não podem deixar de mostrar o seu desprezo, o seu escárnio, o seu riso frio, o seu desdém gélido, o seu olhar de aço, de gelo. Vocês não o têm visto? Não têm visto esse endurecimento do coração, que se mostra, acima de todas as outras coisas, em seu relacionamento com Deus e com o Senhor Jesus Cristo?

Ei-lo aí, pois, diz o apóstolo; os entendimentos dos homens estão obscurecidos, eles estão separados da vida de Deus por causa destas duas coisas, a ignorância, que há

neles e o endurecimento do seu

coração. Eu lhes ofereci a análise psicológica que Paulo faz deles, e é perfeita. Vocês jamais encontrarão melhor ou mais profunda. Como análise, é devastadora. Mas devemos perguntar: a que é que isso tudo leva? Sendo os homens o que são, como vivem? Aqui de novo o apóstolo nos dá a verdade terrível: "Os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza". Examinemos as frases.

"Havendo perdido todo o sentimento." Simplesmente significa que eles se acham num estado em que estão além da possibilidade de sentir vergonha e pesar. Jeremias tinha algum conhecimento disso, pois, na vida pecaminosa os homens são sempre iguais; é por isso que não existe nada mais ridículo e absurdo do que pensar que o homem muda. Jeremias escreve sobre alguns dos seus contemporâneos que se haviam afastado de Deus e que se achavam na mesma espécie de fase pela qual o mundo está passando na presente hora, e até mesmo quando o nosso Senhor estava pessoalmente aqui. Há fases e épocas particulares na história do mundo quando o pecado parece estar mais aberto, e então a destruição vem veloz. Foi assim no tempo de Jeremias. O profeta nos diz que os seus contemporâneos eram culpados de certas coisas, mas o pior de tudo acerca deles era que "nem podiam corar de vergonha" (Jeremias 6:15, VA). Tinham se tornado incapazes de ruborizar-se. Enquanto você puder corar de vergonha haverá esperança para você; o seu coração ainda bate, se você ainda pode sentir vergonha. É maravilhoso ver uma pessoa jovem corar de vergonha. Não acredito no conceito de Peter Pan sobre a vida, porém existe esse processo de endurecimento que estive descrevendo e, enquanto somos ainda jovens, esse processo não foi longe demais, e ainda podemos corar de vergonha. Corar de vergonha, corar por recato! Quando foi a última vez que você viu isso em alguém de mais de vinte anos? pergunto. Que calamidade sobreveio à raça humana! - "nem podiam corar de vergonha", sem nenhum sentimento de vergonha, incapaz de ruborizar-se, não importa o que aconteça!

Ao escrever a sua Primeira Epístola a Timóteo, o apóstolo Paulo se expressou assim: "falando mentiras com hipocrisia; tendo a consciência queimada com ferro quente" (4:2, VA). Aí está outra expressão médica. Que é que ele quer dizer com consciência queimada com ferro quente? A palavra que ele de fato usou foi cauterizada, " cauterizada com ferro quente". Você mete o ferro no fogo até ficar em brasa, e depois você o coloca na ferida e a cauteriza, quer dizer, a endurece. Cauterizada! E foi o que aconteceu, diz Paulo, com as consciências dos homens; foram queimadas com ferro em brasa, os nervos estão

destruídos, a sensibilidade sumiu, não sentem mais nada, não reagem mais. É dessa maneira que eles trataram das suas consciências, e é dessa maneira que sempre se viveu essa espécie de vida. Se você quiser gozá-la de uma forma ou de outra, é

essencial tratar com muita energia o coração e a consciência; você tem que secá-los ou queimá-los ou tentar silenciá-los de um modo ou de outro. E, segundo o apóstolo, há este passo terrível no fim, quando você teve tanto sucesso nisso que fica realmente sem sentimento. Mesmo que você queira sentir, não pode, ficou totalmente insensível, parece ter perdido o seu senso moral, ficou mais ou menos como um animal. E o que é quase inacreditável é que os homens e as mulheres fazem essa cauterização da consciência deliberadamente.

Como fazem isso? Um método muito comum é questionar se existe isso de consciência, afinal de contas, e concluir que não existe; "consciência" são apenas certos hábitos, meras tradições que nós herdamos; não existe tal coisa como um monitor interno colocado ali por Deus. E para excluí-la argumenta-se intelectualmente. Outro método é argumentar contra a Bíblia e contra o conceito bíblico do pecado. Tudo isso, é o que se diz, não passa de uma retomada de condições primitivas; não acreditamos mais nesse tipo de coisa. Rejeita-se todo o conceito bíblico sobre a vida e se diz: afinal de contas, o homem foi feito assim mesmo; não dê ouvidos aos tabus, às proibições, aos vetos e às restrições; são simplesmente uma parte das relíquias do paganismo e da religião, e delas devemos descartar-nos. Essa é outra maneira de cauterizar o coração e a consciência.

Ainda, positivamente, podemos considerar o culto da auto-expres-são. Naturalmente, dizem, fomos destinados a expressar-nos e, se queremos ter grande prazer na vida, temos que livrar-nos de toda essa obscuridade da religião, e assim por diante; temos que expressar-nos e as nossas personalidades. Não conheço nada que seja tão patético na vida como as pessoas que tentam expressar-se e ser algo que nunca foram destinadas a ser. Pessoas que foram destinadas a ser naturalmente quietas e recatadas querem gozar da roda social, ou lá o que sej a, e, a fim de fazerem isso, vestem essa auto-expressão. Mas na verdade não estão se expressando a si mesmas, estão expressando o modelo, o tipo padrão, a que estão tentando amoldar-se. Chamam a isso auto--expressão, porém estão crucificando a sua personalidade, estão negando o seu ego real e estão vestindo essa fachada; estão tentando ser ousadas, estão tentando fazer aquela coisa atrevida. Provavelmente não é o que querem a princípio, mas gradativamente se endurecem na conformidade. E assim chegam a um estado em que perdem totalmente o sentimento. Finalmente chegam a um estágio no qual

ignoraram a sua consciência por tanto tempo, e foram tão diligentes e constantes em silenciá-la e cauterizá-la, que por fim se tornam incapazes de sentir.

E assim, nesse estado, diz o apóstolo, é isto que elas fazem: "entregam-se à dissolução", o que significa que elas se deixam levar pela dissolução. Ou, para usar uma fraseologia moderna, elas deixam a coisa correr. Abandonam toda restrição, todas as tentativas para domínio próprio e para disciplina; não dão a mínima para a consciência e para a opinião pública, para a tradição, para a decência, para

a moralidade, ou outra coisa qualquer. Ameaças divinas, pensar na morte ou no juízo, deixam-nas impassíveis. Nada importa! Se tiverem que encarar essas coisas, bem, elas se fortalecerão com álcool ou com alguma outra coisa, e deliberadamente vestem uma fachada. Tornam-se completamente avessos à lei, nada as pode conter ou restringir. "Tendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução."
A linguagem do apóstolo neste ponto nos reporta ao que ele nos diz no capítulo primeiro da Epístola aos Romanos - "E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou.. ." - Deus os abandonou. Sim, esse é o estágio final, e aqui em Efésios temos o estágio que ocorre antes disso. Primeiro eles se entregam, e depois, finalmente, Deus mesmo os entrega. Essa é a história de Sodoma e Gomorra. Graças a Deus, penso que ainda não chegamos completamente a essa situação na Inglaterra; às vezes fico em dúvida; mas acho que não chegamos completamente a esse ponto! Mas o mundo já chegou a esse estágio muitas vezes antes; chegou a ele no tempo do Dilúvio; chegou a ele quando Sodoma e Gomorra foram destruídas; chegou a ele pouco antes do cativeiro babilônico; chegou a ele por volta do ano 70 A.D.; chegou a ele em certos períodos trevosos. Será que vai chegar a esse estágio outra vez? Estamos vendo muito deste "entregar-se". A Primeira Guerra Mundial não o sustou; tampouco o fez a Segunda Guerra Mundial. Vocês poderiam pensar que elas o fizeram! Nadaparece detê-lo-os pensamentos dos homens, a decência, Deus, a eternidade, nada parece servir para isso, "eles se entregam". A menos que aconteça alguma coisa que os impeça, a menos que haja um poderoso avivamento, só uma coisa poderá decorrer, e é que Deus desistirá deles, os abandonará e os entregará a um sentimento perverso (Romanos 1:28).

A que é que os homens se entregam? "Dissolução!" (VA:"Lascívia!") Significa libertinagem, franca, irrestrita e desavergonhada luxúria! Acaso vocês não têm observado isso desde cerca de 1940? A conduta das pessoas, até nas ruas, a impudência, o descara-

mento disso tudo! Existem algumas coisas que, certamente, pertencem à vida privada, coisas que nunca foram destinadas à exibição pública. Todavia, cada vez mais se vêem essas coisas em público -lascívia, conduta desregrada e ultrajante! "para com avidez cometerem toda a impureza"! Impureza significa devassidão, falta de castidade, toda a imundície da vida, no sentido moral.

E tudo isso, diz ele, vem acompanhado pela avidez ou avareza, pelo espírito de cobiça e de extorsão. Realmente significa que o ego é tudo, que nada importa senão o ego. Tenho que obter o que eu quiser, e quanto mais eu tiver, melhor! Portanto, quero dinheiro, porque não se pode fazer esse tipo de coisa sem dinheiro. Tudo está centralizado no ego. Os homens gastam fortunas na gratificação das suas cobiças, e ao mesmo tempo manifestam o seu egoísmo e a sua avidez avara. Se resolvem dar-se a uma noite de prazeres e alguém que lhes é muito caro cai de cama, eles não deixam

que isso interfira; não permitem que nada interrompa o prazer. Avidez! Avareza! Sempre no interesse do ego, e tudo o que se levante entre mim e o prazer terá que ser posto de lado, terá que ser varrido do caminho! Aí está essa dureza, manifestando-se em avidez de avarento. O egoísmo de quem vive no pecado! Parece uma vida vigorosa e sadia, e a bonomia parece constituir a característica mais evidente. Mas, mergulhem fundo nisso, e verão que cada qual só se interessa por si mesmo; é tudo uma representação teatral; eles não são nem alegres nem brilhantes e felizes; fingem ter amor, porém não têm; o que têm é luxúria, e esta tem o seu preço. A coisa toda é feita em função do ego, do engrandecimento do ego e da gratificação do ego. O apóstolo está perfeitamente certo. Os homens se entregaram à cegueira dos seus corações e à dureza da sua consciência, e perderam todo o sentimento; entregaram-se à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza.

É dessa espécie de vida, diz Paulo aos crentes efésios, que eles foram salvos e emancipados. Não permita Deus que algum deles olhe com saudade para os que levam aquela vida! Paulo não diz, é claro, que cada membro individual da sociedade pagã era culpado de toda a gama de aspectos do mal, sempre e ao mesmo tempo. Absolutamento não! Contudo, está descrevendo a vida pagã de modo geral, vocês vêem. Apesar de vocês estarem chapinhando na beira do oceano, não se esqueçam de que estão no oceano, e que estão chapinhando no mesmo mar em que outros estão nadando e afundando. O ponto é que vocês não devem nem querer chapinhar entre eles! Essa é a vida deles. “Fora dela!” diz Paulo. Mantenham os pés enxutos e limpos, tratem de não ter nada a ver com ela, de não ter nada a ver com as obras

infrutuosas das trevas!

Irmãos cristãos, o mundo em que eu e vocês estamos vivendo hoje é o mundo que o apóstolo descreve nestes versículos 17,18 e 19 deste capítulo quatro da Epístola aos Efésios. Vocês nãn enxergam isso? Não conseguem vê-lo? Não vêem isso em toda parte ao redor de vocês? Não vêem nos seus jornais? Eu afirmo que não devemos somente evitá-lo de toda forma e maneira e em toda a sua aparência, mas devemos dar-nos conta de que, se o Espírito de Deus não vier sobre a Igreja com grande poder e não realizar obras extraordinárias, nós nos defrontaremos com essa realidade completamente desamparados. Nenhuma campanha organizada por homens jamais poderá tratar disso; jamais! poderá produzir resultados indivicuais, porém não poderá influenciar o mal como um todo. toda a história da Igreja dá eloqüente testemunho dsse fato, que nada senão um grande derramamento do Espírito de Deus sobre a igreja pode lidar com isso. Esse pode! Já o fez nos séculos passados! Graças a Deus, ainda pode fazê-lo! Se realmente captamos o que o apóstolo nos está dizendo aqui, provaremos isso orando incessantemente por avivamento.

O CRISTÃO E O NÃO CRISTÃO

"Mas vós não aprendestes assim a Cristo." - Efésios 4:20

Aqui chegamos a uma declaração dramática e pouco menos que abrupta. O apóstolo estivera descrevendo a espécie de vida vivida pelos "outros gentios", a espécie de vida que estes cristãos efésios mesmos costumavam viver - a vida que continuava sendo vivida por aqueles compatriotas e companheiros seus que não tinham crido no evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo. E, tendo concluído a descrição que fizera, de repente muda, e usa esta palavra *mas*. Agora, para obtermos a plena força disto, vejamos a declaração como um todo. "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza. *Mas* vós não aprendestes assim a Cristo"; e então Paulo continua dizendo: "se é que o tendes ouvido, e nele fostes ensinados, como está a verdade em Jesus".

Chegamos, pois, a esta declaração extraordinária, dramática, vivida e, como digo, pouco menos que abrupta, que o apóstolo faz aqui. E é óbvio que ele se expressa desta forma deliberadamente, com o fim de chamar a atenção para ela e chocá-los, e com o fim de assinalar o tremendo contraste que ele tem em mente. E, portanto, a ênfase tem que ser dada tanto ao *mas* como ao *vós*. "Mas vós" - *"vós* não aprendestes assim a Cristo"; o *vós* em contraste com aqueles outros gentios; e *ornas* ficando aí como uma grande palavra de contraste para assinalar esta antítese marcante. Então, que é que essas duas palavras sugerem?

Por certo, a primeira coisa que elas nos transmitem é uma sensação de alívio e um sentimento da gratidão. Começo com isto porque penso que é a coisa da qual devemos estar conscientes antes de tudo. Temos acompanhado a magistral análise feita pelo apóstolo, a sua dissecção psicológica da vida do incrédulo, do pagão, do homem que não é cristão, e vemos como tudo vai de mal a pior porque a sua mente é má. Ele se acha num estado de trevas, o coração foi afetado, e ele está separado de Deus. Também temos visto homens se entregarem, em

sua torpeza e lascívia, para praticarem com avidez toda sorte de iniqüidade e impureza. Estivemos vendo e observando tudo isso. E depois, Paulo diz: "Mas vós"! E logo dizemos: bem, graças a Deus, não estamos mais ali, essa não é a nossa situação! E é isso, repito, que deve vir em primeiro lugar; só temos que ter uma sensação de alívio e um sentimento de profunda gratidão a Deus por estarmos cobertos por est*emas,* por Paulo estar aqui passando do pecado para a salvação, e por termos experimentado a mudança da qual ele vai falar agora.

Saliento este ponto porque me parece que não existe melhor teste da nossa profissão cristã do que a nossa reação a estas palavras, "Mas vós". Se meramente mantivermos a verdade em nossas mentes em termos teóricos, isso não nos mudará em nada. Se examinamos a descrição do pecado meramente numa espécie de maneira desligada, científica, ou como faria o sociólogo; se anotamos grupos e categorias de pessoas, e o temos feito de maneira completamente desligada, então não teremos nenhuma sensação de alívio e nenhum sentimento de gratidão quando nos deparamos com essas palavras. No entanto, se compreendemos que tudo isso vale a nosso respeito; se compreendemos que estamos nas garras do pecado e sob o seu domínio; se compreendemos que ainda temos que lutar contra ele, então, digo eu, essas palavras nos dão imediatamente uma sensação de maravilhoso e esplêndido alívio. Esta não é toda a verdade, é claro; há mais que dizer. Mas ao respondermos a essas palavras, em nossos sentimentos, em nossas sensibilidades, como também com as nossas mentes, estamos proclamando se somos cristãos de verdade ou não. Lemos essas palavras em Paulo, e depois lemos os nossos jornais, e quando olhamos para o que está à nossa volta, dizemos: sim, é absolutamente certo e verdadeiro, essa é a vida neste mundo. E então, subitamente paramos e dizemos: ah, mas espere um minuto, há mais uma coisa! -há o cristão, há a Igreja Cristã, há esta nova humanidade que está em Cristo! Aquilo parece verdadeiro acerca de quase todos neste mundo, porém não o é, pois "agora neste tempo ficou um resto (ou "um remanescente", VA, ARA), segundo a eleição da graça"! (Romanos 11:5). Graças a Deus! No meio de toda a escuridão há um fiapo de luz. Nesse sentido, o cristianismo é um protesto; algo aconteceu, há um oásis no deserto. Ei-lo aqui; graças a Deus por isso! E, portanto, estou dizendo que nos testamos a nós mesmos segundo estas linhas. Aqui estivemos viajando neste ermo, neste deserto, e ele parece interminável. Parece não haver nada pelo que esperar. Subitamente o vemos-"Mas vós"! Afinal de contas há uma cabeça de ponte desde o céu neste mundo de pecado e vergonha! Mas vós! Alívio! Açao de graças! Um sentimento de esperança, afinal!

As palavras, "Mas vós", naturalmente, marcam também a entrada do evangelho. E devo confessar que fico cada vez mais comovido e encantado com a maneira pela qual este notável apóstolo sempre introduz o seu evangelho como o faz aqui. Vemo-lo fazer isso no versículo quatro do seu segundo capítulo. Ele sempre o faz dessa maneira. Lemos ali aquela terrível passagem nos três primeiros versículos, e então, repentinamente, havendo dito aquilo tudo, Paulo diz: "Mas Deus"! - e aí se introduz o seu evangelho. E ele está fazendo exatamente a mesma coisa aqui. Esta mas, vocês vêem, este contraste, esta disjunção, isto é o evangelho, e é algo completamente diferente, não tem nada a ver com este mundo e sua mentalidade e perspectiva; é algo que vem de cima, e que traz consigo uma esperança maravilhosa e magnífica.

O evangelho sempre vem como um contraste. Não é mera extensão de uma filosofia

humana, não é apenas como algo semelhante a um apêndice do livro da vida, nem apenas como um acréscimo a algo que os homens puderam desenvolver eles próprios. Não! É inteiramente oriundo de Deus, de cima, do céu; é sobrenatural, é miraculoso, é divino. É isso que penetra como luz no meio das trevas, do desamparo e do indescritível desespero. Mas é assim que ele vem; e, digo de novo, graças a Deus que é assim.

A situação com a qual nos defrontamos é esta. Estamos observando o mundo e vemos que tudo aquilo em que o homem já pôde pensar foi incapaz de enfrentá-lo. O movimento político está sabendo lidar com a situação moral? Está sabendo lidar com a situação internacional? A educação tem poderes para lidar com isso? Leiam os seus jornais, e vocês terão a sua resposta. Os desordeiros não pertencem somente à classe dos iletrados. Vejam as suas agências sócias, tudo aquilo em que o homem já pôde pensar. Como é que isso pode ter alguma possibilidade de lidar com uma situação como a que estivemos considerando nos versículos 17,18 e 19? Quando se está lidando com uma mente obscurecida, com um coração endurecido, com um princípio de lascívia a dominar os fatores mais poderosos do homem, todos opostos a Deus, todos vis e torpes, que valor têm uma pequena charla moral e um pequeno melhoramento? Que poder tem uma legislação qualquer? Não se pode mudar a natureza dos homens com a aprovação de leis do parlamento, com a dádiva de novas casas, nem com qualquer outra coisa que se faça em favor deles. Há só uma coisa que pode fazer frente à situação; e graças a Deus esta pode! "Não me envergonho do evangelho de Cristo", diz o grande apóstolo, quando antevê uma vista à cidade imperial de Roma, com toda a magnificência e grandeza desta, bem como com todo o seu pecado e torpeza. "Não me envergo-

nho do evangelho de Cristo", diz ele, e por esta razão: "é o poder de *Deus* para salvação". E porque é o poder de Deus, oferece esperança até aos homens e mulheres que se entregaram, que se abandonaram, para com avidez cometerem toda a impureza.

Tenho dito muitas vezes que não há nada tão cativante quanto a pregação do evangelho. Nunca se sabe o que vai acontecer. Tenho esta absoluta confiança em que, se o caráter mais vil e mais tenebroso desta cidade de Londres ouvisse hoje esta mensagem, mesmo que ele fosse o mais abandonado pobre infeliz na mais abjeta sarjeta, vejo uma esperança para ele, por causa do evangelho, deste *mas* que entra em cena, deste poder de Deus! O evangelho se introduz no meio do desespero e da desesperança; entra olhando a vida com olhos realistas. Não há nada, fora do evangelho, que tenha condições de poder ser realista; toda e qualquer outra coisa tem que procurar persuadir-se como numa espécie de auto-hipnotismo. Aqui está a única coisa que pode ver o homem como ele é, em suas péssimas e trevosas condições, em seu estado mais desesperado, e ainda dirigir-se a ele. Por quê? Porque o poder de *Deus* está nele. E este é o poder que pode fazer os homens de novo e amoldá-los de

novo à imagem do Senhor Jesus Cristo, como o apóstolo está prestes a dizer-nos. Isso é obra do Criador. Assim é que o evangelho entra dessa maneira, e as palavras *"Mas vós"* nos fazem lembrar a coisa toda.

Mais ainda, porém, e este é o ponto que, em particular, o apóstolo está acentuando aqui - estas duas palavras, *mas vós*, dão-nos de imediato uma perfeita e compreensiva descrição do cristão. Paulo descreve os "outros gentios"; agora está descrevendo o cristão. Que é que o apóstolo nos diz a respeito do cristão? Obviamente, em primeiro lugar, ele nos diz que o cristão é alguém que, por definição, foi separado e retirado daquele mundo mau. Os "outros gentios"? -aquele era seu modo de viver. "Mas vós"! Houve uma separação, o cristão foi tomado, foi tirado para fora daquela situação, e foi colocado noutra. Outrora ele era como os outros, porém não é mais. Está claro que tornar-se cristão é realizar a mudança mais profunda do mundo. É aí que, suponho, o maior inimigo da fé cristã é a moralidade. E é por isso que às vezes penso que Thomas Arnold, famoso nos círculos do futebol americano, foi talvez, de todos os homens do século recém--passado, o que fez maior dano. O seu ensino e o e ensino dos seus seguidores obliterou este ponto particular, esta mudança completa, esta transformação, esta mudança. Mas essa é a verdade acentuada em toda parte na Bíblia quanto à salvação pro vinda de Deus. Vocês vêem o salmista falando disso; ele fala de ter sido levantado e tirado do poço

horrível e do lamaçal, e de seus pés terem sido firmados sobre a rocha. Ele teve que ser puxado para fora do lodo, do poço horrível! do lamaçal! apanhado de lá, levantado e posto sobre uma rocha, enquanto que o seu modo de agir foi estabelecido num nível diferente (cf. Salmo 40:2, etc.). Ora, isso é cristianismo, e só quando a Igreja volta à compreensão disso é que haverá alguma esperança de avivamento.

Para estabelecer o ponto que estou elaborando, ouçamos Paulo, no início da Epístola aos Gálatas. Ele está dando graças a Deus por Sua graça maravilhosa no Senhor Jesus Cristo, e se expressa desta maneira: "O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau" (1:4). Foi por isso que Cristo morreu. O primeiro objetivo da Sua morte na cruz foi que Ele pudesse livrar o Seu povo do presente mundo mau; Ele os apanha e os puxa para fora do mundo mau. Ouçam de novo o apóstolo, quando escreve aos colossenses: "O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor"(l: 13). Quando você se toma cristão você muda de domínio, você pertence a um novo reino; você não está mais no reino de satanás, pertence ao reino de Deus e do Seu Cristo; você não está mais no reino das trevas, mas está no reino da luz. São essas as expressões de Paulo, e cada uma delas dá ênfase a esta mudança, a esta transformação. Você não é apenas melhorado um pouco onde está; nunca foi esse o dever do cristianismo; este nunca faz isso. Trata-se de algo novo. E por fim vai dar num novo céu e numa nova terra, onde habita a justiça. _

O dever do cristianismo não é melhorar o mundo. Não! É tirar homens do mundo, salvá-los dele, e formar este novo domínio, este novo reino, esta nova humanidade. Temos que apegar-nos a essa idéia. O que a Bíblia ensina não é uma espécie de cristianização do mundo. As pessoas têm que ser *tiradas dele,* separadas dele e transferidas para uma posição diferente. Pedro faz a seguinte colocação sobre isso no capítulo dois da sua Primeira Epístola: "Que vos chamou *das* trevas *para a* sua maravilhosa luz". O Senhor nos tira do Egito e nos coloca em Canaã! O que aconteceu na dispensação do Velho Testamento não foi um melhoramento das condições do *Egito-,* ao contrário, os israelitas foram tirados do Egito, impelidos para a sua jornada e levados para Canaã. Muito acertadamente Pedro vai adiante e se refere aos cristãos como "estrangeiros e peregrinos" (VA). "Amados", diz ele, "peço--vos como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupis-cências carnais que combatem contra a alma." Somos só forasteiros neste mundo, se somos cristãos. Paulo diz a mesma coisa em sua Epístola aos Filipenses, capítulo três: "A nossa cidade está nos céus" (VA: "A nossa cidadania está no céu"). Alguém traduziu: "Somos

uma colônia do céu", o que vem a ser a mesma coisa. Significa que a nossa comunidade política, por assim dizer, a nossa pátria, a nossa sede do governo, está *ali',* a nossa cidadania está no céu! Ainda estamos neste mundo, mas, se somos cristãos, não pertencemos a ele; não pertencemos à sua mentalidade, à sua perspectiva, à sua organização; somos estrangeiros e peregrinos, somos um povo que está longe de casa, somos pessoas que simplesmente vivem aqui com passaporte; não somos daqui. O nosso Senhor o disse claramente por nós em Sua grande oração sacerdotal; diz Ele: "Não são do mundo, como eu do mundo não sou".

Devemos ser claros sobre isso. Eu não estou dizendo que, em vista de tudo o que estive citando, o cristão não deve tomar parte na política e em nada que se lhe assemelhe. Não significa isso, de modo nenhum, porém significa, sim, que ele está inteiramente separado em seu ser, em sua essência e em sua perspectiva. Porque o cristão sabe que este continua sendo o mundo que finalmente Deus vai redimir, ele crê que o pecado e o mal têm que ser dominados. Segundo o seu conceito, a política e toda a cultura são negativas e simplesmente se destinam a manter o pecado e o mal dentro de limites, e impedir que as suas manifestações corram soltas. Mas o que o cristão faz, ele o faz na qualidade de estrangeiro, como quem pertence a outra esfera, mas que tem piedade desta; e assim ele dedica o seu tempo e as suas energias a um esforço para manter o mal dentro de limites. Ele não põe a sua fé em coisas terrenais, não acha que se pode introduzir uma nova Jerusalém mediante leis do parlamento, como tanta gente estulta pensava no início deste século. Ele não vê utilidade no evangelho "social", porque este sempre falhou e só tem que falhar sempre, pois se baseia na falácia de não compreender que o coração do homem está endurecido e que toda a sua perspectiva está obscurecida. De todos os ensinos, esse é o mais fátuo. Mas o cristão foi separado de todas as esperanças que tais. Ele

foi transferido do reino das trevas para o Reino do amado Filho de Deus.

Mas estas palavras de Paulo mostram uma outra coisa acerca do cristão e do seu caráter. Por causa da transferência ocorrido, a vida do cristão é para apresentar um completo contraste com aquela outra vida. "Mas vós; não aprendestes *assim* a Cristo." Paulo dá ênfase à palavra *assim.* Não foi *dessa maneira* que aprendestes a Cristo, diz o apóstolo. Não aprendestes a Cristo de modo tal que digais: bem, sim, eu creio em Cristo, mas continuo vivendo como antes. Impossível!-diz ele. Fora com a sugestão! De novo ele utiliza litotes, uma das suas figuras de linguagem favoritas. "Vós não aprendestes assim a Cristo" - isso é

negativo, não é? O que ele quer dizer é algo muito positivo. Litotes é uma figura de linguagem muito boa para empregar-se, se se deseja dar ênfase. Deixem-me dar-lhes outro exemplo conhecido disso. Vejam o que eu já citei, em Romanos 1:16, onde o apóstolo diz: "Não me envergonho do evangelho de Cristo". O que ele quer dizer é que ele está tremendamente ufanoso do evangelho, que ele tem absoluta confiança nele, e que se gloria nele. Mas o expressa por meio de uma negativa enfática, *não me envergonho.* Semelhantemente, ele diz aqui: "Vós *não* aprendestes *assim* a Cristo". Com o que ele quer dizer que a própria sugestão é completamente impossível; é inimaginável; a coisa é grotesca, diz ele, você não poderá retê-la nem por um momento, se entendeu realmente estas coisas. O apóstolo está ressaltando que a vida do cristão é para ser inteiramente diferente da dos "outros gentios". Cabe-lhe sugerir e apresentar o mais completo e extraordinário contraste com tudo o que aquele tipo de vida mundana apresenta. A vida do cristão não é para ser algo vago e indefinido, algo difícil de definir e difícil de reconhecer. De acordo com o ensino de Paulo, e com o ensino da Bíblia toda, a vida do cristão tem contornos nítidos, é óbvia - sobressai, é perfeitamente definida, e toda gente deveria ser capaz de reconhecê-la de relance.

Examinemos algumas das expressões utilizadas nas Escrituras para demonstrar justamente este ponto. Vejamos as palavras usadas pelo nosso Senhor. Diz ele que o cristão é "o sal da terra". Diz ele também que os cristãos são "a luz do mundo". Escrevendo aos filipenses, o apóstolo usa palavras semelhantes. No capítulo dois ele diz que eles "brilham como luzes no mundo" (VA). A figura é que o mundo todo está nas trevas, na escuridão absoluta, e estaria universalmente na escuridão, não fora o ocasional astro brilhando aqui e ali. Luzes no firmamento! O contraste entre os cristãos e os não cristãos é o contraste entre a luz e as trevas. Diz também Cristo que quando alguém acende uma candeia não a põe debaixo de um alqueire, mas num velador, para que ilumine a casa toda. Igualmente diz Ele que os Seus discípulos são como "uma cidade edificada sobre um monte", que, por isso, "não se pode esconder". Lá está ela para todos verem. Deve ser tão impossível esconder o cristão como impossível é esconder a cidade edificada sobre um monte. Toda a terminologia visa assinalar exatamente esses contrastes. A coisa toda é também

colocada, com grande perfeição, na passagem de 2 Coríntios, capítulo 6, onde Paulo escreve: "Que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?" Assim, o cristão é aquele que

sobressai na sociedade porque é cristão. Não significa que ele deva ser quadrado ou deleitar-se em ser esquisito ou mostrar-se excêntrico ou bobo, mas significa, sim, que quando lemos arespeito do nosso Senhor que Ele "não pôde esconder-se" (Marcos 7:24), isso é igualmente certo a respeito do cristão. Quando a pureza aparece no meio da impureza, não há necessidade de exagerar ou de mandar um trombeteiro na frente para anunciar a sua presença, como faziam o fariseus, como quando faziam os seu filactérios amplos. Não! A pureza faz ela própria a sua publicidade: o contraste se encarrega de tudo.

Pois bem, essa é a espécie de coisa que o apóstolo está calcando e inculcando aos efésios aqui. Ele diz a eles, noutras palavras: é inimaginável que vocês vivam como vivem os incrédulos; toda o seu viver e o seu comportamento, a sua conduta e o seu procedimento deveriam sugerir algo maravilhoso e estranhamente diferente. Estou salientando, vocês vêem, que não deveria ser difícil para as pessoas saberem que somos cristãos. Contudo, eu pergunto se é assim. Pergunto se às vezes elas não ficam surpresas quando lhes dizem que somos cristãos. Não seria esta uma das tragédias da época em que vivemos, que a linha de demarcação entre a Igreja e o mundo ficou tão obscura, tão mal definida e tão incerta? Sei que, indubitavelmente, há uma reação contra um falso puritanismo, e eu não estou aqui para defender nunhum falso puritanismo; não permita Deus que eu o faça! Vocês notam que o denominei *falso* puritanismo - mera moralidade que perdeu contato com a verdade.

Isso estava em grande evidência no fim da era vitoriana, e não permita Deus que tenhamos de volta aquela religião mecânica! Mas estou opinando que, em nossa reação, fomos longe demais para o outro extremo e obscurecemos algo que é absolutamente vital no Novo Testamento, a saber, esta linha de demarcação entre o mundo e a Igreja.

Houve época em que era costume o protestantismo criticar o catolicismo romano com base em que ele mistura os dois, e sem dúvida ele faz isso; porém, que lástima, o protestantismo o seguiu de perto e tem feito o mesmo! O cristão moderno parece pensar que está fazendo uma coisa maravilhosa quando se porta como o homem do mundo: ele tenta argumentar que esse é o jeito de conquistá-lo para Cristo. Mas não o está conquistando! O nosso Senhor podia misturar-Se com publicanos e pecadores, todavia nunca confundido com nenhum deles; Ele foi chamado amigo dos publicanos e pecadores, mas o contraste estava lá, mesmo na crítica. E o ponto é que o cristão verdadeiro, por causa do que lhe aconteceu, por causa desta regeneração, por causa

da

obra realizada pelo Espírito, porque ele foi criado de novo, é, necessariamente, um homem diferente, e deve mostrar que é diferente.

Mas vou adiante. Não só o cristão sabe que é diferente; o não cristão também sabe. De imediato o cristão e o não cristão ficam cientes de que há uma diferença entre eles. Têm consciência de uma falta de afinidade. Quero salientar isso, porque me parece que é um dos mais completos testes que sempre podemos aplicar a nós mesmos. Se não estivermos cônscios da falta de afinidade com as pessoas que ainda pertencem ao mundo, nem sequer poderemos ver que somos cristãos. Não quer dizer que não podemos compartilhar certas coisas com elas, que não podemos ser agradáveis, que não podemos passar horas com elas, por assim dizer. Mas de fato significa que estamos cientes de uma diferença, de uma barreira, de que pertencemos totalmente a diferentes domínios e a diferentes posições. Podemos manter relações sociais com não cristãos, porém o tempo todo estamos cônscios dessa differença, não nos sentimos bem naquela atmosfera. Pode ser que, por várias razões, tenhamos que estar com eles ocasionalmente, mas estamos cientes de que não pertencemos ao mundo deles. E eles também estão igualmente cientes do fato de que não pertencemos ao seu mundo. E é isso que é tão importante, que até o não cristão, o homem do mundo, espera que o cristão seja diferente.

Uma das maiores falácias que com respeito a isso encontrei foi uma que ocorreu durante a Primeira Guerra Mundial. Menciono o fato sem mencionar o homem que foi o maior responsável por ele; o indivíduo como tal não importa, pois não estamos interessados em personalidades, e sim em princípios. O que houve foi uma certa maneira de ver propagada por aquele homem particular, que argumentava deste modo: "Tomemos aqueles homens nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial; agora", dizia ele, "se havemos de influenciar aqueles homens em seu retomo à vida civil, temos de mostrar-lhes que realmente lhes pertencemos; assim o modo de fazer isso, o modo de conquistar homens para Cristo, é sentar-nos e fumar com eles, e usar a sua linguagem. Se eles amaldiçoam e praguejam, vamos amaldiçoar e praguejar também; estaremos fazendo isso com um bom objetivo, com boa intenção; nós nos confraternizaremos com eles, mostraremos a eles que, afinal de contas, todos somos do mesmo ramo, que nos pertencemos uns aos outros; e depois, se tão-somente fizermos isso com eles, eles virão aos magotes às nossas igrejas para ouvir". Mas, vocês sabem, eles não vieram! E graças a Deus que não! O homem do mundo, homem que ainda é pecador, espera que o cristão seja diferente, e não respeita muito o tipo de cristão que *não* é diferente!

Lemos os evangelhos e vemos que os casos mais desesperados chegaram ao Senhor Jesus Cristo. Por quê? Porque Ele *era* tão diferente! Não estou sugerindo que existe uma centelha de divindade na natureza humana decaída, porém estou sugerindo que

sempre há uma desesperança na vida de pecado, que de um modo ou de outro paga o seu tributo à pureza, à santidade e à vida semelhante à de Cristo. Quem leva aquela vida sabe que esta é diferente. E assim vocês verão muitas vezes nos romances e nas narrativas que quando certos homens brutais tentam caçoar de um cristão, talvez o maior dos valentões venha detê-los e dizer-lhes: vocês não devem fazer isso, ele é um bom sujeito. Aí está a diferença, e eu digo que ela é reconhecida por ambos os lados.

Todavia, quais são as coisas que nos diferenciam desse modo? Permitam-me dar-lhes a resposta de João Bunyan à minha pergunta. Estou dizendo que o cristão, por ser cristão, é completamente diferente do homem do mundo e que ele *e* o homem do mundo têm consciência disso. Deixemos João Bunyan dizê-lo em sua obra *O Peregrino* ("Pilgrim's Progress").

"Depois eu vi em meu sonho que quando saíram do deserto, logo viram uma cidade diante deles, e o nome daquela cidade é Vaidade"; (Paulo fala dos homens andando na vaidade das suas mentes!) - "e na cidade se realiza uma feira, chamada *Feira da Vaidade*; é mantida durante o ano inteiro; leva o nome de Feira da Vaidade porque a cidade onde ela se realiza é mais leviana que a vaidade; e também porque tudo o que ali se vende, ou que para ali vem, é vaidade; como diz o ditado do sábio "Tudo o que vem é vaidade".

"Essa feira não é um comércio recém-estabelecido; pelo contrário, é coisa antiga. Vou mostrar-lhes o seu original" (e então ele cita Eclesiastes 1:2 e certos versículos notáveis). "Há quase cinco mil anos havia peregrinos caminhando para a Cidade Celestial, como estas duas pessoas honestas estão fazendo, e Belzebu, Apoliom e Legião, com os seus companheiros, percebendo que o caminho dos peregrinos conduzia à Cidade Celeste, e que passava por esta Cidade da Vaidade, planejaram estabelecer uma feira ali, uma feira na qual se vendessem *todos os tipos de vaidade* e que deveria durar o ano todo. Portanto, nessa feira toda variedade de mercadoria é vendida, como casas, terras, negócios, lugares, honras, preferências, títulos, países, reinos, luxúria, prazeres e deleites de todos os tipos; como meretrizes, alcoviteiros, esposas, maridos, filhos, senhores, servos, vidas, sangue, corpos, almas, pérolas, pedras preciosas e não sei o que mais. E, além disso, nessa feira se pode ver a qualquer hora prestidigitações, trapaças, jogos, peças, loucos, bobos, velhacos, e vadios, e isso de todas as

espécies." (Marvalhosa literatura, não é? Mais maravilhosa ainda espiritualmente.) "Ali se exibem também, e de graça, roubos, assassinatos, adultérios, os que juram falsamente, e isso com cor de sangue.

"E, como noutras feiras menos momentosas, há diversas alas eruas, com seus nomes apropriados, onde se apregoam tais e tais artigos; assim, ali você tem igualmente os lugares, alas, ruas apropriados *(viz.* países e reinos), onde num instante se pode

encontrar os artigos dessa feira. Ali estão a Ala Inglesa, a Ala Francesa, a Ala Italiana, a Ala Espanhola, a Ala Alemã, onde várias espécies de vaidade estão para ser vendidas. No entanto, como noutras feiras uma certa mercadoria é a principal da feira, assim os artigos de Roma e o seu comércio têm grande promoção nesta feira; somente a nossa nação inglesa, com algumas outras, tomaram aversão por isso." (Isso foi, lembrem-se, há trezentos anos!)

"Agora, como eu disse, o caminho para a Cidade Celestial passa justamente por esta cidade em que se mantém a feira; e quem quisesse ir para a Cidade Celestial sem passar pela feira, teria que sair do mundo. O próprio Príncipe dos príncipes, quando esteve aqui, passou por essa cidade para ir para o Seu País, e isso num dia de feira também. Sim, e como penso, foi Belzebu, o maior senhor dessa feira, que o convidou a comprar das suas vaidades; sim, teria feito dele o Senhor da feira, se tão-somente o tivesse reverenciado quando passou pela cidade; sim, porque ele era Pessoa de tão alta Honra, Belzebu o levara de rua em rua, e lhe mostrara todos os reinos do mundo num breve momento, para que, se possível, engodasse aquele Ser bendito, levan-do-0 a regatear e comprar alguma das suas vaidades; mas ele não tinha em mente negociar e, portanto, saiu da cidade, gastando menos que um tostão com aquelas vaidades. Essa feira é, pois, antiga, de longa duração, e é uma feira muito grande.

"Ora, estes peregrinos, como eu disse, têm que passar por essa feira. Bem, foi o que fizeram; porém, eis que mal entraram na feira, todos os que estavam lá se agitaram, e a própria cidade ficou, por assim dizer, em alvoroço, e isso por várias razões; pois -

"*Primeiro*, Os peregrinos vestiam roupas muito diferentes dos que negociavam na feira. Por isso o povo que estava na feira fixou os olhos neles. Alguns diziam que eles eram tolos; outros, que eram loucos; e ainda outros diziam que eles eram estrangeiros.

"Segundo, E assim como se espantavam com o vestuário deles, igualmente se espantavam com o seu linguajar, pois poucos podiam entender o que eles diziam. Naturalmente, eles falavam a língua de Canaã, mas os que mantinham a feira eram homens deste mundo; desse modo, de uma ponta da feira à outra, eles pareciam bárbaros, uns aos outros.

"Terceiro, Mas o que não divertiu nem um pouco os negociantes foi que aqueles peregrinos pouco se demoravam diante das suas mercadorias; limitavam-se a olhar para elas; e se eram convidados a comprar, punham os dedos nos ouvidos e gritavam: "Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade" (Salmo 119:37); e olhavam para cima, querendo dizer com isso que o seu comércio e os seus negócios estavam no céu".

Notem as três razões de Bunyan. Eu acredito que elas são tão verdadeiras e válidas hoje como sempre foram! Mesmo na questão de trajes e aparência, o cristão é

cuidadoso. Ele não se deixa governar pela Feira da Vaidade, com todas as suas atrações sensuais, todas as suas incitações para o mal e toda a excitação das paixões. O cristão é cuidadoso e modesto no vestir. E igualmente no falar: não somente nas coisas de que fala, porém também na maneira como fala delas. E terceiro, o cristão não se interessa pelas vaidades e bugigangas que continuam sendo vendidas na Feira da Vaidade. Ele se interessa pela mercadoria do céu. O seu tesouro e o seu coração estão no céu. "Mas vós não aprendestes assim a Cristo!" Graças a Deus pelo evangelho da salvação, que nos livra das incitações da Feira da Vaidade!

O CONHECIMENTO DA VERDADE

"Mas vós não aprendestes assim a Cristo, se é que o tendes ouvido, e nele fostes ensinados, como está a verdade em Jesus. "

- Efésios 4:20-21

O apóstolo Paulo nos estivera recordando que para tornar-se cristão significa que experimentar a mais profunda operação que ocorre em todo o universo. Ser cristão significa que nascemos de novo, nascemos do Espírito, nascemos de cima; que somos participantes da natureza divina; que somos uma nova criação. Essa é essencialmente a definição que o Novo Testamento dá do que o cristão é realmente. Mas o que é que fez acontecer isso, o que é que explica esse tremendo contraste, essa mudança essencial? Nos versículos 20 e 21 do nosso capítulo o próprio apóstolo responde a pergunta. Primeiramente, no versículo vinte ele o coloca, por assim dizer, como um todo, com as palavras "*aprendestes... a Cristo*" - "Mas vós não aprendestes assim a Cristo." E depois, no versículo vinte e um, ele analisa aquela expressão e a coloca em detalhe, para que não haja dúvida ou questão alguma acerca do seu significado. E uma espécie de parêntese. "Mas vós não aprendestes assim a Cristo " - travessão - "supondo que o ouvistes, e que fostes ensinados por ele, como a verdade está em Jesus." Pois bem, este versículo 21, repito, é realmente uma exposição do versículo 20. O apóstolo gosta de adotar este método particular; ele expõe a matéria como um todo, depois a divide para nós, a fim de podermos ver bem claro em nossas mentes o que ele está dizendo. Sigamo-lo agora e examinemos as expressões propriamente ditas que ele emprega.

Em primeiro lugar, o apóstolo diz aos cristãos efésios que eles tinham *aprendido a Cristo.* Que é que ele quer dizer com isso? Ambos os termos são importantes. Este *aprender a Cristo* é sempre a chave da vida cristã. Noutras palavras, o cristianismo não é uma vaga, indefinida e nebulosa espécie de sentimento ou de experiência; é manifestamente algo que se pode definir e descrever; é primordialmente matéria de conhecimento. Eisso, obviamente, que transparece aqui. Paulo diz aos crentes: vocês não estão mais lá, no mundo de

pecado; estão aqui, no reino de Deus. Entretanto, por quê? Por causa daquela maravilhosa experiência que você teve? Não é isso que ele diz! Ele diz que é porque você *aprendeu a Cristo.* O cristianismo é primária e essencialmente matéria de conhecimento; é o conhecimento ao qual aquelas pessoas tinham chegado. Ele se vê forçado a expressar-se assim, num sentido, porque, como já vimos, o real problema com os incrédulos é que as suas mentes estão obscurecidas. Vocês recordam como Paulo ficou dando ênfase a esse fato . O problema essêncial deles estava nas suas mentes, no seu entendimento. Obviamente, pois, o cristão é alguém que, em primeiro lugar, recebeu algo na esfera do entendimento .*Aprendestes a Cristo*! Este é um ponto

tremendamente importante, porque estamos vivendo numa época que não gosta desta ênfase. Toda a dificuldade atual, na Igreja e no mundo, é que a este elemento não é dada a prioridade devida, e as pessoas estão dizendo: ah, bom, contanto que a pessoa ame a Cristo e ame a Deus... Sempre a colocação é feita em termos de sentimento, ao passo que no Novo Testamento a ênfase toda é sempre ao *conhecimento*; ao *aprender* e ao *entender*.

Portanto, devemos considerar o que Paulo quer dizer com esta expressão, "vós não *aprendestes* assim *a Cristo*". Anteriormente, o entendimento dos efésios estava obscurecido; eles estavam separados da vida de Deus por causa da ignorância que havia neles; e ligada a isso, havia a dureza dos seus corações. Mas agora, diz o apóstolo a eles, tudo aquilo foi superado e vocês têm conhecimento do Senhor Jesus Cristo. Com freqüência ele usa precisamente essa frase; por exemplo, no capítulo dois da sua Primeira Epístola a Timóteo, ele escreve o seguinte: "Deus quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade". "Vir ao conhecimento da verdade" é como ele define o ser salvo. Portanto, o cristão é, por definição, alguém cujos olhos foram abertos, enquanto que o incrédulo continua cego, pela ação do deus deste mundo. Então, que é que ele pode ver agora? Primeiro e acima de tudo, ele vem a estar ciente do seu próprio estado e condição. E essa é, obviamente, a primeira coisa que tem que acontecer com qualquer homem que se torna cristão. Até então ele esteve levando uma vida mundana, seguindo a multidão, fazendo o que toda gente faz, tentando persuadir-se de que a vida é maravilhosa. Ele pode ter lido a Bíblia ocasionalmente, ou pode ter ficado doente e outros podem ter-lhe falado sobre coisas cristãs; porém elas não significam nada para ele, elas o irritam e o aborrecem, e ele não vê nada nelas. Ora, a primeira coisa que acontece com alguém assim é que ele começa a examinar a situação, os seus olhos se abrem e ele começa a enxergar o seu estado e as suas condições, e as condições do mundo e

da sociedade em que ele se acha. Ele começa a fazer perguntas e a dizer a si proprio: esta vida terrena vai continuar para sempre? Vai durar? Qual será o seu valor real? Ele nunca tinha pensado nisso antes. Se antes ele se sentia um pouco infeliz, mergulhava em mais prazeres; se lhe vinham problemas, dava-lhes as costas e porcurava afogá-los. Todavia, de repente ele se vê agora encarando essas coisas e fazendo certas perguntas - que é que um homem faz consigo mesmo quando perde a saúde ou perde o seu dinheiro? Que faz ele quando perde um ente querido, e lhe sobrevêm o luto e a tristeza? Que é que acontece com o homem quando está no leito de morte? Para onde ele vai? Que é que se estende além? Ele começa a ponderar todas estas coisas. Os seus olhos estão abertos, e ele vê a total loucura e futilidade da sua antiga posição. Diz ele: isto é loucura; não estou sendo capaz de pensar, não estou encarando os fatos, não estou encarando a vida, estou agindo com base em suposições, não estou encarando os grandes e eternos valores. Ele começa a olhar para eles e a examiná-los. E, é claro, ele se vê numa condição desesperada e perigosa.

Logo depois ele começa a pensar em sua relação com Deus. Ele se dá conta de algo acerca do ser, da natureza e do caráter de Deus! Ele enxerga também a sua condição de completa desesperança e desamparo. E a seguir ele começa a ver o significado do evangelho; está *aprendendo a Cristo.* Começa a ver que Cristo é o Messias, o Libertador, Aquele que veio ao mundo com o fim de lidar com pessoas na Feira da Vaidade e tirá-las da vaidade das suas mentes na qual andavam, e colocá-las no Seu reino e introduzi-las neste outro domínio. *Aprender a Cristo* significa tudo isso.

Ou ainda podemos expressá-lo assim: o apóstolo Pedro, no capítulo três da sua Primeira Epístola, tem uma frase similar; diz ele: "estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós" (versículo 15). Mas o único homem que pode dar a razão da esperança que nele há é o que entende por que ele tem essa esperança. Não se dá a razão disso dizendo meramente: você sabe, eu era muito infeliz, porém agora sou feliz. Isso não explica nada, porque alguém poderá dizer-lhe: "Ah bom, claro, você diz isso, e diz que é porque você é cristão, mas ontem eu estava conversando com um cientista cristão que nega grande parte do que você crê, e ele disse a mesma coisa; e um pouco adiante encontrei outro que não era nem uma coisa nem outra, que não tinha nenhuma dessas crenças - era na verdade alguém que tinha algo de psicólogo -e ele disse que tinha encontrado essa libertação maravilhosa por meio daquilo que ele denominou *pensamento positivol"* Você não dá a razão da esperança que há em você dizendo apenas que se

sente melhor do que antes. Absolutamente não! Antes de você poder dar a razão você terá que ser capaz de dar explicações, terá que ter entendimento; e isso significa *conhecimento,* significa que você só pôde ter *aprendido* algo. E é por isso que o apóstolo diz aos cristãos: "Vós... *aprendestes* assim *a Cristo".* Não é nada menos do que este maravilhoso conhecimento de Cristo e concernente a Ele. Ora, é isso que nos torna cristãos, afinal. Se não conhecemos o que cremos, como podemos ser cristãos de acordo com a definição, "Vós não *aprendestes* assim *a Cristo*"? Esta, diz o apóstolo a estes efésios, é a coisa estupenda que aconteceu com vocês, que, enquanto que outrora vocês estavam em densas trevas, com corações obstinados, endurecidos, quando nada da verdade divina conseguia tocar vocês ou penetrar, agora a situação toda mudou inteiramente; vocês receberam o conhecimento e o aprendizado, e os seus corações foram abrandados; vocês agora têm corações de carne que podem sentir e ser mudados.

Então, como foi que isso tudo aconteceu? Há somente uma explicação - que isso é obra do Espírito Santo. Nada mais, ninguém mais pode fazer isso, senão o Espírito Santo. É a Sua obra especial, é a Sua obra peculiar. Ele é o único que pode remover o véu do coração. A perferita exposição disto está, naturalmente, em 1 Coríntios, capítulo 2, onde o apóstolo explica que os príncipes deste mundo não conhecem o propósito de Deus no Senhor Jesus Cristo, pois, diz ele, se O conhecessem, "não

teriam crucificado ao Senhor da glória... Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus". "Mas nós não recebemos", diz ele no versículo doze do mesmo capítulo, "o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos *conhecer* o que nos é dado gratuitamente por Deus." Esta obra é, necessariamente, a obra realizada pelo Espírito Santo. Tudo o que o apóstolo estivera dizendo sobre a vida pecaminosa, má e ímpia faz disso uma necessidade absoluta. Ninguém senão o Espírito Santo, pode iluminar as trevas, abrandar o coração e capacitar a verdade a penetrar, segurar e dominar um homem ou uma mulher.

O apóstolo João faz duas declarações maravilhosas sobre isso no capítulo dois da sua Primeira Epístola. Diz ele: "Mas vós tendes a unção que vem do Santo, e conheceis todas as coisas" (VA). Aí está o velho apóstolo no fim da vida escrevendo a cristãos novos. Estes eram pessoas muito comuns, na maioria provavelmente escravos, e ele vai morrer e vai deixá-los, porém ele sabe que há muitos anticristos, falsos mestres, cercando-os e propagando as suas doutrinas perniciosas. Como ele os conforta? Bem, diz ele, este é o único conforto: "Vós tendes a unção que vem do Santo, e conheceis todas as coisas". Mais

adiante ele diz: "E a unção que vós recebestes dele, fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina todas as coisas, e é verdadeira, e não é mentira, como ela vos ensinou, assim nele permaneceis".

Esta verdade é a coisa mais gloriosa que podemos compreender juntos. Não é primariamente a capacidade natural do homem que importa. Não é preciso menosprezar isso, todavia tornar-se cristão não depende da capacidade natural e do entendimento natural da pessoa. Graças a Deus por isso! Se fosse questão de aceitar ou entender um ensino filosófico, que salvação desigual seria! As pessoas mais dotadas de cérebro e entendimento, com lazer para a leitura e com preparo acadêmico, estariam numa posição inteiramente vantajosa, e haveria bem pouca esperança para a ocupada dona de casa ou para o homem destituído de capacidade natural e que nunca recebeu nenhum ensino, nem instrução ou educação. Graças a Deus, não é esse o método usado por Ele para salvar pessoas! Seria completamente parcial e injusto, não seria um modo equitativo de tratar da situação. No entanto, o método de Deus é muito diferente. Nenhum homem, seja qual for o seu entendimento, pode realmente aceitar, crer e captar esta verdade por si mesmo. Por outro lado, o Espírito Santo de Deus pode dar entendimento a qualquer pessoa! Não importa quão ignorante e iletrada a pessoa seja. Ele pode dar-lhe este discernimento, este ungir, esta unção, que abre o entendimente e a mente. A história da Igreja está cheia desse tipo de coisa. Ela mostra como alguns dos mais simples, mais iletrados tiveram um conhecimento da verdade que faltou a alguns dos cérebros mais grandiosos. Não somente isso, por vezes deu-se o caso de que uma pessoa

simples, iletrada, pôde levar um grande cérebro ao conhecimento da verdade, graças à unção do Espírito!

É isso, pois, que se quer dizer com *aprendera Cristo,* e chegar a este maravilhoso e bendito conhecimento. É o que explica a mudança desses cristãos efésios da posição antiga para a nova. E é uma coisa que se vê através de todas as Escrituras. Vejam o caso de Lídia, a primeira pessoa, em certo sentido, a ser convertida no continente europeu. Vocês se lembram do que nos é dito sobre ela em Atos 16:14. Paulo se juntara a uma reunião de oração de mulheres em Filipos numa tarde de sábado. Ele se assentara e lhes pregara, anunciando-lhes a palavra do Senhor; e então se nos fala desta mulher, Lídia, vendedora de púrpura oriunda da cidade de Tiatira, e que "o Senhor lhe abriu o coração para que *estivesse atenta* ao que Paulo dizia". - *Estivesse atentai* Se o Senhor não lhe abrisse o coração, ela não estaria atenta. Muitos ouvem a Palavra, porém não ficam atentos a ela; isso nada

significa; ela salta por cima deles por causa da dureza dos seus corações. Mas sobre Lídia lemos: "o Senhor lhe abriu o coração"; foi o abrandamento, a preparação; e, uma vez aberto o coração, ela esteve atenta às coisas que Paulo dizia, e assim ela foi salva e se tornou cristã. É sempre a obra do Espírito Santo.

Examinemos, também, a outra expressão presente no versículo. "Mas vós não aprendestes assim a *Cristo*." Por que o apóstolo se expressa dessa maneira? Ele o faz deliberadamente, com o fim de persuadir-nos uma vez por todas que o conhecimento obtido pelo homem que se tornou cristão é, na verdade, um conhecimento de Cristo. Permitam-me expressá-lo negativamente. Por que será que este homem, que outrora andava na vaidade da sua mente e que, havendo perdido o sentimento, se entregara à dissolução para com avidez cometer toda a impureza - por que será que ele parou de viver daquela maneira, por que será que agora é um santo na igreja? Que conhecimento chegou a ele? Certamente não é um mero conhecimento de moralidade e de ética. Tomem qualquer das frases que se acham na tremenda lista do apóstolo no capítulo seis da Primeira Epístola aos Coríntios - "Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus. E é o que alguns [1] têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito de nosso Deus". Lá estavam eles, muitos dos pagãos coríntios, como também dos efésios - esse era o tipo de vida que estiveram vivendo; culpados dessas coisas feias, torpes, bestiais; mas não as estão praticando mais. Por quê? Porque tinham aprendido algo. Que é que tinham aprendido? Moralidade e ética? Nunca! O ensino de moralidade e ética apenas, nunca foi capaz de mudar gente como aquela. E é por isso que esta verdade tem que ser salientada com todo o poder de que se disponha e com todo o poder do Espírito Santo. Por que foi que

aquele bêbedo deixou de beber? Foi porque os preletores da temperança o convenceram dos maus efeitos do álcool? Que idéia absurda! O simples conhecimento das conseqüências do pecado nunca foi capaz de impedir que os homens pecassem. Os próprios homens que sabem tudo a respeito disso, às vezes são mais culpados dessas coisas, porque o seu desejo é mais forte que o seu saber

e a sua cultura! Não, isso não é matéria de moralidade, não é conhecimento da ética: a Cristo foi que eles aprenderam.

Mas vamos fazer a seguinte colocação: o que aquelas pessoas aprenderam não foi única e meramente que os seus pecados foram perdoados. Esse é um conhecimento maravilhoso, não é? Por outro lado, se o evangelho apenas informasse os homens de que os seus pecados foram perdoados na morte de Cristo, não os libertaria das coisas horríveis que tinham mantido cativos aqueles efésios. Eles provavelmente diraim: então, não importa quanto pequemos, tudo será perdoado - o amor de Cristo é tão grande e maravilhoso! - mesmo que continuemos a pecar, tudo será apagado. Não existe nada mais enganoso que o ensino que afirma que o evangelho não é mais do que um anúncio do perdão dos pecados. Graças a Deus, *é* um anúncio do perdão dos pecados! - mas não é *somente* isso! Essa é toda a argumentação do apóstolo aqui. "Não aprendestes *assim* a Cristo", não como se dissesse: "E isso, o evangelho é uma espécie de apólice de seguro, posso fazer o que quiser, estou protegido". Não, diz o apóstolo, "Vós não aprendestes assim a Cristo".

Devo acrescentar ainda outra negativa, e com igual ênfase. A aprendizagem dada aos crentes não é meramente sobre doutrina e teologia, de modo puramente intelectual e teórico. Tal aprendizagem de nada vale; de fato, pode ser uma maldição para nós. Lembro-me de um homem que, estando sob a influência da bebida, discutiu comigo a doutrina da expiação. A teologia era o seu grande interesse, a paixão da sua vida; ele era um grande estudante da Bíblia. Mas isso não fez dele um cristão. Não é isso que se quer dizer com *"aprendestes a Cristo"* \ Não me entendam mal neste ponto. Este conhecimento, esta instrução na doutrina e na teologia, não é somente importante, é essencial. Homem nenhum pode ser cristão sem doutrina; doutro modo, não sabe o que crê; porém você pode tê-la em sua mente, pode tê-la em teoria, mas, como tal, ela não terá nenhum valor para você; ela está fora de você, não lhe tocou, não se apossou da sua vida, não o mudou, não o tornou mais e mais amoldável ao modelo e exemplo do Senhor Jesus Cristo. Portanto, não diz o apóstolo que os cristãos efésios tinham aprendido apenas a teoria e a doutrina; não tinham chegado apenas a um conhecimento acadêmico destas grandes verdades intelectuais.

Jamais conseguiremos repetir isso demasiadas vezes; o mero conhecimento da doutrina, que não leva a uma nova vida, é do diabo. O diabo, como anjo de luz, está muito disposto a interessar pessoas na doutrina, se isso significar que as suas vidas não serão afetadas. Se ele souber que elas vão tornar-se insensíveis, duras e

intolerantes, daquela

maneira as encorajará a ler e a estudar doutrina e teologia. Assim, não é so isso! O apóstolo o expressa com toda a clareza: "Vós não aprendestes assim a *Cristo*", ao próprio CRISTO! Um conhecimento, um conhecimento pessoal do Salvador, é o fim e o objetivo de toda doutrina. E, se o crescente conhecimento da doutrina não nos leva ao crescente conhecimento da bendita Pessoa, há algo radicalmente errado. E se não tem um correspondente efeito sobre a nossa conduta e o nosso comportamento, igualmente há algo radicalmente errado. O conhecimento essencial é conhecimento do próprio Cristo como o Salvador, como o Libertador, como o Messias, como Aquele que veio a este mundo para destruir as obras do diabo, para redimir-nos de toda iniqüidade, e para separar-nos para Si, um povo peculiar, zeloso de boas obras. Noutras palavras, pelo uso da abrangente expressão aqui, o apóstolo quer dizer tudo o que é verdade a respeito do Senhor Jesus Cristo e também de tudo o que Ele faz. É isso que ele quer dizer com *aprender a Cristo,*

Mas Paulo subdivide a matéria. E aqui ele a introduz, como já assinalei, com a curiosa expressão, "se é que". Devemos ter claro entendimento do sentido aqui. Ele não quer dizer que não tem certeza sober eles e sobre o conhecimento deles. Ele já dissera no capítulo primeiro que eles o tinham. Com "se é que" ele quer dizer,*presumindo que.* Ele está dizendo: *"Na pressuposição de que* vocês realmente O ouviram e foram ensinados por Ele, como está a verdade em Jesus". Contudo, ele quer deixar isso bem claro, pelo que o divide para nós.

A melhor maneira de abordá-lo é começando com o que ele coloca no fim. Significa que temos um conhecimento da "verdade como está em Jesus". Significa, em segundo lugar, que realmente ouvimos essa verdade e O ouvimos. E, em terceiro lugar, significa que realmente fomos ensinados por Ele. Vejamos agora estes pontos nessa ordem.

A primeira coisa é que temos esse conhecimento da *verdade como está em Jesus.* O apóstolo introduz aqui uma mudança muito interessante. Primeiramente ele diz: "Vós não aprendestes assim a *Cristo*"; agora ele fala sobre "a verdade como está em *Jesus".* Por que não *Cristo* de novo? Por *que Jesus!* Por que diz ele *Cristo* no versículo 20, e *Jesus* no versículo 21? Há nessa diferença uma verdade muito profunda que ignoramos ou negligenciamos, com grande risco para nós. Ela ilustra o que eu diria que é uma particularidade do evangelho. Paulo está realmente dizendo que não devemos pensar na salvação em termos frouxos, vagos; não devemos falar de um grande Cristo cósmico, que exerce influência sobre os homens deste mundo; não devemos apegar-nos à salvação meramente como uma idéia e como

um conceito e como um pensamento. Absolutamente não! Diz o apóstolo que devemos pensar nela inteiramente em termos de *Jesus.* Ora, este apóstolo, mais do que qualquer outro homem, gostava de usar a expressão completa, *o Senhor Jesus*

Cristo, mas aqui ele diz, "como está a verdade em *Jesus"*. E por esta boa razão, que o cristão não é salvo por uma filosofia da redenção; é salvo por aquela Pessoa histórica, Jesus de Nazaré, o Filho de Deus!

Aqui está um perigo muito real e muito grande. Uma coisa é apegar-se à noção de perdão, à noção de renovação, à noção de uma vida divina. Você pode apegar-se a tudo isso sem o Senhor Jesus Cristo! Mas o apóstolo não vai deixar-nos fazer isso. Diz ele: este conhecimento de Cristo é a verdade como está em *Jesus*.
Noutras palavras, você está ligado ao Novo Testamento, você está ligado aos quatro Evangelhos. E por isso que eles foram dados. Houve pregação cristã e pessoas que se tornaram cristãs antes que tivéssemos os quatro Evangelhos e antes que o restante do Novo Testamento fosse escrito e entrasse em circulação; então, por que foram escritos? A resposta é que o diabo entrou imediatamente em ação e tentou transformar estes grandes fatos em meras idéias e em meras teorias, e com isso o significado deles foi esvaziado. Por isso o apóstolo diz que o conhecimento de Cristo é a verdade que está em JESUS, "como está em JESUS". E desse modo somos postos face a face com esta verdade sumamente profunda acerca do cristianismo, que é a fé que diz respeito à história. E dessa forma ele difere das religiões do mundo.

Todas as religiões - o budismo, o hinduísmo, o confucionismo, e as demais - estão edificadas sobre ensinos e idéias. Elas dizem que, se você os aceitar e os seguir e os puser em prática, você terá ajuda, a sua vida será modificada, e assim por diante. Isso não é cristianismo, de maneira nenhuma! O cristianismo é o anúncio de certos fatos e eventos que aconteceram na história. Ele nos diz que a nossa salvação se baseia neles; que na plenitude do tempo Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei - o histórico Jesus de Nazaré. Ele é essencial! Não é a aplicação que eu faço do Seu ensino que me salva; é ELE que me salva. Assim, estou ligado à verdade *como esta é em JESUS*.

O apóstolo quer dizer várias coisas, quando usa esta expressão. Num sentido, a mais importante delas é que a verdade est*ásomente* em Jesus, e em nenhum outro lugar. Ao usar estas palavras, Paulo está somente repetindo um tema favorito dele. Por exemplo, escrevendo aos colossenses ele diz: "Quero que saibais quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram

o meu rosto em carne; para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus, Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (2:1-3). É em Cristo Jesus que estão escondidos *todos* os tesouros da sabedoria e do conhecimento. Toda a verdade está em Jesus, e não há verdade que não esteja ligada a Ele, pois todas as coisas estão nEle e unicamente Ele *é* a verdade.

Todos os apóstolos ensinavam isso. Lemos no capítulo quatro do livro de Atos como

Pedro e João foram submetidos a julgamento pelas autoridades porque tinham curado um coxo à Porta Formosa do templo. Foram julgados por isso e também porque estavam pregando "este Jesus". Vocês se lembram da resposta dada por Pedro: "Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (versículos 11 e 12). Não há verdade que não esteja ligada à verdade que está em Jesus. E Ele mesmo o disse, uma vez por todas. Vocês o verão no Evangelho Segundo João, capítulo 14, versículo 6: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim". É exatamente isso que o apóstolo está dizendo neste versículo. Vocês são o que são, diz ele, porque aprenderam a Cristo, porque chegaram ao conhecimento da verdade que está em Jesus. Não permita Deus, digo eu de novo, que alguma vez separemos a nossa doutrina da Sua Pessoa! Não permita Deus que nos tornemos acadêmicos, teóricos e desligados, e que esqueçamos por um segundo que a salvação veio numa Pessoa, nesta Pessoa particular, Jesus, em quem Deus acumulou todos os tesouros da Sua sabedoria e do Seu conhecimento.

É isso que faz de um homem um cristão; é isso que liberta o homem e muda completamente a sua condição, e o tira do mundo e da sua vaidade mental, coloca-o na Igreja Cristã e faz dele um filho de Deus e herdeiro da glória e da bem-aventurança eterna.

Você, amigo, *aprendeu a Cristo*? Você *sabe em quem* você tem crido? Você O conhece? E, em acréscimo, você *sabeoque* crê? Você pode dar a razão da esperança que há em você? O homem que aprendeu a Cristo pode fazê-lo; ele O conhece e conhece a verdade como está em Jesus.

[1]

VA: "alguns de vós". Grego: "alguns fostes" (implícita a expressão "de vós"). Nota do tradutor.

OUVINDO A CRISTO E APRENDENDO A CRISTO

"Mas vós não aprendestes assim a Cristo, se é que o tendes ouvido, e nelefostes ensinados, como está a verdade em Jesus. "

- Efésios 4:20-21

Voltamos uma vez mais a estas notáveis e dramáticas palavras endereçadas pelo apóstolo aos efésios que outrora tinham sido pagãos mas que agora tinham se tornado cristãos. O ensino de Paulo é que o evangelho prega a santidade; prega o viver cristão contrariamente ao viver pagão e pecaminoso que ainda caracteriza a vida do mundo. Se vocês O ouviram, diz ele, se vocês foram ensinados por Ele, como a verdade está em Jesus, vocês simplesmente não podem continuar no pecado. Obviamente, pois, da mesma maneira como é errado e completamente antibíblico, não há nada que seja mais ridículo do que dizer que você pode ser justificado sem ser santificado, que pode receber uma dessas bênçãos sem a outra, que você simplesmente crê em Cristo e está salvo e então, mais tarde, vai a certas reuniões para poder aprender algo sobre a santidade e a santificação. Isso está patentemente errado. Se você tem *algum* conhecimento dEle, isso terá que levá-lo à santidade. É por isso que, pessoalmente, eu nunca pude entender como se pode ter *Movimentos* pró-evangelização, *Movimentos* pró-santidade, *Movimentos* acerca da Segunda Vinda, *Movimentos* sobre a temperança, e várias outras coisas. E um erro total e uma falsa divisão das Escrituras, é pura manifestação de pensamento confuso. Tudo no evangelho leva à santidade. De modo que, em nenhum estágio da vida cristã podemos dizer: ah, sim, ainda não ficamos interessados em santidade; isso virá depois - como se estas coisas fossem departamentos especiais com ligação apenas muito branda entre elas. Paulo afirma que, se "aprendemos assim a Cristo", não temos a menor possibilidade de continuar vivendo como antes vivíamos. Sigamo-lo, então, no desenvolvimento disto.

O que é de grande valor, afirma Paulo, é este conhecimento da verdade que está em Jesus. Como vimos, isto significa, primeiramente, conhecimento da pessoa histórica de Jesus de Nazaré, e que é

preciso que a nossa fé esteja solidamente baseada nEle. Não devemos ter vagas e filosóficas idéias da salvação; estas devem decorrer todas de Jesus, desta Pessoa que tem a ver com a história. O velho Credo está perfeitamente correto: "nasceu da virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado". Apeguemo-nos à história! Uma vez que tenhamos perdido a história, perdemos tudo. Por isso a tendência moderna da teologia do continente europeu é tão perigosa (está vindo para o nosso país, e de fato já chegou). Diz ela que os fatos não importam; apegamo-nos à mensagem, à verdade. Esta pretensamente *nova* abordagem da Bíblia diz-nos que podemos apegar-nos à Alta Crítica e rejeitar todos os milagres e todos

os fatos que não se ajustam à ciência moderna, e ainda continuar apegados à "verdade que está em Jesus". Isso, certamente, é do diabo, porque esta verdade está toda em Jesus, esta pessoa histórica, e nEle somente.

O evangelho é exclusivo, e todo aquele que faz objeção ao caráter exclusivo do evangelho, também o está negando. "Debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos." Ele mesmo disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim". Não estamos interessados num Congresso Mundial de Crenças. O cristianismo não precisa de ajuda, não precisa de acréscimo, *tudo* está em Jesus, e fora dEle não existe coisa nenhuma em parte alguma. Está exclusivamente nEle, em Jesus, esta Pessoa presente na história.

Ao mesmo tempo, porém, devemos estar bem certos de que aceitamos a verdade acerca de Jesus como é. Não somente é certo dizer que toda a verdade está nEle; temos que aceitar toda a verdade como ela está nEle. Quero dizer com isso exatamente a mesma coisa que João menciona com freqüência em sua Primeira Epístola. Nos primeiros dias da Igreja, antes mesmo do término da formação do cânon do Novo Testamento, houve falsos ensinos sobre o Senhor Jesus Cristo. João fala dos anticristos que já se insinuavam e, em oposição a eles, desenvolve este tema - a verdade como está em Jesus. Toda a Primeira Epístola de João não é nada senão uma exposição dessa frase. É o oposto de tudo quanto é falso. João desmascara esses mentirosos, que estão ensinando em nome de Jesus, porém que de fato estão negando a verdade. Quem é que nasceu de Deus? - pergunta ele. E a resposta é esta: é aquele que crê que Jesus Cristo veio em carne! Ele escreve desta maneira porque os anticristos, esses falsos mestres, estavam dizendo que Cristo não tinha vindo realmente em carne. Diziam que Ele tinha tomado um corpo tipo fantasma, que não era um corpo real de carne e sangue. Eles não acreditavam na Encarnação,

não acreditavam no Nascimento Virginal. O Cristo eterno, diziam eles, tomou sobre Si um corpo tipo fantasma de que Ele Se utilizou enquanto esteve aqui na terra, e Se retirou dele antes da crucificação de Jesus no Calvário.

E isso que se dá o nome de *Falso Dualismo.* Foi, num sentido, a primeira heresia da era cristã - uma espécie de gnosticismo. Teve diversos nomes, geralmente gnosticismo ou docetismo, todavia os termos exatos não importam. O ponto é que aqueles homens que se professavam cristãos estavam negando o evangelho, dizendo que Jesus não tinha vindo realmente em carne. Por isso, quando lemos a Primeira Epístola de João, vemos que ele fala repetidamente da *carne,* da *água* e do *sangue,* da realidade dessas coisas em contraposição àqueles falsos mestres. Precisamos certificar-nos, pois, de que realmente cremos na verdade acerca do Senhor Jesus Cristo como exposta na Bíblia, e não nesse falso ensino místico.

Mas houve muitas outras heresias que se insinuaram sorrateiramente na Igreja Primitiva, como o pecado dos nicolaítas mencionados no livro de Apocalipse, e estes levaram ao pecado do antinomianismo, ensino segundo o qual todo aquele que professasse o cristianismo poderia ter vida pecaminosa e contudo crer que estava salvo. Como seria de esperar, João e Paulo fazem soar a mesma nota de alerta. Ambos afirmam aos cristãos que a salvação redunda em santidade, e que a vida diária do crente se relaciona com a verdade como está em Jesus, e a ela tem que corresponder. Tudo acerca do Senhor Jesus Cristo imediatamente leva à santidade; assim é que, se um culto evangelístico não levar à santidade, terá falhado. Se não houver uma mensagem para todo cristão num culto evangelístico, não é evangelização neotestamentária. Por quê? Porque tudo acerca de Jesus leva à santidade.

Que é a verdade que está em Jesus? Pensem nela como uma revelação de Deus. "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o fez conhecer." Nós nos lembramos de que o nosso Senhor disse: "Quem me vê a mim vê o Pai"! No entanto, que foi que Ele ensinou acerca do Pai? Ele tinha vindo para fazê-10 conhecido, para O revelar, para O expor. Ele disse também que tinha vindo "para dar testemunho da verdade". E esta é, primordialmente, a verdade a respeito de Deus! Em que consiste? E a verdade que todos nós aprendemos - de qualquer forma a maioria de nós, tenho certeza - quando éramos pequeninos, e não entendíamos o que estávamos dizendo, mas tudo se achava na Oração do Senhor: "Pai nosso, que estás no céu" (VA). É o que você ensina a uma criança, não

é? Não algum benevolente "papai" a sorrir indiscriminadamente, porém "Pai nosso, que estás no céu"! Nem mesmo semelhante a um pai terreno, mas "no céu"! Depois, "Santificado seja o teu nome".

E isso que ensinamos às *crianças*l E contudo as pessoas dizem: ah, este é um culto evangelístico: outros cultos se ocupam da santidade; a santidade não é o assunto agora, não há nada aqui para os cristãos, de modo que os cristãos não precisam ouvir; eles podem ficar orando para que outros sejam salvos enquanto o evangelista prossegue com o seu sermão! Vocês conhecem esse ensino, entretanto que negação da verdade escriturística! A menção do nome DEUS já ensina santidade! "Pai nosso que estás no céu, santificado seja o teu nome." É por isso que as brincadeiras e as risadas nos cultos evangelísticos estão fora de lugar, pois DEUS está presente, e onde Deus está presente, "Santificado seja o teu nome". Ah, como negamos as Escrituras na prática!

Que mais? O Senhor continua, dizendo: "Venha o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu". A evangelização é necessária porque a vontade de Deus não é feita. Não devo demorar-me nisso. Mas ouçam o próprio Cristo orar ao Pai; e é isto que vocês ouvirão: "Pai Santo"! "Pai Santo"! (João 17:11). Ele era o

Filho unigênito; Ele tinha vindo do seio eterno; todavia, é assim que Ele Se dirige a Ele - "Pai Santo". A Cristo, então, é confiada a revelação de Deus.

Pois bem, que é que Ele diz acerca de Si mesmo? Que nos é dito a respeito dEle? Antes do Seu nascimento no mundo foi dito a Maria, na anunciação, que "o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus"! O Nascimento Virginal declara a Sua impecabilidade. Ele não nasceu das núpcias naturais, não nasceu como todos os demais nascem. Foi dito a Maria: "Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra". Houve necessidade de um processo purificador. Ele não teve natureza pecaminosa. A natureza humana foi purificada para Ele, era perfeita. O Seu próprio nascimento é santo. Portanto, você não pode mencionar o Seu nome sem perceber logo que você está sendo dirigido para a santidade e para um novo tipo de vida. "O Santo, que de ti há de nascer ..."

E depois, acompanhem a vida do nosso Senhor; notem como era separada, como era incomum; assim é que Ele pode dizer no fim: "Quem me convence de pecado?" (VA: "Quem me acusa de pecado?"). Diz Ele ainda: "... se aproxima o príncipe deste mundo, *enada* tem em mim". Ninguém pôde achar nada contra Ele. Como o autor da Epístola aos Hebreus o coloca, Ele era "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores" (7:26). Vocês não poderão pregar Jesus Cristo sem pregar santidade; é inconcebível! E se vocês tentarem fazer

isso O estarão negando. Não se pode separar a mensagem da Pessoa, em nenhum sentido. Ora, dirão vocês, as pessoas não estão interessadas em Jesus Cristo; o que elas querem é paz ou felicidade ou bem-estar. Bem, se elas hão de obter satisfação nEle, têm que encará-10, e Ele é santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, Não se pode pregar Jesus Cristo sem pregar santidade.

Vejam a seguir o ensino de Cristo. Qual é o Seu ensino? O Sermão do Monte! "Bem-aventurados os pobres de espírito." "Bem-aventurados os que choram." Alguns dizem: venha a Jesus; não se preocupe com arrependimento agora, isso virá depois. Mas é com isso que Cristo começa! "Bem-aventurados os pobres de espírito", isto é, os que se dão conta de como são fracos e necessitados de ajuda. "Bem-aventurados os que choram", isto é, os que têm consciência da sua pecaminosidade. "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça." "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus." Vê-se esse ensino no transcurso de todo o ministério do Senhor. Ouçam-nO quando Se dirige aos fariseus e a outros. Diz Ele: vocês, que são tão zelosos e meticulosos quanto ao pagamento dos dízimos da hortelã, do endro e do cominho, são negligentes no concernente às coisas maiores e mais importantes da lei. Vocês acreditam que devem limpar o exterior do copo e do prato, porém o interior de vocês está cheio de rapina e de iniqüidade! Esse é o ensino! "Este povo", diz Ele, "honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim." Ele não está interessado numa religião superficial, chocha, só de

lábios; está interessado no *coração.* "Vós sois os que vos justificais a vós mesmos diante dos homens", diz Ele ainda a essa gente, todavia "Deus conhece os vossos corações, porque, o que entre os homens é elevado, perante Deus é abominação."

Ah, diz muito homem moderno, não estou interessado nessas Epístolas, sou pelos Evangelhos, sou crente no evangelho simples. Bem, aí está o evangelho! Aí estão os seus Evangelhos simples, carregados do começo ao fim da importância do coração e sua pureza e limpeza, porque Deus é Deus, e Deus é Luz, e nEle não há trevas nenhumas. E depois lemos como uma pobre mulher, pecadora notória, aproxima-se dEle. Lava os Seus pés com as suas lágrimas, e Ele, bondoso e compassivo, diz a um fariseu a respeito dela: "Os seus muitos pecados lhe são perdoados". Para outra mulher, igualmente pecadora, diz Ele: "Vai-te, e *não peques mais"*\ Ele não Se limita a dizer: "São-te perdoados os teus pecados", mas acrescenta,, "vai-te, e não peques mais". Ainda a outra pessoa, por Ele curada, Ele disse: fiz isso por você, "não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior". E foi sempre assim. Ele não veio apenas para dar às

pessoas um pouco de felicidade e para garantir-lhes que os seus pecados foram perdoados, ou para curar as suas doenças e enfermidades. Ele sempre salienta estoutro lado: "A tua fé te *salvou*[1]*,* vai-te em paz", onde a palavra *salvou* significa muito mais que a cura física. Além disso, temos também o Seu ensino sobre o rico e Lázaro - é ensino de Jesus - sobre a separação de bons e maus e de céu e inferno.

Vejamos agora a morte do nosso Senhor. Por que diz Ele que *tem que* ir para Jerusalém? Por que manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém? Ele sabia o que ia acontecer; Ele fala daquela "raposa, Herodes". Ele sabia tudo sobre a conspiração e as maquinações dos Seus inimigos, e, contudo, vai; Ele "manifestou o firme propósito de ir a Jerusalém". Por quê? Porque Ele tinha vindo para dar Sua vida em resgate por muitos. Sua morte é essencial para a nossa salvação. E essencial por causa da gravidade maligna do pecado e da santidade de Deus. Nenhuma outra razão. Assim, se vocês pregam a morte de Cristo, como poderão pregá-la sem pregar a santidade? A verdade que está em Jesus é uma condenação da vida de pecado; ela mostra a enormidade do pecado. Não há nada que pregue com igual força a santidade como a cruz do alto do Calvário. E porque Deus é santo, justo e reto, que a cruz teve que acontecer. Ela envolveria uma contradição no Ser e na natureza de Deus, se Ele tivesse que perdoar o pecado sem puni-lo. Portanto, não se pode pregar a cruz sem pregar a santidade, a retidão e a justiça de Deus; a cruz é a suprema manifestação destas. E qual é o propósito e o objetivo da Sua morte? Escrevendo a Tito, o apóstolo Paulo o expressa com muita clareza: "O qual se deu a si mesmo por nós para nos remir de toda a iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras". Essa é toda a mensagem da cruz. E se alguma vez pregarmos a cruz sem darmos ênfase ao fato de que o seu propósito é tornar-nos santos - "Ele morreu para que fôssemos perdoados, Ele morreu para fazer-nos bons" - não estaremos

pregando o evangelho completo.

E ainda, a ressurreição de Cristo prega a mesma coisa. Ele ressuscitou para justificar-nos, para dizer que Deus e a Sua santa lei foram satisfeitos. Ressuscitou com o fim de apresentar-nos a Deus, apresentar-Se por nós e então apresentar-nos. Ele está assentado à direita de Deus; com que propósito? "Vivendo sempre para interceder por nós", para que sejamos santos. Todo o processo se dirige a este único fim.

E depois, finalmente, chegamos à última grande doutrina nestes atos de salvação, o envio do Espírito Santo. Qual é a obra do Espírito Santo? Santificar-nos. Preparar-nos para a glória que nos aguarda. Todo o objetivo de cada parte da salvação é libertar-nos *de* satanás e

de uma vida de pecado, e levar-nos *a* Deus; noutras palavras, tirar-nos, separar-nos de um reino e colocar-nos noutro. Somos povo de Deus e não pertencemos ao mundo. Assim, vemos que toda a verdade concernente ao evangelho é que, como povo de Deus, devemos ser santos.

Não admira, pois, que o apóstolo se expresse com as palavras, "Mas vós não aprendestes assim a Cristo", querendo dizer, como vimos, que o crente é retirado de uma vida de pecado, e habilitado a ter vida santa. Alguém discutirá isso? Eu simplesmente tomei algumas das grandes e óbvias coisas, a fim de mostrar como é inevitável a mudança radical. Contudo vou expressar isso como um desafio. Desafio qualquer pessoa a dar-me um único pormenor acerca da vida do Senhor Jesus Cristo - Sua vinda, Sua vida, Seus feitos, Seu ensino, Sua morte, Sua ressurreição, e o Seu ato de enviar o Espírito - que inevitavelmente e, por assim dizer, automaticamente, não dirija a atenção para a santidade e para a vida própria do reino de Deus. Não há nada que seja tão pecaminoso e que negue tanto o evangelho como fazer separação entre a salvação e uma vida de santidade. De todas as divisões, a mais terrível é a que fazemos quando separamos o que cremos do que somos, e explicamos e desculpamos o que estamos fazendo com aquilo em que alegamos crer. É impossível, não se pode fazer. "Não aprendestes *assim* a Cristo"; nenhuma pessoa que tenha aprendido assim a Cristo pode fazê-lo. Portanto, diz o apóstolo, se alguém está levando uma vida pecaminosa, uma vida mundana, a pergunta que se lhe deve fazer é: você aprendeu a Cristo, você O ouviu?

Ouvir a Cristo, conhecer a verdade como está em Jesus, depende de duas coisas. Estas são muito simples e muito práticas; ao mesmo tempo, são muito profundas. A primeira é ouvir a Cristo, "...seéque o tendes *ouvido*". Que é que Paulo quer dizer? Obviamente, ele não quer dizer, "Se vocês, efésios, realmente ouviram o Senhor Jesus Cristo pregar . . porque ele sabia perfeitamente bem que não O tinham ouvido. Nunca tinham estado na Palestina, nunca tinham visto o Senhor Jesus, nunca tinham ouvido a Sua mensagem propriamente dita dos Seus lábios. Eram pagãos, gentios,

muito distantes de Jerusalém e da Palestina. Portanto, não quer dizer isso. Mas quer dizer que eles tinham ouvido a mensagem do evangelho. Provavelmente não ouviram nenhum dos apóstolos, fora Paulo, de modo que *aprender a Cristo*e *ouvi-10* referem-se aqui à mensagem apostólica. Paulo diz: "Sou embaixador de Cristo", de modo que, quando vocês me ouvem O estão ouvindo. O embaixador fala pelo rei, pelo chefe do reino, e Paulo é um embaixador e diz: "Rogamo-vos da parte de Cristo que vos

reconcilieis com Deus". Logo, ouvir o apóstolo é ouvir a Cristo; sempre significa ouvir a mensagem.

Então, que é que a palavra *ouvir* significa de fato? "... se é que o tendes *ouvido".* As palavras do apóstolo implicam uma diferença entre *escutar* e *ouvir,* que pode ser ilustrada da melhor maneira com as palavras que o nosso Senhor proferiu: vocês as encontrarão no Evangelho Segundo João, capítulo 5: "Na verdade, na verdade vos digo que quem *ouve* a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida". "Quem *ouve* a minha palavra." Todas as pessoas às quais Ele estava pregando o estavam escutando, porém - apesar disso - não O *ouviam.* "Quem *ouve* a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação." Ouvir é algo tremendo. Deixem-me dar-lhes outra ilustração do mesmo ponto. Diz respeito àquela maravilhosa história lírica da primeira pessoa convertida que Paulo conseguiu na Europa - Lídia, a vendedora de púrpura da cidade de Tiatira. O que nos é dito sobre ela é isto: "e o Senhor lhe abriu o coração para *qne estivesse atenta* ao que Paulo dizia" - ela não somente escutava, mas estava atenta. Os homens e as mulheres podem escutar sermões evangelísticos sem ouvir a Cristo. Há pessoas que podem sentar-se e escutar o evangelho a vida inteira, e nunca ouvi-lo. Não estão atentas a ele.

E a mesma distinção que fazemos entre ver e perceber. Você pode olhar uma coisa e não ver nada senão a coisa mesma. Você pode olhar um panorama maravilhoso e ver árvores, pastos, animais, montanhas e rios, e nada mais. Como diz Wordsworth sobre Peter Bell:

Uma prímula à margem do rio,

Uma prímula era para ele,

E nada mais.

Apenas uma prímula! E não existem tantas prímulas? E, no que se refere a Peter Bell, não havia nada mais que isso. Para ele uma prímula era uma prímula, e nada mais! Entretanto, Wordsworth diz noutro dos seus poemas:

Para mim a mais singela flor pode inspirar Pensamentos profundos demais para as lágrimas.

Um homem olha uma pequenina violeta numa cerca viva e vê o poderoso Criador, e Lhe presta culto. Outro homem-xi! simplesmente vê uma outra flor, e há tantos milhares delas! Ou, se ele for um

botânico, vem e a disseca -pétalas, estame e tudo mais! Você vê o meu ponto? *Ouvir* a Cristo não é apenas escutar sermões ou escutar o evangelho. Nem mesmo significa gostar deles. Você pode apreciar a pregação e ainda não ouvir a Cristo. Se um homem é um pregador que vale o que lhe pagam, vocês devem apreciar a pregação; mas há perigo mesmo assim - vocês podem apreciar a pregação e não *ouvir* a Cristo! Ouvir a Cristo tampouco significa estar ciente do que Ele disse. Podemos estar cientes do que Ele disse nos quatro Evangelhos e, contudo, não ouvir a Cristo! É possível o homem tomar este assunto intelectualmente; não há nada que o impeça; e se ele tem bom intelecto, pode traçar os livros das Escrituras com a maior facilidade. Todavia pode nunca *ouvir* a Cristo. Talvez possa dizer o conteúdo da Epístola aos Efésios; talvez possa fazê-lo em cinco minutos! Mas pode nunca ter ouvido a *Cristol* Ter conhecimento intelectual, estar ciente, não basta. Na verdade, vou além e digo que aceitar a verdade somente com o intelecto não é o mesmo que ouvir a Cristo.

Ouvir a Cristo vai além de todas essas coisas. Significa que o ouvinte do evangelho não somente escuta, porém crê que ele é a verdade, entende o que ele diz, e até entende o que ele *implica.* Além disso, o ouvir a Cristo inclui o ungir, a unção que o Espírito Santo dá, unção que nos dá uma compreensão espiritual. Não se trata de um fideísmo chocho e fácil; é algo que absorve toda a personalidade. Noutras palavras, compreendemos a sua significação, e a sua significação para *nós.* O homem que *ouve* a Cristo é o homem que diz: esta é a coisa mais importante do mundo, é tudo; conheço muitas outras coisas, e não menosprezo o seu valor, mas esta, esta é verdade, esta é *a verdade*! Ele ouviu a Cristo! Ele diz: "Que tudo se vá, menos isto; sacrificarei tudo, contanto que possa ter a vida eterna que o evangelho promete aos crentes". A mensagem o agarrou, apreendeu-o, e ele a está apreendendo. Significa que ele se rende a ela. Quando umhomem *ouviu* a Cristo, Cristo e o Seu evangelho passam a ser as coisas principais da sua vida, ele é dominado por eles, governado e dirigido por eles, ele se rende a eles, vive para obedecer a Cristo e para obedecer ao evangelho. É, de fato, mais que óbvio, de todo o contexto e de todo o conteúdo do Novo Testamento, que *ouvir* a Cristo significa que Cristo domina e determina as nossas vidas. Não pode significar menos que isso! "Se é que o tendes ouvido", eu sei quem Ele é, diz o crente, sei por que Ele veio, e sei que o evangelho de Cristo é a verdade, a verdade de DEUS; portantç, isso tem que estar em primeiro lugar e ser supremo em minha vida. É isso que se quer dizer com ouvir a Cristo. Basta isso, então, para a primeira condição!

Passemos à segunda condição. “Se é que o tendes ouvido, *e por ele fostes ensinados*.” Assim diz a Versão Autorizada; mas devia ser: “Se é que o tendes ouvido, *e nele fostes ensinados*” (como diz Almeida), ensinados *nEle* - uma diferença muito importante. Que é que o apóstolo está querendo dizer? Não meramente “ensinados na doutrina concernente a Ele”, porque ele já dissera isso; agora vem um acréscimo, significando que fomos ensinados *em união* com Ele. Noutras palavras, o ensino sobre o qual ele está falando não é uma espécie de ensino desligado. Ouvir a Cristo e ser ensinado em Cristo significa que você já não é um de fora, você está em Cristo. É por isso que esta espécie de ensino é tão diferente de todas as outras espécies de ensino levadas a efeito no mundo. Uma pessoa pode lecionar-lhe história, ou poesia, ou ciência, ou qualquer outra matéria e, naturalmente, o tempo todo há este desligamento, não somente entre os que escutam e a pessoa que fala, mas também entre os que escutam e até acreditam no que é ensinado, e a verdade mesma; você não está *nela.* No entanto o significado a nós transmitido por Paulo aqui é que, se você *ouviu* a Cristo, você está *em* Cristo, e assim você está aprendendo de dentro. Esta é uma coisa tremenda, e até certo ponto já estivemos tratando dela. O apóstolo introduz esta espécie de ensino no fim do capítulo primeiro. Ele ora pelos efésios, no sentido de que tenham “iluminados os olhos do vosso entendimento”; ele ora “para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos, e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro; e sujeitou todas as coisas a seus pés, e sobre todas as coisas o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos”. E também neste capítulo quatro, Paulo nos estivera dizendo que estamos em Cristo, no corpo. Ele estivera fazendo declarações tremendas - “do qual todo o corpo, bem ajustado, e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo ajusta operação de cada parte, faz o aumento do corpo, para sua edificação em amor”; e a sua oração é para que todos nós “cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”.

Que é que tudo isso significa? Significa que estamos sendo ensinados em Cristo! A vida de Cristo está em nós! Não é teoria, é

ensino vivificante, é ensino que transmite vida. Se eu estou pregando no Espírito, como rogo a Deus que esteja, não estou apenas proferindo palavras para vocês, estou comunicando *vida* a vocês, estou sendo usado por Deus como canal do Espírito, e as minhas palavras trazem vida, e não apenas conhecimento. Vocês aceitam essa distinção? As vezes receio por alguns de vocês que fazem anotações, que

estejam somente obtendo as palavras e não o Espírito. Não estou dizendo que não devem fazer anotações, mas os advirto a que tenham cuidado. Muito mais importante que as palavras é o Espírito, a vida; *em* Cristo estamos sendo ensinados, e edificados nEle. Assim é que, num sentido, embora vocês esqueçam as palavras, terão recebido a vida, e sairão conscientes da vida de Deus pulsando dentro de vocês, por assim dizer. É tudo resultado da permanência do Espírito Santo dentro de nós, e da existência de canais de suprimento (como vimos anteriormente) mediante os quais a nutrição vem da Cabeça a cada parte do corpo. Portanto, diz o apóstolo, se vocês ouviram realmente a Cristo e foram ensinados nEle, vocês não terão a mínima possibilidade de viver "segundo o curso deste mundo", porque já lhes ensinei (diz ele) que vocês são partes do corpo de Cristo, vocês são membros da Sua carne e dos Seus ossos - como ele dirá no próximo capítulo. Sua vida passa pelos canais de suprimento diretamente a cada um de *vocês,* e se essa vida está em vocês, como é possível que continuem vivendo como vivem os incrédulos? "Vós não aprendestes assim a Cristo!"

Eu resumo o ensino do apóstolo, então, da seguinte maneira: *ouvir* a Cristo e ser ensinado *nEle* significa que aprendi que Deus tanto me amou que, em dado ponto do tempo, Ele enviou o Seu Filho unigênito a este mundo, da eternidade para o ventre da virgem. Ele humilhou-Se e nasceu como um bebê, incapaz de cuidar de Si mesmo, deitado numa manjedoura. Ele viveu e ensinou; Ele rendeu perfeita obediência a Seu Pai e Sua santíssima lei. E depois, embora pudesse ter ordenado a mais de doze legiões de anjos que O atendessem, e pudesse ter voltado para o céu imediatamente, deliberadamente foi para a cruz e sofreu a vergonha, a cusparada e a indignidade daquilo tudo; e o fez para levar sobre Si os meus pecados; para receber o castigo a mim devido; para sofrer a pena que a minha culpa merecia; e, infinitamente mais importante, para libertar-me da escravidão do pecado e de satanás; para separar-me para Si; e para fazer de mim um homem zeloso de boas obras e que tem prazer na santidade. Ele morreu; Ele foi ressuscitado dos mortos; Ele retornou ao céu e enviou o Espírito Santo no dia de Pentecoste, a fim de que eu tivesse a segurança da minha fé, e a alegria, e o poder. Ele me deu uma nova vida e uma nova

natureza; Ele me uniu a Si mesmo; sou membro do Seu corpo místico; sou filho de Deus e herdeiro do céu.

É isso que conhecer a Cristo significa, aprender a Ele, ouvi-10, ser ensinado nEle! Eu creio no ensino segundo o qual nada que contamine terá permissão de entrar no céu; que o céu é etemamente puro e santo, a antítese deste mundo e do pecado, o oposto do inferno. Essa é a maneira como aprendi a Cristo, essa é a maneira como fui ensinado nEle - que estou nEle, a Cabeça viva, e que sou uma parte dEle; e que além desta vida e da morte e do véu, estarei com Ele para todo o sempre. Se vocês crêem nestas coisas, diz Paulo, vocês não terão comunhão "com as obras infrutuosas das trevas". Se vocês crêem nestas coisas, diz João, "qualquer que nele

tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro". A lógica é inevitável e somente uma dedução é possível, a saber: tudo o que diz respeito a Cristo e à nossa relação com Ele torna a velha vida inimaginável, como também impossível.

DESPINDO-NOS E REVESTINDO-NOS!

"Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito do vosso sentido; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade. "

- Efésios 4:22-24

Nestes versículos o apóstolo está lembrando aos cristãos efésios o que eles tinham aprendido em Cristo Jesus. Vocês vêem quão logicamente ele se move na seqüência. Primeiro ele os faz lembrar-se do tipo de vida que eles costumavam viver, e depois lhes diz que "aprender a Cristo" é aprender que não se vai mais viver daquela maneira. Mas de novo, para que não houvesse nenhuma incerteza sobre isso, ou alguma falha da parte deles quanto a entendê-lo verdadeiramente, ele desce ao nível prático e lhes lembra o que é a verdade em Jesus - esta verdade que eles já aprenderam e ouviram, e lhes fora ensinada.

Os três versículos que vamos considerar agora têm importância incomum, num sentido teológico, e partícularmente quanto à doutrina da santificação. São versículos cruciais, com relação ao correto entendimento do ensino neotestamentário sobre a questão sumamente importante da santidade e, portanto, não conseguiremos dar-lhes atenção demasiadamente concentrada e cuidadosa, quando não, ao menos por essa mesma razão. Contudo, em acréscimo, e de algumas maneiras ainda mais importantes, eles são de grande significação para nós, do ponto de vista prático. O apóstolo, como sempre, combina a sua doutrina com a sua prática. Diversamente de muitos dos seus seguidores, ele nunca incorre na culpa de separá-las; as duas vão sempre juntas. Se posso expressá-lo com uma frase - muitíssimas vezes a Igreja Cristã hoje dá a impressão de que é uma espécie de loja de departamentos, com toda uma série de departamentos com frouxa ligação entre eles. Mas a Igreja nunca foi destinada a ser desse jeito. A Igreja é una, e existem certas coisas que jamais devem ser divididas. Doutrina e prática; justificação e santificação; evangelização e edificação. Todas elas andam juntas, e isso em termos da verdade.

A declaração do apóstolo deve, pois, ser tomada como um todo, porque é um todo. E, todavia, vemos que o todo é dividido em partes. Há duas partes aqui, com uma espécie de elo de ligação. A primeira parte é negativa, "quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem"; então vem o elo de ligação - "e vos renoveis no espírito do vosso sentido" (VA: "da vossa mente") - e isso traz vocês ao positivo: "e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade".

Há toda uma série de contrastes deveras notáveis aqui, nestes dois versículos, 22 e

24. Temos, por exemplo, o velho homem e o novo homem; o velho homem encaminha-se para a destruição, o novo homem é uma nova criação. Opostos exatos! O velho homem vai se corrompendo sob o poder da concupiscência; o novo vai se desenvolvendo sob o poder de Deus. O velho homem é dominado pelo engano, o novo, pela verdade. Noutras palavras, os contrastes são absolutos. E é isso que Paulo está interessado em mostrar, a saber, que as duas coisas são tão essencial e inteiramente diferentes que nenhum cristão que de fato tenha aprendido a Cristo pode sequer sonhar ou pensar em continuar no velho modo de viver e no velho nível. E é dessa maneira que o Novo Testamento ensina a santidade. Simplesmente nos pede que sejamos lógicos, que nos demos conta daquilo em que cremos, e que, portanto, o ponhamos em prática. E um grande apelo dirigido à razão, ao entendimento e à lógica - ter *aprendido* a Cristo! tê-10 ouvido! e ter sido *ensinado* nEle como a verdade está em Jesus! E qualquer outra apresentação da santificação e da santidade não é ensino do Novo Testamento; não é escriturística; cheira mais ao psicológico.

Então, ao passarmos a examinar essa grande declaração, há um ou dois pontos gerais que precisam ser tratados em primeiro lugar. Como já vimos, as duas coisas presentes em nossos versículos sempre devem ser tomadas juntas. Noutras palavras, o apóstolo não nos dá apenas a negativa e fica nisso. Não nos diz meramente que nos despojemos do velho homem e então paremos, pois essa é apenas uma parte da ação; há o outro lado, e ambos devem andar sempre juntos; devemos vestir-nos como também despir-nos. Não devemos permanecer nus, por assim dizer. Não existe uma posição intermediária neutra. As duas coisas sempre têm que ser feitas juntas.

Esta é precisamente a diferença entre o cristianismo e o moralismo. O moralismo pára na negativa. Diz-nos: dispa-se do velho homem! Você não deve fazer isso, não deve fazer aquilo. E então está terminado. E isso, na essência, o moralismo; é sempre negativo,

unicamente preocupado com o despojamento do velho homem. Mas isso nunca é cristianismo. O nosso Senhor mesmo deixou isso perfeitamente simples e claro, uma vez por todas. No capítulo onze do Evangelho Segundo Lucas Ele fala sobre o espírito maligno que tinha saído de um homem. No entanto, visto que o homem só expulsara o espírito maligno de maneira negativa, e não acolhera de maneira positiva o Espírito, o Espírito Santo, embora a sua casa estivesse varrida, limpa e adornada, o espírito maligno que saíra logo volta com outros piores do que ele; e o último estado daquele homem, diz o nosso Senhor, é pior do que o primeiro. Do ponto de vista espiritual e cristão, não há nada mais perigoso do que meramente você despir-se do velho homem, limpar a sua casa, varrer o lixo, por assim dizer; pois, se o Espírito Santo não entrar, o último estado, diz Cristo, será pior do que o primeiro.

Historicamente falando, esta é uma das coisas mais importantes que podemos captar

na vida. Sou um dos que defendem a idéia de que o dano real foi feito nos fins do século passado, quando a Igreja Cristã começou a formar organizações para tratar de pecados particulares. Inconscientemente, ela caiu do nível espiritual para o moral. Ora, não faz parte do meu dever denunciar estas coisas, porém estou apenas pedindo a vocês que observem os fatos. Apesar de termos organizações especiais com vistas à observância do santo descanso semanal, à temperança, ao jogo e a muitas outras questões - todas conduzidas por pessoas excelentes, que têm trabalhado arduamente - que é que realizaram realmente? Penso que os fatos atuais mostram que realizaram muito pouco. E não fico surpreso. Não é esse o modo de tratar dessas coisas. O modo de lidar com elas é ter & verdade positiva do evangelho. Foi o que aconteceu no século 18. Às vezes penso que a via régia para o avivamento é a simples percepção de que, quanto mais cedo esquecermos o século 19 e voltarmos ao 18, melhor será. A pregação do evangelho no poder do Espírito Santo *tratou* desses vários problemas, inevitavelmente; sempre o faz. Esse é o tipo de questão que emerge aqui. Não nos despimos meramente do velho homem e paramos nisso; não, trata-se de uma ação combinada. Despimo-nos do velho homem, revestimo-nos do novo; jamais devemos permanecer numa condição neutra, de nudez. As duas coisas devem ser tomadas juntas. E, todavia, entendemos que elas devem ser *consideradas* separadamente, a fim de podermos ter pleno entendimento delas. Mas, embora as estudemos separadamente, não significa que delas efetuemos ações isoladas e distintas, como se disséssemos a alguém: pois bem, agora, por enquanto, dispa-se do velho homem e então, mais tarde, talvez o levemos a uma reunião ou convenção onde você poderá

vestir-se do novo. Nunca! Nunca! Jamais se deve dividir essas coisas. Nós as consideramos separadamente apenas por amor da conveniência e da compreensão, porém nunca devemos dividi-las nesse sentido completo e absoluto em nosso pensamento.

O meu segundo comentário geral sobre estes versículos é que despir-se e vestir-se, de acordo com a maneira expressa pelo apóstolo aqui, devem ser ações realizadas uma vez para sempre, se bem que o elo de ligação, a renovação que ocorre no espírito da mente, é contínuo. Infelizmente, a tradução da VA não tem a clareza que devia ter. "Para que vos despojeis quanto à vossa conversação, do velho homem", Paulo coloca no tempo aoristo, que indica uma ação realizada uma vez por todas; o cristão se despe uma vez para sempre do velho homem, diz ele, e se veste uma vez para sempre do novo. Sim, mas você *continua* sendo renovado no espírito da sua mente; essa é uma ação continuada, está no presente contínuo; nunca pára. Contudo, a outra é uma vez para sempre, como espero mostrár a vocês. Esta diferença é importante para o entendimento da doutrina da santificação.

Mais uma explicação é necessária neste ponto. Refere-se àpalavra traduzida por "conversation" (conversação) na Versão Autorizada. Nessa versão a palavra sempre

significa conduta e comportamento, modo ou maneira de viver. Temos várias ilustrações disso. Escrevendo aos filipenses, diz o apóstolo: "Somente seja a vossa conversação" ("conversation") "como convém ao evangelho de Cristo"(1 :27). Mas ele não quer dizer o que *conversação* sempre significa hoje; ele não estava se restringindo ao falar. Não, ele se referia à totalidade da vida. Mais adiante ele torna a dizer aos filipenses: "A nossa conversação está no céu", e o que ele quer dizer é, a nossa *cidadania* (3:20). Assim, aqui o que ele quer dizer com "a velha conversação" é o antigo modo de viver que ele estivera retratando nos versículos 17 a 19. E esta é a colocação que ele faz: o que lhes estou dizendo, pois, é que aquilo que vocês "aprenderam a Cristo" é que, com relação ao antigo modo de viver que vocês tinham, vocês têm que despir-se do velho homem, uma vez para sempre.

Para obtermos o sentido exato disso devemos começar examinando as expressões que Paulo utiliza - "despir-se" e "vestir-se". É evidentemente uma figura, e uma figura óbvia. É a figura referente a despir umaroupa. Vocêtiraaroupaeapõedelado. Ouaveste. Pauloescolhe esta analogia particular a fim de dar-nos o sentido da finalidade da ação. Ou você tira a roupa ou a põe. Não pode ser meio tirar e meio pôr. Ou é uma coisa que você põe de lado - lá está ela, você lhe deu fim, jogou-a fora, por assim dizer- ou você a apanha e a veste. E uma

figura de linguagem forte e impressionante, e era precisamente o que o apóstolo queria nesse estágio. Ela comunica plenamente a idéia de abandonar e renunciar, pôr de lado uma coisa, não usá-la mais.

Ora, que é que devemos despir? "Que, quanto ao trato passado", diz Paulo, "vos despojeis do *velho homem."* "Velho homem" é uma espécie de expressão técnica que ele usa, e muito importante. Vocês a verão constantemente em suas Epístolas, e é essencial que captemos o seu significado. Com *homem,* é claro, ele quer dizer *personalidade,* a totalidade da personalidade. O *homem* é isso. Assim, o que ele quer dizer aqui é a pessoa não regenerado que éramos outrora, dominada por uma natureza depravada, e para ajudar-nos dá-lhe o nome d*cvelho* homem. Não há nada difícil nesses termos. Falamos do nosso eu melhor, e assim fazemos uma espécie de divisão de nós mesmos, e da mesma maneira Paulo usa esta expressão, *velho homem.* Por que *velhol* Uma razão é que ele está contrastando algo que costumava ser próprio dos crentes de Éfeso, porém não o é mais. Ele se refere ao *antigo* comportamento, e esse é velho porque pertence ao modo de viver deles no passado; refere-se ao que eles eram outrora - ao *antigo.*

Há, porém, mais que isso no uso que Paulo faz da expressão "velho homem". Penso que ele o usa no sentido daquilo que a Bíblia quer dizer com pecado original, porque o velho homem que há em nós é de fato muito velho; ele é na verdade tão velho como Adão. E, portanto, realmente so deve pensar no "velho homem" como o velho homem que todos nós éramos de nascença e como resultado da nossa

descendência de Adão. A expressão fala de tudo o que herdamos de Adão como resultado da Queda. De modo que há um sentido em que o velho homem é o mesmo em cada um de nós. Todos nós nascemos com uma natureza corrupta, com uma natureza contaminada, com uma natureza maculada. Certamente ninguém irá querer discutir isso! Não há nada tão óbvio como a universalidade do pecado. Todo mundo peca, e todo mundo peca assim que é capaz de tomar alguma decisão por si mesmo. A criança mais pequenina gosta de fazer o que se lhe pede que não faça; gosta de fazer o que não é bompara ela. Isso é pecado, pecado original; é uma manifestação da corrupção da nossa natureza, da depravaçâo, da contaminação que há na natureza humana desde a queda de Adão. Podemos ver a universalidade disso hoje. Vocês lêem a Bíblia e a vêem em toda parte nela; aparece desde o começo mesmo, e é por isso que Gênesis é um livro tão importante. A passagem clássica sobre isso tudo é o capítulo cinco da Epístola aos Romanos, onde lemos a respeito do fato de que estamos "em Adão", e depois, de que estamos "em Cristo". E o mesmo tema aqui. O *velho homem* é, pois, o que todos nós somos por nascimento e por natureza; decaídos, maculados,

depravados, corruptos, pecaminosos, com propensão contra Deus e para o mal. O pecado é universal. Portanto, diz o apóstolo, estou lhes dizendo que se despojem desse velho homem. Fora com ele!

Então, por que temos que fazer isso? Aqui de novo há um ponto preliminar que, na verdade, me parece de muito grande interesse, pois com freqüência as pessoas tropeçam aqui, e acham que há quase uma incoerência no ensino do apóstolo. Aqui, dizem elas, na Epístola aos Efésios, Paulo nos está dizendo que nos despojemos do velho homem, ao passo que em Romanos, capítulo 6, versículo 6, ele diz: "Sabendo isto, que *o nosso homem velho foi com ele crucificado",* com Cristo. Como explicar isso? O argumento em Romanos, capítulo 6, é que o velho homem foi crucificado com Cristo e *morreu* com Cristo. Paulo continua dizendo, "vós estais mortos para o pecado", "vós estais mortos para a lei", o vosso velho homem morreu com Cristo. E contudo, continuam aquelas pessoas, aqui em Efésios 4:22 ele nos está dizendo que nos despojemos do velho homem. Como você poderia despir-se do velho homem, se o velho homem já está morto?

Aí está, pois, uma dificuldade aparente, mas de fato não será dificuldade nenhuma, se vocês tomarem o cnsino tão-somente como ele é. Romanos 6:6 declara algo que é um fato. E uma descrição de algo que é certo a nosso respeito em nossa relação com Deus. Como digo, cada um de nós nasceu como um filho de Adão, cada um de nós nasceu em Adão, pertencemos a Adão, e sofremos todas as conseqüências da queda de Adão. Sim, isso é verdade, porém também é certo dizer do cristão que o homem que ele era em Adão está morto. Se um homem está em Cristo, não está mais em Adão, e se eu sou cristão, o homem que eu era em Adão já se foi, para sempre. Deus não o reconhece; eu fui justificado livremente pela graça de Deus em

Jesus Cristo. Deus não me vê mais como um homem em Adão, porque sou um homem em Cristo. Portanto, é perfeitamente correto dizer que o velho homem foi crucificado e morreu com Cristo. Essa é uma declaração absoluta de fato acontecido.

Muito bem, pois, vocês dirão, se isso é verdade, como Paulo poderia exortar-nos aqui a despir-nos do velho homem? A resposta é esta: é porque o velho homem está morto que eu devo despojar-me dele. A única pessoa que pode desfazer-se do velho homem é a que sabe que, no seu caso, o velho homem está morto. Deixem-me expressá-lo assim: embora em minha relação com Deus seja certo dizer que o meu velho homem está morto, não obstante, do ponto de vista experimental, por causa dos hábitos, das práticas e da falta de conhecimento e de entendimento, muitas das características do velho

homem ainda se agarram a mim, na minha qualidade de novo homem. Assim o apóstolo pode dizer-me agora: não se preocupe com o velho homem, não continue fazendo o que ele costumava fazer, porque ele está morto! Esse é o argumento, e é perfeitamente coerente. Como digo, sempre se deve pensar no velho homem em termos da nossa posição, da nossa relação com Deus. Todos nós começamos estando em Adão; depois, se nos tornamos cristãos e nascemos de novo, estamos em Cristo; e se estamos em Cristo, não estamos mais em Adão. Éuma coisa ou outra, e o fato de que estamos em Cristo significa que estamos mortos para a natureza adâmica, mortos para o pecado, mortos para a lei, mortos para toda e qualquer possibilidade de condenação; somos novas criaturas em Cristo.

Expresso doutra forma, o que o apóstolo nos está dizendo realmente aqui é que *devemos* SER O QUE SOMOS. Isso faz sentido para vocês? *Seja, irmão, o que você é.* Trate de dar-se conta do que você é, e seja isso! Uma ilustração pode ajudar-nos aqui. Parece que depois da Guerra Civil Americana e da libertação dos escravos no sul, alguns deles, muito naturalmente, permaneceram esquecidos de que agora eram homens livres, e continuaram vivendo e se comportando exatamente como se ainda fossem escravos. O mesmo espírito servil e o mesmo temor estavam lá. Ora, de fato houvera uma proclamação que estabelecia que eles não eram mais escravos, porém estavam completamente livres. Essa era a realidade, posicionai e legalmente; era a justificação. O antigo escravo não o era mais; o mesmo homem ainda estava vivo, entretanto o escravo que ele fora outrora tinha se ido para sempre e estava morto. Sim, mas o pobre homem, por puro hábito, prática e costume, continuou vivendo como se ainda fosse escravo. Assim, o que se devia dizer a ele era: despoje-se da escravidão! Você não é mais escravo! Você é um homem livre; viva como um homem livre, pare de viver como escravo, pare de comportar-se como escravo, você está livre! Seja o que você é! Pois bem, é isso exatamente o que o apóstolo está dizendo aqui. ,

Não há contradição entre Romanos 6:6 e Efésios 4:22. E porque o velho homem foi

crucificado e morreu que somos exortados a despojar-nos dele. Nunca o Novo Testamento diz a um homem não regenerado que se despoje do velho homem; seria estranho e seria ilógico. Contudo, o homem regenerado tem que fazê-lo, e tem que livrar-se das lembranças, das recordações e dos hábitos que lhe pertencem e que tendem a persistir nele. Espero que isso esteja claro, porque admito que o ensino é um tanto difícil. Se vocês quiserem conhecer uma coisa mais difícil ainda, leiam o capítulo sete da Epístola de Paulo aos Romanos; ali vocês verão que ele parece estar

falando de três pessoas ao mesmo tempo! Ele fala do *velho homem,* do *novo homem* e de *mim mesmo.* E ele está perfeitamente certo.

Permitam-me ilustrar o que Paulo está dizendo. Quando me torno cristão, vejo-me virtualmente como um homem que está conduzindo uma parelha de cavalos. Eu sou o condutor, com as rédeas em minhas mãos; há o cavalo da direita; há o da esquerda; eu estou conduzindo os dois cavalos. O velho homem, o novo homem e eu! E agimos juntos, e estamos cientes de que estamos fazendo isso. Estou ciente do velho homem que eu era, estou ciente do novo homem que me tomei, e ainda eu, por assim dizer, sou capaz de considerar esses dois. Aí, está. Isso talvez ajude a levar em sua mente essa figura. E assim o apóstolo diz a *mim*: despoje-se desse velho homem! Despoje-se de tudo o que lhe diz respeito, ele não é mais você; portanto, despoje-se de tudo o que o caracterizava; e vista-se do novo homem.

Mas há outra dificuldade. Há os que têm problema porque dizem que na Epístola aos Colossenses (capítulo 3, versículo 9), o apóstolo diz: "Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos". Aqui ele está dizendo que nos *despimos* do velho homem com os seus feitos e, todavia, em Efésios, capítulo 4, ele diz: despojai-vos do velho homem com tudo o que a ele se refere. É contradição? Naturalmente que não. Apesar de eu dizer que esta ação de despojar-se do velho homem é uma ação feita uma vez por todas, não quero dizer com isso que você o faz uma só vez na vida e nunca mais tem que fazê-la de novo. No momento em que um homem se torna cristão, ou toma consciência do fato de que é cristão, *está* se despindo do velho homem, e obviamente chega a certas conclusões e decisões. Diz ele: uma vez que sou cristão, há certas coisas que não posso mais fazer, e vou fazer outras coisas. Estou despindo o velho homem, e vestindo o novo.

Nos primeiros dias da Igreja, quando um pagão era convertido e pedia para ser batizado, isso era um sinal evidente de que ele estava fazendo justamente esta ação. E isso tinha acontecido com os crentes efésios. A profissão que eles tinham feito em seu batismo, ou em qualquer outra forma de admissão na igreja, era definidamente despir-se do velho e vestir-se do novo. Então, como sucede que Paulo lhes diz que o façam outra vez, quando já o tinham feito uma vez por todas? A resposta está naquilo que há pouco estive dizendo. Embora cada um deles, a seu tempo, tenha dito: estou dando fim à velha vida e estou assumindo a nova, contudo, ao se passarem os anos, e

talvez vindo tentação e pecado, eles se viram esquecendo estas coisas, e inconscientemente a princípio, viram-se arrastados de volta àquele velho tipo

de vida. Por isso o apóstolo lhes escreve e lhes diz: para onde vocês estão indo? Que é que estão fazendo? Acaso não vêem que estão mais ou menos de volta ao ponto em que costumava estar? Despojem-se do velho homem, e façam isso uma vez para sempre! Assim é que, conquanto seja uma ação destinada a ser uma vez por todas, infelizmente na experiência vemos que temos que repetir a ação muitas vezes. Assim, não há contradição! Paulo está dizendo aos colossenses: vocês estão sendo incoerentes; diziam que estavam dando cabo da velha vida, mas vejo que estão continuando com ela - despojem-se dela! Não há, pois, contradição mesmo neste ponto. Cada vez que surge a necessidade, é preciso que haja uma ação inteira e completa, sem nenhum tipo de reserva.

Pois bem, já temos examinado uma razão para despir-nos do velho homem e vestir-nos do novo. Devemos fazê-lo por causa do homem novo que está em nós, e por causa do que aconteceu conosco. Vejam, por exemplo, o argumento de Paulo em Romanos, capítulo 6, que, em certo sentido, é um extenso comentário dos versículos que estamos considerando. Diz o apóstolo: por que vocês não se dão conta destas coisas? Por que não compreendem que agora vocês mesmos estão mortos para a sua antiga maneira de viver, no pecado? "Assim também vós", diz ele, "considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus"; depois continua: "Não reine portanto o pecado em vosso corpo mortal, para lhe obedecerdes em suas concupiscências". Diz ele: tratem de compreender a verdade acerca de vocês mesmos! Cristo morreu para o pecado uma vez por todas, e vocês estão nEle e morreram com Ele e, portanto, vocês estão mortos para o pecado; ponham esta lógica em prática e em ação, "nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniqüidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça." E então, vocês se lembram, havendo dado o seu grande argumento, ele diz - "Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne". Essa é a maneira de Paulo dizer: agora vou usar uma ilustração com o fim de tentar deixar isto claro e simples para vocês. Diz ele: "Pois que, assim como apresentastes os vossos membros para servirem à imundícia, e à maldade para maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para santificação". Todo o argumento eqüivale a isto: em vista do que ocorreu dentro de nós e aconteceu conosco, devemos agora seguir avante e renunciar e dar fim uma vez para sempre ao velho homem e todos os seus modos, hábitos e práticas. Temos que aperceber-nos da verdade acerca de nós mesmos em Cristo Jesus. Precisamos lembrar-nos do que aprendemos nEle. Além disso, temos

que lembrar que somos realmente membros da Sua carne e dos Seus ossos, que somos partes do Seu corpo. E portanto, diz o apóstolo, tudo o que diz respeito ao

velho homem terá que ser abandonado, e terá que ser deixado de lado uma vez para sempre. Estaríamos tratando aqui do que somos compelidos a denominar um ponto teológico? Indubitavelmente! Mas há quem tenha que se desculpar pela teologia? Não o permita Deus! É o não entendimento destas coisas que leva a tanta dificuldade na prática.

Por isso eu gostaria de levantar uma questão a todos os crentes. Você sabe, você está plenamente consciente de que o seu homem velho foi crucificado? Você elevou-se à gloriosa compreensão de que você não é mais filho de Adão, de que você não está mais em Adão? Você se deu conta de que o homem que você era em Adão foi apagado da vista de Deus por toda a eternidade? Esse é o significado da justificação pela fé. Deus faz o pronunciamento num sentido forense. Ele nos diz que somos justos e retos aos Seus olhos, porque estamos *em* Cristo. O homem que eu era se foi, deixou de existir. E a realidade mais gloriosa que o cristão pode compreender. Ele não se considera mais um homem que está tentando fazer-se cristão, ou que está esperando vir a ser cristão. Esta ação é de Deus, é Deus que o tira de Adão e o coloca em Cristo; é Seu pronunciamento judicial. Como a escravidão foi abolida e os escravos foram declarados livres, assim aconteceu com todos os cristãos, com todos os que verdadeiramente crêem no Senhor Jesus Cristo; Deus os proclama livres do pecado original, de tudo o que eles herdaram em Adão, de todos os pecados que eles próprios cometeram. É uma declaração legal do Juiz do universo. O velho homem adâmico deixou de existir, o velho homem foi crucificado com Cristo, *está morto*; você nunca é chamado para crucificar o velho homem, nunca lhe é dito que tente matar o velho homem; somente Deus em Cristo pode fazer isso, e Ele o fez! E somos o novo homem em Cristo Jesus. Quanto eu saiba, não há nada que seja tão fortalecedor da fé, tão fortalecedor da vida cristã em seu viver diário, como ter plena consciência de que o velho homem se foi para sempre. E é por causa disso que devo repelir toda e qualquer coisa que lhe dizia respeito ou que de algum modo o lembre.

CORRUPÇÃO, CONCUPISCÊNCIA, ENGANO

"Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito do vosso sentido; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade. "

- Efésios 4:22-24

Aqui Paulo está aplicando as doutrinas fundamentais da fé cristã à vida diária dos cristãos efésios, e o seu importante ponto é que eles não devem viver mais como viviam antes. "Vós não aprendestes assim a Cristo", ele lhes assegura. Tudo acerca do Senhor Jesus Cristo, diz ele, ensina-nos que devemos despojar-nos do velho homem e deixar a vida de pecado. Pensem em Sua encarnação e na razão pela qual Ele veio ao mundo. Como o anjo disse a José, o Seu objetivo era libertar o Seu povo dos seus pecados, e tudo o que Ele fez visava a esse fim. Ele veio a fim de morrer por nós, para que "provasse a morte por todos" (Hebreus 2:9), para nos livrar e nos emancipar.

Neste hino, adaptado da sua obra, Jeremy Taylor mostra a "purificação do templo" como um quadro ou uma parábola do que o Senhor tenciona fazer em nós:

Hosana! Bem vindo aos nossos corações! pois aqui Também tens um templo, Senhor, como Sião amado;

Sim, como Sião - e igualmente cheio de pecado;

Os ladrões e salteadores, quanto vão demorar ali?

Entra, expulsa-os e limpa o chão, agora imundo e fosco;

Frustra-os, derrota-os, de modo que nunca mais Profanem com vil comércio o santo lugar, jamais!

Lugar que escolheste, Senhor, para inclinar Teu rosto.

- variante de Jeremy Taylor, 1613-67

Vocês notam a colocação que ele faz: quando Cristo entrou em Jerusalém, no início da Sua última semana na terra, Ele foi ao templo

e deteve os cambistas, aquelas pessoas que tinham feito da casa de Deus um covil de salteadores; Ele foi a Jerusalém para limpar e esvaziar o templo. E, como Jeremy Taylor o coloca, Ele veio ao mundo para fazer a mesma coisa por nós, pois fomos

destinados a ser templos do Deus vivo. “Ou não sabeis que o vosso corpo”, diz Paulo aos coríntios, “é o templo do Espírito Santo, que habita em vós?” Vemos então que tudo neste ensino concernente ao Senhor Jesus Cristo leva à inevitável conclusão de que devemos despir-nos do velho homem, do nosso trato passado, da nossa antiga maneira de viver.

Já vimos que a razão mais importante para despir-nos do velho homem é que ele já está morto - crucificado com Cristo, morreu com Ele. Somos por demais parecidos com aqueles escravos dos Estados Unidos - o edito foi dado, a promulgação foi feita, aquela escravidão fora abolida, mas alguns deles estavam tão acostumados com a vida de escravo que não podiam perceber que estavam livres, e continuaram vivendo como se ainda fossem escravos. Somos semelhantes a eles quando fazemos as coisas pertencentes à vida antiga. Posso pensar noutra ilustração deste ponto. Ao lidarmos com um amigo, pessoa adulta, que está com medo de alguma coisa, quantas vezes não dizemos: “Não seja criança”? Pois bem, dizemos isso a alguém que não é criança e, naturalmente, o que queremos dizer é: “Você não é mais criança; então, não se porte como se fosse”. Quer dizer, dispa-se do velho homem, você saiu da infância; você *é* adulto, pois então deixe de portar-se como criança. Ora, é exatamente esse tipo de coisa que o apóstolo está dizendo aqui. O velho homem morreu com Cristo, foi crucificado com Ele, desapareceu. Portanto, despoje-se dele, não continue sendo criança.

No entanto, há outra razão para despir-nos do velho homem, que é a sua condição, a direção na qual ele vai indo. Despojem-se do velho homem, diz o apóstolo, que *se corrompe* pelas concupiscências do engano (VA: que *écorrupto,* segundo as concupiscências enganosas). Não se preocupem mais com ele por causa da sua natureza e do seu caráter. Tudo o que pertencia àquela velha vida, diz Paulo, é ofensivo. Não lhe dêem atenção, tirem-no fora, lancem-no para longe! Assim como alguém tira a roupa e a põe de lado, façam isso com esse velho hábito, com essa velha natureza que ele assim descreve como velho homem. Por que devemos fazer isso? Paulo, aqui, continua com a sua análise.

Primeiro, ao chamar a atenção para as condições do velho homem e para a direção na qual ele está indo, Paulo emprega a palavra *corrupto.* Mas esta é uma grande palavra, que deve ser decomposta em

suas partes componentes. Segundo a Bíblia, todos nós herdamos uma natureza corrupta. Não há nada da teoria de Peter Pan na Bíblia. “Eis que em iniqüidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe” (Salmo 51:5). A natureza que herdamos é corrupta e contaminada. Tudo na vida dá eloqüente testemunho disso. A mais pequenina criança dá muita prova disso. Nascemos com uma natureza já corrupta, sim, mas de acordo com o apóstolo aqui, é pior que isso, pois essa natureza torna-se mais corrupta ainda! Lemos aqui, na Versão Autorizada, “quee

*corrupto*porém uma tradução melhor seria: "que *está sendo corrompido*", ou "que está.ve *tornando corrupto*", ficando pior do que era no princípio; (cf. Almeida, RA: "que se corrompe segundo as concupiscências do engano"; RC: "que se corrompe pelas concupiscências do engano").

Mas há outra nuança de significado na palavra que o apóstolo usou, e esse é, *tendendo para a destruição.* Normalmente, quando usamos a palavra *corrupto,* temos esse sentido em nossas mentes, não temos? Corrupção e decadência, contaminação e putrefação vão todas juntas. Assim, não é somente uma coisa que está se tornando corrupta; também é desintegradora, e vai rumo à destruição. E é isso que o apóstolo diz acerca do velho homem. Despojem-se dele, diz Paulo, porque ele está se tornando cada vez mais contaminado e decadente, e vai avançando rapidamente para a destruição. Noutras palavras, é isso que ele diz sobre a vida de todos os não cristãos, e não hesito em asseverar que a história da humanidade o confirma tintim por tintim. As biografias o comprovam, a história o comprova. Há nas duas este processo de decadência e declínio, sempre a mover-se na direção da destruição final.

Entretanto, deixem-me dar-lhes um ou dois exemplos do mesmo tipo de declaração, os quais se acham nas Escrituras. Ouçam o mesmo apóstolo aos gálatas, no capítulo 6 da Epístola, versículos 7 e 8: "Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.^ Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção". Éisso! Semear na came sempre leva à corrupção, à decadência que acaba na destruição. Mas por outro lado ele diz: "Mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna". Ou vejam a Epístola de Tiago, que realmente diz a mesma coisa no capítulo primeiro, quando, ao falar sobre a tentação e o pecado, ele se expressa assim (anote os passos): "Havendo a concupis-cência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte". A concupiscência começa o processo e dá à luz o pecado; aí já está o início da corrupção. Depois isso continua, e "o pecado, sendo *consumado,* gera a morte", a destruição. O processo de

corrupção termina inevitavelmente numa destruição final. Como Paulo diz também em Romanos 6:23: "O salário do pecado é a morte".

Então, o argumento do apóstolo aqui é que a vida dos gentios não cristãos é uma vida decadente e em processo de putrefação, uma vida que vai caminhando para uma destruição final. E que exposição eloqüente é esta, do estado da sociedade e do mundo hoje! Não estariamos presenciando na presente hora este declínio, este processo de decadência? Não o vemos acontecer em todos os aspectos da esfera moral? Vejo-me constantemente dirigindo a atenção a isso, porque o declínio moral que estamos testemunhando hoje neste país, e em todos os países do mundo, é o resultado direto da impiedade, da irreligiosidade e da ausência do espírito cristão

na sociedade. É uma prova absoluta do que o apóstolo diz. Despojem-se desse velho homem, diz ele, ele está decaindo, ele está marchando para a destruição! E o mundo inteiro hoje está tornando manifesta a veracidade do diagnóstico do apóstolo. O mundo nunca melhora, *nuncal*

Agora, essa é uma afirmação categórica que estou pronto a fundamentar. Deixado a si mesmo, o mundo sempre fica cada vez pior. E se vocês tiverem uma visão ampla e geral da história e vierem dizer-me: mas certamente, você não concordaria que em tal e tal época o mundo parece ter-se elevado a maiores alturas? Você não diria que houve alguma evidência disso em meados do século passado? Concordo inteiramente. Tais ciclos certamente ocorrem; há melhoramentos, e depois declínios. Sim, porém a questão é: o que é responsável pelos melhoramentos? E a resposta é sempre a mesma - avivamentos e despertamentos religiosos. E, portanto, o oposto ainda é verdadeiro, que, sem a influência do Espírito Santo, o mundo, devido à decadência que há em sua constituição, vai de mal e pior.

Essa verdade não é só com relação ao mundo em geral; também o é com relação ao indivíduo. Todo homem que passa da meia-idade para a velhice tem que lutar contra o cinismo. Muito pouca gente leva consigo o idealismo da sua mocidade até a meia idade e além dela. A que se deve isso? Claro, a essa corrupção, a essa putrefação, a esse processo de decadência! O homem entregue a si mesmo inevitavelmente decai, e perde o brilho, a visão, a capacidade de recuperação moral e a reação contra a indignidade. Ele se protege, vive na comodidade, faz o mínimo que pode, e diz: por que devo me incomodar? Tudo por uma vida sossegada! Isso faz parte da corrupção. Não é que tenhamos começado perfeitos. O meu ponto é que, embora fôssemos imperfeitos quando começamos, ficamos piores. O velho homem *está sendo corrompido,* e vai indo para a destruição.

Essa é a primeira coisa que Paulo nos diz acerca dessa velha natureza que temos de despir. Agora, em segundo lugar, ele nos diz algo sobre as influências que impelem, dirigem e apressam esse velho homem rumo à destruição. Paulo as denomina *concupiscências* (ou cobiças): "que se corrompe pelas *concupiscências* do engano". Concupiscências! Já encontramos esse termo no início do capítulo dois, mas devemos assegurar-nos de que temos claro em nossas mentes o seu significado. A palavra significa realmente desej o forte e dominador. Lembramo-nos de que, pouco antes do fim, o nosso Senhor disse: "Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça" (VA: "Com desejo desejei . . ."). A palavra empregada aí é a mesma empregada noutros lugares para *concupiscência* e *concupiscências* (ou cobiça, cobiças). Significa desejo veemente, bom ou mau. No entanto, o próprio fato de que nos inclinamos a pensar instintivamente agora em algo que é mau quando usamos a palavra *cobiça,* diz-nos muita coisa sobre o homem e sobre a natureza humana, não diz? Hoje em dia *cobiça* veio a significar algo quase inteira e exclusivamente mau, e por esta boa razão, que os desejos compulsivos e

dominadores da imensa maioria do povo são maus; assim *cobiça* tornou-se um sinônimo de *mau desejo*. E o apóstolo diz aqui que essas cobiças que estão dentro de nós são corruptoras e destruidoras. "O que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção." Elas nos conduzem na direção da corrupção e da destruição. Paulo de fato diz: "... o velho homem, que é corrupto segundo as (como resultado das) cobiças do engano". Essa é a tradução exata.

Devemos tentar fazer uma análise bíblica da expressão, e é aí que vemos a real tragédia do pecado. Os instintos naturais em todos nós - por exemplo, a fome, o sexo, o instinto de conservação - não são errados em si mesmos, não há nada errado com os instintos naturais. Todos os instintos pertencem à nossa natureza humana e são, em si e por si, não somente não maus, mas bons. Foi Deus quem os colocou no homem; foi Deus quem nos dotou deles. Foram dados ao homem para o gozo e a preservação da vida. Deus fez o homem perfeito, e uma parte dessa perfeição aparece no fato de que os seus vários instintos, faculdades e propensões foram postos em tal ordem e peculiar arranjo no homem que atendem ao propósito de servir ao seu bem e ao seu gozo da vida.

Os instintos que estão mormente no corpo do homem foram destinados a estar sob o controle da sua mente. Deus deu ao homem o cérebro e a mente, e a Sua vontade foi que eles exercessem controle sobre esses vários instintos. Entretanto, a mente sozinha não é suficiente, e Deus deu ao homem a consciência, que é mais elevada que a

mente e dá instruções à mente. E então, sendo o homem feito à Sua imagem, a consciência, por sua vez, foi destinada a estar sob o controle do próprio Deus. Tal é o homem como Deus o fez. Animal perfeito, se a expressão é permissível, com um corpo perfeito. O homem tem os instintos que o animal tem, não há nada errado neles. E dizer o homem que há algo errado em algum desses instintos, é negar as Escrituras. Infelizmente, houve gente estulta na Igreja, em épocas passadas, que dizia que o sexo é em si pecaminoso. Mentira! Eépor isso que o celibato, como defendido pela igreja católica romana e outros, é completamente antibíblico.

Não há nada errado no sexo; se houvesse, seria o mesmo que dizer que Deus colocou uma coisa má no homem! Fora com esse pensamento! Ao mesmo tempo, porém, todos temos consciência de que os nossos instintos têm que estar em seu lugar certo, governados, dirigidos e ordenados pela mente e pelo entendimento; e *este,* pela consciência; e *esta,* pelo próprio Deus. Ah, eis aí a tragédia do homem em pecado, eis aí a tragédia do mundo: que a ordem foi invertida, e que a humanidade está sendo governada por seus instintos, e quando os instintos assumem o comando, tornam-se cobiças. Quando aquilo que tem o propósito de estar *sob* controle assume as funções e governa a totalidade da vida, há o caos; e é exatamente isso que se quer dizer com cobiça (ou concupiscência). É um afeto ou um instinto tomando conta de nós e

nos governando, silenciando a mente e a consciência, e rejeitando a voz de Deus. Quando isso acontece, o estado do homem é de caos e confusão.

Às vezes a Bíblia dá a isso o nome de "apetite desordenado" (Colossenses 3:5; VA: "afeição desordenada"). Não há nada errado com as afeições como inicialmente implantadas no homem, mas as afeições nunca devem ser desordenadas. Se forem, o homem negará o seu próprio ser, como também negará a Deus; e esse é o problema, diz o apóstolo, com os gentios que são governados e dominados por suas cobiças! Despojem-se do velho homem, diz ele aos crentes, parem de ser como os gentios! Vocês estão negando a sua própria natureza humana, e estão negando a própria essência do seu ser como veio a existir das mãos de Deus! O problema do mundo é que a cobiça está no comando. É a força responsável por todos os nossos problemas como indivíduos, nas relações matrimoniais, nas famílias, e entre parentes, classes sociais, grupos na indústria, nações, grandes divisões de nações por trás de certas cortinas - é a completa explicação de tudo. Os maus desejos estão no comando, enquanto que a razão e o entendimento foram lançados ao mar. Deus não está em seus pensamentos. Não há dúvida de que a decadência e o inexorável movimento

rumo à destruição são resultantes do domínio, da tirania das cobiças. Que estrago o pecado fez no homem e neste mundo dos homens! Virou o homem de cabeça para baixo, por assim dizer, e fez dele um animal, e pior que isso, pois o propósito era que ele fosse melhor; assim é que, quando o homem é governado por seus instintos, como se dá com um animal, ele é pior do que um animal irracional.

E isso nos leva à terceira e última coisa que o apóstolo diz sobre este ponto particular. Vocês acompanham a sua análise? O povo fala em análise psicológica. Se vocês estão interessados em psicologia, aí a têm, em sua modalidade mais brilhante, perfeita e maravilhosa. Sem Deus, diz Paulo, o homem vai na direção da decadência. Que é que o levaparalá? Suas cobiças, suas concupiscências. Aqui está a resposta que ele dá; diz ele que é o *engano:* "segundo as cobiças enganosas" (VA). Uma tradução melhor, como já sugeri, é "segundo as cobiças ou concupiscências *do engano*" (como na Versão de Almeida). Noutras palavras, o poder dominante real e fundamental é esse *engano,* como lhe chama Paulo; e o que o engano faz é manipular as cobiças. Por sua vez, as cobiças manipulam o homem; e aí está ele, o velho homem, movendo-se rapidamente rumo à destruição. Esta é, deveras, ummodo maravilhoso de descrever o processo, não é? Oengano! Fico a indagar se todos nós compreendemos que a maior característica da vida do mundo é o engano. O poder que está por trás de todo este problema é um poder enganoso, e isso a Bíblia ensina em toda parte. Examinemos agora a situação.

É questão de necessidade começar pelo diabo, aquele que, em última instância, é responsável pelo estado decaído de todos os indivíduos, e pelo estado decaído do

mundo todo. E se há uma coisa que, mais que qualquer outra, caracteriza o diabo, é o elemento de engano, a sua falsidade. Ele arruinou a vida do homem, arruinou o mundo, e o fez com astúcia e engano. Eis o que as Escrituras dizem acerca dele (Gênesis 3:1): "Ora, a serpente era mais *astuta* que todas as alimárias do campo". Notem como Paulo o expressa em 2 Coríntios 11:3: "Mas temo que, asim como a serpente enganou Eva com a sua *astúcia*...". E isso que ele temia com relação aos cristãos coríntios, pois na verdade o diabo tinha feito a mesma coisa em Corinto, e noutros lugares. Nas primeiras igrejas, como retratadas no Novo Testamento, o diabo entrou com a sua falsidade e fez estrago entre elas. Essa é sempre a sua característica. Diz o nosso Senhor; "ele é mentiroso desde o princípio"; "mentiroso e pai da mentira" (João 8:44). Todo o problema do mundo é que ele não percebe que o diabo o está fazendo de bobo e o está enganando.

No entanto, isso não é verdadeiro somente com relação ao diabo; também é o mesmo com relação a todos os seus agentes. Na Bíblia existem algumas descrições impressivas do pecado, e todas as vezes o quadro é do engano. No livro de Provérbios, por exemplo, vemos como é descrita a meretriz, com toda a sua arte enganosa de pintura e pó, de aparência e de fingimento. Escreve-se sobre o engano de toda a sua pessoa. Pedro coloca a matéria com muita clareza no capítulo dos da sua Segunda Epístola: "Prometendo-lhes liberdade, sendo eles mesmos servos da corrupção". Na Igreja Primitiva havia os que diziam: vejam aqui, não dizemos que Pedro e Paulo e os seus amigos não pregaram o evangelho; pregaram, porém lhe acrescentaram uma espécie de legalismo e o estreitaram demais. E depois iam adiante e diziam: vocês não precisam crer em tudo o que eles disseram; é demasiado estreito, é muito acanhado e limitado. Nós temos o verdadeiro evangelho, diziam eles, e se punham a prometer aos discípulos grande liberdade; você pode ser cristão, pode ir para o céu, e ainda viver como quiser neste mundo. Maravilhoso! Magnífico! Mas ouçam, diz Pedro, "enquanto lhes prometem liberdade, eles mesmos são servos da corrupcão"! (VA). "Fontes sem água", Pedro lhes diz, "manchas nas suas festas!" Todo o segundo capítulo da Segunda Epístola de Pedro é, de fato, uma análise da falsidade dos agentes do diabo.

Contudo, a acusação toda pode ser resumida com uma única palavra - a palavra Judas! Judas! - o homem que traiu o seu Senhor e Mestre. Judas! - o homem caracterizado acima de todas os demais pela falsidade, pela astúcia e pela insinceridade. Não há nada mais terrível que se possa dizer sobre um homem do que dizer que ele se portou como Judas. O pecado sempre envolve traição, como nos dizem todas as partes das Escrituras. Vocês até verão Judas mencionado como traidor no livro de Salmos. [1] O pecado endurece o homem, o pecado engana. Cuidado "para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado", diz o escritor da Epístola aos Hebreus (3:13). Se um cristão se endurece, é sempre por causa do pecado. Há os que dizem: você sabe, não me sinto como costumava sentir-me; parece que me tornei duro e frio. Se é assim, então, de um modo ou de outro

você está sendo enganado pelo pecado.

Paulo tem uma palavra para nós sobre a matéria em Romanos, capítulo 7: "Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou". E não seria essa toda a sua argumentação naquele capítulo? Notem como ele a desenvolve. Diz ele: ah,

que coisa terrível e enganosa é o pecado! O pecado é tão enganoso que logra o homem com relação à lei. A lei é boa, reta, santa e justa, mas você sabe, disse ele, vejo que a própria lei que foi dada ao homem a fim de salvá-lo do pecado, levou-o a pecar! A própria lei que lhe diz que não pratique o mal, cria nele o desejo de praticá-lo!

É por essa razão que muitas vezes tenho assinalado que toda a nossa confiança no ensino moralista não somente é anticristã e antibíblica, é também credulidade ingênua, pois mostra uma profunda ignorância sobre a psicologia do homem em pecado. "Todas as coisas são puras para os puros." Sim! Mas para os que não são puros, até o que é puro se torna impuro, escreve Paulo a Tito. O fato é que, por causa da natureza enganosa do pecado em nós, sermos esclarecidos acerca da natureza do pecado pode levar-nos a pecar. Ao dizer às pessoas que não façam certas coisas, você está estimulando dentro delas o desejo de fazê-las. É por isso que sempre digo aos jovens que, longe de aconselhá-los a lerem livros sobre o domínio do sexo, assim chamado, e assim por diante, digo-lhes que os evitem como se fossem a própria peste. Tais livros fazem mais mal que bem. Não há nada que possa tratar desse problema, senão a obra do Espírito Santo dentro de nós; qualquer coisa que seja menor do que a operação do Espírito Santo é insuficiente para a tarefa.

Precisamos estar plenamente convencidos de que o pecado em nós é sempre enganoso. Jeremias disse isso uma vez para sempre: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?" (17:9). O homem mesmo não o conhece; ele é uma mistura de contradições, está constantemente se enganando a si mesmo. E isso é o que há de terrível quanto ao pecado; não é tanto que ele engane outros, ele engana o *próprio* homem. Essa é toda a agonia de Paulo em Romanos, capítulo 7. Que é que posso fazer a respeito? Ele diz: "Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?" Eu não posso livrar-me, porque quando tento fazê-lo com a leitura da lei, vejo que ela inflama as minhas paixões; ela desperta certos instintos dentro de mim; portanto, a própria lei não pode ajudar-me. Que haverá, então, que possa ajudar-me? E há somente uma resposta: "Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor".

Até aqui demonstrei que, em todos os aspectos, o pecado é enganoso, do diabo para baixo - o diabo, seus agentes, o pecado propriamente dito, o pecado em mim, e o pecado em meus membros. Como é que ele engana? Como é que este elemento de engano resulta em pecado? Ele o faz vindo a nós como um pretenso amigo. Ele

sempre nos adula. Quando o diabo, com a sua astúcia e a sua falsidade, aproximou-se de Eva, ele a adulou. Disse ele: "Deus não é justo com vocês, Ele impôs uma proibição a vocês; não devia ter feito isso; Ele tem medo que vocês se tornem como Ele". Dessa maneira ele estava fazendo a ela um elogio astuto. O pecado sempre vem com um sorriso; é muito lisonjeiro, sempre nos faz elogios; somos maravilhosos - se tão-somente lhe déssemos ouvidos! Ele joga em nosso orgulho de algum modo ou forma, em nossa aparência, em nossa beleza, em nosso gênio, em alguma coisa concernente a nós - maravilhoso! E assim ele nos engana elogiando-nos. É sempre atraente, é claro. Em si mesmo é uma coisa muito feia, porém, como eu disse, ele sabe usar a pintura e o pó. E como a Bíblia descreve a meretriz. A pintura e o pó! Ela sempre finge ser algo que não é. E ela sabe que, se não parecer atraente, não seduzirá. O pecado faz isso em todas as esferas, sempre vem de forma atraente. E nós somos bastante tolos para olhar a superfície e julgar pela aparência externa, e não pela realidade.

E depois, outra coisa que o pecado faz - e esta faz parte de toda a sua arte de enganar - ele sempre desestimula o pensamento, sempre desestimula a meditação. O pecado sabe que só tem uma esperança de sucesso, e esta é jogar nos sentimentos e desejos da pessoa. Se a mente começar a funcionar realmente, o pecado estará acabado e, portanto, em sua astúcia, ele joga nos sentimentos e desestimula a mente e o pensamento. Todos nós sabemos alguma coisa sobre isso. Você se irrita simplesmente porque não pensou no que estava fazendo. O pecado o governou e o dominou. Ele nos faz viver só para o momento. Deixamos de pensar além do momento presente, e então ele pega você! Se os homens e as mulheres tão-somente pensassem de antemão, quão diferente seria a vida! Mas não o fazem; o pecado desestimula o pensamento, e isso faz parte da sua estratégia de engano.

Pensem também nos argumentos plausíveis que o pecado apresenta. Tal e tal coisa é muito natural, diz o pecado, não é como se lhe pedissem que fizesse algo antinatural; afinal de contas, todos vocês fizeram algo parecido com isso. Por que se requer que você crucifique os seus poderes pessoais? Isso é negar a sua personalidade; você não poderá dar expressão ao seu ser; certamente você foi destinado a expressar-se e a expressar a totalidade do seu ser; é simplesmente natural, diz o pecado. Como são plausíveis os seus argumentos! E depois, o ponto seguinte é que ele não só é plausível em seus argumentos; ele oculta certos fatos e fatores. Ele aparece diante de nós enfeitado, vestido e atraente, e deliberadamente mantém na parte dos fundos as diferenças entre o certo e o errado; as categorias morais não têm permissão de entrar. Deus, naturalmente não! A lei de Deus,

certamente não! Eles nunca são mencionados, nunca entram na argumentação. E quanto às conseqüências de uma ação pecaminosa, o homem pára para pensar nelas e planejá-las? Certamente que não; ele nem sequer pensa nelas. Quanto aos perigos do

vício, eles nunca entram na discussão. Não, certamente não, diz o homem, não é meu propósito ser um beberrão, só vou tomar um copo de cerveja, ou lá o que seja. Beberrão, é certo que não! Ele não percebe que o primeiro leva ao segundo, e o segundo ao terceiro. O vício o prende. E que terrível coisa é um vício, e quão difícil rompê-lo! Isso não é levado em consideração; o pecado o mantém fora de vista, suprime fatos e certos fatores vitais.

E então a sutileza do apelo do pecado, os falsos motivos! Ah, quanto homem foi para a destruição porque realmente pensava que ia obter algum conhecimento! Alguém poderia dizer: claro, eu não creio na leitura de maus livros, mas, afinal de contas, é dever do homem na vida equipar-se com conhecimento. Realmente estou procurando conhecimento e entendimento *teórico.* Assim ele lê e continua lendo! Qual é precisamente o seu motivo e a sua real razão para ler todos os pormenores dados nos jornais dos casos de divórcio? Seria para você poder discutir certos assuntos modernos com homens e mulheres, e para ser capaz de advertir os jovens de certos perigos? É essa a sua razão? Provavelmente é essa a razão que o pecado nos sugere. A plausibilidade, a falsidade disso tudo! Vamos de fato em busca de instrução, de conhecimento, de entendimento? Algumas das maiores tragédias de que tive que tratar em minha experiência pastoral surgiram desta maneira: pessoas, muito inocentemente como pensavam, preocupavam-se em ajudar outras pessoas e salvar as suas almas. Estavam plenamente convictas de que não tinham outro motivo. Contudo, aquilo quase terminou em sua destruição. Não fora que o homem pode salvar-se, ainda que por meio do fogo, teriam ido para a destruição. Todavia o diabo tinha sugerido que o desejp de ajudar era bom, e lhes propiciou uma esplêndida oportunidade. Às vezes tenho que dirigir a palavra a estudantes de teologia e a jovens ministros sobre este assunto, e tenho que exortá-los a serem cautelosos em tudo. Isto se aplica tanto aos homens como às mulheres, e é perigoso de um lado e do outro. As pessoas dizem que querem ajuda espiritual, mas às vezes não é realmente ajuda espiritual que elas querem, pois o pecado está cheio de engano. "As cobiças do engano!"

Finalmente, o pecado oferece o que ele nunca pode dar, isto é, satisfação. O pecado nunca satisfaz; nunca o fez e nunca o fará; não consegue porque é errado e é sórdido. Nunca satisfaz, embora esteja

sempre oferecendo satisfação. Na verdade, agindo por meio das cobiças, o pecado nunca dá nada, mas simplesmente tira. Vocês já tinham pensado nisso? Pensem no filho pródigo, que, para mim, é a prova clássica disso tudo. Lá está ele, pobre sujeito, no campo, com as bolotas e os porcos. E esta é a densa frase das Escrituras: "Ninguém lhe dava nada". No entanto, tinham tirado muito dele, aqueles que tinham esvaziado os seus bolsos. Ele tinha saído de casa com o seu bocado de fortuna, e com aqueles que se tornaram os seus alegres companheiros. Oh, como eram afáveis, bondosos e agradáveis! E como o elogiavam e bebiam à sua saúde! Ele era o melhor

homem do mundo! Todavia, eles o estavam roubando o tempo todo, tiraram tudo o que ele possuía e, em sua penúria e em sua necessidade, ninguém lhe dava nada. O pecado nos rouba, tira de nós, esgota-nos mentalmente, fisicamente, moralmente, em todos os aspectos, e por fim nos abandona no monte de ferro velho, rejeitados! E inteiramente destrutivo. Rouba e leva de nós o caráter, a castidade, a pureza, a honestidade, a moralidade, a retidão, a gentileza, o equilíbrio, a sensibilidade, e tudo quanto é nobre no homem. Causa surpresa que o apóstolo diga, "Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano"? Evite o pecado, digo eu, como se fora a própria peste, fique longe dele quanto puder, faça tudo o que puder para destruí-lo e mortificá-lo.

O Novo Testamento está repleto deste ensino. O pecado é tão horrível, tão torpe, tão enganoso! "Despojem-se, então concernente ao modo de viver do velho homem, que está sendo corrompido e vai indo rumo à destruição, em conseqüência das cobiças do engano."

[1]

Cf. Salmo 41:9; Atos 1:16; João 13:18, 21, 26. Nota do tradutor.

QUANDO NÃO ORAR, MAS AGIR

"Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito do vosso sentido; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade. "

- Efésios 4:22-24

Até aqui, em nosso consideração destas palavras do apóstolo, nós as tomamos em seu aspecto *geral*. Vimos *por que* devemos despojarmos do velho homem; e agora, o próximo passo é aprender *como* nos despojamos dele. Não é suficiente apenas dizer: "Despojem-se do velho homem, revistam-se do novo"! Isso é algo que tem que ser feito na prática e em detalhe, e devemos saber exatamente como se faz isso. De fato, é bem provável que neste ponto o movimento evangélico moderno mostre a sua maior fraqueza, pois, lamentavelmente, ele tem negligenciado esse aspecto da vida cristã. Muitas vezes expressamos crítica adversa ao catolicismo romano, e ainda o fazemos. Mas devemos conceder que nesta matéria particular, o cultivo da vida espiritual e devota, os católicos têm muito para nos ensinar. Contudo, não necessitamos ir a eles. Esse foi o peculiar ensino dos puritanos do século 17. Esta espécie de teologia pastoral, este ensino em detalhe sobre como se deve lutar neste combate da fé, foi aquilo em que eles sobressaíram. Entretanto tudo isso, digo eu, teve a tendência de ser negligenciado por nós, e nisso nos fazemos culpados de fazer violência às Escrituras. Qual é, pois, o ensino concernente à ação de despojarmos do velho homem?

O primeiro princípio é claro. "Despojar-se" é uma coisa que o cristão tem que fazer. Não é uma coisa que outros façam por ele. A exortação chega a ele como uma ordem definida. "Despoje-se do velho homem!" Começo expondo a exigência negativamente. Despir-se do velho homem não é algo sobre o que se deve orar. Isto soa muito anti-espiritual, não soa? Imaginem um pregador num púlpito cristão dizendo aos ouvintes que eles não devem orar sobre esse assunto! Mas é essencial que digamos isso, porque muitos têm a tendência de, seja qual for o problema, dizer leviana e imediatamente:

"Devemos orar sobre isso! Devemos levar isso ao Senhor em oração". É muito simples, dizem, não há nada que fazer, senão orar. Alguma coisa o preocupa? Ore sobre isso! Nada disso, diz Paulo; nada de orar sobre isso; dispa-se do velho homem; avante com isso! Há algo que chega a ser quase violento nessa questão; e eu penso que ela requer violência porque há muito de sentimentalismo doentio e de falsa piedade com relação a este assunto, o que leva certas pessoas a viverem uma espécie de vida espiritual sempre esmorecida. Claro que precisamos orar sobre todas as coisas; toda a nossa vida deve ser uma vida de oração. Devemos orar sem

cessar. O que estou dizendo é que não se deve resolver este problema apenas orando sobre ele. O apóstolo não diz aos cristãos de Éfeso: "Com relação a este problema, quero que vocês orem a respeito". Longe disso! Ele de fato diz: "Pelas razões que lhes apresentei, dispam-se desse velho homem, não orem sobre isso, digo-lhes que ajam; vão adiante com isso, e façam-no".

No entanto, que dizer se um crente falar da sua fraqueza, da sua falta de poder? A resposta a isso é que, como uma criatura regenerada, um ser nascido de novo, ele *tem* o poder. Se o Novo Testamento nos manda fazer uma coisa, acertadamente podemos esperar receber do Senhor o poder para fazê-la, e, por conseguinte, não há desculpa neste ponto. Esta questão é muito sutil portanto deixem-me expô-la da seguinte maneira: minha opinião é que, muitas vezes, por orarem sobre uma questão como esta, as pessoas, longe de resolverem os seus problemas, simplesmente o aumentam, pois oram com espírito de temor. Dizem elas: sinto-me tão fraco, nada posso fazer. E oram pedindo que sejam libertas disto, em vez de atirá-lo para longe! A maneira de solucionar este problema não é orar; é pensar e aplicar o ensino e a doutrina do apóstolo para despojar-se do velho homem.

Há muitos anos, uma senhora veio ver-me por causa de um problema que vinha estragando a sua vida já fazia uns vinte e dois anos. Pode parecer algo trivial a outros, porém estava prejudicando a vida dela. Aquela senhora tinha fobia, terror, horror, por temporais com trovões. Uma vez estivera numa terrível tempestade carregada de trovões, e achava que ia ser morta, e isso ficara fixo em sua mente. E por fim chegara a um ponto tal que, se ela ia indo a um local de culto num domingo de manhã e visse uma nuvem negra, esse medo sugeria imediatamente a vinda de temporal e trovões, e, de medo, em vez de ir para a igreja, voltava para casa. A fobia tinha assumido várias formas: tinha impedido que ela fizesse muitas coisas que desejara fazer, e tinha criado dificuldades na família. Pode-se imaginar os problemas que surgiam, decorrentes disso. A senhora veio falar comigo simplesmente em conseqüência de algo que me ouvira dizer

de passagem num sermão, e eu ouvi o relato do seu caso. Pois bem, disse eu, que é que você tem feito a respeito? Tenho feito tudo o que posso, respondeu ela; tenho falado com todo tipo de gente. Suponho que você tem orado sobre isso, disse eu. Não oro sobre outra coisa, disse ela; sempre oro sobre isso. Provavelmente, repliquei, aí está por que o problema persiste! E continuei: o de que você precisa não é orar, mas pensar! E depois lhe mostrei que mau testemunho era isso numa pessoa cristã como certamente ela era. Alguma vez pensara nisso? Alguma vez fizera a si mesma a pergunta: por que devo ter mais medo de uma tempestade e dos trovões do que qualquer outra pessoa? Se todas as outras pessoas podem continuar indo a um local de culto, por que eu não posso? Por que essa dificuldade é tão especial para mim? Ela nunca havia pensado nisso. Em vez disso, tinha orado sincera e honestamente, e com grande intensidade, durante vinte e dois anos, rogando

que fosse liberta do medo de tempestades e trovões, todavia o medo continuou e estava aumentando.

Existem pontos, digo eu em nome de Deus e em nome das Escrituras, acerca dos quais vocês não necessitam *orar,* mas necessitam, sim,pensar e aplicar a doutrina. *Despojem-se* do velho homem! Vocês não precisam orar pedindo orientação sobre isso! Uma vez apercebidos do seu caráter, fora com ele! Não é questão de orar, é questão de agir. E assim vemos que o diabo, com a sua astúcia e como anjo de luz, às vezes pode animar-nos a orar de maneira cega e nada inteligente, porque ele sabe que, enquanto fizermos isso, não exerceremos o pensamento e não encararemos o ensino bíblico para aplicá-lo a nós mesmos e a este problema particular.

Mas devo expor a força da palavra do apóstolo com outra negativa. Esta não é uma experiência que você recebe ou que lhe acontece. Muitos cristãos conhecem bem o ensino que afirma que a solução de todo e qualquer problema da vida espiritual é muito simples; tudo o que você tem que fazer é levá-lo ao Senhor e deixá-lo com Ele. Ele o livrará. Vá deixá-lo com Deus! Muito simples! - dizem eles, você simplesmente tem que levá-lo a Ele; e depois terá esta maravilhosa experiência de libertação. Já faz anos que este ensino vem sendo propagado, e existem os que estão tentando praticá-lo. Entretanto, não ficaram livres dos seus problemas. Podem ter uma libertação passageira enquanto estão nas reuniões, mas o problema volta; e eles persistiram tentando "largá-lo e deixá-lo com Deus"! Mas, diz o apóstolo, não é disso que se necessita; você *mesmo* tem que despir-se do homem velho. Não peça a Deus que tire de você o homem velho; tire-o você mesmo!

Certamente devemos reconhecer que este ensino sobre "largá-lo e deixá-lo com Deus" e completamente antibíblico. Se fosse verdadeiro, toda esta parte da Epístola aos Efésios, do versículo 17 do capítulo quatro até o fim da Epístola, jamais teria sido escrita. O apóstolo não teria escrito essas palavras, e não teria prosseguido com o que disse em seguida: "deixai a mentira; falai a verdade, cada um com o seu próximo, irai-vos, e não pequeis; não deis lugar ao diabo; aquele que furtava, não furte mais". Ele não teria dito essas coisas; estaria cometendo um erro, se as dissesse. Ao invés disso, ele diria: se alguém entre vós, crentes, é tentado a furtar, ore sobre isso; que vá pedir ao Senhor que o livre disso! Contudo ele não diz nada desse tipo. Ao contrário, ele diz: "aqueles que, dentre vós, dedicavam-se a furtar, parem de fazê-lo, não furtem mais, despojem-se do velho homem"! Assim é obvio que o ensino que talvez pareça muito espiritual, pode ser completamente antibíblico. Não somente passa de largo pelas Escrituras; nega as Escrituras.

Mas certamente, vem o protesto, você recebe a sua santificação como recebe a sua justificação; você recebe a sua justificação pela fé, e deve fazer o mesmo com relação ao velho homem. Ora, é aí que a falácia entra. A justificação é, sem dúvida, inteiramente pela fé, porque é dada quando a pessoa não tem nenhuma vida

espiritual, não tem capacidade nenhuma. Não é assim, porém, quanto ao despojamento do velho homem. Mas, alguém perguntará: Paulo não tinha dito no capítulo 2, "Somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras"? Eu respondo: essa é uma referência à justificação, e à regeneração; nisso somos inteiramente obra realizada por Deus. Lembremo-nos, porém, que o mesmo Paulo que escreve, "Somos feitura sua", também diz aos que foram salvos, "operai a vossa salvação com temor e tremor"! (ARA: "desenvolvei...", Filipenses 2:12). Noutras palavras, ponham fora, dispam-se, e depois vistam-se. "Somos feitura sua." Claro! Não podemos fazer nada enquanto Ele não nos faz de novo. Mas, uma vez que nos tenha feito de novo, somos capazes de agir. Por isso ele diz: *operai* ou *desenvolvei* a vossa salvação com temor e tremor. A justificação é unicamente pela fé. A santificação *não* é unicamente pela fé. A totalidade da vida cristã é uma vida de fé, porém na santificação temos que agir, e desenvolver; despir-nos e vestir-nos; como o apóstolo nos diz em todos esses pormenores que nos oferece aqui. Começamos, pois, dando-nos conta de que isso é algo qu*enós mesmos* temos que fazer. Não o fazem outros por nós. Não esperamos passivamente, apenas, nem relaxamos e ficamos à espera de que seja realizado por outrem a nosso favor. Absolutamente não! Despojem-se! Parem de fazer certas coisas, diz

o apóstolo. E digo de novo, que tragédia é que homens e mulheres tenham pensado que era altamente espiritual negar esta clara ordem e exortação e ensino das Escrituras! Aquele outro ensino, como assinalei muitas vezes, realmente significa que a segunda metade de cada uma das Epístolas do Novo Testamento nunca deveria ter sido escrita. No caso que temos diante de nós, tudo o que o apóstolo deveria ter dito, no começo do capítulo 4 ou no versículo 17, é simplesmente isto: à luz desta doutrina, tudo o que vocês têm que fazer é deixar a coisa correr, permanecer em Cristo, e tudo estará bem; você será liberto de todos os seus problemas; é muito simples; é justamente como abrir as venezianas e deixar o sol entrar; não há mais nada a fazer. Isso é tudo o que ele precisava dizer. Mas notamos que os escritores do Novo Testamento dedicam quase a metade das suas Epístolas a minuciosas instruções práticas; eles dizem às pessoas o que não devem fazer, e lhes dizem o que devem fazer. E evidente que esses dois ensinos são inteiramente incompatíveis. No entanto, o ensino das Escrituras é claramente: *despojem-se*\ É algo que nós mesmos temos que fazer. E como lhes tenho feito lembrar, é inútil dizer que não temos poder. Temos! Se você é cristão, o poder está ao seu alcance. Deus nunca o manda fazer uma coisa sem capacitá-lo a fazê-la. Se eu e vocês nascemos de novo, o Espírito de Deus e de Cristo está em nós, o Espírito Santo está em nós, o poder aí está. E temos que aperceber-nos disso e, na força da energia e do poder divinos, nós agimos e fazemos precisamente o que temos dito.

Depois, como fazê-lo? Há o princípio e, logo a seguir, a aplicação prática. O primeiro ponto essencial é que temos que lembrar quem somos e o que somos. O apóstolo de fato nos diz que procedamos assim. Diz ele: despojem-se do velho

homem por causa do seu caráter pecaminoso, e revistam-se do novo homem que, segundo Deus, é criado em justiça e verdadeira santidade. Não somos mais o que éramos, e a primeira coisa que temos que fazer é dizer a nós mesmos justamente isso! Toda a arte do viver cristão consiste em você saber falar consigo mesmo. Se você não prega a si próprio, você não é cristão. O cristão é um pregador; prega a si mesmo. Você começa o seu dia dizendo: agora sou um novo homem, não sou mais o velho homem; o meu velho homem foi crucificado com Cristo, o meu velho homem está morto, acabou-se, não existe mais; não sou mais o que eu era. Se alguém está em Cristo, é nova criatura, nova criação; as velhas coisas passaram; eis que tudo se fez novo. Você começa o novo dia dizendo isso a si próprio. Isso não será dito a você, não lhe acontecerá automaticamente. O diabo falará com você no momento em que você

acordar, e lhe dirá mil e uma coisas para deprimi-lo antes mesmo de você sair da cama. Portanto, temos que tomar uma resolução; vamos levantar-nos e dizer: eu sou um novo homem em Cristo. Isso tem que ser feito literalmente e em detalhe dessa maneira.

Não é de admirar que falhemos tanto. Não começamos o dia como devíamos. Nós gememos: aí estão esses pensamentos de novo, e aí está o meu problema, outras dezoito horas, mais ou menos, que se me apresentam. Que posso fazer? E antes que o percebamos, já estamos derrotados. Vamos dar ouvidos à exortação do apóstolo - despojai-vos do velho homem! E se você o fizer, e quando o fizer, compreenderá que Cristo entrou em sua vida e o libertou. Portanto, não pule da cama para ajoelhar-se e fazer uma oração de um deprimido. Ao invés disso, lembre-se primeiro de quem você é, pois, se você orar de maneira deprimida, realmente não estará orando no Espírito, de modo nenhum. Essa oração é de incredulidade, não de fé. Realménte não poderemos orar enquanto a nossa doutrina não for clara para nós. Portanto, lembremo-nos de quem somos, antes de buscar a Deus.

O segundo ponto essencial segue-se obviamente, não é? Também temos que lembrar-nos da natureza e do caráter da velha vida. Isso vem retratado aqui, nestes terrificantes versículos 17, 18 e 19; Paulo nos oferece de novo o seu sumário no versículo 22. Notem como o apóstolo está interessado em que o façamos minuciosamente; ele não quer deixar-nos escapar disso. Ele fica a recordar-nos repetidamente o caráter da vida anterior; força-nos a tê-la diante de nós. E nisso está, penso eu às vezes, toda a arte de triunfar na vida cristã. Suponho que preciso dizer isso mais vezes do que qualquer outra coisa em meu trabalho pastoral. Pessoas há que me procuram por causa dos seus problemas particulares; elas me dizem que têm orado para serem libertas, e assim por diante. Eu lhes pergunto: vocês têm de fato encarado essa coisa de frente? Vocês estão com medo disso, estão fugindo, estão se abaixando, toda a sua atitude está errada. Mas agora, esperam um momento. Examinem essa coisa, coloquem-na defronte de vocês, analisem-na e dissequem-na,

avaliem-na pelo que ela é. Isso é a metade da batalha. E depois, diz Paulo, vocês verão que é preciso que se livrem da coisa toda. Olhem para ela e encarem-na, em vez de fugirem dela. Esse é o segundo ponto essencial.

E depois há um terceiro ponto. Fixem em suas mentes a completa incoerência de quem se diz cristão, porém continua vivendo da maneira antiga. Tão óbvio, não é? E, contudo, como todos nós falhamos nisso! Você tem que examinar-se, tem que examinar o seu velho modo de viver e, quando o fizer, dizer a si mesmo: pois bem, é

impossível, estou sendo completamente incoerente; eu digo que o homem incoerente não tem valor para mim, que não dou valor ao hipócrita, ao homem que diz uma coisa e faz outra. Mas, que é que eu sou? Como estou vivendo? Que é que eu declaro como cristão, como membro da Igreja? Goste eu disso ou não, e o entenda ou não, estou fazendo uma tremenda declaração. Como cristão, como homem que se diz cristão, estou afirmando que sou participante da natureza divina, que Cristo morreu para resgatar-me deste mundo mau, que fui transferido do reino das trevas para o reino do amado Filho de Deus. É isso que estou afirmando. Estou afirmando que sou membro do corpo de Cristo, e que por meio desses canais de suprimento de que o apóstolo estivera falando, a vida da bendita Cabeça está fluindo para dentro de mim. Será coerente com essa declaração continuar a viver como tenho vivido? Acaso minha conduta e meu comportamento devem ser os da esfera antiga, quando eu declaro que pertenço a esta nova esfera? O Novo Testamento está literalmente repleto desse tipo de argumento. Dêem atenção ao que Paulo escreve aos filipenses: "Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo" (1:27). Seu argumento é claro: o seu comportamento é "conforme o evangelho"? Está à altura da sua profissão de fé? Todos nós conhecemos bem o argumento, a ilustração. Não tenham um conflito de cores em seu vestuário, diz o apóstolo. Não se vistam de maneira imprópria para o que vocês são. Seja o seu procedimento, a sua conduta, como convém ao evangelho de Cristo. Vejam que toda a sua vida seja tal que sugira às pessoas que o Filho de Deus deixou o céu e veio a este mundo, que Ele morreu num madeiro, e que ressusscitou e enviou o Espírito Santo.

Permitam-me ilustrar o ensino oferecendo-lhes outro incidente da minha experiência pastoral. Também parece simples e quase trivial, todavia eu acho que é um dos maiores fatos que já ocorreram dentro da esfera da minha experiência. Refere-se a certo homem de cinqüenta e poucos anos que tinha levado uma vida ímpia e dissoluta. Era um ébrio, um lutador, um jogador, batia na mulher, era um adúltero; não havia nada, imagino, menos o homicídio, de que o homem não fosse culpado; e, na verdade, teria sido culpado de homicídio em muitas das suas brigas de bêbado, se os seus amigos não o contivessem. Ele tinha um temperamento diabólico e sórdido, e a bebida o deixava louco. Finalmente, chegou-lhe o som do evangelho, e ele foi convertido. Ora, é justamente aí onde a coisa soa quase grotesca, mas é um fato. Ele era alto, atlético, de boa compleição física, um lutador. E havia uma coisa da qual

ele era particularmente orgulhoso, a saber, o seu bigode e o comprimento deste, de ponta a ponta. (Não é extraordinário o de que as pessoas se orgulham?) Essa era a sua particular matéria de orgulho.

De fato, sucedia que a causa das suas brigas era o seu bigode, porque algum outro homem o desafiava a provar que o seu bigode media mais de ponta a ponta que o dele. E assim começava uma discussão, e acabavam brigando. Entretanto, ele não se orgulhava somente do seu bigode; também se orgulhava de que nenhum homem podia resistir às suas façanhas como lutador. Então o inesperado aconteceu. Ele veio para a igreja, foi convertido, e o evento o deixava maravilhado.

Ora, a história é esta: umas seis semanas após a conversão do homem, ele veio a uma reunião noturna de meio de semana, e notei imediatamente, quando ele entrou, que o bigode tinha desaparecido. Ele não tinha apenas cortado as pontas extensas, porém tinha rapado o bigode inteiro. Minha reação imediata foi de contrariedade; eu disse a mim mesmo: algum intrometido desta igreja disse a esse homem que fizesse isso. No fim da reunião, quando ele ia saindo, eu o derive e lhe disse que queria ter uma palavra com ele. Quem lhe disse que tirasse o bigode?, perguntei. Ninguém!, replicou ele. Vamos lá, disse eu; não proteja ninguém; esse tipo de intrometido faz muito dano à igreja. Estou querendo ficar livre desses detetives espirituais autonomeados, continuei. Diga-me a verdade. Quem lhe disse que tirasse o bigode? Ninguém me falou isso, disse ele. Continuei a pressioná-lo duramente, mas ele persistiu. Bem, disse eu, por que você o tirou então? Vou dizer-lhe por quê, disse ele. O fato é que eu me levantei esta manhã e, depois de lavar-me, fui ao espelho, e lá estava eu, disse ele, penteando o cabelo. De repente vi os meus bigodes - por causa do tamanho do bigode, ele dizia que eram dois - e disse a mim mesmo: essas coisas "não é boa" para um cristão! Por isso cortei as pontas e rapei o resto.

O homem, deixem-me acrescentar, não sabia nem ler nem escrever. Tinha levado uma vida tão dissoluta e má, e tinha sido criado de maneira tão solta que, literalmente, não sabia escrever e não sabia ler; e essa foi a sua expressão: "Essas coisas não é boa para um cristão!" Iletrado e ignorante, sim, mas tinha nascido de novo, e o Espírito de Deus tinha entrado nele; e o Espírito de Deus, com a Sua unção e o Seu poder, lhe tinha ensinado esta lição: "Essas coisas não é boa para um cristão!" "Despojai-vos do velho homem!" E ele se despojara do velho homem, naquele aspecto. Eram coisas próprias da velha vida, nada tinham a ver com a nova vida. Muito simples, não? Homem ignorante, iletrado! Quisera Deus que esta igreja estivesse cheia de gente assim! Vejo cristãos hoje que, até deliberadamente, me parece, estão vestindo o homem velho! - estão vestindo coisas pertencentes à vida da carne, do diabo e do mundo. Elas não perceberam ainda que "Essas coisas não é boa para um cristão"! Esse é o argumento do

apóstolo. Tratem de desenvolvê-lo para si mesmos, em detalhe. O cristão não deve

sequer parecer-se com o homem ou mulher típico do mundo. Há certas coisas que são incompatíveis com esta nova vida. Fora com elas! Livrem-se delas!

Devemos agora passar ao próximo passo de obediência ao evangelho. Cito para vocês uma palavra escrita pelo apóstolo em seu capítulo subseqüente: "E não comuniqueis" (VA: "Não tenhais comunhão") "com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as". O ponto essencial aqui, a frase operativa, é *"Não tenhas comunhão"*. Noutras palavras ele diz: não tenham nada a ver com as obras das trevas. Sejam drásticos. Não façam nenhum trato com elas. O princípio importante, parece-me, é este: vigie o começo. Não debata, não discuta, não tenha nada a ver com o pecado, se é que você é sábio: despoje-se totalmente do velho homem. Não temos todos nós experiência disso? No momento em que você mal dá ouvidos ao diabo, praticamente já ficou por baixo. Se você discutir com ele, certamente você será derrotado. Não converse nem um pouco com o diabo; não lhe dê a mínima atenção. Não fale com ele, não troque expressões com ele. Se você começar a falar com o diabo e a ouvi-lo e disser: ora, por que não? Eu quero entender... você já estará batido, ele sempre o derrotará; ele é astuto, ele é esperto, ele é brilhante na arte da resposta pronta; ele conhece todos os argumentos. Assim que você começa a dar lado ao pecado, você está liqüidado. Não tenha nenhuma ligação, nenhuma comunhão, com as obras infrutuosas das trevas. Estabeleça este princípio, também, que se você estiver em dúvida sobre uma coisa, não a tocará. "Tudo o que não é de fé é pecado." "Aquele que tem dúvidas, se come está condenado", diz Paulo em Romanos, capítulo 14. Se você está em dúvida acerca de uma coisa, diga: "Não"! É melhor errar desse lado do que do outro. Não se deve tocar as coisas que sejam meramente duvidosas.

A seguir chegamos a outra injunção positiva que desejo ressaltar. E do novo é uma citação direta das Escrituras. Na Epístola aos Romanos o apóstolo escreve: "Não tenhais cuidado da carne"! (13:14. ARA: "Nada disponhais para a carne"; VA: "Não façais provisão para a carne"). Que declaração! "Não façais provisão (ou nenhuma provisão) para a carne!" Que coisa tremenda! Essas palavras desempenharam o seu papel na vida de Agostinho. Que é que Paulo quer dizer quando declara que não devemos fazer provisão para a carne? Ele quer dizer: não seja bobo de alimentar aquele velho homen que está em você. Não seja bobo de dirigir os seus passos para a tentação. Não faça provisão para a carne, aquilo que põe você abaixo!

Existem certos lugares que são ruins para você - fique fora deles! Você sabe de antemão que, se entrar, a carne será estimulada. Isso é fazer provisão para a came. Portanto, nunca entre num lugar desses. E falo não somente de lugares, mas também de pessoas. Se há pessoas que sempre exercem má influência sobre você, evite-as! Fora com o velho homem! Não ore sobre isso, não argumente; você não precisa de orientação especial sobre isso. Se a experiência lhe ensina que uma pessoa tende

invariavelmente a ter má influência sobre você, evite essa pessoa. Não faça provisão para a carne.

A mesma coisa vale com respeito à leitura. Não hesito em dizer que os jornais populares deste país são hoje, indubitavelmente, a pior influência que há, com relação à vida espiritual. Eles estão repletos de sugestão e insinuação. Portanto, seja discriminativo e cauteloso quando lê o seu jornal. Evite aquilo que tenda afazer-lhe mal e arrastá-lo para baixo. Não faça provisão para a carne! Ouça a Jó, quando ele nos fala no Velho Testamento. Ele era um homem piedoso, e eis o que ele diz: "Fiz concerto (ou aliança) com os meus olhos"! (31:1). No versículo 7 do mesmo capítulo ele diz: "Se os meus passos se desviaram do caminho, e se o meu coração segue os meus olhos .. Notem: os seus corações seguem os seus olhos! Os olhos são o problema. Vocês vêem algo, e os seus corações vão atrás. Por isso Jó diz: "Fiz aliança com os meus olhos". Deixem-me expressar a questão positivamente, como a vemos em Provérbios 4:25: "Os teus olhos olhem para a frente, e as tuas pálpebras olhem direto diante de ti". Se há alguma coisa tentadora, não olhem para ela! É isso que significa despojar-se do velho homem. Façam aliança com os seus olhos, olhem direto para a frente, não deixem que os seus olhos passeiam errantes, não os deixem cobiçar coisas, não os deixem desviar-se do caminho reto. Este ensino é bíblico: não se limitem a orar sobre isso; simplesmente *não olhem*\ Mantenham os seus olhos longe das coisas que têm a probabilidade de seduzi-los ou atraí-los, sejam elas quais forem. Reitero: façam aliança com os seus olhos, olhem direto para diante, mantenham-se firmes, olhando no direção de Deus e do céu e da santidade. Não façam provisão para a carne.

E isso me leva ao último princípio - procurei colocar os princípios numa ordem ascendente: não só não devemos fazer nenhuma provisão para a carne, mas realmente nos é dito que mortifiquemos a carne. "Se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis", diz Paulo aos cristãos romanos (8:13). Lemos uma exortação similar em Colossenses 3:5: "Mortificai pois os vossos membros, que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, o apetite desordenado, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria". *Mortificai os* vossos membros, que estão

sobre a terra! Cristão, *você* tem que fazer isso, e eu tenho que fazê-lo; não o fazem por nós; o mal não é extraído de nós numa experiência maravilhosa, emocionante. Temos que empenhar-nos nessa obra de mortificação; temos que mortificar os feitos do corpo. E isso mediante o Espírito! O Espírito é dado; temos o Espírito. Portanto, diz o apóstolo, em Seu poder, *mortificai . . . Mortificar* significa *amortecer,* significa *atacar deliberadamente,* significa *deixar passar fome* para que os nossos inimigos morram de inanição; prive-os de alimento, não faça nenhuma provisão para eles, noutras palavras. Outra boa maneira de mortificar uma coisa é *não usá-la.* Se você não usar os seus músculos, eles ficarão atrofiados e se enfraquecerão. Portanto, não usar é um excelente meio de mortificar. Retire o

alimento e o sustento; não use. E à medida que você fizer essas duas coisas, os nossos inimigos serão mortificados gradativamente.

Mas o apóstolo vai mais longe ainda. Nós não apenas não alimentamos a carne e o corpo neste sentido mau; não somente não devemos exercitar o corpo, se desejamos mortificá-lo. O apóstolo vai mais longe em sua Primeira Epístola aos Coríntios, dizendo; "Pois eu assim corro, não como a coisa incerta; assim combato, não como batendo no ar. Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão"! (9:26-27). Logo vem a objeção: "Isso é legalismo, é um homem fazer algo, cair de volta na lei das obras". Contudo, é o apóstolo que o ensina! E o sentido literal da expressão que o apóstolo usou de fato, aqui traduzida por *"subjugo o meu corpo*", é *dar um soco no olho*; *esmurrar* (Cf. ARA), inutilizar um antagonista, como faz o pugilista! O apóstolo diz realmente: "Eu me esmurro no olho". Virtualmente, ele diz: sou como um boxeador, não estou batendo no ar, estou surrando a mim mesmo, estou deixando o meu corpo cheio de manchas, estou dando a mim mesmo olhos roxos; para que esta carne não me lance ao chão. Subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão.

O cristão é assim! Portanto, não devemos dizer acerca do nosso problema: "Ah, a solução é muito simples; basta abrir as venezianas e deixar o sol entrar, e as trevas desaparecerão"! Todavia não desaparecerão! E as pessoas que usam essas expressões sabem que não; e tem havido pessoas que, durante anos, vêm tentando abrir as venezianas, e continuam derrotadas por pecados particulares. Claro que continuam! Elas estão negando as Escrituras. Subjugo o meu corpo e o surro, esmurro o meu olho com toda a minha força; levanto-me contra um antagonista, e como um pugilista, estou tentando nocauteá-lo. Esse é o método bíblico. Assim, não somente não fazemos provisão para a carne; temos que mortificar a carne, subjugá-la, mantê-la baixo, compreendendo que, se não fizermos isso, a carne nos porá abaixo

temporariamente, e estaremos vivendo uma vida contraditória.

Aí está, pois, a essência do ensino do apóstolo. Se vocês quiserem ler uma ampliação desse ensino (e como ele foi ampliado!) vejam o tratado de John Owen sobre *A Mortificação da Carne* ("The Mortification of the Flesh"). Vocês o acharão muito volumoso; naturalmente que é, pois estas coisas têm que ser desenvolvidas em detalhe. Eu lhes dei apenas os princípios básicos. Permitam-me, pois, repetir que, seja o que for que os perturbe, levantem-no e examinem-no à luz destes princípios. Não corram, não se apavorem, não digam simplesmente: tenho que tentar orar. Examinem bem a coisa e desenvolvam-na; coloquem-na à luz deste contexto, e depois apliquem os princípios, e pelejem com ela no poder do Espírito Santo. Despojem-se do velho homem. E façam isso em detalhe. O apóstolo continua e passa aos detalhes - mentira, roubo, comunicações corruptas. Ele os toma, um por um, e diz que vocês têm que aplicar os princípios com relação a cada um dos itens. E

assim vocês se despojarão do velho homem, que é corrupto, que está morrendo e que é decadente, segundo as concupiscências do engano

Queira Deus dar-nos honestidade! Queira Deus abrir os nossos olhos para as Escrituras! Queira Deus livrar-nos de passar por alto as Escrituras e de eliminar partes completas delas no interesse de uma teoria! E quando Deus fizer assim, e quando compreendermos que temos o Espírito de Deus em nós, nós nos veremos capacitados a despojar-nos do velho homem e de tudo quanto é tão horrivelmente certo a respeito dele, para que não mais desonremos o glorioso nome do nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo.

RENOVADOS NO ESPÍRITO DO ENTENDIMENTO

"E vos renoveis no espírito do vosso entendimento "

r - Efésios 4:23

Recentemente estivemos estudando duas exortações feitas pelo apóstolo Paulo aos crentes efésios, uma para que se despojassem do velho homem, o qual se corrompe segundo as concupiscências do engano, e a outra para que se revestissem do novo homem, que segundo Deus é criado em justiça e verdadeira santidade. Mas, entre essas duas exortações vem este versículo 23, para o qual dirigimos agora a nossa atenção. Ele marca a transição do negativo para o positivo, na exortação do apóstolo. Antes, porém de passar de fato ao positivo e de dizer-nos que nos revistamos do novo homem, Paulo insinua e insere esta declaração particular. Assim a declaração é, como digo, o início do positivo. No entanto, é muito mais que isso, pois seria muito errado considerar esta declaração meramente como uma introdução do que vem. Na verdade atrevo-me a sugerir que este versículo colocado aqui, entre as duas exortações, e que, superficialmente examinado, é apenas um elo de ligação; é, na realidade, a chave para entender-se o segredo de se poder despojar do velho homem e de se revestir do novo. Paulo decide colocá-lo dessa maneira particular, pois o homem nunca se despojará realmente do velho homem, e nunca se revestirá do novo, enquanto não for renovado no espírito do seu entendimento. Assim, o versículo 23 é uma daquelas profundas declarações doutrinárias que abundam, conforme notamos, não somente na primeira parte desta Epístola, como também até mesmo aqui nesta seção muito prática, onde, num sentido, o apóstolo está simplesmente aplicando a sua grande doutrina e exortando estes efésios a andarem agora, não como andam os outros gentios, porém segundo os que verdadeiramente aprenderam a Cristo. Face a face, pois, com tão importante declaração, devemos dar-lhe nossa total atenção.

A primeira coisa que o apóstolo nos diz é: *"e vos renoveis*" -expressão de grande interesse! De fato, literalmente significa precisamente o que diz; significa *re-novar,* ou *ser feito de novo.* Sugere restauração a uma condição prévia que existia outrora. Sugere que

houve uma saída daquela condição, e que o que necessitamos é ser levados de volta a ela. Pois bem, eu espero mostrar-lhes o significado dessa declaração, mas é exatamente isso que ela significa. É importante observar que a Versão Autorizada não nos dá o tempo verbal exato aqui (VA: "E sede renovados..."). O tempo verbal é realmente o presente contínuo; diz Paulo que eles devem *continuar sendo renovados* dessa maneira. Não é uma coisa que acontece uma vez por todas. Vimos antes que "despir-se" é algo que se faz uma vez por todas; "vestir-se" ou "revestir-se" também; todavia esta "ser renovado" é algo que continua; é presente e deve continuar

constantemente. E evidente que esse ponto é muito importante. E o terceiro ponto acerca dessa palavra é que está na voz passiva; não é algo que cabe ao cristão fazer. O "despojar-se" ou "despir-se", como estive acentuando é nossa ação; similarmente, o "revestir-se" é nossa ação; mas a renovação não é nossa acão, é algo que nos acontece. Nós vamos *sendo renovados*.

É de fato obra de Deus, obra do Espírito Santo. E todavia, penso eu, é óbvio que, embora tenhamos que salientar e reforçar esse aspecto da questão, a própria maneira pela qual o apóstolo a coloca indica claramente que podemos impedir essa obra. Não há dúvida acerca disso tudo. Não estou falando da conversão, porém de algo que está acontecendo com o homem que já nasceu de novo, pois é a pessoas regeneradas que o apóstolo está escrevendo. É porque elas já nasceram de novo, Paulo diz a elas, que ele as exorta dessa maneira. Por isso dizemos acerca do cristão que ele pode impedir essa obra, pode apagar o Espírito, pode entristecer o Espírito. Assim, embora a ênfase maior esteja no fato de que sermos renovados é algo que nos é feito, devemos ter cuidado para não impedir ou frustrar de algum modo essa obra, mas que façamos tudo o que pudermos para promovê-la e fomentá-la. Podemos, pois, traduzir a declaração desta maneira: "que continueis sendo renovados constantemente", pois isso é o que Paulo está dizendo de fato.

Em segundo lugar, notamos que a renovação mencionada é "no espírito da vossa mente" (VA) -uma declaração sumamente profunda, e deveras importante para o nosso claro entendimento da doutrina cristã. Entretanto Paulo não diz que temos que ser renovados em nossa mente apenas, mas *no espírito da mente.* Tem havido muita discussão sobre essa expressão. Alguns escritores dizem que ela significa o Espírito Santo, residente na mente; contudo não há a mínima possibilidade de significar isso, por esta boa razão, que em parte alguma as Escrituras se referem ao Espírito como o Espírito da *nossa* mente. É-

-nos dito que o Espírito Santo habita em nós, mas Ele não é *nosso* Espírito Santo. Assim, *o espírito da mente* não pode significar o Espírito Santo influenciando a mente. O Espírito Santo influencia a mente, porém Paulo aqui está falando do *espírito da mente.* De igual modo devemos assinalar que aqui o apóstolo não está se referindo aos nossos *espíritos.*

Neste ponto devemos lembrar-nos de novo da maneira pela qual a Bíblia disseca e analisa a personalidade humana; noutras palavras, devemos por um momento olhar de relance a *psicologia bíblica.* E o que ela nos diz sobre nós é que há no homem a *mente,* a sede do entendimento; o *coração,* a sede das emoções e dos sentimentos; a *alma,* a sede das sensações; e também o *espírito.* Há, naturalmente, uma grande argumentação quanto a se o homem consiste de duas ou de três partes. Uns dizem que só devemos falarem *corpo o alma, o* não em *corpo, alma* e *espírito,* que é o conceito tricotômico. Este é um assunto que jamais poderá ser resolvido de maneira final,

porque notamos que este apóstolo mesmo, no último capítulo da Primeira Epístola aos Tessalonicenses, fala acerca de todo o nosso espírito, alma e corpo. E lemos no capítulo quatro de Hebreus sobre dividir em partes até mesmo a alma e o espírito, e as juntas e a medula. Realmente não importa qual dos conceitos você adota, contanto que reconheça que, se disser que há somente um órgão (por assim dizer) em acréscimo ao corpo, baseia-se no reconhecimento de que esse órgão tem duas partes - alma e espírito. Portanto, chega-se à mesma coisa, no fim. Aí está a alma do homem, a sede das sensações, pela qual o homem tem comunhão com os seus semelhantes. Mas existe algo superior, o espírito que há no homem; e, indubitavelmente, é a coisa mais elevada que há em nós e em nossa constituição.

Ao lerem a Bíblia, vocês devem ter notado que muitas vezes esses termos são utilizados uns pelos outros; às vezes a palavra *mente* é utilizada significando a pessoa completa; às vezes a palavra *coração* é utilizada, não somente para indicar a sede dos afetos e das emoções, mas de novo pela personalidade toda, incluindo a mente; *alma* é empregada do mesmo modo; e também *espírito,* da mesma maneira. Alguém poderá perguntar então: temos alguma possibilidade de saber que sentido é indicado em qualquer contexto particular? A resposta é que, se você der cuidadosa atenção ao contexto, geralmente será capaz de determinar o sentido. Eé esse o caso em nosso presente estudo. Em nosso texto de Efésios Paulo fala sobre o *espírito da mente*; assim, obviamente, *espírito* e *mente* não significam a mesma coisa. E, na verdade, ele não está falando nem mesmo dos *nossos* espíritos; está falando particularmente do que ele chama *espírito-da-mente,* e deve-

mos pesquisar o âmago do significado dessa palavra.

Minha opinião é que a palavra significa o princípio interior que realmente governa, domina e aciona a mente propriamente dita. Com isso quero dizer que, em acréscimo às nossas faculdades, aos nossos poderes e às nossas capacidades intelectuais, há uma espécie de espírito da mente que dirige todo o funcionamento da mente. É a isso que o apóstolo está se referindo aqui. A palavra *espírito* significa sopro, ou vento, que significa poder. Assim, ele está falando aqui sobre o poder da mente, não simplesmente sobre as habilidades da mente, porém sobre o poder que domina e dirige as habilidades. Obviamente estamos lidando aqui com algo muito profundo, algo que fruir e com que se alegrar. Que livro maravilhoso é a Bíblia! Dizem alguns que ser cristão significa que de repente você se abrandou; você joga fora o seu intelecto e simplesmente passa o tempo cantando coros e sendo emocional. Se tais cristãos existem, que pobres cristãos são eles! O nosso Novo Testamento foi escrito para cristãos, há dois mil anos, quando eles não tinham as nossas facilidades educacionais. Foi escrito para pessoas, muitas das quais tinham sido escravas; todavia, aí está Paulo analisando a mente, nestas várias categorias. Eis aí pensamento profundo, filosofia profunda, psicologia profunda; e o que se supõe é que eu e você entendamos isto, que nos apeguemos a isto e o compreendamos, pois,

como espero mostrar-lhes, é "o espírito da mente" que realmente governa e domina tudo mais, é aquela parte do seu ser que governa e domina a sua mente. Ser renovado no espírito da mente é essencial ao progresso cristão.

Até aqui estivemos definindo os nosso termos. Agora passamos à doutrina. O apóstolo nos está oferecendo aqui uma das suas mais profundas definições do cristão. Observemo-lo enquanto ele o faz. Aqui, parece-me, estão as partes componentes.

Primeiramente, o apóstolo assinala o que o pecado e a queda do homem fizeram conosco. Esta palavra *re-novar* no-lo diz. O que o cristão necessita, diz ele, é ser levado de volta para onde ele estava, com relação à sua mente. Sua mente precisa ser renovada, feita de novo, como era antes, fato que logo sugere que ela se havia afastado dali, o que, é claro, foi exatamente o que aconteceu quando o homem caiu. Não há nada que seja mais importante que compreendemos do que a doutrina da Queda, a doutrina do homem em pecado; é a chave da Bíblia toda. Não vejo como um homem pode entender realmente a doutrina da salvação, a não ser que entenda ao menos alguma coisa da doutrina da Queda. E isto explica por que o Velho Testamento é tão essencial ao cristão como o Novo. Ele não pode entender o Novo

Testamento sem o Velho, porque o fato é que Deus fez o homem perfeito, porém o homem caiu. E o que acontecu quando ele caiu? O apóstolo nos informa. Quando o homem caiu, não foi somente que ele desobedeceu a Deus num aspecto particular e, por isso, tornou-se transgressor. Ao mesmo tempo, e como resultado direto da sua queda, ele começou a sentir-se miserável e infeliz. Também viu que tinha perdido vários benefícios que antes usufruía. Mas, diz o apóstolo, o fato mais devastador que lhe sucedeu foi que a sua mente entrou por maus caminhos.

Aqui entramos em contato com a própria essência da Queda. Quando o homem deu ouvidos ao diabo, ele se pôs debaixo do poder do diabo, e passou a ficar sob o *domínio de satanás,* como o coloca Paulo em sua Epístola aos Romanos. O resultado disso foi que a mente do homem, o espírito da sua mente, ficou debaixo de um poder dominador forâneo. O problema com todos nós, resultante do pecado de Adão, é que nascemos com uma natureza corrupta. A nossa dificuldade essencial não é tanto que fazemos coisas más - claro que isso é bastante ruim - todavia a real dificuldade com todos nós é que, como somos por natureza, toda a nossa perspectiva é má. É o *espírito* da nossa mente que está mal; a nossa maneira fundamental de pensar e de raciocinar ficou retorcida, pervertida e viciada. E exatamente isso que a Bíblia diz a respeito do mundo todo em sua presente situação de caos e de infelicidade. O mundo é como é porque os homens não sabem pensar direito. Sejam renovados no espírito da sua mente! Eles mesmos não podem fazer isso, necessitam da operação do Espírito Santo, mas uma vez que tenha ocorrido a regeneração, eles são *exortados* a entrar em ação.

Leiam como isso é expresso no livro de Gênesis, capítulo 6, pouco antes do Dilúvio. A respeito do mundo que Ele vai julgar e destruir, diz Deus: "Toda a imaginação dos pensamentos do coração do homem era só má continuamente". Que diagnóstico! Que análise psicológica! - toda a *imaginação* dos *pensamentos* do seu *coração*\
Nessas palavras vemos que "o espírito da mente" é analisado de maneira ainda mais ampla; a imaginação entra, os sentimentos entram. É este princípio que está por trás da mente que tem se transtornado. Não foi a mente, como instrumento, que se transtornou. Devemos entender isso com perfeita clareza, porque alguém poderia desafiar-me neste ponto e dizer: você está dizendo que todos os não cristãos são incapazes de pensar e não têm nenhuma capacidade? Se é assim, você está completamente errado. Acaso não existem grandes cientistas que não são cristãos? Não existem grandes filósofos, poetas e outros que não são cristãos? Você estaria afirmando que eles não têm nenhuma

capacidade? Naturalmente que não! É aqui que se toma importante fazer distinção entre a *mente* e o *espírito da mente.* O problema com o homem não está na sua mente, mas no espírito da sua mente. Os homens têm as faculdades, têm as capacidades, podem ser gênios na matemática, na física, na química, na filosofia, em qualquer destas coisas. A mente como órgão, e como máquina que trabalha, raciocina, calcula, pensa etc., produz resultados extraordinários; porém o que se tem desarranjado é o poder governante que está por trás disso tudo.

Permitam-me usar como ilustração o que me parece um dos melhores comentários sobre esta matéria. Não é um paralelo exato, mas pode servir como ilustração. O apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos, reconhece que o assunto com o qual está lidando é difícil, pelo que diz: "Falo como homem, pela fraqueza da vossa carne" (6:19). Noutras palavras ele diz: uma vez que vocês acham difícil entender o que eu estou dizendo, vou usar uma ilustração. Diz ele: "Pois que assim como apresentastes os vossos membros (isto é, as sua faculdades) para serviram à imundícia, e à maldade para maldade, assim apresentai agora os vossos membros para servirem à justiça para santificação". Os membros que antes eram utilizados de maneira má, as faculadades, os poderes, agora deviam ser utilizados com propósitos bons e retos. Continuavam sendo exatamente as mesmas faculdades, entretanto o que mudou foi a direção, o espírito que as domina.

A ilustração do apóstolo atende ao meu presente propósito. Aí está, digo eu, o efeito devastador que a Queda e o pecado produziram na raça humana. A mente do homem que, no princípio, era governada pelo espírito, agora é governada pela carne. Todo o pensamento do homem foi pervertido até esse ponto. O homem ainda é capaz de pensar e agir com proveito como físico, médico, filósofo etc.; se bem que, mesmo aí, em dado ponto ele se equivoca. Mas, no momento em que se chega às coisas que realmente importam - todo o ser do homem e a sua relação com Deus, com o tempo e com a eternidade-*aí* o pensamento do homem fracassa completamente, porque o

espírito da sua mente extraviou-se.

Se vocês quiserem ler a descrição da essência desta doutrina nas Escrituras, vejam o capítulo dois da primeira Epístola aos Coríntios, onde vemos que Paulo diz: "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente". Estará ele dizendo que o homem natural não é cristão porque não tem cérebro? Não! Ele está dizendo que o cérebro do homem natural de nada lhe vale porque o espírito que o domina impede-o de captar a verdadeira

doutrina. É o *espírito* da mente que está mal, não a mente como instrumento. Se captarmos isso, jamais ficaremos surpresos ao vermos que certos grandes vultos não são cristãos. Alguns deles são nossos conhecidos, graças ao rádio e à televisão, e outros deles são escritores. Em conseqüência, alguns cristãos fracos tremem nas bases, e dizem: "Bem, afinal de contas, poderia eu estar errado? Esses grandes homens não crêem em Cristo e no evangelho!" Mas os cristãos não deveriam ficar surpresos. Aqueles são grandes homens; e admitimos que possuem cérebros maiores do que os nossos, melhores instrumentos, como tais. No entanto não é o instrumento que importa; o importante é o espírito da mente.

Vemos que o apóstolo oferece o mesmo ensino no capítulo dois desta Epístola aos Efésios, onde se nos diz que, por natureza, todos os homens estão "mortos em ofensas e pecados", e que andam "segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Vemo-lo também no capítulo oito da Epístola aos Romanos, onde lemos (VA) que "a mente carnal é morte". Não há nada de errado com a mente propriamente dita, mas o espírito da mente é carnal. "A*mente carnal*" (a inclinação da carne), diz ele, *"é* morte, mas a *mente espiritual* (a inclinação do espírito) é vida e paz." A isso Paulo acrescenta: "Porquanto a mente carnal é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser". O espírito da mente é que está errado. Este é, pois, o real problema com o homem. Não é meramente que ele faz coisas que não deve fazer, e que não faz o que deve. A tragédia de todo aquele que não é cristão é simplesmente esta, que na própria cidadela do seu ser, no seu ponto mais elevado, no espírito da sua mente, ele perdeu o rumo. Que tragédia pode ser maior do que essa?! Algumas pessoas que vivem para o mal neste mundo, que fazem dinheiro disso e que o organizam, têm cérebros maravilhosos; são gênios nisso; têm grande capacidade, porém essa capacidade está sendo prostituída, está sendo manobrada e utilizada numa direção completamente errada. O "espírito da mente" extraviou-se e, portanto, precisa ser renovado.

Mas, perguntamos ainda: que é que a regeneração faz? Neste ponto, naturalmente, o apóstolo não nos faz um relato elaborado da regeneração; simplesmente põe o dedo no princípio essencial. Este é o fato mais importante de tudo o que acontece na

regeneração. De que necessita o homem em pecado? Bem, obviamente, à luz de tudo o que eu estive dizendo, ele não necessita de novas faculdades, porque não há nada de errado com as faculdades pessoais. O homem não precisa

ter um novo cérebro a fim de se tornar cristão; o mesmo cérebro continuará servindo, quando o espírito for transformado. O meu argumento é que, quando um homem se torna cristão, não se torna nem um til mais capaz do que era antes. Continua tendo o mesmo cérebro, as mesmas faculdades; fossem o que fossem, continuam sendo o que eram. Se o homem era um gênio no pecado, será um gênio como pregador; o apóstolo Paulo é uma ilustração disso. Mais que ninguém, ele foi um perseguidor; ele espancava ou aprisionava todos os cristãos que conseguia encontrar; e depois se tornou cristão e o maior pregador de todos. A mesma intensidade! O mesmo zelo!

Tenho visto pessoas crucificarem as suas faculdades pessoais, no entanto nunca foi esse o propósito para elas! O que você era, você continua sendo; você tem as mesmas faculdades pessoais, e as mesmas capacidades, mas o espírito que as dirige é que mudou. Assim, as mesmas diferenças entre pessoa e pessoa ainda existem. Os cristãos não são todos igualmente capazes; seria preciso dizer isso? Às vezes penso que é. Nem todos são vocacionados para ensinar e pregar. Alguns parecem pensar que todo e qualquer cristão faz automaticamente o que os outros cristãos fazem. Não é assim. As capacidades permanecem, e devem ser consideradas e levadas em consideração. Por isso digo que, na regeneração, não recebemos novas faculdades pessoais. O que recebemos é este novo espírito que exerce o controle, uma nova disposição é implantada em nós, um novo princípio de vida começa a operar. O novo espírito penetra na mente e a domina e a dirige; assim é que, ao passo que anteriormente ela ia numa direção errada, agora vai na direção certa. Se tudo funcionava numa direção, tudo funciona na outra. O que importa é o controle, o princípio vitalizante. Por renovação devemos entender que a mente recebe iluminação. O cérebro humano *qua*[1] cérebro é precisamente o que era antes; todavia, sendo o homem renovado no espírito da sua mente, e já não sendo totalmente incapacitado em razão da Queda, torna-se capaz de receber as coisas do Espírito de Deus, e o cérebro, que antes lhe era inútil nas questões espirituais, agora passa a ser de valor inestimável para ele.

Havendo, então, ocorrido a mundança, a que leva? Significa que o cristão não somente pensa em coisas diferentes, mas, o que é ainda mais importante é que ele pensa de modo diferente. Ouçam o que diz o poeta sobre a mudança ocorrida:

O céu em cima é azul mais suave;

Verde mais leve é a terra em volta.

Há certa vida em cada nuança Que olhos sem Cristo nuança vêem.

Os olhos sem Cristo podem ver, naturalmente. Podem ver as flores, como podem ver os olhos cristãos, e observam as mesmas flores. E o não cristão pode dizer o nome da flor, como o cristão, talvez melhor; pode dissecá-la, analisá-la, sabe tudo sobre ela, vê e pode redigir o seu relatório; o cristão também pode; ambos vêem as mesmas coisas, e até certo ponto os seus relatórios são idênticos. Contudo, o cristão vê algo que o outro não vê. O céu em cima é azul *mais suave*\ O não cristão apresenta o seu relatório. Diz ele: os céus são azuis! Ele está perfeitamente certo. Mas não viu a suavidade. O cristão olha para os céus e não vê apenas algo material, físico; há um resplendor que o outro não consegue ver; é a glória de Deus por trás deles. Tudo isso está lá no Salmo oito. "Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas..." O cristão vê algo extra. Não vê somente o que está ali, ele vê os dedos de Deus que os fizeram. "A luz e as estrelas que *tu* ordenastes!" (VA). O céu em cima é azul mais suave. E a terra -que dizer dela? Bem, é verde, diz o incrédulo, e é evidente que ele está perfeitamente certo. Entretanto, diz o cristão, verde *mais leve é* a terra em volta. Que se passa? Nos dois homens, a capacidade cerebral é mais ou menos idêntica; porém há algo extra, o espírito da mente mudou, no cristão. Há certa vida em cada nuança que olhos sem Cristo nunca vêem.

Aí *aves cantam mais alegres,*

Na flor o belo é mais profundo,

Desde que eu sei, como hoje sei,

Que Cristo é meu, e eu dEle sou.

Que foi que aconteceu com esse homem? O apóstolo dá a resposta. O espírito da mente foi renovado! Ele não tem intelecto maior do que o que tinha antes, mas o seu intelecto está sendo habilitado a funcionar de uma nova maneira, ele agora pensa de uma nova maneira. Ele não somente fala de coisas diferentes, porém faz diferentemente tudo o que faz. "As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo." E isso que acontece com o cristão. Como "homem natural", pode ser que ele tenha sido um escravo da bebida, e não pudesse passar em frente de um bar sem se sentir tentado a entrar; lá ia ele. Mas, agora que se tornou cristão, passa em frente do mesmo bar, todavia não o vê como o via

antes. Fisicamente ele vê exatamente a mesma coisa, o mesmo edifício, a mesma pintura, a mesma cor, o mesmo nome no letreiro; não houve mudança; e, no entanto, tudo é diferente, não é mais o mesmo lugar. Que terá acontecido? Não houve mudança no bar; não houve mudança no cérebro do homem, enquanto cérebro*,qua* cérebro. O que mudou foi o *espírito* da sua mente! Ele agora pensa diferentemente. Embora observe precisamente os mesmos dados, neles medite e sobre eles cogite, já não faz a mesma coisa do mesmo jeito. O espírito da sua mente mudou. A sua

perspectiva é completamente nova.

Ora, alguém poderá perguntar: que é que isso tudo significa na prática? Bem, aqui vão algumas deduções práticas. Quando o apóstolo nos exorta a despojar-nos do velho homem e a revestir-nos do novo, ele não está pedindo que haja uma conformidade mecânica, mas sim, que ponhamos em prática uma mudança inteligente. Essa é a razão para falar em ser renovado no espírito da sua mente no intervalo entre o "despojar-se" e o "revestir-se". O apóstolo não dá estas ordens como o faria um sargento duro na disciplina. O sargento duro não recorre à inteligência. Ele berra as ordens-Despoje-se! Revista-se! Não é o que temos aqui, de modo nenhum! A vida cristã não é mecânica. Haveria necessidade de salientar isso? Receio que sim. Vejo cristãos fazendo coisas como se estivessem numa parada militar, nestes dias; "Despojem-se!" "Revistam-se!" Assistem a aulas de instrução, e são treinados para fazer isso, aquilo e outras coisas mais. Se eles dizem isto, yocê o diz também - sejam evangelistas e dêem o seu testemunho pessógl! Não há nada sobre isso no Novo Testamento. O que o Novo Testamento faz é treinar o *homem,* endireitá-lo, e depois ele vai realizar a obra. E o espírito da mente que precisa ser mudado. O cristão não deve fazer coisas sem saber por que as faz. Não deve fazê-las cegamente só porque lhe disseram que as faça. Nada disso! A inteligência é essencial! O espírito da mente! Se você não sabe por que vive a vida cristã, você está sendo um pobre cristão. O cristão deve ser capaz de dar a razão da esperança que nele há, com mansidão e temor. Não é uma coisa mecânica; isso tem que ser realizado pelo espírito da sua mente!

Ou deixem-me expressá-lo assim: o apóstolo não está pedindo apenas uma mudança externa das ações e dos hábitos. O que ele está pedindo realmente é esta mudança interior na mente, porque ele sabe que se a mente interior do homem for mudada, ele logo cuidará das ações externas. Noutras palavras, Paulo não está pedindo que você tire um uniforme e vista outro. Você pode fazer isso e não ser cristão. O cristianismo é, inevitavelmente, uma coisa que age de dentro para fora,

nunca de fora para dentro. É esse todo o princípio. Qualquer pessoa pode tirar um uniforme e pôr outro. Um homem não regenerado pode fazer isso. Essa é a diferença entre o moralismo e o cristianismo. O moralista não cristão despe-se de um temo ruim e veste um bom, mas *ele* continua não mudado e, portanto, não é cristão. Exteriormente parece que é, porém *o espírito da sua mente não mudou.* Essa é não somente a diferença entre o moralista e o cristão, é a diferença entre o hipócrita e o cristão verdadeiro. É a diferença entre o que os puritanos denominavam *crente temporário, confessante temporário, evangélico hipócrita,* e o cristão verdadeiro.

Num sentido, foi essa a maldição dos últimos anos do período vitoriano e dos primeiros anos do século atual. As igrejas cristãs estavam repletas de gente que tinha tirado a velha veste e vestido a nova, entretanto os espíritos das suas mentes não

sofreram mudança. Essas pessoas não sabiam por que estavam fazendo aquilo; era a tradição; tinham sido criadas aprendendo a ir a locais de culto; a não fazer isso e a fazer aquilo. Essa foi, sem dúvida, a maldição do período final do vitorianismo. Graças a Deus chegamos ao fim disso! Prefiro a presente situação àquela, porque os vitorianos que tinham essa forma de piedade julgavam-se cristãos verdadeiros e, todavia, muitos deles nunca foram cristãos e jamais tinham conhecido de coração a fé. Se este despojar-se e revistir-se não for resultado da renovação da mente, não terá nunhum valor. Não somente devemos viver a nova vida, mas devemos querer fazê-lo, devemos achar que é inevitável fazê-lo, devemos achar que não temos escolha. Devemos entender a lógica da verdadeira profissão cristã. O cristianismo não está interessadç unicamente em nossas ações, está muito mais interessado em *nós*. É por isso que a Bíblia nos diz que, no resultado final, Jacó, e não Esaú, foi homem de Deus. Esaú tinha muito mais de cavalheiro que o seu irmão, e era muito mais simpático, porém não era piedoso, era "profano", como nos é dito claramente na Epístola aos Hebreus. Não obstante toda a corrupção de Jacó, ele era homem de Deus. Não são as nossas ações, e nada mais, que importam; somos nós, e o espírito da mente.

Mas vamos agora ao meu terceiro e último princípio prático. Reconhecemos que fazer-se cristão não é simplesmente você trocar de terno moral ou de conduta externa. Tampouco é apenas mudar as suas opiniões, nem a sua mente. Entretanto, sem dúvida nenhuma,é mudar o *espírito* da sua mente. Que distinção! Noutras palavras, o cristianismo não é algo de que eu e você nos apossamos intelectualmente; é algo que se apossa de nós, nos cativa, nos governa e nos domina. Mas é

preciso que eu toque um sinal de alarme! Conheço gente - não permita Deus que eu cometa o pecado de julgar! - porém conheço gente que, tendo passado a viver em círculos evangélicos, começam a usar frases evangélicas. Essas pessoas as ouvem tantas vezes que as adotam e começam a usá-las. E, se você for um observador superficial, poderia dizer: essas pessoas agora são verdadeiramente cristãs, você não as ouve? Agora falam como crentes evangélicos! Todavia um papagaio também pode fazer isso. Pode repetir frases e clichês evangélicos; basta que os ouça suficientes vezes, e os repetirá. E ao homem é possível fazer o mesmo. Você pode perguntar-me: mas como é que você sabe isso acerca dessas pessoas? Da seguinte maneira. Se de repente você as confrontar com uma pergunta ou com um problema a que não possam dar uma resposta apropriada, você verá que elas não sabem pensar espiritualmente. O espírito das suas mentes não mudou nada; é a velha mente que fica repetindo frases, usando o linguajar, porém elas se traem - quão tragicamente! - revelando que realmente jamais começaram a pensar de maneira cristã. De vez em quando elas dizem coisas que o chocam e o espantam, e você diz: eu pensava que Fulano tinha de fato visto a verdade. E ele se trai logo, mostrando que nunca a viu realmente. Tais pessoas ficam repetindo frases emprestadas, e nada mais! Qualquer pessoa de inteligência média, ouvindo uma coisa freqüentemente, deve ser

capaz de fazê-lo! Mas o cristão é testado, não simplesmente pelo que ele diz, nem simplesmente pelas opiniões que ele apresenta, e sim pelo espírito da sua mente!

Devemos pôr no coração a mensagem de Paulo. Se o espírito da nossa mente for mudado e renovado, estaremos pensando de tal modo que nos despojaremos do velho homem e nos revestiremos do novo. E o faremos de maneira própria e do jeito certo. O que é terrível é que nos é possível parecermos estar certos em quase todos os aspectos e, contudo, estarmos errados em nós mesmos o tempo todo. E possível vestir o cristianismo como roupa ou colocá-lo como uma máscara. Você não conhece gente desse tipo? Você sente que tudo está certo com eles, exceto eles mesmos! Noutras palavras, tudo parece ter mudado, exceto o que é vital, o espírito da mente. E aí, diz o apóstolo, está uma coisa que nunca deve cessar. É óbvio que, na ocasião em que nos convertemos, vimos a grande verdade, mas precisamos instruirmos muito mais, não precisamos? Precisamos aprender a pensar. Vocês podem ouvir cristãos novos dizerem coisas verdadeiramente chocantes do ponto de vista do cristão maduro. Em certo sentido, eles não podem evitar isso; são crianças, o espírito da sua mente tem que ser renovado, eles têm que começar aprendendo a pensar dessa nova maneira; toda a perspectiva, toda a atitude, o próprio espírito do seu

pensamento tem que ser inteiramente renovado. E depois, com o passar do tempo, vocês começarão a vê-los desenvolver a matéria e aplicá-la. E essa é uma das coisas mais gloriosas e fascinantes que acontecem na vida. Estou falando como pastor. Não conheço nada mais emocionante, mais encantador, do que simplesmente observar alguns dos meus amigos empenhados neste processo de terem renovado o espírito das suas mentes. É maravilhoso! Não é apenas que eles pararam de fazer o que costumavam fazer, ou que começaram a fazer coisas que antes não faziam, e agora falam de uma nova maneira. Muito mais fascinante e atraente é ver que o próprio espírito da mente é diferente! Toda a perspectiva, o próprio método de pensamento, agora passou a ser cristão! Precisamos ser cristianizados na totalidade do nosso ser; e obviamente, em primeiríssimo lugar na mente, pois “como o homem pensa em seu coração, assim ele é!”

Por conseguinte, “Sede renovados no espírito da vossa mente”.

[1]

Em latim no original. Sentido da frase: o cérebro humano, pelo que o cérebro é (enquanto cérebro). Nota do tradutor.

O NOVO HOMEM E A SUA ORIGEM

"E vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade." - Efésios 4:24

O nosso texto é uma declaração que realmente não deve ser tomada isoladamente. Pertence à seção que começa no versículo 22: "Que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito do vosso sentido; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade". ^

Vamos examinar agora a última declaração, no versículo 24. É a injunção positiva que corresponde à injunção negativa que já consideramos no versículo 22. Também nos damos conta do elo vital que há no versículo 23. Noutras palavras, não seremos capazes de despojarmos do velho homem nem de revestir-nos do novo, se não estivermos sendo constantemente renovados no espírito das nossas mentes. Também, ao examinarmos esta faceta positiva da injunção do apóstolo, devemos lembrar-nos de que estas duas coisas sempre devem ser tomadas juntas, o despojar-nos do velho homem, o revestir-nos do novo; temos que distinguir entre elas, como faz o apóstolo, no pensamento e no entendimento, e de fato elas são ações separadas, mas, ao mesmo tempo, devemos entender que as duas coisas sempre devem ir adiante simultaneamente. A natureza detesta o vácuo, e a vida espiritual é exatamente idêntica. Jamais há uma condição na qual alguém meramente se ache despojado do velho homem. Você se despoja do velho homem, você se reveste do novo, exatamente ao mesmo tempo.

Muitíssimas vezes na história da Igreja homens e mulheres deixaram de compreender isso como deviam, e levaram sobre si mesmos diversos tipos de dificuldade. Há, por exemplo, os que dão toda a ênfase ao despojar-se do velho homem. Ora,este é um dos perigos do misticismo, como lhe chamam. Se você conhece o ensino dos místicos e o método do misticismo, verá que ele sempre começa com uma fase negativa, a via da negação. Você tem que passar pelo que eles chamam a escura noite da alma, que constitui o processo de despojar-se do

velho homem - auto-exame, visão da pecaminosidade pessoal, e o devido tratamento disso. Isso, por certo, é essencial, porém se você se detiver nisso, cairá nalguns dos excessos e dos reais perigos do misticismo. Retornará ao nível das obras, muito inconscientemente, e lá você poderá ver-se num estado de miséria e desolação.

Mas este mal não se restringe ao misticismo. O mesmo erro, a saber, olhar somente para o negativo e concentrar-se unicamente no despojamento do velho homem, é indubitavelmente a causa direta de alguns dos aspectos menos agradáveis daquilo a que chamam purita-nismo. O perigo do puritanismo sempre é cair no legalismo. E

não há nenhuma dúvida de que alguns puritanos, deveras inconscientemente, tornaram-se legalistas porque davam mais atenção ao despojamento do velho homem do que ao revestimento do novo. Ficavam perpetuamente se examinando, demorando-se sobre os seus pecados, tentando livrar-se deles, impondo a si mesmos regras disciplinares, e assim, sem dúvida nenhuma, alguns deles tornaram-se mórbidos, introspectivos e depressivos. Por causa disso fizeram um quadro da vida cristã desequilibrado e, portanto, infiel; de maneira muito inconsciente, tornaram-se legalistas. Além disso, se dermos toda a ênfase ao aspecto negativo - ao despojamento do velho homem - essa ênfase levará indubitavelmente à depressão, e isto pode ser muito grave. Os escritos de Paulo mostram a vida equilibrada que ao cristão cabe manter. Temos uma excelente ilustração disso no começo dos capítulos 4 e 5 de 2 Coríntios. Ao procederem à sua leitura, notem os paralelos; vejam como ele coloca o positivo contra o negativo: "Abatidos, mas não destruídos", e assim por diante. Ele não continua caído no chão; está passando por um período terrível, sim, todavia ele sempre acentua a contraparte, que é o revestimento do novo homem. As suas frases são perfeitamente equilibradas. E cristianismo é vida equilibrada; temos que ter o cuidado de ver que não nos concentremos totalmente no negativo.

No entanto, de igual modo, devemos ter muito cuidado para não colocar toda a nossa ênfase unicamente no positivo - no revestimento do novo homem - sem nos preocuparmos em despojar-nos do velho homem. Muitos também têm sido culpados desse erro. Este erro é a estrada real que leva ao que se chama antinomismo, em que as pessoas dizem: bem, naturalmente, eu tenho que me revestir do novo homem; não importa muito, quanto ao velho homem; simplesmente o ignoro. Se as coisas vão moralmente mal, não sou eu, é a carne em mim. Havia pessoas desse tipo na Igreja Primitiva, e tais pessoas sempre existiram, daí em diante. Ah, dizem elas, o valor está em você concentrar-se no fato de que você nasceu de novo, e de que você deve ser animado e

alegre! Mas o que se vê é que as suas vidas estão salpicadas de pecados, culpas e fracassos, o que anula o seu testemunho da veracidade dá fé cristã. E isso tudo se deve ao fato de que, em vez de se despojarem do velho homem, como também se revestirem do novo, resolveram só revestir-se do novo.

Há um sentido em que este segundo perigo, conquanto seja uma possibilidade, realmente não pode durar muito, porque o homem não pode verdadeiramente revestir-se do novo homem sem se despojar do velho. Pode revestir-se da aparência, porém realmente não pode revestir-se do novo homem. Como o apóstolo de novo o demonstra plenamente no capítulo seis da sua Segunda Epístola aos Coríntios, isso é terminantemente impossível, e por esta razão, que não pode haver comunhão entre a luz e as trevas, nem concórdia entre Cristo e Belial. Que parte aquele que crê tem com o infiel? Que acordo tem o templo de Deus com os ídolos? O grande princípio

é, pois, perfei-tamente claro. O negativo e o positivo sempre devem ser praticados simultaneamente, e o homem que experimentou verdadeiramente a renovação do espírito da sua mente sempre fará isso; ele quererá livrar-se do vélho homem, mas também desejará revestir-se do novo.

Portanto, contra esse cenário de fundo, devemos dispor-nos a considerar o revestimento do novo homem e, como isso é o exato oposto do despojamento do velho homem, podemos adotar, em nossa investigação do assunto, precisamente o mesmo procedimento que adotamos no caso do negativo. Escreve o apóstolo (VA): "E que vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em justiça e em verdadeira santidade". A figura é de novo a de vestir uma peça do vestuário. Despimo-nos, tiramos a roupa; agora nos vestimos, pomos outra roupa. Pois bem, o que é que Paulo quer dizer exatamente quando nos fala que nos revistamos deste novo homem? Aqui também devemos ser extremamente cautelosos, pois tem havido muitos que interpretam isto muito erroneamente, considerando-o como uma exortação às pessoas a se tomarem cristãs. Acham eles que revestir-se do novo homem significa que, fazendo isso, você se torna cristão. Mas isso é pura incompreensão do texto e do seu contexto. O apóstolo dirige a sua exortação aos que já eram cristãos. Ele os fizera lembrar-se disso suficientemente nos capítulos dois e três, e aqui de novo, neste capítulo. De fato, toda a seção de que estamos tratando começa com as palavras: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios". Não andem mais daquela maneira. Noutras palavras, eles já são cristãos. Portanto, a exortação é dirigida unicamente a crentes autênticos. Ela nada diz a

pessoas não cristãs, porque estas não podem despojar-se do velho homem, não podem revestir-se do novo, ainda estão em seu velho estado, não foram regeneradas.

A exortação é dirigida aos já regenerados, em quem o novo homem é já existente; e o que o apóstolo os está realmente exortando a fazer é que vivam de maneira coerente com o novo homem que há neles. Portanto, não posso fazer nada melhor do que repetir o que eu disse negativamente em função do despoj amento do velho homem. Eu disse que, quando o apóstolo nos diz que nos despojemos do velho homem, ele quer dizer: chega de ser o que você não é! E usei uma ilustração. Dizemos a um homem: não seja criança! Você agora é adulto; então, nãoseportecomosefossecriança! Chega de ser o que você não é! Isso é despojar-se do velho homem. Revestir-se do novo homem é o oposto disso. E: seja o que você é! O problema com todos nós é que não somos o que somos. Estou procurando ser paradoxal; isto é cristianismo! Seja o que você é! Mas, deixem-me explicar o meu propósito.

Vejamos o problema à luz do que este mesmo apóstolo diz em sua Epístola aos Filipenses. Se vocês fizerem uma leitura superficial, poderão achar que ele está se contradizendo. "De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só

na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (2:12-13). De um lado ele nos diz que façamos algo, nós mesmos; depois ele diz que é Deus que o faz. Como conciliar as duas coisas? É muito simples. Devemos operar a nossa salvação com temor e tremor, *porque* é Deus que opera em nós. É pelo que Deus fez em nós que somos capazes de fazê-lo, e devemos fazê-lo porque Deus o fez em nós. Porque Ele o operou em nós, devemos operá-lo também. Não há contradição. Devemos dar-nos conta do que somos, e viver de acordo. É porque você é um novo homem que você deve revestir-se do novo homem. Esta é uma pitoresca, porém útil, maneira de expressá-lo.

Fazemos isso mesmo constantemente em nossa prática comum. Dizemos aos nossos filhos que se lembrem de quem eles são. A escola diz aos seus alunos e professores que se lembrem da escola a que pertencem. Na verdade, a totalidade da vida realmente está sendo governada por esse tipo de interesse. Você não deve deixar cair o seu lado. Voc *cveste* a camisa do^seu lado, por assim dizer, você vai junto, você se lembra de quem é. É porque você é isto ou aquilo, que você tem que viver como você é. E preciso que não haja contradição entre o que você é e o que você faz. *Seja* o que você é! Seja-o em todos os aspectos, em toda a sua conduta e em todo o seu comportamento. É esse

exatamente o sentido desta exortação. É, pois, ocioso dirigir esta exortação a alguém que não nasceu de novo, a alguém que ainda está em seus pecados, a alguém que ainda não é um novo homem. O homem que não tem o novo homem não pode revestir-se do novo homem! É porque o novo homem está em nós que devemos revestir-nos dele.

A seguir, consideremos as razões pelas quais devemos agir assim. E a primeira razão é uma que já sugeri ligeiramente, mesmo naquilo que estive dizendo. A primeira e principal razão para revestir-nos do novo homem é a natureza e o caráter do novo homem. Vimos negativamente que a principal razão para despojar-nos do velho homem é que não somente não mais somos o velho homem, porém ainda mais por causa do caráter do velho homem; ele é "corrupto segundo as concupiscências do engano" (VA). E pudemos ver que, se tão-somente entendêssemos a verdadeira natureza e caráter daquela espécie de vida, nós a odiaríamos e quereríamos livrar-nos dela. Contudo, o exato oposto funciona aqui. Devemos revestir-nos do novo homem por causa da natureza e do caráter do novo homem, o qual, segundo Deus, é criado em justiça e em verdadeira santidade. Vemos o cristianismo todo nesta declaração. Ela chega ao próprio coração e centro do cristianismo. E o teste da nossa profissão da fé cristã é a nossa percepção do que se quer dizer como *novo homem.* Saberíamos o que é o novo homem? O novo homem está em você? A sua maior alegria e orgulho é que o novo homem está *em* você? Os próprios termos, é

claro, dizem-nos muita coisa sobre isso. O *velho* e o *novo*! Vamos levantar as nossas cabeças; temos algo aqui - o novo homem! Isto é cristianismo essencial. As pessoas que meramente são moralistas nada sabem acerca do novo homem; as pessoas que pensam que ser apenas bom é ser cristão, nada sabem acerca do novo homem. Não se interessam; de fato, muitas vezes elas se opõem à própria expressão.

Lembro-me de uma senhora que uma vez se queixou a mim de uma sua amiga que fora convertida, e ela disse: "Você sabe, ela só fica falando sobre nascer outra vez; não entendo isso, ela me parece estar perdendo o rumo; antes ela era uma mulher agradável, decente e boa; sempre ia à igreja; mas agora está sempre falando desse novo nascimento!" Parecia-lhe algo muito terrível e errado, algo tinto de fanatismo. Ela receava que a sua amiga estava perdendo o rumo, talvez até em sua mente. E, todavia, era uma boa mulher, de bons princípios e religiosa. Mesmo assim obviamente, ela não sabia nada acerca do novo homem, apesar de ser este o próprio centro nervoso e vital da fé cristã.

Em que consiste essa novidade? Não se refere primariamente ao

tempo, embora não se exclua o tempo. Mas significa especialmente novo em qualidade, algo de qualidade e ordem diferentes, algo que é essencialmente e em todos os aspectos diferente do velho. O assunto é bem ilustrado pelo caso de Nicodemos. "Rabi", disse ele a Cristo, "bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele." Aí está um homem bom, piedoso, religioso, um mestre de Israel; ele se aproxima de Cristo e diz: que é isso que tu tens e eu não tenho? Que devo fazer para consegui-lo? O nosso Senhor replica: "Na verdade, na verdade te digo que aquele que não *nascer de novo,* não pode *ver* o reino de Deus". Você tem que nascer de novo! Esse foi o ensino de Cristo. Ele não é apenas outro mestre religioso; Ele não é apenas o último profeta; Ele não é apenas um superpolítico; Ele é Alguém que vem falar deste novo nascimento, deste novo homem, desta nova vida, desta regeneração. Sendo assim, diz Paulo, se vocês aprenderam verdadeiramente a Cristo, se realmente se apegaram à verdade como ela está em Jesus, foi isso que vocês aprenderam! Isto constitui o próprio centro da mensagem cristã. Mas, tomemos o assunto conforme o apóstolo o divide.

A primeira coisa acerca do novo homem, diz o apóstolo, é que ele é *criado.* Notem a completa antítese em relação ao velho homem. O que ele diz a respeito do velho homem é que ele é *corrupto,* condição que já vimos significar que ele foi se corrompendo cada vez mais. Qual é a característica do novo homem? Ele é "criado"! No primeiro caso há um processo de morte e decadência, no segundo, de criação! A própria palavra "criação" nos sugere algo novo, um completo contraste com o velho. Vimos também, depois, que a corrupção do velho homem resultou em destruição. Entretanto a criação é o começo da *vida.* O velho homem está ligado a

tudo o que vai se desvanecendo, fenecendo e decaindo, ao passo que o novo é o exato oposto de tudo o que sugere corrupção e decadência.

Mas, o que é ainda mais importante nesta palavra *"criado"* é a idéia de que algo foi trazido do nada à existência. Quando Deus criou os céus, a terra e todas as coisas, Ele os criou do *nada.* Foi pela palavra do Seu fiat. Ele dizia, "Haja", e dessa maneira os trouxe à existência. Criar é fazer algo do nada. Semelhantemente, o novo homem, diz Paulo, é algo que *écriado.* Noutras palavras, o novo homem não é uma coisa que se desenvolve a partir do velho homem por um processo gradual. Não é um lento e quase imperceptível processo de renovação. Não é um melhoramento do velho homem. É uma criação, uma nova obra. Deus colocou em nós algo que não estava ali antes. E isso que

significa tornar-se cristão. E se não entendemos isso claramente, a nossa noção do cristianismo é inteiramente errada. O cristão não é o "velho homem" melhorado. O cristão não é alguém que está procurando ser melhor do que era. Absolutamente não! Algo totalmente novo é colocado no centro - "criado"! Esse é o sentido global da regeneração, do nascer de novo. Foi isso que o nosso Senhor disse a Nicodemos - "o que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito". Vemos aí o contraste - o cristão é inteiramente diferente! É absolutamente novo!

Devemos, pois, entender que Deus fez em nossas almas a mesma coisa que fez quando criou o mundo e quando criou o homem. O "novo homem" é verdadeiramente uma nova criação! O apóstolo já nos estivera dando este ensinamento nesta mesma Epístola; diz ele, por exemplo, que "somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas" (2:10). Um novo princípio é colocado em nós por Deus mediante o Espírito Santo, e este é o princípio da própria vida de Jesus Cristo. Assim é que vemos o apóstolo Pedro dizendo que somos "participantes da *natureza* divina" (2 Pedro 1:4). A verdade é tão estonteante que mal conseguimos recebê-la. E pergunto: a Igreja Cristã não está nas condições em que hoje está devido não compreendermos o que somos e quem somos? Somos gente que apenas procura viver um pouco melhor do que a maioria descrita nos jornais? Somos tão-somente um grupo de pessoas de boa moral, pessoas decentes... ? Somos isso, porém somos infinitamente mais; Deus colocou algo da Sua própria natureza dentro de nós: somos "participantes da natureza divina"! É isso que significa ser cristão.

Ouçam o apóstolo Paulo dizê-lo de novo em 2 Coríntios 5:17: "Se alguém está em Cristo, nova criatura é (uma nova criação); as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo". Um novo princípio de vida foi introduzido no cristão. Ele tem uma nova disposição - a vida de Deus na alma do homem! Isso é cristianismo! Estou dando ênfase a isso por esta boa razão: a percepção disso constitui a estrada real, não somente para um verdadeiro entendimento, e sim também para o verdadeiro gozo

da vida cristã. Na verdade, irei mais longe. É a estrada real que leva ao avivamento! Jamais nos esqueçamos de que, há duzentos anos, o livro (fora as Escrituras) que mais que qualquer outro influenciou George Whitefield e John Wesley foi *A Vida de Deus na Alma do Homem,* escrito pelo escocês Henry Scougal. E foi quando eles leram o livro de Scougal que lhes veio a convicção, a ambos igualmente: não tenho isso; sou um bom homem, sou homem de princípios morais, sou religioso; mas não tenho isso; é algo

diferente, é algo de fora de mim, por assim dizer, é algo que é preciso que Deus infunda em mim! E eles foram ao Novo Testamento e encontraram lá a mesma verdade! Aprenderam que o Criador, Aquele que no princípio fez o homem, vem e o refaz, por assim dizer, e põe dentro dele este princípio de vida. A ação é de Deus; os crentes são obra das Suas mãos; a obra não é algo que nós penosamente realizamos; é algo que Ele faz. E porque Ele fez isso em nós, vivamos de acordo. E isso que significa revestir-se do novo homem, porque o novo homem está em você.

No entanto, isso não esgota a doutrina. O novo homem, diz Paulo, é criado; mas ele introduz a frase adicional: "segundo Deus", outra expressão deveras vital! Ele não diz "por Deus". Ele não quer somente dizer que Deus o fez, se bem que foi Deus que o *fez*. Isto é algo adicional. Literalmente significa que o novo homem foi criado por Deus segundo a Sua imagem; que o que Deus criou e implantou em nós é algo que participa da Sua semelhança. Isto não é teoria minha, todos os eruditos concordam que essa é a única maneira de interpretar a expressão "segundo Deus". Estas palavras levam-nos de volta ao capítulo primeiro de Gênesis, onde vemos Deus dizendo: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem"; e depois, para que jamais pudéssemos esquecê-la, a palavra é repetida, "à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou" (versículos 26-27). Notem a repetição de *imagem* e *semelhança,* pois "imagem" e "semelhança" significam essencialmente a mesma coisa.

Oxalá toda a raça humana compreendesse a verdade aqui revelada! Será o homem a espécie de ser que é descrito nos filmes, nos jornais e nas conversas, e como vocês o vêem nas ruas das nossas cidades? Isso é uma máscara, um insulto ao nome do homem! E a decadência de que estivemos falando quando tratamos do "velho homem"; é isso que caminha para a destruição, "a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida" (1 João 2:16). Isso não é homem! É uma máscara hedionda. Que é o homem? O homem é uma criatura criada "segundo Deus", à imagem e semelhança de Deus! E óbvio que o homem não era uma exata semelhança de Deus. Isso é verdade somente com relação ao Senhor Jesus Cristo, de quem nos diz a Epístola aos Hebreus que Ele é "a expressa imagem da sua pessoa (de Deus)". O homem não é Deus; ele foi feito à semelhança, à imagem de Deus; ele

é uma cópia criada, uma cópia de algo que é essencial em

Deus. Quando Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”, foi isso que Ele quis dizer. O homem não foi feito um deus, mas Deus colocou nele algo que é uma reprodução daquilo que é o próprio Deus.

Jonathan Edwards, de Northampton, Massachusssetts, pode ajudar-nos neste ponto. Ele foi aquele vigoroso americano, que morreu há duzentos anos, em 22 de março de 1758. Leiam sobre ele, e leiam as suas obras, agora reeditadas, quanto puderem. Retenham-nos e devorem-nos. Edwards dizia que a imagem de Deus no homem pode ser dividida em duas partes, a natural e a espiritual. “A imagem natural consiste em grande parte naquilo pelo que Deus, em Sua criação, distinguiu o homem dos animais, a saber, naquelas faculdades e naqueles princípios da natureza pelos quais ele é capaz de agir moralmente.” Essa é uma parte da imagem. O homem é um agente moral; o animal não é um agente moral. De modo que se pode entender a parte natural da imagem como abrangendo todas as faculdades do homem que o distinguem do animal. Contudo há também um lado espiritual da imagem. “A imagem moral e espiritual”, diz Edwards, “consiste na excelência moral de que Deus dotou o homem.” Similarmente, João Calvino ensinava que “a imagem de Deus abrange tudo aquilo em que a natureza do homem sobrepuja a dos animais”. Então, que é que ela significa?

A espiritualidade do homem faz parte da imagem de Deus nele, pois Deus é Espírito. O homem é um ser espiritual; não há nenhum animal que seja um ser espiritual. Assim é que, ao fazer o homem à Sua imagem, Deus colocou em nós este elemento de espiritualidade. E isso é uma coisa a respeito da qual os incrédulos nada sabem e que eles nunca manifestam. Eles vivem como animais. Onde está o espírito? Desapareceu. Outra coisa, Deus é imortal, Ele fez o homem imortal. O homem nunca teria morrido, não fosse o pecado. Mas a morte entrou como resultado do pecado, e unicamente como resultado do pecado. Os poderes psíquicos do homem, as faculdades racionais do homem e as suas faculdades morais, são parte integrante da imagem de Deus no homem. O intelecto! A vontade! A nossa autoconsciência! Não há nenhuma evidência que mostre que um animal tem consciência de si próprio. O animal não pode contemplar-se a si mesmo, olhar-se objetivamente e pensar em si mesmo. O homem pode; Deus pode.
A autoconsciência, o poder de raciocinar e pensar e a autocontemplação são parte integrante da imagem de Deus no homem. E outra vez mais, notem o domínio e o senhorio do homem sobre a terra, nos termos de Gênesis. Deus é o Senhor de tudo e de todos; Ele fez o homem à Sua

imagem e fez dele o senhor da criação: fez dele rei e príncipe sobre todos os animais e sobre tudo quanto há na terra. Deus pôs dentro do homem algo daquilo que O caracteriza. O próprio corpo do homem dá prova disso. Deus fez o homem ereto. Os

animais não são eretos. Deus fez o homem ereto para mostrar que ele tinha essa dignidade, essa qualidade régia concernente a ele. O homem não anda de quatro, anda ereto; a própria constituição ereta do corpo homano faz parte da imagem de Deus nele. Mais importante ainda é o fato de que Deus fez o homem, originariamente, reto. Deu-lhe integridade moral e intelectual. O homem, como foi feito por Deus, era reto, santo e verdadeiro. Não havia pecado nele, não havia defeito, ele permanecia diante de Deus como uma criatura moralmente reta, apta para a comunhão com Deus, e que gozava comunhão com Deus.

Por que o mundo está como está? - vocês indagarão. A resposta é que o homem caiu. E quando o homem caiu, a imagem de Deus no homem foi desfigurada. Não digo que a imagem foi destruída ou completamente perdida, porque quando o homem pecou e caiu, não deixou de ser homem, não se tornou um animal, continuou sendo homem. E essa é a tragédia do homem, que ele ainda leva *algumas* das marcas da imagem de Deus. Ele ainda pode pensar; ainda pode raciocinar; ainda fica ereto, de pé; ainda tem poderes psíquicos com os quais pode raciocinar acerca de si próprio e pode contemplar-se. Esses traços permanecem. Mas o que de fato foi o dom supremo da imagem - a justiça, a retidão, a santidade, a verdade - perdeu-se, e o homem foi expulso da presença de Deus e se tornou um estranho para Ele.

Que é, pois, a nova criação? Que é o novo homem? Que é essa nova coisa que Deus cria e introduz em nós? Dizem-nos as Escrituras que os crentes foram criados de novo segundo a imagem de Deus, e que recebem de volta a justiça, a santidade e a verdade outrora perdidas por causa do pecado e da Queda. Pode haver alguma coisa mais importante do que compreendermos o que é nascer de novo e termos a vida de Deus em nossas almas? Se tão-somente cada cristão que há no mundo hoje se desse conta de que esta nova criação, este novo homem, este novo ser, está dentro dele, a Igreja toda seria revolucionada! Todos os nossos fracassos, todos os nossos pecados, devem ser rastreados até se chegar finalmente ao fato de que não compreendemos como devíamos o que Deus fez por nós, e o caráter e a natureza do novo homem, da nova vida, que Ele colocou dentro de nós. Somente quando compreendermos isso plenamente é que, seja como for, seremos capazes de revestir-nos do novo homem. Você sabe que a vida de Deus está em sua alma? Essa é a questão.

JUSTIÇA, SANTIDADE E VERDADE

"E vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade." - Efésios 4:24

Damos seqüência ao nosso estudo da mensagem do apóstolo concernente ao novo homem e à criação do novo homem à própria imagem de Deus; e, como vimos, podemos pensar nisto em termos da regeneração.

Devemos, porém, lembrar que esta é a segunda metade desta grande Epístola, onde Paulo está aplicando o ensino e está preocupado com a conduta e com o comportamento daqueles cristãos. Por isso aqui ele não faz um tratamento exaustivo de toda essa questão da imagem, nem mesmo da regeneração; visto que ele tem em mente esta preocupação prática, por isso mesmo ele se afana em salientar de maneira muito especial os aspectos éticos e práticos desta coisa tremenda que Deus faz conosco na regeneração, restaurando assim em nós a imagem de Si próprio. Portanto, examinemos isso agora.

Este processo, este ato de regeneração, esta renovação da imagem, esta coisa que sucede conosco no novo nascimento, nesta nova criação, é como o apóstolo João o expressa, como a implantação em nós de uma semente divina. Pedro diz que nos tornamos participantes da natureza divina, João nos diz que esta semente está em nós. Neste ponto Paulo está interessado em acentuar que há duas características especiais da semente, desta vida divina, deste novo princípio que foi colocado em nós, e nos é dito que elas são o exato oposto das características do velho homem, descritas como concupiscências. O oposto das concupiscências, afirma Paulo, é a justiça e santidade; "o novo homem, que segundo Deus é criado em *justiça* e verdadeira *santidade*".

Quão importante é que tenhamos uma correta concepção desses termos! *Justiça é retidão essencial*, amor pelo que é certo e verdadeiro. E talvez ainda mais importante, é *uma justa e reta relação entre os poderes da alma.* No velho homem os poderes da alma não estão em correto equilíbrio ou na proporção certa. E um ser anômalo e desequilibrado. Em lugar de ser governado por sua mente e por seu entendimento, mais ainda pelo espírito da sua mente, é governado por

seus desejos. Os desejos podem não ser pecaminosos, em si mesmos, porém se eles exercem o controle, se ocupam a posição suprema, em vez de estarem na posição subordinada, perde-se o equilíbrio e as coisas não ficam em sua devida e correta proporção. Justiça, repito, significa aquele estado em que há uma justa e reta relação entre os poderes da alma. O homem volta a ser o que era no princípio, com tudo na posição certa na sua constituição. Ele não é mais governado por seu corpo, mas sim, pelos seus poderes mais altos, pelo espírito e pela mente. O novo homem ama o que

é certo e, portanto, faz o que é certo em todas as suas relações da vida.

Há alguns que dizem que a diferença entre a justiça e a santidade é a diferença que existe entre a relação do homem com o seu semelhante e a sua relação com Deus. Bem, isso é verdade, em certo sentido, mas não aceito que isso demonstra a real diferença entre essas duas coisas. A justiça dá a idéia desta reta ordem, deste reto entendimento e, portanto, do reto viver. O termo indica uma retidão, uma integridade, que é restabelecida no homem pelo poder criador de Deus quando Ele regenera um ser. A santidade sugere algo que é inteiramente separado do mal, algo que é posto a um lado e que se separa. Não somente se separa do mal, mas odeia o mal! Significapi/reza *essencial da natureza e do ser*. Noutras palavras, a diferença entre as duas coisas visa salientar este elemento de pureza que governa a totalidade. Não se trata mais de uma questão de equilíbrio certo e de proporção certa; o equilíbrio está na própria natureza das coisas. Além disso, a santidade do novo homem é um reflexo desta característica ou deste atributo essencial de Deus - santidade! É reflexo desta pureza - algo inefável! É algo que não podemos descrever por causa da inadequação da nossa linguagem, todavia algo que é eternamente diferente do pecado e do mal em sua essência e em todas as suas manifestações. A Santidade de Deus! Deus é santo! São estas, pois, as duas características que o apóstolo nos diz que são muito proeminentes na nova natureza, nesta nova vida, neste novo princípio, nesta semente que foi colocada no novo homem. No entanto, notamos que até a isso ele acrescenta algo. Infelizmente a Versão Autorizada (como a Versão de Almeida, Edição Revista e Corrigida) não é tão boa como poderia ser. Diz ela: "que segundo Deus é criado em justiça e *verdadeira santidade*". Mas geralmente se concorda que deveria dizer: "que segundç Deus é criado na justiça e na *santidade da verdade*" (cf. ARA). É importante que notemos esta diferença na tradução, a fim de assinalar-se o contraste visado pelo apóstolo. No versículo 22, como aparece na Versão Autorizada, lemos sobre as concupiscências ou cobiças enganosas, e concordamos que deveria ser, as *concupiscências do*

engano (como na ARC e na ARA). A vida inteira do ímpio, do incrédulo, do não regenerado, é governada pela mentira, pelo engano, por algo que é falso - a característica total do diabo. Entretanto aqui, diz o apóstolo, está a completa antítese disso: a justiça e a santidade são *da verdadel* A vida do novo homem é, toda ela, algo que é caracterizado pela verdade. E aqui certamente está uma coisa que é completamente básica e fundamental. Vemos a diferença entre as duas vidas - o caráter horrível da vida de engano! Vemos a verdade, a beleza e a maravilha da vida de justiça e de santidade! Vemos por que devemos apressar-nos a despojar-nos do velho homem e a revestir-nos do novo. Na Epístola aos Colossenses encontramos um paralelo exato da declaração feita pelo apóstolo em Efésios: "(E vós crentes) vos revestistes do novo (homem), que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou" (3:10). Noutras palavras, o apóstolo está dizendo que esta nova vida é inteiramente governada pela verdade; a justiça e a santidade são

realmente produzidas pela verdade; são estimuladas pela verdade, e são encorajadas a crescer pela verdade.

Parece-me que este é um modo muito frutuoso de examinar a vida cristã, e é algo freqüentemente ressaltado no Novo Testamento. No capítulo oito do Evangelho Segundo João, por exemplo, onde se registra que o nosso Senhor estivera pregando sobre a Sua relação com o Pai, é-nos dito que isso maravilhou tanto aos que O ouviam que muitos deles creram nEle; e mais adiante nos diz o texto: "Jesus dizia pois aos judeus que criam nele: se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a *verdade,* e a verdade vos *libertará". Averdadel* Permanecei, diz Ele, nesta Minha palavra que ouvistes, e então "verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará"!

Vemos outra ilustração da mesma coisa na oração sacerdotal do nosso Senhor, no capítulo 17 do Evangelho Segundo João, onde lemos a petição que Ele fez pelo Seu povo: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade" (VA: "Santifica-os por meio da verdade . . ."). Observamos que é a verdade que santifica, e assim Ele ora rogando ao Seu Pai que os santifique por meio da *verdade.* Há, portanto, um sentido em que podemos dizer que o objetivo da salvação, bem como o seu método essencial, e o seu fim principal, é levar-nos ao conhecimento da verdade. Observem como o apóstolo o expressa no capítulo dois da sua Primeira Epístola a Timóteo; "Deus nosso Salvador . . . quer que todos os homens sejam salvos, e cheguem ao conhecimento da verdade" (2:3-4). Como é importante o lugar dado *à verdadel*

Mas por que será que a espécie de exortação que temos aqui, sobre o despojamento do velho homem e o revestimento do novo, é sempre necessária? Por que é que todos nos, como cristãos, não somos perfeitos? Por que é que a Igreja parece como parece nos dias atuais? Que acontece? Qual a real explicação? Eu não hesito em afirmar que é em parte e principalmente porque o nosso conceito fundamental da salvação é errôneo. Não pensamos nela em termos da *verdade.* Com demasiada freqüência pensamos nela somente em termos do sentimento ou da experiência. Talvez tenhamos estado em péssimas condições e infelizes depois de havermos sido derrotados por alguma coisa; depois fomos libertos, e nos inclinamos apensar: agora tudo está bem, sou feliz, ao passo que antes eu me sentia miseravelmente mal; agora sinto uma alegria que não sentia antes, e tenho vitória onde antes fora derrotado. E ficamos nisso! É natural, porém está completamente errado. A experiência é uma parte vital da nossa vida cristã, mas não é toda ela. E é porque tendemos a deter-nos nestes pontos e nestas conjunturas, ao invés de irmos adiante e concebermos as nossas experiências em termos da *verdade,* que nos vemos nestas constantes dificuldades e problemas. O apóstolo escreve a sua Epístola para levar os cristãos a compreenderem que o homem é como é, em sua condição de pecador, porque acreditou numa mentira, porque se tomou um desconhecedor da verdade; e o

que o homem necessita acima de tudo mais, é ser levado de volta ao conhecimento da verdade! É certo que ele necessita ser liberto dos seus pecados particulares; é certo que ele necessita receber alegria e muitas outras coisas; todavia o real problema com o homem é que ele acreditou na palavra do diabo, acreditou numa mentira, seguiu o pai da mentira, aquele que foi mentiroso desde o princípio; e daí em diante ele vive uma vida de engano e debaixo do domínio do engano. O que o homem necessita acima de tudo mais é ser levado de volta ao conhecimento da verdade.

Há somente um modo pelo qual isso pode acontecer; e esse é que precisa ser dado ao homem um novo princípio de vida. Sem o mesmo ele não pode enxergar a verdade. "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus"; ele é incapaz disso, ele está em inimizade contra Deus, toda a sua vida é antagônica a Deus. Portanto, não é suficiente dar-lhe instrução. Se a verdade for colocada diante dele, ele não conseguirá vê-la. Mas quando um homem é criado de novo segundo a imagem de Deus, e lhe é dada esta nova vida, ele tem a capacidade de compreender a verdade, crer na verdade, gozar a verdade, e de crescer na graça e no conhecimento dessa verdade. E é exatamente isso que nos acontece na regeneração. Recebemos essa nova capacidade, a capacidade da verdade, a qual literalmente não

tínhamos antes, e isso, por sua vez, torna mais importante que tenhamos o conceito certo sobre a salvação. Sempre devemos examiná-la como um todo, nunca devemos deter-nos em pontos particulares.

Para algumas pessoas, a salvação parece ser apenas uma questão de perdão. Elas estavam inquietas, eram acusadas por sua consciência, sentiam e ouviam o tonitroar da lei de Deus, sentiam-se como se estivessem aos pés do Monte Sinai; viam o clarão dos relâmpagos, ouviam o rolar dos trovões e a voz temível, tremiam e estremeciam, e ansiavam por saber se havia um caminho para o perdão. E viram que há. Mas, que lástima! A tragédia de tantos é que param nesse ponto; e o resultado é que as suas vidas são indignas, elas caem repetidamente no pecado. Ah, dizem elas, o sangue de Cristo me cobre. ..! Isso é perfeitamente verdadeiro, entretanto continuam nesse nível, nunca se elevam, nunca crescem. Para tais pessoas Paulo diz: "Despojei-vos do velho homem. . .revistai-vos do novo homem"; é porque vocês não compreenderam a verdade que estão vivendo nesse baixo nível. Elas só tomaram uma pequena parte dela; detiveram-se no perdão, ou nalguma outra experiência. Alguns ficam só na justificação, e não hesitam em dizer que podem, por assim dizer, receber a sua justificação isoladamente, de Cristo, e depois, mais tarde, receber a sua santificação. Contudo isso é um erro. Não se pode dividir Cristo; não se pode dividir a verdade. Todas as partes da salvação resultam do conhecimento da verdade! E a verdade é que "Jesus Cristo.. .foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção" (1 Coríntios 1:30). Não é possível dividi-la e tomar partes dela. E um todo. Portanto, o que o apóstolo quer que estes efésios entendam é que

este princípio justo e santo que está dentro deles os habilite a compreender, reter, gozar e praticar a verdade. Ao que me parece, Paulo coloca a matéria num só versículo em sua Epístola aos Romanos; "Graças a Deus", diz ele, "que *vós fostes* servos do pecado", mas agora! -"obedecestes de coração à forma de doutrina a que fostes entregues" (6:17). Por que a obedeceram de coração? Porque a tinham compreendido e haviam crido nela; a mente fora capacitada a recebê-la; e, como conseqüência, ela os movera à ação. Assim, o intelecto, o coração e a vontade estão envolvidos; a verdade absorve o homem completo, e move todo o seu ser. O homem foi criado de novo na justiça e na santidade da verdade!

Isso nos leva à maior e mais importante de todas as questões. Qual é esta verdade que leva à justiça e à santidade? A resposta é: a verdade acerca de DEUS, o Pai, é a grande mensagem da Bíblia, do começo ao fim. Não termina nem mesmo no Senhor Jesus Cristo. Ele não é o

limite terminal; Ele nos leva a DEUS! É porque nos esquecemos disso que estamos em dificuldade ao nível moral e ético. Há somente um modo de assegurar que os homens e as mulheres vivam uma vida reta e santa, e é que eles conheçam a DEUS. Vejam o tema do Velho Testamento. Deus revelou a Sua santidade aos homens logo no princípio. Ele continuou fazendo isso. Em certos lugares ela é preeminente, na dádiva da lei, nos termos e no caráter da lei e dos mandamentos. Acha-se no transcurso de todo o ensino de uma vigorosa sucessão de profetas. O seu fardo e a sua mensagem era a santidade de Deus contraposta à loucura do próprio povo de Deus, povo que Ele formara para Si, em esquecer-se da santidade de Deus!

Mas ainda mais, naturalmente, esta verdade é ensinada e revelada na Pessoa do nosso bendito Senhor e Salvador. "A lei foi dada por Moisés; a graça e a *verdade* vieram por Jesus Cristo" (João 1:17). Ele não hesitou em levantar-se e dizer: "Eu sou o caminho, e a *verdade,* e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6). Ele tinha vindo para tornar Deus conhecido; "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do pai, esse o fez conhecer!" (João 1:18). No fim da Sua vida Ele diz a Pilatos que veio ao mundo "para dar testemunho da *verdade*"! Ele tinha vindo para salvar-nos, porém não colocou isso em primeiro lugar; Ele tinha vindo para dar testemunho da *verdade,* e é só quando nos leva ao conhecimento da verdade que Ele nos salva. Tudo é em termos da verdade, e da verdade acerca de Deus!

Todo o propósito do evangelho, o objetivo da salvação toda, é levar-nos a este conhecimento de Deus. Não é somente propiciar-nos certas experências e emoções! Graças a Deus, recebemos estas de passagem, por assim dizer, mas se eu não tenho esta salvação, as experiências e as emoções podem ser espúrias e falsas; podem ser do diabo e seus imitadores; pois as seitas podem tomar felizes as pessoas e dar-lhes vários tipos de libertação, até a cura dos seus corpos, às vezes. Não, não é isso, é

conhecer a Deus e vir ao conhecimento da verdade, e a verdade é - a santidade de Deus. Lá está ela, no capítulo seis de Isaías: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória"! Mas, nós cremos realmente nisso? Nós o vemos e o reconhecemos enquanto andamos pelo mundo? E isso que domina todo o nosso pensamento e o nosso entendimento, e toda a nossa conversação? Ora, vocês poderão dizer, isso é Velho Testamento! Claro que é, porque é o mesmo Deus em toda parte, e todo o objetivo do Velho e do Novo Testamentos é, igualmente, mostrar-nos a santidade de Deus. A lei, sozinha, não poderia fazê-lo. Cristo o fez! E não podemos deter-nos em ponto nenhum aquém desta verdade, que

Deus é luz, e que nEle não há treva alguma; que Deus é o Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação. Quando o Seu unigênito e amado Filho, que veio do Seu seio eterno, esteve neste mundo como verdadeiro homem, quando Ele orava não Se dirigia a Ele tratando-O como Pai *querido,* e sim como Pai *santo*\ Essa é a verdade! "Pai nosso, que estás nos céus,*santificado* seja o teu nome." A característica da espiritualidade não é a fala mansa, é a reverência, é o temor santo. A característica da espiritualidade *éconhecer* a Deus, e se nós O conhecemos, sabemos que Ele é o *Pai santo,* cujo nome é *santificado.*

A verdade nos ensina também o completo ódio e aborrecimento de Deus pelo pecado. A santidade não é uma experiência que recebemos numa reunião. E entender que o Deus santo *odeia* o pecado, odeia essa realidade enganosa que governa os homens e lhes dá essas concupis-cências e paixões, fazendo deles criaturas de tão maus desejos. Deus *odeia* o pecado. E é somente o homem que realmente sabe disso que se apressa a despojar-se do velho homem e a revestir-se do novo, que segundo Deus é criado em justiça e em santidade. Leiam, pois, os Dez Mandamentos! Ouçam Deus falando em Habacuque, onde Ele declara que é tão puro de olhos que não pode nem *olhar* para o pecado. Ele odeia o pecado, abomina-o. É assim que a Bíblia prega a santidade! "Santifica-os por meio da tua verdade!"

Lembrem-se também da determinação divina de punir o pecado, determinação revelado por Deus. Ele fez o homem à Sua imagem e semelhança, mas quando o mesmo homem rebelou-se contra Ele e Lhe desqbedeceu, e deu ouvidos à voz do diabo, Ele o expulsou do jardim do Éden e pôs os querubins e a espada inflamada, para impedir o seu regresso. Foi dessa maneira que Êle tratou o homem que Ele mesmo fizera, à Sua imagem e semelhança. Deus pune o pecado porque o odeia e porque é um intruso no Seu santo universo. Leiam também sobre o Dilúvio, como Ele destruiu a terra toda, só deixando uma família de oito pessoas. Prossigam e leiam sobre Sodoma e Gomorra. Prossigam e leiam sobre o tratamento que Ele deu aos filhos de Israel, a nação que Ele fez para Si e que Ele modelou para o Seu deleite. Apesar deles serem o Seu povo, Ele os envia ao cativeiro da Babilônia, Ele os manda para a Assíria. Ele levanta nações pagãs para destruí-los e castigá-los; Ele está punindo o pecado.

Depois leiam o ensino do próprio Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo, e verão que Ele exorta o povo a fugir da ira vindoura. Ele fala sobre o lugar onde o verme não morre e o fogo não se apaga, onde está posto um abismo eterno onde os maus e os impenitentes passam a eternidade em sofrimento. Prossigam para o livro do Apocalipse, e

verão que nada que seja impuro ou imundo terá permissão de entrar pelas portas da cidade santa. Fora ficam os cães, os feiticeiros e todos os que praticam a iniqüidade; não estarão dentro, mas sim, fora, expulsos e mantidos fora, e fora permanecerão. Deus revelou isso; isso faz parte da verdade! Não esperem por uma experiência, leiam a Palavra de Deus e estudem-na. Agora vocês têm uma natureza que os habilita a fazê-lo, a recebê-la e a assumi-la. Revistam-se do novo homem! Ele é criado na justiça e na santidade da verdade!

Ainda mais, vão adiante para compreenderem que esta comunhão com Deus só é possível em certas condições. Vejam o Salmo 15: "Senhor", diz este homem, "quem habitará no teu tabernáculo? Quem morará no teu santo monte?" Ele responde: "Aquele que anda sinceramente, e pratica a justiça, e fala a verdade no seu coração". E tomem a ouvi-lo no Salmo 24. "Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo? Aquele que é limpo de mãos e puro de coração, que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente. Este receberá a bênção do Senhor e a justiça do Deus da sua salvação. Esta é a geração daqueles que buscam, daqueles que buscam a tua face, ó Deus de Jacó." "Santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor" (Hebreus 12:14, VA). Quem habitará com as labaredas, com o "Fogo Consumidor"? Quem dentre nós habitará com as chamas eternas? Mas vocês dirão: você está citando o Velho Testamento, você nos está levando de volta aos Salmos e a Isaías. Que dizer do sangue de Cristo? Ele não tornou tudo diferente? Acaso agora não posso correr para a presença de Deus tendo-0 como o meu Pai? Bem, ouçam o autor da Epístola aos Hebreus. Embora alguém entre com santa ousadia pelo sangue de Cristo no Santo dos Santos, ainda o fará com "reverência e santo temor" (VA), "porque o nosso Deus é um fogo consumidor" (Hebreus 12:28-29). Sem santidade ninguém verá o Senhor, sem santidade ninguém pode ter comunhão com Ele, ninguém pode orar verdadeiramente a Ele.

E então, finalmente, procuremos compreender o que o nosso pecado e rebelião deve significar para tal Ser! Temos alguma concepção do que a primeira desobediência do homem significou para este Deus santo? Vocês já viram o insulto envolvido no pecado, e a enormidade do pecado? Agora, diz Paulo, revistam-se do novo homem, procurem dar-se conta destas coisas, desta justiça, desta santidade; não é meramente que fizeram alguma coisa errada que depois os deixou sofrendo e infelizes - não, mas tentem pensar nisso como realmente é à luz deste santo e augusto Ser contra quem vocês

pecaram e a quem insultaram. É o conhecimento da verdade que leva à santificação. É por meio da verdade que havemos de ser santificados e que chegamos a perceber a natureza do pecado e a odiar as concupiscências que nascem do engano.

Procuremos compreender cada vez mais que o propósito fundamental da redenção é habilitar-nos a glorificar a Deus e gozá-lO para sempre. Somos tão subjetivos e tão centralizados no homem hoje em dia, que até concebemos a origem da salvação de maneira errada. Porventura vocês sabem por que Deus enviou o Seu Filho a este mundo e à cruz do Calvário? Por que o fez? Ah, vocês dizem, para que fôssemos salvos! Como eu disse antes, essa não é a primeira coisa. E nunca devemos colocá-la em primeiro lugar. O que Deus disse é isto: "Não por amor de vós, mas por amor do meu santo nome"! O primeiro objetivo da salvação e redenção é vindicar o caráter e o Ser de Deus. Deus em Cristo Se vindica ao reconciliar conSigo o mundo. Assim, o meu primeiro objetivo e o seu, o nosso maior desejo, não deve ser que tenhamos isto ou aquilo, ou mesmo que sejamos isto ou aquilo, mas que sejamos sempre agradáveis aos Seus olhos e que vivamos sempre para o louvor da glória da Sua graça. Dessa maneira nos despojamos do velho homem e nos revestimos do novo, que segundo Deus é criado na justiça e na santidade da verdade.

APRONTE-SE E FAÇA!

"E vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade." - Efésios 4:24

Até aqui estivemos examinando algumas das razões pelas quais devemos revestir-nos do novo homem. Resta-nos considerar uma coisa, e é sumamente importante - como nos revestimos do novo homem? Se evitarmos essa pergunta ou nos esquivarmos dela, estaremos numa situação muito perigosa. Não há nada, suponho, que seja tão perigoso como examinar uma grande verdade como esta de maneira meramente teórica. Nada pode ser mais perigoso para a alma do que ter forma de piedade, mas negar o poder dela. Disse o nosso Senhor: "Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as fizerdes" (João 13:17). Pode ser assolador, como a história o prova plenamente, os homens examinarem esta sublime e gloriosa doutrina do novo homem de maneira puramente objetiva, acadêmica e teórica, vendo-a como um conceito maravilhoso. Todavia, o apóstolo aqui, e em toda esta seção da sua Epístola, está interessado em ser intensamente prático. Nós o veremos prosseguir e dizer: "Pelo que deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo", e assim por diante. Mas, antes de chegarmos aos pormenores fatuais, examinaremos, de maneira geral, esta questão de como revestir-nos do novo homem.

Há certos princípios que devemos ter em mente, e o primeiro, naturalmente, é que isto é algo que nós mesmos temos de fazer. Indiquei isto quando estivemos tratando da parte prática do despojamento do velho homem. E me parece essencial acentuá-lo de novo, quando começamos a considerar as atividades requeridas do novo homem. O versículo chave quanto à matéria toda acha-se no capítulo dois da Epístola aos Filipenses, onde o apóstolo diz a crentes: eu os exorto neste sentido: "não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor. Porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade". Paulo não está pedindo a pessoas incrédulas que façam isso; é claro que elas não podem fazê-lo; ele o está pedindo a pessoas nas quais Deus está agindo poderosamente, por Seu Espírito, para que o efetuem. É inútil dizer: não tenho

o poder necessário; você tem o poder, e o que você é exortado a fazer é dar-se conta de que o poder está em você e que, à medida que você se exercitar, descobrirá que o poder está ali. Esse é o mistério do método divino de santificação. Não fique à espera do poder; no novo nascimento o poder está presente, e à medida que você o exercitar, você verá que o tem, e continuando a exercitá-lo, você terá ainda mais dele. E exatamente como se dá com os nossos músculos; você não conhecerá o seu poder muscular enquanto não começar a usar os seus músculos, e à medida que os usar, muitas vezes ficará surpreso com a força e poder que possui. Deus nos dá o poder; o que somos chamados a fazer é usá-lo e exercitá-lo.

Vejam ainda um caso similar no capítulo 8 da Epístola aos Romanos: “Se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis”. “Pelo Espírito!” O Espírito dá o poder, e o Espírito está em nós. Portanto, sendo esse o caso, somos exortados a despojar-nos do velho homem e a revestir-nos do novo.

Em segundo lugar, o revestimento do novo homem é algo que precisa ser feito completamente, sempre tem que ser feito como um todo, e terá que ser aplicado à totalidade da nossa vida continuamente. Noutras palavras, jamais deveremos realizar a obra por compartimentos; temos de revestir-nos do novo homem não somente em certas partes das nossas vidas, tem que ser na totalidade da nossa vida.
Não devemos revestir-nos do novo homem somente em certas ocasiões ou quando estivermos com certos companheiros, ou quando estivermos em certos lugares. Isso seria negar o princípio todo. O novo homem terá que ser o princípio dominante e condutor de toda a nossa vida; tendo nascido de novo, fomos transferidos do mundo para o reino de Deus; e, portanto, a totalidade da nossa vida e da nossa conduta será e terá que ser inteiramente diferente da nossa vida e da nossa conduta do passado. Mas a expressão “revestir-se” do apóstolo pode ser mal empregada. A expressão “revestir-se” ou “vestir-se”, como já vimos, faz-nos pensar no ato de vestir uma capa ou um vestido ou alguma outra peça do vestuário. E uma boa expressão para usar-se, desde que não abusemos dela. Entretanto, somos muito propensos, receio, a fazer justamente isso. Que pena! Na era vitoriana, digamos, as pessoas costumavam vestir sua “roupa religiosa” nos domingos, e ir a um local de culto; e depois de voltarem para casa domingo à noite, despiam-na, e viviam o resto da semana como duros homens de negócio, de forma que ninguém jamais suspeitava que alguns deles eram cristãos. Em nossos próprios dias podemos ver um grupo de pessoas conversando. Olhamos para elas e achamos que todo o seu

procedimento e comportamento, toda a sua aparência e os seus maneirismos, são típicos das pessoas do mundo. Daí, ficamos muito surpresos quando descobrimos que elas se reuniram com a finalidade de prestar culto, pois a sua conduta não sugeria o revestimento do “novo homem”. A hipocrisia, isto é, o uso de uma máscara, é o exato oposto do que o apóstolo pretende. “O novo homem” não é uma coisa que você veste uma vez ou outra, quando você de repente fica sério; é um princípio determinante, que ocupa o centro da vida do homem, que exerce controle sobre tudo o que ele faz, onde quer que ele esteja, e esteja na companhia em que estiver. Revestir-se do novo homem significa que o novo homem está no centro e está dirigindo todas as minhas atividades, em toda e qualquer situação que se possa conceber.

Num sentido, nunca deveria ser necessário que o cristão se esforçasse para lembrar-se de que é cristão. Se você de fato se revestir do novo homem, sempre se lembrará de que é cristão! Naturalmente há pessoas que têm tanto medo de ser uma fraude como cristãs, têm tanto medo de ser hipócritas, que nunca chegam a revestir-se do

novo homem; ninguém sabe que essas pessoas são cristãs, pois simplesmente parecem homens e mulheres do mundo. E isso é igualmente tolo e igualmente mau. Devemos ter em mente que o apóstolo está apenas usando uma figura para gravar em nós que sempre, em todas as coisas e em todos os lugares devemos viver a vida do novo homem em Cristo Jesus.

Toda a questão do revestimento do novo homem é, na essência, a aplicação da verdade a nós mesmos. Essa é a coisa mais importante que se pode descobrir na vida cristã. O real segredo da vida cristã é você descobrir a arte de falar consigo mesmo. Devemos falar conosco, devemos pregar a nós mesmos, e devemos tomar a verdade e aplicá-la a nós mesmos, e continuar fazendo isso. Isso é revestir-nos do novo homem. Temos que nos malhar a nós mesmos até nos convencermos a nós mesmos. Ou seja, não é uma coisa pela qual você espera passivamente. Se você esperar até sentir o novo homem, provavelmente isso nunca acontecerá. Devemos ser ativos nesta questão. Não existe maior armadilha na vida cristã do que alimentar a idéia de esperar até nos sentirmos em melhores condições, e então revestir-nos do novo homem. Ao contrário, temos que estar sempre dizendo a nós mesmos que o novo homem já está em nós. Em sua Epístola aos Romanos o apóstolo diz: "Considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus" (6:11). Considerai-vos! Diga isso a você mesmo! Persuada-se, argumente, diga-o a si próprio, proclame-o a você mesmo. No momento em que você acordar de manhã, diga a si

mesmo: eu sou o novo homem em Cristo Jesus, não sou o velho homem, não pertenço ao mundo, pertenço a Cristo. Essa é a verdade sobre você, sejam quais forem os seus sentimentos. Você vê a analogia; no sentido físico, você pode não gostar de se levantar de manhã, porém se levanta. Talvez não queira vestir-se, prefira ficar na cama, mas você se levanta e se veste. Você tem que fazer o mesmo no sentido espiritual, diz o apóstolo. O diabo estará lá, governando os seus sentimentos, e ele vai sugerir pensamentos, alusões malignas e insinuações, no momento em que você acordar. Virão os maus pensamentos, e mil e uma coisas. Então é hora de levantar-se e dizer: não! Eu sou o novo homem em Cristo, e não vou continuar vivendo daquela maneira, vou viver como o homem que eu sou! Isso é revestir-se do novo homem. Você o diz a si mesmo, sejam quais forem os seus sentimentos, porque você sabe que é verdade.

E que esse princípio de atividade se aplique ao meu terceiro ponto geral. Usem tudo o que vocês sabem, que os faça lembrar-se do novo homem e que alimente e ajude a edificar o novo homem. Este é o exato oposto do que vocês têm que fazer no despojamento do velho homem, a respeito de quem diz o apóstolo: "Não façais provisão para a carne". Não o alimentem! Se vocês sabem que a leitura de certo tipo de literatura os rebaixa, parem com essa leitura! Deixem o velho homem passar fome, estrangulem-no, sejam violentos com ele, *mortifiquem--no,* diz o apóstolo. E

mortificar significa mortificar; vocês o golpeiam, vocês o surram, vocês o asfixiam, para livrar-se dele! Mas, quanto ao novo homem, alimentem-no, dêem-lhe o sustento propício para ajudá-lo e para fazê-lo crescer; e façam isso diligente e constantemente. Como fazê-lo?

Bem, primeiramente, leia a Bíblia. Se a essência do revestimento do novo homem é a aplicação da verdade a si próprio, que é que pode ser melhor do que você familiarizar-se com a verdade? Ah, mas você dirá, nem sempre me sinto disposto a ler a Bíblia. Sei que não; por isso, obrigue-se a ler as Escrituras. Não é questão de sentimento, é algo essencial à sua vida, ao seu bem-estar e à sua saúde. Portanto, faça isso, levante-se e faça-o. Pode ser feito; tem que ser feito. Podemos sacudir-nos fisicamente, e podemos sacudir-nos espiritualmente. ".. .que despertes o dom de Deus que existe em ti" (2 Timóteo 1:6), diz Paulo a Timóteo, e diz a mesma coisa a nós. Você poderá dizer: não me sinto disposto para isso; como poderei superar essa dificuldade? De várias maneiras! Às vezes uma boa coisa é preparar-se para ler as Escrituras lendo alguma coisa sobre as Escrituras, lendo alguma exposição bíblica ou lendo uma parte de uma biografia ou alguma

declaração de experiência. No tempo em que se usavam bombas para conseguir suprimento de água, às vezes as pessoas viam que quando tentavam usar a bomba, nada acontecia. Que se devia fazer? Pegavam uma pequena lata já cheia d'água e a despejavam na bomba, e, então, quando recomeçavam a bombear, a água subia. Esse procedimento ilustra um grande princípio da vida espiritual. Você tem que acionar a bomba, e isso muitas vezes! Você tem que entender a si mesmo. Tem que saber manejar a si próprio. E há muitas coisas que a pessoa tem que fazer a fim de chegar ao estado certo, à atitude certa e às condições certas. E fatal limitar-se a sentar-se e esperar sentir-se animado a ler as Escrituras. Levante-se! Incentive-se! E depois, quando você chegar às Escrituras, não as leia, por assim dizer, mecanicamente, dizendo no fim: a minha porção das Escrituras para hoje é assim e assim, e já a li, e me vou! Podia muito bem ter ficado sem a ler; não há valor nenhum nessa leitura superficial. Quando você se aproximar dela, veja que a sua mente esteja nela; concentre-se, leia inteligentemente, busque a verdade. Meramente ler a Bíblia inteira uma vez por ano é sem dúvida uma coisa boa, no entanto, feito como um frio dever, pode ser de pouco valor, espiritualmente. Temos que aprender a ler com mente e entendimento espirituais. Faça perguntas; diga: que é este pronunciamento? Que é que está me dizendo? Qual é o ponto em questão aí? A que tipo de pessoa o escritor está se dirigindo? Feito isso, não só passa a ser interessante; passa a ser absorvente. E à medida que for fazendo isso, você estará alimentando o novo homem, e com isso vai estar se revestindo dele. Levantemo-nos, pois, de várias maneiras, para ler as Escrituras.

Depois, também devemos orar. Jamais devemos tentar ler as Escrituras sem orar rogando a Deus que faça delas uma bênção para nós e que nos ilumine pelo Espírito.

Ah, que diferença faz! E devemos orar sobre todos os aspectos das nossas vidas. Somos filhos de Deus; bem, busquemos a Deus como nosso Pai, falemos com Ele sobre as nossas dificuldades e as nossas fraquezas, peçamos-Lhe que nos dê sabedoria e entendimento. Quanto mais orarmos, mais daremos graças a Deus pelo que Ele tem feito por nós e para nós em Cristo, pelo Espírito, mais estaremos vestindo o novo homem, e mais se manifestará a sua vida nas nossas atividades. Portanto, a oração -solitária, isolado, a sós, e também com outros - é a segunda maneira de revestir-nos do novo homem.

Também devemos buscar a comunhão com pessoas de mentalidade semelhante. Os santos sempre acharam sumamente fortalecedor reunir-se, conversar sobre estas coisas, orar juntos. "O ferro aguça o ferro"; os semelhantes se atraem; aves de igual plumagem juntam-se

no mesmo bando, inevitavelmente. O novo homem está onde está outro, fala com ele e reconhece a sua presença. E quando você vê a nova natureza noutra pessoa, você se fortalece. Esse é o valor da igreja; e é por isso que o seu rádio, a sua televisão e todas as demais coisas semelhantes, juntos, nunca serão um substituto da igreja. Impossível! Não podem! A igreja está onde dois ou três se reúnem! E não somente Cristo está presente, mas também nos reconhecemos uns aos outros, e isso estimula a vida de cada um. Assim, a igreja é essencial. O autor da Epístola aos Hebreus faz a exortação: "Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns" (10:25, ARA) - "alguns", sem dúvida, inclui os que se extraviaram. A comunhão dos crentes pertence ao padrão divino. Quando os santos se reúnem e o Espírito está presente, *então* Deus age; Ele continua agindo por meio da Igreja; a Igreja é Sua criação.

Aí estão, pois, certos princípios gerais. Eles cobrirão todos os pormenores e todas as particularidades das nossas ações. Contudo, ao mesmo tempo, permitam-me dar-lhes algumas das verdades das quais devemos lembrar-nos em particular. Revistam-se do novo homem! Muito bem, do que é que eu me faço lembrar? Primeiro, que não há escolha nessa questão de despojar-nos do velho homem e revestir-nos do novo. Por quê? Porque eu não sou meu. Não há necessidade de argumentar sobre estas coisas, diz Paulo: fujam da prostituição (cf. 1 Coríntios 6:18) - por quê? - porque vocês não são de vocês mesmos, vocês foram comprados por preço! O cristão não é livre, o cristão é escravo de Jesus Cristo. É por isso que eu sempre acho muito errado fazer apelos às pessoas para que façam estas coisas; precisamos ser exortados, não receber apelos. Não gosto da prédica de santificação que diz: agora faça isto, e você será maravilhosamente feliz e terá vitória, e assim por diante. Essa forma de colocação é errada. Você não se pertence, você foi comprado por preço: você não tem direito de fazer nenhuma outra coisa, você será um rebelde, se tentar. Fomos comprados e adquiridos pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem defeito e sem mácula; Ele Se deu a Si mesmo, e tudo quanto nisso

está envolvido, para que eu e você fôssemos novos homens. Lembre-se disso. Lembre-se dessa primeira coisa de manhã, lembre-se disso constantemente durante o dia. Você não se pertence, você foi comprado por preço.

E isso, por sua vez, leva-nos a isto, não leva? - ao privilégio e à dignidade da nossa posição. "Criado", diz o apóstolo, "segundo Deus" na justiça e na santidade da verdade. Você sabe, se eu e você tão-somente lembrássemos quem somos e a dignidade da nossa vocação e da nossa posição, restariam muito poucos problemas em nossas

vidas. Mas nós temos que lembrar-nos disso; temos que dizer a nós mesmos quem somos e o que somos. Ouçam Paulo na colocação que faz aos tessalonicenses; diz ele: vocês não são filhos da noite, são filhos do dia, vocês são filhos da luz! "Nós não somos da noite nem das trevas. Não durmamos, pois, como os demais, porém vigiemos e sejamos sóbrios." ".. .agora sois luz no Senhor", diz ele aos efésios. "Andai como filhos da luz"! Vocês notaram como ele o expressa, ao escrever aos romanos? "A noite é passada", já acabamos com tudo isso; para nós já não há nada de "desonestidades" nem de "dissoluções". Essa palavra poderosa veio, vocês se lembram, a Agostinho, e para ele foi a palavra da vida, a palavra de Deus e da regeneração. "A noite é passada, e o dia é chegado. . ." Portanto, não andemos mais daquela maneira, . .mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não façais provisão para a carne" (VA). Somos filhos de Deus, filhos da luz, filhos do dia; e o nosso propósito ao revestir-nos do novo homem, éque nos lembremos disso e, lembrando-nos disso, que andemos como tais, e que todo o nosso procedimento e comportamento, a nossa postura, toda a nossa atitude, seja a completa antítese dos que pertencem à noite e às trevas, e que se escondem atrás da porta e se envergonham da luz e do sol. "Filhos do celeste Rei, enquanto jornadeais, cantai suavemente"! "Somente deveis portar-vos dignamente conforme o evangelho de Cristo", diz Paulo em Filipenses 1:27. Bem aí está, lembremo-nos destas coisas.

E isso, por sua vez, leva-nos a recordar isto; lembremo-nos da família a que pertencemos e, portanto, da família que representamos. Somos de fato filhos de Deus. "Amados", diz João, "agora somos filhos de Deus" - agora, já! E esta é uma concepção de tal maneira espantosa e estonteante da vida cristã que o homem que uma vez a compreenda, vê-se inevitavelmente revestindo-se do novo homem. Agora somos filhos de Deus! Esse é todo o problema com a Igreja Cristã hoje, ela não compreende isso. A Igreja é considerada apenas como outra instituição, e as nossas reuniões parecem reuniões políticas. Somos filhos de Deus! E somos completamente diferentes do mundo - é isto que devemos recapturar, e que é nosso privilégio representar a família neste mundo temporal. Somos estrangeiros e peregrinos neste mundo. Como cristãos, realmente não pertencemos mais ao mundo; ainda estamos nele, porém a nossa cidadania está no céu, e aqui somos peregrinos, somos estrangeiros, estamos aqui por algum tempo; e devemos viver

como tais; não devemos conformarmos com este mundo, pertencemos àquele, e toda a glória e dignidade da família depende de nós e em muitos sentidos está em nossas mãos.

E isso, vocês vêem, leva-nos ao fato de que nos revestimos do novo

homem e ele governa toda a nossa atividade porque, sendo estrangeiros numa terra estranha, estamos sendo observados, e as pessoas nos estão olhando; e dizem: quem são estes? Bem, vem a resposta, são cristãos. Ah, dizem elas, o cristianismo é isso? E se põem a julgar o cristianismo, e a julgar a Deus, e se põem a julgar a totalidade do evangelho, pelo que elas vêem em nós. Naturalmente elas estão completamente erradas em fazer isso, mas fazem, e vocês têm que aceitar as pessoas como são, e não podem culpá-las por fazê-lo. Portanto, eu e vocês devemos lembrar-nos disso. Revestir-nos do novo homem significa estarmos sempre conscientes da nossa responsabilidade. Ouçam Pedro dizer isto. Vejam 1 Pedro 2:11-12. "Amados", diz ele, "peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem." Ora, aí está, em resumo. Vocês são estrangeiros e peregrinos, diz Pedro, não são daqui; pois bem, estes gentios os estão observando, estão olhando para vocês, estão falando contra vocês, eles dizam que vocês estão loucos, que vocês são tolos, que vocês são hipócritas; estão dizendo coisas desse tipo, todavia, diz Pedro, vivam de tal maneira que os convençam e os silenciem, e os levem a tal situação que venham a louvar e glorificar a Deus no dia da visitação. Vocês encontrarão a mesma injunção em toda parte, percorrendo as Escrituras todas. Ora, revestir-nos do novo homem significa isso. E se realmente cremos nestas coisas e que Cristo morreu para fazer-nos assim e para tornar estas coisas possíveis para nós, eu digo que se dispensa pressão; o nosso próprio senso de honra está envolvido, e nos sentiremos canalhas se de algum modo O desapontarmos ou representarmos mal a Sua graça maravilhosa e o Seu extraordinário amor para conosco.

E isso me leva ao meu último ponto, que é o seguinte: o nosso destino! Todas estas coisas dão-se numa seqüência lógica. Haverá algo que seja mais forte como argumento? Havendo-se lembrado que você é apenas um estrangeiro neste mundo, bem, então prossiga, e lembre-se do lugar para onde você vai indo! "E isto, conhecendo o tempo, que jáé hora de nos despertarmos do sono, porque agora a nossa salvação está mais perto do que quando cremos"! (Romanos 13:11, VA). Vamos indo avante. Cada dia chegamos mais perto. Mais perto do quê? Do que vem-a noite é passada, o dia já vem. Que dia? O dia de Cristo, o dia do Senhor, o dia da Sua volta, o dia do Juízo, o dia em que todos os homens terão que comparecer perante Ele, o fim da história. "A noite é passada, o dia está às portas"! (VA). Ou vejam a

colocação que João faz a seu modo: “E qualquer que nele tem esta esperança.
. - que será? Bem, o que ele diz é isto: “Ainda não

sabemos o que seremos”, mas bem sabemos “que O veremos como Ele é, e seremos semelhantes a Ele”; com os nossos corpos glorificados, seremos perfeitos e sem mácula, sem nenhum vestígio do pecado que para trás fica; seremos semelhantes a Ele! É para isso que vamos indo. Agora, se real mente cremos no evangelho, se verdadeiramente aprendemos a Cristo, aprendemos que tudo o que Ele fez o fez para preparar-nos para aquele dia. Se cremos nisso, cremos que devemos levantarmos, vestir o novo homem; a noite é passada, o dia já vem; não continuemos dormindo, preparemo-nos para o dia do apogeu que vem, para a visão beatífica, para a nossa final glorificação, para a nossa entrada na cidade eterna, para o júbilo, a bem-aventurança e a glória de participarmos da vida de Deus por toda a eternidade. Isso é revestir-se do novo homem, é você lembrar-se você desta verdade.

E finalmente lembremos isto (e creio que este é o clímax, o argumento mais forte de todos). Se somos cristãos, significa, como já nos dissera o apóstolo no capítulo três, que Cristo habita em nossos corações pela fé. Ou vamos ouvi-lo de novo: “Não sabeis que o vosso corpo”, o vosso próprio corpo, “é o templo do Espírito Santo, que habita em vós?” Que é revestir-se do novo homem? É você lembrar-se de que Cristo habita em seu coração pela fé, que o Espírito Santo de Deus que habitava em Cristo habita em nós. Se tão-somente todo cristão do mundo atual vivesse neste mundo como se se lembrasse de que o Espírito Santo habita nele ou nela, que revolução produziria! A Igreja Cristã se transformaria! As pessoas não se reconheceriam! E o mundo veria tudo, cheio de pasmo e espanto! É isso que significa revestir-se do novo homem, dar-se conta de que Ele está em você, e de que tudo o que seja indigno ou pecaminoso ofende o Espírito Santo que está dentro de nós.

Portanto, comecemos o nosso dia lembrando-nos destas coisas -sou filho de Deus; nasci de novo; sou participante da natureza divina; Cristo está morando em meu coração pela fé; aonde quer que eu vá, o que quer que eu faça, o Espírito santo está em mim, no meu próprio corpo, de modo que toda e qualquer ação que eu pratico Ele conhece, o *Espírito Santol* E quando você viver o seu dia lembrando
isso, obviamente tudo mudará. E isso é revestir-se do novo homem, que segundo Deus é criado na justiça e na santidade da verdade.

COMO E POR QUE O CRISTÃO SE REVESTE DO NOVO HOMEM

"Pelo que deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros." - Efésios 4:25

Chegamos agora ao que, num sentido, é uma nova seção subsidiária desta grande Epístola. Vocês se lembram de que a Epístola se divide vagamente em duas grandes partes: a exposição da doutrina; e agora, aqui, a aplicação dessa doutrina; mas o apóstolo não se estendera o suficiente antes de retomar a grande e fundamental doutrina concernente à natureza da Igreja. Ele trata dessa doutrina até o versículo dezesseis deste capítulo quatro, e então chega realmente a esta parte prática, que se inicia no versículo 17: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os demais gentios". Aí vemos de novo que isto o envolveu numa descrição muito necessária e pormenorizada da espécie de vida que os gentios viviam, para que lhes pudesse dizer: "Vocês não têm a mínima possibilidade de viver esse tipo de vida; se é que de fato vocês aprenderam a Cristo, e se de fato conhecem a verdade como está em Jesus. Muito bem então", diz ele, manejando e resumindo tudo de novo, eu os exorto, pois, a que "quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe pelas concupiscências do engano; e vos renoveis no espírito da vossa mente; e vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado na justiça e na santidade da verdade". Aqui, depois, tendo dito isso, ele agora vai adiante, com a expressão "pelo que", ou "portanto". E aqui ele nos está introduzindo no aspecto realmente prático de todo este ensino. O princípio geral determinante é que nos despojemos do velho homem e que nos revistamos do novo. No entanto, o apóstolo não deixa a coisa aí, nessa forma geral; ele sente que lhe é necessário aplicá-la em detalhe e levantar questões específicas, aspectos particulares da conduta e do comportamento. E é o que ele começa a fazer aqui, no versículo 25; e, em certo sentido, veremos que ele continua fazendo isso até o fim da Epístola. Contudo, como assinalei antes, ele continua entremeando o texto com doutrina, e isso pelo motivo do qual espero tratar agora.

Este é, pois, o seu argumento. Vocês não são mais o que eram outrora, na verdade se tornaram algo inteiramente diverso; agora então, despojem-se, por todos os meios, de tudo o que lembre o que vocês foram outrora, revistam-se de tudo o que realmente pertença a este novo homem em Cristo Jesus, e que lhe seja próprio. O apóstolo agora quer que eles vejam como se pode fazer isso. Portanto, ao abordarmos esta parte, que é longa, pareceu-me que seguramente nada poderia ser mais útil ou mais vantajoso do que examinar o ensino como um todo, antes de mais nada; porque há certos princípios, com respeito a ele, que governam cada uma das aplicações pormenorizadas e singulares. E por isso os convido a considerarem estes princípios gerais, estas lições comuns, que me parecem sobressair clara e proeminentemente em toda esta parte. Aqui vão alguns deles.

O primeiro é que sempre se deve aplicar a verdade. “Portanto”, “pelo que”, diz o apóstolo. A verdade não é meramente uma coisa para ser observada objetivamente e para ser desfrutada intelectualmente; a verdade deve ser aplicada. Lembro-me de uma ocasião, quando um homem estava pregando com grande eloqüência, e ele disse uma coisa muito notável. Como resultado, algumas pessoas, dentre os ouvintes, irromperam em espontâneo aplauso. Bateram palmas, e o bom pregador, homem de Deus que era, conteve-as e disse: “A verdade não é para ser aplaudida, é para ser aplicada!” Quanta verdade no que disse! Faremos violência à verdade, se não compreendermos que ela deve ser aplicada. O propósito de toda doutrina, e de todo conhecimento, é levar-nos a ter uma vida que esteja em conformidade com a verdade em que cremos. Não preciso demorar-me nisto, o nosso Senhor o expressou uma vez por todas numa frase memorável: “Se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois seas fizerdes” (João 13:17). Terrível coisa é deter-se somente no conhecimento. O conhecimento é absolutamente essencial, pelo que o apóstolo dedicou a ele os três primeiros capítulos completos, e na verdade a maior parte deste capítulo quatro. O conhecimento é absolutamente essencial, nada podemos fazer sem ele; mas parar no conhecimento - no conhecimento teórico, acadêmico - é tão mau como ser ignorante, senão pior.

Em segundo lugar, eu diria que um real e verdadeiro entendimento da verdade sempre leva à aplicação. Assim é que, se um homem não aplica a verdade, o seu real problema é que ele não a entendeu. Pois se o homem é agarrado pela verdade e vê o que ela significa e o que implica, necessariamente terá qua aplicá-la. E por isso que o apóstolo geralmente introduz estas partes com palavras como “portanto” e “pelo que”.

Em terceiro lugar, a fé cristã e o ensino cristão aplicam-se à

totalidade da vida, e a afetam totalmente, em cada detalhe. Paulo nos diz que não mintamos, mas que falemos a verdade; que não furtemos e que não falemos insensatamente. Ele entra em minúcias com referência a pais e filhos, maridos e esposas; todas as coisas concebíveis são abordadas, todos os aspectos, hábitos e departamentos da vida. A verdade e a fé cristãs aplicam-se a todos eles. Não há compartimentos na vida espiritual, e não existe nada que seja tão fatal como dividir as nossas vidas em compartimentos. A zombaria característica do presente século lançada contra os nossos avós da era vitoriana é que eles eram muito religiosos no domingo, porém se esqueciam do cristianismo no resto da semana. Pode haver alguma verdade na acusação, e pode haver substância nela, quando se aplica a nós também. De fato, esta pode ser uma das razões pelas quais a maior parte do povo está fora da Igreja Cristã hoje. É preciso acentuar que o cristianismo abrange a totalidade da vida: devemos ser religiosos não somente no domingo, e sim sempre! A nossa conduta deve ser a mesma em toda parte, na igreja, no mercado, onde estivermos. Ou, para expressá-lo doutra maneira, a nossa fé cristã deve

manifestar-se e deve ser posta em prática, não somente em nossa conduta pública ou profissional, mas em todas as partes da nossa conduta. Existe um tipo de homem que é muito escrupuloso em sua conduta pública, todavia que não aplica as mesmas regras quando passa ao comportamento privado. Há homens de negócio que nem sonhariam em dizer uma mentira ou em fazer algo desonesto, homens que cumprem o seu *código profissional* com a máxima fidelidade; entretanto os padrões que seguem na sua conduta privada, nos seus lares e no seio das suas famílias, é uma coisa estranha e extraordinariamente diferente. Paulo nos mostra aqui que essas variações são inteiramente erradas. O ensino cristão, o princípio cristão, cobre e governa toda a nossa vida, em cada detalhe. Num sentido, a suprema glória da vida cristã é que ela nos dá esta integralidade, e nos livra das dicotomias e divisões que sempre caracterizam o pecado, não somente entre os homens, mas até mesmo dentro do próprio homem.

Há certas características que sobressaem quando visualizamos o método seguido pelo apóstolo quando ensina moralidade e ética. E este é o seu esquema: primeiro coloca o lado negativo, dizendo-nos o que não devemos fazer; depois ele coloca o lado positivo, no qual nos diz o que devemos fazer; e, em terceiro lugar, ele nos dá a razão para a ação requerida. Observem-no no versículo 25: "Pelo que deixai a mentira (o negativo), e falai a verdade cada um com o seu próximo (o positivo); porque somos membros uns dos outros (a razão para a

ação)". Espero que vocês estejam tão fascinados pelo método como eu estou. Pode-se analisar estas Epístolas como se pode analisar as sonatas ou as sinfonias de Beethoven; há estes passos definidos; o ensino não é atirado de qualquer maneira; há um esquema definido aqui - o negativo, o positivo, a razão.

Há um princípio vital envolvido no método do apóstolo aqui. Aquelas pessoas tinham sido criadas no paganismo e tinham tido uma vida que caracterizava aquele tipo de vida naquele tempo - era uma vida de mentira, fraude, roubo, engano e coisas semelhantes; bem, elas se tomaram pessoas cristãs, contudo isso não significa que automaticamente tudo estava bem com elas; não, agora estavam no combate da fé, e as antigas tendências as perturbavam. Que é que o apóstolo lhes diz que façam? Vocês notam logo que o seu conselho e a sua exortação não são simplesmente no sentido de que os crentes orem a Deus pedindo-Lhe que tire essas coisas das suas vidas. Sobre essa questão de mentir, ele não diz: orem a Deus pedindo-Lhe que os livre da tendência de mentir. O que ele diz de fato é: parem de mentir! Tratem de falar sempre a verdade! E façam isso por esta razão. Agora, penso que vocês concordarão que este é um princípio muito importante. Existe o tipo de ensino que sempre nos diz que, seja qual for o seu problema ou dificuldade, só há uma coisa a fazer, e é levar esse problema ao Senhor em oração, pedir-Lhe que o livre disso, retire-o de você; e você simplesmente aguarda e fica de olho na vitória. Não, diz o apóstolo, "Pelo que *deixai* a mentira, *efalai a verdade* cada um com o seu próximo".

Isso é uma coisa que eu e você temos que fazer. “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe.” “Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas de entre vós.” “Aquele que furtava” - não orem para que ele seja liberto da tendência de furtar, mas - “não furte mais”! “Antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha (o) que repartir com o que tiver necessidade.” Eu e vocês somos chamados a fazer estas coisas -aplicar concretamente na prática o ensino que dizemos crer, e sempre *saber* por que estamos agindo assim, e poder dar a razão da nossa conduta.

Sempre devemos s aber por que paramos de fazer uma coisa, por que começamos a fazer uma outra coisa, a fim de podermos dizer aos outros o porquê. Quando outros nos abordam e nos perguntam: “Por que vocês pararam de fazer as coisas que costumavam fazer conosco?” e “Por que andam agindo do modo diferente?” - não respondemos simplesmente: “Não sabemos; estamos ligados a uma agremiação na qual não se fazem essas coisas *ese fazem* outras”, e nada mais. Temos que estar prontos, não somente a dar sempre a razão da *esperança* que

há em nós; temos que ser capazes de dar a razão da nossa conduta e da nossa maneira de portar-nos.

O apóstolo de fato diz tudo isso implicitamente usando a expressão *portanto, pelo que.* Noutras palavras, a razão do comportamento cristão acha-se no ensino que ele já lhes estivera dando. Mas ele não o deixa meramento no “*pelo que”.* O tempo todo ele nos dá a razão *específica.* “Pelo que”, diz ele, “deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo.” Por quê? Porque “somos membros uns dos outros”. É por isso que paramos de mentir, é por isso que começamos a falar a verdade. E uma razão especial e única.

Por que será que este ponto sobre a singularidade ou sobre o caráter especial da razão é tão importante? É de vital importância porque existem outras formas de ensino sobre comportamento moral e ético. O cristianismo não é um monopólio do ensino moral e ético. Existem moralidades pagãs. Existem moralidades humanistas, assim chamadas, e sistemas éticos e culturais, e eles são muito evidentes neste mundo moderno, no qual nos achamos. Como crentes, devemos ser capazes de traçar uma clara distinção entre a moralidade, a ética e a cultura *cristãs,* e todas as outras formas de moralidade, ética e cultura. Caso contrário, seremos incapazes de expor a verdade cristã com simplicidade e clareza. Permitam-me pôr isto em seu cenário histórico, para dar-lhe maior simplicidade e clareza.

Particularmente no século passado, entrou em cena um tipo de ensino, em grande parte patrocinado e impulsionado por Thomas Arnold, o famoso professor da cidade de Rugby. Ele e outros começaram a ensinar e a propagar uma nova doutrina, que ainda chamava cristianismo mas que, na verdade, não passava de doutrina moral e ética. Ela praticamente nada tinha para dizer acerca do sobrenatural e do miraculoso;

falava muito pouco do elemento espiritual; nela não havia nada de redenção, e nenhuma palavra sobre a regeneração. A idéia geral de Arnold era que o cristianismo é um modo de vida, e que a pessoa torna-se cristã quando ouve ou lê o ensino do nosso Senhor em particular e o aplica ao seu viver diário. Essa era a doutrina. Era quase exclusivamente matéria de conduta e comportamento, prática moral e ética. E veio a ser tremendamente popular. Às vezes a denominam *religião da escola pública.* Há os que hoje até gostariam de denominá-la *religião da B.B.C.*[1] Essa é a espécie de ensino a que estou me referindo, e muitos ainda acreditam que o cristianismo é isso, e que nos tornamos cristãos não fazendo certas

coisas e fazendo outras, amoldando-nos a um padrão moral, ético, ou a certo tipo de cultura.

Contudo, não hesito em dizer que a doutrina de Arnold nega totalmente o que o apóstolo está ensinando aqui na Epístola aos Efésios. Não há nada, afinal, que seja mais oposto à mensagem cristã do que justamente esse tipo de doutrina. E, portanto, parece-me tremendamente importante que, antes de passarmos a estudar em detalhe questões como mentir, irar-se e sujeitar-se a ira, furtar e empregar linguagem torpe, devemos ter claro em nossas mentes que a mensagem cristã nada tem em comum com idéias e ensinamentos pagãos e humanistas, morais e éticos, com relação à vida.

Se para nós isso não estiver claro, estaremos sempre apagando o caráter único da mensagem cristã. A nossa afirmação é que o cristianismo é absolutamente único, que não há nada semelhante a ele, nunca houve e nunca haverá. Todavia se adotarmos aquele ensino, eliminaremos totalmente a unicidade do cristianismo. Ele passará a ser uma simples coleção de princípios morais e éticos, exatamente como vemos nos escritos de muitos dos filósofos pagãos gregos que viveram, ensinaram e morreram antes da vinda do Senhor Jesus Cristo a este mundo; desaparecerá a singularidade do cristianismo, e este ficará sendo apenas um dentre outros grandes sistemas de moralidade. Mais grave ainda, porém, aquele ensino elimina a singularidade do nosso Senhor, faz dEle apenas um dentre outros grandes mestres, no que diz respeito à vida. E quando lemos os escritos de pessoas pertencentes àquela escola (e há muitas delas ainda, e muitas vezes elas escrevem em livros e periódicos religiosos), notamos que elas sempre revelam a sua posição compilando listas daqueles que eles chamam grandes mestres de moral e ética - Moisés, Isaías, Jeremias, Jesus, Paulo, Maomé, Buda, e por aí afora. O nosso Senhor é colocado numa categoria comum a outros, é simplesmente um entre muitos grandes mestres, não está mais sozinho numa categoria à parte. Não passa de um grande mestre, de *um* dos grandes mestres, um dos grandes gênios; Ele apenas pertence a uma série. E assim Ele é despojado da Sua unicidade e da Sua glória essencial. Algumas das pessoas mais difíceis a quem pregar e a quem conquistar atualmente são os pagãos cultos, pois eles acham que não necessitam do cristianismo. Não mentem, não furtam, não cometem adultério, não usam linguajar

torpe. E quando o cristianismo é apresentado como nada mais que um sistema moral e ética que nos diz que não façamos certas coisas e que façamos outras, eles reagem dizendo: "Eu já estou vivendo esse tipo de vida; é nisso que eu já creio; pratico esse tipo de coisa, e não vejo nenhuma necessidade de ir às suas igrejas no

domingo; posso viver a minha vida muito bem no campo; na verdade, sou ajudado pela glória e pela beleza da natureza. Por que a Igreja Cristã? Por que vocês se separam dos outros? Por que vocês têm algo separado e diferente?"

Portanto, esta é uma matéria que envolve o próprio coração e cerne da posição cristã; e assim eu quero sugerir algumas das diferenças essencias entre o cristianismo e toda e qualquer forma de cultura pagã ou de qualquer coleção de virtudes pagãs.

A primeira diferença importante acha-se nos motivos que os não cristãos dão para viverem o seu próprio tipo de vida. Eles invariavelmente isolam a sua conduta e o seu comportamento como algo que vale por si mesmo. Isolam certas virtudes, ou fazem uma lista de uma séria de virtudes abstratas que, dizem eles, são as coisas que os homens devem pôr em prática - sua abordagem é essencialmente teórica e abstrata; selecionam certas virtudes que são apreciadas por eles e nos concitam a aplicá-las. E assim nos fizem o seu apelo em termos do país ou da escola ou da família ou da classe a que pertencemos. Eles dizem: nunca fazemos isso, "isso não se faz" -*nós* sempre fazemos isto; *isto* é "o que se faz". A virtude que eles isolam e nos concitam a aplicar é sempre algo impessoal e abstrato. O motivo cristão, porém, é sempre essencialmente diferente. O motivo pelo qual o cristão não faz certas coisas, mas faz outras, é sempre em termos do Senhor Jesus Cristo! Ele raciocina e vê que, porque Cristo veio ao mundo e morreu por ele e ressuscitou, e lhe deu uma nova vida,*portanto*...! Notem a bela frase utilizada no versículo 27 do capítulo primeiro da Epístola aos Filipenses: "Somente seja o vosso comportamento como convém ao evangelho de Cristo" (VA): não o seu país, nem "o que se faz", e sim "como convém ao evangelho de Cristo"! O nosso motivo é sempre pessoal, sempre se remete ao Senhor, quem Ele é, o que Ele fez, como o fez e por que o fez. Os motivos são diametralmente opostos e diferentes.

Em segundo lugar, estes sistemas pagãos (chamo-lhes pagãos mesmo que usem terminologia cristã) sempre pressupõem capacidade natural; obviamente, porque vêm a nós e nos dizem que entremos na linha, que nos enquadremos no esquema. Eles pressupõem que temos capacidade e poder para fazê-lo. Por isso é geralmente uma espécie de doutrina que só apela para certo tipo de pessoa. Nos velhos tempos ela só apelava para os cultos, para os capazes e instruídos; e o que se vê é que quando o nosso Senhor estava exercendo o Seu ministério, e João Batista Lhe enviou seus dois discípulos com a pergunta: "És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?" (Mateus 11:3) esta foi a resposta que Ele enviou de volta: "Ide e anunciai a João as

coisas que

ouvis e vedes; os cegos vêem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e" - um terrível anticlímax? - "aos pobres é anunciado o evangelho". Esse é o Seu clímax, e isso logo depois de mencionar a ressurreição dos mortos - "aos*pobres* é anunciado o evangelho". Por que é que Ele diz isso? Porque os sistemas pagãos, as moralidades e éticas pagãs, não tinham nada para dizer aos pobres. Você tem que ser um homem culto antes de poder aplicar a cultura pagã e a moral e ética humanista. Esses sistemas e moralidades pressupõem poder em você, e se você não o tem, eles não têm nada a lhe dizer. E por isso que o povo em geral nunca se sentiu tocado por esse ensino, e atualmente não está sendo tocado por ele. Noutras palavras, o ensino não cristão nada tem para oferecer para sanar fracassos. Se um homem é incapaz de corresponder a ele, os seus promotores o denunciam e o abandonam, não pode entendê-lo; eles dizem que aquele homem não é inteligente, é um tolo, e o deixam de lado, e não têm nada para dar-lhe. Por outro lado, o cristianismo só pressupõe uma coisa, e é que recebemos nova vida, que somos regenerados. *Portanto,* diz Paulo, vocês não devem andar mais como andam os outros gentios e como vocês andavam outrora; pois vocês nasceram de novo, vocês têm dentro de si o novo homem, vocês têm uma capacidade dada por Deus. Nada daquela outra doutrina! Nela tudo é natural e humano. Esta é divina, esta é de Deus, esta é miraculosa, esta é sobrenatural; pressupõe a habitação do Espírito Santo em nós. Que diferença! Como poderão confundir-se alguma vez?

Chegamos agora a uma terceira diferença. As moralidades e éticas divorciadas da fé cristã, pelos motivos que lhes dei, cultivam a satisfação pessoal e o orgulho. Obviamente, o homem se ufana do fato de que não é mentiroso, de que a sua palavra vale ouro; sou homem de palavra! A minha palavra vale ouro! Tenho um código! E se mostra muito contente consigo mesmo! O apostolo Paulo estava muito contente consigo antes de tomar-se cristão. A pessoa que se apega a qualquer tipo de moralidade e ética fora do cristianismo, sempre está contente consigo mesma e com as suas realizações! "Segundo a justiça que há na lei, irrepreensível"! (Filipenses 3:6). Excedo todos os meus patrícios em meu empenho e em meus esforços. Certamente vou indo muito bem, já estou vivendo esta vida moral, ética, culta! Satisfação própria e orgulho! O cristianismo sempre nos mantém humildes, sempre nos leva a estarmos conscientes do que não somos e do que estamos deixando de fazer. E quando contemplamos a Cristo, achamos que somos vermes. E quando lemos as palavras a nós dirigidas,

"haja em vós o mesmo sentimento (ou a mesma mente) que houve também em Cristo Jesus", sentimo-nos no chão, no pó. É óbvio que os dois sistemas são completamente antagônicos, do começo ao fim.

Assim é que estabelecemos um quarto princípio: os sistemas não cristãos não tocam

no velho homem e na velha natureza. Eles apenas fazem uma caiação na superfície e escondem a sujeira que está por dentro. Raspem a superfície, e verão o que ainda está ali. Irritem ou contradigam os que parecem tão morais e éticos, e verão que a moralidade tem a espessura da pele. Ela deixa o velho homem exatamente onde estava e como era, mas cobre a superfície com uma chapa, passa-lhe cal, dá-lhe certa aparência, porém não faz mais nada. Por outra lado, o cristianismo cria um novo homem, uma nova natureza, uma nova criação, um novo coração, uma nova perspectiva. Ou, para citar de novo o princípio que se destaca nesta série, é toda a diferença que há entre algo ser feito fora e algo ser feito dentro. Os sistemas do mundo simplesmente gastam o tempo despejando elementos químicos nas águas poluídas. O cristianismo vai à origem da água poluída e a purifica; ele desce às profundezas máximas, produz uma nova criação, um novo homem vem à existência.

Em quinto lugar, meu parecer é que os sistemas morais do mundo simplesmente retardam e refreiam grandes investidas do mal e grosseiras manifestações do vício; não lhes dá tratamento real e direto. O homem que segue esses sistemas j amais será culpado de algo grosseiro ou patentemente hediondo. Ele acredita na respeitabilidade. Não abraça nada que seja rude ou baixo ou feio - nem sonharia com isso! - todavia, em princípio e na essência, o mal está em sua vida! Por outro lado, o cristianismo trata do problema todo. Vemo-lo perfeitamente ilustrado no Sermão do Monte. Por exemplo, os fariseus ensinavam que, contanto que você não cometesse adultério de fato, tudo estaria bem, e você seria perfeito quanto a esse mandamento. Nada disso, diz Cristo; se estiver em sua mente, em seu coração, em seu pensamento, em sua imaginação, e você gostar disso, você será culpado! As palavras de Cristo vão direto ao fundo, às raízes. Não se referem somente a manifestações grosseiras, e sim a todas as espécies de manifestações. Os sistemas não cristãos só se preocupam, reitero, com o comportamento *público,* e muitas vezes o comportamento é tão diferente! Uso uma ilustração moderna para aclarar o que quero dizer. Vejam as listas de certos cavalheiros que no presente falam tão ativamente em nome da moralidade contra o uso de bombas de hidrogênio e outros horrores quejandos. Eles têm senso de indignação moral. Em nome da humanidade, dizem eles, isso é, uma coisa impossível, temos que denunciá-la, temos que detê-la! E provocada

a sua consciência moral, o seu senso de justiça! Mas examinem a história e o desenrolar da sua vida; porventura há o mesmo gume agudo em sua consciência moral quanto à sua fidelidade para com as suas esposas? Uma moralidade pública que não se aplica às relações mais temas e nobres da vida é uma fraude. Não me interessa a indignação moral de homens que não têm a mesma indignação moral em *todos* os domínios e departamentos da vida. É mera aparência; não é genuína.

Em sexto lugar, os sistemas não cristãos de nada tratam, senão da repressão. Nada sabem sobre a expressão. São negativos, falta-lhes liberadade. No entanto, o

cristianismo tem ambas. Você pára de fazer uma coisa, e faz a outra. Não somente pára de mentir; você fala a verdade. Mas o sistema contrastado é sempre negativo e puramente repressivo; nada sabe da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. O fato é que as culturas pagãs e similares sempre são manufaturadas, sempre lhes falta vida, e sempre lhes falta espontaneidade. São uma espécie de produto padronizado, resultando em que sempre produzem o mesmo tipo de mentalidade e de perspectiva; todos eles vêem e fazem as mesmas coisas da mesma maneira. Fazem violência à personalidade porque forçam todas as personalidades a entrar na mesma forma. Contudo o cristianismo nunca faz isso. No cristianismo sempre há variedade na unidade. Nós, cristãos, fazemos as mesmas coisas mas não somos idênticos. Graças a Deus há variações e variedade entre nós, diversidade na unidade. Não nos amoldamos a um esquema padrão. Se se der o caso de vocês acharem cristãos que sempre fazem a mesma coisa da mesma maneira, desconfiem deles! Há algo errado no ensino deles. Como havia diferenças nos apóstolos, assim há diferenças em todos os cristãos. Não existem dois pregadores cristãos que preguem exatamente do mesmo modo; um pode ser tranqüilo, o outro pode ser veemente. Que o sejam! Deus os fez assim. Ora, nesses outro sistemas, eles dominam a sua personalidade e produzem um tipo padrão, como ervilhas numa vagem, ou como uma série de selos do correio. Isso indica a falsidade dos sistemas não cristãos; são a antítese do verdadeiro, que é o cristão. _

Finalmente, os sistemas não cristãos são sempre frios. E a frieza da artificialidade. É toda a diferença que há entre uma rosa florescendo num ramo de roseira no seu jardim e uma rosa artificial. São muito parecidas à primeira vista, não são? Mas essa coisa artificial! - fria, morta, rija, sem calor, sem nada que realmente nos atraia quando nos aproximamos dela. E isso é verdade quanto a todos os sistemas meramente éticos, morais. Você não pode chegar porto de pessoas que são meramente morais e éticas, há frieza em torno delas; mostram

satisfação própria, são perfeitas, mas você não consegue despertar a compaixão delas, falta-lhes calor, elas não o incentivam, não se solidarizam com você. Pois bem, quando você se aproxima do cristão, que contraste! Ele tem calor, é humano, é compassivo, é acessível; comunica ânimo, não fica eternamente empinado em sua dignidade; pode esquecer-se de si mesmo, pode entusiasmar-se, é governado pelo princípio do amor, que se acha no centro da sua vida e se irradia dele. Não fica sempre a vigiar-se e a observar-se de fora; há esta espontaneidade, este princípio, este bendito princípio de vida. Ele é o que é pela graça de Deus e, porque a graça de Deus pôde fazer isso por ele, ele faz você sentir que a graça divina pode fazê-lo por você também!

Encerro contando a história da conversão de um homem de setenta e sete anos de idade; aconteceu há uns vinte anos. Tinha um caráter terrível, era beberrão, batia na esposa, era jogador, era tudo o que um homem não deve ser. Todavia esse homem

tornou-se cristão, e desta maneira: estando a beber sua caneca de cerveja certa tarde, sucedeu que ouviu dois homens conversando sobre o evangelho, e escutou um dizer ao outro: "Você sabe, senti que havia esperança para mim ali". E algo atingiu aquele homem de idade; disse ele: "Se há esperança para ele, há esperança para mim". Mas o impacto feito sobre outros pelas pessoas meramente éticas é muito diferente. Elas nunca fazem você sentir que há alguma esperança. É provável que você diga: é maravilhoso, porém quem sou eu? Não sou capaz disso, fui feito diferentemente. Assim eles condenam você e o deixam fora, no frio. Não é assim com o evangelho de Cristo! Há calor, vida, fulgor, há uma qualidade dinâmica. Você olha para um homem e diz: ele é o que é pela graça de Deus! Se a graça fez isso com ele, pode fazê-lo comigo!

Lembro-me doutro caso semelhante. Há uns trinta anos, passei a noite na casa de um médico, então já idoso, e ele me contou a história da sua vida, depois do culto vespertino. "Você sabe", disse ele, "tenho tido problemas em minha vida desde o início; começou quando eu estava em casa. Meu pai era membro de uma igreja anglicana; minha mãe era membro de uma igreja unitária. E esse", disse ele, "era o meu problema. Meu pai, embora fosse uma pessoa amável e bondosa, simplesmente não podia ir ao mercado às sextas-feiras à noite e voltar sóbrio para casa. Minha mãe, quanto eu saiba, nunca fez nada errado. Era pessoa de alto nível moral, como os unitários geralmente são. Mas você sabe", disse ele, "não me saía da cabeça, havia algo quanto ao meu pai que, apesar da sua grande falha, me ajudava e me atraía mais do que a perfeita retidão da minha mãe. Quando eu fazia algo errado, podia procurar meu pai, porém nunca achava que podia procurar

minha mãe; havia aquela frieza". E então ele disse que quando se tomou estudante de medicina, o seu velho problema perpetuou-se. "Aos domingos de manhã eu costumava ir ouvir o grande pregador unitário, o Dr. James Martineau, que nas pregações fazia grandes discursos éticos; e eu admirava a linguagem e a dicção, e divisão do assunto, o pensamento e a lógica. E depois", disse ele, "aos domingos à noite eu costumava ir ao Exército de Salvação, onde não havia culto formal, eloqüência e muitas outras coisas cuja falta realmente me desgostavam, como homem de cultura; todavia", disse ele, "ali o meu coração se aquecia; eu sempre achava que havia algo que me ajudava em minhas falhas pessoais e nos meus problemas pessoais. No culto matutino eu me sentava e admirava, com alheamento e frieza intelectuais, mas não recebia ajuda para os meus problemas morais e pessoais, e o meu coração não se aquecia. No entanto, de noite, que diferença!"

Todos nós precisamos aprender a lição que essas histórias nos transmitem. Quando paramos de mentir e começamos a falar a verdade, quando paramos de usar linguagem torpe, quando paramos de furtar e de fazer todas as outras coisas más, temos que agir de tal maneira que o beberrão, o homem desesperançado que perdeu toda a sua força de vontade, encontrando-nos e entrando em contato conosco, sinta

que há esperança para ele. Sempre devemos agir, nessas coisas, de tal maneira que levemos as pessoas a olhar para Cristo e saber que somos o que somos unicamente pela graça de Deus em Cristo Jesus.

1

British Broadcasting Company. Nota do tradutor.

“DEIXAI A MENTIRA”

“Pelo que deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros. ” - Efésios 4:25

O evangelho de Jesus Cristo é intensamente prático, e prático é, como vimos, por suas razões especiais, que estão muito afastadas e muito longe das razões que o mundo dá para a sua cultura, para as suas moralidades e para os seus códigos de honra e de comportamento; as razões que se acham nas Epístolas do Novo Testamento são sempre peculiarmente cristãs.

Examinemos de início a minuciosa injunção que o apóstolo dá aos crentes efésios. Sobre o seu método já observamos anteriormente: primeiramente a injunção negativa, “deixai a mentira”; depois a injunção positiva, “falai a verdade cada um com o seu próximo”; e depois o motivo para fazer ambas a coisas, “porque somos membros uns dos outros”. Então, a primeira coisa que Paulo inclui em sua lista é a mentira ou falsidade, a falsidade em geral, pois, como todos nós sabemos, infelizmente, é possível mentir sem dizer uma palavra. Pode-se mentir, às vezes, não falando, deixando de dizer algo que se sabe que é errôneo, pode-se mentir com um olhar. Assim é que o termo *mentir* abrange realmente a falsidade em geral. Mas por que Paulo começa pela falsidade e mentira? Sem dúvida por muitos motivos, porém ele nos dá um que, num sentido, resume todos, aqui neste versículo. Vamos dividir o versículo, então, para mostrar melhor como o apóstolo foi, num sentido, impelido a colocar isso em primeiro lugar.

Um motivo parece quase mecânico. Já notamos o que o apóstolo estivera dizendo no versículo anterior, traduzido corretamento: “que vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado na justiça e na santidade *da verdade*”. Desse modo somos levados a lembrar-nos de que a caraterística mais essencial da vida cristã é a verdade, *a Verdade.* É isso que faz que a vida cristã seja um completo contraste com a vida não cristã, com a vida do mundo. Também, ao descrever o velho homem, o apóstolo estivera falando sobre a corrupção e as concupiscências *do engano,* que são as maiores características da vida pecaminosa. Nada é tão característico da vida cristã como o fato de que

ela pertence aos plenos domínios da verdade. Descrevemos o que aconteceu com o homem que se tornou cristão dizendo que ele *viu a verdade,* ou *que viu a luz.* Igualmente é o que reivindicamos para o evangelho e para a Bíblia. Não é? Esta, dizemos, é a verdade,e nenhuma outra coisa é verdade! Todos os outros conceitos da vida, do homem, da existência,do propósito da vida e do que está além dela, são mentiras! Damos graças a Deus que fomos libertos do reino da mentira, pela qual o mundo é governado. Mas fomos trazidos para o reino da verdade, e nisso nos gloriamos. “Deus nosso Salvador”, diz Paulo, escrevendo a Timóteo, “deseja que

todos os homens sejam salvos, e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1 Timóteo 2:4). Em sua Primeira Epístola, João argumenta repetidamente no sentido de que o cristão está no reino da verdade; as trevas se foram, veio a luz. E evidente, pois, que tudo o que nos diz respeito deve ser indicativo do fato de que, tendo chegado ao conhecimento da verdade, agora estamos vivendo na verdade,e estamos vendo a totalidade da vida de modo legitimo. Assim, naturalmente, havendo terminado com a palavra verdade, Paulo retoma o ponto. E, portanto, é isso que vem em primeiro lugar: "Pelo que, deixai a mentira ..."; ela é totalmente incompatível com o reino ao qual vocês pertencem agora.

Isso por certo nos leva necessariamente a outros aspectos da questão. Haveria algo que seja, em última análise, uma parte de importância tão vital e tão essencial do caráter de Deus como a verdade? Este ensino está por toda parte na Bíblia. Vocês já notaram a extraordinária afirmação que o apóstolo faz no início da sua carta a Tito? - "Deus que não pode mentir..." Deus não pode mentir! Deus é isso! Deus é o "Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação". Que tremenda declaração! Há uma coisa que Deus nunca pode fazer, Deus não pode mentir. Seria uma contradição em Sua própria natureza, em Seu própria Ser. Deus é luz, e nEle não há treva nenhuma. Ele não pode ser tentado com pecado, nem pode tentar ninguém. Deus é a verdade essencial, sempitema e eterna. E ser cristão significa que fomos trazidos para a comunhão com tal Deus!

Quando o apóstolo diz que devemos deixar a mentira, não está interessado nisso nos termos dos moralistas e dos humanistas; ele não diz meramente que mentir é uma coisa terrível, que pode causar muito dano, etc. etc. Claro que *é* uma coisa terrível, mas, como cristãos, nós temos razões melhores para deixar a mentira. Fomos reconciliados com Deus. Dizemos que conhecemos a Deus, que temos amizade com Deus e que estamos em comunhão com Ele. O apóstolo João acentua o fato de que, se alguém diz: "Eu o conheço", no entanto não guarda

o Seus mandamentos, "é mentiroso". É impossível, diz ele, andar ao mesmo tempo na luz e nas trevas; e conhecer a Deus e ter comunhão com Ele significa, necessariamente, verdade e prática habitual da verdade. Davi entendeu isso, mesmo com a luz menor da antiga dispensação. Foi o que perturbou Davi depois do seu pecado mais terrível; por isso, da agonia do seu coração, ele brada: "Eis que amas a verdade no íntimo". Ele sabia que nenhum disfarce, nenhum fingimento, nenhuma mentira pode prevalecer na presença de Deus. Diz ele: de nada vale fingir, de nada vale tentar esconder alguma coisa. "Amas a verdade no íntimo!" E se eu não for sincero aqui, parece dizer, e absoluta e completamente honesto, isso não valerá nada. Os homens podem enganar os seus semelhantes, mas Deus vê todas as coisas. Ele exige com insistência esta honestidade, esta verdade no íntimo. Portanto, naturalmente, no topo da lista, vocês devem ter aquilo com o que o apóstolo dá início: "deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo".

Passemos agora às palavras subseqüentes do apóstolo. Como é certo dizer que não há nada que represente Deus tão bem como a verdade e a prática habitual da verdade, é igualmente certo dizer que o diabo é mentiroso, e que isso faz parte da própria essência da sua natureza e do seu ser. O Senhor Jesus Cristo nos diz isso no capítulo oito do Evangelho Segundo João. Aos judeus que argumentavam irritados com Ele, e que se opunham à verdade porque esta os condenava e lhes perscrutava o íntimo, Ele diz: "Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai. Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira". É dessa maneira que o Novo Testamento trata da questão de falar a verdade e não mentir.Ele exige que o cristão veja o que isso significa e o que envolve, não meramente com vistas a ser um cavalheiro , um homem de palavra, e de praticar a verdade. O mundo pode fazer tudo isso, mas não é cristianismo.O que se requer de nós, cristãos, é que vejamos a mentira em todo o seu caracter perverso, e você só pode fazer isso quando a coloca no contexto cristão.De modo que todo moralismo que é levado adiante em nome do cristianismo é finalmente a maior negação do cristianismo.Da cabo da sua singularidade, que é a sua glória central.

Vejam o terrível caso de Ananias e Safira como uma ilustração da imensa diferença que existe entre a mentira e a verdade. Tinha havido acordo entre os cristãos primitivos de que deveriam vender os seus bens e as suas propriedades e levar o produto ao fundo comum. Era

voluntário, não havia compulsão, e várias pessoas o tinham feito, entre elas Ananias e Safira. Estes procuraram os apóstolos e disseram: fizemos o que prometemos, e aqui está o produto. Mas retiveram uma parte do dinheiro; e o Senhor levou Pedro a dizer a Ananias: "Ananias, por que encheu satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo?" Satanás enchera o coração do homem! Não era apenas uma questão de dizer uma mentira! Quando você é cristão, o pecado não fica nisso, vai além. "Satanás encheu o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo"; e a fim de mostrar que coisa terrível era, ele caiu morto naquele instante, para que Deus chamasse a atenção da Igreja Primitiva e de todo o povo cristão em todos os lugares, até o fim dos séculos, para o caráter terrível daquele pecâdo particular. Do nosso ponto de vista como cristãos, mentir é indicar que temos afinidade com o diabo. E o mentiroso, o mentiroso habitual, pertence ao reino do diabo, cujo ser é, todo ele, mentira. Ele é o pai da mentira, não há verdade nele. Ele é a encarnação do mal, e o que ele ensina aos outros é mentir.

Portanto, diz o apóstolo em sua Epístola àqueles crentes. Como novos homens e mulheres,revistam-se do novo homem que está em vocês; e, com respeito a isto,primeiro e acima de tudo, parem de mentir, e falem a verdade, cada um com o seu próximo; porque, se não o fizerem, estarão dando a impressão de que vocês

ainda estão presos ao diabo e que pertencem ao seu reino. Mas isso não é verdade sobre nós, como cristãos! Como o apóstolo João igualmente o expressa em sua Primeira Epístola:"Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo *está* no maligno". Nessa passagem, e noutras semelhantes, os apóstolos nos levam de volta aos fundamentos da nossa fé. Continuo dizendo isso porque nos ajudará, não somente com relação a esta primeira injunção, porém com todos elas. Temos que aprender a examinar estas coisas de maneira cristã, e no momento em que o fizermos, não importa qual o assunto, seremos levados de volta aos fundamentos da fé. Assim, quando vocês dizem a alguém da Igreja Cristã que pare de mentir, vocês estão fazendo uma coisa que é totalmente diferente do modo como normalmente se faz no mundo, que está sempre interessado na fachada e na aparência; pois você não poderá fazê-lo de maneira cristã sem retornar à sua doutrina sobre Deus, à sua doutrina sobre o diabo.

Eis o que vem a seguir: temos que parar de mentir porque o primeiro pecado do homem foi resultado de uma mentira. Noutras palavras, o mundo é como é por causa de uma mentira. Aqui, de novo, retornamos a uma verdade básica, fundamental. Por que o mundo é como é? O apóstolo Paulo, escrevendo a sua segunda carta aos coríntios, expres-

sa-o com estas palavras: "Como a serpente enganou Eva com a sua astúcia" (11:3). A causa daquele primeiro pecado foi a mentira que o diabo sussurrou a Eva. Foi uma mentira sobre o caráter e o ser de Deus. "Deus disse?" Deus finge que é bom para vocês, que os ama e que busca os melhores interesses de vocês, diz o diabo; mas a verdade real e concreta, disse o mentiroso e pai da mentira, é que Ele é contra vocês e que os mantém em situação inferior por Seus próprios interesses, porque Ele sabe que, no dia em que vocês comerem do fruto proibido, vocês se tornarão como deuses, serão iguais a Ele, e então vocês terão de fato os seus direitos; Ele é contra vocês! De tal monta foi a mentira do diabo! Essa foi a causa do problema. Foi o que levou à Queda, e foi o que começou o processo que levou à história humana como a conhecemos. E o que explica o estado atual do mundo. O pecado original foi produzido por uma mentira. Temos que compreender que aqui estamos vendo algo que constitui uma completa representação daquilo que levou à rebelião do próprio diabo e depois, por meio dele, à rebelião do homem. Foi isso que levou o mundo para baixo, do paraíso que era ao mundo no qual eu e vocês estamos vivendo neste momento. E é quando o examinamos desta maneira doutrinária e vemos a sua natureza e o seu caráter fundamentais que verdadeiramente podemos tratar dele de maneira radical.

Eu diria, em segundo lugar, que a mentira é a característica mais proeminente e mais comum do viver no pecado. Considere a seqüência dos eventos. Você comete um pecado; você não quer ser descoberto e não quer que ninguém saiba disso, pelo que você conta uma mentira. Uma vez que você contou aquela mentira, tem que

contar outra para encobrir aquela; e a coisa continua, e continua, num terrível processo em progressão geométrica. Multiplica-se cada vez mais, até que a vida vem a ser uma total mentira e falsidade. Haverá alguma coisa que seja mais característica da vida pecaminosa, da vida não cristã, do que esse fator mentira? Engano e mentira, falsidade e fingimento são mais óbvios do que qualquer outra coisa na vida do mundo. Vocês já tentaram examinar a vida deste ângulo? Pensem num grupo de pessoas reunidas naquilo que o mundo entende que é uma ocasião alegre, uma recepção, uma festa. Notem a afabilidade, as atitudes amigáveis. Contudo, observem depois os olhares de relance, prestem atenção nos murmúrios! Ah, a camaradagem, o trato amigável, a afabilidade, como se deleitem encontrar-se. . . Oh, como as pessoas se querem bem! - e, todavia, ficam cochichando. Não seria essa a vida da sociedade? Que seria, se as pessoas realmente falassem a verdade umas às outras e dissessem o que realmente pensam umas

das outras e o que realmente crêem? Posso dizer com segurança que, em geral, a vida da sociedade, em qualquer esfera e em qualquer nível - apesar do refinamento e elevação - segue este princípio de engano e mentira. E todos nós sabemos que é assim. No entanto, o fingimento, a falsidade e a representação prosseguem. Esta é, sem dúvida, a coisa mais característica acerca do viver no pecado.

De igual modo, não seria o hábito de mentir uma das principais causas das complicações da vida? Por que a vida é tão complexa, complicada e difícil? A resposta é que é por causa desse fator mentira, porque, no momento em que nos afastamos da verdade, como digo, isso tem que ser encoberto por outra mentira, e essa por outra, e assim a vida se torna, toda ela, uma complexa e complicada rede de mentiras. Às vezes vemos isto patente num processo criminal ocasional divulgado pela imprensa. Um homem começa cometendo uma falta, talvez trivial, porém, por pequena que seja, é uma falta, e ele não devia tê-la cometido; mas, desde que a cometeu, acha que deve encobri-la, e a coisa toda evolui e se avoluma como bola de neve, como dizemos, até que o pobre homem se vê no tribunal com uma tremenda acusação nas costas. Devido à mentira original, a sua vida se enche de problemas e se complica; ele se vê obrigado a providenciar isto e a cobrir aquilo, a manipular este ponto e ser cauteloso naquele, e assim, toda a sua vida que pretendia ser, e que fora, relativamente simples, torna-se complexa, e ele tem que dar uma de malabarista; vê-se forçado a continuar com a coisa de algum modo, sendo que todas as suas dificuldades se devem a uma mentira.

Haveria alguma coisa, uma única coisa, pergunto, que neste mundo cause tanta infelicidade e desgraça como a mentira? De novo, simplesmente precisamos conhecer a vida e os fatos da vida para sabê-lo. A mentira, o fingimento, a dissimulação e a falsidade - ah, que infelicidade causam! As suspeitas que levantam, a falta de sossego, de repouso, de tranqüilidade, e a falta de confiança! Se tão-somente a mentira fosse inteiramente banida, que fardos seriam retirados das nossas

mentes e dos nossos corações. Ah, a destruição causada pela mentira, o abatimento, a tristeza, a infelicidade, o sofrimento que a mentira causa a pessoas inocentes! Não admira, pois, que o apóstolo nos diga que nos desfaçamos imediatamente da mentira como a primeira coisa com a qual lidar!

Acaso não podemos dizer, também, que não há nada que nos mostre a real natureza e caráter do pecado como a mentira? Qual é a real essência do pecado? Que é que está por trás dele? Que é que o causa? Não pode haver dúvida sobre a resposta a essas perguntas! O ego! O ego é a causa fundamental do pecado. E ele se manifesta no interesse

próprio, no egocentrismo e no egoísmo. Bem, vocês dirão, que é que isso tudo tem a ver com a mentira? Posso dizer-lhes. Nós nos expressamos profundamente em nosso falar, expressamo-nos mais em nosso falar do que em qualquer outra coisa. É, talvez, de todas as coisas, aquilo que mais distingue o homem do animal. O animal pode expressar a sua natureza em seu comportamento; pode haver um cão manso ou feroz (bravo); e assim com todos os outros animais. Mas o homem tem esta capacidade única de falar e, num certo sentido, esta é a sua glória. Não existe coisa alguma pela qual a pessoa expresse mais profundamente a sua personalidade do que o falar. Este dom da fala e da comunicação, ligado ao interesse próprio, ao egocentrismo e ao egoísmo do homem, leva-o ao desejo de ser altamente considerado, de ser elogiado, de impressionar as pessoas, de ser importante. Queremos que todo mundo pense bem de nós. Queremos que todos nos façam elogios. Queremos ser importantes, ter boa imagem. E como se há de fazer isso? No mundo que está no maligno, muitas vezes isso é feito pela mentira, que habilita você a construir a personalidade que você pensa que é e que gostaria de ser, aquela que quer que as outras pessoas pensem que você é. Você tem que ser importante, de modo que às vezes você faz deliberadamente afirmações falsas, você inventa “fatos”. A anatomia do pecado, a anatomia da mentira! Neste momento estou dissecando-a, e acaso não é uma coisa feia que vai aparecendo? Estou fazendo isso a fim de que tratemos de eliminá-la de uma vez e para sempre, como o apóstolo nos está exortando a fazê-lo.

Assim fazemos deliberadamente as nossas afirmações falsas e as nossas invenções, ou também podemos mentir não dizendo nada. Simplesmente ocultamos a verdade omitindo-a. E então vem outra maneira muito comum de mentir - os exageros! Você tem um caso para contar, um bom caso, mas você acha que se o enfeitar um pouco, ficará mais maravilhoso, e tomará *você* mais maravilhoso, e assim você o exagera. E toda vez que o contamos, ele aumenta. Contamo-lo a primeira vez, e a reação foi boa; ah, pensamos, isso é bom! Fazemos-lhe um pequeno acréscimo, e a reação é melhor ainda! E isso vai se repetindo. Por fim, o que estamos contando agora, nunca aconteceu; é tão exagerado que não passa de uma mentira. Porque será que a humanidade faz isso? Por que exagerar? Por que acrescentar coisas? Por

que omitir? Por que fabricar? Por que inventar? Faça um rastreamento, pegue a coisa em qualquer ponto de você mesmo ou de outrem, e sempre verá que o propósito dessa prática é servir o ego e a importância pessoal. O nosso objetivo é conquistar a boa opinião dos outros, e ser elogiado e ser objeto de elevada consideração; por isso seguimos e construímos uma fachada e pomos sobre ela uma camufla-

gem, parecendo que somos uma coisa que na realidade não somos. Não há nada que finalmente mostre tanto o verdadeiro e sujo caráter do pecado como a mentira, porque, em última instância, o falar é a maneira suprema de manifestar a nossa personalidade.

Mas, para prosseguirmos, nada mostra mais claramente o caráter desprezível do pecado e a natureza do pecado como a mentira. Se vocês fizessem uma pesquisa de opinião entre um grupo de pessoas, e se fizessem a elas a pergunta: "que é que vocês pensam de um mentiroso?" receberiam resposta unânime! Não há nada que a natureza humana, mesmo no pecado, despreze tanto em seu julgamento como o mentiroso. Desculparemos muitas coisas, porém o mentiroso não vale nada para nós. A humanidade em geral, decaída e aviltada pelo pecado, concorda que o mentiroso é o tipo mais desprezível de homem. E, todavia, apesar de concordarmos todos quanto a isso na teoria, a mentira é o mais comum, o mais universal de todos os pecados. Alguns são culpados de certos pecados, alguns cometem outros, contudo aqui está uma coisa que é comum a todos os homens. Apesar de o odiarmos, de o desprezarmos e de o denunciarmos, somos culpados dele. A mentira revela a natureza radical do pecado, porque não é apenas uma questão de atos à superfície, mas uma expressão daquilo que é o ser e a personalidade essenciais do homem desde a Queda. E todo ele gira em torno do ego.

Que coisa terrivelmente profunda e sutil é o pecado! E nesta altura devo denunciar de novo os moralistas superficiais que tratam da mentira como se esta pertencesse à superfície da vida e dizem que ela não deve ser tomada muito a sério. Ao contrário, a mentira vem das profundezas do ser humano. Que coisa odiosa e repugnante ela é! Não há nada que mostre mais claramente o poder que o pecado exerce sobre a natureza humana, não importa quão refinada, não importa quão culta! Visitem os círculos mais elevados, visitem os mais baixos, vocês a encontrarão em toda parte. Naturalmente, o modo como se faz isso difere. Vocês podem mentir, pode-se dizer, com as mãos grosseiras do trabalhador braçal, e podem mentir suavemente, com luvas de pelica. O modo como se faz não é o que importa. Quando é mais refinado, mais sutil é, e para mim, mais odioso, porque muito mais hipócrita. Quase que se pode dizer alguma coisa em favor do mentiroso descarado, não, porém, em favor daquele que com tanta esperteza e inteligência esconde a mentira, talvez com uma expressão de inocência. E dessa maneira, digo eu, a mentira mostra mais claramente do que qualquer outra coisa, talvez, a profundidade do pecado, a força e o poder do pecado. Embora desprezemos a mentira

com a nossa mente, nós a praticamos! E com isso mostramos que o pecado introduziu em nós um dualismo e uma falsa dicotomia. Isso mostra que somos escravos e vassalos.

Fimalmente, quero enfatizar o que o apóstolo destaca neste ponto, a saber, que não há nada que seja tão oposto e tão contrário à doutrina da Igreja como a mentira. Como vimos, a primeira parte do capítulo quatro desta Epístola aos Efésios é inteiramente dedicada à doutrina da Igreja - um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só corpo, um só Espírito, fomos chamados numa só esperança da nossa vocação. A Igreja é como um corpo adequadamente interligado e compacto, todos os membros ligados à Cabeça e recebendo o mesmo suprimento de sangue. Verdadeiramente, o corpo é um só! Haveria algo que cause tanta destruição a esta verdade como a mentira? Não mintais uns aos outros, diz o apóstolo, mas "falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros"! E eu acredito que aqui ele estava pensando particularmente na Igreja. Há os que opinam que ele estava falando de maneira mais geral, porém não estou convencido disso. Por certo isso vale no aspecto geral, mas vale particularmente com relação à Igreja, e aqui Paulo está tratando de toda essa questão no contexto da vida da Igreja. Somos todos membros uns dos outros! Se você diz uma mentira a outro membro, você realmente está se prejudicando; em certo sentido está mentindo a si próprio. Isso de existência independente não existe. "Nenhum de nós vive para si, e nenhum morre para si", diz o apóstolo Paulo aos romanos (14:7). Assim é que mentir a outro membro do mesmo corpo de Cristo é mentir a si próprio. Você faz dano a si próprio porque está fazendo dano ao corpo ao qual você pertence. Você pode dizer: "Posso fazer um corte no meu dedo sem fazer nenhum mal a mim mesmo". Ora, o fato é que não pode! Se você ferir o seu dedo, *você* sofrerá, o todo sofre. Somos membros uns dos outros.

Pensem nisto mais ou menos assim: como poderá haver comunhão, se houver mentira? A mentira é o oposto exato da comunhão verdadeira. Não é? O que torna possível a comunhão é a confiança, a confiança mútua, a fidedignidade mútua, a certeza de que vocês podem confiar uns nos outros e, portanto, podem falar, e falar livre e francamente, uns aos outros. Todavia no momento em que entra o fator mentira, a comunhão é destruída: você deixa de ser livre; não sabe quanto pode acreditar, ou no que acreditar; você não sabe quanto pode confiar na outra pessoa. E se a comunhão se rompe, você fica numa espécie de estado policial em que todos são espiões de todos. Você diz: fico sem saber se o que é dito é realmente o que se quer dizer. Seria verdade mesmo? Dessa maneira se destrói a comunhão. A mentira

destrói a comunhão. E o que acontece conosco, cristãos, não é tanto e não somente que somos salvos individualmente; somos salvos e transformados em membros do corpo de Cristo; somos como um edifício que está sendo construído para habitação de Deus; somos todos pedras individuais desse edifício maravilhoso; contudo, o que importa é a *unidade*. A mentira torna impossível a unidade, pois corta pela raiz a

doutrina da Igreja Cristã em seu ponto mais essencial. Se vocês quiserem, poderão acrescentar a isso uma afirmação geral. Uma vez um advogado aproximou-se do nosso Senhor e Lhe disse: "Mestre, qual é o grande mandamento na lei?" E Jesus lhe respondeu: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Mateus 22:36-39). Amar o seu próximo como a si mesmo! Você não acha bom que o façam de tolo, acha? Bem, então, não faça o seu próximo de tolo! Se o ama como a si mesmo, não pode fazê-lo; você deixará de mentir para ele; não acha bom mentir para si mesmo, então não minta para ele. Ama o seu próximo como a si mesmo!

Esse tanto basta referente ao aspecto geral; mas, como na Epístola, a nossa maior atenção deve ser dada à esfera da Igreja e dos remidos. Quando dizemos que outrora estávamos sob "o poder das trevas", porém fomos libertos e transportados para o reino do amado filho de Deus por meio do lavar regenerador e renovador do Espírito Santo, que caminho nos resta, senão o deixar de mentir, e falar a verdade, cada um ao seu próximo? Oxalá saibam todos e a todos seja óbvio que não somos mais filhos do diabo; não somos mais filhos das trevas e da noite; nem da falsidade e do fingimento, tão característicos do mundo, com a sua diplomacia e com a sua afabilidade em que ninguém acredita! Suponho que não há nada que cause tanto dano às relações entre as nações como a expressão daquilo sobre o que estamos falando. Estadistas há que escrevem as suas memórias depois que acaba uma guerra; durante a guerra lemos sobre as suas reuniões e sobre quão maravilhosamente bem iam eles juntos; mais tarde surgem as suas memórias e nos oferecem citações dos seus diários, nos quais eles nos dizem as coisas que diziam uns dos outros secretamente. Como vocês podem ter confiança enquanto esse tipo de coisa continua? Como pode haver confiança quando a coisa toda é fingida, falsa, é como uma representação teatral, e se baseia em mentiras e dissimulações? Esse mal está presente na totalidade da vida, é o que faz do mundo o que ele é hoje. Mas entre os cristãos tal conduta deveria ser inimaginável. Somos filhos de Deus, filhos da luz, pertencemos à verdade, somos filhos dAquele de quem está escrito, "Deus, que não pode mentir", e

devemos ser semelhantes ao nosso Pai e proclamar-Lhe louvores, manifestar as Suas virtudes e a Sua glória; e o fazemos abandonando a mentira e falando a verdade uns aos outros, provando com isso que verdadeiramente somos novos homens e novas mulheres, que somos irmãos, e que juntos somos filhos do Deus vivo.

"Pelo que deixai a mentira, e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros."

IRA PECAMINOSA E IRA SANTA

"Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira. Não deis lugar ao diabo." -Efésios 4:26-27

Com estas palavras o apóstolo continua a séria de injunções particulares que ele está dando aos cristãos efésios a fim de ilustrar e deixar bem claro para eles o que significa exatamente despojar-se do velho homem e revestir-se do novo homem. Em particular ele está interessado na doutrina da Igreja, naunidade da Igreja, na Igreja como o corpo de Cristo e em nós como membros, juntos e individualmente, do mesmo corpo e nele. Assim é que o que ele está realmente dizendo é, com efeito, que nós temos que desfazer-nos daquela velha vida de pecado e revestir-nos desta nova vida de santidade porque o pecado não é somente algo mau em si mesmo e indicativo da velha vida - o pecado sempre rompe a comunhão; e essa é a sua imediata preocupação prática neste ponto particular. O pecado rompe a comunhão; por outro lado, a santidade sempre promove a comunhão, e enquanto trata destes exemplos e ilustrações particulares, é óbvio que ele mantém isso em mente o tempo todo.

Ao chegarmos à segunda injunção de Paulo, vemo-lo tratar doutra coisa além da mentira, algo que não somente rompe a comunhão entre os cristãos mas também faz violência a toda a base e fundamento da vida cristã. Assim ele passa a dar atenção à questão da ira, uma fonte muito comum de pecado e de separação na vida da Igreja Cristã. Estou certo de que ele coloca estas coisas na ordem em que as encontramos porque, sem dúvida, ela representa o grau da sua freqüência. E aqui vemos de novo que ele não trata deste problema apenas do ponto de vista da moralidade, ou da filosofia pagã, porém a seu modo especificamente cristão. E esse é, como vimos, o único modo pelo qual nós, cristãos, devemos encarar cada um dos problemas com os quais nos defrontamos na vida cristã. A nossa maneira de enfrentar esses problemas deve ser totalmente diversa da do mundo. Muito bem, pois, que é que ele diz exatamente? Qual será o significado desta exortação, "Irai-vos, e não pequeis"?

Alguns acham que significa que, se você não puder livrar-se

totalmente da ira, a melhor coisa que possa fazer é reprimi-la, e mantê-la sob domínio quanto você puder. E isso, eu opino, está completamente errado. As Escrituras ignoram tal ensino. É isso que o mundo faz, e o resultado é que toda vez que os homens são tomados de surpresa, a porta do alçapão se abre de repente e tudo reaparece, violenta como sempre antes. Não, certamente a repressão não é o método cristão de lidar com a ira e seus problemas. Então, que é que o apóstolo quer dizer? É claro e óbvio que esta é uma ordem positiva. Não é uma concessão feita à fraqueza. Diz ele que é nosso dever irar-nos com relação a certas coisas, mas que nunca devemos irar-nos de maneira pecaminosa, nunca perder o controle.

Há vezes em que a ira tem propósito - "Irai-vos"! Nunca, porém, de maneira pecaminosa, e nunca de maneira que abra a porta da oportunidade para o diabo. Como conciliar estas coisas? Como colocá-las em ação? Não podemos fazer nada melhor, parece-me, do que tomar as afirmações do apóstolo como ele as coloca, começando com "Irai-vos". Noutras palavras, existe um tipo certo de ira. A ira em si não é pecaminosa. É uma capacidade inata em cada um de nós, e evidentemente colocada em nós por Deus. Realmente dizemos que é um dos instintos naturais. A capacidade de irar-nos contra o que é mau e errôneo é algo essencialmente reto e bom; e visto que os moralistas incrédulos com tanta freqüênica esquecem isso, os seus seguidores se vêem numa posição falsa. A idéia pagã sempre é que você deve crucificar os seus instintos, sejam quais forem. Todavia isso é um falso ascetismo. A Bíblia nunca ensina que devemos crucificar um instinto natural. O que temos de fazer com eles é dominá-los, não livrar-nos deles totalmente. Os estóicos criam no dever de livrar-se deles; tentavam eliminá-los. Os epicureus os viam com desdém, e ambos estavam errados. Segundo o ensino cristão, os instintos devem ser governados, devem ser dominados e devem ser utilizados corretamente. A ira é algo colocado por Deus em nós; é uma capacidade que há no homem e que vem a ser despertada pela visão de certas coisas. O resultado é que a ira é uma coisa de valor inestimável e preciosa.

Para provar que a ira não é pecaminosa e que, na verdade, é uma coisa inteiramente correta em si mesma, simplesmente necessito chamar a atenção para uma declaração feita no Evangelho Segundo Marcos acerca do nosso Senhor: "E, olhando para eles (para os fariseus) com *ira,* condoendo-se da dureza do seu coração. . ." (3:5, VA). Uma declaração similar acha-se no Evangelho Segundo Lucas: "Respondeu-lhe, porém o Senhor, e disse: Hipócrita!" (13:15). Um desses escribas, um dos fariseus, mestres da lei, tentava pegá-10 em

contradição e fazê-10 cair. Nosso Senhor virou-se e lhe disse: "Hipócrita". Ele falou com ira! Leiam também a narrativa do capítulo 2 do Evangelho de João, sobre a ira do Senhor com os que negociavam no Templo: "E tendo feito um azorrague de cordéis, lançou todos fora do templo, também os bois e ovelhas, e espalhou o dinheiro dos cambiadores, e derribou as mesas" (2:15). Ali estava o nosso Senhor, com justa indignação e ira, fazendo um açoite de cordéis e literalmente expulsando os vendilhões o purificando o templo.

Além disso, ninguém que conheça a Bíblia pode ter deixado de observar uma expressão constantemente utilizada no Velho e no Novo Testamentos acerca do próprio Deus - a ira de Deus! Por exemplo, o apóstolo Paulo, escrevendo aos romanos, diz: "Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego. Porque nele se descobre a justiça de Deus de fé em fé, como está escrito: mas o justo viverá da fé" (1:16-17). Por que Paulo mostra tanto prazer nisso? Por que o vemos tão

desejoso de proclamá-lo em Roma e em toda parte? Ele dá a resposta no versículo 18: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça". A ira de Deus! Tanto João Batista como o nosso Senhor pregaram exortando o povo a "fugir da ira vindoura". O apóstolo João, no livro do Apocalipse, falando do fim do mundo, do tempo e da história, bem como do julgamento que será conduzido pelo Senhor Jesus Cristo, diz graficamente: "Porque é vindo o grande dia da sua ira" (Apocalipse 6:17). Compreendemos, pois,que esse é uma verdade na qual não devemos deixar de pensar.

E ainda, o apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios, na Segunda Epístola, explicita esta matéria e mostra como, num dado ponto, devemos irar-nos com justa indignação conosco mesmos. Ele está falando da tristeza segundo Deus, e diz: "A tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte. Porque, quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que segundo Deus fostes contristados! que apologia, que *indignação,* que temor, que saudades, que zelo, que vingança!" (7:10-11). Indignação! Ira! Eles estavam zangados consigo mesmos e com a causa do problema, com o homem que tinha caído em pecado, e com o erro deles mesmos em não reconhecerem o pecado, e com o seu fracasso, não reagindo como deviam. A lição para nós é que sempre devemos irar-nos com relação ao pecado e o mal, contra o pecado e o mal. "Irai-vos", diz o apóstolo! Num sentido ele está simplesmente pondo na linguagem do Novo Testamento o que um dos salmos expressa desta maneira: "Vós que amais o Senhor, odiai o

mal!" (97:10, VA). As duas coisas vão juntas: se você amar realmente o Senhor, terá que odiar o mal; devemos definitivamente odiar o mal e o pecado.

Absolutamente não causa surpresa que o apóstolo faça essa exortação aos crentes efésios, àqueles gentios cujo modo de viver anterior à sua conversão ele descreve com as palavras: "Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza" (4:18-19). Já vimos que a expressão *"havendo perdido todo o sentimento"* significa que as suas consciências tinham ficado calejadas e endurecidas, a sua sensibilidade ficara embotada e obscura, eles não conseguiam reagir a coisa nenhuma: tinham "perdido todo o sentimento", tinham se encharcado tanto no pecado que não havia mais nada que os comovesse ou que os chocasse. Tinham perdido todo o sentimento! - tinham se tornado moralmente indiferentes, tinham ficado lerdos. Isto sempre caracteriza a impiedade e a irreligiosidade. Um dos terríveis aspectos do paganismo é que os homens e as mulheres tanto se chafurdam no pecado que não se dão conta do fato de que estão pecando, não podem reagir, nunca têm nenhum sentimento de indignação e de horror; jamais se iram; perderam todo sentimento. Na segunda metade do capítulo primeiro da Epístola aos

Romanos, Paulo nos fala tudo a respeito disso. Os homens e as mulheres tinham se esquecido de Deus, e estavam adorando aves, quadrúpedes e insetos; também se adoravam uns aos outros. E não somente se tomaram imorais, quase perderam totalmente o senso de moralidade; pesava sobre eles a culpa pelas perversões mais torpes e repulsivas. O mundo inteiro se tomara um imundo poço de iniqüidade.

Por essa razão Paulo diz aos cristãos: vocês têm que romper com os pecados do mundo; vocês têm que aprender a irar-se com eles; têm que levantar-se; não devem ser complacentes e dizer que o pecado não importa! Essa atitude era própria do passado deles, disse Paulo, mas não devem ser mais como eram. Não reagir com indignação e ira contra o pecado e o mal é sempre sinal de decadência moral, de impiedade e de irreligiosidade. Lembro-lhes uma palavra que citei antes, palavra do profeta Jeremias, capítulo 8, que descreve o pecado em seu auge. Permitam-me dar-lhes o clímax da declaração toda, porque é grandioso. Ouçam-no. Diz ele: "Porventura envergonham-se de cometer abominação? Pelo contrário, de maneira nenhuma se envergonham, nem sabem que coisa é envergonhar-se". Que terrível estado de coisas! Você não está completamente sem esperança

enquanto pode envergonhar-se; significa que ainda há em você alguma coisa que lhe dá sentimento de indignação, de vengonha e de ira. Mas certas pessoas afundaram tanto no pecado que o profeta diz: "Nem sabem que coisa é envergonhar-se". E o de que necessitamos, se estamos nestas condições, é esta exortação do apóstolo: "Irai-vos!" Levante a cabeça! Não se deixe governar por aquela velha mentalidade ! Dispa-se do velho homem, vista-se do novo! Temos que aprender, diz Paulo, a irar-nos realmente contra a iniqüidade, contra o pecado. Deus nos fez de tal maneira que essa deve ser a nossa reação natural; foi a reação natural do próprio Senhor Jesus Cristo; é a reação de Deus contra o pecado.

E quão necessária é esta exortação a irar-nos no mundo hoje! Acaso não é uma das maiores tragédias do mundo na presente hora a falta de sentimento de indignação e ira moral porque estão acontecendo estas coisas? Não há uma tendência fatal de ser complacente, de desculpar tudo e de ficar indiferente? Mesmo quando ouvimos gente dizer "no ar" e nas tribunas públicas, "Mal, sê tu o meu bem", ainda assim parece não haver protesto nenhum. Parece que perdemos a capacidade de agir moralmente movidos por um sentimento de indignação. Para mim, este é um dos maiores problemas do mundo atual. Tem havido um constante declínio moral, não somente no comportamento, como também na perspectiva e na reação. Meramente damos de ombros e deixamos que o pecado fique sem contestação. Creio que é o que se pode dizer da atitude do mundo para com Hitler, antes da Segunda Guerra Mundial. Essa atitude seria inimaginável cinqüenta anos atrás.[1] Haveria protestos, e Hitler teria parado. Mas não foi assim na decadência mundial da década de 1930! Não podíamos incomodar-nos, queríamos continuar gozando a vida, sem preocupações, e esperávamos que de algum modo os problemas mundiais não

nos afetariam, e tudo iria bem. E assim foi que se deixou que todo aquele triste processo começasse e prosseguisse.

No entanto, isto não se evidencia apenas em nossa atitude para com as questões internacionais - como, por exemplo, para com o surgimento de ditadores e a tolerância de coisas, nas nações, que nunca deveriam ser toleradas - mas também me parece que se está insinuando em todos os aspectos da vida. Eu mesmo não pude deixar de ficar horrorizado com a reação a um documento como o Relatório Wolfenden, com a sua idéia de que podemos considerar naturais certas perversões. Defrontamo-nos com o puro fato de que a própria categoria geral do

pecado está desaparecendo rapidamente. Na verdade, muitos estão afirmando que não existe pecado. Não - o homem nasceu como é, simplesmente recebeu essa tendência, e esta é muito forte neste, menos forte naquele! Desculpa-se o pecado; não há protesto, não há indignação moral. E é a uma situação como esta que vem a palavra do apóstolo, a palavra de Deus: "Irai-vos!" Aprendem a reagir contra estas coisas! Tenham sentimento de indignação! Há certas coisas que devem mover-nos e que devem ser denunciadas. A ausência de sentimento de vergonha, de ira e de justa indignação é sempre a evidência da degradação profunda, da pecaminosidade e de qualquer sentido da existência de Deus. O nosso Senhor irava-se quando via manifestações do pecado. E o que mede a nossa proximidade dEle é que manifestemos uma reação semelhante quando confrontados por coisas semelhantes. É nosso dever irar-nos diante de certos pontos e com relação a certas questões.

Passemos, porém, para o segundo ponto, pois o apóstolo acrescenta a "Irai-vos", "Não pequeis"! Isto é, não vos ireis de maneira pecaminosa. Estivemos examinando o tipo certo de ira; agora devemos examinar o tipo errado. Notem que estamos caminhando numa espécie de fio de faca. Noutras palavras, estamos oscilando de um extremo ao outro e, conseqüentemente, precisamos ter muito cuidado. Já vimos outros exemplos disto. O apóstolo já nos dissera que falássemos *a verdade em amor*. Alguns dão toda a ênfase à verdade, outros ao amor; o primeiro grupo de pessoas não tem amor, o segundo não tem verdade; mas ambos estão errados, pois temos que falar a verdade em amor! Semelhantemente aqui - "Irai-vos, e não pequeis"

Há um modo errado de irar-se. E qual é? Do que é que nunca devemos fazer-nos culpados? Primeiro, nunca devemos ser pessoas de mau temperamento. Isso é inteira e completamente errado. Ser temperamental, irritável ou irascível é pecaminoso e é condenado em toda parte nas Escrituras. Assim é que não adiante dizer: "Ah, mas acontece que eu nasci assim!" Se você é cristão, você nasceu de novo e, portanto, não deve usar esse argumento. E errado em qualquer ocasião e em qualquer tempo que se manifeste. Não devemos explicar o que somos e o que fazemos em termos do equilíbrio das diversas glândulas ou de suas disfunções, pois seria dizer que o pecado não existe. Todavia não nos detenhamos nisso; há outra coisa que

não devemos ser. Não devemos irritar-nos facilmente. No capítulo treze da Primeira Epístola aos Coríntios diz o apóstolo que uma das coisas mais gloriosas acerca do amor é que ele não se irrita facilmente (cf. VA). O homem que se irrita à toa está sujeito a cair no pecado

frequentemente. Não devemos ser esquentados. Mas coloquemos o argumento positivamente, nos termos do modo como Tiago, em sua Epístola, descreve a sabedoria que vem do alto: "A sabedoria que do alto vem é primeiramente pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia" (3:17). Não devemos irritar-nos facilmente. Todavia, como se irritam facilmente alguns de nós, por todos os tipos de coisas! Pois bem, aqui está o teste: você perde as estribeiras por qualquer coisa? Não importa o quê. E isso o transtorna e o perturba e mantém a sua mente fixa nisso e o impede de concentrar-se noutra coisa? Há cristãos que às vezes me expressam a sua irritação com hinos e cânticos e coisas semelhantes, e às vezes tenho a impressão de que eles ficam tão alterados e transtornados que não podem serenar-se e ouvir o sermão. Facilmente irritáveis! É pecaminoso.
Não devemos ser facilmente irritáveis. Devemos seguir o amor, o que nos habilita a suportar todas as coisas, e com o qual é fácil lidar,

Mas devemos ir adiante. Qualquer ira ou expressão de ira que seja excessiva, violenta, incontrolável, fora de domínio, é um tipo errado de ira. Falamos de um homem enfurecido, que ele subiu a serra. Isso é definitivamente, completamente pecaminoso. De certas pessoas dizemos que estão fervendo de raiva, que estão esbravejando. Ora, isso é pecar com a ira - o rosto lívido, o corpo a tremer, os olhos fuzilando.. .Vocês já o viram, não viram? Pois bem, isso é completamente errado e pecaminoso. É falta de controle, e tal homem está irado e pecando; está se irando de maneira pecaminosa.

O passo seguinte é o que o apóstolo nos propicia, com as palavras: "Não se ponha o sol sobre a vossa ira". No original as palavras traduzidas por *ira* não são as mesmas; daí, é uma pena que a Revised Standard Version (Versão Padrã Revista) use a mesma palavra em ambos os lugares. (Cf. igualmente Almeida, RC e RA.) A segunda palavra, "rancor", é mais forte que a primeira, "ira". Significa exasperação, significa raiva exaltada, pageada e nutrida até vir a ser uma condição fixa; significa ódio rancoroso, amargor de espírito, espírito vingativo. Significa que a pessoa está determinada a mostrar rancor, a procurar vingança e está absolutamente resolvida a consegui-la. É ira crônica; passou a ser parte integrante da pessoa; é mau temperamento; é condição permanente; a pessoa fica amarga, cheia de ódio e determinada a manter-se rancorosa. Essa é a ira de que fala o apóstolo aqui, porém não é a ira de Deus; não há nada disso na ira de Deus. O que o apóstolo está condenando é o tipo errôneo de ira. A ira que devemos ter como cristãos nunca devemos ter apenas porque sucede que somos do tipo que se "esquenta" facilmente. Isso é sempre

errado. Da mesma maneira, a nossa ira jamais deverá ser pessoal, mas, antes, contra oprincípio da iniqüidade e do pecado. A minha irajamais deverá ser resultado do fato de ser eu do tipo de homem apimentado, como dizemos, rabugento, e sempre nos limites, facilmente irritável e pronto a explodir. É disso que se requer que nos desfaçamos. Noutras palavras, a ira de que fala o apóstolo é a que sempre se levanta contra o mal e contra o pecado - coisas que ocasionaram a ira e a indignação vistas em nosso bendito Senhor.

Isso nos leva ao nosso terceiro grande princípio. Como devemos lidar com esta ira pecaminosa, com esta tendêndia de perder o controle e de render-nos ao tipo errado de ira? Devemos notar que o apóstolo nos manda lembrar que essa perda de controle de nós mesmos pertence ao velho homem, à velha vida, e que devemos despojar-nos disso. Em segundo lugar, essa perda de controle sempre dá ao diabo a sua maior oportunidade. Paulo acrescenta o versículo 27 ao 26: "Não deis lugar ao diabo"! O que ele quer dizer com isso é: nunca abra a porta para o diabo. Quando você perde o equilíbrio emocional você a escancara; não poderia abri-la mais amplamente. Não há nada que abra mais amplamente a porta do que a ira, e por esta boa razão: no momento em que você se deixa dominar pelo temperamento, perde a capacidade de raciocinar, não pode mais pensar, não é mais capaz de fazer um julgamento equilibrado, pois você fica com total preconceito em favor de um lado e contra o outro. Noutras palavras, perde a capacidade de raciocinar, de pensar, de tratar de maneira equânime, de avaliar - tudo o que faz do homem um homem, já se foi; pois por algum tempo ele vira um animal, criatura da sua paixão e de um tipo instintivo de energia. E, naturalmente, essa é justamente a situação na qual o diabo vê a sua mais esplêndida espécie de oportunidade! Foi quando ele persuadiu Eva e Adão de que se irassem contra Deus que os teve em suas mãos com toda facilidade. Ele os incitou ao amargor e à inimizade contra Deus, e os fez acreditar que Deus estava contra eles; e assim, imediatamente o diabo pôde fazer o que quis. E pensem no assunto como vocês o conhecem na vida. Haveria alguma coisa que leve a maior dificuldade que a ira? As coisas proferidas com raiva e num momento de azedume! - você quase cortaria a sua língua, se pudesse, para trazê-las de volta; e às vezes, apesar de obtido o perdão, elas deixam feridas e cicatrizes indeléveis. Que estrago a ira pecaminosa faz no mundo!

E depois a ira pecaminosa leva ao fomento das ofensas, ao desejo de vingança e de repulsa; leva-nos a desprezar pessoas e a tratá-las com descaso. A ira pecaminosa! No momento em que se lhe dá acolhida,

o diabo entra. Ele fará que ela permaneça, e insinuará pensamentos e idéias, e os implantará. Na verdade, a totalidade da vida pode ser arruinada tão-somente por causa da ira. A ira é sempre causa de confusão, não somente na vida do indivíduo, mas também nas vidas de todos os que estão envolvidos nos quefazeres da vida com tal indivíduo. Não existe nada, eu afirmo, que tão constantemente dê oportunidade ao

diabo como a perda de controle na ira.

Notemos agora um princípio mais importante ainda. O espírito de vingança, ou a ira que o apóstolo condena, é uma negação de todo o evangelho cristão. Sem dúvida, o apóstolo tinha isto em mente. Se você se torna vingativo, se fica com essa ira crônica, se tem desejo de vingança, você está negando o fundamento geral do evangelho como estabelecido nos primeiros capítulos da Epístola, a saber, que Deus nos perdoa a despeito de sermos o que somos. Somos cristãos inteira e unicamente pela graça de Deus. Tudo se deve àmisericórida de Deus. Apesar de sermos o que somos, apesar de sermos odiosos e de nos odiarmos uns aos outros, apesar de sermos ingratos, apesar de sermos rebeldes, Deus enviou Seu Filho, e Ele levou sobre Si os nossos pecados. Ele morreu por nós quando éramos pecadores, quando éramos inimigos. A nossa salvação é totalmente pela graça de Deus. Como cristão você pode dizer que crê neste evangelho. Mas, se está numa condição de ira permanente contra uma pessoa, como pode você conciliá-la com o seu cristianismo? Vamos, deixem-me fazer uma pergunta mais prática. Como você pode fazer a Oração do Senhor todas as noites e todas as manhãs? “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”! Você faz essa oração, e a nega em sua vida e em sua prática.

Ouçam o que o nosso Senhor disse na parábola que contou sobre este assunto, como se vê no Evangelho Segundo Mateus: “Assim vos fará, também, meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas” (18:35). A parábola não é difícil lembrar. Um servo devia grande soma de dinheiro ao seu senhor, que estava prestes a colocá-lo na prisão; mas o servo disse: tenha misericórdia de mim, dê-me tempo, e lhe pagarei tudo. Muito bem, disse o senhor, certamente o farei. O servo ficou agradecido e contente. Então aconteceu que ele se encontrou com um seu conservo que lhe devia uma pequena quantia, uma insignificância, e disse: pague-me o que me deve. O homem disse: sinto muito, não o tenho. O outro o pegou pela garganta e disse: você tem que me pagar cada centavo. O homem disse: tenha misericórdia de mim, dê-me tempo. Não, disse o servo, não lhe darei tempo, você tem que me pagar já, até o último centavo.

E o lançou na prisão! O senhor chamou aquele homem e disse: Você, servo mau! - porque não tratou seu conservo como eu tratei você? E o nosso Senhor Jesus Cristo, aplicando a parábola, disse: “Assim vos fará, também meu Pai celestial, se do coração não perdoardes, cada um a seu irmão, as suas ofensas”.

Se você não pode perdoar o seu irmão, digo-lhe em nome de Deus, você não é perdoado. Você não pode agir com leviandade no universo moral de Deus. Ouça a exposição que João faz da verdade em sua Primeira Epístola: “Se alguém diz: eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?” O mau comportamento é

uma negação do próprio fundamento do evangelho. O novo homem, diz-nos Paulo, que segundo Deus, é criado em verdadeira justiça e santidade, é criado à imagem de Deus! Assim, se eu afirmo que sou cristão, eu creio que sou renovado à imagem de Deus e, portanto, devo fazer aos outros o que Deus me fez. Ele me perdoou, apesar de eu ter sido o que fui. Eu devo perdoar o outro, apesar de ser ele o que ele é. A lógica é essa! É uma verdade fundamental do evangelho.

Também, como cristão, eu afirmo que recebi o Espírito Santo. E "o fruto do Espírito é: amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança". Portanto, não perdoar, mas enraivecer-se, perder o controle, mostra a ausência do fruto do Espírito.

Além disso, os crentes são membros do mesmo corpo de Cristo, e precisamos uns dos outros, e somos interdependentes uns dos outros. Portanto, se você pensa em prejudicar o seu irmão, você vai prejudicar uma parte de si próprio, uma parte da sua vida e do corpo ao qual você pertence. É uma negação da doutrina da Igreja. A ira pecaminosa e a busca de vingança são uma usurpação do direito de julgar que pertence a Deus. É o que o apóstolo nos diz na Epístola aos Romanos: "Não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira" - isto é, a ira de Deus - "porque está escrito: minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor. Portanto, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas de fogo sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem" (12:19-21). "Minha é a vingança; eu recompensarei, diz o Senhor"! Sei que isto ou aquilo está completamente errado, diz o cristão, mas não sou o juiz, deixo tudo com Deus. Esse é o modo cristão de agir! Despojem-se do velho homem! Revistam-se do novo!

Finalmente, se esta é a maneira pela qual devemos lidar com a ira

ou raiva falsa, pecaminosa, a minha pergunta final é esta: quando devo fazê-lo? Quando devo lidar com ela? E o apóstolo nos dá uma das respostas mais gloriosas da Bíblia toda: "Não se ponha o sol sobre a vossa ira"! Faça-o imediatamente! Não vá para a cama, não se entregue ao sono com isto em sua mente ou em seu coração. Resolva isso logo. Nunca vá para o leito sem acertar as suas contas morais. Nunca deixe uma coisa como essa na sua escrituração. Livre-se dela! Apague-a! Passe sobre ela o sangue de Cristo! Liberte-se da coisa! "Não se ponha o sol sobre a vossa ira." Jamais vá dormir com um pensamento amargo, odioso, raivoso em seu coração. Não permita que estas coisas encontrem guarida. Se você sofreu uma terrível provocação durante o dia - e tais coisas de fato acontecem - e você teve realmente uma justa ira e indignação, não deixe que ela s *cfixe* e venha a ser um ódio maligno e amargo.

Permitam-me lembrar-lhes o que o nosso Senhor disse a respeito deste assunto no Sermão do Monte. Ele está falando do homem que foi ao templo para entregar a sua

oferta, a sua dádiva, a Deus. Mas, diz Ele, se você estiver junto ao altar e de repente se lembrar de que um seu irmão tem alguma coisa contra você, "Deixa ali diante do altar a tua oferta", antes de entregá-la, "e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e, depois, vem e apresenta a tua oferta" (Mateus 5:23-24). Muito forte, não é? Imaginem isso! Ali está você! Você está de fato no templo, foi realmente até o altar, vai colocar a sua oferenda sobre o altar. Todavia de repente se lembra! Deixe ali a sua oferta! Vá acertar com o seu irmão, ponha as coisas em ordem com ele primeiro. "Vai reconciliar-te primeiro com teu irmão, e, depois", e somente depois você estará pronto, e então "vem e apresenta a tua oferta" a Deus.

Faço um resumo da situação toda da seguinte maneira: odeiem o pecado, sempre; odeiem o pecado no pecador, sempre; porém nunca odeiem o pecador. Ambos os lados da verdade são absolutamente essenciais. O pecado nunca deve ser tolerado. Nunca deve ser desculpado. O pecado tem que ser condenado sempre. Há pecadores que não gostam disso! Ah, dizem eles, mas onde está o seu princípio de graça, de amor, de misericórdia e de compaixão? O pecador nunca deve falar desse modo. Ele deve achar que merece tudo o que está recebendo, e infinitamente mais! Ele nunca deve defender-se; deve ter indignação contra si próprio; deve irar-se consigo mesmo; deve odiar-se a si mesmo. O pecado deve suscitar em nós uma ira santa, toda vez que ocorre, e em todas as suas formas. Contudo, o pecador deve ser perdoado; o pecador deve ser amado. O pecador deve ser ajudado a abandonar o seu pecado e a elevar-se. Este bendito equilíbrio das

Escrituras! - ódio ao pecado, mas nunca ódio ao pecador; ira, nunca porém de maneira pecaminosa. E acima de tudo, reitero, sempre assegurar-se de nunca pousar a cabeça no travesseiro para descansar e dormir de noite com um espírito de azedume ou ódio ou falta de perdão em seu coração ou em sua mente ou em sua alma. "Não se ponha o sol sobre a vossa ira"! Você pode ter um grande conflito consigo mesmo, porém não vá descansar enquanto não o resolver. Você poderá ter que questionar por todos os lados; vá adiante, digo eu, até que se aperceba do amor de Deus em Cristo para com você, até que veja Cristo sangrando e morrendo na cruz para que você fosse perdoado; demore-se nisso até que Ele amoleça o seu coração, faça-o prostrar-se quebrantado e o leve a entristecer-se por aquele que ofendeu você, e até que você o perdoe livremente. Depois, mas não antes disso, vá para a cama, ponha a cabeça no travesseiro e durma o sono dos justos, dos retos e dos santos, pois então terá direito de fazer isso; você estará fazendo como o Filho de Deus fez; você terá agido em sua vida e em sua esfera como Deus agiu com relação a você.

"Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira. Não deis lugar ao diabo."

1

Como se vê no Prefácio, os sermões sobre Efésios, parte dos quais está no presente volume, foram pregados entre 1954 e 1962. Nota do tradutor.

NÃO FURTAR,

MAS TRABALHAR E DAR

"Aquele que furtava (o ladrão), não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade." - Efésios 4:28

Aqui chegamos à questão do roubo, e não podemos deixar de notar que em cada uma das suas exortações práticas o apóstolo está selecionando coisas que realmente são de vital e axial importância. Há muitas declarações no Novo Testamento no sentido de que pessoas que praticam certas coisas simplesmente não são cristãs.
Agora permitam-me mostrar-lhes este mesmo apóstolo, que às vezes é descrito como o apóstolo da fé, fazendo justamente esse tipo de declaração. "Não sabeis", diz ele, "que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus" (1 Coríntios 6:9-10). E vocês notam que nesta lista de 1 Coríntios se faz menção dos ladrões. Assim também, vocês vêem, Paulo nos está lembrando que, se um homem persiste em roubar, com isso prova que não é cristão. Vocês observarão que eu digo se el*epersiste* em roubar, se não há mudança nele nesse aspecto. Paulo não diz que o cristão não pode cair em tentação uma vez, ou quem sabe mais de uma vez, mas o que ele diz é que o Novo Testamento diz em toda parte que o homem que persiste em roubar está com isso provando que não é cristão, sejam quais forem as suas crenças doutrinárias.

Aqui o apóstolo usa o mesmo método que utilizara antes. Primeiramente ele nos diz o que não fazer; depois nos diz o que fazer; depois nos dá a razão para não fazer uma coisa e fazer a outra. "Aquele que furtava, não furte mais", é a negativa; "antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom", é a positiva; e a razão disso tudo, "para que tenha que repartir com o que tiver necessidade". Muito bem, nessa importante injunção há certamente algumas coisas que logo sobressaem

como mensagens, como princípios, como ensino. E a primeira é esta: de novo, todos nós devemos regozijar-nos com este grande, glorioso e magnífico evangelho. O evangelho é o poder de Deus para a salvação, e ele pode salvar os homens de toda espécie de pecados. É isso que torna tão admiráveis essas listas que as Escrituras nos dão aqui e ali. O evangelho de Jesus Cristo não é para gente boa, é para pecadores; foi quando éramos ainda pecadores e sem forças que Cristo morreu por nós. Morreu por pessoas culpadas de todas aquelas terríveis, horríveis coisas que constam nessa lista de 1 Coríntios, capítulo 6; é por tais pessoas que Cristo morreu, por larápios, ladrões e gatunos. Nisso está, digo eu, a glória central do evangelho; nada sobrepuja o seu poder, nada sobrepuja o seu escopo. Ninguém

ficará sem esperança, quando vir o evangelho face a face; nenhum pecado particular exclui o homem dessa maneira. Este evangelho é poder. E ao percorrermos estes diferentes itens que o apóstolo nos dá aqui, devemos lembrar-nos de que quando este poder entra na vida de um homem, seja o que for que o mantenha cativo, ele pode ser posto em liberdade. Aí está a nossa primeira proposição, e esta, digo eu, é uma proposição na qual devemos regozijar-nos.

Passo, então, a uma segunda proposição que às vezes é mal entendida, porém que evidentemente é de central importância. O evangelho nos livra de todos os tipos de pecados; sim, mas é importante observar o modo como o faz. Temos aqui uma injunção que com freqüência deixa muitos surpresos. Perguntam eles: o evangelho diz realmente a alguns cristãos que eles devem deixar de roubar? Eu pensava, diz alguém, que você estava dando ênfase ao fato de que essas pessoas foram regeneradas, nasceram de novo, foram criadas segundo Deus neste novo molde, e que a imagem de Deus foi restaurada nelas; e agora você nos vem dizer que o apóstolo tem que dizer a essas mesmas pessoas: "Aquele que furtava^ não furte mais"? Sim, é precisamente isso que o apóstolo diz. E uma coisa com a qual não devemos ficar surpresos. Se estamos surpresos, sem dúvida é porque estamos errados em nossa conceituação da doutrina da regeneração, do novo nascimento, e do que ela significa. Há considerável incompreensão sobre isso. Vejam, por exemplo, a declaração de Paulo aos coríntios: "Se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Coríntios 5:17). Muitas vezes essas palavras são mal interpretadas, como se significassem que, quando um homem é regenerado, quando ele está em Cristo e passa a ser nova criatura, tudo o que antes lhe era próprio acabou; nada daquilo permanece, e ele é um homem inteiramente novo, em todos os pormenores e em todos os aspectos. Mas, obviamente, isso

está completamente errado. É uma total incompreensão das palavras de Paulo, porque, se isso fosse verdade, ele nunca teria escrito aos crentes efésios para dizer-lhes que deixassem de mentir, que se irassem sem pecar, que parassem de roubar, e estas outras coisas que estamos estudando em detalhe. Noutras palavras, seria inteiramente errôneo interpretar a regeneração dando-lhe uma espécie de sentido mágico. Contudo, é o que o mundo faz. Diz o mundo que nós, cristãos, afirmamos que nascemos de novo e, portanto, devíamos ser absolutamente perfeitos. Se, portanto, ele vê um cristão caindo em pecado, exclama: grande coisa, o seu cristianismo! Eu pensava que ele libertava o homem de todo o pecado e o tomava logo perfeito! No entanto, o mundo sempre deu prova de que é incapaz de receber e de entender os princípios do cristianismo, e ainda menos capaz de entender a doutrina da regeneração.

Como devem os cristãos enfrentar a zombeteira reação do mundo? E como devem interpretar a regeneração? Isto não é importante só na Grã-Bretanha; é ainda mais

importante, em certo sentido, nos campos missionários estrangeiros, onde as pessoas de repente ficam livres do paganismo e de tudo o que lhe diz respeito; e se esta doutrina da regeneração for mal entendida, estará sujeita a ser uma pedra de tropeço para a fé, tanto para os de dentro da Igreja como para os de fora que a estão buscando. A resposta é que, às vezes, na regeneração, um homem fica inteiramente livre de certos pecados específicos, sem fazer nenhum esforço. Mas não é uma regra universal. Outro homem pode ser verdadeiramente regenerado e ainda necessitar desta instrução minuciosa, e ainda ver um certo elemento de conflito em sua vida. Pode ser que não entendamos isto; é algo que está dentro da soberania de Deus. Todavia, o de que estamos absolutamente certos é que na regeneração não somos libertos automaticamente de todos os nossos pecados e não ficamos imunes de toda tentação imaginável. Asseverar que somos imunes é patentemente falso; a doutrina e a experiência paulinas igualmente o provam. Entretanto Deus, em Sua sabedoria infinita, emprega diferentes métodos em casos diferentes.

Lembro-me bem de dois homens que eram membros da mesma igreja e que, em seus tempos anteriores à conversão, eram ébrios. Ouvindo o evangelho, ambos foram convertidos, foram salvos, foram regenerados; porém foi muito interessante notar a diferença que houve na experiência de ambos. No caso de um deles, até o gosto pela bebida foi tirado imediatamente; literalmente, nunca mais teve problema com isso, nem por um momento. Mas o segundo homem, que igualmente renunciara à bebida, não era mais seu escravo e não mais estava sujeito a ela em nenhum sentido, não se viu livre dela num instante, como

aconteceu com o outro homem; sabia que tinha que lutar e, às vezes, sentia-se tentado. E, todavia, os dois homens eram igualmente regenerados. Aprendemos, pois, que as exortações que vemos na Epístola são necessárias. Nascemos como crianças em Cristo e não ficamos sabendo tudo de uma vez; não vemos logo tudo claramente; precisamos de instrução, é preciso que nos ensinem, precisamos crescer na graça e no conhecimento do Senhor Jesus Cristo. Por isso foram escritas estas cartas.

Isto é sumamente interessante e fascinante. Todos nós por certo conhecemos algo por experiência sobre como a princípio, embora por assim dizer tenhamos visto todas as coisas de maneira diferente, todavia não tínhamos visto coisas *específicas* de maneira diferente. Tínhamos passado realmente por esta poderosa transformação e, contudo, não nos ocorrera que certas coisas teriam que ser enfrentadas. Tínhamos que receber instrução sobre elas. E se nós, como cristãos, não nos tomamos mais sensíveis neste aspecto, ano após ano, significa que não estamos crescendo e que há algo errado conosco. De início a gente vê as coisas centrais e de grande monta; depois a gente precisa aprender sobre estas outras coisas. Essa era a situação dos crentes de Efeso. Não havia nada que fosse mais característico do paganismo do que o roubo. É sempre uma das características dominantes de uma sociedade ímpia e

irreligiosa. Eles tinham estado impregnados disso, tinham sido criados nisso, e de tal modo se tomara uma questão de hábito, de costume e de prática, que a pripcípio não se davam conta de que havia algo errado nisso, e de que precisavam ser iluminados e instruídos da maneira como o apóstolo os está instruindo aqui. E isso é verdade hoje como então. A pessoa recém-nascida em Cristo não enxerga tudo, e precisa que lhe dêem instrução minuciosa e especial. Ocasionalmente, como digo, o pecado aflitivo é extirpado imediatamente; muitíssimas vezes, na verdade eu diria geralmente, não é, mas ao homem é dada a nova atitude, a nova perspectiva, e assim ele é capacitado a sobrepuj á-lo. Havendo nascido de novo, há nele um novo princípio; o Espírito Santo está nele; ele tem em si um novo poder, de modo que, com a instrução e o poder, ele é habilitado a lidar com a questão. E este é o método de santificação seguido pelo Novo Testamento.

Vamos, porém, examinar um pouco mais esta matéria. Por que a prática do roubo tem que ser abandonada? Por que diz o apóstolo, "Aquele que furtava, não furte mais"? Este é um assunto muito relevante e, infelizmente, tem referência prática muito urgente. Os jornais nos estão falando sobre o pavoroso aumento dos roubos e furtos

insignificantes, e mesmo de roubos em larga escala. Cada vez mais vai se tomando um problema urgente, no sentido sociológico, neste país. Estudemo-lo, pois. Que significa o roubo? É óbvio que o apóstolo estava pensando primordialmente no fato concreto de apossar-se com as próprias mãos de algo que pertence a outrem. Ele dá ênfase às mãos; essa era então a mais comum forma de roubo, como ainda é uma das mais comuns. Mas não fica nisso. Roubar não se restringe às coisas da esfera material. Roubar significa realmente apossar-se e fazer uso como se fosse sua, de alguma coisa que não pertence a você, apropriar-se de algo que não é seu, para atender aos seus fins pessoais e para a sua satisfação pessoal. Assim, refere-se a muitas coisas, além das materiais. Pode-se roubar dinheiro; sim, porém também se pode roubar tempo; pode-se roubar quase tudo, pode-se roubar pensamentos, idéias, o crime que chamamos plágio, que é tomar as idéias de alguém e publicá-las como se fossem suas próprias. Você pode escrever um artigo, mas usando o que tomou de alguém e você não dá a conhecer o seu reconhecimento - é roubo. Você pode pregar o sermão doutro homem, e isso é roubo, é furto, é assalto. Você prega como se o sermão fosse seu, todavia não é. Roubar é tomar posse de alguma coisa que pertence a outro e que realmente não pertence a você, e ter posse dela e considerá-la como sua, e dar a impresssão de que é sua. As vezes fico chocado com coisas como esta: recebo carta do secretário da União Cristã, que trabalha, digamos, numa empresa comercial ou no Serviço Civil, ou num banco ou nalguma organização dessa natureza; e, para minha admiração e espanto, o convite que me é dirigido para eu falar na reunião dos cristãos pertencentes à União Cristã daquela empresa ou instituição comercial foi escrito em papel de carta com o timbre daquela empresa ou Serviço Civil ou banco. Considero isso um roubo. Os cristãos não têm direito de usar papel da empresa para o seu interesse pessoal, para fins e objetivos

privados, mesmo que seja para os interesses da União Cristã. Agora deixem-me dar-lhes outra ilustração de roubo. Para que não pensemos que o apóstolo estava escrevendo apenas para um punhado de pagãos e que nós, que nunca fomos pagãos nesse sentido, não necessitamos dessa exortação, considerem a questão de tempo. Se acontece que sou pago por uma firma para fazer determinado trabalho, usar parte daquele tempo para tentar evangelizar um colega de serviço é roubo. Não tenho direito de usar o tempo do meu patrão, mesmo que seja para evangelizar outra alma. Sou pago para usar certo espaço de tempo para fazer o que a empresa me solicitou, e embora sej a uma coisa excelente falar à outra pessoa sobre Cristo e a salvação, não tenho direito de fazê-lo nas horas que não me pertencem, mas que pertencem ao meu patrão.

Desse modo devemos entender que a exortação a parar de roubar tem relevância muito ampla e muito prática, e devemos ter o cuidado de tomá-la desta maneira ampla. Não devemos apropriar-nos de coisa nenhuma que pertença a outrem, ou ao Estado, nem usá-la para os nossos fins e objetivos pessoais, por mais elevados que sejam. O roubo inclui também o deixar de pagar a outrem o que lhe é devido. Reter de outros o que lhes é devido, seja do Estado, na forma de taxas alfandegárias ou de imposto de renda, ou seja lá o que for, é roubo. Se pertence a outros por lei e de direito, e o retemos, somos culpados de roubo. Não pagar o que se deve, é roubo, bem como apropriar-nos de fato daquilo que não nos pertence.

"Que o ladrão não roube mais." Essa é a exortação do apóstolo. Não existe nada, talvez, que mais do que o roubo mostre quão desprezível é o pecado. E, de acordo com o Novo Testamento, o modo de sobrepujar o pecado é vê-lo como ele é, desprezá-lo, odiá-lo e dizer: isso é impossível para o cristão! Não haveria algo inerente e essencialmente vergonhoso quanto ao roubo? Envolve clandestinidade, ação oculta, furtiva, busca de oportunidade quando ninguém está olhando, agir depois de escurecer, fazê-lo quando ninguém está por perto. Ah, certamente há algo completamente desprezível em torno do roubo! Há vergonha e traição inerentes e essenciais em tomo desse tipo de ação. Tudo o que está envolvido nele, tudo o que é indicado por ele, está cheio dessa característica horrível. E depois entra outro elemento: o roubo sempre envolve o mau uso de uma capacidade que nos é dada. Como eu disse, o apóstolo está pensando em termos das mãos. Vejam aquele homem, ele viu algo que cobiça; pertence a outro, e as mãos que Deus lhe deu ele usa para agarrá-la e tomar posse dela. Que mau uso destes instrumentos maravilhosos! As mãos! Dadas a nós por Deus! Instrumentos admiráveis! - e vejam o uso que o ladrão lhes dá!

Mas isto não se refere somente às mãos da pessoa; refere-se a todos os outros aspectos que eu estive delineando. Observem a maneira como os ladrões usam mal o poder do pensamento, do poder da razão, do poder da lógica, do poder de fazer previsões e de planejar. Vejam o puro engenho, a mestria do ponto de vista do

cérebro que penetra em muito comércio ilícito, e em tudo o que está envolvido no grande e compreensivo termo roubo! A argúcia, a abilidade que os homens demonstram quando fogem e se esquivam, e na sua busca. Que prostituição de alguns dos mais potentes e mais nobres dons que Deus deu aos homens! Pensem também no prazer perverso que o ladrão tem neste mau uso dos seus dons. Ele de fato pensa que é esperto quando rouba! Ah, que perversão! Será esse o padrão da habilidade, será essa

a maneira pela qual medimos a capacidade? É um insulto à natureza humana e às coisas mais maravilhosas que Deus nos deu como homens, que alguém se orgulhe de fazer tal coisa e de sua habilidade de fazê-la. Haveria algo mais repreensível?

Que é que realmente está por trás do roubo? A resposta, naturalmente, é o egoísmo. É uma das manifestações centrais do ego. O desejo de obter e de possuir o que eu quero. É simplesmente uma dessas manifestações do ego mostrando-se no desejo de obter, possuir e conservar que aquele que rouba pode construir de várias maneiras. Isso está realmente na sua raiz. Contudo, também é necessário salientar que o roubo é realmente o desejo de obter sem esforço. Há não somente o desejo de que o ego obtenha e possua, porém há este fator adicional,o desejo de ter sem trabalhar para isso, sem labutar para obtê-lo, como o apóstolo se expressa aqui. Assim é que, em última análise, o problema com o ladrão, com o larápio, é que ele não gosta de trabalhar. Ele é o tipo de homem que realmente despreza o trabalho, o labor honesto. Sua idéia é ter o máximo e fazer o mínimo. Ele não é exigente quanto a como o faz, quanto a como o consegue, contanto que o consiga. Ele exalta a posse em si, elevando-a à posição suprema. Finalmente chega ao ponto de pensar que se se pode obter uma coisa pelo roubo, o homem que trabalha como escravo, suando, e quase se mata para consegui-la em possessão, não é melhor do que o tolo. E, como conseqüência, fica com mais orgulho de si mesmo. *Ele* não se mata. Sua frase é "dinheiro fácil", não é? Tão simples! Por que trabalhar, se se pode obter assim! Dessa maneira ele exibe a sua completa degradação.

Seguramente estamos testemunhando algo dessa mentalidade na hora presente. Há uma certa filosofia moderna que despreza o trabalho, que põe o prazer e o gozo na posição suprema, e que considera o trabalho como um aborrecimento, algo indispensável para que eu possa ter bastante dinheiro para gozar! O fim dessa lógica é conseguir dinheiro e gozo sem trabalhar. No momento em que você começa a considerar o trabalho como uma coisa degradante, você está numa encosta escorregadia. No momento em que você deixa de ver a dignidade do trabalho e a retidão essencial do trabalho, no momento em que você começa a pensar em termos de "ter" e não em termos de ganho legítimo e honesto, você está abrindo a porta que levará a alguma forma de desonestidade. A posse nunca deve estar na posição suprema. O simples ter, o simples ganhar, o simples gozar, nunca deve ser a coisa suprema. Uma sociedade, um país, um mundo, que começa a desprezar o labor

e o esforço, está proclamando o seu caráter ímpio.

Qualquer falha em não compreender a dignidade proclama a mesma coisa. Toda a idéia de obter-se o máximo e dar-se ou fazer-se o mínimo é completamente irreligiosa, é profundamente anticristã; mas, quem poderá negar que essa idéia está afetando todas as camadas da sociedade na Grã-Bretanha hoje? Há zangões e parasitas em todas as classes sociais; todavia não importa a classe; todo homem que pensa em termos do que ele pode ter e gozar com o mínimo de esforço, é um zangão, é um parasita, é alguém que nega a essência mesma do ensino cristão. O problema não é político, e sim espiritual.

Acresce que o homem que rouba se persuade de que tem direito a tudo de que gosta e que deseja. Ele só vê o objeto do seu desejo. Ele não pára para perguntar se é dele ou não, ou de quem é; tudo o que ele diz é: ora, eu gosto disso, eu quero isso, eu ficaria muito alegre se o tivesse, eu poderia fazer maravilhas com isso, portanto eu o tomo. Esse é o raciocínio, essa é a mentalidade, o que mostra completa e total falta de respeito pelos outros e suas posses. E essa é, talvez, a pior coisa acerca do furto e do roubo - a falta de respeito pelos outros. Só penso em mim, no que é bom para mim, no que eu quero e no que posso desfrutar. Se começasse a pensar do mesmo modo acerca doutro homem, eu nunca tomaria o que é dele porque respeitaria os seus direitos àquilo. Mas eu o excluo, faço violência à sua personalidade, só me importo comigo, ninguém mais conta. Essa é a filosofia que está por trás do que o ladrão pensa.

Vemos, pois, por que o apóstolo estava forçando tanto essa questão aos efésios. O modo de ver do gatuno torna impossível a comunhão. E Paulo está escrevendo aos membros das igrejas, e havia pouco lhes dissera que todos eles eram membros do corpo de Cristo e que o corpo é um só. No entanto, como pode existir essa unidade e comunhão, se cada um estiver se apropriando dos bens de outrem e se cada um for por si? A mão diz: o pé não me interessa, tiro dele tudo o que posso! O resultado é o caos, é uma monstruosidade; não há comunhão possível onde não há confiança. Portanto, diz o apóstolo, que o ladrão não roube mais! Roubar éuma ilegalidade, é anarquia, é cada qual por si, é egoísmo absoluto. É por isso que o apóstolo diz: “Aquele que furtava, não furte mais”!

Então, como deve o cristão considerar e tratar todo esse problema e essa tentação para roubar? De novo devo assinalar que o apóstolo não diz apenas: ore sobre isso, peça a Deus que tire isso da sua vida, e Ele o fará por você! Você mesmo não precisa fazer nada, deixe que Ele faça tudo, Ele fará tudo, simplesmente olhe para Ele, Ele tirará isso da sua vida se você Lhe pedir! Não é o que o apóstolo diz. Em vez disso,

eie dá uma injunção positiva. Parem de fazer isso, diz ele. Aquele que furtava, *não furte maisl* Pare de fazer isso! Mas, como parar? Primeiramente, dê uma boa olhada

na coisa. Analise-a, observe-a bem, e diga: será que é isso? Porventura eu sou culpado disso? É impossível! E você pára de roubar. Entretanto não fica nisso. Depois você faz uma abordagem positiva do problema. E qual será essa abordagem? O apóstolo não nos deixa na dúvida - aquele (ladrão) que furtava, não furte mais - *"antes* trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom". Esta é deveras uma grande palavra: labute, trabalhe!

Pois bem, no original a palavra *trabalhe* é muito forte: o verbo significa trabalhar ao ponto de fadiga. Não apenas trabalhar; você tem que labutar, diz o apóstolo. Aqui de novo quero acentuar este grande princípio da dignidade do trabalho, a dignidade da faina e do labor, a dignidade de produzir alguma coisa. Somente o cristianismo ensina uma coisa dessas. Vocês se lembram das palavras de Paulo quando se despedia dos presbíteros da igreja de Éfeso? "Vós mesmos sabeis", diz ele, "que para o que me era necessário a mim, e aos que estão comigo, estas mãos me serviram. Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos (VA: "os fracos"), e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: mais bem-aventurada coisa é dar do que receber" (Atos 20:34-35). Obviamente ele pôde afirmar que lhes estava dando um exemplo e um modelo de trabalho. O cristianismo sempre defendeu a dignidade do trabalho, a dignidade do labor, como se pode provar historicamente. O paganismo e a irreligiosidade sempre são$_s$ caracterizados pela negligência, pela indolência e pela preguiça. À medida que a Inglaterra vai se tornando cada vez mais ímpia e irreligiosa, vai se tornando cada vez mais preguiçosa, em todas as camadas da sociedade. Isso sempre acontece. Mas, por outro lado, todo avivamento da religião verdadeira exalta a dignidade do trabalho, porque leva o homem a ver que Deus lhe deu o seu corpo e todas as suas faculdades pessoais com vistas a que ele as utilize. O homem não foi feito simplesmente para sentar-se, gozar e receber todos os dons para nada. Isso é enervante, é affontoso, não desenvolve as faculdades e capacidades do homem. Contudo, no momento em que você se vê como cristão, como homem feito à imagem de Deus, você quer fazer uso das suas faculdades.

O que vocês vêem historicamente é que o período elizabetano, que sobressai como uma grandiosa era da história deste país (Inglaterra), como a época em que este país começou a lançar a base da sua grande prosperidade e sucesso, foi um período que se seguiu à Reforma Protestante! No momento em que o povo foi despertado para a verdade do evangelho e se viu sujeito a Deus e à Sua vontade, começou a

trabalhar. A era puritana levou à mesma coisa, e de maneira ainda mais extraordinária. Por mais que tenhamos progredido no período de Elizabeth, progredimos muito mais no período de Cromwell. E o que fez desse período uma época verdadeiramente grandiosa foi, de novo, exatamente a mesma coisa, esta dignidade do trabalho. Algumas pessoas têm se preocupado com isso. Preocupa-as o fato de que os quaeres e pessoas semelhantes a eles tornaram-se muito ricas. Isso

não é nenhum problema. A explicação é clara. Quando os homens são convertidos de verdade, primeiramente eles vêem como o pecado é danoso, e param de esbanjar dinheiro em futilidades inúteis. Ao mesmo tempo, eles adotam este princípio positivo, a dignidade do trabalho, e passam a ser diligentes e a trabalhar. Eles não começam a vida cristã dizendo: que posso fazer para encurtar o meu dia de trabalho, para fazer pouco e receber quanto puder? Absolutamente não! Eles gostam do trabalho, eles estão criando algo, estão formando algo, estão fazendo algo, estão labutando. E, como é natural, é completamente inevitável, a sua diligência leva ao sucesso e, em muitos casos, eles ficam ricos. Se você trabalhar duro e não desperdiçar dinheiro, estará fadado a acumular riquezas, não poderá evitá-lo, não poderá fugir disso. E essa é a real explicação dessa situação.

Diz-nos, pois, o apóstolo que trabalhemos e labutemos com as nossas nãos, e pode ser que, como cristãos numa geração como esta, estejamos sendo chamados para ensinar isto acima de tudo mais, e assim dar testemunho de Cristo e Sua graça. Devemos mostrar que o objetivo supremo das nossas vidas não é deleite e prazer, não é ter vida cômoda, e depois constituir comissões para verem como podemos empregar o nosso tempo de lazer, ver o problema de como manipular as nossas horas de lazer! Longe disso! Devemos estar fazendo alguma coisa, devemos estar trablhando, devemos estar labutando, e fazendo isso com toda a nossa energia, cedendo a um pouco de suor honesto e sabendo o que é ir para a cama cansado, com a sensação de que vivemos como homens, e não como mandriões, como parasitas, edificando-nos sobre capital alheio e tirando do sustento e das forças de outrem. “Trabalhe”, diz o apóstolo, “fazendo com as mãos o que é bom.”

Acaso não é espantoso notar como sempre somos lerdos para aprender as grandes lições da vida e da história? Certamente nós temos observado que é uma coisa muito perigosa herdar riqueza. Não estou dizendo que sempre a situação em apreço vai mal, porém estou dizendo que é sempre perigosa. Lamento muito quando jovens herdam riqueza, porque eles ficam numa situação perigosa; não é surpresa que muitas vezes eles vão mal. Quantas vezes tem acontecido

que um pai trabalhou duro e labutou, como as Escrituras mandam; edificou grande e rendoso comércio, e lançou bom alicerce; vem o seu filho, herda tudo e esbanja tudo. Pobre rapaz! Sinto por ele. Recebeu riqueza sem trabalhar por ela, sem labutar por ela; tem atitude errada para com a vida e para com p modo de viver, e não admira que faça mau uso da riqueza herdada. É perigoso ter riqueza e posses sem as ter adquirido de algum modo, e uma sociedade que passa por muito dessa espécie de coisa está procurando problema.

“Trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade.” Nosso próximo passo é notar os elementos essenciais do princípio de mordomia. Por que possuo coisas? Ah, não como o larápio, o ladrão,

vejo isso, não meramente para mim mesmo, e o que posso tirar delas. Absolutamente não! Sou um mordomo, estas coisas estão comigo, mas realmente não são minhas. Não são um fim em si mesmas, nunca foram destinadas à satisfação pessoal apenas. Simplesmente as mantenho para o Doador, porque Deus é o Doador de todo bem e de todo dom perfeito, e Ele me designou para ser guardião, para tê-las em custódia, para ser o mordomo. Não são minhas; simplesmente as tenho por algum tempo.

E, finalmente, devemos preocupar-nos com os outros e com as suas necessidades. "Trabalhe, fazendo com as mãos", diz o apóstolo, "o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade." Trabalhe porque o trabalho é coisa boa! Se você ganha dinheiro com ele, mantenha-o como guardião, e dê aos que têm qualquer tipo ou forma de necessidade; pratique todo bem que puder. "Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber", diz o Senhor Jesus Cristo. Esse é um dos Seus pronunciamentos que não estão registrados nos Evangelhos, entretanto ao apóstolo Paulo fora feito. Disse ele: vocês lembram como o Senhor Jesus disse que é mais bem-aventurado dar que receber? Pois sejam assim, diz Paulo. E na verdade, é isso que ele está dizendo realmente nesta exortação. Ele está simplesmente dizendo que sejamos semelhantes ao Senhor Jesus Cristo. A que se assemelhava Ele? O apóstolo responde a pergunta ao escrever o capítulo dois de Filipenses: "Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros. De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus. Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus. Mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte

de cruz". E ainda, escrevendo aos coríntios, ele diz: "Já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre" (2 Coríntios 8:9).

Não somente Cristo não furtou o que não Lhe pertencia, mas nem sequer reteve o que ere dEle, as riquezas eternas, e por amor de nós se fez pobre. E Ele viveu neste mundo como um dos pobres; não teve casa própria; não teve lar que fosse propriamente Seu - "O Filho do homem", disse Ele, "não tem onde reclinar a cabeça." Lemos que "cada um foi para a sua casa; Jesus foi para o Monte das Oliveiras"!

Que esfera diferente da esfera do roubo é esta! É a diferença que há entre o cristianismo e o paganismo. O paganismo, a impiedade, e irreligiosidade, é a esfera em que cada homem é por si, onde cada homem está tentando conseguir quanto puder por nada, para desfrutá-lo. O cristianismo defende a consideração pelos outros, a renúncia, a abnegação o auto-rebaixamento, a visão das necessidades alheias, o dar. "Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus." O ensino

moralista se detém nos dizeres: não furte! Não toque nisso! E, que lástima, como é pobre o moralismo! Todavia o cristianismo nos ordena: “Trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com o que tiver necessidade”. “Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus.” Dar! Outros! Ver a necessidade! Sacrificar-se! É a exata antítese do outro ensino! Visto que somos novos homens, despojemo-nos do velho homem, e sigamos as pegadas do nosso bendito Senhor e Mestre, que disse; “Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”.

COMO COMUNICAR-NOS COM OS NOSSOS SEMELHANTES

"Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem. "

- Efésios 4:29

O nosso texto nos leva a problemas concernentes à nossa conversação, ao nosso falar uns com os outros, à nossa comunicação uns com os outros, desta forma particular. Não podemos deixar de notar que, nestas injunções particulares, o apóstolo parece ter em mente, a maior parte do tempo, a grande importância do falar. A sua primeira injunção foi: "Pelo que deixai a *mentira,* e falai a verdade cada um com o seu próximo". Ora, essa é uma questão ligada ao falar, e mais adiante, no capítulo, ele volta a ela: "Toda a amargura, a ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias" (VA: "falar maligno"), e toda a malícia seja tirada de entre vós" (versículo 31). E de novo a retoma no versículo 3 do capítulo 5, onde ele diz: "Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpezas, nem parvoíces" (VA: "nem conversação tola"), nem chocarrices, que não convêm; mas antes ações de graças". Obviamente, pois, na opinião e na avaliação do apóstolo, toda esta questão ligada ao falar é vital e, necessariamente, deve receber grande proeminência ao tratarmos e estudarmos a aplicação da verdade aos pormenores das nossas vidas. E isso não é surpreendente porque, como já fiz lembrar quanto à questão da mentira, a fala é, afinal de contas, o fator biológico distintivo e diferencial do homem. Comparando-se e contrastando-se o homem e os animais, há muitas diferenças, mas esta é provavelmente a mais proeminente e importante; o que faz do homem um homem é o dom da fala e da expressão. Nessa capacidade de expressar-se vemos sobressair mais claramente a imagem de Deus, segundo a qual o homem foi criado originariamente. O homem pode pensar, raciocinar e ver-se objetivamente e considerar-se a si próprio; os animais não podem fazer isso.

Contudo o nosso texto vai além: o homem pode falar, pode

expressar-se, pode pôr pensamentos em palavras e em linguagem. De muitas maneiras é o maior dom concedido à humanidade, e sendo assim, não é de admirar que seja a coisa mais mal utilizada. Na esfera espiritual, o diabo centraliza os seus ataques naquilo que é mais precioso no homem. E o que há de devastador, quanto ao pecado, é que ele sempre destrói primeiro o que é melhor em nós. Os centros mais elevados são sempre os primeiros a serem afetados pelo pecado. Não admira, pois, que considerável atenção seja dada pelo apóstolo à questão geral do falar, visto que expressa tanto a essência do ser e da personalidade do homem. No capítulo três da sua Epístola, Tiago argumenta sobre o mesmo ponto. Ali a língua humana é comparada ao leme do navio, e também à brida, ao freio que se põe na boca

do cavalo: em ambos os casos, um objeto muito pequeno, porém quão importante ele é! Muda o curso de um grande transatlântico; mantém dentro dos limites e no controle o cavalo, com todo o seu vigor e força. Portanto, diz Tiago, como cristãos, vocês têm que dar-se conta da vital importância de vigiar a língua e os lábios. Que destruição, diz ele, é feita pelo mau uso da língua! É um verdadeiro mundo de iniqüidade, é uma coisa que pode acender um fogo terrivelmente destruidor.

Essa é a maneira escriturística de lembrar-nos que, em nossa vida neste mundo, não há nada que seja de maior importância que a capacidade de falar porque, afinal de contas, expressamos o que realmente somos pelo que dizemos. As palavras do nosso Senhor -"Da abundância do seu coração fala a boca" (Lucas 6:45) - dizem-nos a mesma coisa. Quando falamos estamos expressando o que está em nosso coração. Às vezes os nossos amigos nos lembram que "nos entregamos" pelo nosso falar. No entanto, o nosso Senhor tem mais uma verdade para nos dizer: "O homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro, e o homem mau do mau tesouro tira coisas más. Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo. Porque por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado". Todos nós somos lerdos para perceber a importância do falar. Falamos com tanta liberdade, tão levianamente, tão soltamente; e, no entanto, diz o nosso Senhor: "Por tuas *palavras* serás justificada e por tuas *palavras* serás condenado". Ele nos assegura que no dia do juízo o homem "dará conta de toda palavra ociosa que tiver dito". Ele quer dizer que é quando estamos desprevenidos, por assim dizer, que realmente expressamos o que somos. O moralismo pode pôr certo controle em nós. Mas vocês descobrem realmente a fraqueza do não cristão, do homem meramente moral, em seus momentos de não vigilância, quando algo lhe sucede subitamente e ele se expressa; então ele mostra realmente o que é; e

essa é uma das maneiras de distinguir entre o homem meramente moral e o cristão. O cristão não é alguém que está sempre a reprimir-se; há algo diferente no centro, porquanto da *abundância* do coração a boca fala; é o que escorrega para fora que realmente nos diz a verdade sobre outra pessoa.

Não admira, pois, que o apóstolo dê grande atenção a esta questão de falar. Vocês, efésios, diz ele, eram pagãos, e eram tipicamente pagãos em sua conversação e em seu falar. Entretanto, diz ele, agora vocês são novos homens, vocês se despojaram do velho homem, revestiram-se do novo, e não há aspecto em que mostram isso de maneira tão direta e clara como na sua conversação, na espécie de coisa sobre a qual conversam, e no seu falar. E notamos também que ele adota a mesma fórmula que adotara em todos os outros casos: primeiramente, injunção negativa, depois, injunção positiva, e em terceiro lugar, explicação. "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe"; aí está a negativa. Então, que é que vocês devem fazer? "... só a que for boa para promover a edificação"; aí está a positiva. Mas por que vocês têm que

fazer isso, qual a razão? A razão é, "para que dê graça aos que ouvem". Adotamos a classificação feita pelo apóstolo, pois não podemos melhorá-la.

A injunção negativa corre: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe", que eqüivale a dizer que, nessa questão de falar, o cristão deve ser completamente diferente do não cristão. Devemos, pois, indagar a nós mesmos o que é que caracteriza a fala, a conversação dos não regenerados e dos ímpios, e isso é sugerido pelos próprios termos usados pelo apóstolo, que vemos elaborados noutras partes das Escrituras. Uma característica do falar dos ímpios é o excesso, a falta de controle. Os ímpios falam demais; falam sem pensar, estão sempre falando. Se você viajar de ônibus ou de trem, ou se estiver numa sala pública, verá esse constante falatório; é sempre uma característica dos ímpios. Provavelmente nem todos percebemos que o povo cristão não fala tanto como o povo não cristão.

Outra característica da conversação do não cristão é aquilo que realmente faz dela o que é - tão-somente uma expressão do ego. A vida do não regenerado é sempre egoística, egocêntrica, e a sua conversação e o seu falar sempre visam a uma oportunidade para exibição pessoal. Isto explica por que tais pessoas, quando juntas, procuram falar todas ao mesmo tempo. Uma não pode esperar que a outra termine; todas querem ficar com a palavra. Está eternamente presente o desejo de ser interessante, divertido, e de ser admirado, com o povo dizendo: que maravilhoso! Todas elas querem estar sempre

com a palavra, anseiam por auto-expressão e por conseguir algo para o seu ego.

Se vocês analisarem uma fala e uma conversação tendo todas essas coisas em mente - o excesso, o não falar na vez e a interrupção uns dos outros - vocês serão forçados a concluir que não há nada nelas, senão a pura manifestação do ego e da importância própria, o desejo de admiração e de elogio. A conversação dos ímpios está repleta dessas características.

Depois o apóstolo introduz algo que seguramente tem também uma nova urgência nos dias atuais, a saber, a falta de polidez. Que lástima! Ele se refere ao que é torpe, indigno, feio, indecente, corrupto e sujo. Estas são traduções alternativas da palavra que ele usa. Naturalmente, temos termos polidos para essa coisa má; falamos de mordacidade, de acrescentar um pouco de tempero à conversação, de algo sugestivo, vulgaridade, impureza, grosseira, obscenidade. Esta é sempre a característica da conversação da sociedade pagã, mesmo em sua melhor condição. Digo mesmo em sua melhor condição! Talvez seja uma das maiores manifestações da Queda e do corruptor efeito do pecado, que mesmo homens pertencentes a profissões e sociedades cultas, quando se encontram em seus jantares e festas, passam o tempo contanto anedotas uns aos outros, repetindo anedotas, colecionando-as, dando-se ao trabalho de recordá-las. Fazem isso porque sabem que serão admirados por isso, e se tomarão o centro de atração. E quanto mais atrevidos, mais maravilhosos!

Homens capazes e inteligentes, em alta posição em suas p/ofissões, literalmente passam o tempo fazendo esse tipo de coisa. É clara evidência da grosseria que o pecado introduz na vida humana e nos corações dos homens; contudo, isso é considerado esperto, divertido. "Vocês ouviram esta?" perguntam, e toda gente ouve! Homens dotados de inteligência, sim, e homens honrados, são capazes de passar o tempo dessa maneira, uma horrorosa manifestação do corruptor efeito do pecado!

Seria fácil fazer neste ponto uma digressão para chamar a atenção de vocês para o óbvio aumento desse tipo de coisa na vida do nosso país e de outros. Uma baixeza, um relaxamento está se insinuando na conversação. As pessoas usam em público termos que ninguém sonharia em usar há quarenta anos. Acaso vocês não notaram a entrada disso nos artigos e nas revistas, não somente nos jornais? Isso não estaria acontecendo em geral? Esta curiosa tendência de desafiar - na verdade se tomou tão costumeira que não desafia nem choca ninguém. E está se tornando espantosamente comum. Até em periódicos de boa reputação não se pode senão notar o curioso e triste declínio que tão evidentemente vem ocorrendo. E frequentemente o mundo ímpio faz

disso uma brincadeira, e considera divertido o que realmente é trágico. Por que se deveria considerar divertida a infidelidade de um homem para com a sua esposa? Por que as constantes pilhérias sobre esse tipo de coisa? Nada causa maior infelicidade a homens, mulheres e crianças do que justamente esse mal, e, todavia, é considerado como tema para brincadeira. Atos de infidelidade tornam-se objetos de riso e diversão! Comunicação torpe, conversação torpe, é marca dos nãp regenerados. Não se envolvam com nada disso, diz o apóstolo. É prática corrupta e corrompe outros. E isso era o que mais ocupava a mente do apóstolo aqui, como em todas estas diversas injunções. Ele quer que os crentes considerem a influência das suas palavras sobre os outros, pelo que diz: não saia da *sua* boca nenhuma palavra torpe; algum espectador pode ouvi-la, e isso lhe poderá ser nocivo.

Que influência as palavras podem ter? Tiago nos lembra que elas inflamam, com uma paixão do inferno! Muitos homens se desgarraram na vida simplesmente por terem ouvido conversa que estimula, inflama e provoca tudo quanto é indigno. Escrevendo aos coríntios, o apóstolo Paulo adverte-os de que "as más conversações corrompem os bons costumes" (1 Coríntios 15:33). Portanto, diz ele, por amor aos outros, que nada disso saia da sua boca. Para expressá-lo com muita simplicidade e clareza, o que ele está realmente dizendo é: parem de fazer esse tipo de coisa! Notem particularmente, porém, mais uma palavra que ele utiliza: "Não *saia* da vossa boca nenhuma palavra torpe". Noutras palavras, se isso chegar a entrar em sua mente, se começar a tomar forma em seus lábios e em sua língua, pare! Se chegou em sua boca, não o deixe sair! Crucifique-o, mate-o, assassine-o, detenha-o! Se já lhe pesa a culpa de maus pensamentos, se o diabo os sugere a você - se você não conseguir detê-lo, ele atirará em você os seus dardos inflamados, ele os

insinuará a sua mente, as suas sugestões malignas - mesmo assim, diz o apóstolo, o que lhe estou dizendo é isto: jamais saiam palavras torpes da sua boca, faça-as morrer em seus lábios pelo bem dos outros. Esta é a sua injunção negativa, antes de tentar persuadi-los com a positiva.

Que é que deve sair da sua boca? "A que for boa para promover a edificação." Devo salientar de novo que uma parte da glória central da fé e vida cristã é que nunca é meramente negativa. Não é moralismo, é cristianismo. O moralista pode pôr breques e freios, e pode não ser culpado de certas coisas, mas pára nesse ponto.
Paulo, porém faz soar uma nota positiva. O evangelho de Cristo dá-nos vida, nova vida, e está cheio de atividade positiva e de diligente esforço; e é sempre este o método cristão. Observem a expressão do apóstolo -"a que for boa para promover a edificação". Desafortunadamente, a

Versão Autorizada *(.Authorized Version)* (e com ela, ARC) realmente não é boa neste ponto, pois traduz mal a frase. Diz ela: "a que for boa para proveito da edificação"; entretanto o que Paulo diz de fato é: "a que for boa para a edificação da necessidade". A Versão Revista inglesa *(Revised Version*) a traduz melhor: "aquela que for boa, conforme a necessidade" (como ARA). Todavia a Versão Revisada Padrã *(Revised Standard Version)* é melhor ainda: "Somente aquela que for boa para edificação, de acordo com as circunstâncias". Então, quais são os princípios que devem governar o meu falar e a minha conversação com outros? Examinaremos primeiro os princípios gerais.

O primeiro, evidentemente, é que a nossa conversação deve estar sempre sob o nosso controle. Em nossa condição anterior de não regenerados - e infelizmente caímos nisso às vezes, mesmo como cristãos - todos fomos culpados de embriagar-nos com a conversação. Observem as pessoas conversando, especialmente nas conferências. A conversação começa com serenidade; eleva-se o grau; no fim as pessoas estão gritando; é grande o vozerio; é pura intoxicação; a conversação as embebeda, perdeu-se totalmente o controle. Um diz uma coisa, outro quer meter-lhe bala, e um terceiro quer ser ainda mais atrevido, e lá se vai todo o controle. A língua do cristão jamais deve ficar fora de controle. Jamais devemos acalorar-nos a ponto de nos tornarmos realmente irresponsáveis pelo que dizemos. Sempre é preciso haver pensamento por trás da fala e da conversação do cristão porque, como eu disse antes, o nosso falar e a nossa conversação são uma expressão da nossa personalidade total. E o que diferencia o cristão do não cristão é justamente isto - nada de excesso, mas controle, disciplina, ordem. Vai-se o caos. O Deus que ordenou que das trevas brilhasse a luz na criação, brilhou em nossos corações para que tenhamos a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo. Ele trouxe ordem, há controle e tudo está em posição. E, naturalmente, a nossa conversação é dominada pela verdade em que cremos.

A segunda coisa evidente acerca do linguajar do cristão é que não é mais egoísta ou egocêntrica. O crente nunca deve sair só querendo ser admirado ou ser importante ou ser considerado uma maravilha na conversação. Nunca! Quem faz isso é o velho homem. Fora com ele! Detenha-o! - diz Paulo. Não se envolva nisso, você foi tirado disso; nunca se ponha na frente, nunca procure oportunidade para a sua exibição *pessoal*. O que deve caracterizar o falar do cristão é o interesse pelas outras pessoas. Paulo disse isso em cada uma destas

injunções específicas. Disse ele: "Falai a verdade cada um com o seu próximo", pelo bem do seu*próximol* "Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira" - não vá dormir com um pensamento mau sobre o seu *próximo*! "Aquele que furtava, não furte mais; antes trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha que repartir com *o que tiver necessidade*"! Em cada ordem dada o próximo é proeminente, e continua sendo nesta questão do falar, do prosear e da conversação. Você não deve exibir-se e mostrar-se, como dizemos, pois o cristão é alguém que não só pensa em seus próprios interesses, e sim também nos dos outros. Ele é como o Senhor, e a mente do Senhor deve estar em nós. Ele não pensou em Si; por amor dos outros, por amor de nós, Ele Se humilhou.

Estes, pois, devem ser os princípios gerais do nosso falar e da nossa conversação. Mas, quais são os princípios particulares? Primeiro, diz o apóstolo, a nossa conversação deve ser "boa", não torpe, não corrupta. E à palavra "boa" ele acrescenta "para edificação". É preciso que haja algum propósito, alguma perspectiva, algum valor nela. Não devemos ser tagarelas o tempo todo, falando sobre coisa nenhuma. Ah, as horas que temos desperdiçado na vida, com prosa ociosa, tagarelice inútil e conversa fiada, tudo para nada! O cristão deve desfazer-se disso. Ele não tem que necessariamente estar sempre falando em religião, porém toda vez que falar, terá que haver no que fala algum conteúdo, algum valor. Terá que ser sempre uma palavra boa, sempre limpa e sempre terá que ser edificante, num sentido ou noutro, para que as pessoas digam no fim: foi uma boa coisa passar algum tempo com esse homem ou com essa mulher; sinto-me melhor por tê-lo feito. Estou quase tentado a dizer que uma das principais diferenças entre a conversação pagã e a cristã é que a conversação cristã é inteligente, e a outra não.

No entanto a ordem vai mais adiante. Inclui a menção da necessidade, a edificação da necessidade, ou, como a *Revised Standard Version* o expressa, "de acordo com as circunstâncias", ou, conforme a necessidade. Isto é particularmente importante. Eé justamente aqui que alguns de nós, cristãos - e talvez isto se aplique particularmente aos evangélicos - tantas vezes caímos no erro e numa armadilha. Aqui estou em conversa com alguém, ou com alguns. Não devo fazer certas coisas; devo ter consideração pelos outros; o meu falar deve ser bom e edificante. Sim, mas vá adiante, diz o apóstolo, o seu falar deve ser "de acordo com as circunstâncias". Coisa difícil, porém vital!

"De acordo com as circunstâncias" significa que eu devo refletir sobre as pessoas com as quais estou falando; devo fazer uma avaliação

delas, e o meu linguajar e a minha conversação devem ser apropriadas a elas. Mas muitos cristãos não fazem isso; o que fazem é pregar-lhes um sermão; falam com um indivíduo como se ele ou ela fosse uma reunião pública; o que fazem é sermonar; fazem-lhe um pequeno discurso ou um sermoneco; fazem excelentes declarações sobre o evangelho e sobre o meio de salvação, todavia às vezes isso não é próprio e não está de acordo com as circunstâncias. Agem dessa maneira porque estão pensando somente em si mesmos, e não estão avaliando o outro. Dizem a si mesmos: agora que sou cristão e devo empenhar-me em boa e piedosa conversação, sempre devo dar o meu testemunho ou pregar o evangelho ou introduzir uma breve palavra num ponto ou noutro.

Não, diz o apóstolo; essa abordagem é errônea. Se fizer essa abordagem, você estará mais preocupado consigo próprio e com o cumprimento do seu dever, do que em manifestar a atitude verdadeiramente cristã nesta questão. A palavra de edificação dita pelo cristão sempre deve ser de acordo com as circunstâncias! Portanto, não devemos repetir frases como papagaio e achar que agimos bem e cumprimos o nosso dever. Nada disso! Em vez disso, devemos primeiro descobrir qual a exata situação das outras pessoas. Compete-me falar-lhes de modo tal que as ajude exatamente no ponto em que elas estão; "não deiteis aos porcos as vossas pérolas", diz o nosso Senhor (Mateus 7:6). Não dê um bife, digamos, de boa carne vermelha a um bebê que só pode tomar leite! Estes são os termos das Escrituras, não são? "Eu, porém, irmãos, não vos pude falar", diz Paulo aos coríntios, "como a espirituais; e, sim, como carnais, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido". O fato é que eles não podiam suportá-lo! (1 Coríntios 3:1-2, ARA).

O autor da Epístola aos Hebreus lamenta o mesmo fato. Diz ele aos seus leitores: eu gostaria que vocês fossem adiante, para a perfeição, mas tenho que retroceder em meu ensino, pois vocês não estão querendo receber mais que os *primeiros* princípios do evangelho de Cristo. Sim, mas que sábios mestres eram os homens desse tipo! Reconhecendo que os seus leitores ainda não estavam em condições de receber ensino mais avançado, davam-lhes ensino próprio para as condições deles, "de acordo com as circunstâncias"! Evidentemente, esse é o modo como todos os cristãos devem falar. Não só falamos e falamos e falamos; não apenas fazemos afirmações corretas. Temos que aprender a entender os outros e suas necessidades. E devemos estar tão desejosos de ajudá-los que tomemos tempo, meditemos, pensemos, experimentemos o nosso método, observemos a situação, e então aplicamos a palavra necessária e apropriada. Isso requer

grande sabedoria, grande compreensão, grande paciência. Não sejamos injustos com

as pessoas, não esperemos que elas sejam o que não são. O nosso dever é receber as pessoas como são e procurar levá-las dessa posição a outra. Portanto, sejamos cuidadosos no sentido de que a nossa palavra, a nossa palavra boa para edificação, sempre seja de acordo com as circunstâncias e seja apropriada para qualquer ocasião, em cada caso individual.

O objetivo da nossa "palavra" é "para que dê graça aos que a ouvem", isto é, para que, de algum modo, lhes transmita graça. Nunca esqueçam, diz com efeito o apóstolo, que o homem ou a mulher ou o grupo de pessoas a quem vocês estiverem falando, possuem almas imortais; que a vida deles não termina neste mundo, que eles vão para a eternidade. E se o mantivermos em mente, certamente isso dominará e governará toda a conversação. Dê-lhes graça! Acontecerá que alguns com os quais você vai conversar não são convertidos; que haja quanto a você, quanto à sua maneira de falar e quanto ao que você diz, alguma coisa que os prenda e chame a atenção deles para a verdade. Não pregue, porém que a sua conversação em geral seja tal que algum aspecto da graça se torne evidente para eles. E, por outro lado, se eles são filhos de Deus, ajude-os a edificar a sua pequena provisão de graça, de conhecimento e de entendimento; eles são exortados, como nós somos, a crescer na graça e no conhecimento do Senhor. Que o contato com você ajude esse processo, e que a sua conversação com eles leve à edificação deles.

Posso resumir o ensino do apóstolo assinalando que o que ele está fazendo realmente aqui é pedir-nos que nos portemos como o nosso Senhor. Como é que Ele se portava? Temos uma descrição dEle, feita pelo profeta Isaías numa das suas grandes passagens messiânicas. No capítulo cinqüenta ele olha para o futuro e O vê, e nos diz que o Messias está dizendo as seguintes palavras: "O Senhor Jeová me deu uma língua erudita, para que eu saiba dizer a seu tempo uma boa palavra ao que está cansado". Meu querido povo cristão, há gente cansada ao nosso redor, cansada do pecado, cansada no pecado, cansada da vida. Há em torno de nós cristãos carregando fardos, carregando cargas, padecendo enfermidades e doenças, decepções, traição de amigos, alguma acariciada esperança que se foi de repente, ilusões frustradas e desvanecidas; há por perto de nós homens e mulheres cansados! E quando nos encontrarmos com eles e lhes falarmos, esqueçamo-nos de nós mesmos, não consideremos o encontro como uma ocasião na qual podemos demonstrar como somos maravilhosos. Não o permita Deus! Oremos para que tenhamos esta língua erudita que nos habilite a falar

uma palavra a seu tempo a alguma pobre alma cansada. O nosso Senhor veio do céu para fazer isso; e a respeito dEle foi escrito, e Ele o concretizou em Sua vida: "A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumega" (Isaías 42:3). Esse é o caminho para nós também. Durante o nosso jornadear pela vida, devemos ajudar os homens eas mulheres com umapalavra,umapalavra de encorajamento, uma palavra de entusiasmo, talvez uma palavra de reprovação, mas uma palavra que os faça

lembrar-se de que estão sob Deus, e de que, se estiverem em Cristo, serão preciosos para Ele. Saiamos, pois, para socorrer os cansados e ajudar os fracos. Ajudemos verdadeiramente uns aos outros, em todos os aspectos da nossa vida e da nossa conversação, porém sobretudo em nosso falar. Não proceda da nossa boca nenhuma comunicação corrupta, e sim somente a que for boa para a edificação dos outros, para o melhor proveito da necessidade, de acordo com as circunstâncias, para que possa ministrar graça aos ouvintes. Graças a Deus pela vida *cristã*, em que tudo passa por mudança, e tudo o que somos, fazemos e dizemos é tão diferente daquilo que caracterizava a antiga vida não regenerada. Bendito seja o nome de Deus, que teve misericórdia de nós e enviou o Seu Filho, não somente para morrer por nós e libertar-nos de inferno e sua corrupção, mas também nos deu esta nova natureza e modelou de novo as nossas vidas à Sua imagem.

"NÃO ENTRISTEÇAIS O ESPÍRITO SANTO DE DEUS"

"E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção." - Efésios 4:30

Em nosso estudo sistemático do capítulo quatro da Epístola aos Efésios, chegamos à espantosa e admirável declaração que o apóstolo aqui, por assim dizer, lança no meio de uma série de injunções e exortações práticas. E certamente, ao ver-nos confrontados por este versículo trinta, muitas coisas vêm de imediato às nossas mentes. A primeira é que não há nada, talvez, que seja tão característico do método deste grande homem de Deus, o apóstolo Paulo, como a maneira pela qual ele faz precisamente aquilo que nós estamos considerando aqui. Conquanto ele tenha uma divisão óbvia do seu assunto nesta Epístola, como em todas as outras, tratando das suas doutrinas na primeira metade e depois passando à aplicação prática das mesmas, ele nunca é escravo do método. E assim vocês o vêem na seção prática, embora de fato tratando de questões particulares, específicas, de maneira totalmente prática e pastoral, de repente lançando uma vigorosa declaração como esta, o que nos coloca outra vez face a face com as doutrinas centrais, axiais da nossafé e profissão cristã. E, ao proceder assim, o apóstolo realmente nos mostra, não somente o seu método, mas também certas verdades profundas acerca da totalidade da nossa vida cristã e do nosso comportamento cristão.

A primeira coisa que devemos considerar é a que se refere à conexão desta declaração particular. E aqui há desacordo entre os comentaristas, não grave, é claro, porque, em última análise, realmente não tem importância. Há os que dizem que a declaração vem realmente como um clímax do que Paulo já estivera dizendo; que, tendo-nos dito que não mintamos e que não nos iremos num sentido errôneo, e nos havendo dito que não mais roubemos, e que não deixemos sair da nossa boca nenhuma palavra torpe, ele diz, com efeito: assegurem-se de não cair nestes pecados, porque seria entristecer o santo Espírito de Deus. E, naturalmente, isso é perfeitamente

verdadeiro. Mas eu penso que também é verdade que quando o apóstolo escreveu essas palavras, tinha igualmente em mente o que se seguiria: "Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda a malícia sejam tiradas de entre vós. Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo". Na análise que lhes apresentei quando estávamos tratando do versículo 17, sugeri que este versículo trinta é uma introdução daquilo que vem a seguir, e não um resumo e um reforço daquilo que viera antes. Digo isso tudo meramente por amor da ordem e da limpidez das nossas mentes e do nosso pensamento. Quanto mais límpidas as nossas mentes quando lemos as Escrituras, melhores cristãos seremos. No entanto, indubitavelmente, como digo, esta declaração abrange as exortações e injunções

precedentes, e também as que se lhes seguem. Ela vem aqui como uma especie de centro, um ponto focal, de tudo o que é dito em relação às particularidades.

Em segundo lugar, neste versículo temos o que se pode descrever muito bem com a *differentia* [1] da ética cristã; quer dizer, temos aqui o que realmente faz da ética cristã o que ela é e a distingue de todas as outras espécies de sistema ético ou moral. Todos os outros lhes dirão que não mintam, que falem sempre a verdade, que não percam o equilíbrio emocional, mas sempre se dominem e sejam disciplinados; eles lhes dirão que não roubem, que não usem mau linguajar e nenhum tipo de comunicação corrupta, e que vocês sejam amáveis e bondosos, que estejam dispostos a ajudar e que sejam filantrópicos; eles fazem tudo isso, porém nunca em seus sistemas você encontra a ordem: "e não entristeçais o Espírito Santo de Deus" - nunca! Esta, digo eu, é a peculiaridade, a *differentia,* aquilo que o marca, que o separa de tudo mais. E, naturalmente, isso é importante da seguinte maneira: *se* a nossa concepção da vida cristã e do viver, da conduta e do comportamento cristãos não incluir essa ordem e não estiver baseada nela, e não estiver nos levando sempre nessa direção, não é verdadeiramente cristã. Uma boa conduta não é necessariamente cristã. E é um fato trágico na vida e na história da Igreja que com muita freqüência o moralismo, moralismo que até pode usar terminologia cristã, é confundido com o cristianismo. Mas eis o teste: a totalidade da nossa vida está centralizada numa verdade como esta? Ela está no coração de toda a nossa perspectiva da conduta e do comportamento, e no cerne da nossa prática?

Além disso, neste versículo, nesta declaração, temos o que pode-

mos muito bem descrever como o coração, o cerne e o centro da doutrina bíblica da santificação. É um apelo, sim, mas notem a espécie e o tipo de apelo que é. Notem a natureza do apelo feito pelo apóstolo. Negativamente, ele não está apelando para que se amoldem a uma lei ou a um código moral ou a um código de ética. Ele não menciona tal coisa em seu apelo. Seu apelo não está num nível legal, não é no sentido de que o cristão deve obedecer a um certo padrão. Os padrões são bons no lugar que lhes cabe, porém isso não é peculiarmente cristão. Mais importante ainda é observar que o apelo de Paulo não é para que os crentes se refreiem quanto a certas coisas para o seu próprio benefício. Nisso o seu ensino é completamente oposto a certas escolas populares de pensamento e de ensino que invariavelmente ensinam a santificação em termos de nós mesmos. Elas nos dizem: você está com algum problema em sua vida? Você está preso a algum pecado específico? Você é derrotado constantemente? Se é assim, procuremos, venha à nossa clínica, e nós o ajudaremos a lidar com o pecado específico que o está arrasando. Não há uma só palavra disso aqui, pois não é o modo bíblico de apresentar a santificação. Esta não começa conosco, não é em termos de nós mesmos. Não nos diz: se você quer ter uma vida vitoriosa, ser realmente feliz, ter grande gozo e experiências maravilhosas, pare de fazer isto e aquilo. Absolutamente não! Naturalmente, as coisas malignas são más

para mim, e, obviamente, como estou prestes a demonstrar-lhes, elas afetam a minha experiência, todavia não é essa a primeira coisa. Se nos falta entendimento da doutrina bíblica, revelaremos o fato pelas coisas que pomos em *primeiro lugar,* é a coisa que o homem põe em primeiro lugar que realmente nos diz onde ele se firma e qual é o seu fundamento.^

Aqui ele nos mostra o que deve ser. Deve ser a Sua gloria! É por isso que não devo fazer certas coisas. "Não entristeçais o Espírito Santo de DEUS no qual estais selados para o dia da redenção." Aí está o modo cristão, aí está o modo bíblico de ver toda esta questão de santificação. Não por nós mesmos, mas por amor de Cristo! A nossa santificação, a nossa vida, a nossa conduta, sempre deve ser a percepção, o resultado e o desenvolvimento daquilo que Ele fez por nós, do fato de sentirmos a Sua glória e do nosso desejo de viver para o louvor da glória da Sua graça.

A doutrina ensinada pelo apóstolo é que o mau viver, em qualquer sentido, ou de qualquer modo ou forma, entristece o Espírito Santo de Deus, em quem os crentes são selados até o dia da redenção. A ordem das palavras no original grego dá maior ênfase à declaração: "Não entristeçais o Espírito, o santo Espírito de Deus"! E como o apóstolo

o coloca: "o Espírito, sim, o santo Espírito de Deus, em quem vós sois selados para o dia da redenção"!

Obviamente, a primeira coisa que esta passagm nos ensina refere-se ao Espírito Santo na vida do crente. Lembra-nos que no capítulo primeiro o apóstolo o expressa desta mesma maneira interessante e extraordinária, em termos de selo. E aqui, no capítulo quatro, ele nos diz que o selo que Deus nos dá do fato de que estamos entre os remidos é o próprio Espírito Santo. Não é uma declaração concernente ao que o Espírito Santo nos faz, mas que Deus nos sela *com* o Espírito Santo. O próprio Espírito Santo é o selo. E Ele nos sela para o dom da salvação e todos os seus concomitantes, como no-lo garante o apóstolo no capítulo primeiro, onde ele diz: "e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida". E aqui, neste capítulo quatro, o apóstolo, tomando por líquido e certo que os crentes efésios guardam na mente o que eleja lhes falara, agora simplesmente faz uso desse argumento a fim de reforçar e aplicar esta série de injunções particulares relacionadas com a sua conduta ética, com o seu comportamento ético.

O que é importante que tenhamos em mente nesta conjuntura particular é que o Espírito Santo nos foi dado e que Ele habita em nós. Nenhum homem é cristão, a menos que o Espírito Santo esteja nele. "Se alguém não tem o Espírito de Cristo", diz Paulo aos cristãos romanos, "esse tal não é dele" (8:9). Esta é a doutrina que percorre toda o Novo Testamento. Não precisamos aprofundar-nos nela aqui em particular. No capítulo 3 da Primeira Epístola aos Coríntios o apóstolo nos

lembra que o Espírito Santo habita na *Igreja* como corpo; no fim do capítulo 6 dessa mesma Epístola o apóstolo faz esta colocação: "Ou não sabeis" - e agora ele está falando sobre o indivíduo, não sobre a Igreja como corpo - "não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vos mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso *corpo,* e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus" (versículos 19 e 20). O que certamente o apóstolo tem em sua mente neste versículo trinta do capítulo quatro da Epístola aos Efésios é que o Espírito Santo habita dentro de nós, que os nossos corpos são templos em que o Espírito Santo habita. Agora veremos como ele aplica esse argumento e o desenvolve.

A segunda coisa que o apóstolo nos diz é que é possível entristecer o Espírito Santo. Ora, digo eu, esta é uma afirmação mais que magnífica e espantosa, e derrama abundante luz sobre a doutrina cristã

da redenção. Os cristãos sempre devem lembrar-se de que Deus é eterno, Deus o Pai e o Filho e o Espírito Santo. Deus *é*\ Ele independe de tudo, existe em Si mesmo, existia antes do tempo, antes de existir o mundo, e não tinha necessidade de coisa alguma. Há um grande termo teológico que devo usar neste ponto porque ele ajuda a expressar a idéia com a qual nos defrontamos aqui - Deus é *impassível*; quer dizer que Deus não somente não depende de nós, do mundo e de todas as coisas que acontecem no mundo, mas, num sentido final, nada destas coisas O afeta. Eu e vocês somos criaturas constantemente afetadas pelas coisas que acontecem ao nosso redor, e é por isso que damos lugar à raiva e à ira e às várias outras coisas de que estivemos tratando; estamos sujeitos a elas e somos afetados por elas. Contudo Deus, em Si e de Si, está fora disso tudo. E, todavia, é-nos dito pelo apóstolo: "Não entristeçais o Espírito Santo de Deus"!

Pois bem, como conciliar essas duas coisas? Essa é a questão. Num sentido conclusivo, não podemos conciliá-las, é um grande mistério que ultrapassa o nosso entendimento; mas temos o direito de dizer que, por causa do meio de salvação e redenção, e como parte destas mercês, Deus, por assim dizer, desceu ao nosso nível. Vemos isso na encarnação do Filho; Ele assumiu a natureza humana e, portanto, conhece a nossa ignorância, a nossa fraqueza e a nossa fragilidade; Ele sabia por experiência o que é ter fome e sede e estar cansado; Ele mesmo Se conduziu a essa possibilidade. E a presente passagem nos diz a mesma coisa acerca do Espírito Santo, que, tendo em vista os propósitos da redenção e da salvação porque Ele veio residir e permanecer em nós, é-nos possível entristecê-10. Agora, esta é uma espécie de condição temporária; não obstante, é uma condição real. Na salvação Ele Se pôs numa relação conosco que nos possibilita feri-10, entristecê-10, desapontá-10.

A analogia que devemos ter em nossas mentes é obviamente esta, que a nossa relação com o Espírito Santo é de amor. E esta é a essência da doutrina cristã da salvação.

Demos fim à lei, não estamos mais debaixo da lei; mas estamos debaixo da graça, e jamais devemos pensar em nós mesmos naqueles velhos termos legais. Quando o cristão peca, não é tanto de que ele fez algo errado, nem mesmo de que quebrou a lei, que ele deve tomar consciência; o que realmente deve preocupá-lo é que fez ofensa ao *amor*. O próprio termo *entristecer* o comprova. A nossa relação agora é pessoal. E é porque nos esquecemos desta relação pessoal que temos a maioria dos nossos problemas e dificuldades em nossas vidas e experiências cristãs. Persistimos em considerar o Espírito Santo como nada mais que uma influência ou que uma espécie de poder. Mas temos que compreender que Ele é uma

Pessoa! Não se pode entristecer uma influência, só se pode entristecer uma pessoa. Não se pode ferir um poder, só se pode ferir uma pessoa. Ele pode ficar decepcionado conosco. Um princípio não pode ficar decepcionado, somente uma pessoa pode ficar decepcionada. E aqui está, digo eu, uma das coisas mais vitais e importantes para captarmos, que estamos nesta relação com o Espírito Santo; se estamos em Cristo, Ele está em nós, Ele habita em nós! Onde quer que estivermos, Ele está! E nunca nos esqueçamos da Sua ternura. Porventura Ele não é apresentado nas Escrituras como uma pomba? Por ocasião do batismo no Jordão Ele desceu sobre o nosso Senhor com a aparência de uma pomba! E é esse o Espírito que habita em nós. Ele está em nós, os nossos corpos são Seus templos.

Agora, é obvio que tudo isso só é verdade quanto aos crentes; não pode aplicar-se ao não crente. O incrédulo pode resistir ao Espírito Santo, mas não pode entristecê-10. A única pessoa que pode entnstecê-40 é a que pertence à família e que está nesta relação pessoal. É dessa maneira que eu, como cristão, devo ver a santificação; não simplesmente em termos de ações ou acontecimentos ou experiências. Devo esquecer isso tudo, por assim dizer, e dar-me conta de que o Espírito está em mim e está sempre comigo. Ele conhece todos os meus atos, e me é possível entristecê-lO, desapontá-10, contristá-10. Isso é que significa o termo *entristecer*.

O nosso próximo ponto segue-se em seqüência lógica. Então, como é que entristecemos ou podemos entristecer o Espírito Santo de Deus? E a resposta está clara diante de nós. Qualquer coisa que façamos que não seja santa O entristece. "Não entristeçais o Espírito *Santo* de Deus!" E isto deve ser interpretado em seu sentido mais completo. Evidentemente, as coisas que o apóstolo estivera detalhando entristecem o Espírito. Qualquer coisa pertencente à carne entristece o Espírito. Vejam a lista dada em Gálatas, capítulo 5: "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: adultério, prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias, e coisas semelhantes". Todas obras da carne, e elas entristecem o Espírito Santo de Deus. Mas, lembremo-nos de que O entristecemos não somente com ações e práticas concretas. Já fomos lembrados

que podemos entristecê-10 com as nossas palavras. Ele está sempre conosco, Ele ouve tudo o que dizemos; portanto, "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe". Isso O entristece, como também O entristecem outras coisas que Paulo continua mencionando. Devemos, porém, dar mais um passo. Você pode entristecê-10

com os seus pensamentos. Ele está em você! Ele está dentro de você! Quantas vezes o diabo a todos nos fez tropeçar neste ponto? Você dirá: ora, eu não faço tal e tal coisa. Não, eu sei que você não *faz,* e talvez não a tenha feito por covardia, todavia pensou nela, teve prazer com isso e o fantasiou em sua imaginação, e pensou que tudo estava bem porque não o tinha feito. Nada disso! Você O entristeceu!
Um pensamento indigno, um pensamento impuro, um pensamento de raiva, de ciúme ou inveja, entristece-O, fere-0 tanto como a ação. Ele conhece todas as coisas; Ele conhece os mais íntimos recessos da sua mente, do seu coração e do seu ser, e Ele se entristece tanto com pensamentos indignos como com palavras e atos indignos.

Mas essas não são as únicas maneiras pelas quais O entristecemos. Há algo que eu penso que é pior ainda, a saber, o nosso fracasso em não nos darmos conta da Sua presença dentro de nós, o nosso fracasso em não honrá-10 como devíamos, o nosso fracasso em não nos cientificarmos de que Ele está sempre conosco. Existe algo mais ultrajante do que isso? Poderia outra pessoa insultar você ou feri-lo mais dolorosamente do que comportar-se como se você não estivesse presente, comportando-se e conduzindo-se como se você não estivesse na sala? Haverá algo mais humilhante? Como cristãos, pois, jamais nos esqueçamos de que o Espírito Santo de Deus está em nós e conosco. Nós O honramos? Deixar de fazê-lo é entristecê-10!

A seguir, outra maneira pela qual entristecemos o Espírito está em nosso fracasso em não responder às Suas sugestões, à Sua direção, às Suas influências, e a tudo o que Ele faz em nós, para nós e conosco com o fim de favorecer a obra de santificação dentro de nós. O Espírito Santo foi dado para aplicar a redenção que foi adquirida e levada a efeito pelo bendito Filho de Deus. E Ele que opera em nós tanto o querer como o efetuar, diz Paulo, segundo a Sua boa vontade. E nós então realizamos o que o Espírito Santo opera em nós constantemente, pois Ele habita em nós. "A carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne"! Ele está em nós para fazer isso. ÉElequenosconcita, que nos dirige, que cria desejos dentro de nós. Você de repente se vê desejando ler a Palavra: o Espírito em ação! Subitamente Ele o incentivará à oração, talvez, ou à meditação. Ele lhe dirá que desista de algo, e que faça algo; tudo vem do Espírito, é tudo parte da Sua grande obra de santificação. Não responder, ou postergar, ou dizer, bem, não posso fazer isso agora, estou fazendo outra coisa; ou não se render a Ele e não se deixar levar por Ele - ah, são estas as maneiras pelas quais O entristecemos! "Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus", diz Paulo aos cristãos de Roma, "esses são filhos de Deus." Se você não segue a Sua direção, ou se você tenta contrariá-la, ou se

você tenta protelá-la, você O está entristecendo. Retornem à analogia humana - de pai e filho - e vocês verão como o Espírito pode ser entristecido por qualquer falta de disposição da nossa parte, por qualquer tendência de dizer: farei isso mais tarde, largando dEle, por assim dizer; como entristecemos o Espírito não respondendo nem reconhecendo imediatamente a Sua ação, e não Lhe sendo grato por Sua condescendência em habitar em nós e em interessar-Se pela nossa santificação!

Assim vocês vêem, estas são as maneiras pelas quais entristecemos e podemos entristecer o Espírito. *Por que* não devemos entristecer o Espírito? Por que devemos dar atenção a esta exortação do apóstolo: "Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção"? As palavras são um apelo dirigido tanto aos nossOs corações como ao nosso entendimento. Não é só o entendimento, é, como estive acentuando, em grande medida o coração e as sensibilidades. Por que não devemos entristecê-10? Num sentido eu já estive respondendo a pergunta. Não devemos entristecê-lO porque Ele é quem e o que é. E isso deveria ser suficiente! Ele é a terceira Pessoa da bendita e santa Trindade, e Ele está habitando como hóspede dentro de nós, em nossos corpos, "Hóspede bondoso, Hóspede benfazejo". A própria grandeza da Sua Pessoa deveria ser suficeinte para nós. Todos nós sabemos o que isto é na prática, não sabemos? Há certas coisas que normalmente podemos fazer, porém se acontecer de termos algum hóspede distinto em nossa casa, deixamos de fazê-las; sentimos instintivamente que devemos estar com o nosso melhor comportamento quando temos alguma honorável pessoa conosco. Se há crianças na casa, elas recebem ordens para ficar quietas, não fazer muito barulho de manhã, ou em qualquer outra hora, porque Fulano de Tal está hospedado em casa. Muito certo! É sinal de respeito e de honra. As pessoas fazem grande esforço para ler livros de etiqueta para portar-se apropriadamente em certos círculos da alta sociedade. Pensem na meticulosidade com que as pessoas estudam as regras, se têm o privilégio de ser apresentadas à rainha. Quanto cuidado teríamos com a nossa linguagem no Palácio de Buckingham! Devemos ser infinitamente mais cuidadosos com a nossa linguagem onde quer que estivermos, em atenção ao Hóspede que habita em nós. Nossos pensamentos, nossas imaginações - ali está Ele, Ele os conhece! É comparável a praguejar na presença de um santo, ou usar linguagem indigna na presença de alguma pessoa santa. Isto é santificação cristã - a compreensão de que Ele está dentro de nós! Não é: como posso livrar-me deste ou daquele pecado? Em vez disso, devemos pensar

NELE; é incentivo suficiente. Não precisamos de alguma experiência mágica; precisamos tão-somente dar-nos conta da verdade que nos é dada na Palavra de Deus! Se tão-somente nos apercebêssemos de que Ele está sempre dentro de nós, toda a nossa conduta e todo o nosso procedimento seriam inteiramente diferentes.

Pensem ainda na vil ingratidão de que somos culpados quando O entristecemos de

algum modo. Pensem em tudo o que foi feito por nós; pensem no plano de Deus, elaborado na eternidade; pensem na subordinação do Filho ao Pai, e do Espírito ao Filho e ao Pai. [2] Pensem no Espírito como co-igual, co-eterno, Ele, a terceira Pessoa da bendita e santa Trindade, e, todavia, para a nossa redenção Ele Se subordinou, e até condescendeu em habitarem nós. É uma vil ingratidão não tomar consciência da Pessoa e não fazer sempre tudo o que é agradável aos Seus olhos. Entristecê-lO é ser grosseiro, é ser culpado de vil ingratidão pelo que Ele fez por nós.

Outra coisa que entristece o Espírito Santo, como o apóstolo nos lembra aqui, é o completo fracasso de nossa parte em não entendermos o objetivo final da salvação. Qual é o objetivo final da salvação? Que os meus pecados sejam perdoados? Que eu seja feliz o tempo todo? Que eu fique livre de todos os problemas da minha vida? Nada disso! Esses são incidentais. Qual o fim e objetivo em vista? É o dia da redenção! "Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados até..." - esse é o fim! Ah, estas coisas menores, graças a Deus por elas, enquanto passamos por este mundo do tempo; mais são temporais. O grande final está adiante. Qual é ele? É o dia do Senhor que vem, o dia em que Cristo voltará e julgará o mundo com justiça, e destruirá todos os Seus inimigos, e removerá do cosmos todo vestígio do mal, e instaurará o Seu reino eterno. E nós, como crentes, estaremos lá, em corpos glorificados, perfeitos, sem mancha nem ruga nem coisa semelhante, parte integrante desta Igreja gloriosa, a noiva de Cristo, removido tudo o que é indigno e mau. *Esse é* o fim, o dia da redenção, a entrada na salvação plena, final e perfeita!

O apóstolo dissera realmente no versículo quatro do capítulo primeiro: "como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". O fim da redenção e da salvação não consiste tanto nas coisas particulares que podem ser verdadeiras a nossa respeito aqui e agora *neste* mundo, mas em que sejamos "santos e irrepreensíveis diante

dele em amor" - neste mundo, sim, porém especialmente naquele grande dia da redenção! Portanto, o homem que entristece o Espírito não entende como ele devia o pleno objetivo e propósito da redenção. Por que Cristo morreu na cruz? Simplesmente para que você não fosse para o inferno? Não! Responda a pergunta positivamente - para que você fosse para a glória! Não olhe sempre pela negativa; não diga: estou livre disto, disso e daquilo; claro que está, entretanto você está livre *para,* está preparado *paral* É isso que importa. Acaso não é trágico quando as pessoas pregam a santificação em termos subjetivos, pessoais, em vez de porem diante de nós a visão do dia da redenção, da glória que nos espera, da perfeição para a qual estamos sendo preparados? Esse é o objetivo disso tudo! Pedro, colocando com o seu estilo e com as suas palavras o que Paulo diz aqui, declara-nos: "Aquele em quem não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados". "Acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência" (ou "o conhecimento", VA e ARA), e assim por diante, diz Pedro em

sua Segunda Epístola, porquanto, se fizerdes isso, "vos será amplamente concedida a entrada" naquele estado final do reino de Deus. É pena, mas o problema das nossas vidas é que, ou não conhecemos, ou não cremos, ou não aplicamos estas doutrinas cristãs. E demonstrar um tipo final de ignorância naparte central do objetivo global da redenção, é entristecer o Espírito.

Dessa maneira lhes ofereci as grandes verdades, e deviam ser suficientes, mas, a fim de animar e ajudar, permitam-me tornar-me pessoal, na verdade, subjetivo. Pelo *seu próprio bem,* não entristeça o Espírito, porque, se O entristecer, isso o levará inevitavelmente à perda das benéficas manifestações da Sua presença. Entristeça-O, e Ele Se retirará. Quero dizer com isso que Ele retirará as manifestações de Si próprio. Se você entristecer o Espírito, não sentirá o amor de Deus por você, não terá a alegria da salvação, não terá segurança, não terá certeza, não terá paz, não será capaz de dizer: o Espírito dá testemunho com o nosso espírito de que eu *sou* filho de Deus. Tudo isso está implícito no selo; e se você entristecer o Espírito, as evidências do selo em você ficarão esmaecidas e, de fato, poderão desaparecer completamente. Não me entenda mal, não estou dizendo que você estará perdido, porém estou dizendo que lhe faltarão, que você perderá as consolações do Espírito! O cristão é alguém de quem se espera que experimente a alegria do Senhor. "Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos", diz Paulo aos filipenses. Também o diz aqui, aos efésios. O cristão não é alguém que se arrasta

pelo seu enfadonho caminho neste mundo gemendo e chorando. Quando ele olha para dentro de si, só vê pecado, e chora; no entanto, não deve olhar só para dentro, deve olhar para *fora,* e, quando se vê em Cristo, deve encher-se de alegria indescritível e cheia de glória; ele deve ir cantando, em sua marcha para Sião. "Filhos do celeste Rei, peregrinando cantai! Vosso Salvador louvai. Glorioso Ele é, e o que faz!" Mas você não poderá fazê-lo, se entristecer o Espírito! Todas as ternas visitações do Seu amor, e as influências do Seu regozijo em você, serão retiradas, e você será deixado entregue a si mesmo, e você perderá todas as experiências das ocasiões em que Ele vem e o abraça e o envolve nos braços do Seu amor e o faz saber que você Lhe pertence. Portanto, pelo seu próprio bem, não entristeça o Espírito.

Pois bem, deixem-me acrescentar algo. Se você entristecer o Espírito e Ele retirar as Suas benéficas influências, significa que Ele o deixará entregue à supremacia da carne; quer dizer que você será deixado com todo o poder da carne dentro de você, e o diabo fazendo uso dele para atacar você. Ele investirá contra você, insinuará pensamentos e desejos vis, torpes, feios em sua mente e em seu coração. Você se sentirá vivendo no inferno e sentirá o inferno dentro de você. E tudo porque o Espírito, com o fim de ensinar-lhe uma lição, não está mais, por assim dizer, lutando contra a carne. Você O entristeceu. Portanto, se você está sendo submetido a terríveis tentações, examine-se; pode ser que você esteja sendo entregue a satanás, para corrigi-lo e para fazê-lo voltar a não entristecer o Espírito, o Espírito Santo de

Deus.

Finalmente, se entristecermos o Espírito Santo e Ele retirar as Suas manifestações, não significa que Ele nos abandonará. Ele voltará; Ele está ali o tempo todo, retirou tão-somente as Suas benéficas manifestações, e Ele nos convencerá, Ele fará trovejar a lei outra vez, far-nos--á sentir que nunca fomos salvos, que estamos perdidos, que estamos condenados e reprovados; Ele o fará com o fim de levar-nos de volta para onde deveríamos estar. E se você não quiser experimentar estas poderosas lutas e processos de convicção do Espírito dentro de você, não O entristeça. Vejamos com clareza esta doutrina: o Espírito nunca abandona o filho de Deus; selo é selo, e não serve se puder ser violado em qualquer momento e recolocado e violado outra vez. Você não fica entrando e saindo da salvação; você não é salvo hoje e perdido amanhã e depois salvo de novo. Isso não é ensino bíblico. Um selo é um selo, é o selo *de Deus,* e nenhum homem pode rompê-lo. Assim é que, quando digo que o Espírito Se retira, não quero dizer que Ele sai fora de você; Ele continua aí, contudo as Suas benéficas manifestações são

retiradas. E então, porque Ele contina em você, Ele o convencerá de pecado, Ele o derrubará, Ele o prostrará, Ele o fará sentir-se desamparado e sem esperança. E depois, quando você achar que Ele o abandonou, Ele lhe revelará de novo o Senhor Jesus Cristo como o Seu Salvador que morreu por você e ainda o ama, e de novo Ele o lavará do seu pecado, sorrirá outra vez para você e restabelecerá em você a alegria da salvação. Não entristeça o Espírito Santo de Deus. Ele está em você e o terá e o levará à glória da perfeição; e se você não quiser ser conduzido por Ele, esteja certo de que Ele o castigará! “Aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo.” Não O entristeça, eu o advirto, não O entristeça! Pois, se você o fizer, trará sobre si próprio dolorosas experiências e agonias de alma que nunca precisaria ter.

Então, que devemos fazer? Simplesmente isto - lembre-se de que o Espírito está sempre em você. Comece o dia dizendo: sou filho de Deus e, portanto, o Espírito Santo de Deus permanece dentro de mim. Onde quer que eu esteja, o que quer que eu faça, o que quer que aconteça, Ele estará comigo; cada um dos meus pensamentos, palavras e atos será visto por Ele e estará em Sua presença. Ah, como dou graças a Deus pelo privilégio! Como devo ser cauteloso, para em nada entristeçê-10 ou desapontá-10! Não entristeça o Espírito Santo de Deus, com o qual você foi *selado* até o dia da redenção. Lembre-se dEle, lembre-se do que Ele está fazendo em você, pense na glória para a qual Ele o está preparando, e as coisas que O entristecem se tornarão inimagináveis.

1

A diferença ou o ponto distintivo. Em latim no original, Nota do tradutor.

2

Certamente subordinação funcional, em termos da Economia da Trindade; não subordinação ontológica. O contexto imediato o comprova. Nota do tradutor.

PERDOADO E PERDOANDO

"Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmia e toda malícia sejam tiradas de entre vós. Antes sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.
" - Efésios 4:31-32

Nos dois últimos versículos deste capítulo quatro, o apóstolo está continuando a lista de injunções particulares que ele está dando aos efésios a fim de ensinar-lhes como, exatamente e na prática, despojar-se do homem velho e revestir-se do novo. Esse é o princípio dominante, essa é a doutrina que abrange tudo. O apóstolo não está interessado na conduta como tal, está interessado na conduta como expressão e reflexo da nova vida que eles tinham recebido como resultado da regeneração. No versículo 31 chegamos a exortações que em geral nos fazem lembrar as exortações que se acham nos versículos 25 a 29. Vemos lá referências ao falar, à ira, etc., e, portanto, alguns podem indagar se o apóstolo não está repetindo aqui as suas injunções. Mas não está. Embora os termos sejam os mesmos em certos aspectos, há uma diferença essencial; e a diferença foi introduzida pelo versículo trinta, no qual se nos diz que não entristeçamos "o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção". A diferença é que nos versículos 25 a 29 Paulo tem em vista a conduta em geral, dando uma descrição muito geral e ampla da conduta, ao passo que após o versículo 30 ele se torna muito mais pessoal e íntimo, e está muito mais interessado no estado dos nossos espíritos. Podemos, pois, considerar estes dois versículos como uma espécie de exposição prática do que devemos evitar, se estamos desejosos de não entristecer o Espírito Santo que habita em nós.

Notem, em primeiro lugar, que o apóstolo adota a mesma fórmula de antes; põe a sua proposição negativa primeiro, depois a positiva, e então nos dá uma razão ou um motivo ou um argumento. Vemo-lo fazer isso em cada uma destas injunções particulares, de modo que nada nos resta fazer senão seguir a divisão e classificação do próprio apóstolo. Portanto, no versículo 31, ele nos apresenta primeiramente a proposição negativa: "Toda a amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e

blasfêmia e toda a malícia sej am tiradas de entre vós". E quando lemos estas palavras horríveis, temos de novo um quadro descritivo da mentalidade, da perspectiva e da vida interior dos não cristãos. O apóstolo nos deu diversas descrições do mundo incrédulo nesta Epístola; e, naturalmente, o que ele quer é que essas pessoas vejam aquela velha vida como realmente é, para que, vendo-a, tanto a odeiem que renunciem a ela e lhe dêem as costas para sempre. Ponham-na fora, diz Paulo, não se envolvam mais com os seus males morais, descartem-se deles; estas coisas nunca se deve poder atribuir a vocês, em nenhum sentido! No entanto, obviamente ele de novo sente a importância de particularizar. E nós também temos de fazer isso. Não basta confessar o pecado em geral, temos de confessar os

pecados particulares. Antes, é perigoso confessar o pecado em geral. Tomamos plena consciência destas coisas confessando os pecados em particular. E o apóstolo nos ensina a fazê-lo dando-nos estas listas.

Ele começa com a palavra *amargura,* "Toda a amargura... sejam tiradas de entre vós". A amargura é um estado de espírito. Denota uma espécie de azedume e ausência de cordialidade. É uma condição inamistosa. Na verdade, é uma condição que nunca vê algum bem nalguma coisa, mas sempre inventa um jeito de ver algo errado, ou algum defeito e alguma deficiência. Diz-nos o provérbio que "Quem sofre de icterícia vê tudo amarelo", e o mesmo se pode dizer do amargor de espírito. Este põe em tudo o que vê um elemento indigno. Porque a pessoa mesma é ictérica e amarga, tudo o que ela vê tem a mesma cor; é como olhar através de óculos coloridos. O apóstolo expõe isso em muitos lugares, como por exemplo no capítulo três da sua carta a Tito, "Porque também nós éramos noutro tempo insensatos, desobedientes, extraviados, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos, odiando-nos uns aos outros". Não precisamos demorar-nos nisto. Lembro-lhes que já tivemos ampla oportunidade de ver a falsidade, o fingimento e a fachada que o mundo veste. Dá uma extraordinária expressão de afabilidade, enquanto que o fato é que por trás da pintura e do pó de arroz não há nada, senão amargura, resultado do hábito de ficar incubando males, reais ou imaginários. No estado de não regenerados, todos somos amargos por natureza; razão pela qual, como cristãos, temos que expulsar de nós a amargura. Concedo que ocorrem ofensas genuínas; porém o que nos toma amargos é ponderar e meditar nelas e nos demorarmos com elas; noutras palavras*, alimentamos as ofensas feitas a nós,* permanecemos nelas, damos grande atenção a elas, e se tivermos a tendência de esquecê-las, deliberadamente as trazemos de volta e deixamos que nos levem de novo a um estado de amargura.

Ora, naturalmente, isso não acontece apenas com ofensas reais; muitas são puramente imaginárias, sem nunhuma substância real, todavia, visto que nos tornamos amargos, vemo-las onde realmente não estão, e as alimentamos, e acabamos nos tornando cada vez mais amargos.

A amargura descreve, pois, o tipo de vida que se tornou ácida; não se dispõe a acreditar que alguém ou algo seja bom, mas sempre está pronta a crer no que é mau; é sempre um tanto cínica, arranca a glória de tudo, procura estragar tudo. Quando mostram uma coisa bonita, ela não elogia os noventa e nove por cento que são belos, porém sempre aponta para o um por cento de defeito. Todos nós conhecemos o tipo de indivíduo que está sempre apontando para os problemas, os defeitos, as faltas e as manchas. Há muitos assim. Todo pregador, estou certo disso, poderia mencioná-los. Há alguns que nunca lhe escrevem para agradecer-lhe os sermões, entretanto se você, por um mero lapso da língua, disser algo errado, eles lhe escreverão acerca disso. E só então que lhe escrevem. O espírito amargo vê as

falhas e manchas, contudo parece que nunca vê o que é bom. Não quero deter--me aqui.

Naturalmente, há muitas pessoas que acham que têm boa causa para o seu amargor; nas duas guerras mundiais, muitas pessoas perderam o marido ou o filho único. É muito fácil entender como se tornaram amargas com relação a tudo na vida; mas isso não as desculpa, é um erro, nunca deviam permitir-se tornar-se amargas. Sofreram duros golpes da vida, no entanto isso não é justificação para a amargura, para o azedume, ou para se tomarem cínicas. Mesmo que se lhes descreva a vida em suas melhores condições, a expressão daquelas pessoas faz-nos sabedores de que elas realmente não estão dispostas a permitir-se desfrutar coisa alguma. As pessoas mais tristes que eu conheço neste mundo são essas pessoas amargas; elas se fazem a si mesmas miseráveis, e com o tempo fazem todas as outras miseráveis também. É uma coisa terrível alimentar uma ofensa, real ou imaginária. Ponham-na para fora de vocês, diz Paulo, ponham-na para fora de vocês; isso é o velho homem, isso é o pagão, isso é o mundo não regenerado, jamais deve aparecer no cristão.

Passemos, porém, à segunda palavra. A amargura sempre se expressa no falar e no agir. Por isso, depois de mencioná-la, o apóstolo fala de *ira* e *cólera* como as forças que freqüentemente estão por trás do comportamento. Já estudamos os termos, de modo que só lhes faço lembrar que a *cólera* significa violenta excitação ou agitação da mente, uma espécie de fervura; ao passo que a *ira é* um estado e condição da mente mais sereno e regular. A ira nunca chega a ser o

fogo branco do calor em alto grau, como acontece com a cólera; é uma condição mais equilibrada da mente e do espírito.

Por sua vez, a ira e a cólera tendem a expressar-se no falar. Aqui, de novo, Paulo usa dois termos, e o primeiro é *gritaria.*

Gritaria, no texto, significa uma espécie de briga; inclui gritos e violência. Ah, todos nós sabemos o que significa; homens e mulheres, num estado de furor ou de cólera, não se falam, gritam uns com os outros, levantam a voz. Que coisa terrível é o pecado! E que anatomia do pecado temos neste capítulo, que dissecação! Mas é a verdade! A vida é isso! E, infelizmente, é uma coisa com a qual todos nós estamos familiarizados, este alvoroço de briga, estes gritos, tudo de maneira descontrolada. É algo que nunca deve estar presente na vida do cristão, quer no sentido individual, quer no comunitário.

Contudo há uma coisa ainda pior do que o alvoroço de briga ou do que a gritaria, a saber, a *blasfêmia* (VA, "o falar mal", a calúnia). *Falar mal é* a fria e deliberada menção de coisas que prejudicam outras pessoas; inclui o prazer de difamar os outros, deliberadamente dizendo ou repetindo coisas sobre os outros calculadas para causar-lhes dano. Falar mal dos outros! Que descrição da vida moderna! Que

descrição do mundo atual! E como o mundo sempre foi! É um mal que toma tão completamente fátua toda a conversa absurda que ouvimos sobre o desenvolvimento, a evolução e o progresso! O mundo incrédulo era assim há dois mil anos; é exatamente assim hoje. Absolutamente nunhuma mudança! Pensem nas difamações a que o mundo se entrega, e no mal que dessa maneira se faz ao caráter, e»no mal que se faz à vida.

E depois, como se tudo isso não bastasse, o apóstolo acrescenta a palavra *malícia.* Malícia significa maus desejos com relação aos outros, uma determinação em ferir os outros, de novo uma espécie de espírito fixo, que odeia tanto os outros que fica pensando nas maneiras de prejudiçá-los, planeja essas maneiras, exulta-se com elas, e depois passa a pô-las em prática; é uma espécie de malignidade. Os mexericos maus, maliciosos, e a difamação também fazem parte desta malícia que o apóstolo nos diz que mandemos para longe de nós.

Diz ele que todos esses males têm que ser expulsos para longe de nós, uma vez por todas, como algo repugnante e blasfemo. De fato, a *expressão falar mal* é realmente a nossa palavra b/as/êmia (cf. Almeida), e, portanto, o ensino é que não somente blasfemamos quando dizemos coisas más acerca de Deus, mas podemos realmente ser culpados de blasfêmia quando dizemos coisas más acerce de alguma outra pessoa. Afinal de contas, o homem foi feito à imagem de Deus, e falar mal doutra pessoa é uma forma de blasfêmia, pois é falar mal de algúem que foi feito à imagem de Deus. Por isso o apóstolo afirma que todo

esse tipo de coisa é totalmente incompatível com o novo homem.

Pois bem, de novo devo lembrar-lhes que o apóstolo está exortando os efésios a desfazer-se de todo esse mal. Ele não diz que, uma vez que eles se tornaram cristãos, esse mal caiu por si. Assim, todo tipo de pregação evangelística que dê a impressão de que no momento em que você se torna cristão todos os problemas são deixados para trás não é verdadeira, e o apóstolo compreendeu que os efésios ainda estavam sujeitos a esse tipo de coisa. E também notamos que ele não lhes diz meramente que orem para que esses pecados sejam tirados das suas vidas. Orar é bom sempre, porém não se esqueçam de que Paulo diz aos efésios que os ponham para fora, e nós devemos fazer o mesmo. Não é agradável. Não é nada agradável até pregar sobre essas coisas; para nós é muito desagradável encará-las e ver se há em nossos corações algum amargor de espírito, ou malícia ou ódio ou ira ou cólera; todavia, diz o apóstolo, temos que fazê-lo, e se encontrarmos qualquer vestígio ou traço dessas coisas em nós, teremos que agarrá-lo e jogá-lo fora, pisoteá-lo, trancar-lhe a porta e nunca mais deixá-lo voltar. Temos que fazer exatamente isso! Que essas coisas sejam tiradas de vocês, diz o apóstolo! Ponham-nas fora de uma vez, e tratem de compreender que isso é uma negação, uma completa negação de tudo o que vocês dizem que são e que têm como pessoas renascidas no Senhor Jesus Cristo,

pessoas em quem o Espírito Santo de Deus veio para fazer Sua bendita residência. Se essas coisas estiverem em nós, o Espírito Santo ficará triste, pois o fruto do Espírito é amor, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão e temperança. Tudo quanto for contrário a esse fruto terá que ser posto fora, diz Paulo. Mas, graças a Deus, o apóstolo não fica nisso! Ele vai adiante, passando à sua injunção positiva. "Sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros."

Graças a Deus, digo eu, o apóstolo não pára na injunção negativa, porém nos leva à positiva. Na verdade, como eu já disse, não se pode tratar adequadamente da negativa se não se tratar ao mesmo tempo da positiva. O jeito de se livrar dos defeitos é cultivar as virtudes. Para usar a conhecida frase de Thomas Chalmers, o de que necessitamos é aplicar o *expulsivopoder de um novo afeto.* Faço uso de uma ilustração simples. O meio pelo qual se retiram de algumas árvores as folhas no inverno não é que as pessoas as arranquem; não, é a nova vida, o impulso que vem e solta a folha morta para conseguir lugar. Do mesmo modo, o cristão se livra de todas essas coisas, como a amargura, a ira, a cólera, a gritaria, o falar mal dos outros e toda a malícia. As novas qualidades se desenvolvem e as outras simplesmente ficam sem lugar;

são tiradas e postas fora.

Precisamos observar com muita atenção a maneira precisa pela qual o apóstolo dá a sua instrução. Lemos *"sede* benignos", porém o que ele realmente escreveu foi: "*tornai-vos* benignos". Não simplesmente .sw benigno, mas *tornar-se* benigno. Noutras palavras, ele está sugerindo um processo de cultivo. Devemos cultivar deliberadamente esse tipo de personalidade e de atitude para com a vida e, ao fazê-lo, as nossas vidas se encherão dessas qualidades positivas, e não haverá lugar para as do tipo oposto. Lembrem-se também da ilustração que o Senhor utilizou sobre este ponto. Será inútil livrar-se dos demônios que estão na casa e varrê-la e adorná-la; se o Espírito Santo não entrar, o espírito que foi expulso voltará com outros muito piores do que ele (Lucas 11:24-26). Ora, é esse o princípio aqui. É onde, em última análise, a moralidade em si nunca tem sucesso. E que pena! Eu e vocês, na segunda metade do século vinte, estamos vivendo numa era que é justamente uma prova visível da bancarrota da moralidade pura e simples. No transcurso dos últimos cem anos as pessoas vêm dando as costas ao cristianismo, dizendo que os milagres, o novo nascimento e muitas outras coisas sobrenaturais não são necessários. Mas naturalmente, dizem elas, há bom ensino moral e ético na Bíblia, pelo que retemos coisas como o Sermão do Monte, por exemplo, porém jogamos fora o resto; queremos a moralidade, e só ensinaremos a moralidade. E qual é o resultado? O atual estado imoral e até amoral em que se encontra a sociedade! Não, não se pode fazer essas coisas sem o fator positivo. *Tomai-vos,* diz o apóstolo; cultivem-no, tomem interesse por isso, dediquem-lhe tempo e atenção. Noutras

palavras, vocês vêem que a palavra utilizada indica que isso não acontece automaticamente. Vocês não o recebem numa experiência de crise. Ao invés disso, tornem-se! Avante! Vocês não poderão livrar-se de repente da amargura e tornar-se benignos num piscar de olhos; longe disso! Isso é também uma condição determinada, um processo de cultivo, que resulta da aplicação da verdade que vimos e na qual cremos.

Nesta altura o apóstolo introduz as suas grandes injunções positivas. Havendo-nos livrado de todas as coisas horríveis detalhadas, em que devemos tornar-nos? Ele no-lo diz com grandes e gloriosos termos cristãos! E quão maravilhosos são os termos, e quão diferentes das coisas que estivemos examinando. Perdão benigno e misericordioso! Vocês jamais encontrarão esses grandiosos termos cristãos noutro lugar. Vejamo-los de novo. Qual é o significado do termo *benigno* na frase "Sede uns para com os outros *benignos*"? É certamente o oposto de ser amargo, mas, além disso, o real significado

do termo em sua origem é *ser útil* a, *ser útil* para os outros. Assim é que não se trata meramente de uma condição ou de um estado, porém de uma condição e um estado que levam a um desejo; o homem benigno é aquele que é útil e benéfico para os outros. O homem amargo, é claro, fica de lado e olha, e em seu azedume nunca é benéfico, nunca é útil. Como vimos, o amargor sempre tira, sempre subtrai, mas a benignidade dá, é útil, é benéfica, é sempre proveitosa. Significa ser benévolo para com os outros.

Paulo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 13, diz-nos: "O amor é sofredor, é *benigno"*. "Sede uns para com os outros benignos"! Tenham e cultivem esta benevolência de espírito e de atitude; em vez de estarem sempre à procura de alguma coisa na qual possam achar defeito, estejam sempre à procura de alguma coisa que possam elogiar. Ajudem os outros. A vida pode ser dura, difícil e muito penosa, e, em conseqüência, certas pessoas de fato se tomam azedas e amargas. Não aumentem esse amargor, mas, antes, procurem ajudá-las - ajudem-nas a transpor barreiras, ajudem-nas a levar os seus fardos, a resolver os seus problemas e a suportar as suas dificuldades. É isso que se quer dizer com benignidade. Estejam sempre em busca de uma oportunidade para demonstrar benevolência e dar assistência e ajuda.

Logo a seguir o apóstolo introduz outro termo maravilhoso -*misericordiosos,* que mal precisa de exposição. Recordem como ele nos dissera que aquelas mesmas pessoas, antes da sua conversão, tinham "*perdido todo o sentimento",* o que quer dizer que os seus corações tinham ficado endurecidos, como que calejados. A cobertura do coração, que deveria ser branda e macia, fica dura como couro; toma-se rija, e não somente não se move e não se curva; impede o coração lá dentro de reagir, bater e mover-se como devia. E o apóstolo nos diz que, como cristãos,

devemos ser exatamente o oposto disso; devemos tomar-nos misericordiosos, ou, de acordo com o que provavelmente é uma tradução melhor, *ter fortes entranhas de compaixão.* É um apelo para que nos tornemos compreensivos, compassivos e amorosos. Os antigos invariavelmente punham a sede dos afetos nas entranhas. Eles consideravam as entranhas, ou seja, os órgãos abdominais em geral, como a sede das emoções. Vemos Jeremias clamando: "Ah, entranhas minhas, entranhas minhas!". Significa que ele está com angústia em seu espírito e nos seus sentimentos.

Se havemos de entender certas expressões do Novo Testamento, é essencial que tenhamos isso em mente. Por exemplo, Paulo diz aos filipenses: "Porque Deus me é testemunha das saudades que de todos

vós tenho, em entranhável afeição de Jesus Cristo" (VA: . .de todos

vós sinto nas entranhas de Jesus Cristo" - 1:8), com o que ele quer dizer: "Tenho saudade de todos vós com o afeto, a emoção e o sentimento de Jesus Cristo". E então, de novo, mais tarde: "Se há algum conforto em Cristo, se alguma consolação de amor, se alguma comunhão no Espírito, se alguns entranháveis afetos e compaixões" (VA: ".. .no Espírito, se algumas entranhas e misericórdias.. ."-2:1). Mais uma vez ele está falando sobre simpatia, compaixão, compreensão e natureza amorosa. O apóstolo Pedro usa o mesmo termo em sua Primeira Epístola: "E, finalmente, sede todos de um mesmo sentimento, compassivos, amando os irmãos, entranhavalmente misericordiosos e afáveis" (3:8); significa que você não está calejado, numa condição na qual nada do que acontece com alguém faz a mínima diferença para você. Significa que você não chegou à triste conclusão de que a vida é dura e terrível, que é cada um por si, que você vai viver para si mesmo, e que realmente você não pode dedicar tempo e energia aos outros e aos seus problemas. Pois bem, essa é a atitude que você tem que pôr fora. E o oposto disso é tornar-se misericordioso. Isto significa que você se interesse pelos outros e que você sente pelos outros, que você tem empatia pelos outros, e que você tem um grande coração cheio de compaixão para com eles; que na verdade você vê tanto os problemas dos outros que se esquece dos seus.

Haverá alguma palavra que seja tão necessária neste nosso mundo moderno como esta? Para mim não existe nada que seja tão pavoroso quanto à vida atual como a dureza de coração que a invadiu. Estou constantemente ouvindo a respeito de pessoas que têm esse tipo de queixa contra o Serviço Nacional de Saúde da Inglaterra. Não poucos médicos e enfermeiros são bons cristãos, e o que estou dizendo não se aplica a eles, eu sei, mas se aplica a muitos outros. O paciente é considerado como um número. Para mim está quase além do entendimento o fato de que alguém que está tratando de um enfermo nunca fale com ele nem lhe explique o que há com ele, ou o que está aconteceodo com ele, ou não lhe dê uma palavra de conforto e de ânimo. Ele não é um tubo de ensaio! Todavia, que lástima! - dão-nos a

entender que muito desse tipo de coisa está entrando, e a misericórdia e o sentimento solidário estão em maré vazante. Que os pacientes sejam vistos impessoalmente dessa maneira é coisa que ultrapassa a capacidade de entendimento. Mas é verdade, infelizmente. A vida tornou-se dura. As profissões passaram a ser meios de fazer dinheiro para que os homens possam gozar de várias maneiras, e o maravilhoso toque pessoal e a simpatia do passado estão desaparecendo. E isso está acontecendo ao nosso redor e por todos os meios. Não estaria

acontecendo que muitos problemas estão sendo evitados? Acaso não se está fugindo deles? Sei que existem grandes dificuldades na vida atual, e que houve muitas mudanças; mesmo assim, acho muito difícil entender as pessoas que de algum modo parecem tão egocêncticas que são capazes de evitar claras responsabilidades humanas e de endurecer-se contra a necessidade dos outros. Isso é pagão; o pagão não se importa com os outros; ele se interessa por si mesmo e pelo seu prazer. Contra tudo isso precisamos dar ouvidos à palavra de Paulo - "tomai-vos misericordiosos"!

Depois o apóstolo vai adiante e diz, *perdoandol* - o oposto da malícia. "Perdoando-vos uns aos outros", diz ele. Significa que devemos aperceber-nos de que os homens e as mulheres são o que são por causa do pecado. Paulo não fala como muitos tolos que entendem mal o cristianismo estão falando hoje, que se recusam a ver nenhum mal nas pessoas. Isso não é cristianismo; é fingimento. O cristianismo é sempre realista. Certas pessoas lhes fizeram mal, diz Paulo. Perdoem-nas! Ele não diz: finjam que elas não fizeram nada; isso não é perdão. Perdão é perceber todo o mal que elas fizeram, e então perdoá-las. Também significa esquecer, e nós devemos perdoar e esquecer prontamente e livramente. E é somente o cristão que pode fazer isso, pois ele se tomou capaz de olhar agora o ofensor com outros olhos. Antes ele o via como alguém que lhe estava causando dano; agora o vê como uma vítima do pecado, como um reles e ingênuo instrumento do diabo; e diz: sim, é o que ele é, e o que eu era, e ainda há em mim restos e resíduos disso; quem sou eu para dizer que não vou perdoar esse homem? Ele raciocina em termos da sua doutrina e da sua teologia, e começa a condoer-se pelo homem. O resultado é que o perdoa. O fato é que o seu coração já amoleceu para com ele, o seu modo de ver já é benigno e, inevitavelmente, o resultado é que ele o perdoa.

Partamos agora para a última divisão, que nos dá a razão pela qual devemos fazer isso, ou como devemos fazê-lo, o grande motivo para isso tudo. Ouçam o apóstolo: "Sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo". Notem este *como também.* Quer dizer que se você perdoar e for benigno e misericordioso para com os outros, você se tomará como Deus. O nosso Senhor colocou o mesmo ensino com as seguintes palavras: "Amai, pois, a vossos inimigos, e fazei bem, e emprestai, sem nada esperardes, e será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo; porque ele

é benigno até para com os ingratos e maus" (Lucas 6:35). Sejam benignos, diz Paulo, tomem-se

benignos, e quando vocês se tornarem benignos se tomarão semelhantes a Deus, pois Deus "é benigno até para com os ingratos e maus". Porventura não queremos ser como Deus? Essa é a exortação! Leiam o Salmo 103, vejam o mesmo ensino ali: "O que perdoa todas as tuas iniqüidades, que sara todas as tuas enfermidades". Leiam esse salmo e tomem-se semelhantes ao que ele diz. Mas não precisamos voltar para tão longe, pois o próprio apóstolo disse tudo a respeito nesta Epístola. No capítula 2 lemos: "Mas Deus" - que é tão diferente do homem por natureza e do homem em pecado - "que é riquíssimo em misericórdia, pelo seu muito amor com que nos amou . . . e nos ressuscitou juntamente... em Cristo Jesus, para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça pela sua *benignidade* para conosco ... ". Assim é que, quanto o apóstolo nos exorta a nos tomarmos benignos, ele nos está exortando a nos tornarmos filhos de nosso Pai que está no céu, a nos tornarmos filhos do Supremo, a sermos perfeitos como Deus é perfeito.

No entanto, um segundo argumento é utilizado pelo apóstolo. Ele nos diz que perdoemos dessa maneira porque Deus nos perdoou. Notem que ele não diz: perdoem uns aos outros porque Deus *vai perdoarv* ocês. Absolutamente não! Ele diz: "como também Deus vos *perdoou* em Cristo". Já aconteceu. Isto é sumamente importante, pois as únicas pessoas que podem levar a cabo essa exortação do apóstolo são as que sabem que Deus as perdoou. Ninguém mais! Mas as que sabem que Ele fez isso, perdoarão as outras. Portanto, a questão vital é: você sabe que os seus pecados foram perdoados? Como posso saber, dirá alguém, que os meus pecados estão perdoados? Ofereço-lhe um teste muito bom. Se você quer saber se os seus pecados estão perdoados ou não, eis o meu teste: você está perdoando os outros? Você está pronto a perdoar os que o prejudicaram e pecaram contra você? Ou veja a coisa doutra maneira: este argumento do apóstolo chama a sua atenção? Quando eu leio as palavras, "Sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo", você sente abrandarem os seus sentimentos? Sente-se enternecer? Está pronto a perdoar neste momento? Se está, não hesito em dizer que você é cristão. Contudo, se ainda se inflama o seu amargor, e se, a despeito daquelas gloriosas palavras, você está dizendo: "Mas, afinal de contas, não fiz nada e não mereço esse tratamento", melhor seria você voltar a examinar os seus fundamentos. Acho muito dificil ver como tal pessoa pode ser cristã afinal.

Este é o argumento do Senhor numa parábola que se acha no capítulo 18 do Evangelho Segundo Mateus. Fiz referência a ela num

capítulo anterior. Um servo devia ao seu senhor dez mil talentos; não podia pagar, pediu tempo, e o seu senhor disse: muito bem, meu amigo, dou-lhe tempo. Mas

quando ele saiu, encontrou-se com um servo que lhe devia alguns centavos, mera fração do que ele mesmo devia; ele pegou o outro pela garganta e lhe disse: pague-me o que me deve! Tenha misericórdia, tenha compaixão, dê-me algum tempo e lhe pagarei, replicou o outro. Nem um pouco, disse ele, você me deve isso, e tem que me pagar imediatamente. Qual foi o comentário do nosso Senhor sobre esse comportamento? Disse Ele: se vocês se portarem dessa maneira, não terão direito de pensar que Deus os perdoou. O ensino dessa parábola não é que Deus nos perdoa porque nós perdoa-mosprimeiro. Issoéumainversão. Entretanto, o ensino édefinidamente que o homem que compreende o que é perdão, perdoa! O homem que se dá conta da misericórdia, da benignidade e da compaixão que cancelaram o seu grande débito, diz: "Não posso recusar". O seu coração amoleceu, ele tem sentimento de compaixão. "Como também Deus vos *perdoou"* \ Ele o fez por você? Então, o que Deus fez por você, você não deve recusar a outrem.

Em último lugar, considerem o *modo* como Deus o fez. Em Cristo! Essa é a única maneira pela qual mesmo Deus pode perdoar. Ninguém me venha dizer que confia somente no amor de Deus para o perdão dos seus pecados. Deus perdoa os pecados em Cristo, por amor a Cristo. Ele perdoa os pecados apesar de nós; não é por causa de alguma bondade acaso existente em nós, ou de alguma coisa que fizemos ou que faremos algum dia, que Deus nos perdoa. "Porque$_y$Cristo, estando nós ainda fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios." É por pecadores que Cristo morreu; "sendo (nós) inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho" (Romanos 5:8,10). Somos perdoados apesar de nós mesmos, não por causa de algum mérito ou de alguma bondade existente em nos. Deus o fez inteiramente por Sua livre graça; vem tudo de Deus; tudo por Sua graça; é pura dádiva; éramos inimigos, sem forças, ímpios, vis e pecadores. Mas Deus nos perdoou gratuitamente. E eu a vocês devemos fazer o mesmo, perdoando outros que são vis, ímpios, inimigos e odiosos.

Acima de tudo, lembrem-se de como Ele o fez. "Como também Deus vos perdoou *em Cristo"* Deus, que não nos devia nada, por Sua benignidade, Sua misericórdia, Seu amor, Sua graça, Sua bondade, Sua compaixão, não somente enviou Seu Filho unigênito, Seu Filho amado a este mundo de pecado e vergonha, porém até O enviou à cruz do Calvário, para que pudéssemos ser perdoados. "O Senhor fez cair sobre ele a iniqüidade de nós todos" (Isaías 53:6). Ele tomou os nossos

pecados e os colocou sobre o Seu Filho e os castigou nEle, para que pudéssemos ser perdoados. Foi assim que Deus perdoou você; Ele suportou o sofrimento em Seu próprio Filho. Se Ele fez isso por nós, temos nós alguma possibilidade de negar perdão a outros? É inconcebível. Se você quer saber se você é cristão ou não, aqui está o teste: quando eu torno a lembrar a você como Deus o perdoou em Cristo, e por Sua morte e por Seu sangue derramado na cruz, e Seu sepultamento no sepulcro, pergunto-lhe: o seu coração se enternece? Neste momento você está com malícia com relação a alguma pessoa? Você pode recusar perdão a outros, mesmo que o

tenham ferido nas profundezas do seu ser? Você está pronto agora a perdoá-lo? Se está, acredite-me, você é cristão. Estou certo disso. Em nome de Deus eu lhe digo que os seus pecados estão perdoados; eu o solto dos seus pecados. Todavia, se você continua duro e incapaz de perdoar, nada mais tenho para dizer-lhe, exceto isto: enquanto você permanecer desse jeito, eu não tenho prova, e você não tem prova, de que você foi perdoado. O homem que conhece o perdão tem coração quebrantado; compreende que é um ser vil a quem Deus não deve nada, mas em favor de quem Deus enviou Seu Filho único, e o Filho levou sobre Si todo o seu pecado e iniqüidade, e a salvação lhe foi dada como uma livre dádiva, inteiramente, completamente e unicamente em Cristo.

“Tornai-vos benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo.”

“IMITADORES DE DEUS”

“Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. ”

- Efésios 5:1 e 2

Aqui, neste novo capítulo, chegamos ao que talvez seja o supremo argumento de Paulo, ao mais alto nível da doutrina e da prática, ao ideal culminante. Nâo há possibilidade de mais nada além disso. Esta é a suprema declaração da doutrina que se pode conceber ou sequer imaginar. É realmente desnorteante, é quase incrível; mas aí está. “Sede imitadores de Deus”! Seria muito interessante, do mero ponto de vista da mecânica, saber se esta injunção pertence à seção anterior da Epístola ou à que se lhe segue. Francamente, não posso determinar a minha opinião, realmente acredito que pertence a ambas. Isto é em parte sugerido, penso eu, pelo que Paulo diz no fim do capítulo 4: “Sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo. Sede pois imitadores de Deus”. E, contudo, os bons homens que dividiram esta carta em capítulos terminaram o capítulo 4 e começaram esta nova seção no capítulo 5, e eu acredito que também se pode dizer muito a favor disso; pois me parece que aqui Paulo está firmando o que, afinal de contas, é um princípio que governa tudo; ele está ajuntando a sua mensagem, por assim dizer; e depois passa a fazer as suas deduções práticas, nos versículos 3 a 5. Mas o ponto é que o apóstolo aqui nos está fazendo lembrar algo que nunca devemos esquecer em toda a nossa vida, em todo o nosso pensar, em toda a nossa conduta, prática e comportamento! “Sede imitadores de Deus, como filhos amados”! Agora, pois, que é que isto significa?

Bem, primeiramente vocês notam que de novo ele nos está apresentando um princípio de doutrina. Nesta parte sumamente prática, na qual ele está tratando das coisas mais comuns da vida, subitamente ele nos apresenta isso. É por isso que estas Epístolas são tão românticas, se as estudamos corretamente. Talvez você diga a si próprio: ah, bem, terminei minha doutrina no fim do capítulo 3, posso ir adiante com outra coisa! Entretanto não pode! Você não terminou sua doutrina.

Paulo não pode falar sobre coisa alguma, a não ser em termos da verdade, e assim, subitamente, como vocês vêem, quando ele está tratando das coisas mais práticas da vida, repentinamente nos lança isto, e nos vemos diante da declaração mais estoneante e espantosa que jamais poderíamos encarar. Que declaração? Vejamo-la.

“Sede pois imitadores de Deus.” Esta tradução é melhor que a da *Versão Autorizada,* que diz, “seguidores”. O apóstolo diz realmente “Sed*eimitatores* de Deus”; na verdade, “Sed*tremedadores* (mímicos) de Deus”. A nossa palavra *mímico*

vem da que o apóstolo empregou. [1] Devemos remedar a Deus, devemos imitar a Deus. É possível isso? Não seria um exagero grosseiro? Acaso o apóstolo não se precipitou, permitindo que a sua eloqüência o ofuscasse? Estaria ele pedindo seriamente a homens e mulheres como nós, que vivem num mundo como este, cercado de tentações, acossados pelo diabo, com o pecado, o mal e a indignidade dentro de nós, que sejam "imitadores de Deus"? Seria possível? Uma pergunta como essa precisa ter resposta, e sugiro que a abordemos desta maneira: temos que olhar para Deus e considerar o Seu ser e a Sua natureza. Se devemos imitar a Deus, precisamos saber algo sobre Ele. E, graças a Deus, aprouve a Ele graciosamente revelar-Se a nós. Ele o faz em Sua Palavra. Vemos essa revelação no Senhor Jesus Cristo. E, portanto, temos direito de dizer que há certos atributos de Deus que podem ser divididos em dois grupos. Há atributos de Deus que não são comunicáveis, certas coisas são pertencentes a Deus, próprias unicamente dEle, e nesses aspectos não podemos imitá-10. Por exemplo, a Sua glória! Não podemos imitar a glória de Deus! A Sua eternidade! Ele é de eternidade a eternidade; ésempitemo. Esse é um atributo de Deus. Não podemos imitá-lo. A Sua majestade! Quem seria tão louco de tentar imitar a majestade de Deus?! Acrescentem a esses atributos a Sua onipotência, a Sua onipresença, a Sua onisciência. São atributos de Deus, sim, porém são incomunicáveis, só pertencem a Deus, e eles fazem de Deus Deus. Estão em Deus porque Ele é Deus, e nós nunca somos chamados para imitar de algum modo os atributos incomunicáveis!

Mas há outros atributos de Deus que *são* comunicáveis. São comunicáveis porque são de natureza moral. São esses que devemos entender, se de fato havemos de seguir o nosso texto. Quais são? Santidade! "Sede santos", diz Deus, *"porque* eu sou santo." É algo comunicável, e algo que devo imitar. Como Deus é santo, eu devo ser santo. Justiça! Deus é justo - e os cristãos devem ser justos. Sua justiça! Sua bondade! Seu amor! Sua misericórdia! Sua compaixão!

Sua ternura! Sua paciência! Seu carinho! Sua fidelidade! Sua clemência! Todos estes atributos de Deus são comunicáveis, e se espera de nós que os manifestemos, que os tenhamos, que os mostremos; eles devem ser partes integrantes da nossa vida e do nosso modo de viver.

"Sede pois imitadores de Deus", diz o apóstolo. Tornai-vos imitadores, mímicos de Deus. Com relação a quê? Com relação a estes atributos comunicáveis! Não devemos ser apenas boas pessoas, devemos ser imitadores de Deus! "Sede imitadores de Deus"! Eis aí o apelo; e só compreendemos a sua grandeza, o seu valor e o seu caráter estonteante quando compreendemos o ensino bíblico acerca do ser e da natureza de Deus, e esses dois tipos de atributos.

No entanto, *por que* devemos ser imitadores de Deus? Por que devemos ser, nestes aspectos, *como Deus* em nossa vida diária? Primeiramente e acima de tudo porque

somos filhos de Deus. “Sede pois imitadores... como filhos amados.” Mais uma vez entramos aqui numa esfera completamente diferente da que o mundo conhece, e de novo o argumento me compele a repetir o que salientei muitas vezes; refiro-me à diferença essencial entre o cristianismo e a mera moralidade. Algumas das pessoas não cristãs do mundo atual são homens e mulheres cujas vidas são retas e de bom nível moral, estão satisfeitas consigo mesmas e pensam que isso é o máximo. O que digo é que isso é o oposto do cristianismo, é bondade pela bondade. São pessoas muito boas, eu sei, mas o ensino do apóstolo é uma coisa acerca da qual eles não sabem nada. É porque somos filhos de Deus que devemos abster-nos de algumas coisas e fazer outras. O apóstolo, é óbvio, já nos estivera lembrando isso; não se trata de uma idéia nova que ele introduz aqui de repente. Nós o vimos logo no início da Epístola. “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todos as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor; e nos predestinou” - para quê? - *“paia. filhos de adoção* por Jesus Cristo, para si mesmo, segundo o beneplácito de sua vontade”. Isso ecoa no capítulo dois, onde lemos: “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e da família de Deus” - filhos de Deus, adotados como membros da casa e da família de Deus, pertencentes a Deus, parentes de Deus!

Se não entendemos isso, estamos perdendo toda a perspectiva da mensagem cristã, e jamais entenderemos este apelo que visa à conduta e ao comportamento. Como cristãos, não somos apenas crentes;

somos crentes; não se pode ser cristão sem crer; porém o cristão não é alguém que meramente creu num certo corpo de doutrina. Tampouco, na qualidade de cristãos, estamos meramente perdoados. *Estamos* perdoados, graças a Deus; não haveria esperança para nós, se não estivéssemos. Mas o cristianismo é mais do que o perdão. Nem ainda ser cristão detém-se no novo nascimento, por mais glorioso que isso seja. Temos de ir além disso, pois, que é que significa o nosso novo nascimento? É novo nascimento segundo o modelo e a imagem do Senhor Jesus Cristo. Já estivemos examinando isso neste capítulo 4: “E vos revistais do novo homem”, diz Paulo, “que *segundo Deus* é criado na justiça e na santidade da verdade”. O cristão é filho de Deus. Foi adotado como membro da família de Deus. É participante da natureza divina. Nasceu de cima, nasceu do Espírito! E, naturalmente, o problema daqueles que se opõem a viver a vida cristã é que eles não podem conceber uma bênção como essa; jamais a viram, não têm o mínimo conhecimento dela, pensam no cristianismo como um código moral que lhes é imposto, e não gostam disso. Pobres sujeitos! Simplesmente ignoram o que é o cristianismo! Aqui nos é dada a razão pela qual viver a vida cristã. Devemos ser imitadores de Deus porque somos filhos de Deus! Povo de Deus! É isso que o cristianismo significa.

Todavia não somos somente Seus filhos, somos Seus filhos *queridos* (VA) ou - numa tradução melhor - filhos amados (Almeida). O apóstolo assegura que somos filhos de Deus não somente no sentido de que estamos nessa relação legal de fato; somos filhos amados, Ele mostrou Seu amor para conosco e continua a mostrá-lo a nós. Ele mostra o cuidado que tem por nós, Sua solicitude por nós. Você sabe que, se você é um cristão verdadeiro, você é precioso a Deus? Eu tenho a autoridade do Senhor Jesus Cristo para dizer isso. Os próprios cabelos das nossas cabecas estão todos contados! Deus conhece os Seus filhos um por um, tem interesse por nós; a analogia é humana, mas podemos multiplicá-la por um valor infinito. O interesse e o cuidado de Deus por Seus filhos é infinitamente maior do que o maior e mais nobre interesse de um pai (ou mãe) humano por seu filho. Deus interessa-Se amorosamente por nós. Ele vigia como o pai humano vigia o seu filho pequeno quando dá os seus primeiros passos, ou quando vai à escola pela primeira vez. Ele fica à porta e observa o filho até virar a esquina e sair do seu campo visual; essa é uma expressão de interesse amoroso. Não é uma reação mecânica; os filhos são queridos, os filhos são amados! E, diz Paulo, essa é a relação de Deus conosco; do alto Ele olha por nós, e Ele nos ama; Ele Se interessa por nós,somos caros ao Seu coração, Ele tem um intenso interesse pessoal por nós.

Qual deverá ser, pois, a nossa resposta ao amor de Deus? Inevitavelmente, se eu creio e capto algo desta verdade, o maior desejo deve ser o de mostrar o meu amor por Ele, e agradá-10 em tudo. Nada causa a Deus maior alegria - digo-o com a autoridade que o meu texto me confere, bem como todos os textos paralelos das Escrituras - nada causa a Deus maior alegria do que ver os Seus filhos vivendo de maneira digna dEle. Se somos filhos dignos deste nome, o nosso supremo desejo na vida deve ser o de agradá-lO e dar-Lhe alegria. É--nos dito que há alegria entre os anjos de Deus por um pecador que se arrepende, e que também há alegria no coração de Deus quando os Seus filhos vivem de maneira digna dEle. “Tomai-vos imitadores de Deus, como filhos amados”!

Igualmente, se compreendemos a verdade desta relação, o nosso maior desejo na vida será ser como Ele. Observem um rapazinho que ama seu pai e que sabe que o seu pai o ama; o seu grande desejo é ser como o seu pai; gosta de sentar-se na cadeira do seu pai; gosta de ocupar o lugar do seu pai; tenta andar como o seu pai; tenta falar como o seu pai! Imita o seu pai o tempo todo! É a natureza humana, não é? É o amor comum em sua melhor expressão. Torno a dizer, purifique isso, multiplique-o pela infinidade, e você descorbirá o que o apóstolo nos está dizendo que façamos. “Tomai-vos imitadores de Deus” - por quê? - porque Ele é vosso Pai!

E a seguir, outra dedução. A honra da família está em nossas mãos! Isso é sempre uma verdade a nosso respeito, como filhos numa família. Somos representantes da família, e quando as pessoas nos vêem não nos julgam somente a nós, julgam as nossas famílias. Épor isso que temos tanto cuidado de dizer aos nossos filhos que se

portem bem quando vão a uma festa. Sabemos que não são os filhos que serão criticados, porém os pais. O filho é representante da família e, portanto, não deve pensar tanto em si, antes, muito mais em sua família. "Nenhum de nós vive para si", diz Paulo aos crentes romanos, "e nenhum morre para si" (14:7). Todo homem tem que ver com o seu Senhor. E nós, se somos cristãos, não podemos descartar-nos da nossa relação com Deus. Não podemos dizer: quero ser salvo, não quero ir para o inferno, quero ser perdoado, todavia não quero essa vida cristã; quero uns tempos de bom lazer em tal e tal lugar, quero participar disto e daquilo. Mas você não argumenta assim, se é cristão; se você é filho de Deus, é membro da família, e o que lhe importa é a honra da família, não o que *você* quer e o que lhe agrada. Estas coisas operam como princípios nas relações humanas; quanto mais aqui - "Tomai-vos imitadores de Deus"!

Seguramente, o privilégio de pertencer a tal família, mesmo

enquanto ainda estamos neste mundo como ele é, perto de nós e ao nosso redor, com todo o seu pecado e vergonha, confusão e agonia, deveria comover-nos e entusiasmar-nos. Haveria maior privilégio que o de ser cristão? Poderiam vocês mencionar alguma coisa deste mundo que seja comparável ao fato de que somos filhos *de Deus,* que pertencemos ao Seu parentesco, à família d*eDeusl* Não nos sentimos em casa neste mundo; a nossa cidadania está no céu; somos de lá; Deus nos deixa neste mundo por algum tempo, e o mundo é antagônico, odioso e pecaminoso. Mas nós fomos chamados das trevas do mundo, fomos tirados do reino de satanás, transferidos para o reino do amado Filho de Deus, adotados como membros da família celestial e introduzidos na realeza deste lar. Haveria neste mundo honra que se compare a isso?

Se você se der conta da honra, terá cuidado com o seu comportamento. Quando andar pela rua, dirá a si mesmo: sou filho de Deus, pertenço à família do Rei celestial, e as pessoas me olham e me vigiam, e estão perfeitamente certas em fazê-lo; elas estarão julgando Deus, estarão julgando Cristo pelo que vêem em mim. Por isso, diz Paulo, "Sede imitadores de Deus"; ande pela rua, se me posso expressar assim, como representante de Deus. Viva de tal maneira que todos os que o conhecem sejam levados a pensar em Deus porque você é filho de Deus. O nosso Senhor o expressa claramente: "Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; nisto *todos conhecerão que sois meus discípulos*" (João 15:34-35). Olhando para vocês e vendo vocês amando-se uns aos outros, deles dirão: que é isso? Nunca vimos nada parecido antes: isso não pode acontecer entre pessoas comuns. E serão levados à única explicação adequada: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos". Ou ainda, como o nosso Senhor o coloca no Sermão do Monte: "Resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso pai, que está nos céus". Noutras palavras, a conduta do cristão faz os homens pensarem no Pai celestial do cristão; eles não podem ver um filho em seu andar e em

seu comportamento, sem pensarem no Pai. “Tomai-vos imitadores de Deus, como filhos amados”!

Uma pergunta final - como havemos de imitar a Deus? O apóstolo nos dá a resposta. Ele nos diz que devemos fazê-lo andando em amor - “e andai em amor”! O que ele quer dizer é que a nossa conduta e a nossa conversação devem ser efetuadas nos domínios e na esfera do amor, pois Deus é amor. Ele já fizera uma alusão a isso no último versículo do capítulo anterior: “Sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus

vos perdoou em Cristo”. E como o próprio Senhor nosso disse no Sermão do Monte: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus” (Mateus 5:48). Diz Ele que devemos viver dessa maneira “para que sejais filhos do vosso Pai que está nos céus”. E como Ele Se comporta? Ele “faz que o seu sol se levante sobre maus e bons, e a chuva desça sobre justos e injustos”. É assim que Ele Se comporta! Ele não limita as Suas bênçãos aos bons e aos justos. Nada disso! Ele as dá também aos maus e aos injustos. Que devo fazer então? O nosso Senhor dá a resposta: “Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem”. Noutras palavras, devemos aplicar aos outros o que Deus nos fez. Mesmo que sejam nossos inimigos e nos tratem de maneira cruel e injustificável, devemos tratá-los como Deus trata os Seus inimigos, os injustos, os vis e os maus. Como filhos amados, somos chamados para imitar a Deus, e isto significa que não viveremos um tipo comum de vida. A nossa vida será absolutamente diferente.

“Pois”, diz o nosso Senhor, “se amardes os que vos amam, que galardão havereis? Não fazem os publicanos também o mesmo?” Os publicanos amam os que os amam; não há nada de inteligente ou de extraordinário nisso. E depois Ele diz: “E, se saudardes unicamente os vossos *irmãos* que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim?” Não há maravilha nenhuma nisso! Não passa de moralidade do mundo. “Que fazeis de mais?” diz o nosso Senhor; o que de fato significa: “Que é que há de especial nisso?” A nossa vida, vocês vêem, deve ser muito especial. Você não pode ser filho de Deus sem ser uma pessoa muito especial! Não há nada de ordinário no cristão; ele é extra-ordinário, em cada detalhe e aspecto, porque ele é filho de Deus e faz coisas que ninguém que não o seja pode fazer - os “publicanos” não podem, os não cristãos não podem, só ele pode! Toda a nossa vida deve ser especial, porque somos filhos de Deus.

E assim fazemos a colocação final: “Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus”. Ah, você dirá, mas Ele está no céu, e eu estou na terra; pode-se fazer isso na terra? Sim, pode, diz Paulo; “andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave”. Examinaremos isso mais detalhadamente mais tarde. É uma

das declarações mais gloriosas da Bíblia. Contudo aí está, caso alguém pense: ah, tudo isso está certo; muito bem que se diga; “Sede perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus”, mas eu estou andando nas ruas deste mundo pecaminoso. Tudo bem, você tem um Irmão que já esteve nele, e Ele andou pelas ruas deste mundo, e eis como Ele

andou-emamor! Ele *Seentregou* por nós, em oferta e sacrifício. Deu a Sua vida, o Seu corpo para ser partido, o Seu sangue para ser derramado por Seus inimigos, por vis pecadores. Esse sacrifício subiu para Deus como cheiro suave. E quando eu e você imitarmos a Deus e imitarmos o Senhor Jesus Cristo, que é o primogênito entre muitos irmãos, as nossas vidas e as nossas atividades subirão à presença de Deus como cheiro suave; Deus gostará, Seu coração paternal se dlilatará de amor e de satisfação quando Ele vir os Seus filhos imitá--10 aos olhos dos homens.

Portanto, “sede, tornai-vos imitadores de Deus, como filhos amados”.

1

Grego, *mimeíai,* mímicos, imitadores. Nota do tradutor.

A OBRA EXPIATÓRIA DE CRISTO

"E andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. "

- Efésios 5:2

Nos versículos 1 e 2 deste capítulo o apóstolo está fazendo o mais elevado apelo aos cristãos que se pode conceber, com vistas a uma conduta e a um comportamento dignos da sua alta vocação em Cristo Jesus. Depois de concitá-los a tornar-se imitadores de Deus como filhos amados, a seguir ele diz: "Andai em amor, como também Cristo vos amou". Noutras palavras, o apóstolo nos ensina que a totalidade da nossa vida cristã deve ser ordenada na esfera do amor. Esta é a prova final da nossa profissão de fé cristã. Todas as nossas profissões, pretensões e atividades devem ser medidas pelo metro do amor. "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivessse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine." Ainda que eu tenha um magnífico entendimento e um esclarecido conhecimento de doutrina, e tanta fé que possa remover montanhas, e não tiver amor, isso de nada me valerá. Ainda que eu entregue o meu corpo para ser queimado - não somente que eu seja muito ativo na igreja ou muito religioso ou dedicado à obra cristã, mas que até entregue o meu corpo para ser queimado - e não tiver amor, não haverá nada nisso, não terá valor nenhum. O amor é o teste; tudo na vida cristã destina-se a trazermos a esta condição. Como filhos de Deus, devemos ser semelhantes a Deus. Deus é amor. Portanto, a maior característica das nossas vidas, como o apóstolo o expressa, deve ser o amor! Andar em amor! O apóstolo está muito desejoso de que saibamos o que isso quer dizer; já no-lo tinha dito em parte, em termos do que Deus fez por nós, no fim do capítulo 4, onde ele diz: "Sede uns para com os outros benignos, misericordiosos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus vos perdoou em Cristo". E aqui ele prossegue para mostrar que a mais elevada manifestação do amor de Deus é a que vemos em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo e em Sua obra em nosso favor. "Andai em amor", diz ele, "como também Cristo vos amou." E depois ele vai adiante para mostrar-nos como o nosso Senhor demonstrou esse amor por nós.

Pois bem, mais uma vez não posso continuar sem me desviar para assinalar que aqui somos confrontados por uma destas coisas presentes no estilo e nas características deste grande homem de Deus como escritor. Aqui, nesta parte sumamente prática da sua Epístola, quando ele está falando do nosso comportamento para com os outros, do nosso falar, da nossa conduta, até aos mínimos detalhes, de repente, no meio disso tudo, ele introduz esta tremenda declaração da doutrina da expiação. Ele não pode deixar de mencioná-la porque, na vida cristã, a doutrina e a conduta estão interligadas indissoluvelmente, e não devemos separá-las nunca. De nada vale falar de conduta e comportamento no sentido cristão, sem doutrina. E quando as

pessoas negligenciam a doutrina, sempre se nota isso em suas vidas. Mas, por outro lado, a doutrina, só, não tem valor. As duas coisas devem andar juntas, e andam. E aqui, vocês vêem, de repente, como digo, inespe-radamente, no meio desta seção muito prática, ele põe diante de nós uma das suas maiores e mais vigorosas declarações da doutrina da expiação. Não sei o que vocês acham, porém eu sempre achei que não há nada mais animador do que ler as Epístolas deste homem. Nunca se sabe o que vem; e se vocês ainda julgarem que, quando terminaram os três primeiros capítulos da Epístola aos Efésios, terminou a doutrina, verão que estão cometendo um grande engano. De repente lá vem ela quando menos se espera, não importa onde ele está e com que está lidando - estas grandes verdades centrais, sempre estão em sua mente e no seu coração, e subitamente ele as atira, sem nenhum aviso.

Aqui, pois, parece-me, o apóstolo nos diz duas coisas importantes, e devemos examiná-las. Primeiro, é claro, ele nos oferece esta declaração objetiva da doutrina da expiação, claramente definida e exposta. Depois, em segundo lugar, ele nos mostra como essa doutrina pode influenciar-nos e vir a constituir o nosso exemplo como cristãos. As duas coisas estão aí. A seguir, à medida que as examinarmos, é óbvio que convém que tenhamos certos pontos em mente. Eis a primeira coisa.

As Escrituras nunca se satisfazem com uma simples afirmação geral acerca do amor de Deus. De fato me parece que, no geral, a dificuldade fundamental da Igreja Cristã hoje é que o amor de Deus é entendido e concebido em termos puramente gerais; o amor de Deus está sendo posto *contra* as doutrinas, e é por isso que não está sendo compreendido nem apreciado como devia. A Bíblia nunca deixa o amor de Deus como algo vago e geral. Às vezes dizem: naturalmente, não estou interessado nas doutrinas e na teologia, estou interessado no amor, e o que queremos conseguir é que todos se amem uns aos outros, e devemos manifestar este amor. Mas não dizem a vocês o que é o

amor; não entendem o amor de Deus, não sabem o que ele significa; tudo o que eles têm é uma noção doentia, sentimental do amor de Deus; porém a Bíblia nunca se detém aí; ela nos conhece tão bem, ela sabe que precisa definir exatamente os seus termos. Temos que saber o que é este amor, e por isso Paulo nos oferece esta exposição doutrinária a respeito.

E o segundo ponto é que a nossa conduta, como digo, é sempre determinada por nossa doutrina. "Como o homem pensa, assim ele é" (Provérbios 23:7, VA). Isso é verdade em todas as esferas. Pela nossa conduta e pelo nosso comportamento, todos nós proclamamos os nossos conceitos, a nossa filosofia de vida. É inevitável. O nosso comportamento é determinado pelo nosso pensamento; mesmo se houver falta de pensamento, isso aparece em nossa conduta. "Como o homem pensa, assim ele é." Muito bem, como o cristão pensa, e ele pensa em termos das suas doutrinas, assim

ele se comporta. Inevitavelmente, a nossa conduta é determinada pela nossa doutrina.

Antes de examinarmos o cenário doutrinário da declaração do apóstolo, e depois a sua aplicação prática, gostaria de lembrar-lhes que a nosssa compreensão do amor de Deus e do amor do Senhor Jesus Cristo deve ser avaliada pela medida em que manifestamos este amor em nossa vidas. Isaac Watts está perfeitamente certo quando diz: "Amor tão admirável, tão divino, exige" - *exige*! Alguns pensam que são ultra-piedosos por mudarem *exige* para *terá.* Entretanto é um erro total. Se você acha que chegou ao fim das exigências, não entendeu nada; elas não têm fim. "Amor tão admirável, tão divino *exige"* - e continua exigindo; Isaac Watts estava certo - *"exige* a minha alma, a minha vida, tudo de mim". Você prova que Ele o terá em sua conduta, não como você canta, mas como você se porta em seu lar, na tribuna, na loja e na profissão. E muito mais fácil cantar o amor do que praticá-lo, porém é unicamente a prática que prova que você realmente o tem.

Passemos agora à declaração da doutrina. Notem bem os termos que de fato o apóstolo emprega. "Andai em amor", diz ele, "como também Cristo nos amou" (VA). A primeira coisa que consideraremos é que Cristo nos amou. O apóstolo está dizendo que toda a atividade do nosso Senhor foi motivada e determinada única e inteiramente por Seu amor. Ele não diz que a medida do Seu amor é que Ele ama o Seu Pai celestial. A medida do amor de Cristo é que Ele *nos* amou! Você jamais conhecerá verdadeiramente o amor de Cristo, enquanto não tiver captado a doutrina cristã do pecado, enquanto não compreender a verdade sobre *você mesmo.* Se você se acha uma pessoa muito boa, que tem levado uma vida virtuosa, tem feito o bem a muitos e que

nunca fez mal a ninguém, ora, naturalmente, seria estranho se Ele não o amasse, não seria? E isso não lhe diz muito acerca do amor de Cristo. Mas quando você se dá conta de que a verdade sobre nós é o que Paulo nos diz no capítulo cinco da Epístola aos Romanos, então você começa a ver algo do amor de Deus. Que é que nós somos? Não somos somente fracos, somos ímpios, somos pecadores, somos inimigos de Deus, somos vis. "Em mim", diz também Paulo, "isto é, na minha carne, não habita bem algum" (Romanos 7:18). Contudo "Cristo *nos* amou"! Aí está a medida! Não podemos ter um verdadeiro conceito sobre o amor do Senhor Jesus Cristo sem o pleno ensino do evangelho. É inútil falar vagamente sobre o amor. É preciso ter algum padrão pelo qual avaliá-lo. E esta declaração apostólica nos dá esse padrão: "Ele *nos* amou". Inteiramente do Seu amor Ele nos amou. Não havia nada em nós que nos recomendasse a Ele, nada que extraísse o Seu amor, nada que o atraísse. Feios, vis, sórdidos - são os termos utilizados; "odiosos, odiando-nos uns aos outros", diz Paulo aTito (3:3); é o que nós éramos. E é só na media em que compreendemos quão horríveis criaturas nós somos por natureza e em conseqüência do pecado, e em conseqüência da herança que recebemos de Adão, que começamos a entender o significado do amor de Deus e do amor do Senhor Jesus Cristo.

"Ele *nos* amou"! No capítulo anterior Paulo nos estivera descrevendo em nosso estado não regenerado - gentios que andavam "na vaidade do seu sentido, entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles, pela dureza do seu coração; os quais, havendo perdido todo o sentimento, se entregaram à dissolução, para com avidez cometerem toda a impureza". Foi esse tipo de gente que Ele amou - Ele *nos* amou! Essa é a primeira declaração.

E a que vem em seguida é: "nos amou, e se deu por nós" (VA). Uma tradução melhor seria: "Ele se *entregou*" (assim Almeida). Ele não apenas deixa que as coisas aconteçam com Ele. "El*ese entregou."* Ele teve parte ativa nessa obra. Evidentemente, o apóstolo está desejoso de que se dê ênfase a isso. Ele dá ênfase igualmente ao fato de que Cristo não entrega meramente as Suas *posses*. É certo que Ele entregou muitas posses, como nos é dito, por exemplo, na exposição que o apóstolo faz desta mesma frase no capítulo dois da Epístola aos Filipenses: "que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação o ser igual a Deus"; o que realmente significa, "não considerou como um prêmio a que apegar-se, a que agarrar-se". Ele não Se apegou às Suas prerrogativas, às prerrogativas da Sua deidade eterna, mas as pôs de lado, esvaziou-Se, despojou-Se destes sinais e insígnias da Sua glória sempitema, e "aniquilou-se a si mesmo". Eis aí um tema do qual

ocupar-nos por toda a eternidade! Ele entregou coisas que possuía, e que possuía por direito! Ele não Se agarrou a este Seu direito, às prerrogativas da Sua deidade com o Pai e a todos os seus sinais e acompanhamentos; não, deliberadamente os colocou de lado. Ou, como se expressa o apóstolo quando escreve a Segunda Epístola aos Coríntios, "sendo rico, por amor de vós se fez pobre".

Nessas declarações há uma indicação das posses que Cristo pôs de lado; Ele desistiu dos Seus bens, colocou-os à margem, por assim dizer, e não somente assumiu a natureza humana, porém também tomou a forma de servo; Ele humilou-Se, não somente para Se tornar homem, mas também para Se tornar servo, operário. Considerem tudo o que estava envolvido nesse "pôr de lado". Todavia, o que o apóstolo assinala não é meramente que Ele entregou todas as coisas, mas que Ele *Se* entregou. A *Si mesmo*\ Sua vida! O Seu próprio Ser! Fez entrega total, como um sacrifício. Não somente as coisas sobre as quais tinha o comando e que Ele podia pôr de 1 ado, porém o Seu próprio Ser! Submeteu-Se; sacrificou-Se completamente, absolutamente! E, como torno a dizer, devemos dar ênfase à participação ativa aqui envolvida, à natureza positiva do que Ele fez. Ele "se entregou *a si mesmo* por nós". No capítulo 10 do Evangelho Segundo João, o nosso Senhor faz esta colocação: "Por isto o Pai me ama, porqueí/ow *a minha vida para tornar a tomá-la.* Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tomar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai". Isso corresponde ao que o apóstolo está dizendo aqui. Soma-se à medida do amor. Não foi

uma submissão passiva. Foi ativa, deliberada e positiva. Quando se avizinhava o fim, Ele disse que *tinha que* ir para Jerusalém; "*Importa* que o Filho do homem seja levantado" (João 3:14). Os discípulos tentaram dissuadi-10, mas Ele disse: não, Eu *tenho que* ir. Quando eles tentaram defendê-lO, até Pedro com uma espada, Ele disse: torne a embainhar a sua espada. Você não sabe que eu poderia dar ordens a doze legiões de anjos e poderia ser levado para o céu sem passar por isto? Para isto vim, é preciso, "a hora chegou"! Devemos dar ênfase à participação ativa, ao caráter deliberado disso tudo. *Ele Se entregou a Si mesmo*

Após isso chegamos a estes dois grandes termos, "em *oferta* e *sacrifício*". Oferta é uma dádiva presenteada, uma coisa oferecida a alguém. E o que o apóstolo diz aqui é que Cristo Se entregou a Si mesmo como uma *oferta* a Deus. No entanto, a palavra *oferta* não é suficiente para comunicar tudo o que o apóstolo quer dizer. É necessário um segundo termo - "*sacrifício"*! Para encontrar o sentido de sacrifício precisamos voltar ao Velho Testamento. O apóstolo era

fariseu, versado nas Escrituras do Velho Testamento; quando pregava, sempre calcava a sua argumentação no Velho Testamento. O Novo Testamento é cumprimento do Velho; o Velho Testamento aponta para o Novo, para o futuro, e o que o Novo Testamento quer dizer com *sacrifício* é o que o Velho Testamento quer dizer com esse termo. O Espírito Santo guiou a Igreja Primitiva, que era principalmente de caráter gentílico, para preservar o Velho Testamento como absolutamente essencial; e o cristão que pensa que pode dispensar o Velho Testamento está simplesmente pondo à mostra a sua ignorância. Vocês não entenderão o Novo Testamento sem o Velho. Vejam uma grande Epístola como Hebreus; vocês não começarão a entendê-la, a menos que conheçam o ensino do Velho Testamento sobre sacrifícios, ofertas, derramamento de sangue, e assim por diante.

O sacrifício era algo que era oferecido por um sacerdote sobre um altar. No livro de Levítico em particular, como também noutros livros, Deus deu instruções completas a Seu servo Moisés sobre como todos aqueles sacrifícios deveriam ser definidos e sobre como deveriam ser apresentados e oferecidos. Deus estava indicando a Moisés, por meio daqueles tipos e símbolos, o único modo pelo qual, finalmente, os homens poderiam ser reconciliados com Ele; apontavam para o futuro, para o Senhor Jesus Cristo, que é *o* sacrifício. Na antiga dispensação, tomava-se um animal, e tinha que ser perfeito. Tinha que estar isento de todo e qualquer defeito. O sumo sacerdote, representando o povo, punha as mãos sobre a cabeça do animal, com isso simbolicamente transferindo para ele os pecados do povo. Então o animal era imolado; sua vida era tirada e o seu sangue era derramado e recolhido numa tigela. Matava-se o animal porque agora ele recebia a punição devida à culpa dos pecados do povo, pecados que foram transferidos ao animal. A seguir, o sumo sacerdote levava o sangue e o apresentava a Deus diante da arca, no santuário que ficava mais para dentro, no interior do templo; ele o aspergia na arca e na frente dela. Depois

o corpo do animal era colocado sobre o altar, no átrio externo do templo, onde o queimavam, e o cheiro subia para a presença de Deus. Tudo isso o termo *sacrifício* significa! E aqui o apóstolo nos está dizendo que foi isso que aconteceu quando o Senhor Jesus Cristo morreu na cruz do Calvário, quando o Seu corpo foi partido e o Seu sangue foi derramado - oferta e sacrifício a Deus!

Mas há mais um termo que requer explicação - "em oferta e sacrifício a Deus, em *cheiro suave",* ou com *"perfume de aroma suave",* Que significa isso? Talvez a maneira mais simples de entendê-lo é ler os dois versículos do capítulo oito do livro de Gênesis, os quais nos dizem que, após o Dilúvio, "Edificou Noé um altar ao

Senhor, e tomou de todo o animal limpo, e de toda a ave limpa, e ofereceu holocaustos sobre o altar. E o Senhor *cheirou o suave cheiro* e disse o Senhor em seu coração: não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem... ". Eis aí este homem que Deus tinha escolhido, este homem que tinha agradado a Deus e que foi salvo com a sua família na arca; ele sai da arca, e uma das primeiras coisas que faz é construir um altar, para demonstrar a Deus a sua gratidão. Ele toma animais limpos e os oferece sobre um altar, e os queima, e o cheiro sobe, e é agradável a Deus.

Isso é um antropomorfismo, é claro, mas nos dá uma idéia do prazer e da satisfação que este sacrifício causou a Deus. Deus é considerado como se fosse homem, e Ele cheira este aroma que sobe da oferta e do sacrifício, e isso Lhe agrada. Foi um aroma suave, foi satisfatório para Deus. Deus gostou, Deus o saboreou. Ele cheirou o aroma suave e então, visto que Lhe agradou, disse em Seu coração: "Não tomarei mais a amaldiçoar a terra por causa do homem". E aqui em Efésios o apóstolo nos está ensinando que a oferta e sacrifício do Filho de Deus na cruz chegou à presença de Deus como algo que Lhe agradou, que O satisfez, algo que Lhe deu alegria e prazer. Sim, mas ainda mais, significa que de fato Deus ficou plenamente satisfeito com o que fora feito. Sua lei fazia certas exigências aos pecadores; e a oferta de Cristo em favor dos pecadores chegou à presença de Deus como um perfume de aroma suave, um cheiro agradável; Deus ficou perfeitamente satisfeito. Disse o nosso Senhor: "Está consumado"; e eu creio que o Pai disse: sim, está consumado, é suficiente, não exijo mais nada. O sacrifício oferecido no Calvário tinha subido à presença de Deus como "um perfume de aroma suave". Deus e a Sua santa lei estão plenamente satisfeitos e contentes, e o homem foi reconciliado com Deus e pode ser perdoado.

Pois bem, eu devo apresentar-lhes mais uma expressão, para que a observem. "Cristo nos amou, e se entregou a se mesmo *por nós,* em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave" - *por nós*\ Que é que significa? Significa, *em substituição a nós, em nosso lugar.* Ora, o termo propriamente dito, a palavra "por", pode ser traduzida desse modo, mas nem sempre - não estou baseando toda a minha doutrina na

palavra*por,* eu a estou baseando na palavrapor, mais o uso do termo *sacrifício* e todo o contexto. E, tomando estes elementos juntos, é certo que aqui *por* significa *em nosso lugar*. É vicário, é substitutivo; a palavra mais o contexto, como digo, toma-o inevitável. Num sentido, a palavra *por é* neutra; sempre temos que interpretá-la à luz do seu contexto próximo, e ao fazê-lo aqui, somos levados à conclusão inevitável de que o Senhor realizou a Sua obra sacrificial em nosso lugar, a nosso favor.

Tendo examinado os termos, estamos habilitados agora a tirar as nossas conclusões. Que foi que aconteceu na cruz? Qual é o significado da morte do Senhor Jesus Cristo? Porventura trata-se apenas de um caso de resistência passiva? *Éisso* que temos ali? Seria o nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo o supremo Pacifista? Trata-se apenas do caso de uma Pessoa bondosa e nobre cujo ensino foi muito bom para a humanidade? Seria Ele uma Pessoa que viveu séculos adiante do Seu tempo, que ensinou esta ética maravilhosa e que a praticou em Sua vida, apesar de mal compreendido e hostilizado? Aí está Ele, com os Seus cruéis inimigos a condená-10 a uma morte injusta; mas, em vez de lutar, em vez de levantar um exército, em vez até de demandar Sua causa no tribunal, Ele simplesmente não faz nada - resistência passiva! Pacifismo! Ele quer vencer pelo amor.

Em vista do que estivemos dizendo, vocês só têm que perceber que essa explicação é impossível! Ele Se entregou. Ele teve parte ativa! Não se trata de uma atitude passiva! Portanto, a morte do nosso Senhor Jesus Cristo não é apenas uma manifestação da crueldade dos homens. Nessa transação não devemos pôr a nossa ênfase nos homens. Pedro, pregando no dia de Pentecoste em Jerusalém, disse que o que tinha acontecido estava "de acordo com o predeterminado conselho e presciência de Deus"! Ele o repete em seu discurso no capítulo quatro do livro de Atos dos Apóstolos, onde ele diz que foi Deus que levou Herodes e Pôncio Pilatos a fazerem o que fizeram com Cristo; Deus já o tinha determinado. Portanto, não olhem para os homens. O nosso Senhor não estava apenas Se submetendo passivamente às ações cruéis dos homens; não foi isso que aconteceu, de modo nenhum! Ele veio *afim de* ir para o Calvário. Ele podia tê-lo evitado, podia ter fugido, mas manifestou no semblante a intrépida resolução de ir para Jerusalém (cf. Lucas 9:51, ARA). Ele podia ter ordenado a mais de doze legiões de anjos que viessem em Seu auxílio, porém não o fez; Ele disse: se Eu fizesse isso, como poderia cumprir toda a justiça? Ali estava o cálice, e Ele viera para bebê-lo. Disse Ele: "Que direi eu? Pai, salva-me desta hora?" Não! "Para isto vim a esta hora" (João 12:27). O tempo todo, o que está sendo salientado é a atividade intensa. Assim é que, quando vemos Sua morte na cruz, não devemos pensar nela como o nosso Senhor meramente suportando o que os homens Lhe fizeram em sua crueldade e perversidade. Nem mesmo o nosso Senhor estava apenas sendo obediente à vontade de Seu Pai, embora esta incluísse sofrimento como esse às mãos dos homens. Em si, isso não era suficiente; isso não é sacrifício, não traz à tona o conteúdo dessa grande palavra com todos os paralelos veterotestamentários.

Digo de novo que o ponto importante é a atividade e o caráter

voluntário do que estava acontecendo. “Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou”, disse o nosso Senhor. Ele Se entregou, Ele Se ofereceu como sacrifício. Ele Se tornou, tomo a dizê-lo, a vítima sobre cuja cabeça foram lançados os nossos pecados. Esse é o simbolismo do Velho Testamento, foi isso que Deus ensinou Moisés a ensinar ao povo. Os pecados têm que ser transferidos para a vítima que está para ser oferecida. E Cristo Jesus Se fez uma vítima por nós. E foi como alguém que Se tomara vítima por nós que Ele foi açoitado, que Ele foi morto, que o Seu sangue foi derramado e que o Seu corpo foi ferido. Como um cordeiro sem mácula se tomava o substituto dos pecados do povo sob a antiga dispensação, assim o Senhor Jesus Cristo Se tomou o nosso substituto. João Batista viu isso logo no início e, apontando para Ele, disse: “Eis o Cordeiro de Deus” - o Cordeiro que o próprio Deus providenciou - “o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”! Sacrifício! Aquele a Quem os pecados e a culpa foram transferidos, e que depois foi ferido e morto! “Àquele que não conheceu pecado”, Deus “o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:21). “Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados” (1 Pedro 2:24).

Posso dizer-lhes por que a Igreja Cristã está como está. Ela vem esvaziando a doutrina bíblica da cruz, retirando dela a morte de cruz, e a vem descrevendo como uma vaga manifestação de amor. E tem chorado de tristeza e de compaixão por Ele. Mas Ele disse às mulheres de Jerusalém: “Não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas” (Lucas 23:28); não vos entristeçais por Mim, disse Ele, para isso vim. “Eu sou o bom Pastor; o bom Pastor *dá* a sua vida pelas ovelhas” (João 10:11). Todas as Escrituras, do começo ao fim, dão ênfase à mesma coisa, que é na obra sacrificial de Cristo que vemos o amor de Deus; que Deus O enviou e O entregou à morte de cruz, e lançou sobre Ele, sobre o Seu Filho unigênito, os pecados dos homens. “Deus amou o mundo de tal maneira que deu” - à vergonha, à agonia, ao sofrimento, à separação entre Ele e Seu Filho quando Este foi feito pecado - “deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” Essa é a medida do amor!

E o Filho deu-Se espontaneamente e voluntariamente. Escrevendo aos gálatas, diz o apóstolo: “Cristo nos resgatou da maldição da lei, *fazendo-se maldição* por nós; porque está escrito: maldito todo aquele que for pendurado no madeiro” (3:13). Sua morte não foi mera resistência pacífica, não foi nem mesmo a morte de um mártir, porém algo infinitamente maior. Ele Se fez *maldição]* Ele nasceu de mulher,

nasceu *sob a lei,* “para remir os que estavam debaixo da lei”. A lei diz: “Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro”. Ele Se fez maldição*pornósl* Nada

menos que isso! Ele levou sobre Si os nossos pecados. Ele assumiu voluntariamente a nossa posição. Elejáotinha indicado no início do Seu ministério público, quando foi a João Batista para ser batizado. João não podia entender isso, mas Ele insistiu com João que O batizasse, porque Ele estava Se identificando com os nossos pecados! Ele não precisava ser batizado - João estava certo em dizer isso - mas como o Messias, o Libertador, Ele Se põe em nossa posição, os nossos pecados vêm sobre Ele, Ele leva a carga. Diz Ele: "Deixa por agora, porque assim nos convém cumprir toda a justiça". Do começo ao fim do Seu ministério terreno houve a mesma ênfase.

É muito próprio, pois, dizer que ninguém que não creia na doutrina da expiação substitutiva e penal sequer começa realmente a entender o amor de Deus e o amor do Senhor Jesus Cristo. Pensem nisso. Onde vocês vêem o amor de Deus, se o Filho de Deus está simplesmente sofrendo a crueldade e tudo o que os homens estão fazendo com Ele, de maneira inútil? Que valor há nisso? Não realiza nada; se não é substitutivo, se não é penal, se Ele não está realmente *tratando* com pecados, é sofrimento inútil. É sem propósito, é pura crueldade, não há amor ali. Ah, que tragédia pensarem os homens que estão exaltando o amor de Deus dessa maneira, enquanto que, na realidade, o estão esvaziando da sua verdadeira essência e das suas profundidades infindas e eternas! Eis onde se vê o amor de Deus, que Deus "nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós"! Deus não Lhe poupou nada; derramou sobre Ele o frasco da Sua ira contra o pecado. Não Lhe *poupounada.* E*por nós,* e por causa do Seu amor por nós! Não o que os *homens* Lhe fizeram, mas o *que Deus* Lhe fez como Juiz de todo o mundo, o justo Juiz eterno, o Pai Santo - esse é o supremo ponto visado na "morte na cruz"! E o Filho *deu-Se* espontaneamente; não houve compulsão. Ele manifestou no semblante a Sua intrépida resolução. O Seu único desejo era fazer a vontade do Pai e assim possibilitar a nossa salvação. E é somente quando você O vê como a vítima inocente, o substituto, que voluntariamente se pôs em *nosso* lugar para receber o castigo que nós deveríamos receber, que você de fato começa a entender e a avaliar o eterno amor de Deus em Jesus Cristo, o nosso Senhor. E o apóstolo Paulo confirma tudo quanto lemos noutras partes das Escrituras - "*como* também Cristo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave".

Qual será a lição para nós? "Andai em amor, *como* também Cristo

nos amou." O preceito é óbvio. O nosso amor deve fluir do amor de Cristo, e deve corresponder a ele. Cristo não pensava em Si. "Haja em vós o mesmo sentimento (ou "mente") que houve também em Cristo Jesus." "Não atente cada um para o que é propriamente seu, mas cada qual também para o que é dos outros", diz o apóstolo na Epístola aos Filipenses. Foi o que o nosso Senhor fez. "Haja em vósa *mesma* mente ..qual era a Sua mente? Ele não pensava em Si, não reclamava os Seus direitos, não considerava a Sua inocência, não considerava os Seus sentimentos, não

considerava o Seu bem-estar, não considerava a Sua *comodidade*; absolutamente não tomava em consideração a Si próprio. *Ele Se entregoul* "Andai em amor, como também Cristo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós."

Finalmente, reitero o que já disse, o nosso Senhor realizou a Sua obra por nós *apesar de nós*. Como Ele argumenta no fim do capítulo cinco do Evangelho Segundo Mateus, no Sermão do Monte, não há nenhum mérito em amar os que amam você; os gentios fazem isso. Não há maravilha nenhuma em ser bondoso para os que são bondosos com você; o pior homem do mundo faz isso! Mas o que nos toma cristãos, e prova que o somos, é que fazemos pelos outros o que Ele fez por nós. Somos ímpios, pecadores, inimigos, vis, não temos nada que nos recomenda; e Ele Se entregou por nós em oferta e sacrifício a Deus. Assim é que quando eu e você encontramos pessoas difíceis, pessoas que não têm nada que as recomende, pessoas vis e tão censuráveis e sórdidas quanto podem ser, pessoas que nos agridem, nos perseguem, nos tratam maldosamente e nos caluniam, devemos tratá-las como o Senhor nos tratou. Ande em amor! Ore por elas! Procure sentir tristeza por elas; tanta tristeza que você tenha no seu íntimo um desejo ardente de que elas sejam libertas; tanta tristeza que você se ponha de joelhos e tenha no fundo do coração preocupação por elas, por serem vítimas do pecado e de satanás. Ame os seus inimigos! Abençoe os que o amaldiçoam! Ore pelos que o perseguem e o tratam com maldade e o caluniam. "Andai em amor, como também Cristo nos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave."

Haveria no mundo alguma coisa comparável ao privilégio de ser cristão? Somos solicitados, convidados e convocados para viver como Cristo viveu. O não cristão não pode viver desse modo. Ele precisa nascer de novo, precisa ter nova natureza e nova vida. Precisa que lhe sejam abertos os olhos para a bendita verdade do evangelho. Nada senão *isso* pode capacitar e persuadir os homens a andarem em amor como também Cristo andou. Que privilégio, que honra, que elevada vocação, sermos imitadores de Deus e do Senhor Jesus Cristo!

A IGREJA E O ESTADO: SUAS FUNÇÕES DIFERENTES

"Mas a prostituição, e toda a impureza ou avereza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpezas, nem parvo-íces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes ações de graças. Porque bem sabeis isto: que nenhum fornicário, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. "

- Efésios 5:3-5

Para começar, proponho considerar estes três versículos notáveis somente de maneira geral, achando que, como espero mostrar, antes de chegarmos a estudá-los em detalhe, é vitalmente importante que os examinemos como um todo e colhamos ao menos uma grande lição que aqui é ensinada com tanta clareza e que é seriamente necessária na presente hora. Primeiramente, porém, devo anotar o uso que o apóstolo faz da palavra *"mas"*. "Mas a prostituição, e toda a impureza", etc. Paulo está prestes a contrastar estas diversas coisas malignas com aquilo que estivemos considerando nos dois primeiros versículos deste capítulo cinco: "Sede pois imitadores de Deus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou, e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. *Mas"* - e logo você se vê transferido para uma atmosfera diferente.

Quando contemplei esta declaração, confesso que vim a entender um pouco os sentimentos do apóstolo Pedro no Monte da Transfiguração como nunca os tinha entendido antes. O nosso Senhor levou Pedro, Tiago e João ao alto de um certo monte. Ali Ele Se transfigurou diante deles, e conversava com Moisés e Elias. Pedro estava gostando tanto da situação toda que disse: "Façamos aqui três tabemáculos, um para ti, um para Moisés, e um para Elias". Noutras palavras, ele queria ficar lá! Ele nunca tinha experimentado coisa alguma semelhante a essa, como tampouco Tiago e João. Ver o Senhor assim em Sua glória era o céu para Pedro. Que é que poderia ser melhor do que armar tendas e lá ficar e permanecer no maravilhoso gozo daquilo tudo? Entretanto não lhe foi permitido fazê-lo. Por que não? Bem, eis a resposta: lá

estavam eles no alto do monte, nessa atmosfera rarefeita e gloriosa; sim, mas o mundo continuava ali, ao pé do monte; de fato, naquele mesmo momento um pobre homem com um filho lunático tinha vindo em desespero aos demais apóstolos perguntando-lhes se eles podiam ajudá-lo. Por isso o nosso Senhor não lhes permitiu ficar desfrutando aquele prazer no topo do monte. Mandou-os descer, e descendo viram uma grande discussão em andamento, com contestações e ruidosos argumentos, tudo como se, por assim dizer, estivessem falando de assuntos diferentes, em confusão. Ao invés de ficarem no alto do monte armando tendas como Pedro tinha proposto, tiveram que descer à planície e voltar às duras e feias realidades da vida

neste mundo, resultantes do pecado. E é exatamente isso que nos diz esta pequena palavra *mas*.

Falando por mim, devo confessar que nada seria mais excelente e deleitável do que continuar com os versículos 1 e 2, olhando para Deus e para a nossa relação com Ele, compreendendo o Seu amor por nós, que não somente somos Seus filhos, porém que somos Seus filhos muito amados, e contemplando o Senhor Jesus Cristo e tudo o que Ele fez pos nós em Sua obra expiatória sacrificial em nosso favor. Como é maravilhoso ir adiante sempre e sempre, em tal atmosfera! Todavia não devemos fazer isso; devemos seguir as Escrituras e devemos tomar as Escrituras como um todo. Não há nada que seja mais perigoso para a vida da alma do que sempre ficar lendo as nossas passagens favoritas, e não somente é um perigo para a alma, é abusar das Escrituras. Devemos seguir as Escrituras aonde quer que elas nos levem ou nos conduzam. Hoje em dia há muitos que dizem: não gosto deste aspecto negativo da verdade; por que não podemos ficar sempre com o positivo? Digo-lhes, muito bem, façam isso, e logo descobrirão por que é necessário o negativo. Temos que tomar as Escrituras como elas são, não simplesmente tomar o que nos agrada. Devemos sujeitar-nos a elas completa e absolutamente, e segui-las em todos os nossos passos. Noutras palavras, o cristianismo é muito prático e, se não nos damos conta disso, o nosso entendimento das Escrituras é completamente errôneo. Naturalmente somos filhos de Deus - graças a Deus por tudo o que estivemos aprendendo nos versículos 1 e 2; e devemos ser como Cristo, andar em amor como Ele andou; sim, e as Escrituras mostram tanto desejo de que andemos de maneira digna de nosso Pai celeste, e de Jesus Cristo, que Se identificou conosco, que elas se afanam em instruir-nos quanto aos pormenores do nosso andar, negativa e positivamente. Até aqui, neste capítulo, tivemos a argumentação positiva; passemos agora à negativa.

E a mensagem é que há certas coisas que nós, como filhos de Deus, *nunca* devemos fazer. Devemos compreender que há certas coisas que são completamente incompatíveis com a nossa vida como amados filhos de Deus e como pessoas ligadas ao Senhor Jesus Cristo. As pessoas não gostam das negativas, porém o fato é que a extensão em que você não gosta de negativas é a medida da sua falta de espiritualidade. Aqui, todo o objetivo é mostrar a importância das *negativas*.

Porventura não seria suficiente contemplar a nossa posição gloriosa? Isso não resolveria todos os nossos problemas? A resposta é: não! As negativas são penosamente essenciais, por várias razões. A primeira é que, infelizmente, precisamos que nos lembrem constantemente que o grande fim e objetivo do cristianismo e da salvação é tornar-nos *santos*. Notem como o apóstolo se expressa a respeito no capítulo primeiro desta Epístola: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo” - para quê? - “para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em

amor". Esse é o fim e objetivo do evangelho cristão, da fé cristã. Mas todos nós somos tão subjetivos! Temos dificuldades, e por isso queremos orientação; queremos que as coisas aconteçam miraculosamente conosco; achamos que o cristianismo existe para fazer isto e aquilo para nós e por nós. Primordialmente, não é isso. Graças a Deus, isso está incluído, todavia nunca devemos perder de vista o fato de que o objetivo primordial do cristianismo é tornar-nos santos e inculpáveis na presença de Deus. O apóstolo o diz de novo no capítulo dois da Epístola a Tito, onde ele afirma que Cristo " se deu a si mesmo por nós" - para quê? - "para nos remir de toda a iniqüidade, e purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras". Ele veio com o fim de fazer precisamente isso, não simplesmente para salvar-nos do inferno e dar-nos perdão, mas para purificar para Si este povo para ser Sua propriedade peculiar; e a característica deste povo é que ele nega a impiedade e a injustiça e é zeloso de boas obras. Precisamos lembrar-nos disso sempre porque, infelizmente, em conseqüência da Queda e do pecado que ainda há em nós, estamos sempre rebaixando o alvo e objetivo final da fé cristã. Portanto, precisamos lembrar-nos disso e, assim, as negativas são essenciais.

Uma segunda razão em prol das negativas é que sempre corremos o perigo de não aplicar a fé cristã a nós mesmos, mas sim de contentarmos somente em desfrutá-la de maneira teórica. Pode-se fazer isso com muita facilidade. O que será mais agradável do que uma grande

exposição da verdade como a que temos nesta Epístola escrita pelo apóstolo? É um grande prazer intelectual. Contudo, o que será mais fácil do que apenas tomá-la em geral e dizer: como é maravilhosa, como é magnífica! - e nunca aplicá-la a nós mesmos? Todos nós temos feito isso, somos todos culpados disso. E por essa causa precisamos ser obrigados a encarar a realidade; precisamos das negativas.

Sempre há também o perigo do antinomianismo, e da seguinte maneira: acabamos de ler que o nosso Senhor Jesus Cristo Se deu por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave. Portanto, dizemos: somos salvos, estamos seguros; se Ele fez isso por nós, nunca nos abandonará. Mas neste ponto somos propensos a dizer a nós mesmos: bem, não importa muito, portanto, o que eu faço. Se a minha salvação final é certa e garantida, posso viver como eu quiser. Isso é antinomianismo! Alguns dos primeiros cristãos caíram nessa armadilha; os cristãos estão sempre sujeitos a cair nela. É o perigo particular que correm os homens e as mulheres que têm o melhor entendimento da verdade. Para o homem que crê na justificação pelas obras nunca há o perigo do antinomianismo. Esse perigo é peculiar ao homem que entende a doutrina e se interessa por ela, e que vê especialmente este aspecto de sermos escolhidos e eleitos, e da nossa segurança, e da nossa salvação final; o diabo o tenta segundo os termos do antinomianismo. O apóstolo sabe disso, pelo que, tendo dado o elemento positivo, diz: "*Mas*", e começa a dar pormenores em termos negativos.

Eis uma quarta razão: precisamos lembrar-nos sempre de que o nosso cristianismo e a nossa profissão de fé cristã é algo que visa a manifestar-se em cada detalhe da nossa vida. O cristianismo não é algo para ser desfrutado somente nalgum lugar de culto ou quando lemos a seu respeito na Bíblia ou noutros livros; deve mostrar-se nos detalhes mais comuns da vida, em *tudo* o que fazemos. É por isso que Paulo outra vez entra em detalhes, e até menciona a nossa conversação comum, pois ele sabia perfeitamente bem que é muito possível ouvir uma exposição da verdade numa reunião de igreja e depois sair e imediatamente começar a conversar de maneira frívola e leviana -talvez até pior. Assim ele nos diz que não façamos isso, e nos mostra que é uma compreensão muito pobre da verdade cristã a que só funciona quando estamos ouvindo a verdade e não se manifesta e não se revela em toda parte, sempre, onde quer que estivermos, seja na companhia de quem for e seja o que for que acaso estejamos fazendo. O nosso cristianismo deve mostrar-se em *todos os aspectos* das nossas vidas.

Gostaria de dar-lhes ainda esta razão final: é preciso que nos lembremos sempre de que a vida cristã é o *combate* da fé. O apóstolo está muito preocupado com isso. No último capítulo da Epístola somos exortados a revestir-nos de "toda a armadura de Deus", nós, povo cristão! Porquê? "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." Não devemos considerar a vida cristã como algo que se recebe numa grande experiência e que depois os problemas e as tentações nunca mais tornam a acontecer, pois o crente é absolutamente perfeito. Nada disso! É o *combate* da fé, e necessitamos de toda a armadura de Deus; temos de vigiar e orar; temos de compreender que estamos cercados de inimigos e perseguidores visíveis e invisíveis, alguns deles dentro de nós, e durante todos os dias nós temos que estar alerta. E o apóstolo ilustra o seu argumento tomando estas coisas particulares que são perigosas para a alma e mostrando-nos, negativamente, a sua total incompatibilidade com a vida e profissão de fé cristã.

Esta é, pois, a primeira reação geral que se tem ao *mas* do apóstolo, e ao fato dele recorrer ao uso de negativas. Ah! Não estou mais no Monte da Transfiguração, porém estou com os olhos postos no rapaz lunático; desci às monótonas planuras da vida, voltei à dura realidade da vida e do viver, e gostaria de poder ficar lá em cima, mas não posso; essa experiência me aguarda na glória; primeiro tenho que viver neste mundo; tenho que ir avante com discernimento e fé.

Também não se pode deixar de notar o método que o apóstolo emprega para lidar com estas questões morais. Como invariavelmente é o seu costume, ele trata destes problemas de prostituição (ou fornicação), impureza, avareza, torpezas, parvoíces, chocarrices e todos os demais, inteiramente em termos da sua doutrina cristã. Notem as expressões que ele usa - "como convém a santos"; "que não convêm" - com as

quais ele quer dizer que essas coisas más não são convenientes, não se ajustam, não são pertinentes aos crentes em Cristo. E então, especificamente: "Porque bem sabeis isto: que nenhum fornicário, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus". É por causa *desse* reino, não dos reinos desta terra, que Paulo se preocupa com estas coisas. Seu interesse é doutrinário - santos, convenientes, pertinentes, reino de Cristo e de Deus! Noutras palavras, vocês jamais encontrarão no Novo Testamento nenhum apelo para que as pessoas sejam morais firmado nas bases que nos são conhecidas. Talvez, quando você deixou o lar

pela primeira vez, você tenha prometido a seu pai e a sua mãe que não faria certas coisas; logo você começa a vacilar, e vem o moralista e lhe diz: não quebre a sua promessa, lembre-se do que prometeu aos seus pais. No entanto, vocês nunca verão esse tipo de apelo na Bíblia; isso pertence ao mundo; não faz parte do cristianismo. A exortação do apóstolo é - porque somos santos, porque estamos no reino de Cristo e de Deus, por causa das coisas que são convenientes nessa esfera. O Novo Testamento se interessa pela moralidade, não por causa da honra da escola, ou por causa da honra do país, ou pelo bem da humanidade; nem um pouco! Santos! Cidadãos do reino de Cristo e de Deus! E também não se interessa pela moralidade em si, não se interessa pela moralidade como uma idéia, não está interessado nos pecados em si, e porque são maus, e por causa das suas más conseqüências e dos seus nefandos resultados. Absolutamente não! Não se vê nada sobre eles nestes aspectos. Paulo se concentra na incompatibilidade do pecado com quem somos e com o que somos! As suas palavras se aplicam unicamente aos cristãos, e a mais ninguém. Se não entendermos estes princípios, estaremos interpretando mal as Escrituras.

Sejamos intensamente práticos. Notem que o apóstolo não estuda em detalhe esses pecados para então denunciá-los. Ele não os analisa, não os expõe e não apresenta estatísticas para provar que as pessoas que se dão à bebida ou que dão azo a vários tipos de pecado, sofrem as conseqüências. Aqui, dizem certos reformadores modernos, estão os resultados, e aqui estão as estatísticas! Coloco o assunto desta maneira pela seguinte razão: há muitas sociedades no mundo atual que estão preocupadas com a situação moral, e elas sempre se expressam em termos de estatísticas. Dizem elas: "Ora, vejam aqui, gasta-se tanto com bebida e tabaco todos os anos e, todavia, o povo se queixa de que pouco se gasta com o Serviço Nacional de Saúde", e assim por diante. Ou elas vêem a questão do ponto de vista das doenças contraídas pelas pessoas culpadas dessas coisas - vejam as conseqüências! Tudo perfeitamente verdadeiro! Mas o apóstolo não faz nada disso! Simplesmentenâosevêissoaqui. Tampouco se vê em qualquer outro lugar da Bíblia. Ele não se limita a simplesmente denunciar e malhar essas coisas em si mesmas.

Estou chamando a atenção para essas coisas porque me parece urgentemente importante que tenhamos as nossas mentes claras quanto à relação da Igreja Cristã

com os problemas morais e com as organizações moralistas do mundo. Há, como digo, órgãos que lutam pela moralidade. Recentemente recebi uma carta de um alto dignitário da igreja convidando-me para ir a uma reunião do Conselho pela Moralidade ("The Morality Council"), para anunciá-la, e assim por

diante. Creio que devo dizer aos meus amigos por que, como ministro do evangelho, sou cauteloso com tais coisas, não tenho um Domingo de Temperança, depois um Domingo de Moralidade, e todos esses vários outros domingos, e por que não tomo parte nessas organizações e atividades. Vocês sabem dos conselhos moralistas, das sociedades pró temperança, e de várias outras sociedades que cuidam deste ou daquele interesse. Todos eles estão empenhados em melhorar a situação moral. E, na verdade, devemos preocupar-nos com a situação moral. Entretanto, para mim, é muito urgente que saibamos claramente *como* preocupar-nos e que papel devemos desempenhar nisso tudo. Muito recentemente foi realizada uma importante série de reuniões; as reuniões da Associação dos Magistrados foram realizadas em Londres [1], e várias pessoas discursaram. E nos relatórios dessas reuniões eu notei um marcante elemento de confusão. Vejam, por exemplo, as declarações sobre a delinqüência juvenil feitas por um eminente estadista que, segundo me disseram, é um cristão autêntico. Disse ele: "A prevenção do crime requer a compreensão e a ação da sociedade como um todo". Depois ele se referiu à "insolência e a visível desconsideração para com a justiça que prevalecem entre os nossos jovens de certa idade hoje ...". "Dependemos", continuou ele, "dos tribunais, da polícia e de todas as outras agências diversas, que trabalhem conosco numa livre síntese, e assim lutemos e trabalhemos pela liberdade e para defendê-la. Qualquer tentativa de mudar esse sistema seria, estou certo, uma invasão na liberdade ... O meu apelo é dirigido a um auditório mais amplo, às igrejas, aos pais e aos professores, no sentido de que façam a sua parte no trato destes problemas de crime juvenil; sem eles seremos incapazes". Nessas palavras, sugiro, vê-se uma característica confusão, que não se restringe unicamente ao estadista, e sim - infelizmente! - vê-se também na própria Igreja. E é com o fim de indicar o perigo que resulta dessa confusão, que eu estou chamando a atenção para este assunto. O apóstolo me compele a fazê-lo, pois a sua maneira de abordar a situação não é a que acabei de lhes apresentar. Como, então, justifico a minha afirmação de que a Igreja não deve preocupar-se da maneira indicada, e de que aquele apelo dirigido pelo estadista "as igrejas, aos professores e aos pais" é uma total incompreensão das Escrituras?

Começo fazendo uma pergunta. Que é que todos esses movimentos e organizações têm realmente realizado? Eles se multiplicaram dos tempos vitorianos em diante. Nunca tivemos tantos! Que é que eles

têm realizado na questão de temperança e de moralidade? Vejam os fatos! Por que é que os homens se preocupam tanto com esses problemas? Por que foi que a Sociedade dos Magistrados informou que "Atualmente há cinco mil pessoas nas

prisões, três dormindo em cada cela, o índice mais alto registrado"? E isto, apesar dessas sociedades e desses domingos e apelos especiais, e do dinheiro que lhes é dado! Não seria hora de perguntar: que é que esses esforços morais têm realmente realizado?

Antes de dedicarmos o nosso tempo e as nossas energias, e os nossos domingos cujo propósito é a pregação do evangelho, a essas atividades, temos o direito de perguntar: a que leva tudo isso? Eu acho que o estado moral deste país hoje mostra que há um sentido em que *todas* essas atividades são futeis. Não se pode persuadir as pessoas dessa maneira, por esta boa razão, que a doutrina do Novo Testamento sobre o pecado mostra que isso é impossível. Gosto de muitos dos que pertencem a sociedades desse tipo e a sustentam. Sei que são honestos e sinceros, todavia eu nunca falo sobre os seus programas, nem mesmo sobre a Sociedade pela Observância do Dia do Senhor, porque não se pode fazer ninguém observar o dia do Senhor por uma lei do parlamento; não é assim que se faz.

Também gostaria de declarar a minha firme convicção de que essas atividades não fazem parte do dever da Igreja como tal. E aqui eu acho que a confusão entra, como sendo entre a esfera da Igreja e a do Estado. A Igreja é designada e ordenada por Deus; a mesma coisa com o Estado, diz o apóstolo em Romanos, capítulo 13, e noutras passagens. Ambos são designados por Deus. Deus está agindo no mundo hoje nestas duas esferas, a esfera da Igreja e a do Estado. Deus designou o Estado, os seus poderes, os governantes, juizes e magistrados. Ambas as esferas se destinam a funcionar segundo os métodos e meios que lhes são designados, e jamais deveria haver confusão entre elas. E, como eu vejo a situação hoje, o problema é, em grande parte, que gente que devia estar pregando o evangelho, está pregando moralidade e política, e gente cujo dever é cuidar da moralidade e da política está tentando pregar. O resultado é a maior confusão, e as duas esferas estão deixando de cumprir aquilo para o que Deus as ordenou [v]

A Igreja Cristã não é uma agência moral. Que é, então? É uma agência de regeneração! Ela *não* é uma agência moral; agências morais existem muitas; a Igreja não é isso, ela é sobrenatural, é divina, é cheia do Espírito; ela converte homens, regenera homens; digo que *ela* o faz, que ela é utilizada por Deus para fazê-lo. Essa é a sua esfera. Além disso, a Igreja não existe para produzir bons homens. Existe para produzir *novos* homens! E um novo homem é infinitamente maior que

um bom homem; você pode ser um bom homem sem ser cristão. Reitero a palavra: a Igreja existe, não para produzir homens morais, mas sim, para produzir aqueles que, nas Escrituras, são chamados *santos*. Se você não enxerga essa distinção, você não sabe o que é cristianismo! Certamente o cristão é um bom homem e um homem moral, porém se você o descrever simplesmente nesses termos, você o estará insultando; não o estará descrevendo corretamente. O cristão é um *santo*! É um

homem regenerado! É filho de Deus! Pertence a Cristo, está "em Cristo"! Não estamos na esfera da moralidade e da bondade, estamos na esfera da santidade e do Espírito! E, portanto, eu afirmo que a Igreja aceitar o papel de agência de moral significa que a Igreja está falseando a sua mensagem. E por essa razão que não posso dar atenção aos apelos do eminente estadista que citei anteriormente. É insultar a Igreja Cristã apelar para ela como se apela para os professores, para os pais e para várias outras pessoas que têm que tentar tratar do problema da delinqüência juvenil; é não entender o que ela é e o que foi destinada a fazer.

Sejamos claros a respeito disso. A Igreja não é um Departamento ou Secretaria de Estado. Parece-me que, enquanto houver esta união entre Igreja e Estado, essa confusão persistirá forçosamente. Contudo, devemos rejeitá-la com todas as veras do nosso ser; é uma grave incompreensão da natureza da Igreja; ela não é meramente uma agência moral. Em certo sentido, o erastianismo [2] é uma negação da mensagem cristã. O Estado não está acima da Igreja. A Igreja não é simplesmente *uma* das atividades do Estado. A Igreja não pertence à mesma esfera do Estado; ela é o reino de Cristo e de Deus! E sempre devemos lutar por essa distinção.

O dever da pregação cristã não é meramente restringir e prevenir o pecado. Mas quando a Igreja prega a moralidade e se liga a movimentos como os que mencionei, ela se põe nessa posição negativa. Não conheço nada que esteja causando hoje mais dano à Igreja Cristã e ao evangelho do que a impressão que se dá de que o dever da Igreja é estar sempre protestando acerca disto ou daquilo. Acaso não seria uma queixa comum feita pelos incrédulos que, se vão à igreja, simplesmente ouvem os pregadores denunciarem as bombas atômicas, ou falarem

sobre a questão racial, ou denunciarem a bebida e o fumo, ou alguma outra coisa que esteja em debate? E, dizem eles, a Igreja é sempre negativa; está sempre proibindo coisas e pondo você abaixo. E o resultado é que nem sequer ouvirão o evangelho. E uma apresentação completamente falsa da Igreja e sua mensagem!

Se ficarmos somente no nível moral, ou se dermos a impressão de que a Igreja é uma das agências das quais o Estado se propõe utilizar a fim de tratar de problemas como, por exemplo, a delinqüência juvenil, então, digo eu, a Igreja está deixando de lado a coisa mais grandiosa de todas, a saber, a nossa relação com Deus! Os estadistas, na verdade todos os servidores do Estado, sem dúvida desejam que haja boas condições morais, e desejam manter os homens afastados do pecado explícito; isso é perfeitamente correto na esfera deles. Mas o evangelho opera de maneira diferente. Um homem pode não ser culpado de qualquer dessas delinqüências e, contudo, o Novo Testamento diz que, no que se refere à sua relação com Deus, ele é tão mau como o homem que vive na sarjeta. E como não me canso de afirmar, é bem provável que do ponto de vista do evangelho, os homens mais perigosos hoje são os bons, os morais, os bons pagãos! Eles acham que não precisam do evangelho, que

são auto-suficientes, não dão lugar a nenhuma forma de intemperança, são paradigmas de todas as virtudes; sim, porém o Novo Testamento diz que eles estão tão condenados como o bêbedo, o que bate na mulher e o adúltero. O fato é que a Igreja Cristã se interessa pela relação do homem com Deus, e afirma que, se essa relação não for certa, todas essas outras coisas não importam. Se a Igreja fica tão-somente no nível de agência de moralidade, ela está deixando fora da sua mensagem a coisa mais gloriosa e vital, que constitui a dinâmica do evangelho. "Não me envergonho do evangelho de Cristo", diz Paulo aos crentes romanos. Por que o evangelho tem grande valor para a elevação moral? Nada disso! - "pois é *opoder de Deus* para salvação de todo aquele que crê". Quando o evangelho chega a um homem, não se limita a dirigir-lhe um apelo; sujeita-o, põe nova vida nele, transforma-o, faz dele um novo homem. E dinâmico! Mas se nós simplesmente falamos da bondade como tal, e da importância de observar leis e de uma vida moral, e de não fazer isto e aquilo, perde-se a dinâmica e não se apregoa a salvação.

Eu gostaria, ainda, de acentuar que, se e quando a Igreja passa o tempo pregando sobre o aspecto negativo, está negligenciando a mensagem positiva que, somente *éla,pode* tratar, *edefato* trata, do real problema que os incrédulos estão enfrentando, e isto para mim é da máxima importância. Afirmo que se eu passar os meus domingos pregando sobre esses diferentes *dias* que são designados, e dando

apoio a essas boas causas e sociedades, e assim por diante, estarei desperdiçando o meu tempo e o tempo da igreja. Por esta razão, que, enquanto estou fazendo isso, não posso pregar a mensagem positiva de salvação e libertação. E vou além e digo que, no fim, não há nada que possa tratar desse problema, senão a dinâmica, o poder espiritual, do evangelho. É o poder de Deus para salvação!

Para ilustrar o que quero dizer, faço menção da primeira parte do século dezoito. As condições morais da Inglaterra naquele tempo eram até piores que as de hoje. Leiam *England: Before and After Wesley* (A Inglaterra: Antes e Depois de Wesley), por J. Wesley Bready. Leiam sobre as condições de Londres e doutros lugares deste país. Houve esforços naquele tempo para tratar do problema, porém deram em nada. Subitamente veio o despertamento evangélico com o evangelho pregado como o poder de Deus para salvação e o Espírito Santo derramado em avivamento. Que aconteceu? As condições morais foram alteradas! - não inteiramente, todavia a mudança foi quase inacreditável! Foi o que aconteceu então. Já tinha acontecido na época da Reforma. Em certo sentido tinha acontecido de maneira muito semelhante no século 17 como resultado dos puritanos. Aconteceu também, em grande medida, no século 19. Quando a Igreja prega o evangelho como o poder de Deus, como a dinâmica espiritual que pode atuar nos homens e transformá-los, é *então* que ela trata do problema social; não quando ela fica falando sobre o problema social, dando estatísticas e fazendo apelos morais. *Isso* é desperdício de tempo, e devemos rejeitá-lo como tentação do diabo! Não hesito em dizê-lo. O diabo fica perfeitamente

satisfeito quando a Igreja fica apenas lendo, domingo após domingo, pequenos ensaios morais, procurando promover uma pequena elevação moral, e fazendo apelos para que as pessoas sejam decentes. Estou certo de que em tais ocasiões o diabo se alegra, porque ele sabe que o seu reino não será afetado.

Qual é, então, a relação da Igreja com esta situação moral? Aminha opinião é que, em primeiro lugar, a Igreja trata diretamente da situação moral na pregação de um evangelho que pode converter e mudar os homens. Em segundo lugar, pela produção numérica de cristãos, ela afeta igualmente a vida do Estado para o bem. Em todo caso, os cristãos não podem conseguir melhoramentos desejáveis por meio de leis do Parlamento hoje, pois os votos são tão poucos! Os cristãos são apenas uma pequena porcentagem da comunidade. E os poderes existentes sabem perfeitamente bem que eles podem ignorar a Igreja Cristã, e de fato ignoram a Igreja Cristã. Eles estão interessados em

votos, estão interessados nas maiorias, estão de olho nos resultados das eleições; essa é a verdade com relação a todos os partidos, e eles dão pouca atenção a nós, pois nós não pesamos na balança. Mas no século passado, em conseqüência do grande despertamento e avivamento do século 18, e depois, dos avivamentos de 1858 e 1859, havia tantos cristãos neste país que os políticos tinham que dar atenção ao voto cristão, ao voto não conformista, assim chamado! Este era tão poderoso que Charles Stewart Parnell * foi realmente posto fora da vida pública pelo voto não conformista! De fato, havia tantos eleitores cristãos que o Estado tinha que dar ouvidos à sua voz. Portanto, se os cristãos querem ajudar o Estado, a melhor maneira é pela pregação de um evangelho que produza tantos cristãos que o Estado terá que dar atenção ao que nós dizemos. No entanto, enquanto se pregar nada mais que moralidade, não somente o Estado não nos dará ouvidos, mas também não se produzirão cristãos.

As tradições que passavam do avô ao pai e ao filho estão morrendo gradativamente, as pessoas já não se deixam influenciar por essas coisas; as igrejas estão vazias, e a visão cristã não conta para nada. Assim, se eu quero ajudar o Estado, eis o meu modo de fazê-lo: tentar encher o Estado de autênticos cristãos, novos homens e mulheres em Cristo Jesus. *Essa* é a maneira de ajudar o Estado. Eu digo que tudo mais é dever do Estado, é esfera do Estado, designado por Deus para realizar certa obra. Contudo as duas tarefas, como devemos ver, são muito diferentes. Ao mesmo tempo, concordo que os homens e as mulheres cristãos desempenhem seu papel no Estado. Que os homens e as mulheres cristãos se façam membros das câmaras, que ingressem no Parlamento, que façam tudo o que puderem pare influenciar os decretos do Estado. Wilberforce e Shaftesbury, no século 19, são um exemplo para outros. Não são os ministros, que ocupam os púlpitos, que devem estar pregando sermões políticos. Que eles preguem o evangelho aos Wilberforce e aos Shaftesbury, para animá-los, para edificá-los na. fé, para inspirar-lhes confiança.

Então, os que são chamados para essa obra podem ir para o Parlamento, falar, agir e organizar movimentos. Os leigos é que devem fazer isso, não a Igreja!

Ora, que é que ao Estado cabe fazer? O apóstolo mostra isso claramente no capítulo treze de Romanos. É dever do Estado lidar com

‘ Charles S. Pamell (1846-91) foi um influente e poderoso político irlandês e membro do Parlamento do Reino Unido (Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda do Norte - Ulster). Pamell foi tão ativo e influente que chegou a ser chamado “rei não coroado da Irlanda” e a inspirar um movimento denominado “Movimento Pamellita”. Nota do tradutor.

certas questões mediante leis e decretos. Ele existe para impedir o crime, para dominar o crime quanto possível, por todos os meios legítimos. E não somente isso, mas também é dever do Estado *punir* o crime. “O magistrado não traz debalde a espada!” Contudo, alguns modernistas se dispõem a dizer que as punições devem ser abolidas. Dizem eles que se tão-somente formos bondosos e falarmos bondosamente com os bandidos, com os covardes que atacam crianças e mulheres, aos poucos faremos deles pessoas melhores. Essa é uma completa incompreensão da doutrina sobre o pecado e da doutrina bíblica sobre o Estado. É dever do Estado *punir.* As pessqas têm que guardar a *lei* enquanto não venham para debaixo da graça. É tão ocioso e fútil falar de maneira suavemente razoável e fazer apelos morais a um homem dominado pelo mal, pela luxúria e pelo vício, como ocioso e fútil foi o finado Sr. Neville Chamberlain fazer coisa parecida com um homem como Hitler. Não cabe ao Estado pregar; o dever do Estado é usar a espada; é governar; é fazer as leis do Parlamento; é *punir* e ensinar aos homens que se eles não responderem como devem a uma correta visão da vida, merecerão castigo, e certamente o receberão. A graça e a lei não podem se misturar; não pertencem à mesma esfera.

Mas alguns dizem: certamente você está indo longe demais, está sendo extremista; por que a Igrej a deveria opor-se a esses movimentos que tanto bem estão fazendo? Replico que se você fizer do “fazer bem” um fim, você terá que participar de tudo quanto há. Tenho que admitir que a Ciência Cristã faz muito benefício, conheço gente que parou de beber como resultado da Ciência Cristã, conheço pessoas que viviam em desesperada angústia e pararam de angustiar-se: devo por isso pregar e apoiar a Ciência Cristã? Claro que não! O que nos interessa é a verdade, não estamos simplesmente preocupados com as coisas que fazem bem. O que desejamos é que os homens sejam levados a este novo relacionamento cristão; eles precisam *tornar-se santos, filhos de Deus*! Esse é o nosso dever; o outro é da esfera do Estado. Que o Estado continue com as suas atividades. Entretanto que não haja confusão de pensamento; doutro modo, haverá fracasso em ambas as esferas. Não posso senão achar que é porque o Estado, faz uns vinte ou trinta anos, vem pensando que é uma instituição reformadora, que tem havido ultimamente um substancial aumento da criminalidade. O Estado traz a espada, e deve punir. Deve ensinar as pessoas dessa maneira, se elas não querem dar ouvidos a qualquer outra.

Que o Estado exerça a sua função própria, que deixe de tentar pregar; e que a Igreja continue a cumprir a sua função.

Qual é a função da Igreja? Logo de início *é* preciso que haja uma

percepção do problema do pecado; e no momento em que se perceber quão profundamente arraigado e quão violento é o pecado, também se perceberá que a persuasão moral nunca pode funcionar e nunca funcionou para dominá-lo. Foi por causa da natureza do pecado que o Filho de Deus teve que descer do céu e ir para a cruz. Com a percepção disso, a nossa tarefa é pregar o evangelho em toda a sua plenitude. Que mais? Ah, esta, penso eu, é a coisa mais importante hoje: orar por *avivamento*\ Não passamos de poucas vozes; somos apenas um pequeno grupo; de que necessitamos? Necessitamos de uma autenticação da nossa mensagem que prenda a atenção do mundo. Necessitamos de uma repetição do que aconteceu no século 18 e noutros séculos. E quando a Igreja estiver experimentando o aviva-mento, homens e mulheres serão transformados e convertidos em grande número, haverá mais cristãos, e eles influenciarão toda a vida do Estado.

Leiam a história, e vocês verão que é verdade. Após um grande avivamento da Igreja, toda a vida moral de uma nação se eleva durante bom número de anos. Depois a influência do avivamente se desvanece; as condições morais vão abaixo. Há necessidade doutro avivamento, e de novo há esse impacto sobre a totalidade da vida da comunidade - isso acontece *invariavelmente.* Portanto, devemos orar por avivamento, pregar o evangelho completo, e rogar a Deus que nos visite e nos dê poder. E, nesse meio tempo, que os cristãos, individualmente, desempenhem os seus papéis como cidadãos, como membros do Estado. Que *eles* façam isso, não a Igreja, que o façam na qualidade de cidadãos, que exerçam a sua influência, que façam o que puderem. Não estou criticando tais esforços; o que estou criticando é a confusão das esferas dalgreja e do Estado. E se tão-somente conseguirmos fazer com que os homens e as mulheres tornem a compreender quão separadas as duas esferas têm que estar e quão diferentes são as suas funções e os seus objetivos, creio que na hora certa, no tempo de Deus, veremos este terrível problema moderno da delinqüência juvenil e da imoralidade generalizada tratado como Deus sempre costumou tratá-lo, em todas as eras e em todos os séculos. Oh, que Deus nos dê graça que nos habilite a pensar bem nestas coisas, a ter um claro entendimento delas, para que possamos funcionar como Deus quer que funcionemos, para a Sua glória!

1

Cerca de 1960

2

***Erastianismo* é o termo empregado para designar a doutrina da supremacia do Estado nas questões**

eclesiásticas. O nome vem do teólogo suíço, Thomas Erastus (1524-83), mas um tanto indevidamente. Essa doutrina foi defendida mais por Hugo Grócio do que por Erastus. Grócio (Huig van Groot, 1583-1645) foi jurista, diplomata, literato e autor holandês de obras teológicas. Nota do tradutor.

MALES QUE NEM SE DEVE MENCIONAR ENTRE OS SANTOS

"Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpezas, nem parvo-íces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes ações de graças. Porque bem sabeis isto: que nenhum fornicário, ou impuro, ou ' avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. "

- Efésios 5:3-5

Até aqui, temos considerado estas solenes palavras num sentido geral. Devemos examiná-las agora mais minuciosamente. Como o apóstolo mesmo segue esse procedimento, também nós devemos fazê-lo, por penoso que seja o processo. Conquanto o cristão nunca deva contentar-se com a compreensão de princípios, contudo, deve começar com princípios. Grande parte do problema atual da Igreja deve-se, inegavelmente, ao fato de que as pessoas não buscam captar princípios; não vêem a mata por causa das árvores. Por outro lado, é igualmente perigoso preocupar-se unicamente com princípios. Cabemos primeiro captar os princípios, e depois aplicá-los em detalhe a cada ação e aspecto da nossa vida e do nosso viver cristão. Notem como o apóstolo desce a minúcias e abrange a totalidade da vida.

Jamais devemos perder de vista o fato de que o objetivo principal do cristianismo é que sejamos santos, e que andemos diante de Deus inculpáveis, em amor. Este é o fim e o objetivo da fé cristã, prepararmos para andar diante de Deus neste mundo e para passar a eternidade na *presença* de Deus. E se perdermos isso de vista, bem, então o nosso cristianismo, assim chamado, é inteira e completamente vão. E o que o apóstolo está fazendo nesta seção é mostrar àquelas pessoas como haverão de tomar-se santas e andar diante de Deus em amor, santidade e pureza.

Há certas coisas que, como cristãos, devemos evitar e renunciar completamente; nada temos a ver com elas. Quais são? Leiam de novo essa terrível lista, e lembrem-se de que o apóstolo não estava tentando reformar o mundo; estava escrevendo para cristãos. Essas palavras são dirigidas aos membros da igreja de Éfeso, e doutras igrejas. Não são conselhos morais e gerais ao mundo exterior, mas palavras diridigas

a cristãos; e, portanto, deduzimos que os cristãos *necessitam* de que tais palavras lhes sejam dirigidas. E Deus sabe que continua sendo assim. Portanto, digo eu, elas não constituem o programa moral e geral em que a Igreja pode juntar-se ao mundo e ao Estado na tentativa de pôr a sociedade em ordem. Nem um pouco disso! E mensagem dirigida à Igreja. E são essas as coisas que nos é dito que os cristãos devem renunciar e evitar completa e inteiramente. Na maioria, as palavras do apóstolo explicam-se a si mesmas, porém algumas delas precisam de um breve

comentário. Primeiramente e acima de tudo, “fornicação” (ou “prostituição”) e *toda* a impureza. Todas as formas, todos os tipos, toda sugestão disso devem ser evitados - *“impureza"*. Nada temos a ver com isso. Não somente a prática específica, mas *toda* a impureza. Devemos pensar nisso com relação a nós mesmos. Como somos propensos, às vezes, a pensar que as coisas feitas na mente não são tão más como as praticadas de fato! Entretanto *toda* a impureza, em todas as suas formas e tipos, deve ser banida das nossas vidas.

Depois chegamos à que vem em seguida, que é a *avareza.* Significa, naturalmente, ganância, amor ao dinheiro; amor ao dinheiro pelo dinheiro; amor ao dinheiro, em parte pelo próprio dinheiro e em parte pelo que ele pode fazer por nós, as coisas que podemos comprar com dinheiro, as coisas que podemos conseguir com dinheiro, as coisas que podemos fazer se temos dinheiro - de fato, o amor a tudo o que o dinheiro pode fazer e conseguir - é o que Paulo está condenando sob a palavra *avareza.* Não temos nada a ver com a avareza, temos que isolar-nos dela; ela pertence, diz ele, à antiga vida, mas não tem ligação nenhuma com a vida cristã. Avareza!

A palavra subseqüente é *torpezas.* Inclui *obscenidade,* qualquer coisa que seja obscena no falar. Contudo, não fica nisso, inclui também tudo o que é vil ou repugnanate na conduta. E é uma boa palavra que os tradutores da Versão Autorizada empregaram aqui. Quão expressiva ela é! - *torpezasl* Nada temos a ver com o que é desavergonhado, feio e corrupto - *torpezasl* Isso, diz o apóstolo, não é próprio da vida cristã.

Chegamos depois a *parvoíces.* Significa hnguajar vazio, frívolo, insensato, irrefletido, tolo e pecaminoso. E interessante notar que Paulo arrola isso com outras coisas que são sujas e repugnantes. A prosa, a tagarelice vazia, irrefletida, diz ele, tampouco é própria da vida cristã. A conversa cristã nunca deve ser vazia, insensata, frívola; o cristão jamais deve ser uma pessoa frívola, nem deve jamais falar de maneira frívola, leviana, insípida e vazia. Isso é típico da vida do mundo, porém não tem ligação nenhuma com a vida cristã. Devo ressaltar aqui o aspecto de *reflexão.* A vida do cristão deve ser

caracterizada por este elemento de consideração. E isto não se aplica somente ao nosso falar, mas também ao nosso cantar. “Santo, santo, santo, Deus onipotente.” Não cantamos essas palavras em ritmo acelerado, nem as atropelamos, por assim dizer. Num sentido, a diferença entre o canto cristão e o não cristão é esse fator de consideração, de reflexão. Não cantamos ritmos, cantamos palavras! Que o cantar cristão seja animado, é claro, porém nunca agitado, nunca com saracoteios! E depois o apóstolo introduz a palavra *chocarrices,* que se refere à conversa inteligente, polida, espirituosa, com tendência para o picante e pecaminoso. A palavra original contém a idéia de *virar* ou *tornar* ou *girar* - girar uma frase, as flechas espertas, sofisticadas, espirituosas, polidas que essas pessoas atiram, ou todo

e qualquer sentido duplo, qualquer insinuação, qualquer coisa que nalgum sentido seja obscena ou imoral. E isso também, diz ele, não deve ter lugar na vida cristã, mas deve ser banido completamente -"nem *parvoíces,* nem *chocarrices,* que não convêm". E de novo no versículo cinco, vemos outra terrível coleção de palavras: *devasso,* ou *impuro,* com uma segunda menção de avareza.

Não faz parte da pregação cristã gastar muito tempo com essas coisas; por certo deveria bastar ao povo cristão mencioná-las e certificar-se de que entendem claramente o que elas significam e descrevem, e o que representam. O apóstolo está dizendo realmente que são essas coisas que caracterizam a sociedade não cristã, e essa é também a única descrição certa da vida dos pagãos do tempo do apóstolo. No entanto, aqueles cristãos efésios tinham sido tirados daquele tipo de vida; haviam sido transferidos do reino das trevas para o reino do amado Filho de Deus, e Paulo lhes está dizendo virtualmente: vocês não podem trazer essas coisas para dentro do reino de Cristo; Seu reino é totalmente diferente. Ele morreu para "purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras". Não tenham mais ligação nenhuma com essas coisas; elas pertencem ao tipo de vida vivida onde não imperam o evangelho e a sua doutrina.

Mas seria necessário que eu assinale que os males relacionados em nossa Epístola estão se tornando crescentemente evidentes na vida do nosso país hoje? Eles estão ficando cada vez mais evidentes e proeminentes na vida dos não cristãos em todas as classes, nas profissões, em todos os círculos da sociedade. Lembro-me de que, quando jovem, eu ficava chocado com o tipo de coisa que podia acontecer entre pessoas cultas e mesmo em círculos profissionais; com o tipo de fatos que se contavam; a gente não esperava isso daquelas pessoas, não obstante acontecia! E ainda acontece! E lamento dizê-

-Io, mas as parvoíces e chocarrices parecem estar entrando cada vez mais na obra da Igreja Cristã. Por que se há de considerar como uma excelente peça técnica o orador que sobe a uma tribuna cristã começar com um gracejo? Todavia é o tipo de coisa que está aumentando muito. E muitas vezes a anedota não tem a mais remota ligação com o evangelho, mais é contada simplesmente (como se diz) para fazer contato com os ouvintes! Uma vez participei de um culto de aniversário em certa parte da Inglaterra. Havia cerca de mil e oitocentas pessoas presentes, e eu tive que sentar-me e ouvir o primeiro orador que - sem exagero - ficou uns quinze minutos simplesmente contando anedotas. Eu não conseguia ver a mais remota aplicação cristã em nenhuma delas e, na verdade, o orador nem sequer tentava aplicá-las. E o povo tonitroava com gargalhadas, na maior alegria. Contudo, o entretenimento não tem nada a ver com a vida cristã e com as atividades da Igreja Cristã. As parvoíces e as chocarrices não têm lugar na vida cristã, na conduta cristã e entre os cristãos. Não são próprias do cristianismo. Mesmo que você deixasse de lado o que é grosseiramente ofensivo, ainda estaria usando a mesma terminologia, o mesmo tipo de técnica. Os cristãos não

contam anedotas uns aos outros; eles têm coisa muito melhor para dizer uns aos outros. É isso que o apóstolo está dizendo.

Então, como havemos de evitar esses males? O apóstolo nos diz como. Primeiro ele nos diz simplesmente que não devemos praticá-los. Mas não pára aí; diz ele: "Nem ainda se *nomeie* entre vós". Vocês não devem nem sequer *mencionar* essas coisas! Não devem *insinuá-las.* Vocês não devem aproximar-se disso em lugar nenhum. Não somente vocês não devem fazer essas coisas; não devem falar sobre elas, não devem mencioná-las, são indignas de menção, não devem entrar, de nenhum modo ou forma, nem no linguajar, nem no pensamento de vocês.

Também devemos desenvolver isto em termos da nossa situação moderna. O apóstolo estava escrevendo numa época em que eles não tinham jornais, cinema, rádio, televisão, e tudo mais. Naqueles dias os homens se limitavam a falar desta questão de propagar idéias indignas, e as idéias que levam a ação pecaminosa à prática. Assim Paulo o coloca nestes termos: "Nem ainda se *nomeie* entre vós" - não o mencionem! Jamais o introduzam, de nenhum modo ou forma! Mas agora temos que desenvolver isto num contexto muito diferente. E se a questão era difícil para o povo cristão do século primeiro da era cristã, como será agora? Ha um sentido em que é certo dizer que nunca foi mais difícil viver a vida cristã em sua plenitude do que hoje. Não

quero dizer que as pessoas são mais pecadoras agora, pois de há muito vinham cometendo estes pecados, porém o que quero dizer é que o cristão está *cercado* de estímulos para envolver-se no pecado, numa multiplicidade de maneiras, ao passo que na antigüidade o falar é que estava principalmente envolvido.

O princípio firmado pelo apóstolo é que devemos evitar de todas as maneiras e por todas as formas *toda e qualquer coisa* que de algum modo tenha a probabilidade de levar-nos a fazer alguma dessas coisas - fomicação (ou prostituição), impureza, e todas as demais. Toda a arte, toda a estratégia do viver cristão está em manter-nos alerta contra a tentação no início. Se você deixar que a tentação consiga o mais diminuto ponto de apoio em sua mente, logo você será dominado. Deve-se resistir à investida preliminar; é por isso que Paulo diz: "Nem ainda se *nomeie* entre vós". Se vocês querem parar de fazer essas coisas, diz ele, parem de falar sobre elas. Se vocês estiverem vigilantes no começo, não terão tanto problema depois.

Temos que ser cautelosos quanto a toda e qualquer coisa que nos prejudique e que tenda a fazer-nos inclinar na direção das coisas que não são próprias da vida cristã. E nestes tempos modernos estaremos lutando o tempo todo, desde o momento em que nos levantamos de manhã até quando vamos dormir à noite; pois o mundo inteiro está aclamando essas coisas diante de nós. Ele o faz em seus jornais. Evocê começa de manhã, com o seu jornal, talvez àmesa do café. "Nem ainda se nomeie entre vós", diz Paulo; sim, mas isso será nomeado, provavelmente na primeira página. E

essencial que você leia o seu jornal com discriminação, deixando de ler certas coisas. Você quer estar a par das notícias, e quer ser um cidadão bem informado, também quer ler o jornal para poder votar inteligentemente. Entretanto, ao ler, deve evitar, afastar, deve ficar com o que importa e evitar *todas as* demais coisas. A mesma coisa com as revistas. Você olha para uma banca de jornais na estação ferroviária, e as vê, e nota como são sugestivas! Você vê as pessoas a comprá-las, revistas que por seu próprio título lhe dizem o que são. *Só Para Homensl* Porquê? Obviamente há algo errado ali. Depois, as fotos e os anúncios! Evitem-nos, não se envolvam com eles, desviem deles o olhar. Peças teatrais! Filmes! Coisas que vêm pelo rádio e pela televisão, as parvoíces, as chocarrices, a esperteza, a sugestão, as insinuações!

Você quer tomar a luta mais difícil para você? Você acha que de fato pode resistir ao diabo e às concupiscências que estão dentro de você? Não seria melhor para você fazer o que o apóstolo manda no fim do capítulo treze da sua Epístola aos Romanos: "Não façais provisão para a carne" (VA)? Se vocês olham para coisas e lêem coisas que

sabem que são más, vocês estão fazendo provisão para a carne. Não fiquem surpresos, então, se vocês caírem. Não dêem a mínima atenção a essas coisas. Não permitam que sequer sejam *mencionadas* entre vocês. Cortem-nas no botão, parem no início, não tenham o mínimo interesse por elas. E que dizer dos livros, dos romances e até das biografias? Cada vez mais se publicam biografias, uma após outra, nas quais são revelados pormenores revoltantes e sem valor, que não elevam ninguém. Atualmente as pessoas se deleitam com a pornografia, e se sentem atraídas pelo fétido e pelo indecente. A insistência do apóstolo é, realmente, no sentido de que nos afastemos do mal *in toto*. * Se houver suspeita da presença de algo impuro num livro ou num artigo, não o leiam; vocês poderão passar sem esse conhecimento e sem essa informação. Ah, alguém dirá, mas eu sou estudante de sociologia, interesso-me por isto e aquilo. Pois então renuncie ao seu interesse, digo eu. Para os puros todas as coisas são puras, porém se vocês não forem puros, até as coisas boas se tornarão más. Toda a ênfase do apóstolo é que não devemos ter nenhuma ligação com as coisas más, que estas coisas não sejam nem *mencionadas* entre vocês, como convém a santos; fiquem o mais longe que puderem delas todas.

Logo a seguir o apóstolo passa a dizer-nos como fazer isso positivamente; ele não se contenta em dar-nos somente o aspecto negativo. Diz ele: "Nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos; nem torpezas, nem parvoíces, nem chocarrices, que não convêm; mas antes" - aí está o positivo, o que devemos fazer - "ações de graças". Isto ele desenvolve mais adiante no mesmo capítulo (versículos 19 e 20), onde ele diz: "Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais; cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração; dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo". Examinaremos estes

versículos mais tarde. Por enquanto, lembro-lhes de novo que aqui o apóstolo está tratando daquilo que deve prevalecer entre os cristãos nos círculos cristãos. Ele não está dizendo aqui como devemos falar e conduzir-nos em relação aos incrédulos, e sim, em relação à Igreja de Deus. E ele ressalta que devemos dar graças, como igualmente o faz em sua Epístola aos Tessalonicenses - "Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1 Tessalonicenses 5:18).

A ordem tem ampla aplicação. O cristão não deve ser insípido! E [1]

se vocês concluíram do que eu já disse que estou defendendo uma espécie de vida insípida, mecânica, estão muito enganados. O cristão não deve ser uma pessoa insípida, mórbida e desinteressante, nem por um momento! Nunca deverá fazer por merecer que o acusem de chocarrice, de ser ladino, de ser espertalhão, mas isso não significa que ele deva ser insípido ou cheio de si ou desinteressante. Absolutamente não! O cristão é uma pessoa que deve estar dando graças! Deve expressar alegria e felicidade em sua vida, pois ele é alguém que tem profundo senso de gratidão a Deus e ao Senhor Jesus Cristo que nele está, e é alguém que *deseja* estar dando graças! Portanto, devemos libertar-nos de todas as idéias de monotonia insípida. É aí que um falso puritanismo tantas vezes tem feito dano. Há pessoas que interpretaram esse tipo de injunção de maneira inteiramente negativa; suas vidas são negativas; evitam fazer coisas erradas, é verdade, porém são inúteis, não têm nenhum valor para ninguém; elas impedem as pessoas de abraçar a fé cristã. A verdadeira vida cristã nunca é uma vida sem graça. Ações de graças! -diz Paulo. A alegria deve ser evidente na vida do cristão. Deve mostrar-se em sua conversação, em seu falar e em todo o seu procedimento.

Ora, vocês poderão dizer, como devemos fazer isso? Aqui também devo começar com uma negativa. Há gente que imediatamente interpreta o que acabei de dizer acrescentando-lhe alegria gaiata e alacridade. Não permita Deus que o façamos jamais! Isso é tão ruim como a melancolia do falso puritano. Não devemos adicionar coisa alguma. Certa atitude jovial deve expressar-se em nós por sermos cristãos. Não se deve acrescentar algo como boca escandarada em riso frívolo, e nada de querer ser uma pessoa eufórica, exageradamente alegre, jovialmente explosiva. Não posso imaginar o apóstolo Paulo fazendo uma coisa dessas. Tampouco, é bom lembrar, significa que devemos usar levianas frases feitas e clichês. Há um tipo de gente que, na conversa, fica sempre usando interjetivamente as palavras, "Louvado seja o Senhor! Louvado seja o Senhor" - pensando que, fazendo isso, está obedecendo à injunção; "Mas antes ações de graças". Todavia não é isso que se quer dizer com ações de graças! Não frases feitas, não clichês, não expressões que saem levianamente dos lábios! É, antes, algo profundo que está na mente do apóstolo aqui, algo que expressa a profundidade do ser e da personalidade. E o homem não tem consciência disso, não o faz de cor ou mecanicamente. É resultado de uma mudança do coração, é a nova criatura se expressando, é uma evidência da vida "mais

abundante".

O apóstolo, parece-me, interpreta perfeitamente esta sua afirmação no último capítulo da sua Epístola aos Colossenses, onde ele diz: "A

vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder a cada um" (4:6). O falar do cristão deve ser sempre agradável (VA: "com graça"), e temperada com sal, que mantém fora o elemento corruptor. O falar do incrédulo é caracterizado pela falta de pensamento, como uma bolha de ar, mas o falar do cristão é fruto do pensamento e é proveitoso para os outros. É preciso que as pessoas sempre se sintam um pouco melhor por terem falado conosco. Devem sempre colher algo: não somente instrução positiva, porém o fato de entrarem em contato conosco deve fazer-lhes bem, e fazê-las sentir-se melhor. Há algo de sólido quanto ao cristão, em sua conversa e na totalidade da sua vida e da sua atividade.

Vou além. Não vejo nada aqui que exclua até mesmo um elemento de humor na conversa do cristão. Mas sempre, é claro, um humor que está sob controle. Nunca uma conversa tola, nunca leviana (nem parvoíce, nem chocarrice). O humor do cristão é o que vem naturalmente, inevitavelmente. O cristão não tenta ser divertido; isso é que tem que ser eliminado. O cristão nunca o faz simplesmente para causar impressão, para chamar a atenção para si, para fazer uma imagem, ou para ser o centro de interesse numa conversação; nunca! Tampouco ele monopoliza uma conversação. Quanto melhor for o cristão, melhor ouvinte será. Se Deus lhe deu dom de humorista, que o use, que venha naturalmente; no entanto será sempre controlado, nunca obsceno, nunca indecente, nunca prejudicando quem quer que seja; haja nele uma espécie de beleza que seja de valor e que seja enobrecedora.

Assim, o cristão é alguém que está sempre dando graças, na aparência, no comportamento, no procedimento, na conversação, no linguajar; ele sempre se lembra de quem ele é e do que é; está sempre apercebido de que ele é o que é pela graça de Deus; está sempre consciente de que foi liberto da sua antiga vida má e tola, da vida do mundo com seu encanto e a sua futilidade, e dá graças a Deus por ter sido tirado dela. Ele não quer saber de coisa alguma que lhe esteja ligada. A sua nova vida não consiste na antiga vida com a retirada de algumas coisas más. Lamento dizê-lo, porém toda vez que ouço certos cristãos falarem em público ou privadamente, ainda sou levado a pensar que na vida antiga deles teriam dado excelentes comediantes. E acho que isso nunca se deveria poder dizer do cristão. O mesmo tipo de coisa, a mesma espécie de frases, a mesma espécie de atitude! Eles cortam certas partes, mas o principal continua ali! Não deve ser assim com o cristão; ele é um novo homem, ele sabe que foi liberto do "velho homem" ao preço da morte do Filho de Deus; ele deve tudo a Deus e a Cristo, e isto deve dominar a totalidade da sua vida e aparecer em tudo o que ele diz e faz. Todos nós somos fracassos, somos pecadores

nestas questões, não somos? Mas, tratem de compreender o que devemos ser, diz o apóstolo. Que as coisas do Espírito de Deus caracterizam as nossas vidas, de modo que quando as pessoas vierem falar conosco, vejam em nós algo atraente, algo limpo e puro, algo enobrecedor, inteligente, refletido e proveitoso; que elas sintam que há um elemento de louvor em toda a vida de vocês, algo que as leve a dizer: acerca do que será que eles louvam a Deus? Onde será que eles o acham, num mundo como este? Quisera eu ser assim!

A seguir, notem que o apóstolo está muito preocupado com a questão da avareza, pois a menciona duas vezes; e também disso o cristão deve tratar positivamente. O amor do dinheiro, diz Paulo a Timóteo mais tarde, é a *raiz* de todo mal. Mas o termo traduzido por "avereza" inclui mais que dinheiro; também inclui o que o dinheiro pode conseguir e produzir, e se um homem ama o dinheiro daquela maneira, não admira que ele cause o naufrágio da sua vida. É a *raiz* de todo mal. A maneira de evitar este laço e perigo particular é usar o seu dinheiro corretamente! Dê graças a Deus por meio de seu dinheiro; mostre sua gratidão a Ele dando suporte a tudo o que diz respeito a Ele e ao Seu reino. Se você acha que esse mal o está aborrecendo, elimine-o dando o seu dinheiro para uma boa causa. Não digo que o homem deve dar todo o seu dinheiro; o Novo Testamento não diz isso. No entanto, ele nos diz que somos mordomos das nossas posses. Mordomo não é alguém que dá tudo o que tem, porém é alguém que o utiliza de maneira certa e não o usa erroneamente. Se ele desse *tudo,* não seria mais mordomo, pois não ficaria nada do que cuidar. O meio de eliminar a avareza é usar as nossas posses para a glória de Deus como expressão da nossa gratidão e do nosso louvor a Deus por tudo o que Ele fez por nós, enviando o Seu amado Filho para morrer por nós e para libertar-nos daquela velha vida que era tão suja e tão má, tão superficial, tão inútil, a vida do mundo.

Além disso, notem como o apóstolo introduz a palavra "*santos"* em seu apelo. "Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a *santos*"! Os cristãos são *santosl* Nada do que a igreja católica romana fez é pior do que o seu mau uso da palavra *santo;* segundo aquele conceito, só certos cristãos são santos. A igreja romana os canoniza, e então um homem ou uma mulher se torna "Santo (ou "Santa") Fulano de Tal". Completamente falso. Todo cristão é santo. As Epístolas são dirigidas aos "santos" que estão em Corinto, aos *santos* de todas as igrejas. "Como convém a *santos",* diz Paulo a todos os membros da igreja de Éfeso. Cada um

de nós é um santo, portanto denunciemos e rejeitemos aquele erro católico-romano. Mas, que é um santo? *Éumapessoa santa,* alguém que foi separada por Deus para o Seu prazer e para o Seu próprio uso. Vemos a mesma palavra no Velho Testamento. Em Êxodo, em Levítico e noutras partes lemos acerca dos vasos que deviam ser colocados no tabernáculo e sobre o altar; eram chamados *vasos santos,* quer dizer, não deviam ser utilizados para fazer refeições comuns, nem para o comum

comer e beber, todavia eram separados para um propósito especial e para o uso de Deus. E a mesma coisa é verdade quanto aos cristãos. E isso que o santo é, e eu eu vocês somos santos. Já vimos que os cristãos são filhos de Deus, queridos e amados, sim, e por essa razão, são santos, propriedade peculiar de Deus, são os que Deus separou para Si, para o Seu deleite e prazer. E todo cristão verdadeiro é santo! Lembrem-se de quem você é, diz o apóstolo. Lembrem-se disso, a primeira coisa de manhã, diga isso quando está indo para o seu escritório ou para a oficina em seu carro ou no metrô ou no ônibus. Se você está caminhando ou pedalando, diga a si próprio: sou santo, sou uma pessoa separada, estou no mundo mas não sou do mundo e, portanto, há certas coisas que não devo fazer, nem sonhar em fazer.

A ênfase é reforçada pelas duas expressões - "como *convém* a santos", e "que não convêm". Paulo está dizendo que certas coisas não convêm ao santo, não são próprias, não são dignas do santo. E aqui de novo a figura que está na mente do apóstolo é uma figura que todos nós conhecemos bem. Há pessoas que não se vestem de maneira apropriada à sua idade ou condição. Se vocês vissem uma senhora muito idosa vestida como se tivesse vinte anos de idade, vocês diriam: não é próprio! Certas coisas combinam, certas coisas não - isso condiz com a outra coisa? Há choque entre aquelas cores? O adorno condiz com a ocasião? "Como convém"! Paulo está usando uma ilustração tirada do mundo do vestuário, e diz: todos nós sabemos que algumas coisas não convêm ao cristão, não se ajustam à sua profissão de fé, "não convêm", não são condizentes. O homem do mundo vê um cristão entrando num lugar em que não devia entrar, e diz: você vê o que aquele cristão está fazendo? E até o homem do mundo fica chocado e espantado. Até o homem do mundo reconhece o hipócrita, sabe que certo tipo de conduta não condiz com a verdadeira profissão de fé cristã. Notemos todos! Como *convém* a santos!

E depois o apóstolo passa a condenar a avareza por ser *idolatria.* E não há pecado mais terrível do que a idolatria. Significa que você faz de alguma coisa um deus, e lhe presta culto. Contudo, a *avareza é* idolatria. O Novo Testamento nos diz isso repetidas vezes. Não

importa o que seja, qualquer coisa que eu e vocês nos inclinemos a estabelecer como a grande realidade, a realidade central, em nossas vidas, aquilo em que pensamos e com que sonhamos, aquilo que prende a nossa imaginação, aquilo pelo que *vivemos,* aquilo que nos causa a maior emoção; se é *alguma outra coisa* que não DEUS, é idolatira. E cada um de nós deve examinar-se. Uns prestam culto ao dinheiro, o que ele pode fazer e o que pode trazer e obter; outros prestam culto ao "status" e à posição; outros mais, ao seu cérebro e à sua capacidade; ainda outros, à sua boa aparência. E idolatria. E é o pecado mor. O que se requer de nós é que adoremos a DEUS, e somente a DEUS. Há somente um Deus, e Ele não reconhece *nenhum* outro. Não permita Deus que algum de nós esteja prestando culto ou se entregando a *alguém* ou a *alguma coisa* que não seja o único Deus vivo e verdadeiro!

Lembremo-nos sempre de que somos *santos,* separados para Deus, destinados a viver para Ele e para a Sua glória, a culturar e louvar unicamente a Ele; e, lembrando-nos disso, tratemos de compreender que certas coisas são incompatíveis com o cristianismo, que devemos renunciá-las para sempre, evitá-las, fugir delas por todos os meios concebíveis, e positivamente viver uma vida que seja uma constante expressão de gratidão a Deus, que teve misericórida de nós e que, quando ainda éramos pecadores e inimigos, ímpios e vis, deu o Seu unigênito Filho para sofrer a morte de cruz, para que fôssemos resgatados e redimidos e tivéssemos parte em Sua herança eterna.

1

Ao todo; totalmente. Em latim no original. Nota do tradutor.

O REINO DE CRISTO E DE DEUS

"Porque bem sábeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus. "

- Efésios 5:5

Neste versículo cinco do capítulo cinco de Efésios vem-nos defrontados por uma advertência solene, e por um pronunciamento alarmante a respeito do viver impuro. "Porque bem sabeis isto: que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança" -absolutamente nenhum lugar - "no reino de Cristo e de Deus." Aqui está, pois, uma advertência que temos de encarar. Devemos tomar as Escrituras como são. O apóstolo achou necessário ministrar esta severa advertência aos cristãos efésios, e não podemos senão concluir que é uma advertência necessária para os cristãos de todas as eras e de todos os lugares.

Em primeiro lugar, somos alertados pela maneira pela qual esta advertência é apresentada. "Bem sabeis isto", diz Paulo - ele quer dizer que esta é uma coisa além de toda a dúvida, algo que ultrapassa toda a discussão. Isto, diz ele, é uma coisa que é auto-evidente. Como se pode ser cristão sem saber isso? Como se pode aprender a Cristo nalgum sentido real sem estar logo ciente disto? Diz ele que não há necessidade de nenhuma instrução a respeito. E, todavia, embora diga isso, ele nos faz lembrar disso. Nesta era moderna eu repito a pergunta do apóstolo. Sabemos todos o que aqui se declara? Vemos isso com perfeita clareza? É algo que não necessita de demonstração ou de explicação para o cristão moderno? Só posso responder dizendo que, embora o apóstolo diga aqui que esta é uma coisa que deveria ser auto -evidente, não podemos ler as Epístolas, e nem mesmo qualquer dos escritos do Novo Testamento, sem sofrer certo impacto com o fato de que os escritores estão constantemente lembrando às pessoas coisas como esta, e fazendo isso da maneira mais solene. Noutras palavras, só pode dar-se o caso que muitos de nós que deviam saber certas coisas, não as sabem, e por isso temos que entrar nessas coisas em detalhe. Ora, por que há esta alarmante possibilidade de que podemos saber essas coisas teoricamente, sem verdadeiramentecon/zecé-Zaí', entendê-las e captá-las? Muitas vezes as pessoas ficam surpresas comisso. Às

vezes elas vêm dizer-me: imagine, pregar isso a cristãos! Minha única resposta é: os apóstolos o fizeram; se era necessário então, é necessário agora, e não é difícil saber por que é sempre necessário. Temos que examinar a questão.

Todos corremos o perigo de ser demasiado subjetivos em nossa abordagem da questão da salvação e da redenção. Tendemos a começar conosco mesmos, e commuita freqüência terminamos conosco mesmos. Queremos algo, e especialmente felicidade, e consideramos o evangelho como uma coisa que pode ajudar-nos em

nosso problema de procurar por ela. E visto que começamos conosco mesmos dessa maneira, e com essa busca da felicidade, nunca examinando toda a situação objetivamente, tendemos a meter-nos em dificuldades. Queremos uma coisa e, de maneira inteiramente subjetiva, ditamos qual é essa coisa. E o resultado é que nos esquecemos este outro aspecto infinitamente mais importante, a saber, a nossa relação com Deus, e a nossa posição diante do Seu santíssimo olhar.

Depois, também, somos todos peritos em racionalizar os nossos pecados e fracassos! Ah, reconhecemos isso noutra pessoa, e o condenamos nela! Mas, de um modo ou de outro, quando fazemos a mesma coisa, há uma explicação fácil, e ficamos perfeitamente satisfeitos. Somos todos peritos nesse processo. Estamos todos em boas relações conosco mesmos, não gostamos que nos coloquem em condições miseráveis, e não gostamos de sofrer condenação; e, portanto, nós nos tornamos hábeis na defesa de nós mesmos, apresentando razões, argumentos e explicações - a coisa na verdade não era bem o que parecia ser! - e assim acabamos em paz conosco mesmos.

Uma vez que seguimos esse caminho subjetivo, é espantoso quão brilhantes podemos tornar-nos na proteção de nós mesmos e dos nossos interesses. No capítulo dois da sua Epístola aos Romanos, Paulo nos diz que "acusamos ou defendemos" neste sentido*defendemo--nos cacusamos outros* acerca das mesmas coisas. Por trás de tudo isso está a astúcia do diabo, que pode chegar a nós como amigo, na verdade como um anjo de luz, e pode persuadir-nos com tanta facilidade porque desejamos ser persuadidos, de que aquilo de que nos acusamos como pecado não é realmente pecado nenhum, e sim apenas algo natural - estávamos tendo demasiado pudor, estávamos sendo exageradamente sensíveis em nossas consciências, tínhamos desenvolvido uma espécie de escrupulosidade mórbida. E o maligno (satanás) vem e lhe imprime tanta plausibilidade, e nós, querendo estar de bem conosco mesmos, rendemo-nos às suas lisonjas. E assim ficamos cegos e entramos num estado tal que é necessário que o apóstolo nos fale nos termos do versículo que agora está diante de nos.

Há necessidade de que examinemos constantemente as grandes declarações das Escrituras acerca do objetivo principal do cristianismo. Qual é o objetivo principal da mensagem cristã, desta fé cristã? É fazer-nos *santos* - não fazer-nos felizes! A felicidade é um subproduto do cristianismo, não a coisa central. Nunca poderemos exagerar na ênfase a isso. E esse o ponto que faz a diferença entre o cristianismo e as seitas. Permitam-me usar o termo técnico (latino) -é a *differentia* da fé cristã. Nesta o primeiro valor é a *santidade',* nas seitas é a felicidade. Quando você examina as seitas vê que elas estão sempre procurando prover à sua felicidade; elas não estão preocupadas com a sua santidade; querem que você se livre disto, disso e daquilo, porém quereriam que você se livre do *pecado*? Muitas delas nem sequer reconhecem a categoria de pecado. Mas nas Escrituras o primeiro valor, o

valor central, é que sejamos feitos santos. Esse é o grande argumento do capítulo doze da Epístola aos Hebreus. Porque o Senhor nos ama, Ele nos castiga e nos faz infelizes por algum tempo, a fim de que nos tornemos santos. Ele quer que sejamos perfeitos. Ele nos está preparando para Si e para a vida com Ele; portanto, a santidade tem que ser, necessariamente, o primeiro valor e o mais importante. Noutras palavras, o que cada vez mais precisamos fazer é olhar para Deus, para o Seu conceito do pecado e do mal e para a Sua atitude para com o pecado e o mal. Esqueçamo-nos de nós mesmos provisoriamente. Comecemos com *Deus-,* vimos à Sua presença e O contemplamos. O que importa é o que ELE pensa e diz sobre o mal, e o mau procedimento, e sobre a vida e o modo de viver. O que eu acho, e o que outros dizem, pesam pouco, em comparação. E assim nos voltamos para o nosso texto.

Observemos a freqüência com que a declaração feita em nosso texto aparece nas Escrituras. "Não sabeis", diz Paulo aos coríntios, "que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis; nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus" (1 Coríntios 6:9-10). E de novo, mais adiante na mesma Epístola, vemo-lo dizer: "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes. Vigiai justamente (VA: "Despertai para a justiça") e não pequeis; porque alguns ainda não têm o conhecimento de Deus; digo-o para vergonha vossa" (15:33-34). E segue-se daí uma vigorosa dissertação sobre este assunto. Depois, na Segunda Epístola aos Coríntios, lemos: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça?" - Agora respondam a isso! - "E que comunhão tem a luz com as trevas?" -

Quem pode dizer-me? - "E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos?" (6:14-16). Naturalmente, as perguntas do apóstolo são feitas para mostrar que não há comunhão, que não há acordo nenhum, entre os opostos; são incompatíveis eternos, e nunca podem ser postos juntos. Não há meio entre dois opostos, diz Aristóteles. Essas coisas são antíteses eternas. Jamais poderá haver cinza nos domínios em que Deus impera, é uma coisa ou a outra, preto ou branco, e nunca podem misturar-se. O apóstolo João ensina a mesma coisa. No capítulo primeiro da sua Primeira Epístola ele diz: "Se dissermos que temos comunhão com ele, e andarmos nas trevas, mentimos, e não praticamos a verdade". E de novo, no capítulo dois: "Aquele que diz: eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, *é mentiroso"* - não há nenhuma outra coisa que dizer a seu respeito, ele não passa de um mentiroso descarado! - "e nele não está a verdade". Ele é um estranho para a verdade. E depois, no último livro da Bíblia, como se para lembrar-nos - justo no fim - uma coisa que somos tão propensos a esquecer, vemos escrito: "E não entrará nela (na cidade santa) coisa alguma que contamine, e cometa abominação e mentira;

mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro . . . Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas. Ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira" (Apocalipse 21:27; 22:14-15). Ah, esta é uma distinção eterna - fora! - aí estão elas, as pessoas das quais João está falando, que não têm herança no reino de Cristo e de Deus, estão *fora,* eternamente do lado de fora, e lá permanecerão. Não têm entrada na cidade *santa.* O nosso Senhor disse pessoalmente a mesma coisa no Sermão do Monte: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mateus 7:21). Este é o cristianismo do Novo Testamento. Não estamos agora pensando em nossa felicidade ou em nossos sentimentos subjetivos, estamos? Aqui está a declaração grandiosa, objetiva, eterna. Há uma cidade na qual entrar, e se queremos entrar naquela cidade, temos que lembrarmos de que é uma cidade *santa* e que a entrada nela é controlada pela categoria de santidade. As Escrituras falam sobre a santidade sem a qual ninguém verá o Senhor. "Bem-aventurados os limpos de coração, porque *eles*" - e ninguém mais - "verão a Deus".

Agora, a primeira questão que nos confronta é esta: que é que esta declaração do versículo cinco significa? O apóstolo o deixa claro. Ele está afirmando que aquele cuja conduta habitual é manchada por

pecados como os que ele menciona, não tem herança no reino de Deus. Ele não está dizendo que todo aquele que *cair* nalgum desses pecados estará etemamente excluído do reino. Hão significa isso, graças a Deus! No entanto significa, sim, que se esses pecados constituem a característica da vida de alguém, se é esse o seu modo de viver, se é essa a sua atmosfera, se é essa a esfera em que ele se sente feliz e como quem encontrou o que procurava, então ele não tem nenhuma herança no reino de Cristo e de Deus. Temos no próprio Novo Testamento ilustrações de cristãos caindo temporariamente em pecado, sem que isso tenha passado a ser o seu habitat, por assim dizer; eles não voltaram a viver em pecado. Essas pessoas não estão incluídas nas solenes palavras do versículo 5. Digo isso porque a verdade me compele a dizê-lo. Sei que existem pessoas que se agarrarão a essa afirmação, e a usarão e a torcerão, como diz Pedro, para a sua própria destruição. Mas a essas pessoas eu garanto que a persistência, a continuidade, a permanência no pecado, ou uma reversão a ele, significa que elas não estão dentro do reino. Homens e mulheres cujo procedimento, cuja vida, é caracterizada por coisas contrárias à lei de Deus, não estão no reino de Deus; não têm nenhuma herança ali. Ora, por que é que isso é necessariamente verdadeiro? Por que é que o apóstolo diz: "Bem sabeis isto"? Bem, aqui ele nos dá uma explicação muito interessante. Diz ele: não "tem herança no reino de *Cristo* e de *Deus".*

Vocês verão que os comentadores cultos gastam a maior parte do seu tempo, ao

tratarem deste versículo, com essa frase particular. Preocupam-se em dizer que o que o apóstolo de fato escreveu foi, "não tem herança no reino de *Cristo e Deus*"; disso muitos deles deduzem, e acertadamente, penso eu, que uma das coisas que o apóstolo tinha em mente era que Cristo *é* Deus - o reino de *Cristo e Deusl* Não o reino de Cristo *cde* Deus, mas o reino *d&Cristo eDeus,* do Cristo queéDeus. Ora, é perfeitamente legítimo dizer isso e, contudo, não posso senão achar que o apóstolo não estava primariamente interessado em dizer isso, embora seja verdade e ele diga coisas similares noutros lugares. O Senhor Jesus Cristo é Deus, é a segunda Pessoa da Deidade. Mas eu prefiro pensar que aqui o apóstolo *estava* dizendo "o reino de Cristo *e de* Deus", para poder acentuar o fato de que o reino que Cristo abriu para nós e que, portanto, com acerto pode ser chamado reino de Cristo, é também o reino de Deus. E é sobre esse reino que estamos falando, o reino no qual Deus é o centro e a alma, no qual Deus é tudo, e no qual tudo tem que ser semelhante a Deus; e "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas"!

Porventura não vemos na leitura de Salmos que esta verdade era

conhecida dos santos do Velho Testamento? "Senhor, quem habitará no teu tabemáculo? Quem morará no teu santo monte? Aquele que anda sinceramente, e pratica a justiça, e fala a verdade no seu coração; aquele que não difama com a sua língua", e assim por diante (15:1-3). Esse é o homem que estará com o Senhor. E de novo, noutro salmo: "Quem subirá ao monte do Senhor, ou quem estará no seu lugar santo?" Era isso que preocupava o salmista, e ele responde: "Aquele que é limpo de mãos e puro de coração; que não entrega a sua alma à vaidade, nem jura enganosamente. Este receberá a bênção do Senhor" (24:3-5). Em certo sentido, que importa se somos felizes ou infelizes? Acaso importaria algo senão isto? Queremos estar na presença do Senhor? Queremos subir àquele monte santo? Queremos ter entrada na cidade de Deus, santa e eterna? Queremos passar a nossa eternidade ali? Essa é a questão! E, portanto, a primeira consideração é a santidade! "Sede santos", diz Deus, "porque *eu sou santo"'.* A coisa é tão óbvia! Isto vocês sabem! "O nosso Deus é fogo consumidor"! "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas"! Olhem para o nosso Senhor, e verão que Ele era "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores". De tal maneira era Ele que podia desafiar os Seus acusadores e dizer: quem pode levantar acusação contra Mim? Ele pôde dizer: "O maligno vem, e nada acha em mim" (cf. João 14:30).

Mas surge neste ponto um perigo muito sutil, e não tenho dúvida de que o apóstolo o tinha em mente quando escreveu precisamente as palavras que estamos considerando. Há pessoas que dirão: "Ora, espere um minuto; você não nos estaria pregando a lei? Você deve ser um ministro da graça, e, contudo, parece estar pregando pura lei. Porventura você nos está lembrando o Ser e o caráter de Deus como expressos nos Dez Mandamentos e em Sua lei moral? Não nos está simplesmente colocando de volta debaixo da lei? Você não está excluindo cada

um de nos do reino de Deus? Certamente você está esquecendo o evangelho! Você esteve se referindo ao reino original e à lei original que Deus pôs diante da humanidade; porém agora o Senhor Jesus Cristo veio, e somos confrontados *por* algo inteiramente novo; não mais nos defrontamos com a lei; tudo o que se pede que façamos como cristãos é crer no Senhor Jesus Cristo. Não podemos ser salvos sob a lei, porquanto a lei o impossibilitou, dizendo: "Não há um justo, nem um sequer". Entretanto agora Deus introduziu outro meio que o torna fácil para nós; não nos defrontamos mais com as exigências da lei e com a tremenda santidade de Deus. É apenas uma questão de crer no Senhor Jesus Cristo, e seremos salvos". Ora, esse é o argumento delas, mas sou forçado a dizer que é uma das mais sutis

e perigosas heresias que se pode oferecer aos homens e mulheres. E, todavia, essa heresia caracteriza grande parte da evangelização moderna.

A resposta a isso tudo está perfeitamente clara no próprio Novo Testamento. Cristo é Deus, e Ele não veio a este mundo para mudar a lei de Deus; ele mesmo diz no Sermão do Monte que, nem um jota ou um til passará da lei sem que tudo se cumpra. Ele não veio para destruir a lei e os profetas, mas para cumpri-los. E como o apóstolç nos faz lembrar aqui, o reino de Cristo é *também* o reino de Deus! É um só reino. Os santos do Velho Testamento estão no mesmo reino que nós. Estavam nele antes de nós. Como gentios, fomos introduzidos; éramos estranhos à aliança da promessa e estávamos fora destas coisas, porém fomos introduzidos, fomos feitos co-herdeiros com eles; essa divisão entre o velho e o novo é falsa; e o argumento segundo o qual a lei nada tem conosco é um exemplo do aparecimento do diabo como um anjo de luz. Há somente um padrão eterno.

No reino de Cristo somos postos face a face com DEUS! E qual é a obra realizada pelo Senhor Jesus Cristo? Por que Ele veio? Veiopara levar-nos a Deus, diz o apóstolo Pedro. Veio, diz Paulo, e Se deu a Si mesmo por nós para "purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras"; veio para fazer-nos santos! Vemos uma perfeita exposição da matéria na Epístola aos Romanos: "Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (8:3-4). E o reino de Cristo e de Deus, e o padrão do reino de Cristo não é inferior ao do reino de Deus. O reino é um só, e a santidade é sempre o único padrão. O Senhor Jesus Cristo não veio a este mundo para rebaixar o padrão ou tomá-lo mais fácil do que era, para que deslizássemos para dentro do reino, como se pudéssemos entrar dizendo: cremos em Cristo, e fiquemos ainda apegados aos nossos pecados. Disse o nosso Senhor: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor!... mas aquele que faz ... "! E lembremo-nos da ilustração da casa edificada sobre a rocha e da casa edificada sobre a areia. Ela foi introduzida com as palavras: "Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei

ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha" (Mateus 7:24); o homem que ouviu as palavras de Cristo, e não as pratica, é semelhante ao homem que edificou a sua casa sobre a areia.

Nesta altura alguém poderá dizer: "Não consigo conciliar estas

coisas em minha mente como princípios; teologicamente não entendo o que você está dizendo. Certamente, colocando as coisas como você o faz, você está realmente ensinando de novo a justificação pelas obras. Você não estaria dizendo que o que nos dá admissão ao reino é a nossa vida? Você não estaria dizendo que o homem culpado dessas coisas está fora, ao passo que o não culpado está dentro? Isso não seria ir direto de volta à justificação pelas obras? Você não estaria efetivamente dizendo que o homem é justificado por sua santificação? Não estaríamos dizendo que se ele é santificado é justificado, mas se não é santificado não é justificado e está fora?" Pessoas há que muitas vezes ficam em dificuldade quanto a isso. Ficam igualmente em dificuldade exatamente da mesma maneira quanto ao capítulo seis da Epístola aos Hebreus. Dizem elas: "Vejam ali aquelas advertências terríveis; apassagem nos diz quese o homem que crê retroceder, estará fora para sempre; não podemos conciliar esta justificação somente pela fé e este seu ensino da pura graça com esta outra ênfase que parece pôr de novo tudo sobre nós, sobre a nossa conduta e sobre o nosso comportamento. Como conciliar estas coisas?"

Essa é uma questão deveras importante! Conciliamos estas coisas asseverando de novo que Deus justifica *ímpios,* não os piedosos. A justificação é pela *iésomente.* Foi quando ainda éramos inimigos que fomos reconciliados com Deus pela morte de Seu Filho; foi enquanto éramos ímpios, enquanto éramos pecadores. Não há dúvida acerca disso; é uma doutrina cardinal, um grande princípio primordial. Mas a justificação é apenas um passo, um passo inicial, de um processo. E o processo inclui não somente a justificação, como também a regeneração, a santificação e a glorificação final. A justificação e o perdão de pecados não são fins em si mesmos; são apenas passos no caminho que leva à perfeição final. E essa é a resposta completa ao problema. Alguns cristãos persistem em isolar estas coisas, porém nas Escrituras elas não estão isoladas. "Aos que chamou a estes também justificou; e aos que justificou a estes também glorificou"! "Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, *e* justiça, *e* santificação, *e* redenção"! (Romanos 8:30; 1 Coríntios 1:30). Aí está o processo em geral. E a verdade é que, se você está nele todo, está em cada um dos seus pontos. Não se pode divorciar a justificação e o perdão das outras partes da verdade. E os passos restantes estão colocados claramente diante de nós na Primeira Epístola aos Coríntios: "E é o que", diz o apóstolo, após haver dado a sua terrível lista de pecados - "E é o que alguns (de vós) têm sido, mas haveis sido lavados, mas haveis sido santificados, mas haveis sido justificados em nome do Senhor Jesus, e pelo Espírito do nosso Deus" (6:11). Quer dizer que

Deus não justifica o homem eo deixa aí. Absolutamente! Se Deus o justifica, Deus o introduziu no processo. Se você pode dizer que está justificado, a seu respeito eu digo que você foi lavado, foi santificado, foi separado e retirado dos antigos domínios e colocado em novos, num novo reino; você está neste processo de Deus que o está levando à sua perfeição final e completa. E o versículo que aqui estamos examinando diz que se em nossas vidas não há evidência deste processo no qual Deus coloca as pessoas que Ele justifica, então nós não fomos justificados, porém estamos apenas dizendo, Senhor! Senhor! E a Sua resposta será: "Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade". Dirá isso, pois o argumento é que quando Deus justifica alguém Ele o introduz neste processo, e estas coisas acontecem com ele.

Portanto, esta seria a maneira de abordarmos o nosso texto e a primeira parte do capítulo seis da Epístola aos Hebreus: estes versículos são postos diante de nós para que possamos testar a nós mesmos com eles, nós que estamos prontos a dizer, "Senhor! Senhor!" Sim, mas ouçam, diz Paulo, saibam isto: "que nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus". Tem havido pessoas na igreja que dizem: "Senhor! Senhor!" mas que é culpada destas coisas. Leiam 1 Coríntios, capítulo 5, e verão que havia um membro da igreja de Corinto que era culpado de um pecado tão terrível que sequer se podia pensar em mencioná-lo, diz Paulo, mesmo entre os gentios. Ali estava um homem que dizia, "Senhor! Senhor!" e, todavia, ao mesmo tempo, era culpado de um pecado que nem dá para mencionar! Esta não é uma questão de palavras. Qualquer homem pode dizer: "Senhor! Senhor!" porém, se ainda continua com o seu pecado, não há valor nenhum nisso; não é um homem justificado. O homem justificado é aquele a quem foi aplicado o processo. Toda a sua relação com o pecado e o mal é nova. Ele foi lavado, foi santificado, foi justificado em nome do Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus.

Mas o nosso texto é mais que um teste. Vocês percebem que versículos dessa espécie fazem parte do método pelo qual Deus nos santifica? Lembrem-se da oração do Senhor que se encontra em João, capítulo 17. Ele orou: "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". Ele já tinha dito a certas pessoas: "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a *verdade* vos *libertará*". Vocês já compreenderam que é por meio de palavras como essas que Deus nos santifica? Fazem parte do Seu método de santificação. Estas advertências, estas

ameaças, estas declarações alarmantes, são as coisas que Deus usa para nos santificar; Ele as aplica a nós pelo Espírito com este propósito. Todos nós devemos testar a nós mesmos para saber se somos cristãos ou não. Como você reage, meu amigo, ao texto que estou usando? Ele o preocupa? Ele o deixa alarmado? Ele o faz sentir vergonha de si mesmo e da sua vida? Você diz: ele está absolutamente certo, e

eu estou sempre correndo o risco de cair no antinomianismo? Se é assim, digo-lhe que você está no reino. Deus usou este versículo por meio do Espírito Santo para promover a sua santificação. Estas palavras vêm para despertar o crente verdadeiro; não tocam os outros. Os outros apenas são levados a aborrecer-se. Dizem eles: "O que você me diz está totalmente errado, eu pensava que eu estava justificado pela fé somente". Mas o que realmente querem dizer é: "Eu pensava que o evangelho dizia que não importaria se eu continuasse pecando, e que tudo estaria bem comigo, se eu cresse em Cristo!" Eles fazem do sangue de Cristo uma capa para cobrir os seus pecados, mercadejam com a cruz, estão pondo a balança a funcionar, estão se acertando. Entretanto o homem verdadeiramente chamado, o homem que está no reino, diz: "Isso está certo, só pode estar certo".

Deus é santo, Deus é luz, e nEle não há trevas nenhumas. E estas palavras são empregadas para ampliar, aprofundar e acelerar a santificação do crente verdadeiro. Lembro-lhes de novo as palavras do apóstolo João em sua Primeira Epístola: "E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (3:3). Naturalmente, um homem pode dizer levianamente: "Quero ir para o céu; eu tenho esta esperança nEle". "Não tem não!" diz João. Aí está o teste. Se você tem realmente esta esperança nEle - a esperança de que no fim vai entrar na cidade santa, e de que nela vai passar a eternidade - todo aquele que tem esta esperança nEle, purifica-se -naturalmente que o faz, só tem que fazê-lo - como também Ele é puro. Mas aquele que só tem a esperança nos lábios, e não no coração, não se purifica, continua vivendo a velha vida; e a verdade sobre ele é que ele não tem nenhuma herança no reino de Cristo e de Deus. Ele não pertence a esse reino. Ele *diz*: "Senhor! Senhor!" porém o seu falar é barato e leviano.

A questão é: há esta esperança em nossos corações? Se há, reconhecemos a verdade; dizemos: sim, sabemos *de fato* isso, que as pessoas presas ao pecado obviamente não podem ter nenhuma herança no reino de Cristo e de Deus. Não há contradição entre estas declarações e a doutrina da livre graça e da justificação pela fé somente, pois o Deus que justifica continua com o processo. E, a menos que estej amos dando prova de que estamos no processo e de que

por meio dele estamos sendo aperfeiçoados, não se pode tirar senão uma conclusão - nunca estivemos no reino; temos que voltar ao início, temos que arrepender-nos e crer no Senhor Jesus Cristo.

A IRA DE DEUS

"Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. " - Efésios 5:6

Ao referir-se a *estas coisas,* naturalmente o apóstolo se refere às coisas que ele acabara de mencionar - prostituição, impureza, parvo-íces, chocarrices, avareza, etc.; todas elas, coisas inconvenientes nos santos. O seu objetivo primordial aqui, como vimos, é exortar os crentes efésios a viverem verdadeiramente a vida cristã, até nos mínimos detalhes das suas vidas. Mas vemos que o apóstolo não pode manejar até mesmo um assunto prático como este, sem relacioná-lo com certos princípios gerais e fundamentais. Noutras palavras, ele não está interessado somente na conduta deles como tal, na moralidade e conduta r/wa [1] moralidade e conduta; a ele tem um interesse mais amplo e maior, o que é característico de toda a mensagem cristã. Ela toma tudo o que fazemos nesta vida e neste mundo, e tudo o que nos acontece, e o coloca num contexto eterno. Noutras palavras, o nosso comportamento neste mundo é importante por três grandes razões eternas. A primeira é que a nossa conduta afeta a nossa relação com Deus; não simplesmente o nosso relacionamento, digamos, conosco mesmos e com as outras pessoas, porém o nosso relacionamento com o próprio Deus eterno.

O segundo princípio é que só existem duas possibilidades quanto a essa relação com Deus; ou estamos no reino de Cristo e de Deus, ou estamos fora desse reino e debaixo da ira de Deus, como filhos da desobediência.

Mas há, depois, um terceiro princípio, a saber, que esta nossa relação com Deus aplica-se não somente ao tempo, e sim também à eternidade. É importante não somente por causa da nossa vida e da nossa felicidade enquanto estamos *neste* mundo; é o que determina a nossa condição eterna, interminável, ou de felicidade, ou de profunda miséria e infelicidade.

O mundo incrédulo não faz idéia destes três princípios que o apóstolo enuncia aqui. Não se interessa pela relação com Deus. Não

se dá conta de que todo ser humano, ou está no reino de Cristo e de Deus, òu está fora e sob a Sua ira. Não se dá conta de que além desta vida e além do túmulo existe outra vida, que vamos prosseguir interminavelmente, eternamente, numa das duas situações, ou de bem--aventurança inefável, ou de sofrimento e agonia que desafiam a nossa imaginação. E bem que podemos indagar por que será que tantos homens e mulheres ao nosso redor se mostram tão desatentos a estas três grandes verdades. Deve-se achar a resposta nas palavras do apóstolo como vêm registradas em nosso texto.

Diz ele, em primeiro lugar, que o povo do mundo geralmente é enganado por palavras vãs. "Ninguém vos engane com palavras vãs"! O homem está como está, em pecado, e o mundo está como está, sofrendo todos os tipos de agonias e tumultos, porque está sendo enganado. De acordo com a Bíblia, essa é a essência da tragédia humana, da tragédia do mundo. Todos os problemas e dificuldades da humanidade são conseqüências do fato de que, no princípio, o homem foi logrado, foi enganado, foi seduzido, por satanás que, como diz a Bíblia, foi um enganador desde o princípio. As Escrituras falam também do *"engano* do pecado" (Hebreus 3:13). Essa é a coisa mais terrível nesta questão - ele nos seduz para o mal antes de nos apercebermos. Engana-nos com *palavras vãs.*

O homem moderno se vangloria acima de tudo mais daquilo que ele chama seu conhecimento, sua cultura, seu entendimento. Ele acredita que tem um verdadeiro conceito da vida; e neste contexto talvez não haja nada de que o homem moderno típico tanto se orgulhe e com que se alegre como a maneira pela qual ele se emancipou da religião. A religião, diz ele, é uma espécie de superstição própria da infância da raça; é característica do homem em sua condição primitiva. Seus acompanhamentos e concomitantes sempre tiveram um espírito de temor e de escravidão. O homem sob a religião é uma criatura de tabus e temores a ele impostos. Mas agora o homem moderno acha que se desenvolveu e se desfez desse pesadelo; livrou-se desses tabus; adquiriu uma visão da vida científica, saudável, varonil, e agora está livre para usar a sua inteligência e a sua cultura. Assim, digo eu, ele se regozija com a emancipação que conseguiu.

O resultado disso é que o homem moderno tira e elimina os velhos padrões, especialmente os velhos padrões morais. Ele ri deles e os ridiculariza. O homem moderno não somente pratica, porém também defende coisas que há cem anos, e até mais recentemente, eram consideradas pela maioria do povo como inquestionavelmente pecaminosas. Na verdade, ele faz mais que defendê-las, ele luta por elas.

Ele de fato chega ao ponto de dizer que o homem que não segue essas práticas é digno de dó; ainda está sujeito aos tabus da religião, ainda é meio vitoriano em sua perspectiva, e não se desenvolveu à plena maturidade. Ele sustenta que, embora no passado essas coisas tenham sido consideradas pecaminosas, não devendo nem ser mencionadas, atualmente as nossas pesquisas e o nosso desenvolvimento científico ensinaram-nos que o homem é uma criatura constituída de tal maneira que deve dar plena expressão a essas forças, propensões e qualidades que há dentro dele. A dedução do homem moderno é que o que se costumava chamar pecado, na verdade não é nada mais que a ação do homem expressando-se e vivendo plenamente a vida, não o tipo de vida mutilada e truncada dos nossos antepassados, mas o homem entrando na sua realidade e dando evidência daquilo que ele é realmente. E assim, tudo é natural, e não devemos dizer que isto ou aquilo não é natural ou é

pecaminoso, pois, em última análise, tudo o que o homem faz é natural, e a conclusão final do homem moderno é que *não* exercitar ou *não* dar expressão a estes instintos e forças naturais é pecaminoso, e, no mínimo, deplorável - se é que existe tal coisa.

Também há uma nova tendência na vida de explicar o que se costumava chamar *pecado* em termos de variações do normal, ou em termos de enfermidade. A idéia geral hoje é que realmente não existe isso de *pecado,* e que não devemos dizer que as pessoas que seguem certas práticas são pecadoras. Dizem-nos que devemos reconhecer o fato de que não somos todos idênticos, e que o homem faz certas coisas porque essa é a sua constituição. É certo que fundamentalmente somos todos iguais, todavia quando nos examinamos em detalhe, vemos que há diferenças de temperamento e noutros aspectos; um homem é dinâmico, outro é lerdo; um é vivo, outro é fleumático; um é mais inteligente que outro, um é mais vigoroso sexualmente que outro. Essencialmente, todos os homens são constituídos da mesma maneira, mas existem essas variações dentro do normal. Esse tipo de distinção está sendo ressaltado o tempo todo - o homem nasceu assim e, portanto, simplesmente deve expressar-se, e se não se expressar, estará sendo culpado de violar a sua personalidade!

O equilíbrio das suas glândulas endocrínicas é tal que ele só faz o que é natural para ele. E dessa maneira se desfaz toda a idéia de pecado. As vezes, como eu disse, a colocação é não tanto em termos de variações do normal como em termos de doença. E não se pode deixar de notar que essa atitude está se insinuando nos argumentos utilizados nos tribunais. Um homem comete um crime; sim, porém a defesa alega que ele não pôde evitá-lo naquele momento; ele está em

péssimas condições de saúde. Este homem não devia ser considerado criminoso, devia ser levado a um hospital, em vez de ser trazido para o tribunal! A,doença foi a causa da sua ação, e, portanto, ele não é responsável. É dessa maneira, e doutras semelhantes, que toda a noção de pecado, mal e erro moral antagônicos ao direito e à verdade vai desaparecendo gradativamente.

Isso, por sua vez, leva ao relaxamento de toda a idéia de disciplina - disciplina no lar, na escola, em todos os aspectos da vida em geral. A velha idéia era ensinar as crianças a portar-se bem, e ensinar-lhes os três erres,[2] gostassem ou não, e estivessem interessadas ou não. Contudo, isso agora deu lugar à idéia de que os problemas educacionais devem ser abordados psicologicamente, e cabe à criança determinar o que se lhe deve ensinar e como se lho deve ensinar; deve-se tomar tudo agradável e interessante. Se no momento ela não quer estudar aritmética, contem-lhe uma história; e assim por diante. E assim toda a idéia de disciplina, de ordem e de governo está desaparecendo. Não estou ridicularizando a coisa, estou expondo literalmente o que está acontecendo. É realmente nisso que se acredita hoje em dia. Está sendo posto em prática em casa, na escola, com relação ao trabalho nas prisões,

e em todos os aspectos da vida. A noção de disciplina é objeto de aversão hoje, e é considerada um mal, pois o homem deve ser livre e deve ter a permissão de expressar-se.

E depois, naturalmente, o passo seguinte - e é muito lógico - é que toda a idéia de punição está desaparecendo. Os homens e as mulheres modernos não acreditam mais em punição em casa, na escola, em relação ao crime e às faltas. Os jornais dão amplaprova disso. Ocrime floresce; as prisões estão superlotadas. E como os homens se propõem a resolver o problema? Bem, dizem eles, não somente não devemos ter mais prisões, mas devemos elaborar bem os nossos métodos e meios de tratamento psicológico dos delinqüentes. A punição é antiquada; você deve fazê-los passar por esta análise profunda, deve descobrir as origens e os motivos ocultos; eles não são criminosos; ou lhes falta equilíbrio, ou estão positivamente enfermos; deve-se proceder a investigações inteiramente deste ponto de vista. E depois você deve procurar reabilitá-los levando-os a ler boa literatura, falando-lhes amavelmente, e assim por diante. A idéia de punição tem que ser abolida.

Essas idéias têm estado em prática faz algum tempo. E é muito interessante notar as pessoas que originariamente foram mais respon-

sáveis por elas. Não é sem significação que a força motriz desse tipo de atitude foi o homem que foi um dos primeiros propulsores dos esforços conciliatórios com Hitler. E eles continuam fazendo isso. Apesar de haver ficado claro para todos que isso não funcionou com Hitler, eles ainda acreditam que funcionará com outros criminosos. É tudo resultado dessa nova atitude para com a vida e, em particular, para com o pecado e o crime. Para resumir tudo, a situação toda está sendo considerada do ponto de vista da psicologia, e nos dizem que palavras como *pecado, crime* e *punição* são feias, e devem ser banidas do nosso vocabulário.

Tudo sobre o que estive falando vocês verão amplamente exposto no *Relatório de Wolfenden.* Seu principal argumento é que não devemos falar mais de certas perversões horríveis, como eu as denomino, como sendo anomalias, pois elas são naturais para os que as praticam! Essa é a base geral do *Relatório de Wolfenden* e do movimento que luta por legitimar a prática dessas imundas e indescritíveis perversões em privado, senão em público. Esse é o argumento que está por trás, que elas são naturais para os que as praticam; são variações dentro do normal, ou senão são conseqüências de enfermidade.

Essa é também a explicação de uma ação declaratória do lorde Chamberlain que sancionou a apresentação teatral de duas peças cujo tema é o homossexualismo, desde que se ajustem a certas normas. No entanto, seguramente isso tudo é ofensivo até mesmo aos melhores e mais elevados instintos do homem natural. E não só isso; o argumento que explanei acaba fazendo do homem um animal e o insulta. Considera o homem tão-somente como uma coleção de glândulas endocrínicas, nada mais que

uma coleção de impulsos, energias e instintos; passa por alto esta outra coisa chamada alma, e o espírito, que o homem é; e reduz o homem, digo e reitero, ao nível de um animal, e na verdade o põe abaixo dele, às vezes, quase ao nível de uma máquina, e se alega que se pode manipular o homem e a sua personalidade empregando-se medicação - acrescentando doses extras disto, retirando uma certa porção daquilo!

Mas finalmente o meu argumento é o seguinte: não há nada que mostra com tanta clareza que isso tudo não passa do engano de satanás e de palavras vãs e vazias, como o caos para o qual esse modo de ver está levando. Dêem uma olhada no mundo moderno, e no estado em que se acha a sociedade, pois estas idéias vêm sendo postas em prática há algum tempo. Não tenho dúvida de que quando os historiadores

futuros vierem a escrever a história desta era em que vivemos, chegarão à conclusão de que a causa geral do nosso problema foi que as autoridades se deixaram influenciar por esta atitude psicológica para com a vida, às custas da visão escriturística da vida, A educação, o lar, os hospitais, as prisões - de fato, a totalidade da vida - estão sendo governados por esta falsa psicologia que põe de lado a idéia de que o homem foi cirado à imagem de Deus e responsável diante de Deus, e que ele deve obedecer às santas leis de Deus; tudo isso foi posto de lado, e o homem é visto desta nova maneira, psicológica e evolucionista.

Não tenho nenhum dúvida de que o mundo está como está, ao nível internacional e ao nível nacional, e em vários grupos dentro das nações, porque o homem está sendo enganado por estas "palavras vãs" propostas por satanás. Como um anjo de luz, ele coloca a nova idéia muito inteligentemente nas bocas dos educadores, dos sociólogos e de outros semelhantes; sim, soa tão bem e tão maravilhosa, tão boa e tão amável, parece tão melhor do que a antiga idéia de disciplina, ordem e punição, e da divisão em natural e antinatural, da divisão em verdade e crime. E plausível, parece muito interessante e atraente, mas a única expressão para ela, digo eu, acha-se no texto que estou focalizando -"palavras vãs"!

Além disso, porém, o mundo está como está não somente porque está sendo enganado desse modo, mas também porque não conhece a verdade sobre a ira de Deus. "Ninguém vos engane com palavras vãs; porque por estas coisas vem a *ira de Deus* sobre os filhos da desobediência." Os sofistas a quem venho me referindo são particularmente sarcásticos acerca desta frase, "a ira de Deus". Ah, exclamam eles, isso é tão típico da religião! - assustador, alarmante, a ira de Deus! Os nosso pais ficavam aterrorizados com esse tipo de coisa, e quando os pregadores trovejavam do púlpito sobre a ira de Deus, eles estremeciam e tremiam e se decidiam por Cristo, e as igrejas e capelas ficavam cheias de gente; todavia isso não funciona com o homem do século vinte! Ele já viu tudo. Eles dizem que o homem moderno tem o novo entendimento a que venho me referindo. Não há nada, digo eu,

que os sofistas mais desejem ridicularizar e eliminar do que esta noção da ira de Deus. Mas, seguramente, não há nenhum outro lugar onde a cegueira do homem moderno seja mais evidente e onde o engano que ele sofre de satanás seja mais óbvio do que justamente neste ponto.

Considerem por um momento o *fato* da ira de Deus! E algo afirmado na Bíblia do começo ao fim. Foi ensinada e apregoada pelos patriarcas, pelos reis, pelos profetas e pelo próprio Senhor Jesus

Cristo, e pelos apóstolos, cada um deles. Se você não crê na ira de Deus, só tenho uma coisa para dizer-lhe: você não crê na Bíblia! Você não pode crer na Bíblia sem crer na ira de Deus. Se você tirar dela a ira de Deus, não será mais a Bíblia, ela será o que *você* pensa; você terá feito uma bíblia própria, uma bíblia sua. Contudo, sejamos claros sobre o que é a ira de Deus. Não devemos pensar nela como pensamos na ira do homem. A ira do homem é algo terrível de se testemunhar; é furor descontrolado, é mau gênio, é violência. Mas não há nada de descontrolado quanto à ira de Deus. Sua ira é Sua atitude para com o mal e para com o pecado, é Seu desprazer face ao pecado, é o Seu determinado ódio contra o pecado. A ira de Deus é a declarada determinação de Deus de punir o pecado. É, se posso dizê-lo, a reação do Deus eterno, que é imutável e sempitemo em Sua santidade, ao pecado e ao mal, ao que se originou do diabo e que ele inseriu na raça humana e introduziu na vida do mundo. Deus o odeia com toda a intensidade do Seu Ser divino e eterno. Deus não pode entender-Se com ele, e revelou desde o início que o punirá. Essa é a Sua atitude determinada; esse é o significado da "ira de Deus". E, diz o apóstolo: "Por estas coisas" - os males por ele mencionados - "vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência". E agora vem a questão vital: como e quando esta ira vai manifestar-se?

Faremos bem em perguntar: "Quando vem a ira de Deus? Quando e como se manifesta? A primeira resposta à questão é: agora! No presente! Paulo não diz que a ira de Deus *virá* sobre os filhos da desobediência; ele usa o tempo presente, "vem"; é o presente contínuo; inclui o futuro, mas *não é só o* futuro, inclui o presente! Como é que ela vem no presente? Desta maneira: no momento em que você peca, imediatamente a sente. A sua consciência condena você. Essa é uma parte da ira de Deus contra o pecado. O sentimento de remorso é uma manifestação da ira de Deus. Pensem então nos sofrimentos que vêm do pecado - sofrimentos físicos. A "manhã após a noite anterior", assim chamada, faz parte da ira de Deus contra o pecado, pois Deus ordenou que, se a pessoa abusar do seu corpo, sofrerá por isso. Vocês falam do seu prazer; eu lhes lembro a sua dor! As conseqüências físicas do pecado e da prática do mal fazem parte da ira de Deus. Quando o homem pecou pela primeira vez, Deus amaldiçoou a terrra; espinhos e abrolhos surgiram, e a doença apareceu. Essa foi uma parte da punição de Deus pelo pecado, e continua. O pecado e o mal produzem conseqüências e são parte integrante da manifestação da ira de Deus.

Pensem também no sofrimento mental, na agonia da mente, na infelicidade do mundo, por causa do pecado! Pensem na confusão da vida - na confusão e balbúrdia moral - e tudo o que isso envolve.

Verdadeiramente posso resumi-lo com uma palavra do Velho Testamento: "O caminho dos prevaricadores é áspero"! (Provérbios 13:15). Foi Deus que determinou isso. O homem não vai pecar e escapar ileso.

Considerem a palavra dita por Moisés às duas e meia tribos que queriam estabelecer-se no lado leste do Jordão. Disse ele: se não cumprirdes o que prometestes fazer, "sentireis o vosso pecado, quando vos achar" (Números 32:23). O pecado nos encontra. Pode levar anos, porém a sua busca nunca falha. Há ainda o castigo positivo. Leiam o *Velho* Testamento; vejam como Deus puniu indivíduos; vejam com Ele puniu nações, mesmo a nação de Israel, o Seu próprio povo. Ele o enviou ao cativeiro! Ele puniu reis, derrubou-os! Está escrito nas histórias das nações e do mundo em geral. E essa verdade é ensinada explicitamente no *Novo* Testamento. Leiam, por exemplo, as palavras lidas quando da Ceia do Senhor: "Por causa disto há entre vós muitos fracos e doentes, e muitos que dormem". Porque alguns de vocês de Corinto, diz Paulo, não se examinavam antes de virem para a mesa da comunhão, alguns de vocês estão fracos, alguns estão doentes, alguns morreram! Era parte da punição de Deus ao pecado. Sim, diz o capítulo doze da Epístola aos Hebreus: "O Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho". A ira de Deus manifestando-se no presente contra o pecado e o diabo!

Mas há uma coisa para a qual desejo chamar a atenção, ao nível nacional e ao nível internacional. Na Epístola aos Romanos se nos diz, com relação aos incrédulos: "Tendo conhecido a Deus, não o glorifi-caram como Deus, nem lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tomaram-se loucos. E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis. Pelo que também Deus os entregou às concupiscências de seus corações, à imundícia, para desonrarem seus corpos entre si; pois mudaram a verdade de Deus em mentira, e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito etemamente. Amém. Pelo que Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os varões, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, varão com varão, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. E, como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; estando cheios de toda a iniqüidade, prostituição, malícia,

avareza, maldade; cheios de inveja, homicídio, contenda, engano, malignidade; sendo murmuradores, detratores, aborrecidores de Deus, injuriadores, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais e às mães; néscios, infiéis nos contratos, sem afeição natural, irreconciliáveis, sem misericórdia; os quais, conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem" (1:21-32).

E o apóstolo diz tudo isso para expor o que dissera no versículo 18: "Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça". Diz ele que foi assim porque o mundo antigo era o que era. Deus entregou os homens a um sentimento perverso - a humanidade rebelou-se contra Ele, deu as costas a Ele, julgava-se sábia, julgava-se entendida - Deus os abandonou. Retirou Sua graça restringente e os deixou espojar-se na sua imundícia. E, quando lemos essa passagem terrível, acaso não sentimos que estamos lendo uma perfeita descrição do mundo moderno? O mundo está como está hoje porque pecou e porque Deus está punindo o pecado!

Durante cem anos e mais o homem tem se jactado da sua inteligência. Desde cerca de 1859, com Charles Darwin e a sua *Origem das Espécies* ("Origin of Species"), temos sido presenteados com a visão científica! O homem não é mais uma criação especial de Deus, mas está evoluindo do animal! Os homens deram as costas a Deus, e à maneira como Deus vê o homem, a vida e o mundo; dedicaram-se às suas filosofias e arrogantemente se rebelaram contra Deus. E, em conseqüência, a despeito da educação, do conhecimento e da cultura, o mundo tornou a sèr o que Paulo descreve naquela segunda metado do capítulo primeiro da Epístola aos Romanos. O mundo e o que vocês lêem nos jornais, e agora aprática das perversões é declarada legal para adultos. A degradação começou a será cada vez pior. Os homens do mundo podem apresentada sua psicologia, podem construir prisões e podem fazer muitas outras coisas, mas não encontram um remédio -Deus lhes deu um sentimento perverso! (VA: "... mente reprovada"!). Essa é uma das maneiras pelas quais Deus trata com este mundo. Quando o mundo não dá ouvidos aos apelos do Seu evangelho, Deus o abandona, retira-Se, e o mundo afunda num estado tão sujo e horrível que, por fim, "cai em si", começa a clamar por misericórdia e volta para Deus. Essa é a mensagem da Bíblia, e eu afirmo que essa é a única explicação adequada do estado em que se encontra o mundo neste exato momento. Acredito que tivemos duas guerras mundiais neste século como castigo da arrogância, do orgulho, da vaidade e da loucura

da humanidade desde cerca de 1864. O mundo em geral tinha deixado de crer em Deus, acreditava que o homem era imortal, que não havia nada que ele não pudesse fazer; pelas leis do Parlamento ele poderia introduzir o paraíso mediante a legislação. Deus não era necessário; Sua verdade foi descartada e relegada ao limbo

das coisas esquecidas. E acredito que Deus retirou a Sua graça restringente e está deixando que a humanidade colha as conseqüências da sua rebelião arrogante e pecaminosa. Deus está mostrando ao homem o que este realmente é. Está lhe mostrando a sua insignificância, está lhe mostrando a sua natureza moral, está lhe mostrando que, sem Ele e Sua graça redentora, ele está perdido e condenado. Enquanto o mundo rejeitar a mensagem acerca da ira de Deus contra o pecado, as coisas irão de mal a pior. Quão ocioso é tentar ser otimista, e dizer que o que queremos é um espírito de amor, de fraternidade e de amizade, enquanto o homem permanece pecador e egoísta, e rebelde contra Deus. Ele tem que ser humilhado; e a ira de Deus está sendo revelada nesta geração em que vivemos, contra toda a impiedade e injustiça dos homens.

A ira de Deus, no entanto, não se manifesta somente agora, no presente; ela será revelada também no futuro, por ocasião da segunda vinda de Cristo, do fim do mundo e do julgamento do universo inteiro! Jesus Cristo, o Filho de Deus, o Salvador negligenciado, escarnecido, voltará a este mundo. Estará cavalgando as nuvens do céu, e virá para julgar o mundo todo com justiça. O apóstolo nos anuncia a sua certeza na Segunda Epístola aos Tessalonicenses: "Quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais por castigo padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que crêem (porquanto o nosso testemunho foi crido entre vós)" (1:7-10). O mundo ridiculariza isso, eu sei; chamam-me louco por pregá-lo. Digam o que quiserem. Eles ridicularizaram Noé; ridicularizaramLó diante de Sodoma e Gomorra; ridicularizaram João Batista; ridicularizaram o Filho de Deus; ridicularizaram os profetas, sempre. Não importa. Esta é a Palavra de Deus e a verdade de Deus. Vocês não a podem ver sendo manifesta sobre o mundo moderno e sobre o homem moderno? Bem, se vocês a vêem ali, creiam no restante! O mundo está sob o julgamento de Deus, Sua ira está sobre o mundo. Cristo voltará e destruirá todo o mal e todo o pecado, e punirá todos os que pertencem a esse reino das trevas. Haverá novos céus e nova terra, em que habita a justiça. E os que

pertencem ao reino de Cristo e de Deus serão tranformados e serão semelhantes a Ele, e com Ele reinarão na glória por toda a eternidade. E esta promessa aplica-se a todos - glória para os santos de Deus, condenação para os incrédulos. A ira de Deus vem sobre os filhos da desobediência. Se *você é* filho da desobediência, a ira de Deus virá sobre você, e virá sobre toda a multidão dos que constituem o mundo condenado, rejeitado. É universal. Também é individual.

Então, que devemos fazer? - perguntará alguém. É inteiramente óbvio, não é? Se você se der conta de que o seu sofrimento e dor e agonia se devem ao fato de que

você desobedeceu a Deus, de que você é rebelde contra Ele em seu coração e em sua vida; se você se der conta e for a Ele e confessá-lo e reconhecê-lo (o que significa arrependimento); e se você disser-Lhe então que crê em Sua benévola mensagem concernente ao Seu Filho unigênito, que Ele enviou do céu para libertar-nos deste presente mundo mau que está sob o Seu juízo e a Sua condenação, Ele o perdoará, Ele o receberá. Como eu disse antes, todos nós estamos, ou no mundo e adotando a sua mentalidade e compartilhando a sua vida, ou temos herança no reino de Cristo e de Deus. E se estamos nesse reino de Cristo e de Deus, nada temos que temer.

Que venha uma terceira guerra mundial; sim, que venha o Juízo Final - estamos seguros, já pertencemos a Cristo. Não há presunção nisso! Entretanto, se não pertencemos a esse mundo, pertencemos ao mundo que está sob a ira de Deus cada vez mais, e que experimentará a condenação total e final. Ah, só há uma coisa a fazer; é o que o apóstolo diz aos efésios que façam - "Não sejais seus companheiros"! Não participem da vida deles! Apercebam-se do fim a que isso leva! Retirem-se! Corram! "Fugi da ira vindoura"! Humilhe-se você em completa penitência e contrição. Peça a Deus que tenha misericórdia de você. Arrpenda-se e creia no evangelho do Senhor Jesus Cristo. E você não somente será perdoado, ser-lhe-á dada uma herança em Seu reino glorioso e sempiterno. Ah, queira Deus abrir os nossos olhos para a verdade, e oxalá nos dediquemos a incessante oração em favor do mundo que está sendo enganado por palavras vãs. Os cristãos são chamados para abrir os olhos dos homens, para mostrar-lhes o engano, a loucura e a vaidade da sua situação e daquilo em que eles crêem. Oremos, pois, a Deus, rogando-Lhe que nos dê poder para fazê-lo. Noutras palavras, oremos por avivamento. Oremos, pedindo que o Espírito de Deus desça de novo sobre a Igreja hoje, como fez há duzentos anos, e como fez em 1859, de modo que ela se levante com

tal poder, e proclame a verdade fervorosamente e em termos tão gloriosos que até os mortos sejam despertados. Vocês não poderão arrazoar com as pessoas que estão sendo enganadas pelo diabo; é necessário o som da trombeta de Deus, é necessário o poder do Espírito. Portanto, dediquemo-nos a incessante e continuada oração pelo derramamento do Espírito de Deus, para que possamos dar a verdade às nações e aos seus líderes cegos, e assim eles sejam salvos da ira vindoura e comecem a viver para a glória de Deus.

[1]

Como. Em latim no original. Nota do tradutor.

[2]

Ler, escrever e aritmética. Em inglês, "reading, writing and 'rithmetic", em que a letra R soa como inicial na pronúncia. Nota do tradutor.

FILHOS DA LUZ

"Portanto, não sejais seus companheiros. Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz. "

-Efésios 5:7-8

Nestes dois versículos o apóstolo Paulo está começando um novo argumento. O tema continua sendo o mesmo, naturalmente, a importância do reto, veraz e próprio viver da parte do povo cristão. Já estivemos considerando um argumento, na verdade toda uma série de argumentos, mas o apóstolo não se contenta com isso, apresenta mais outro; e ele terá ainda outros argumentos para pôr em discussão. Agora vou fazer uma pausa por um momento com o fim de salientar este fato que é tão frequentemente esquecido e na verdade negado, que este é o método do Novo Testamento de ensinar e de promover a santificação e a santidade. Noutras palavras, é evidente que a santificação não é uma coisa que você recebe como uma experiência; você não pode apossar-se da santificação por um ato. É algo que resulta do desenvolvimento da verdade. Por isso Paulo a apresenta na forma de um argumento; ele expõe a doutrina, e depois diz; agora, à luz disso, certamente. . .! "Noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz", ou como aqueles que pertencem à luz. Ora, não seria extraordinário - apesar deste ensino constantemente repetido «as Epístolas do Novo Testamento, que foram escritas com a finalidade de tratar de toda a questão da santificação e do andar santo - não seria extraordinário, reitere-se, que as pessoas ainda ensinem a santificação como sendo um dom a ser recebido, algo que você obtém numa experiência, algo que você toma?

Também há outro ensino, iqualmente popular, que quer fazer-nos crer que tudo o que é necessário para sermos santificados e sermos santos é simplesmente como abrir as venezianas e deixar a luz entrar num quarto excuro. Tudo o que é necessário, dizem, é que o crente olhe para o Senhor; ele não tem necessidade de fazer nada, não há problema, não há luta, não há dificuldade; ele apenas olha para o Senhor, e o Senhor faz tudo por ele. E esse, dizem-nos, é todo o ensino sobre a santificação; sempre se tem feito muito alvoroço e transtorno sobre isso, dizem, e contudo é muito simples, você apenas olha para

o Senhor e Ele o fará por você, Ele será vitorioso em você, etc., etc. Bem, tudo o que eu pergunto é: se esses ensinamentos são verdadeiros, por que estas Epístolas foram escritas? - e especialmente nestas seções práticas, por que o apóstolo se dá ao trabalho de apresentar argumento após argumento - colocando o tema primeiro de uma forma, depois de outra?

Certamente é hora de começar a considerar de novo estas questões e ver que esse é o

método neotestamentário de santificação e de santidade; é compreender a verdade e depois aplicá-la. Naturalmente o nosso Senhor dissera tudo a respeito, antes da Sua morte, quando disse: "A verdade vos libertará". "Se vós permanecerdes na minha palavra, verdadeiramente sereis meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." No fim Ele orou (vocês o verão em João, capítulo 17): "Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade". Bem, é exatamente isso que o apóstolo está fazendo aqui. Aí está a palavra da verdade, e quando nos vem a verdade e a vemos e a entendemos, devemos aplicá-la. Assim ele nos assedia, com argumento e mais argumento, construindo o seu caso. Dá-nos argumentos positivos, dá-nos argumentos negativos, para levar-nos a obedecer à sua injunção: "Andai em amor", e pensaríamos que isso bastasse. Mas não; ele apresenta agora, neste versículo que estamos examinando, mais um argumento. Ele nos manda andar como filhos da luz - antes, andar em *amor,* agora, andar na *luz*. E é este assunto que o mantém ocupado direto do versículo 7 ao versículo 14. Notem como ele se expressa. Diz ele que o fruto do Espírito está em "toda a bondade, e justiça e verdade; . . . Não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as... todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas pela *luz*... Pelo que diz: desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá". (VA: "..., e Cristo te concederá *luz")*

Agora, ao abordarmos esta nova seção, lembramo-nos de que o Novo Testamento nos fala muitas vezes da luz em contraste com as trevas. Obviamente é, portanto, um argumento muito forte. A diferença entre cristão e não cristão é a diferença que existe entre estar na luz e estar nas trevas. Estudemos algumas das expressões que nos lembramisso. Vejam os termos empregados pelo nosso Senhor. Disse Ele: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida". Contudo, dirigindo-Se aos Seus seguidores, disse Ele também: "Vós sois a luz do mundo"; quer dizer, por causa da nossa relação com Ele, tornamo-nos luz do mundo. E, não "se ascende a candeia e se coloca debaixo do alqueire", diz Ele, "mas no velador". O cristão deve ser como uma "cidade edificada sobre um

monte" que "não se pode esconder". "Vós sois a luz do mundo." (João 8:12; Mateus 5:14-15)/ No prólogo do Evangelho Segundo ^João vemos a vinda da verdade ao mundo expressa em termos de luz. É-nos dito que Cristo era "a luz verdadeira, que alumia a todo o homem que vem ao mundo". "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens." "A luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam." E assim por diante. Evidentemente, esta é uma das principais maneiras pelas quais o Novo Testamento nos apresenta todo o corpo da verdade cristã, a nossa fé nela e a nossa sujeição a ela.

E o que é característico dos Evangelhos é igualmente característico das Epístolas. Vejam a grande declaração registrada em 2 Coríntios, capítulo 4: "Se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto. Nos quais o deus

deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhe não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus... Porque Deus que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Coríntios 4:3-6). Vocês vêem isso aparecendo como tema constante em todas as Epístolas do apóstolo Paulo. Vemo-lo também nos escritos de Pedro. Diz ele em sua Primeira Epístola: "Vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz". É também um dos principais temas da Primeira Epístola de João: "Deus é luz, e não há nele trevas nenhumas", e tudo mais que se deduz disso. Assim, digo eu, temos abundantes provas que mostram que este é um aspecto sumamente importante da verdade. E, portanto, não é de admirar que o apóstolo o tome para reforçar e fazer entender o que ele já dissera em nosso texto e contexto.

O apóstolo apresenta o seu tema antes de passar a fazer as suas deduções, e podemos dividir o seu método de apresentação em algumas proposições simples, as quais, não obstante, levam-nos ao âmago da matéria toda. A primeira é: a diferença entre o cristão e o não cristão - e é uma diferença absoluta - é repetidamente acentuada no Novo Testamento e não deveria haver dificuldade em reconhecer essa diferença; toda a terminologia do Novo Testamento com relação ao que o cristão é pode ser descrita em termos da *regeneração* - não apenas um ligeiro melhoramento na superfície, mas re-nascimento; não que você tire os andrajos de um homem e lhe vista um temo de roupa melhor; não que você lhe lave o rosto e lhe corte o cabelo. Não, não! Ele tem que *nascer* de novo. Não existe expressão mais radical

que essa! "Se alguém está em Cristo, nova criatura é", uma nova *criação*! (2 Coríntios 5:17). Aqui somos levados direto de volta à origem! Uma criação traz algo do nada à existência. Não é melhoramento, não é adaptação, é criação. Quem foi feito cristão, foi *criado de novo.* Uma expressão fundamental! Dou ênfase a esta questão para assinalar o pensamento do apóstolo expresso em nosso texto. "*Éreis*. .., sois luz." Ora, esses termos são absolutos, e devemos provar-nos a nós mesmos quanto a se sabemos alguma coisa sobre eles - *"éreis" e"sois".* Notem que Paulo nos dá mais duas palavras. Dizei *e: "noutro tempo*", quer dizer, era uma vez. E o contraste disso, que é, *"agora".* Olhem para tras, diz ele, lá no passado, era uma vez, uma vez, a sua situação era essa; mas *agoral* Conforme viemos expondo esta Epístola, mais de uma vez tivemos ocasião de mostrar como o apóstolo se glória nas palavras *mas agora.* Nós as consideramos no capítulo dois, onde Paulo - usando-as com aquela força e poder - lembra aos santos efésios que no passado eles estavam "sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos concertos das promessas, não tendo esperança, e sem Deus no mundo. *Mas agora. ..*"! Graças a Deus, diz ele, vocês não estão mais nas condições anteriores. *Agoral* E então, mais adiante no mesmo capítulo, ele diz: "Já" (ou *"Agora")* "não sois estrangeiros, nem

forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus". Vocês eram; vocês são! Noutro tempo; agora! E essa é a diferença, digo eu, entre não ser cristão e ser cristão.

A seguir notamos que Paulo passa a contrastar as *trevas* com a *luz*. Não posemos misturar a luz com as trevas. São etemamente opostas. Paulo diz aos coríntios que "não há comunhão entre a luz e as trevas". E ele quer que os efésios compreendam que não são mais trevas, e sim luz no Senhor. Pois bem, quero deixar isso perfeitamente claro. Ele não está se concentrando na maneira pela qual passamos das trevas para a luz, ou no momento exato em que isso aconteceu. Muitos ficam aflitos porque não podem pôr o dedo num momento particular ou num texto particular ou numa ocasião particular. Entretanto não é esse o ponto. A questão que o apóstolo está levantando não é quando ou como exatamente você passou do que era para o que é; é, antes: pode dizer você sober si mesmo: sou *isto,* não sou mais *aquilo*?
A preocupação dele é que sejamos luz, e não trevas, pode acontecer subitamente, pode acontecer gradativamente. No caso de alguns é como ligar uma corrente elétrica; subitamente, no meio das trevas há uma centelha de luz. Com outros, é muito semelhante ao que acontece na natureza: passadas as trevas da noite, surge o primeiro indício da aurora - a primeira promessa da luz do dia. Não se preocupe com a questão de tempo. O fator tempo não importa, como tampouco

importa o método exato do processo. A analogia do nascimento confirma o que estou dizendo. Não importa se o seu nascimento levou muito tempo para acontecer. A questão é: você está vivo, ou não? Se você é tão-somente um recém-nascido em Cristo, você está vivo.

Diz o apóstolo que, ou somos luz ou trevas, uma coisa ou a outra. Ou somos cristãos ou não somos; não há meio termo. Não se pode ser meio cristão. A estrada para o inferno está pavimentado com boas intenções. Usei a ilustração antes, permitam-me usá-la outra vez. Você pode estar numa fila de ônibus. O ônibus chega, e as pessoas entram. E então, para a sua total consternação, de repente o cobrador levanta a mão; o homem que estava em sua frente pôde entrar, porém você não. Não seria nenhum consolo saber que você teria sido o próximo a entrar se ainda houvesse lugar para um, seria? O ponto é que você não está no ônibus; você quase tomou o ônibus, eu sei, todavia não tomou, e não é consolo algum saber que quase o tomou.
Ou estamos no ônibus ou somos deixados ali de pé na fila. Somos cristãos ou incrédulos, estamos na luz ou nas trevas.

O apóstolo nos está dizendo, naturalmente, que isso é algo tão claro que nós deveríamos sabê-lo. E não somente nós deveríamos sabê-lo, mas todos os outros deveriam saber disso. Ele não pode aplicar o seu argumento, se não o soubermos. Se não temos certeza se somos luz ou trevas, como podemos ouvir o argumento que se aplica aos que são luz? Através de todo o Novo Testamento há uma clara e

marcante distinção entre o cristão e o não cristão, entre a Igreja e o mundo. E toda a tragédia da Igreja hoje é que se perdeu essa distinção. Os reformadores protestantes diziam que a Igreja Cristã leva três marcas. É um lugar onde se prega a doutrina verdadeira, as ordenanças são administradas e é aplicada a disciplina. Contudo tem havido confusão. Têm surgido ensinos que obscurecem essas normas O moralismo entrou e se misturou com a religião. Perderam-se os padrões. Presume-se que, se um homem vive uma vida correta, ele é cristão. Mas isso basta? O homem está certo? Todos os outros estão certos? O apóstolo, digo eu, está insistindo neste ponto tremendamente essencial, dizendo que você tem que compreender que a diferença é a que existe entre a luz e as trevas. "Éreis... sois; noutro tempo... agora. Trevas... Luz! Por isso, a pergunta que apresentamos a nós mesmos é: estamos na luz do Senhor? Somos recém-nascidos, pelo menos? Deixo a coisa aqui. No entanto, o apóstolo continua a pressioná-la.

Passamos em seguida a examinar a *natureza* da diferença entre o cristão e o incrédulo. E aqui as expressões do apóstolo são extraordinariamente interessantes. Diz ele: "Noutro tempo éreis *trevas,* mas

agora sois *luz* no Senhor". Ele não diz: houve um tempo em que estáveis *nas trevas*; porém simplesmente, éreis *trevas*. Ele quer dizer que não somente eles estavam na escuridão, e sim que a escuridão estava neles! E depois, por outro lado, ele não diz apenas; agora estais *iluminados,* ou estais na *luz*\ não, ele diz: sois *luzl* Outrora eles eram a própria treva! Agora eles são a própria luz! Que é que ele quer dizer com isso? Permitam-me expressá-lo desta maneira: esta é uma das mais urgentes questões do ponto de vista da evangelização - quando digo evangelização, não me refiro somente à pregação, refiro-me à nossa conversação com as pessoas sobre estes assuntos. Uma declaração como essa é muito importante quando precisamos entender a exata condição e situação da pessoa que não é cristã. O apóstolo nos afirma que o não cristão não somente está na escuridão, mas sim, que ele faz parte da escuridão; quer dizer, do pecado.

O apóstolo é muito dado a desenvolver essa idéia. No capítulo primeiro de Romanos, por exemplo, ele fala daqueles cujo "coração insensato se obscureceu". Não era simplesmente que eles estavam na escuridão, porém que os seus corações ficaram escuros. De novo, no capítulo quatro de Efésios, os incrédulos são descritos como *"entenebrecidos* no entendimento"; uma espécie de escuridão tinha entrado na mente, no coração, na perspectiva, em toda a sede e centro da personalidade. Um dos nossos hinos tem uma estrofe que salienta o mesmo ponto: "Ah, como hei de poder, eu, cuja natural esfera é obscura, cuja mente é confusa ..." Como pode tal homem "ante o Inefável aparecer" e com o seu "espírito desnudo suportar a incriada luz?"

O problema com o homem não é simplesmente que ele está num mundo trevoso, e sim que a luz que havia nele desaparecera! Deus colocou luz no homem. Quando

Deus fez o homem, soprou nele o Seu Espírito; o homem se tornou alma vivente, e estava em comunhão com Deus; havia uma luz em sua alma. O pecado apagou essa luz. Nãoé simplesmente que estamos num mundo de trevas, mas que há trevas dentro de nós, em nosso ser e em nossa constituição. Ouçam as palavras do nosso Senhor no Sermão do Monte! "A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz; se, porém os teus olhos forem maus, todo o teu corpo será *tenebroso"* \ Visto que os olhos da alma e do espírito ficaram abumbrados e obscurecidos, nenhuma luz passa para dentro do corpo, e o resultado é que a totalidade do corpo, da mente e do coração, a personalidade toda, está *cheia de trevas* (VA). É apenas outro modo de dizer o que o apóstolo diz sobre os não cristãos no início do capítulo dois desta Epístola aos Efésios: "E vos vivificou, estando vós mortos

em ofensas e pecados" - não meramente nas trevas, mas *mortos,* sem uma centelha de vida em vocês. Isso, diz o apóstolo, é exatamente o que vocês eram. E de novo, o nosso Senhor expressou isto com muita clareza no Evangelho Segundo João: "E a condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más". Veio a luz! Por que os homens não crêem nela, por que não se voltam para ela? Eles *amam* as trevas, gostam delas; elas os atraem; as trevas estão dentro deles. "Noutro tempo éreis trevas", diz Paulo.

E então, por outro lado, Paulo não diz acerca do cristão simplesmente que ele está sendo iluminado, ou que ele veio para a luz. Isso é perfeitamente verdadeiro, todavia ele diz uma coisa muito mais maravilhosa: "Agora sois *luz* no Senhor". A luz entrou nele, irradiou-se por todo o seu ser, apossou-se dele, iluminou-o! "Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo." Os nossos corações foram feitos *luz,* foi colocada luz *dentro* deles. "A luz semeia-se para o justo", diz o salmista no Velho Testamento (Salmo 97:11). Portanto, o cristão não é simplesmente o homem que tem os olhos do seu entendimento iluminados; tem isso, porém tem mais; seus olhos foram feitos bons, com a conseqüência lógica de que todo o seu corpo está *cheio de luz.* O cristão é alguém que foi transformado, ficando cheio de luz. Ora, por que isso é tão importante? Por uma coisa, e é que salienta a diferença radical entre o incrédulo e o cristão. Mostra-nos que a mudança pela qual passa o homem quando se toma cristão é a mudança mais profunda do mundo. Afeta os centros vitais do seu ser, a sede da sua personalidade, o coração, o entendimento, os afetos, tudo.

Esta verdade é de tremenda importância também no que se refere à evangelização, e desta maneira: existe uma falsa escola de evangelização que nos afirma que tudo o que o pregador tem que fazer é manter a verdade diante das pessoas. Seus adeptos dizem que o homem pode entender, crer e aceitar a verdade. Assim, tudo o que necessitamos fazer é manter a verdade diante dele, apresentá-la com lógica e

clareza, expor os nossos argumentos, expressá-la tão vigorosamente quanto pudermos, imprimir eloqüência, e assim por diante. Mas o principal, dizem eles, é apresentar-lhe a verdade, pois ele tem a capacidade e o poder de crer nela e de apossar-se dela; e isso é tudo que a evangelização realmente significa e faz. Concordo que na evangelização é vital a apresentação da verdade; porém isso por si só não é suficiente. O nosso Senhor tratou da matéria num versículo

que eu já citei: "A condenação é esta: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más"'. A natureza dos homens é má. Não basta manter a verdade diante dos homens, eles odeiam a verdade, preferem e amam as trevas! Portanto, não é suficiente apenas ensinar as pessoas. Lembro-me de um homem muitíssimo conhecido que costumava dizer que tudo o que era necessário era afixar cartazes, emplastrar Londres com textos das Escrituras, e coisas tremendas aconteceriam. Minha opinião é que nada aconteceria necessariamente. Deus às vezes usa esse método, mas tão-somente confrontar o povo com textos das Escrituras em si e por si não pode salvar uma única alma, como tampouco pode fazê-lo qualquer pregação de qualquer tipo ou espécie, sendo a razão disso que o incrédulo é *trevas*.

A dificuldade com o incrédulo não é apenas que é preciso que lhe mostremos luz, mas que, em acréscimo a mostrar-lhe a luz, é preciso iluminá-lo. Ele precisa nascer de novo, é necessário que o Espírito Santo faça uma operaçãone/e, pois "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura". Vocês podem pôr a verdade diante dele, citar os seus versículos, apresentar os seus argumentos, porém estas coisas continuam sendo loucura para ele, "e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). Não devemos somente apresentar a luz e a verdade, mas também devemos orar para que o Espírito Santo ilumine a mente e o coração. E uma operação dual; fato que me faz dizer mais uma vez que nada, senão um poderoso avivamento e a visitação do Espírito de Deus, pode tratar da situação presente. Bíblias continuam sendo vendidas em larga escala; livros sobre estas verdades estão sendo produzidos e lidos; a educação está sendo promovida aqui, ali e em toda parte; todavia, a situação vai de mal a pior, pois até a verdade do evangelho, se não chegar aos homens "em demonstração do Espírito e de poder" (1 Coríntios 2:4), VA e ARA), não efetuará coisa alguma. O pai desse tipo de evangelização que imagina e pensa que é suficiente simplesmente manter a verdade diante das pessoas, foi de fato um grande homem, chamado Finney. Era exatamente isso que ele ensinava. Ele não acreditava no pecado original, mas acreditava que tudo o que se necessitava fazer era manter a verdade diante das pessoas. Isso feito, dizia Finney, elas têm capacidade para crer nela e assimilá-la. Contudo não podem! Elas são *trevasl* E porque são trevas, manter a luz da verdade diante delas não é suficiente; elas precisam sofrer mudança no centro do seu ser, precisam ser transformadas em *luz.* A operação do Espírito Santo é essencial. Os príncipes deste mundo não O reconheceram quando Ele veio, pois, se

O tivessem

reconhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória.

Como alguém crê nestas coisas? Desta maneira, diz Paulo: "Deus no-las revelou". Como? Pela pregação ou pela Palavra escrita? Não, "Pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus" (1 Coríntios 2:10). Nunca devemos separar a Palavra e o Espírito! Não somente de luz externa necessita o homem; necessita de luz *interior*. É obra do Espírito abrir a Palavra e abrir o coração para recebê-la. Vocês se lembram da história de Lídia, a primeira pessoa que foi convertida na Europa graças ao trabalho do apóstolo Paulo? Como aconteceu a conversão dela? O livro de Atos nos diz: "o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia" (16:14). Verdadeira evangelização é a que se põe na completa dependência do poder do Espírito de colocar luz dentro do homem. Este precisa ser transformado em *luz,* não apenas ser iluminado.

Há ainda outro fator que opera para produzir essa mudança, essa transição. Que é que explica esta diferença entre o cristão e o não cristão? Bem, afortunadamente o apóstolo no-lo diz: "Noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor". *"No Senhor*"! É tudo *no* Senhor. Não há nada que seja sem Ele. O Senhor Jesus Cristo é o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Ele é tudo, e está em tudo. Não há nada fora dEle. Tudo está nEle. Voltemos à Segunda Epístola aos Coríntios, onde Paulo faz disto uma colocação tão gloriosa e bela. "Noutro tempo" éramos "trevas". Como nos tornamos cristãos? Desta maneira, diz Paulo: "Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz" - foi assim que me tornei cristão, diz ele, não foi nada menos que a ação e a operação de Deus que, no princípio, quando o Espírito Santo pairava vivificante sobre o caos, quando o mundo ainda era sem forma e vazio, disse: "Haja luz". "Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações." Ele não somente nos colocou numa atmosfera de luz, porém resplandeceu em nossos corações. Uma espécie de raio X, o mais poderoso que se pode imaginar! "Resplandeceu em nossos corações." Para quê? "Para iluminação *(ou* para revelar a luz) do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo"!

Pergunto: não é surpreendente que Paulo faça uma colocação como essa? Recordem o que tinha acontecido com ele. Sigam com ele pela estrada de Damasco quando ele sai de Jerusalém respirando ameaças e mortes, um não cristão e perseguidor dos cristãos. Havia nele trevas que o faziam respirar ameaças e mortes, que o faziam sentir-se extasiado à simples antecipação do massacre de cristãos inocentes;

eram as trevas a manifestar-se, as trevas em sua alma! Então ele viu a luz, superior ao mais fulgente brilho do sol; e não somente a luz, mas um Rosto! "Quem és, Senhor?" Donde vem esta resplendor, esta luz, esta glória? De quem é este Semblante? Quem é, Senhor? Tu me iluminaste, nunca vi nada semelhante. Quem és? E a resposta foi: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues". Paulo já tinha visto que era

Senhor, uma pessoa divina, e agora ele passa a ver que é deveras o eterno Filho de Deus, perfeitamente igual ao Pai, perfeitamente eterno com o Pai. E por meio dEle e pela visão do Seu rosto, ele viu a Deus -"a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo"! (VA). O apóstolo tinha que ver o Rosto a fim de ser um apóstolo e uma testemunha da ressurreição. Não teremos aquela visão direta que ele teve e que foi tão gloriosa que o cegou; porém isto posso dizer, que ninguém pode ser cristão sem que algo dessa luz que está na face de Jesus Cristo venha ao seu coração e à sua alma. "Mas agora sois luz no Senhor"!

"Deus nunca voi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o fez conhecer." Sim, mas ainda mais, Ele brilha em nossos corações. Ele entra neles, e nós estamos nEle. Agora somos *luz* no Senhor! Não meramente cremos em Cristo, estamos unidos a Cristo, estamos *em* Cristo, e Cristo está em nós, a esperança da glória. Há um elo indissolúvel. Eleé a Videira, nós os ramos. Estamos nEle, somos participadores, participantes da Sua vida, da Sua luz e da Sua glória. Ele nos torna *luz.* Isso está inteira, total e exclusivamente em Jesus Cristo. O cristão não é meramente o homem que crê no ensino, aceita a ética cristã ou a moralidade cristã, e que depois passa a aplicá-la à sua vida. Muitos são os seres humanos bons e de bom nível moral que fazem isso. Todavia não são cristãos, pois não foram feitos luz. Estão simplesmente tomando emprestado um pouco da Sua luz, como fizeram Gandhi e outros. Mas isso não faz de um homem um cristão. O que faz de um homem um cristão não é que ele viu certa porção de luz, tomou-a e aplicou-a, mas que ele *foi feito luz*\ que ele está *no* Senhor,em Cristo, e Cristo está nele; que ele, assim, derivou a sua vida, a sua energia, o seu poder e tudo quanto é seu da Cabeça viva. Somos o corpo de Cristo, e membros em particular. Ele nos enche de vida, luz e poder, e assim somos capacitados para a sua prática. *Nós* o fazemos. Não apenas ficamos sem fazer nada e passivamente olhamos para Ele. Ele *nos* habilita a agir; portanto, andemos "como filhos da luz".

Graças a Deus o apóstolo expõe isto assim, para podermos compreender que a diferença entre um cristão e um incrédulo é absoluta; para podermos compreender que não estamos meramente olhando para a luz; graças a Deus estamos, porém a luz está dentro de nós. Não somos

mais trevas; não posso mais cantar sinceramente, "Ah, como hei de poder, eu, cuja natural esfera é obscura, cuja mente é confusa". Graças a Deus não é confusa, não é opaca. A luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo entrou; eu vejo, pois a minha mente e ,o meu coração foram enchidos pela luz. Tenho que aprender infinitamente mais, contudo não sou mais trevas, sou luz no Senhor. Como Ele é luz, nós somos luz. Como Ele é a Luz do mundo, nós somos a luz do mundo. Somos lâmpadas, luminárias, a luz está em nós; não a estamos apenas refletindo, ela está dentro de nós. "Agora sois luz no Senhor."

AS OBRAS INFRUTUOSAS DAS TREVAS

"Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz. (Porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade); aprovando o que é agradável ao Senhor. E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as. Porque o que eles fazem em oculto até dizê-lo é torpe. Mas todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz, porque a luz tudo manifesta. "

-Efésios 5:8-13

Continuamos o nosso estudo das "trevas" e da "luz" indagando como podemos saber se somos trevas ou se somos luz; e a resposta é que isto se mostra ao longo de três linhas principais. A primeira é que as trevas se mostram na mente, no intelecto e no entendimento. Temos o hábito, de associar sempre a ignorância com as trevas, não temos? Falamos da Idade das Trevas, antes da Renascença na Europa e do redescobrimento da filosofia e da cultura gregas, etc. Noutras palavras, estamos familiarizados com esta identificação das trevas com a ignorância; as coisas são sinônimas em nossa linguagem comum. Por outro lado, temos a tendência de falar das pessoas que têm conhecimento como pessoas iluminadas ou esclarecidas. Certos historiadores se referem ao século 18 todo como A Era do Iluminismo, porque esse período experimentou um recrudescimento do saber e da cultura, um novo nascimento do interesse pela filosofia e assuntos afins.

As trevas, em oposição à luz, afetam adversamente a mente, o intelecto, o entendimento e todas as faculdades ligadas ao conhecimento; e a Bíblia, naturalmente, acima de tudo mais, emprega o termo neste sentido. E assim, quando o apóstolo diz aos crentes efésios, "Noutro tempo éreis trevas", ele quer dizer que houve um tempo em que as mentes eram obscuras, e eles eram grosseiramente ignorantes. E isso continua sendo verdade quanto a toda pessoa não cristã, homem ou mulher. Ele ou ela não passa de ignorante - não há outra palavra para isto - faltando-lhe certo conhecimento vital, e tendo sido cegado pelo pecado. Mas do que os incrédulos são ignorantes? Em primeiro

lugar, são ignorantes de Deus! "Disse o néscio no seu coração: não há Deus." Ele diz que não há Deus porque lhe falta o conhecimento de Deus. Isso é sempre típico dos ignorantes, não é? Você lhes dá alguma informação, e eles dizem: não acredito nisso! Não posso acreditar nisso! Não é verdade! Não está provando que a informação é falsa, simplesmente nos estão revelando muita coisa sobre si mesmos. Uma vez ouvi um homem expressá-lo muito bem. Disse ele: "Quando um homem me diz que não vê nada em Beethoven, ele não me está dizendo nada sobre Beethoven, porém me está dizendo muita coisa sobre si mesmo!" E esse é precisamente o nosso objetivo aqui. Aquele que não é cristão, o incrédulo, é ignorante de Deus. Se tão-somente os

homens e as mulheres conhecessem a Deus, e conhecessem a verdade acerca de Deus, não continuariam vivendo como vivem. Eles nada sabem sobre o Seu caráter santo, falam com leviandade sobre Deus, expressam as suas opiniões, não hesitam em criticá-10. Se apenas tivessem uma difusa, vaga, tênue noção de Deus como Ele realmente é, poriam a mão na boca, como fez Jó, e ficariam calados.

É a pavorosa ignorância acerca de Deus que leva as pessoas a falarem como falam. Podemos pelo menos dizer a favor dos judeus que, mesmo na pior das hipóteses, eles sabiam algumas coisas acerca de Deus; eles sabiam que Deus é tão grande, tão poderoso e tão santo, que jamais sequer se atreviam a usar a palavra JEOVÁ, falavam sobre "O Nome". Esse era o seu modo de indicar o seu conhecimento da glória, majestade, santidade e poder de Deus. E os não cristãos não somente estão nas trevas, eles *são* trevas; não conhecem a Deus, e quanto mais eles falam, mais expressam a sua ignorância. São ignorantes de Deus e de Suas leis. De igual modo, são ignorantes da real verdade acerca de si mesmos, são ignorantes acerca do valor das suas almas. Dê uma olhada nos que vivem nos prazeres e no pecado, submersos neles, vangloriando-se neles, gozando-os dissolutamente. O real problema com eles é que não sabem a resposta para este tipo de pergunta: "Que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua*almal* Ou que daria o homem pelo resgate da *smalmal"* (Marcos 8:36-37). Eles não se dão conta de que há dentro deles essa coisa que foi colocada ali por Deus, coisa maior do que o mundo inteiro, a coisa mais preciosa, mais maravilhosa de todas; são completamente ignorantes quanto a isso, vivem como se não tivessem uma alma imortal; vivem ao nível do animal. Conhecemos tais pessoas; lemos a respeito delas; acham-se em todas as classes da sociedade. Ápesar do conhecimento que elas têm de muitos outros assuntos, são ignorantes deste.

Da mesma maneira, são ignorantes do verdadeiro sentido da vida, do seu objetivo e propósito. Que é a vida? A que fomos destinados?

Qual é o objetivo geral da nossa estada neste mundo, a que fim tudo isso está levando? Sobre esses temas eles estão completamente no escuro. Toda a sua noção da vida, como consta nas Escrituras, é: "Comamos e bebamos, que amanhã morreremos" (1 Coríntios 15:32). Que insulto à vida, ao viver e à natureza humana! Somos apenas animais? Comer, beber, jogar, ceder aos instintos naturais - estas coisas constituem a vida verdadeira? Muitas vezes os não cristãos pensam que sim! Contentam-se em permanecer completamente ignorantes acerca do propósito da vida, e quanto ao que acontece além dela. Diz a Bíblia: "Aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo" (Hebreus 9:27). Segundo as Escrituras, a vida é algo tremendo, é cheia de responsabilidade de natureza a mais momentosa. Tudo o que fazemos e dizemos está sendo registrado. Deus conhece todas as nossas ações. O livro do Apocalipse o expressa pictoricamente, dizendo que os *livros* serão apresentados e serão abertos. Sabemos das responsabilidades,

não sabemos? Sabemos que os Ministros da Coroa têm grande e terrível responsabilidade, e que quanto mais alto sobem, maior a sua responsabilidade, sendo que o Primeiro Ministro é responsável diante da própria Rainha. E cada um de nós, como nos dizem as Escrituras, é direta, imediata e pessoalmente responsável diante de Deus. Teremos uma audiência com Ele, e teremos que prestar contas do que tivermos feito por meio do corpo, ou bem, ou mal (cf. 2 Coríntios 5:10). Um julgamento! Mas os incrédulos ignoram inteiramente as coisas de Deus. Por isso vivem como vivem. E não são só ignorantes de Deus, porém igualmente são ignorantes acerca do Senhor Jesus Cristo, o eterno Filho de Deus, e acerca da razão da Sua vinda a este mundo. Ignoram a necessidade de salvação, pelo que não se interessam pela salvação.

Os cristãos têm submetido isso à prova com freqüência. Se vocês não o fizeram, é tempo de fazê-lo. Procurem descobrir o que as pessoas realmente sabem acerca do cristianismo e acerca do Senhor Jesus Cristo. É quase incrível que, embora a Bíblia e outros livros cristãos sejam abertamente acessíveis, e embora elas tenham sido criadas numa cultura cristã, assim chamada, e em muitos casos tenham um vago senso da importância disso, todavia continuam completamente ignorantes do verdadeiro Senhor Jesus Cristo e do Seu método de salvação. Ignoram a Sua Pessoa e a Sua obra, ignoram a única maneira pela qual podemos ser reconciliados com Deus, ser salvos e obter segurança por toda a eternidade. Façam certas perguntas simples ao homem da rua - você já se deu conta de que tem alma? Você já se deu conta da verdade acerca de Deus, e de que você tem que encontrar-se com Ele e enfrentá-lO? Você compreende, dia após dia, a

responsabilidade de viver, a preciosidade deste dom que Deus lhe deu? Você pensa em si mesmo como alguém que foi feito e criado à imagem de Deus Todo-poderoso? Qual é o seu conceito sobre você? Você tem pensado sobre a sua morte e sobre o fato de que terá que enfrentar a Deus e Lhe prestar contas do que você fez? As respostas, se houver alguma, que você obtiver a essas perguntas, estou certo disso, somente vão confirmar a veracidade daquilo que o apóstolo nos diz acerca da pavorosa ignorância da humanidade. Trevas que se pode apalpar!

No entanto, as trevas não afetam só a mente, afetam igualmente o coração e as emoções. Os não cristãos não são apenas ignorantes da verdade, não querem ouvi-la, não lhe respondem, são empedernidos. Mesmo que a ouçam acham-na maçante. Muitos deles se assentam como juizes do pregador; mas o que realmente acontece é que eles próprios estão sendo julgados., O homem que se aborrece com a pregação do evangelho simplesmente está fazendo uma tremenda proclamação a respeito de si mesmo! Não há condições mais terríveis e imagináveis do que as do homem que acha que a verdade de Deus, as glórias de Deus, as glórais do evangelho são enfadonhos, sem graça, desinteressantes, fátuas, algo que pode ser jogado fora. Mas essa é a situação do incrédulo. O nosso Senhor mesmo diz isso. “E a condenação é

esta", disse Ele: "Que a luz veio ao mundo e os homens *amaram* mais as trevas do que a luz, porque as suas obras eram más." Não é só a mente que está obscura, o coração também está! Pode haver algo pior do que um ser humano cujo coração *odeia* a luz, detesta-a, abomina-a? Todavia é isso que o pecado faz conosco; essa é a influência do diabo sobre todos nós.

Mas devemos ir adiante e considerar a vontade do homem com relação a isso, pois é isso que o apóstolo está ressaltando acima de tudo mais neste parágrafo. Temos um adágio que nos lembra isso: "Como o homem pensa, assim ele é". É absolutamente verdadeiro, se bem que muitas vezes nos inclinamos a esquecê-lo. Todo homem ou mulher que vive hoje, e está fazendo isto ou aquilo, está proclamando exatamente o que ele ou ela pensa! Todo ser humano é filósofo, tem uma filosofia de vida, e nós mostramos qual é a nossa filosofia de vida pela maneira como vivemos. As nossas ações sempre correspondem ao que pensamos e ao que cremos. Portanto, se as pessoas estão vivendo uma espécie de existência superficial, tipo bolha de sabão, é porque essa é a espécie de mentalidade que elas têm. É sua incapacidade de pensar que as leva a terem uma espécie superficial de vida. E isto me leva a dizer que o problema da imoralidade, dos vícios, ou do crime nunca pode ser atacado diretamente. A conduta é resultado do

ponto de vista, e assim nunca se pode tratar da conduta diretamente. Tentar fazê-lo é o erro fatal de todo sistema não cristão. E estamos vendo o fracasso por todos os lados. Os homens se recusam a reconhecer o princípio fundamental de que, como o homem *pensa,* assim eleé. Portanto, inútil será tentar controlar o seu comportamento, se o seu pensamento é mau.

Por longo tempo pensadores não cristãos nos têm dito que uma grande causa do crime era a pobreza. Entretanto na hora presente, o que eles nos dizem é que a grande causa do crime é a prosperidade! Os jovens, dizem eles, estão ganhando dinheiro demais, e não sabem o que fazer com ele. Dizem que é essa prosperidade que tem produzido a onda de crimes! Não me entendam mal. Devemos preocupar-nos com o problema da pobreza e da angústia que muitas vezes ela causa. Mas no momento estou simplesmente interessado em assinalar a patética falácia do pensamento não cristão que não quer encarar esta verdade central, que é a atitude total do homem para com a vida, para consigo mesmo, para com Deus e para com as suas relações, que em última análise e inevitavelmente determina e controla a conduta e o comportamento. O apóstolo o coloca com muita clareza no capítulo primeiro da sua Epístola aos Romanos, onde ele diz: "do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens". Observem a ordem! A impiedade primeiro! É a impiedade que leva à injustiça. E tentar tratar da injustiça sem tratar da impiedade é puro desperdício de tempo, energia e dinheiro. Assim, que os homens tragam novas leis do Parlamento, que aumentem as suas prisões, que convoquem todos os professores e todas as instituições sociais, de nada lhes valerá tudo isso;

nunca valeu, nunca valerá. Há somente uma coisa que pode lidar com toda essa questão de moralidade e de comportamento, e é que os homens e as mulheres sejam tirados das trevas e levados para a maravilhosa luz de Deus, para que deixem de ser trevas e se tornem luz no Senhor. A história comprova o meu ponto de vista; a situação contemporânea o está demonstrando novamente.

Como, porém, as trevas se manifestam nos domínios da vontade? De novo, isto é algo que se vê quase interminavelmente na Bíblia. Notem as expressões. Pessoas que levam uma vida má são descritas como "filhos da noite"; "os que se embebedam, embebedam-sje de noite"; são filhos das trevas, filhos da noite. Que é um cristão? É um filho da luz; "filhos do dia", diz Paulo. Não estamos nas trevas, somos filhos do dia, filhos da luz! Notem a diferença nos termos utilizados. E na verdade, independentemente do cristianismo, a observação geral

da humanidade parece ter descoberto a diferença. Ouvimos e lemos sobre a *vida noturna* em Londres. É algo que sucede de noite, no escuro, a *vida noturna* de Londres! É uma descrição perfeita. O apóstolo se expressa aqui de maneira ainda mais clara; ele se refere às "obras ocultas das trevas", e diz que "É uma vergonha até falar das coisas que eles fazem em oculto" (VA). Ele fala acerca das "obras infrutuosas das trevas".

O apóstolo Paulo gostava de acentuar o contraste entre o fruto da luz e as obras infrutuosas das trevas. Ele usa expressões muito similares no capítulo cinco de Gálatas (versículo 19), dizendo: "Porque as obras da carne são manifestas, as quais são" - vem então aquela lista terrível. Depois diz, no versículo 22: "Mas" - não as *obras* do Espírito - *"ofruto* do Espírito...". Há um contraste aqui, entre obras e fruto. Esta é claramente uma diferença não acidental. O apóstolo tem obviamente uma significação muito profunda para comunicar-nos, porém a está colocando nesta forma particular, e invariavelmente fala *dâsobras* das trevas. Porquê? Parece-me que a única dedução que podemos fazer é que existe alguma coisa com relação à vida má das trevas que (para usar o termo em seu sentido certo) é artificial. É uma espécie de artefato produzido pelo homem. Noutras palavras, não é a vida natural do homem, não é o tipo de vida que o homem foi destinado a viver. Essa é a verdade quanto ao que chamamos, e disso nos gabamos, "civilização". Podemos dizer com segurança que Deus nunca pretendeu que as pessoas vivessem como, por exemplo vivemos nesta cidade de Londres. Deus nunca planejou um lugar como Londres, ou Chicago, ou Nova York, ou Paris, ou qualquer destas grandes cidades, ou, na verdade, nem mesmo qualquer dos nossos vilarejos, como os conhecemos hoje. Deus nunca pretendeu que a vida fosse desse jeito! Este é um artefato do homem, algo produzido pelo homem. A primeira pessoa a construir uma cidade foi Caim, o homem que assassinou o seu irmão. Ele se tomara trevas e começou a expressá-las, e logo edificou uma cidade e começou a vida urbana. Não é essa a intenção de Deus para o homem. As monstmosidades que o homem produziu não são produção de

Deus. Assim é que o apóstolo fala disso como *obras* das trevas. É algo mecânico, algo que se organiza.

Talvez vejamos isso hoje mais claramente do que a humanidade jamais viu antes. Os jornais da atualidade estão se tornando cada vez mais o melhor comentário que eu conheço da Bíblia. Neles vemos o completo artificialismo da vida vivida nas trevas. Não há nada que seja real, mas algo foi erigido e exposto; é tudo obra realizada pelo homem, o homem o faz. E assim a vida continua, e lhe chama civilização. No

entanto, a Bíblia lhe chama "obras das trevas"! E não haveria algo de tragicamente mecânico nisso tudo? A coisa mais temível acerca da vida de pecado, parece-me às vezes, é o seu caráter mecânico, a maneira como ela vai se repetindo, como uma máquina. Nada de novo, nada artístico no que lhe diz respeito. Vai girando como uma batedeira, sempre tirando a mesma coisa velha dia após dia, o mesmo pecado, a mesma tentação, o mesmo vício, a mesma coisa feia que desanima você. Tal vida é mecânica, repetitiva, simplesmente como uma máquina, produzida por máquina; é só *"obras"*. É como a diferença entre uma máquina e uma flor ou qualquer coisa dotada de vida real. "As obras das trevas"! E todos nós estamos envolvidos nisso, na maquinaria. Organizam por nós as nossas vidas, as pessoas não pensam mais, apenas fazem o que já é "coisa feita", aquilo que todos os outros estão fazendo. A originalidade é excluída; as pessoas, independentemente dos seus interesses reais, simplesmente caem nisso. E todos nós parecemos iguais, nos vestimos igualmente, e somos produzidos em massa, em todos os aspectos. Somos induzidos a desfrutar as mesmas coisas, a crer nas mesmas coisas, a fazer as mesmas coisas. A expressão "as obras das trevas" é uma descrição perfeitamente precisa da vida não cristã! Quão contemporâneo o livro de Deus é!

E então deixem-me ver de passo a segunda palavra de Paulo. Ele fala das obras *infrutuosas* das trevas. Ele não está somente contrastando a máquina com a vida real e com o crescimento, mas está vendo o outro lado. Diz ele que não se pode achar valor numa vida vivida nas trevas. Ele diz a mesma coisa no capítulo seis de Romanos: "Porque, quando éreis servos do pecado, estáveis livres da justiça. E que fruto tínheis então das coisas de que agora vos envergonhais? Porque o fim delas é a morte". Que fruto tínheis *então!* Nenhum! Essa é a coisa espantosa acerca desta vida de pecado, desta vida de trevas. É inútil para o homem que a vive. Não acrescenta nada à sua mente, ao seu entendimento, ao seu conhecimento, à sua pureza, à sua limpidez. Leva o seu dinheiro, leva as suas energias, e no fim da vida ele não passa de um pobretão exausto. A vida que começou com tanto encanto pode terminar numa sargeta. A beleza inicial torna-se - ah, um rosto arruinado! É uma vida sem valor, sem fruto, sem proveito; toma tudo de você.

Vemos isso ilustrado no caso do filho pródigo, não vemos? Ele partiu com os bolsos cheios de dinheiro; terminou sem nada, com os bolsos vazios, sem amigos, sem coisa

nenhuma. Essa é a vida de pecado, leva tudo de nós, é infrutífera, não tem nenhum valor para

quem a vive! E o que é pior é que ela não tem valor para ninguém. Não faz nenhuma contri buição. E essa é, suponho, a acusação final que será lançada contra a presente geração. Que contribuição estamos fazendo à história da humanidade e da raça humana? Não há nada de enobrecedor, de animador ou de estimulante nisso. Não leva as pessoas a se erguerem para uma realização elevada. Não estamos interessados em realizações, estamos interessados em comodidade; o nosso interesse é o lazer; até pelo trabalho perdemos o interesse! O que nos interessa é o tempo em que não estamos trabalhando. E então, como passamos esse tempo? Será com algum interesse positivo? Algo que melhora a mente ou alarga o coração? Nada disso! Sempre um entretenimento passivo, mecânico! Completamente infrutuoso, sem nenhuma contribuição a outros, deixando de produzir algum fruto até para as próprias pessoas. Na verdade, essa vida nunca leva a algum tipo de crescimento, exceto o crescimento de alguma erva daninha. Forma na alma um jardim coberto de cizânia e espinhos; e não há fruto ali, nada que sirva para comer, nada que ajude a viver. Não o ajuda no presente, se você se sente mal, ou se fica prostrado no leito de enfermidade, ou se encara a morte e a eternidade, pois embora espere poder recorrer às suas reservas, vê que não tem nada! Lembrem-se das palavras ditas ao rico insensato que se alegrava consigo mesmo, dizendo: "Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e folga". Mas Deus lhe disse; "Louco! esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será?" (Lucas 12:19-20) - não é teu, não podes levá-lo contigo, és forçado a deixá-lo para trás.

É devido as pessoas não pensarem nessas coisas que elas continuam vivendo como vivem. A vida não é maravilhosa?-diz o jovem. Será? Examine-a, meu amigo, veja para o quê ela o está levando, vá até o fim! Há algum fruto para você ou para algum outro? Não! Estas coisas transitórias são completa e inteiramente infrutíferas. E isso não é verdade só ao nível pessoal; é verdade a um nível mais amplo, no caso dos países, nações e impérios. É um fato da história que o que causou o declínio e a queda do grande Império Romano foi esse tipo de coisa. Roma declinou e caiu devido à deterioração interna. Gibbon lhes ensinará isso! Os histori adores seculares põem is so à mostra. A queda veio quando as pessoas se tomaram indolentes e amantes dos prazeres; construíram as suas maravilhosas banheiras de ouro e de prata, e passavam o dia indolentemente nelas, enquanto lhes tocavam música suave. A raça toda se tomou indolente, e frouxa, e perdeu as suas ambições e o senso da sua missão e grandeza. Esse tipo de vida, diz o apóstolo, é sempre *infrutuoso,* em todos os aspectos. E o que é alarmante é a questão: estaremos nós testemunhando algo semelhante

em nosso país na presente hora? Não será essa deterioração toda a essência da

dificuldade? Nem a moralidade, nem mesmo o idealismo político podem ser mantidos sem algum grande motivo ou sem alguma nobre idéia e concepção sobre o homem. E estamos como estamos hoje, e estamos testemunhando o que estamos testemunhando porque em meados do século passado o povo começou a dar ouvidos a homens como Charles Darwin e outros, que afirmavam que o homem não é uma criação especial de Deus! - se é que existe algum Deus - o homem aparece no fim de um processo! Assim, degrada-se o conceito sobre o homem; e os homens se esqueceram de Deus.

Naturalmente, por um tempo os homens podem viver da excelência do Despertamento Evangélico, e podem levar avante o seu moralismo, a sua obra e o seu idealismo político, porém isso não dura muito. Uma vez perdido o real motivo, tem-se o que testemunhamos hoje. As obras infrutuosas das trevas! Estas têm uma inevitável conseqüência do tipo que lhe é próprio; não é fruto; é a quebra da máquina. O nosso Senhor fez-nos a advertência no Sermão do Monte, quando disse: "Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição"! (VA: ".. *À destruição*"!) A máquina se tomou o senhor, e a coisa toda explodiu e foi feita em pedaços. As obras infrutuosas das trevas levam inevitavelmente à destruição.

Finalmente, vejamos a palavra que Paulo usa no versículo 22: "Pois uma *vergonha* até falar das coisas que eles fazem em oculto" (VA). As manifestações da vida ímpia são trevas na esfera da vontade também; são obras, são infrutuosas; sim, e são vergonhosas. Os que as fazem se envergonham das suas práticas, e assim preferem realizá-las sob a capa da escuridão. Afinal, creia nisso ou não, o homem foi feito à imagem de Deus, e mostra isso quando menos desconfia. Apesar de não crer em Deus, e de não crer em sua própria alma, apesar de decaído e degradado, ainda há nele este sentimento de vergonha. Graças a Deus por isso! O homem não é um animal, não é uma máquina; há nele isso, que resta e permanece. Embora desfigurada e arruinada, ficou-lhe algo da imagem, e o homem, mesmo em sua expressão mais baixa e mais vil, ainda sabe algo acerca do sentimento de *vergonha*. E é dever do cristão, em dias terríveis e ímpios como estes, começar com as pessoas no nível delas e dizer-lhes: digam-me, por que vocês não praticam coisas como estas à plena luz do dia? E depois partir deste sentimento de vergonha e procurar levá-las a ver como o conceito que elas têm sobre si mesmas, sobre Deus e sobre a vida está baseado numa total ignorância que, se não for iluminada, levá-las-á ao desastre e à perdição final.

Ah, o amor de Deus, que, vendo este mundo de trevas, ignorância e vergonha, enviou-lhe o Seu unigênito Filho para ser a Luz do mundo e, morrendo na cruz, livrar-nos dela e transportar-nos do reino das trevas para o reino do Seu amado Filho! Mas, povo cristão, gostaria de expressar-me assim: você está preocupado com as multidões que estão nas trevas? Sei que você sente repugnância com relação

a elas; todos nós sentimos; todavia se você meramente sente repugnância, levanta a roupa e vai para o outro lado da rua, você é quase tão ruim como aquela gente. Não foi mais que isso que o levita e o sacerdote fizeram quando viram o homem ferido na beira da estrada. Isso não tem valor nenhum. Se nos dermos conta de que pessoas que encontramos estão levando vida indigna por causa dessa ignorância e dessas trevas do mundo, então, digo eu, como cristãos, isso deveria levar-nos a indagar: que é que eu posso fazer por estas pessoas? Como se pode levar a elas a luz e o conhecimento do evangelho? E mais uma vez digo que não existe *nada* que possa tratar da situação, senão um derramamento do Espírito de Deus, uma visitação do Espírito de Deus em avivamento, como o que se experimentou durante a Reforma Protestante, e no período dos Puritanos; no século 18 sob a pregação de Whitefield e dos Wesley; e também sob Romaine e outros aqui na cidade de Londres; e outra vez em 1859. Portanto, parece-me que a maneira de provar se realmente levamos a sério estas coisas é perguntar a nós mesmos se estamos orando a Deus, rogando-Lhe que nos envie um avivamento. Peçamos a Deus que derrame sobre nós o Seu Espírito, para que a Igreja se encha de tal poder que os homens e as mulheres desta geração apática, ímpia, trevosa, ignorante e vergonhosa sejam compelidos a ouvir, sejam compelidos a pensar e sejam compelidos a encarar a Deus e o destino eterno que os aguarda.

O FRUTO DA LUZ

"(Porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade); aprovando o que é agradável ao Senhor"

-Efésios 5:9-10

Tendo lembrado aos efésios o que eles tinham sido no passado -"Noutro tempo éreis trevas" - Paulo passa em seguida a lembrá-los do que eles são agora e do que se espera deles agora: "Agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz". Portanto, devemos elaborar o ensino em detalhe, para que possamos compreender, não somente a diferença entre o cristão e o homem que, gritante e obviamente, não é cristão, mas também a diferença entre o homem que é cristão verdadeiro e "luz no Senhor", e o homem bom e de boa moral, assim chamado, que não é cristão. Isto ganha importância por causa deste versículo nove, onde se nos diz que "o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade". Há um tipo de homem não cristão que se vê no mundo, que nos declara que não é cristão e quase se gaba do fato de não ser cristão. Todavia, na superfície, ele parece ser um homem bom e reto, interessado na verdade e na integridade, noutras palavras, "um bom pagão".

Muitas vezes fiz referência a um livro chamado O *Fracasso do Bom Pagão* ("The Failure of the Good Pagan"), de autoria de Rosalind Murray, e tomo a recomendá-lo a vocês. É uma exposição sobre este bom homem, de boa moral, que não é cristão e que, em última análise, suponho eu, é o maior inimigo da fé cristã. Pode ser um homem religioso, pois você pode ser religioso sem ser cristão, e é muito importante distinguir outra vez entre ambos. Somente quando virmos as características da luz é que seremos capazes de traçar estas distinções importantíssimas, porque - torno a dizê-lo - o cristão não é meramente alguém que recebeu certa quantidade de iluminação, ele *é* luz; "mas agora *sois* luz *no* Senhor".

Portanto, devemos indagar: como se manifesta esta luz? Primeiramente, e acima de tudo, ela se manifesta na mente. A verdade bíblica chega primariamente à mente, ao intelecto, ao entendimento; não é algum tipo de vago sentimento nosso. Vagos sentimentos podem não

ter nada a ver com o cristianismo. Este é sempre algo ligado à verdade, pelo que começamos com a mente. E a primeira coisa que temos para dizer sobre o cristão é que ele mostra que, uma vez tendo se tomado luz no Senhor, tem um conhecimento que lhe faltava antes. As trevas são caracterizadas pela ignorância; a luz é caracterizada pelo conhecimento e pelo entendimento, sobretudo por um conhecimento de DEUS; não mero conhecimento de certas coisas concernentes a Deus ou *acerca de* Deus. Esse conhecimento é accessível a todos. Mas o cristão tem um conhecimento maior. Ele se acha na condição descrita pelo nosso Senhor no

Evangelho Segundo João: “E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (17:3). Inclui um conhecimento acerca de Deus, é claro; porém vai além; inclui uma apreensão e um conhecimento de Deus abertos somente para o cristão, e que faltam aos outros.

Paulo disse aos cristãos coríntios que “o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente”. Quer dizer, o homem pode ter grandes poderes intelectuais e capacidade de raciocínio, entretanto, se ele não é cristão, ignora totalmente as verdades espirituais; não vê nada nelas, não as entende. A faculdade espiritual *éo que* diferencia o cristão de todos os demais: ela é que lhe dá penetração, entendimento e apreensão da verdade espiritual. De fato, falta isso a todos os não cristãos. Eles têm mente, têm intelecto; se lhes apresentarem uma situação de natureza política, eles podem entendê-la, podem raciocinar a respeito, podem assimilá-la; podem fazer o mesmo com a poesia, com a música, com a sociologia, com a ciência e com mil e um outros assuntos. Contudo, quando são levados à esfera da verdade espiritual, eles não têm nenhuma faculdade que os habilite a entendê-la. Nada vêem nela, é loucura para eles, não passa de absurdo, e se despedem dela com um aceno de mão. Há muitos assim, e se lhes dá grande proeminência nos programas de rádio e na televisão. Mas vocês têm notado como eles ignoram a verdade espiritual? Têm notado como eles não conseguem nem pensar espiritualmente? Não podem, claro que não! São cegos, falta-lhes a faculdade própria, não são luz no Senhor, são trevas! Eles padecem dessa ignorância, seus tolos corações estão entenebrecidos, suas mentes foram cegadas pelo deus deste mundo.

Vocês vêem, a fé em Cristo e no evangelho não é questão de capacidade intelectual. Há os que pensam que certas pessoas não são cristãs por causa dos seus grandes cérebros, da sua grande capacidade intelectual. E há muito cristão que tende a pensar desse modo e ainda se perturba com o fato de que esses grandes homens não são cristãos.

Que pena! No entanto, vocês vêem, essa é uma negação de todo o cristianismo. Não importa quão perfeito o instrumento seja, se lhe falta esta qualidade espiritual, esta faculdade espiritual, de nada vale. “O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura.” Ele é “trevas”, não é “luz no Senhor”. Mas, no momento em que o homem se torna cristão, a primeira coisa da qual ele toma consciência é que ele tem uma faculdade espiritual; possui agora entendimento numa esfera na qual era antes um estranho e se sentia como um de fora. Ele começa a ter uma apreensão de Deus, do ser de Deus, da verdade sobre Deus e, em acréscimo, começa a entender que tem uma alma.

Somente o homem em quem a luz entrou é que realmente passa a interessar-se por

sua alma. Os outros não se interessam nem um pouco pela alma. Pensam no homem como se ele fosse um animal, pensam que a morte é o fim. Acham que estão fazendo um elogio a si mesmos ao falarem desse modo, porém estão negando o valor supremo do homem, a alma! Mas você precisa da capacidade de apreensão espiritual para ter ciência de que você é uma alma, e de que, "És pó e ao pó voltarás" não foi dito da *almal* Este valor imperecível! Ah, dizem eles, mas quando se disseca um corpo não se vê um órgão chamado alma, e se consideram espertos por se desfazerem da idéia. Pura ignorância! Estas coisas se discernem espiritualmente; unicamente o Espírito pode revelar ao homem as coisas profundas de Deus, e Ele o faz - aos cristãos!

Além disso, visto que os cristãos são "luz no Senhor", eles têm um entendimento e uma apreensão da realidade do pecado! Os não cristãos não sabem o que significa ser pecador; toda essa idéia lhes parece monstruosa e ridícula. Eles explicam toda a conduta em termos de ambiente ou de hereditariedade ou de educação, ou de coisas como essas; eles não têm consciência de que há no homem um princípio do mal que vicia todos os seus julgamentos, uma propensão, uma tendência para o mal. Paulo lhe chama "lei em nossos membros", sempre nos arrastando para baixo. Isso nada significa para eles, eles nada sabem sobre o conflito espiritual interior. Mas, no momento em que o homem se toma cristão, toma consciência de que ele é sede desta tremenda batalha e luta; fica ciente de que ele é uma espécie de enigma; fica ciente destas forças em conflito dentro dele, umas lutando a favor da alma, outras contra.

E depois, o Espírito ensina o cristão a ver o Senhor Jesus Cristo. Os outros homens, nas trevas, vêem Jesus Cristo, a quem só chamam *Jesus,* naturalmente. É típico deles chamá-lO *Jesus.* Os cristãos não

O chamam *Jesus;* Ele é o *Senhor Jesus Cristo* para o povo da luz! Todavia os não cristãos olham para Jesus e vêem apenas um homem, um carpinteiro, um simples mestre, e assim por diante, um pacifista ou algo semelhante, e isso é tudo o que vêem nEle. Você precisa ter olhos ungidos pelo colírio do Espírito Santo, antes de poder vê-10 realmente e de começar a ver a maravilha e o mistério da Sua Pessoa. Você vê o divino, vê o humano; vê a natureza divina, vê a natureza humana, você vê as duas juntas; não se misturam; estão ambas ali; mas não se fundem. Você vê a maravilha e o mistério, e toma a sua posição com o apóstolo Paulo e diz: "Grande é o mistério da piedade: DEUS se manifestou em carne"! (1 Timóteo 3:16). Ora, para o cristão esta é a realidade máxima da vida. Não é mais algo ridículo que ele põe de lado e diz que não pode compreender cientificamente; para ele a verdade mais maravilhosa e mais gloriosa, é que a Encarnação tenha acontecido. "DEUS se manifestou em carne", "o Verbo se fez carne, e habitou entre nós", e assim ele contempla a Pessoa do Senhor e a verdade concernente a Ele, e isto o leva a maravilhar-se e à adoração.

Semelhantemente com o caminho da salvação. O homem que é luz no Senhor conhece o caminho da salvação, e ele pode explicá-lo a outros. Este ensino não é só do apóstolo Paulo. O apóstolo Pedro, em sua Primeira Epístola, diz a mesma coisa: "Estai sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós" (3:15). Pois bem, o cristão pode fazer isso, posto que ele entende o único caminho da salvação. Desenvolvamos isto, vejamos a totalidade desta grande e gloriosa verdade. O cristão é alguém que se aproxima dela com sua mente renovada, ele é luz no Senhor, este Livro significa tudo para ele, vê nele esta verdade extraordinária e desta tem crescente entendimento.

Ademais, o cristão não somente tem este novo entendimento e apreensão, mas também um *coração* que lhe corresponde. Alguns parecem ser constituídos de tal modo que podem ter uma espécie de interesse intelectual pela Bíblia, porém os seus corações não correspondem a isso. Certas pessoas estão interessadas na Bíblia como literatura, ou como filosofia, etc. Todavia não são cativadas e impulsionadas pela verdade. Mas, quanto ao homem que é luz no Senhor, seu coração é luz. E ele *sente* o poder da verdade, o poder da palavra que aí se acha; é impulsionado por ela. Pois bem, isso é necessariamente verdadeiro quanto ao cristão. Este é luz no Senhor, e o homem integral é luz no Senhor. Como o apóstolo o expressa, escrevendo aos Romanos, ele obedeceu "de coração à forma de doutrina" que lhe fora confiada (cf. Romanos 6:17). O homem completo está engajado. E assim sou enfático em dizer que o cristão

é alguém que tem luz no coração. Suas emoções estão envolvidas, ele deseja a santidade. Deseja *forçosamente* a santidade. Não estou dizendo que ele não peca e que é perfeito. Nadadisso! Mas, conquanto peque, deseja a santidade, tem fome e sede de justiça. O desejo do seu coração é ser libertado do pecado. É conhecer a Deus e ao Senhor Jesus Cristo, conhecer a Bíblia, conhecer a verdade. Esta é a relação do seu coração com esta questões. Seu coração tornou-se luz no Senhor.

No entanto, agora devemos considerar o terceiro aspecto, que é a vontade. Esta é a esfera na qual o apóstolo está particularmente interessado nesta seção que estamos focalizando. Todos os aspectos estão ali, porém este é o ponto que ele acentua ao máximo. Chegamos aqui ao caráter como ele se mostra na expressão, na ação. No versículo 9 temos: "Porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade". Num sentido esta tradução da Versão Autorizada inglesa (e de Almeida, Edição Revista e Corrigida) é infeliz. A tradução mais de acordo com os melhores manuscritos é: "o fruto da *luz* está em toda a bondade, e justiça, e verdade" (como em Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil). Naturalmente, quase dá na mesma; é do Espírito que vem a luz, não há luz sem Ele e, portanto, não é surpreendente que o nome do Espírito entre neste ponto; assim, entenda-se "fruto do *Espírito*" ou "fruto da *luz";* é igualmente certo, em ambos os casos.

Já vimos que a palavra característica e significante com relação às trevas é "obras": "E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas". Mas quando ele fala da luz e das manifestações da luz, não fala mais em *obras,* e sim em *fruto.* Portanto, devemos examinar a significação desta mudança no uso dos termos, contrastando "o fruto da luz" com as "obras das trevas".

A grande característica da vida do cristão verdadeiro é fruto, e isso nos diz que é só quando o homem se toma cristão que ele se toma realmente natural. É só o cristão que começa a aproximar-se daquilo que o homem foi destinado a ser, quer dizer, daquilo que o homem era em sua primeira criação. Ele foi feito e criado à imagem de Deus, foi feito reto, foi-lhe dada retidão original; contudo, em conseqüência da Queda e do pecado, tudo isso foi perdido. E o problema quanto ao homem em pecado é que ele é uma monstruosidade, é inatural. Se vocês quiserem ler o que talvez seja uma das mais grandiosas exposições sobre isto em toda a Bíblia, concito-os a lerem o Salmo 104, e ali verão o salmista falar da criação e dizer-nos como tudo manifesta a glória de Deus - as montanhas, os rios, as aves, as árvores, os cedros do Líbano, ricos de seiva. E ele via longe. Depois, tendo descrito as

obras da criação, ele olha para o homem e sente que só há uma coisa a dizer sobre ele - "Desapareçam da terra os *pecadores,* e os *ímpios* não sejam mais". Por quê? Porque o pecador é uma monstruosidade no universo de Deus. É inatural. Mas quando o homem se torna cristão, a primeira verdade sobre ele é que ele se torna natural. Começa a funcionar segundo o propósito para o qual foi criado. O que compete a uma árvore é produzir fruto; essa é a ordem natural. No entanto, quantas vezes pensamos no cristão nestes termos? Por outro lado, os não cristãos são inaturais, são monstruosidades, são uma negação do verdadeiro ser do homem. Somente o cristianismo faz de nós *homens* dignos do nome.

Ainda, nunca há nada artificial ou mecânico ou que pareça uma máquina na vida do cristão. A vida do cristão lembra antes o modo como o fruto cresce na árvore. Jamais o cristão deve parecer uma máquina ou um produto dela. Não se pode produzir cristãos em série, como tampouco a sua vida, as suas atividades e as suas ações. Agora, para mim, isso é de tremenda importância. Vemos aí a real diferença entre o comportamento e o viver do cristão, por um lado, e a espécie de conduta e comportamento que caracteriza os devotos das seitas e das religiões falsas, por outro lado. Estes últimos são sempre feitos a máquina, sempre produzidos em série. Nunca a vida do cristão deve dar a impressão de que ele se impõe a si próprio um certo número de coisas. Sua vida é comparável a uma árvore, ao passo que a vida dos adeptos das seitas, e dos falsos religiosos, parece uma árvore de Natal. No caso da árvore de Natal, você tem que pendurar o fruto nela, as dádivas e os presentes. É uma árvore artificial. Mas a característica da árvore verdadeira é que o fruto nasce dela, você não o pendura nos ramos. Assim o cristão e o seu modo de viver nunca dão a impressão de que ele se impôs a si mesmo uma certa linha de

conduta e de comportamento. As seitas podem simular a realidade. É muito difícil, às vezes, dizer a diferença entre uma flor viva e uma flor artificial, não é? Há pessoas muito hábeis, capazes de fazer uma rosa artificial de tal maneira que, à primeira vista, quase engana o entendido. O diabo se faz de anjo de luz, e imita o verdadeiro, porém continua sendo artificial, sem vida, algo manufaturado e feito. Tratemos de nunca dar essa impressão. Seja o nosso fruto "o *fruto* da luz"!

Mas, para levar a analogia mais longe, sempre deve estar presente algo que lembre a idéia de firme crescimento e desenvolvimento na vida do cristão. Sem forçar a analogia, continuemos a examiná-la em termos desta árvore frutífera. Uma noite você vai para a cama, tendo olhado a árvore pouco antes, e lá estava ela, apenas ramos e folhas,

nada mais. Na manhã seguinte você se levanta, abre a porta, vai ao pomar, e lá você vê a árvore, coberta e pejada de frutos plenamente desenvolvidos. Isso nunca acontece, acontece? Não, não, você tem os botões; mais tarde você vê flores, e depois consegue apenas ver uma insinuação de que o fruto está a caminho; só depois é que o fruto começa a desenvolver-se, até chegar finalmente à maturidade. O cristão é isso - o fruto! Não acontece de súbito, não é imposto, não é pré-fabricado. Entretanto, vejo muitíssimos cristãos pré-fabricados, com relação à conduta. Primeiro, uma pessoa é levada a uma reunião evangelística e ali obtém a salvação; a seguir, dão-lhe vigilante instrução, e se lhe diz o que deve fazer. Quase imediatamente chega à perfeição, um exemplo de cristão pré-fabricado e produzido em massa. *Oraisso não é* cristianismo. Digo-o deliberadamente, isso *não* é cristianismo. Isso é o que as seitas fazem, é o que as religiões falsas fazem, é o que o legalismo faz. Isso a religião pode fazer. Mas o cristianismo verdadeiro *produz FRUTO genuíno,* e na sua produção há sempre o fator crescimento e desenvolvimento, que leva à maturidade.

Também é característico do fruto que, embora essencialmente, é claro, todo fruto seja idêntico, é igualmente certo dizer que sempre há diferenças individuais. Vejam uma macieira carregada de maçãs. Bem, vocês dirão, todas são maçãs! Concordo, porém não são todas idênticas na forma, ou na cor; há um pouco mais de vermelho numa, um pouco menos noutra, e assim por diante. Há todo tipo de diminutas diferenças e variações no fruto. E isto é sempre uma característica dos cristãos verdadeiros. Contudo não é uma característica dos seguidores e dos devotos das seitas e das religiões falsas. Eles são sempre iguais, são produzidos em massa. Quando você vê um, vê todos; são como selos postais; são todos idênticos, como máquinas, como carimbo.

Às vezes se pode dizer qual a organização em que o homem se tornou cristão. Há um certo carimbo nele, certa mesmice na expressão, na conduta e em tudo. Mas devemos protestar contra tudo isso em nome do Espírito, e por causa da liberdade do Espírito.

Os cristãos são fruto, o *fruto* da luz! E nunca devemos permitir que alguém nos imponha um molde. Somos chamados para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus. É trágico ver cristãos recém-convertidos conformando-se a um molde e a ummodelo. Tenho visto isso evidenciado mesmo nas questões de vestuário, da maneira de pronunciar certas palavras ,etc. Lembremo-nos, digo, de que temos vida, de que somos fruto, e de que uma das nossas características é a liberdade que leva à variedade e à variação.

Permitam-me lembrar-lhes, ainda, que o fruto sempre vem de dentro para fora. Num sentido, o fruto é expressão da vida da árvore

que o produz. É algo que provém do caráter, da natureza, da vida! E assim é com o cristão. Conseqüentemente, não devemos impor formas ao cristão. E não somente formas de conduta e comportamento! Há gente que até gostaria de impor a você o que você deve fazer da vida; pode querer fazer de você um missionário nas missões nacionais, ou um missionário nas missões estrangeiras, ou um dente de uma engrenagem da máquina eclesiástica. Não o permitam! Nunca façam nada porque alguém lhes diz que façam. O fruto deve provir de você mesmo; deve provir da sua luz, da sua experiência pessoal, da sua própria vida, da sua vitalidade. Tudo deve ser resultado do que *somos* e não nos tomamos o que somos pelo que fazemos; fazemos o que fazemos porque somos o que somos. O fruto sempre vem de dentro e é expressão da verdadeira natureza. "Noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz; pois o fruto da luz *é*... " Essa é a ordem das coisas!

Vou mais longe ainda, e afirmo que não somente não devemos permitir que outras pessoas nos ditem e nos imponham coisas, porém nem mesmo nós devemos forçar a nós próprios. Isso é muito importante com vistas à orientação. Muitas vezes já disse, e o direi de novo: nunca decidam fazer alguma coisa unicamente em função da sua mente e do seu entendimento. As pessoas que ensinam que o necessário é a vocação, estão realmente negando este princípio. O necessário não é a vocação. Se fosse, todo cristão, homem ou mulher, deveria renunciar ao trabalho secular e dedicar-se à obra cristã com tempo integral. A necessidade não é, e nunca foi, a vocação. A necessidade faz parte dela, interfere nela, todavia não será uma vocação enquanto eu não souber nada a respeito desse constrangimento interior, desta pressão exercida pela seiva que sobe dentre de mim e que me leva a dizer com Lutero: "Não posso fazer outra coisa". Estas coisas vêm de dentro, como expressão da natureza. Daí o Novo Testamento sempre coloca a sua maior ênfase, não no que fazemos, porém no qu& *somos*. Mas toda a teoria dominante na Igreja hoje, e até nos círculos evangélicos, é o exato oposto. Que lástima! Ao trabalho! Prossigamos, diz o povo. No entanto, a decisão de agir, a decisão para querer prosseguir, não nos pertence. Deus colocou certos princípios dentro de nós. A luz na mente, no coração e na vontade, esse é o dínamo, é isso que nos impulsiona a prosseguir, a pressão interior. E o que somos chamados a fazer é cultivar a alma, o fruto aparecerá;

a conduta, o comportamento, a vocação e todas estas outras coisas virão! Há estufas demais na Igreja Cristã, e demasiado aparelhamento para forçar o crescimento. Essa é uma marcante característica da vida atual, não é? E talvez venha a ser um dos maiores problemas para a

civilização dentro de alguns anos. Acaso não o temos visto, por exemplo, na questão da produção de ovos? Como se usa luz artificial nos galpões das galinhas, luz artificial a noite inteira, de modo que as pobres aves são forçadas a produzir! É uma violação da natureza, um pecado. Também é pecado na vida espiritual. Não temos que visar primeiramente à produção ou à quantidade produzida! Sempre devemos preocupar-nos com a nossa capacidade de produzir, e com a qualidade do que produzimos. Como Paulo o coloca escrevendo a Timóteo, é nossa obrigação ver que sejamos vasos aptos para o uso do Senhor. Prossigamos, dizem os homens; mantenhamo-nos ativos! Expressões conhecidas! Mas isso é agir como máquina, como se estivessem acionando algum mecanismo. Não é o método cristão. Nosso dever é sermos vasos próprios para atender ao uso do Senhor. Pensemos em nós como árvores, com o nutriente, a seiva, a vida. O nosso Senhor é a Videira, nós os ramos. Na medida em que virmos a verdade desta maneira, estaremos capacitados a evitar a maioria das armadilhas, tão perigosas para a alma e para a experiência do indivíduo, e igualmente perigosas para toda a Igreja e para a sua vida e a sua atividade.

Concluo fazendo-os lembrar-se de que não é mais uma questão de obras; agora é questão de fruto. Somos feitura *Sua,* criados *em* Cristo Jesus *para* boas obras. Esse é o caminho. O homem tem que tomar-se luz no Senhor; quando isso acontece, ele começa a produzir o fruto. Pergunto-lhes: não é a tragédia da Igreja moderna que ela está cheia de obras, de atividade e de ativismo, porém é tão escasso o fruto, este glorioso fruto da luz e do Espírito, que se vê entre nós? Tratemos, pois, de ver que os nosso conceitos fundamentais sejam verdadeiros, claros e bíblicos, e tratemos de compreender que somos ramos da Videira verdadeira, e que o propósito a nosso respeito é que produzamos fruto para a glória de Deus.

AGRADÁVEL AO SENHOR

"Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz. (Porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade); aprovando o que ê agradável ao Senhor. E não comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as. Porque o que eles fazem em oculto até dizê-lo é torpe. Mas todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz, porque a luz tudo manifesta. Pelo que diz: Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá. "

-Efésios 5:8-14

Continuamos com o nosso estudo do cristão como uma pessoa que é "luz no Senhor", e no versículo 9 vemos o apóstolo dizer-nos que a luz em questão se mostra de certas maneiras. Ele aqui parece estar segurando uma espécie de prisma sob a luz. E, naturalmente, o que o prisma faz é dividir a luz em suas partes componentes. Desse modo ele produz uma espécie de espectro que Paulo demonstra com as palavras "o fruto da luz" (versão do Autor: cf. ARA) "está em toda a bondade, e justiça, e verdade". Sua real exortação é: "Mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz, aprovando o que é agradável ao Senhor"; mas, para que não se esqueçam das características da luz, ele a divide aqui para nós (num parêntese), como um prisma divide a luz natural, em bondade, justiça e verdade - *toda a* bondade, *toda a* justiça e *toda a* verdade - e devemos examinar cuidadosamente estas três palavras sumamente importantes.

A primeira é *bondade,* e depois vem *justiça.* Paulo estava muito interessado nestas duas palavras, e muitas vezes as põe juntas, como por exemplo no capítulo cinco de Romanos, embora numa ordem diferente ali. Ele está mostrando como "Deus prova o seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores". Isso, diz ele, é verdadeiramente admirável, espantoso, quase incrível, porque não se vê esse tipo de coisa entre os homens. E então ele faz uma colocação como esta: "Porque apenas alguém morrerá por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém ouse morrer". Aqui ele toma primeiro o justo, e depois menciona o bom; porém em Efésios ele começa com o bom primeiro, e depois prossegue com o justo. E é fácil

ver, penso eu, porque a ordem não é a mesma nos dois casos. Em Romanos, capítulo 5, o apóstolo vai em pós de alguma coisa de baixo para cima, entretanto em nosso texto de Efésios ele está trabalhando de cima para baixo; por isso começa com a palvara *bondade.* "O fruto da luz está em toda a *bondade*." Que é bondade? Eis aí uma palavra que nos inclinamos a usar chochamente, sem pensar e levianamente, mas é uma palavra grandiosa. A bondade é uma das características do próprio Deus. "O Senhor é bom para todos" (Salmo 145:9). "Aterra, Senhor, está cheia da tua

bondade" (Salmo 119:64, ARA). Ou vejam ainda como o apóstolo a define um pouco no capítulo dois da sua Epístola aos Romanos: "Desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?" (2:4, ARA) - a bondade de Deus! Deus é bom!

Bondade significa benevolência. Sempre indica um perfeito equilíbrio das várias partes da personalidade. O homem bom é um homem equilibrado, um homem em quem tudo o que é nobre e excelente opera um conjunto, harmoniosamente. Ele não é angular; os vários atributos da sua personalidade devem ser vistos nesta combinação perfeita. E o resultado disso é, naturalmente, que ele é um homem interessado em promover a felicidade de todos os que o cercam. Não é egoísta, não é egocêntrico, mas visto que ele tem este equilíbrio, preocupa-se com os outro. E esta é também a grande característica de Deus; é a bondade de Deus que nos leva ao arrependimento; é Deus vendo a nosssa miséria, a nossa infelicidade, e tudo o que é verdade a nosso respeito em conseqüência do pecado; é isso em Deus que nos leva ao arrependimento. Deus é bom para todos, faz o Seu sol levantar-se sobre os maus e os bons, e envia a Sua chuva sobre os justos e os injustos. Embora os homens sejam maus e injustos, Ele faz isso por eles. A bondade de Deus leva ao arrependimento.

Vemos no homem um pálido reflexo da mesma coisa. O homem bom é o que pensa no amor, na beleza e na verdade. E, portanto, ele tem olhos para os seus semelhantes, homens e mulheres, e, por sua vez, está interessado em aliviar o sofrimento, em mitigar os males. Está sempre procurando uma oportunidade para fazê-lo, seu coração está cheio de benevolência, está interessado em beneficiar outros.
E, portanto, um completo contraste com relação às obras infrutuosas das trevas, que não são de nenhum benefício e de nunhum valor para ninguém. O pecador não é benfeitor, é puramente egoísta, busca satisfazer e gratificar as suas cobiças e os seus desejos. Sua atitude é - quero isto, e porque o quero, tenho que tê-lo. Ele pode causar intenso sofrimento a outros, porém não dá a mínima a isso. Isso é exatamente

o oposto da bondade e da benevolência. Vocês vêem, o que há de terrível quanto ao pecado é que ele faz o homem voltar-se sobre si mesmo fazendo dele um homem egocêntrico, interessado em si próprio, egoísta. Assim, diz o apóstolo, a primeira coisa que vocês vêem quando seguram este prisma frente à luz, é que o homem que é "luz" está cheio de bondade, desta virtude que o leva a sair após outros e a interessar-se por ajudá-los e por melhorar a condição deles. Deus é bom para todos. E, por sua vez, o cristão deve ser bom para todos. Cristo diz: "Eu sou a luz do mundo", e vai adiante, dizendo: "Vós sois a luz do mundo". Como Ele foi bom para todos, de igual modo, devemos ser bons para todos.

O segundo termo é *justiça.* Esta difere da bondade em que traz consigo noções e conceitos legais. Justiça significa conformidade com a lei, e é um termo mais estreito *qaebondade.* Justiça é uma coisa na qual se pensa em termos das prescrições e das

exigências de uma lei, e da conformidade com essa lei. Significa retidão, e uma manifestação da justiça. Significa, de fato, ser reto. Você testa a retidão de uma parede ou de uma porta usando um nível ou um fio de prumo. Isso supre toda a idéia de *justiça*. E o apóstolo está dizendo que a justiça é uma característica do cristão. Ele é reto e justo em si mesmo: no controle de se mesmo, o que ele faz é reto e justo, e também é equânime na maneira de tratar os outros; nunca viola as regras e as leis referentes a eles; nunca lhes faz qualquer mal; e respeita os seus direitos e as suas posses. Noutras palavras, podemos pensar na justiça em termos dos Dez Mandamentos e do que nos é dito sobre não *cobiçar* as coisas que pertencem ao próximo. O homem que tem luz em si nunca incorrerá na culpa de cobiçar os bens e os direitos do próximo. Ora, não estamos pensando tanto em benevolência neste momento, como naquilo que é reto, verdadeiro e justo, naquilo que é indicado pela lei moral de Deus. Noutras palavras, o homem que tem luz em si não é egoísta, e não é governado por preconceitos. Não é governado pelos impulsos dos seus pensamentos pessoais, quer saber o que é reto, o que é justo, o que é equitativo, o que é realmente imparcial quanto aos seus semelhantes. Ele ama o seu próximo como a si mesmo. A justiça está em perfeita conformidade com a lei, não somente com a letra, mas também com o espírito.

Uma característica comum da vida não cristã é o desprezo pela lei, cada qual por si, sem dar a mínima aos direitos alheios. Vemos muito desse tipo de vida na sociedade atual. De fato, grande parte das dificuldades e dos problemas com que se defrontam os políticos e outros deve-se à ausência desta justiça; não somente não há bondade,

também não há justiça; e, naturalmente, estas coisas vão juntas. Já lhes fiz lembrar a colocação que o apóstolo faz a respeito no capítulo primeiro da sua Epístola aos Romanos: “Porque de céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade (primeiro) e (depois) injustiça dos homens”. A ausência de piedade é sempre seguida pela ausência de justiça. Não existe falácia maior do que a que caracteriza o ensino dos cem anos recém-passados, mais ou menos, a saber, que você pode jogar fora a piedade e continuar apegado à justiça; que você pode descartar-se da Bíblia e ainda ter a conduta inculcada pela Bíblia. Isso simplesmente não pode acontecer. Uma vez que você perca a piedade, sempre perderá a justiça. Por isso o apóstolo está lembrando aos crentes efésios que, inversamente, voltar para Deus, ter esta luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo brilhando em nossos corações, leva não somente à bondade que caracteriza o próprio Deus, e sim, por sua vez, leva à justiça ou retidão no caráter e na conduta, em todas as esferas da vida. Noutras palavras, a vida do cristão é governada por princípios. Ele sabe o que faz, e sabe por que o faz. Não está apenas se amoldando a um modelo, ele tem razões, ele está pondo em ação a sua doutrina, ele é reto porque sabe que a lei do Senhor é perfeita (reta), e refrigera a alma, como diz o salmista (Salmo 19:7).

A terceira palavra do apóstolo é *verdade*. “O fruto da luz está em toda a bondade, e

justiça, e *verdade"* E este também é um elemento sumamente importante. Com "verdade", neste contexto, Paulo se refere a uma série de contrastes com o que ele estivera dizendo acerca da vida não cristã. Dissera ele no versículo 6: "Ninguém vos engane com palavras vãs". No versículo doze nos é dito que "o que eles fazem em *oculto* até dizê-lo é torpe"; noutro lugar ele fala das "coisas *ocultas* das trevas" (1 Coríntios 4:5). Ora, a verdade é exatamente o oposto dessas coisas. A característica do cristão é que nele não há falsidade, não há nada que seja oculto, ou secreto, ou insincero, nada que cheire a hipocrisia ou fingimento. Não! Suas características são que ele é aberto e franco, translúcido e transparente. De fato, como assinala o apóstolo, "todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz, porque a luz tudo manifesta". Essa não é a melhor tradução, como lhes mostrarei, mas há esse sentido também. Não se pode esconder nada quando a luz vem. Imagine-se andando por uma escura estrada campestre. De repente surge um carro com os faróis acesos, e num momento tudo se toma visível, e você vê todos os tipos de seres rastejantes desaparecendo nas sombras. A luz expõe tudo, e esse é o efeito da verdade dentro da personalidade. O cristão é um homem

aberto, que não tem nada para disfarçar ou ocultar. Ele não finge ser o que não é. Ele é o que é pela graça de Deus, muito diferente daquele outro tipo de homem, que leva uma vida de falsidade. O não cristão não confia em ninguém, e ninguém confia nele; não se pode acreditar nele, nunca se sabe quando ele está falando a verdade. Adão e Eva, depois que pecaram, cobriram-se com folhas de figueira e foram para trás das árvores do jardim para esconder-se de Deus, e o ímpio continua fazendo a mesma coisa, a seu modo. Sempre é essa a característica da vida em pecado - oculta!.. .indigna de confiança!... enganosa! O cristão, porém, é o exato oposto disso, há transparência nele; você conhece o homem, pode-se dizer; ele está patente aos olhos, não é algo oculto, não tem fingimento, é sincero. Em sua Primeira Epístola, Pedro o descreve como sem malícia, sem engano, sem fingimentos (2:1), o que diz a mesma coisa que o apóstolo Paulo expressa ao tratar deste ponto na Epístola aos Efésios. O cristão é o que é graças à verdade de Deus, pois esta verdade penetrou nele e tomou posse dele; e assim a sua vida é caracterizada pela verdade, em todas as sua variadas e gloriosas manifestações.

Podemos resumir o que o apóstolo nos está dizendo sobre a luz afirmando que ela é a coisa mais benéfica do mundo. Ela própria é uma coisa maravilhosa. Ah, o bem que ela faz! Ninguém gosta de um dia de nevoeiro, mas nos gloriamos com a luz e com o fulgor do sol. Luz! Cura os nossos corpos. Dá vigor a tudo, e age até nas partes mais profundas da nossa constituição física. O nosso Senhor nos disse, como já o lembrei a vocês, que, por nossa vez, somos a luz do mundo, cabendo-nos irradiar este benefício entre os nossos companheiros de existência, homens e mulheres. Vimos que a luz sempre expõe o que está errado, põe-no à vista e o condena, por assim dizer, e nos mostra o que é certo, verdadeiro e bom. E é a luz que faz com que tudo fique aberto, simples e claro, Um homem está estudando uma porção

das Escrituras, e não a entende. Gostaria de ter alguma luz sobre isto! - diz ele. A luz revela as coisas, torna tudo simples, claro e translúcido. E, de acordo com o apóstolo e com o Novo Testamento em toda parte, os cristãos são caracterizados por essas qualidades. Quando fazemos visita, as pessoas devem sentir quando vamos embora: "Foi bom que eles vieram," dizem elas, "sua visita nos fez sentir melhor". Da mesma maneira, sendo nós o que somos, devemos ser um castigo para o mal, e devemos ser manifestações da vida justa e verdadeira, santa e reta. Acima de tudo, devemos ter este elemento de franqueza e de veracidade em todos os nossos procedimentos e em todas as nossas associações.

Aqui Paulo fecha o parêntese, e termina a sua exortação propriamente dita, .. mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz ..com as palavras: "aprovando o que é agradável ao Senhor". De várias formas essa é a chave disso tudo, a chave para as três coisas mostradas entre parênteses, pois nos propicia o princípio prevalecente que, se o observarmos, garantirá as três manifestações da luz dentro de nós. Uma declaração paralela do apóstolo acha-se no capítulo doze da sua Epístola aos Romanos: "Não vos conformeis comeste mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que *experimenteis* qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus". Em ambas as passagens ocorre a palavra *provar* (VA; na ARC, "aprovando" e "experimentais"). O termo se empregava para designar a prova de metais preciosos; quando você queria diferenciar entre um metal e outro, davam-lhe um pedaço do material e lhe pediam que o identificasse. Então você o submetia ao teste de vários ácidos, e observava a reação. Você estava *provando* o metal, isto é, testando-o e verificando o que era, aplicando os testes. O apóstolo usa a mesma palavra em nosso texto: *"provando* o que é agradável ao Senhor".

A grande característica da vida e conduta do cristão é que ele se dispõe a verificar o que é que realmente agrada ao Senhor. E isso que ele sente que precisa fazer, esse é o seu grande motivo, o seu motivo principal. É da máxima importância, e devemos dar-lhe ênfase de maneira especial, pois, ao examinarmos a conduta e o comportamento, necessitamos não somente diferenciar entre o cristão e o pecador óbvio e flagrante, porém também entre ele e o chamado homem bom, de boa moral, "o bom pagão", se o preferirem. O versículo dá o teste final de ácido. Quando se examinam as vidas dos dois homens, não é fácil ver muita diferença entre eles; ambos parecem homens bons, homens justos, homens caracterizados pela verdade. E, todavia, um deles é cristão, e o outro não. Como discernir a verdade concernente a eles? Não conheço melhor teste que o deste versículo dez. Aí está uma coisa que só é verdade sobre o cristão, nunca sobre qualquer outra pessoa. *A* característica do cristão é que ele está sempre provando o que é aceitável ao Senhor. Deixem-me explicar. Eis aí um homem não preocupado, não interessado na bondade, na justiça e na verdade, no que elas são em si mesmas. Não se interessa por elas como virtudes abstratas, nem como absolutos abstratos que governam a conduta. Por outro

lado, os não cristãos podem estar interessados nestas coisas, no que elas são em si mesmas. Acredito na bondade, acredito na retidão e na justiça, acredito na verdade e na fidedignidade, diz o bom pagão. Ele as toma como seu código e vive de acordo com ele. Concedamos a ele tudo quanto reivindica; ele pode sair-se muito bem. No entanto,

tudo o que eu estou dizendo é que, se isso é tudo o que ele é capaz de me dizer, digodhe que ele não é cristão. Isso não passa de um excelente paganismo. É o ensino dos grandes filósofos gregos anteriores a Cristo; eles inculcavam estas virtudes como princípios, como princípios abstratos. Mas o cristão não está interessado nelas como princípios abstratos. Está interessado nelas porque sabe que elas constituem a vontade do Senhor. É o Senhor que lhe interessa, e desde que o Senhor é caracterizado por estas coisas e está desejoso de que o Seu povo também o seja, o cristão se interessa por elas. O apóstolo vai adiante, pois, e acrescenta esta verdade diferencial - "provando o que é agradável ao Senhor".

Além disso, o cristão, diferentemente do homem de bem, de boa moral, ou do bom homem *religioso,* não cristão, não leva a vida que leva com o fim de agradar-se a si mesmo ou para cumprir o seu próprio padrão ou o seu próprio código. Há muitos que fazem isso. Não faz parte do meu dever criticá-los, porém é deveras meu dever mostrar que eles não são cristãos. Este é um dos pontos mais sutis que podemos encontrar. Há os que dizem: pois bem, acredito em ter um padrão, acredito em ter um código, e vou fazer o máximo para viver de acordo com esse código; vou sentir-me infeliz, se não o conseguir. Mas o homem está fazendo isso para agradar a si mesmo, está fazendo isso com o fim de pôr em prática o seu próprio padrão. Diz ele: o homem tem que viver consigo mesmo! Eu perderia o meu respeito próprio se não fizesse isso, teria vergonha de mim mesmo, não me agrada viver de qualquer maneira. Acredito em viver tendo essa meta e esse padrão. Contudo, o tempo todo o seu motivo é agradar a si próprio e amoldar-se ao seu próprio padrão e ao seu próprio código, e isso é muito diferente da ambição cristã de provar, e provar sempre, o que é agradável ao Senhor!

No entanto, devo ir além. Há muitos que estão tendo um bom modo de viver simplesmente porque temem o que as pessoas diriam se eles vivessem doutra maneira. Temem ser descobertos e condenados, temem perder a boa opinião dos seus vizinhos, receiam uma publicidade adversa se vacilarem; e este temor e esta preocupação com a boa opinião das outras pessoas governam a totalidade das suas vidas. São governados em toda a sua conduta pelo que os outros pensam ou dizem ou fazem a seu respeito. O cristão é diferente. Na Primeira Epístola aos Coríntios o apóstolo diz: "A mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tão pouco a mim me julgo... Quem me julga é o Senhor" (4:3-4). Isso é cristianismo! Paulo não é governado pelo que outras pessoas venham a dizer, nem

mesmo é governado pelo que ele próprio diga de si mesmo. “Nem eu tão pouco a mim mesmo me julgo.” Digam o que quiserem, diz Paulo, não faz nenhuma diferença para mim; confiei o meu julgamento ao Senhor. Assim é o cristão; ele prova o que é agradável ao Senhor!

Mas temos que dar mais um passo. O cristão cuja vida é caracterizada pela bondade, pela justiça e pela verdade não é tampouco alguém que está tentando viver em conformidade e de acordo com o ensino do Senhor Jesus Cristo por achar que esse ensino é o mais elevado e o melhor. Ora, de novo, há muitos que fazem isso. Eles lêem a ética dos filósofos gregos e outros, depois vêm ao Sermão do Monte, e dizem: aqui está o ápice! Aqui está o que há de supremo e de mais excelente! Nunca houve um ensino ético como este! Muito bem, diz o homem, vou viver de acordo com os ditames e com o ensino do Sermão do Monte, o conceito mais alto e mais nobre que já encontrei. Ele é cristão? Bem, tudo o que eu digo é que, se ele pára nesse ponto, não é cristão, pois o cristão é governado pela necessidade de provar “qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”. Devemos ser absolutamente claros sobre isto. O que prova que somos cristãos é que, além e acima de tudo mais, a nossa principal consideração, a nossa consideração final, é o nosso desejo de buscar e conhecer, descobrir, a vontade do Senhor, a fim de podermos agradá-10. É esta relação pessoal com esta Pessoa bendita.

Essa é, como estive dizendo, a *differentia* da ética cristã, que a coloca numa categoria inteiramente única. O seu motivo, a sua mola mestra, a coisa mais importante nisso, é que ninguém senão o cristão pode alegar ou sequer falar sobre o desejo de viver para a glória e louvor do Senhor, e para agradá-10 em todas as coisas; como este apóstolo o coloca, “como eu não agrado a mim mesmo”.
Sua obediência consistia sempre em agradar ao Senhor e em viver por amor ao Senhor.

Por quê? Bem, seguramente esta deve ser a verdade. O cristão é um homem que compreende que deve tudo o que ele é, tem e espera ser, a este Senhor, Àquele que tanto o amou quando ele ainda estava nas trevas, quando ainda era pecador, quando ainda era ímpio, quando ainda era um inimigo, tanto o amou que Se entregou por ele. O Seu corpo foi partido, o Seu sangue foi derramado, para que ele, um pecador, pudesse vir a ser luz no Senhor. O cristão é alguém que diz a si mesmo: “Não sou meu, fui comprado por preço”. Não é um livre agente; é, com o apóstolo Paulo, escravo do Senhor Jesus Cristo, que morreu para que fôssemos perdoados, que morreu para que fôssemos feitos bons, que morreu para que tivéssemos esperança de entrar no céu. É o Senhor! Este é o Ser que lhe deu tudo, *o Senhor Jesus é o*

motivo - o qual é: agradá-lO. O motivo do cristão não é cumprir um certo código de moralidade, não é evitar a crítica dos outros, não é estar em paz consigo mesmo, não é ser um paradigma de todas as virtudes, não é formar uma grande imagem pessoal

ou ter um grande nome entre os homens. Não, não! Ele diz: “Não permitas que nada me agrade ou me aflija sem Ti, ó Senhor!” “Provando o que é agradável ao Senhor”! Escrevendo aos coríntios, o apóstolo expressa a mesma coisa: “Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus”! Isso está em 1 Coríntios, capítulo 10. Leiam--no ainda: “. . . consciência”, diz ele, “não a tua, mas a do outro”. “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm.” Que é que ele quer dizer? Bem, há o irmão mais fraco! Por que devemos considerá-lo? Porque Cristo o considerou! “O que quer que façais” (VA) - ele o desenvolve, levando-o a um grande clímax no fim - “quer comais ou bebais, ou o que quer que façais, fazei tudo para a glória de Deus”. É só o cristão que faz isso.

O cristão não é alguém que está interessado em virtudes abstratas como tais, ainda que elas sejam a bondade, a justiça e a verdade; está interessado nelas unicamente porque está interessado no Senhor. Cristo morreu para que fôssemos a luz do mundo, para que fôssemos reflexos dEle, para que fôssemos como uma cidade edificada sobre um monte que não se pode esconder, e como a candeia que não se põe debaixo do alqueire, porém num lugar proeminente, para que irradie a sua luz pela sala toda. Resplandeça a sua luz, diz Ele, diante dos homens, para que vejam as suas boas obras e glorifiquem a seu Pai, que está nos céus. Sim, diz a resposta à primeira pergunta do Breve Catecismo: “O fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-10 (como vocês estão fazendo agora) para sempre”.

“Provando o que é agradável ao Senhor.”

EXPOSTOS PELA LUZ

"Portanto, não sejais seus companheiros. Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz. (Porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade); aprovando o que é agradável ao Senhor. Então comuniqueis com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as. Porque o que eles fazem em oculto até dizê-lo é torpe. Mas todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz, porque a luz tudo manifesta. Pelo que diz: Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá. " - Efésios 5:7-14

Continuamos o nosso estudo das aplicações práticas da doutrina apostólica, tendo já considerado como os cristãos, que são "luz no Senhor", devem portar-se e conduzir-se. Resta, porém, o problema quanto a qual deve ser a nossa atitude para com as próprias trevas que ainda nos cercam e nos rodeiam. Afinal de contas, os cristãos não vivem numa espécie de estufa de jardim. Não temos uma vida isolada, segregada, temos que viver a vida cristão no mundo; esse é o ensino do Novo Testamento sobre esta matéria. Há um ensino errado, naturalmente, chamado monasticismo, que diz que os cristãos devem sair do mundo, segregar-se e viver numa espécie de clausura com algum tipo de cortina ao seu redor. Mas este é um falso conceito de cristianismo, um falso ascetismo, que de muitas maneiras é inimigo da verdade cristã, porque priva o evangelho de uma das suas maiores vitórias, a saber, capacitar-nos a viver uma nova espécie de vida no mesmo mundo em que vivíamos antes. A maioria de nós, senão todos, sabe muito bem o sentimento que deu surgimento as monasticismo; muitas vezes houve que esperamos poder livrar-nos de dificuldades, de problemas e de gente, de tudo aquilo que tende a irritar-nos, transtornar-nos e derrubar-nos. Compreendemos o sentimento do salmista quando clamava e dizia: "Oh, quern me dera ter asas como de pomba!", para poder fugir de tudo (55:6). É esse o espírito que leva ao monasticismo, todavia não é cristianismo; e graças a Deus que não é! Ele nos dá o auxílio que nos habilita a viver a vida cristã, uma vida como a de Cristo, no meio das nossas lutas e provações.

O problema é ilustrado pelo modo como o nosso Senhor tratou o

homem que vivia na região dos gadarenos, o homem que tinha uma legião de demônios. O nosso Senhor, por Seu poder, exorcizou aqueles demônios, expulsou-os do homem, e o vemos sentado, vestido e mentalmente equilibrado. De repente ele viu que o nosso Senhor partia, à solicitação do povo, e estava para entrar num barco. O homem correu após Ele, expressando um desejo, rogando-Lhe que lhe permitisse ir com Ele. Mas o nosso Senhor recusou-lhe o pedido; disse Ele: não, volte para a sua cidade natal, volte para o lugar onde você sofreu tanto e onde você viveu nessas condições terríveis. Parece absurdo o nosso Senhor mandar aquele homem, sozinho e aparentemente sem defesa alguma, de volta à cidade e ao lugar da sua anterior

possessão demoníaca e da sua miséria; Jesus Cristo não lhe permitiu que fosse com Ele. Ora, o desejo do homem era muito natural, não era? Ele deve ter pensado: ah, se Ele me deixar, os demônios vão voltar, minha única segurança é estar com Ele! Deixa-me ir conTigo, diz Ele. Não, diz Cristo, volte! Envia-o de volta ao local da sua desesperada miséria. Por que Ele fez isso? A resposta é dada pelo próprio Senhor: vá contar aos seus amigos, diz Ele, o que Deus fez por você; vá testemunhar e testificar ali. Assim Ele o envia de volta para testemunhar e testificar em seu torrão natal. Entretanto o envia revestindo-o de um poder do qual o homem ainda não se apercebera.

Pois bem, isso é cristianismo! Não temos que sair do mundo, temos que continuar vivendo nele, e no seio da nossa vizinhança anterior temos que viver a vida cristã. E aqui, em sua carta aos efésios, o apóstolo nos diz como fazê-lo. Certamente não existe nada que seja mais urgentemente importante para os cristãos, ao nível prático da presente hora, do que justamente esta questão. O mundo está se tornando cada vez mais ímpio, irreligioso, e na verdade, ativamente, positivamente pagão. Cada vez mais estamos retomando às condições que prevaleciam na cidade de Éfeso há dois mil anos; e ainda é um problema muito difícil, e que deixa perplexos os cristãos, saber como conduzir-se nos negócios, em suas profissões, na política e em quase todas as situações atuais, com homens e mulheres ímpios e irreligiosos, pagãos em sua perspectiva e em sua prática. Qual deve ser a nossa atitude para com eles? Qual deve ser o nosso relacionamento com eles? O apóstolo responde com três notáveis afirmações neste capítulo cinco.

Na primeira, no versículo 7, ele diz: “Portanto, não sejais seus companheiros”. Outrora vocês eram trevas, continua ele, e naquele tempo vocês eram seus companheiros; porém agora vocês são luz no Senhor, não participem mais com eles daquelas coisas pecaminosas. Em nossa conduta e prática há certas coisas que temos de evitar

completa, inteira e absolutamente, e nas quais não se pode fazer nenhuma concessão. Não devemos tocar nestas práticas más, nem participar delas, de maneira nenhuma; temos que terminar completamente com elas, e fazer uma limpeza total. Pois bem, são essas as coisas que o apóstolo estivera descrevendo nos versículos anteriores. Mas, deixem-me ressaltar de novo que o apóstolo achou necessário fazer esta advertência, mesmo às pessoas convertidas de Éfeso. Devemos desfazer-nos de toda e qualquer noção mágica da vida cristã. Algumas dessas coisas más continuavam tentando os crentes em Cristo, e alguns deles estavam caindo na tentação. Paulo tivera que escrever as mesmas coisas aos coríntios. O apóstolo teve que dizer-lhes positivamente que não fizessem certas coisas que tinham feito anteriormente. Por quê? Bem, a explicação é que quando somos convertidos não entendemos tudo acerca da fé cristã, e temos que aprender coisas, temos que ir de degrau em degrau, de estágio em estágio. A filosofia do mundo em que vivemos

fica tão profundamente arraigada em nós que ocasionalmente leva algum tempo para que a verdade cristã aplicada nos esclareça em todas as coisas. Aqueles cristãos recém-convertidos estavam tão acostumados a considerar certas coisas como muito normais, muito naturais, de maneira nenhuma erradas, que era preciso ensinar-lhes que aquelas coisas eram pecaminosas e vis, e que eles não deviam tocar nelas. E por isso vocês verão muito dessa espécie de instrução nas páginas do Novo Testamento. O cristão não é alguém que, súbita e imediatamente, num só ato, é libertado de todo o pecado. Não, não! Ele é santificado pela verdade, pelo ensino que temos em passagens como esta.

Passemos agora para a segunda injunção (no versículo 11), que não é tão clara. "E não comuniqueis" (ou, "e não tenhais comunhão", VA), "com as obras infrutuosas das trevas, mas antes condenai-as." Que é que significa a primeira parte da frase? Há uma importante diferença entre "não ser seus companheiros" (ou "participantes com elas", VA), e "não ter comunhão". O apóstolo não utiliza a mesma palavra nos versículos 7 e 11. Tudo o que nos é dito no versículo 7 é que não devemos juntar-nos aos pecadores na prática de coisas más, porém a doutrina não pára aí, vai muito além. O versiçulo 11 nos diz que nem sequer devemos mostrar interesse por elas. Para ser mais prático ainda, nem devemos falar sobre elas de maneira errônea. Todos nós sabemos da distinção na prática. Uma coisa é não fazer essas coisas; coisa muito diferente é não interessar-se por elas. E há muitos cristãos que se interessam por coisas proibidas, por coisas das quais o apóstolo afirma que até falar delas dá vergonha - "o que eles fazem em oculto

até dizê-lo é torpe". Eles não as faziam, mas estaria clara para nós que é igualmente torpe ler sobre elas nos jornais e nos romances modernos, nos livros e nos diários? Porventura vocês não notam o interesse que alguns cristãos mostram, cristãos que nem sonhariam em participar dessas coisas? Todavia às vezes vocês os observam e notam o interesse nos seus semblantes, o brilho dos seus olhos, quando eles ouvem uma conversa sobre essas práticas. Podem até fingir, é claro, que o seu interesse é psicológico, para conhecerem os fatos, senão, certamente, não poderão ajudar as pessoas. Essa pode ser a capa que cobre uma espécie de prazer com essas coisas na mente, na imaginação e no coração; estão tendo comunhão com elas, estão realmente gostando da prosa e da conversa, e assim permitem que digam em sua presença coisas que não deveriam ser ditas. O apóstolo deixa absolutamente claro que o cristão não só não deve dar-se a práticas más, porém também não deve gostar das pilhérias sobre essas coisas, não mais deve considerá-las inteligentes ou alegres ou divertidas ou boas para distrair. Ele não deve ter nenhuma comunhão com elas. Nunca deve ser conivente nessas coisas, mas deve mostrar aos outros que elas pertencem a uma esfera à qual ele não pertence mais.

O primeiro Salmo confirma suficientemente o que estou dizendo: "Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios". Essa é a primeira coisa que ele

não deve fazer! Noutras palavras, a sua vida, o seu modo de viver, a sua conversação, a sua maneira geral de conduzir-se, não deve ser segundo o conselho dos ímpios. Entretanto o salmo não fica nisso. A segunda coisa, "nem se detém no caminho dos pecadores", é algo um pouco mais sutil. Ele não deve nem fazer uma meia caminhada com eles; não deve ficar com eles nas esquinas das ruas e dar boa acolhida às idéias que eles apresentam, de modo nenhum; não deve ter nenhum secreto anseio ou aspiração por aquelas coisas das quais ele não participa mais. E a terceira coisa: ele não deve assentar-se "na roda dos escarnecedores". Se o fizer, dará a impressão de que, afinal de contas, ainda tem algum tipo de interesse nessas questões e que nelas ainda há algo que o atrai. Não, diz o salmista, ele não tem que ter comunhão nenhuma com as obras infrutuosas das trevas. Essa é, pois, a exposição geral do princípio. Mas esta é uma questão que requer manejo cuidadoso, é um princípio muito difícil de ser levado à prática no viver diário; pode ser gravemente mal-entendido.

Portanto, devo mostrar exatamente como este ensino deve ser posto em prática porque, se eu o deixar neste ponto, há aqueles que poderão dizer-me: você não estaria ensinando um tipo de monasticismo? Você

não nos estaria dizendo que não devemos ter ligação nenhuma com os pecadores, com os que não são cristãos? Não devemos andar segundo o seu conselho, não devemos parar nas esquinas com eles, não devemos sentar-nos na roda dos escarnecedores. Daí, você nos estaria dizendo que devemos passar todo o nosso tempo somente com os cristãos, e nunca ter conversa alguma com os que estão numa vida de pecado? A resposta a essa pergunta perfeitamente justa pode-se ver no capítulo cinco da Primeira Epístola do apóstolo Paulo aos Coríntios, e é uma declaração muito importante. Paulo diz ali: "Já por carta vos tenho escrito, que não vos associeis com os que se prostituem. Isto não quer dizer absolutamente com os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras; porque então vos seria necessário sair do mundo. Mas agora vos escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beberrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais. Porque, que tenho eu em julgar também os que estão de fora? Nãojulgais vós os que estão dentro? Mas Deus julga os que estão de fora. Tirai pois dentre vós a esse iníquo (versículos 9-13).

O contexto é importante. Aqui o apóstolo está tratando do caso de uma pessoa incestuosa que era membro da igreja de Corinto, e lhes diz que ponham fora da comunhão aquela pessoa incestuosa; eles devem excomungá-la e não ter mais nenhuma comunhão com ela. No entanto, depois percebe que eles poderiam entender mal o que ele diz, de modo que o retoma e o expõe. Diz ele: "Já por carta vos tenho escrito, que não vos associeis com os que se prostituem", o que eqüivale a dizer: "Não tenham comunhão nenhuma com as obras infrutuosas das trevas". Mas,

cuidado, continua ele, com a maneira de levar isso à ação - “Isto não quer dizer absolutamente com os devassos *deste mundo,* ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras, pois”, se o fizésseis, teríeis que sair totalmente do mundo, segregar-vos e tornar-vos monges e eremitas e anacoretas. Ora, diz ele, não estou dizendo que façam isso! Noutras palavras, ele não está dizendo que cortem todas as comunicações com os pecadores de fora da igreja. E dá uma boa razão para a sua ressalva. Como cristãos, devemos ser a luz do mundo e o sal da terra; devemos permanecer na sociedade, e é por nosso intermédio e por intermédio da nossa vida, conduta e comportamento, das nossas palavras e da nossa doutrina, que os pecadores têm esperança de tornar-se cristãos e de serem libertados da ira de Deus. Portanto, não devemos isolar-nos inteiramente deles. Eles vivem no pecado; sim, diz o apóstolo, mas se vocês tivessem que cortar toda a ligação com eles, teriam que sair do mundo. Os cristãos teriam que viver em comunidades só deles, e nunca

poderiam ter relações de nenhuma espécie com os não cristãos. Assim o apóstolo explica a distinção que ele traça; se alguém que pertence à igreja se torna culpado de práticas pecaminosas, os da igreja não devem ter comunhão com ele. Por quê? Porque se espera algo mais dele! Ele é cristão, tem que ser repreendido, precisas receber o devido tratamento e ser castigado. Paulo fala em entregar tal pessoa a satanás, para a destruição da carne, para que o espírito seja salvo. Mas ele não diz (e é isso que desejo ressaltar) que não devemos ter nenhum tipo de relação com os de fora, os quais sabemos serem culpados de pecado.

Como você concilia essas afirmações? - alguém pergunta. Faço-o assim: devemos manter contato com os pecadores exatamente da mesma maneira como o nosso bendito Senhor e Salvador fazia. Ele foi chamado “amigo dos publicanos e pecadores” (Mateus 11:19). Sentava-Se com eles, comia e bebia com eles; eles se aproximavam dEle e Ele não os recusava, não os rejeitava; interrelacionava-Se com eles, falava com eles; sim, mas o fazia de tal maneira que não tinha nenhuma comunhão com as obras infrutuosas das trevas. Noutras palavras, qu ando o nosso Senhor Se assentava e Se relacionava com os publicanos e pecadores, não fazia concessões à conversação pecaminosa, suja e insinuante; eles não faziam isso *emSua* presença; havia algo nEle que proibia isso. E o apóstolo nos está dizendo que, conquanto mantenhamos os nossos contatos com os não cristãos pelo bem das suas almas e pela sua salvação, não tenhamos nenhuma comunhão com eles em sua perspectiva e em seu falar; A maioria deles reconhece a nossa posição e a nossa profissão do nome do Senhor. Podemos discutir outros assuntos com eles, porém se tenderem a introduzir coisas feias e impuras, devemos mostrar nossa desaprovação, devemos mostrar que não temos comunhão com elas, que não gostamos mais dessas coisas. Às vezes é muito difícil traçar a linha, mas eu penso que nós sempre saberemos quando chegou a hora de fazer isso. Podemos relacionar-nos com eles sem apreciar as coisas que eles fazem. Mantenhamos contato com eles, não os larguemos, para o bem deles, para benefício deles, todavia não tenhamos nenhum

tipo ou forma de comunhão com as obras infrutuosas das trevas. Temos que deixar claro e simples para eles que, embora nos interessemos por eles como pessoas e como seres humanos, e embora compartilhemos com eles certos interesses comuns, não temos nenhum interesse por aquilo que, na vida deles, é pecaminoso e nocivo.

Com efeito, observemos que o ensino do apóstolo não se detém nem nesse ponto. A nossa atitude não deve ser somente negativa, também deve ser positiva. Diz ele; "Não tenhais comunhão com as

obras infrutuosas das trevas, mas *antes condenai-as".* Aqui está de novo uma palavra que facilmente pode ser mal compreendida. Condenar não significa simplesmente repreender, reprovar ou denunciar. É muito fácil fazer essas coisas. Entendemos que condenar significa mostrar o nosso desagrado, denunciar a coisa, censurá-la, condená-la imediatamente, tratá-la com severidade. Contudo, não é nada disso que o apóstolo quis dizer. Essa era a atitude dos fariseus que, quando viam essas coisas, pegavam suas capas e saíam. Essa é a típica atitude farisaica e, de muitas maneiras, é exatamente o oposto da atitude cristã. E puramente negativa. Concordo que é muito difícil não agir deste modo num tempo como este, quando vemos e lemos coisas revoltantes e imundas. Como é difícil deixar de mostrar horror, aversão e aborrecimento, e deixar de simplesmente denunciá-las totalmente, ficando, porém, no outro lado da rua! Mas não é isso que o apóstolo quer dizer.

Tampouco reprovar significa simplesmente aplicar a moralidade do ensino ao problema. O moralismo tem o seu ensino, no entanto este é quase inteiramente negativo. Ele denuncia as práticas más só porque são ruins para a pessoa e para a sociedade; e aí ele pára. O moralismo vai a um homem que talvez seja viciado na bebida, e lhe faz uma preleção sobre os maus efeitos do álcool no corpo. Vai adiante e fornece estatísticas sobre os efeitos do álcool na produção industrial, nas relações humanas, nas riquezas do país e em mil e uma outras coisas; afirmações perfeitamente verdadeiras, cada um delas; porém nesse ponto ele pára. Num sentido isso é reprovação, é condenação. Mas não é bem isso, é apenas a aplicação negativa de ensinos morais.

Então, que é que o apóstolo quer dizer quando diz: "Mas antes condenai-as"? Bem, o real significado da palavra - e não é teoria minha, vocês podem verificar isso - é *convencer mediante prova,* levar à convicção dando esclarecimento e entendimento. Significa que devemos lançar luz sobre essas coisas de tal maneira que realmente convençamos a quem estamos falando da natureza do que ele está fazendo e do que isso significa para a sua alma imortal e eterna, Não devemos apenas denunciar as coisas más em si; em vez disso, devemos lançar sobre elas toda a luz do evangelho. Não devemos falar com os não cristãos somente sobre males morais particulares; mas, de maneira amorosa, simpática e compreensiva, falar com eles sobre eles

próprios, sobre as suas almas e sobre toda a sua relação com Deus. A tragédia do escravo da bebida não é simplesmente que ele fica bêbado e sofre péssimas conseqüências sociais, é antes, que a relação desse homem com Deus é completamente errônea. Diz-nos o apóstolo que "nenhum devasso, ou impuro, ou avarento, o qual é idólatra, tem herança no

reino de Cristo e de Deus"! Esse é o ponto! E condenar da maneira certa significa lançar a luz do evangelho sobre o homem e sobre toda a sua situação. Precisamos fazê-lo compreender que ele é *trevas,* que as trevas estão dentro dele, que ele habita nas trevas, que toda a sua relação com Deus está errada, e que, se continuar vivendo desse jeito até a morte, irá para a perdição. Façam o que o Senhor Jesus Cristo fez com os publicanos e pecadores; Ele não apenas denunciou os seus pecados; pregou-lhes o evangelho; mostrou-lhes o amor de Deus, tendo-os levado a compreender o caráter das coisas que eles estavam fazendo. Esse é o significado desta palavra *condenar*.

E é para fazer isso que eu e vocês somos chamados. Não devemos desligar-nos dessas pessoas; não devemos fazer como os fariseus, confiantes em sua justiça própria, mostrando a nossa aversão, o nosso aborrecimento ou a nossa superioridade e a nossa pureza. Não permita Deus que jamais façamos tal coisa, ou que a Igreja de Deus faça tal coisa! Ela fez isso muitíssimas vezes no passado. Ela o fez no período vitoriano, e creio que continua fazendo o mesmo. O povo em geral, as classes trabalhadoras, assim chamadas, estão fora da Igreja hoje, e isso em parte porque estamos muito prontos a dar a impressão de que somos tão-somente pessoas respeitáveis, não que somos cristãos. Devemos condenar desta maneira certa, devemos falar do evangelho a essas pessoas; não pregar para elas, e sim falar do evangelho. Elas saberão que somos diferentes, que talvez no passado tenhamos tomado parte em certas coisas mas que não fazemos mais isso. É nosso dever levá-las a saber da mudança operada em nós. Devemos dar-lhes relances de uma vida melhor, de uma vida mais limpa e mais pura, sim, e de uma vida mais agradável. A tragédia é que elas pensam que a nossa vida é miserável, infeliz e, na melhor das hipóteses, enfadonha. E não devemos culpá-las por pensarem dessa maneira. Se como grupo de pessoas parecemos infelizes, elas pensam que isso significa apenas que renunciamos a todas as coisas e que o cristianismo, para usar as palavras de Milton, é "escarnecer dos prazeres e viver dias laboriosos". É porque não mostramos a alegria do Senhor e a alegria da salvação que elas ficam com essa falsa noção do cristianismo. Devemos condená-las mostrando que cristianismo é vida de gozo, vida de felicidade, vida de paz. Usufruímos mais prazer aqui do que elas jamais experimentaram, ou do que nós mesmos jamais experimentamos quando vivíamos como aquelas pessoas. Façam brilhar sobre elas a luz do evangelho.

O apóstolo vai mais adiante, no versículo 13, quando acrescenta: "Mas todas estas coisas se manifestam, sendo condenadas pela luz".

Ele quer dizer que quando uma coisa é exposta e condenada pela luz, ela se toma visível e clara. Façam brilhar sobre ela a luz do evangelho, "porque tudo o que se manifesta é luz" (VA), que se pode traduzir, "tudo o que toma as coisas claras é luz". Embora continuemos a manter conversação com os incrédulos, embora mantenhamos contato social com eles, devemos desejar fazê-los sentir que lhes falta algo tremendo. Por que os publicanos e pecadores se aproximavam do Senhor Jesus Cristo? Ele era pureza absoluta, santidade absoluta e, contudo, agia como um ímã sobre eles e os atraía a Si. Os fariseus os odiavam, os denunciavam e se mantinham longe deles, porém quando os publicanos e as meretrizes viam o Deus encarnado andando diante deles, aproximavam-se dEle. Ah, existe algo atraente na santidade; faz-nos sentir muito indigos e impuros quando a vemos; faz-nos ver as coisas que fazemos como a denúncia negativa nunca o faz nem pode fazer; mostra-nos a nossa necessidade, e ao mesmo tempo dá-nos um vislumbre de algo que é tão diferente do nosso passado, tão superior, muito mais maravilhoso do que qualquer coisa que conhecemos. A santidade deve ser atraente, deve ser afável, deve ser cativante ,deve ser fascinante, deve aproximar as pessoas. É esse o sentido de *condenar*. Devemos condenar as obras infrutuosas das trevas sendo luz, sendo o que somos, em nossa conversação, em nosso falar, em nossa exposição ou manifestação do evangelho.

Vocês verão que às vezes os não cristãos deliberadamente tentam importuná-los; farão coisas que os chocam; farão tudo o que puderem para fazer com que vocês os denunciem. Resistam à tentação! Não deixem que eles tenham sucesso! Nunca sejam meramente negativos e acusatórios. Mas repreendam-nos mostrando-lhes algo da luz do conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo. Irradiam sobre eles a luz do evangelho. Lembrem-se de que os cristãos são a luz do mundo; nesta luz eles se verão e verão o que eles estão fazendo como nunca o viram antes, e desejarão ficar limpos, desejarão ser lavados, ser purificados, tornar-se santos, como vocês são santos, porém, acima de tudo, como Cristo é santo. Não sejam participantes com eles, não tenham comunhão com o que eles estão fazendo, condenem-nos como "luz no Senhor".

O NÉSCIO E O SÁBIO

"Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios. Remindo o tempo; porquanto os dias são maus. Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor." -Efésios 5:15-17

Em vez de considerarmos a seção toda, veremos primeiro o versículo 15: "Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios". O apóstolo nos fizera lembrar no versículo 14 o que devemos ser e como devemos conduzir-nos geralmente como cristãos, e agora passa a mostrar-nos como devemos fazer tudo isso e, na verdade, a importância de fazer isso tudo, e na prática dos fatos. Esse "portanto" é a conexão deste versículo: esta palavra "portanto" lembra-nos imediatamente que se liga ao que vinha antes, e creio que se liga diretamente ao versículo 14. Não somente isso, porém; liga-se, como venho dizendo, a todo o parágrafo em que ele trata deste assunto, a luz.

Que nos diz ele então? Bem, aí está uma exortação: "portanto, vede", estejam atentos, sejam cautelosos, sejam cuidadosos. Isso, diz ele, é tremendamente importante. Portanto, vejam bem isso, assegurem-se de que o farão, cuidado com esta questão. Dêem toda a sua atenção, sem distrair-se. É uma exortação notável; é uma ordem, arrasta-nos, por assim dizer. Ele está se dirigindo a nós e nos pedindo que o ouçamos com toda a diligência. "Portanto, vede." Que nos diz ele então? A que devemos dar atenção? Em que aspecto temos que ter cuidado? Bem, diz ele, quanto a este andar de vocês, vejam que andem prudentemente. Esta palavra "andar" é, por certo, uma palavra característica do Novo Testamento. Refere-se à generalidade da nossa conduta, do nosso comportamento, do nosso procedimento. E um termo inclusivo, e há muitos termos como esse no Novo Testamento. Vocês verão um deles, por exemplo, na próxima Epístola, na Epístola aos Filipenses, capítulo 1, versículo 27, onde lemos na Versão Autorizada, "Somente seja a vossa conversação como convém ao evangelho de Cristo". "A nossa conversação" veio a ter atualmente uma conotação diferente para nós. Pensamos em conversação como uma questão de falar, todavia, como andar, conversação é um termo

inclusive» que abrange a totalidade da conduta e da atividade da pessoa, a totalidade da vida de uma pessoa entre outra pessoas. Trata-se do nosso andar.

Portanto, o que interessa ao apóstolo é que vivamos de tal maneira que estejamos sempre agindo como a luz, tanto em nossa conduta e comportamento pessoal como em nosso efeito sobre os outros. Mas aí surge a questão: como havemos de fazê-lo? Como havemos de andar neste mundo da maneira que o Senhor Jesus Cristo andou? "Como ele é, assim somos nós neste mundo" - devemos seguir os Seus passos. É isso que somos chamados a fazer. Somos chamados para funcionar, a nosso modo, como Ele o fez quando estava neste mundo temporâneo. Como podemos

fazer isso? É com isso que o apóstolo está preocupado e é disso que ele trata particularmente nesta exortação. Eis a primeira coisa que ele nos diz: fazemo-lo não sendo néscios, não sendo tolos, mas sendo sábios e manifestando e exercendo a sabedoria.

Parece-me que o apóstolo divide o que tem para dizer em três partes principais.

Primeira, que é a sabedoria? Não poderemos proceder como sábios, se não soubermos o que é a sabedoria. Segunda, ele nos diz que o cristão pode ser tratado como sábio. "Andais", diz ele, "não como néscios, mas como sábios; porque sois sábios, atuai como sábios". E, terceira, ele nos diz como se manifesta esta sabedoria que há no cristão; ou, se vocês preferirem, vemos os resultados a que esta sabedoria leva.

Comecemos, então, com esta primeira questão, que é obviamente a chave de tudo mais. Que é esta sabedoria acerca da qual ele está falando? Ora, todos os que estão familiarizados com a Bíblia sabem que esta é uma grande palavra na Bíblia toda, tanto no Velho Testamento como no Novo. O Velho Testamento tem muito a dizer sobre esta sabedoria. Na verdade, chamamos de fato alguns livros do Velho Testamento de Literatura da Sabedoria, ou de Livros de Sabedoria. Aquelas grandes declarações morais, aquelas afirmações, aqueles livros de instruções são a Literatura da Sabedoria. E, naturalmente, é uma parte essencial do ensino bíblico. O que a Bíblia diz acerca do homem que não é filho de Deus, e que não é cristão, é que, em última instância, ele é néscio, insensato. "Disse o néscio no seu coração: não há Deus" (Salmo 14:1). "Não sejais como a mula", diz outro salmo (32:9). Não seja como a mula, você é filho de Deus. E vocês verão isso no transcurso de todo o Velho Testamento, esta constante referência à sabedoria. A vida cristã é a única vida sã, segundo a Bíblia. Todo o problema com o incrédulo, o não cristão, é que ele é néscio. Faltam--lhe sabedoria e entendimento.

Vemos exatamente a mesma coisa em toda parte do Novo Testamento - por exemplo, naquele grande parágrafo de 1 Coríntios, capítulo 1, onde Paulo se gloria nesta sabedoria. Como vimos o apóstolo dizendo em grande extensão desta parte prática de Efésios, toda a dificuldade com os incrédulos é que eles têm o seu entendimento entenebrecido. Estão alienados da vida de Deus pela ignorância que há neles. É sempre a mesma coisa. Portanto, estamos examinando algo que é uma palavra chave na Bíblia inteira, e há um sentido em que não podemos entender a grande mensagem e exortação da Bíblia, a menos que tenhamos claro entendimento de toda esta questão da sabedoria.

Que é ela, então? Pois bem, de maneira sumamente interessante, o apóstolo nos apresenta o assunto neste mesmo contexto. O próprio modo como o faz dá-nos uma indicação quanto a como se deve definir a sabedoria. No versículo 14 ele já nos dissera que nós temos conhecimento, que temos luz - "Desperta, tu que dormes, e

levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá". Ninguém poderá ser cristão, se Cristo não brilhar sobre ele, e vimos que isto significa que Cristo lhe dá este conhecimento, este entendimento. Assim pois, o cristão tem conhecimento, tem luz. No entanto, aqui o apóstolo vai adiante e afirma que devemos exercer e demonstrar sabedoria. Penso que, correta e legitimamente, podemos inferir disso que sabedoria não é sinônimo de conhecimento e de luz. É nisto que, por certo, chegamos à distinção mais vital. Sabedoria não é mero conhecimento ou habilidade ou inteligência ou até mesmo gênio. Pode-se ter todas estas, e ainda não ter sabedoria. Nem mesmo é bondade. Aí está uma coisa que a Bíblia repete sempre. Não devemos pensar na sabedoria como sendo ela apenas a posse de conhecimento. Não devemos pensar nela como significando apenas que a pessoa tem grande habilidade, poderes, propensões e faculdades naturais. O homem até pode ter alto nível de inteligência, a ponto de ser um gênio e, todavia, ser falto de sabedoria.

Então, que é esta sabedoria, se não é sinônimo de inteligência e habilidade, e nem mesmo de gênio e bondade? Bem, a grosso modo podemos dizê-lo assim: é o poder e a capacidade de aplicar todas aquelas coisas. É a faculdade de fazer uso da inteligência e do conhecimento e de relacionar estas capacidades com as coisas práticas e comuns da vida diária. Aí está, como eu a vejo, a essência desta palavra. Sabedoria, é claro, é muito semelhanate a julgamento, e também estamos familiarizados com a diferença entre posse de conhecimento, e julgamento. Não são a mesma coisa. Há pessoas que sabem muitíssimas coisas. Têm memória maravilhosa e podem

lembrar todo tipo e espécie de fatos, mas são incapazes de exercer julgamento. Conseqüentemente, não podem equipar o seu conhecimento, não conseguem aplicá-lo, são incapazes de usá-lo para enfrentar problemas particulares. São como discos de vitrola, podem repetir informações porém não as podem aplicar, e daí dizerem delas: "Ah sim, ele é muito instruído, mas incapaz de julgar; realmente lhe falta sabedoria".

Pensem nisso em diferentes esferas, para verem a diferença. Vamos por um momento à esfera das questões legais. Se vocês lerem as biografias dos homens que se tomaram proeminentes no mundo da lei, verão que, muitas vezes, há homens do tipo ou espécie do advogado brilhante mas que, elevado à tribuna de magistrado, dá um juiz muito fraco. Li recentemente sobre um famoso presidente do Supremo Tribunal de Justiça, a quem se aplica o caso. Por quê? Porque ele continuou trabalhando como advogado quando passou a exercer a magistratura, e aquele que toma o lado de uma das partes e age como advogado, é péssimo juiz. Ele não pôde deixar de ser advogado e por isso foi um mau juiz. Ora, isso é falta de sabedoria, e de critério para julgar. Vocês vêem que estas coisas são inteiramente diversas. Ou vejam a questão na área dos negócios. Há um tipo de homem que dá um excelente executivo nos negócios, porém que nem sempre dá um bom gerente ou presidente. Há

homens que parecem ter nascido para ser secretários, não para ser presidentes; homens que, quando postos numa posição em que têm de assumir responsabilidade e tomar decisões, não conseguem. Essa é a diferença entre conhecimento e inteligência, por um lado, e sabedoria, por outro. Há nisto algo extra, uma qualidade adicional. É a capacidade de tomar todo o conhecimento e habilidade que se tem, e aplicá-lo.

Ou ainda, nos domínios da música, há homens que são muito bons técnicos - bons executantes. Bons executantes no sentido de que são corretos, jamais cometem erros, e assim por diante. Entretanto, não podem ser bons musicistas. Não podem ser bons críticos. Falta-lhes a facilidade de chegar realmente à alma daquilo que estão tocando. São mecânicos, por assim dizer, são mecanicamente corretos, o que é bom e essencial, e podem ter a destreza e a agilidade necessárias. Ah, sim, mas lhes falta aquele fator final, aquele fator que, em última instância, pesa. É o que faz a diferença entre eles e o homem que parece ter esta amplitude de visão, esta profundidade de entendimento, esta capacidade de tomar tudo o que ele é e tudo o que ele sabe e tem, e levá-lo à execução numa dada situação.

Ora, vocês podem reconhecer logo que isso é tremendamente importante em todas as áreas e em todos os departamentos da vida, mas

é supremamente importante quanto ao cristão. Daí a exortação do apóstolo: "Vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios".

Vamos um pouco mais adiante. Para isso somos chamados. Não podemos portar-nos como luzes, não podemos ser verdadeiros representantes do Senhor Jesus Cristo se não possuímos e não manifestamos esta sabedoria. Assim, devemos ir além da minha exposição geral e passar a uma análise e definição mais particular.

Tomemos o próprio contraste feito pelo apóstolo. Vocês vêem isso em seu método. Ele lança uma negativa. Quero que vocês vivam como sábios, diz ele. Todavia vocês notam que primeiro ele desliza para o seu elemento negativo, "não como néscios". Ele espera que o analisemos. Como devo saber o que é um sábio? Como devo portar-me como sábio? Não seja néscio, diz ele, não se porte como néscio, como insensato. Assim é que posso chegar a uma definição da sabedoria contrastando-a com a insensatez. Quais as características do homem descrito na Bíblia como "néscio", como uma pessoa tola, insensata, não sábia? Aqui vão algumas das suas características. São coisas que temos de combater constantemente, para podermos comportar-nos como pessoas sábias.

A primeira característica da pessoa néscia é que é geralmente governada pelos sentimentos. Tudo é avaliado em termos dos sentimentos, e não da razão. Os néscios não conseguem apresentar razões. Permitam-me usar uma ilustração deveras óbvia. E o tipo de pessoa que vota num membro do Parlamento somente porque se

impressiona com a sua bela aparência ou algo semelhante. Nenhum motivo racional, mas parece um belo homem, vote-se nele. Gente governada pelos sentimentos!

No entanto, vocês vêem que isso se aplica à vida. São muitos os que se deixam governar inteiramente por seus sentimentos, negando-se a fazer uso da sua mente e do seu cérebro. Mesmo no culto, o que eles querem é felicidade e prazer. Querem passar uma boa hora, como dizem, querem agitação, querem exercitar-se cantando hinos, cânticos e "corinhos", que ficam repetindo, repetindo, até ficarem num estado de intoxicação mental. Não querem que os façam pensar. A vida já é dura, dizem eles, sem se ter que lutar com este pensamento e aquele; assim, tenhamos mais cânticos e menos pregação, assim por diante. Sentimentos! Somente agitação e prazer - essa é a pessoa néscia, insensata. Vocês vêem a relevância disto tudo para as condições da Igreja atual? Não importa quanto se encham as suas igrejas, sejam quais forem os seus países. O que eu quero saber é, que acontece quando a multidão se reúne ali? Como se passa o tempo? E,

lamentavelmente, vêem-se e ouvem-se cada vez mais música e entretenimentos, e cada vez menos ensino, doutrina e real entendimento. Essa é uma das características da insensatez.

Outra sinal do néscio, do insensato, é que ele é sempre governado pelo desejo. Tenho que ter o que quero, e o que quero é justo. Se aquilo me atrai, é o que me fará realmente feliz, e tenho que tê-lo. A razão não entra em cena, nem o entendimento; nada, senão o desejo. Cada um de vocês pode desenvolver isso. Um dos grandes problemas do mundo atual é que a sociedade está sendo governada pelo desejo, o que explica o fracasso do casamento e de tudo o mais. As pessoas são dirigidas e determinadas unicamente pelos desejos inatos que há em nós como conseqüência da Queda e do pecado. Pois bem, o néscio é aquele que se deixa governar por esses desejos, em detrimento de tudo o mais.

Vejamo-lo também de maneira ligeiramente diferente. A pessoa néscia, insensata, sempre age e é governada por impulsos e instintos e, naturalmente, em geral se orgulha disso. "Não sou dos que lêem bastante, pensam e meditam, você sabe. Eu pego uma idéia e a ponha em ação." Impulso! Instinto! E acham isso maravilhoso. Lembro-me de haver lido um livro cujo autor defende isso. Para ele, essa é a solução para todos os problemas da vida. O nosso problema, diz ele, é que temos vivido demais na esfera do nosso cérebro, da parte mais elevada da nossa mente, da nossa inteligência e do nosso entendimento, em vez de vivermos a um nível mais instintivo. E ele continua e conta que escreveu um livro desse modo - deliberadamente impediu a intromissão do seu controle superior e das inibições, como ele diz, e simplesmente escreveu o que exercia atração sobre ele. Impulso! Instintivo! Contudo, há pessoas cuja vida é em geral governada dessa maneira. Nunca se sabe o que elas vão fazer no momento seguinte. Virá uma idéia, e elas agirão pelo impulso.

Há também os que obedecem a algum instinto que têm dentro de si. Não podem explicá-lo, e naturalmente, às vezes o elevam à posição de virtude quase suprema. Há pessoas que realmente acham que os julgamentos e decisões instintivos são melhores do que os que se baseiam em considerações racionais e no entendimento. Sei o que elas querem dizer, até certo ponto. Tenho ouvido homens desse tipo dizerem que quando precisam fazer uma nomeação realmente importante em seu negócio ou em seu escritório, sempre confiam no julgamento instintivo das suas esposas. Bem, pode haver algo nisso! Mas o que estou dizendo é que se vocês elevarem isso à condição de princípio, certamente estarão fazendo uma coisa perigosa, sob todos os pontos de vista e, sem dúvida, contrária ao ensino das Escrituras.

Agora devemos subir um pouco a escala em nossa definição do néscio, da insensatez. Com muita freqüência, o néscio é governado pelo zelo. Neste ponto a questão fica um pouco mais sutil, não fica? Nós gostamos das pessoas zelosas, e creio que está certo. Todos nós devemos ser zelosos. Entretanto, se formos governados pelo zelo, haverá grave perigo. O zelo e a sinceridade são maravilhosos, porém nunca foram destinados a estar no comando, e, se lhe derem o comando, é certo que sobrevirá o desastre. Mas existem muitos que se deixam governar pelo seu zelo. Eles vêem algo e querem fazê-lo, e assim se precipitam, sem tomar em consideração mais nada. Presumem que, devido serem zelosos, só podem estar certos. Não, vocês podem estar sinceramente errados. Podem estar sendo zelosos numa causa falsa. Dizemos que "o fogo é um bom escravo, mas um mau senhor", e a mesma coisa é verdade sobre o zelo. O zelo pode levar ao fanatismo, à crueldade, à perseguição. O zelo tem sido uma das mais devastadoras influências ao longo da história da Igreja Cristã. Assim é o zelo, digo eu, que não esteja sob controle, e que não seja governado e guiado pela sabedoria e pelo entendimento. Mas o néscio confia em seu zelo. Ele é direito, é sincero. Se é sincero, só pode ser direito. Quantas vezes ouvimos isso neste século! Não importa muito aquilo em que o homem crê, contanto que seja sincero. E assim o néscio, o insensato, precipita-se loucamente para cair em dificuldade porque exalta e eleva o zelo à posição suprema.

Eis a que tudo isso chega: a pessoa insensata não pensa adequadamente. Não pensa direito num assunto; em particular não pensa adiante. Só está preocupada com o momento particular. Essa é a essência do insensato, não é? Eis aí algo que o confronta. Ele gosta disso, sente-se atraído. Eu quero isso, diz ele, e vou tê-lo. Não pensa no que vem depois. É apenas este momento imediato, este segundo em que vive. Neste ponto estamos tocando num assunto que poderia ser discutido extensamente porque é uma das filosofias populares no momento. É o existencialismo; este momento é tudo o que importa, este momento imediato.

Naturalmente há um sentido em que isso é certo e verdadeiro. Há certos momentos de decisão final e definitiva, um momento de conversão, e assim por diante.

Contudo, se você elevar o momento presente à categoria de um princípio determinante universal, ele se tomará assoladoramente perigoso, porque eu não vivo somente aquele momento. Viverei o seguinte, o seguinte, o seguinte; a minha decisão agora tem suporte nos momentos seguintes, e tem relação com eles. Se essa decisão lhes fizer mal, é errada agora, embora neste momento me pareça certa. Mas o néscio nunca pensa no que vem depois. Preocupa-

-se exclusivamente com o imediato. Nada mais lhe importa.

Podemos expressar isto de forma ligeiramente diversa. O néscio não considera as conseqüências. Sabedoria é você olhar tudo o que cerca o seu interesse, considerar não somente os resultados imediatos, mas também os remotos, as conseqüências possíveis. O néscio não tem paciência para nada disso. O momento é este, a vida é esta. Ah, diz ele, se você ficar olhando para as conseqüências possíveis, você nunca fará absolutamente nada, e assim ele vive para o momento. Que tragédias há no mundo atual, que sofrimento, porque as pessoas vivem para este momento existencial e se recusam a considerar o que a sua real consciência e as relíquias residuais de sabedoria que há nelas as concitam a fazerem, com relação às conseqüências.

Já antecipei a próxima negativa, que é esta - e vocês vêem que elas estão ligadas umas às outras - o extraordinário é que há uma espécie de coerência no néscio. Tudo o que ele faz é coeso. Visto que ele não olha adiante e, visto que não considera as conseqüências, está sempre impaciente. Essa é uma grande característica de todo aquele a quem falta sabedoria. Essa é toda a dificuldade com a criança pequena. Esta quer agir imediatamente. Ela é impaciente. As vezes você tenta ensiná-la daquela maneira, retendo algo dela, mas ela não consegue controlar-se, quer aquilo imediatamente. A falta de sabedoria é característica da criança. Assim, quando vocês vêem um adulto procedendo desse modo, vocês dizem: que sujeito insensato! Impaciente ! Vocês vêem que se pode ser impaciente numa boa causa, como também numa causa má. Um homem pode ver certa meta desejável, porém depois, porque lhe falta sabedoria, ele investe (como dizemos) como um touro na porteira. Ele não espera, não vê que o jeito certo de chegar a ela é ir com cuidado e certificar-se do que está fazendo. Ele se lança loucamente e causa mais dano e mal à sua própria causa do que o homem que é ativo e militante opositor da sua causa. Por quê? Simplesmente porque é impaciente, e não pode esperar o tempo e a hora certos e apropriados para que essas coisas aconteçam.

De muitas maneiras, o real problema com a pessoa insensata, néscia, é que ela só vê uma coisa de cada vez. E essa monopoliza a sua atenção. E cego para todas as outras coisas. Há homens que vêem somente uma doutrina, esquecendo-se de tudo o mais. As outras estão lá, nada obstante. Mas, devido à concentração num só elemento, o conjunto fica desequilibrado. Este é o ponto final. Sempre falta equilíbrio ao néscio. Ele é vesgo e, portanto, sempre há fealdade na insensatez, na necedade.

Agora pois, diz o apóstolo, “Vede prudentemente como andais, não como néscios...”.

Então, que é isso positivamente? Bem, mesmo aqui não posso

deixar de lado a argumentação negativa. Porque, se eu dissesse que o sábio é simplesmente o homem não culpado de todas aquelas coisas, não estaria dizendo a verdade sobre a sabedoria. Assim preciso mencionar mais algumas negativas. Vejamos a questão assim: que é sabedoria? Que é o sábio? Bem, deixem-me dizer que a sabedoria não é mero fato. Vocês vêem a importância desta negativa. Ela não é meramente o que denominamos sabedoria do mundo. A contenda é sempre entre a sabedoria e a sabedoria do mundo. Não é mera discrição. Para mim isso é tremendamente importante. Sabedoria não significa meramente espírito cauteloso. Há muitos que são muito cautelosos, prudentes e cuidadosos, porém não são sábios. Muitas vezes dão a aparência de que são, e muitas vezes se lhes dá crédito de sábios. Vocês conhecem o tipo de homem que se assenta quieto e fala muito pouco. A conversação prossegue animada. Debatem-se e discutem-se questões, pedem-se opiniões e estas são consideradas. O tal homem está sentado e não diz nada, só fica olhando. Ele é tido como um homem que pensa profundamente e que, portanto, não fala com muita prontidão. Pois bem, esse tipo de coisa é muitas vezes identificado com a sabedoria, mas é um erro total. Francis Bacon pôs isso nos termos certos, e certamente uma vez por todas: “O silêncio é a virtude dos tolos”! E como estava certo! E por isso que sigo avante com as minhas negativas. Assim, vocês não podem dizer que um homem é sábio simplesmente porque não fala muito. Mas eu lhes digo como saber se ele é sábio ou não. Ouçam o que ele diz quando fala, e verão a diferença. O sábio tem contribuição para fazer, e a faz. Todavia aquele sujeito obtuso não tem nenhuma contribuição para fazer! Não tem nada para dizer, mas, em sua pompa, muitas vezes é considerado sábio. Não! Não! Falemos claro sobre isso. A sabedoria não consiste em mero silêncio, nem mesmo na ausência daquelas coisas sobre as quais estivemos falando e que estivemos descrevendo. Não é sábio aquele sujeito cauteloso e cuidadoso que passa tanto tempo tomando cuidado que não realiza coisa alguma. Não, isso não é sabedoria.

Então, que é sabedoria? Examinemos a questão positivamente. Sábio é o homem que sempre pensa. Não age baseado apenas no instinto ou no impulso ou no desejo. Não, ele insiste em aplicar-se ao pensamento, à razão e à meditação. Mas devo acrescentar algo a isso. Ele é um homem que examina completamente cada proposição com que se defronta, ou cada situação a que ele é levado. É um homem que primeiramente e acima de tudo dá atenção a toda evidência. É diferente daquele juiz na tribuna que se torna advogado e toma lado no início de uma causa. O sábio nega-se a fazer isso. Ele se contém e ouve

as provas de ambas as partes. Ele ouve a argumentação, atento a cada ângulo imaginável, e o faz com grande paciência.

Às vezes penso que o sinal distintivo do sábio é que ele é sempre um bom ouvinte. Lembrem-se de que ele não é, como eu já disse, um homem que não faz outra coisa senão ouvir e de quem vocês podem dizer: "O silêncio é a virtude dos tolos". Todavia, o sábio é extremamente bom ouvinte. Por quê? Bem, ele reúne os seus fatos, junta os dados. Diz ele: não posso chegar a um julgamento sem ter diante de mim todos os dados, e assim é muito paciente. Não se precipita. Não entra em ação imediatamente. Examina tudo o que há em tomo do ponto em questão, havendo reunido todas as evidências, e então passa a inquirir, a ponderar e a avaliar tudo. E isso leva algum tempo. Mas este homem faz isso, insiste em fazê-lo. Este é também um dos sinais distintivos da sabedoria. Pode tomar muito tempo ou pouco - depende do homem, da sua experiência e das circunstâncias - porém ele é um homem que nunca age sem ter feito exame da situação toda.

Podemos ilustrar tudo isso com a história da Igreja. Quantas vezes foi introduzido o erro na Igreja independentemente do que acontece no mundo! Alguns homens de repente ficam com a cabeça tomada por uma só idéia e, às custas de tudo mais, são arrastados por ela. Não, não; há algo de completo, de global, há equilíbrio, há o que o apóstolo chama "a proporção da fé" (Romanos 12:6, VA e ARA). Todas essas coisas devem ser mantidas como um todo, e o homem que tem sabedoria o faz. Ele tem doutrina e prática. Não só doutrina, não só prática, mas ambas, e sempre juntas. É a mesma coisa em tudo. Portanto, o sábio é alguém que se assenta e avalia as evidências.

Depois, tendo avaliado as evidências, o sábio as relaciona com os princípios fundamentais. Aí está o segredo da sabedoria. Vocês vêem, mesmo tendo tomado tempo, tendo sido paciente, tendo reunido os fatos e verificado todos os documentos; tendo examinado tudo em tomo do assunto, tendo-o peneirado, analisado, comparado e colocado nos seus respectivos departamentos, ainda assim ele não chega à sua decisão por si e imediatamente. Não, ele toma tudo isso e o examina à luz de certos princípios fundamentais e eternos. Vocês vêem que ele não é nada subjetivo, é sempre objetivo. Essa é toda a essência da sabedoria. O segredo da sabedoria é que o homem mantém o seu ser interior preso - o que ele é por natureza e por instinto - e o tempo todo relaciona o que encontra e descobre com as grandes certezas fundamentais. São estas as coisas que são axiomáticas e acerca das quais não há discussão. Ele relaciona tudo com essas coisas e, à luz destes princípios, chega ao veredito e o promulga.

Essa é a essência da sabedoria. O apóstolo diz tudo isso aqui,

naturalmente: "Vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo; porquanto os dias são maus. Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor". Esse é o definitivo. Há os princípios eternos, tudo o que conscientemente sei e que descobri, agora tem que ser

colocado à luz desses princípios eternos. Noutras palavras, embora eu tenha coligido os fatos tão cuidadosamente, e os tenha investigado etc., não deixo que o meu temperamento ou capricho decida qual será o veredito. Sujeitando os meus sentimentos, os meus desejos e tudo o mais, tomo esta situação, esta coisa, esta condição, esta proposta que é colocada diante de mim e a mantenho ali, à luz destes princípios eternos. E ouço o que eles têm para dizer. Minha decisão, minha ação, a totalidade da minha vida é determinada por isso, e somente por isso.

Agora, naturalmente, havendo chegado à minha decisão desse modo, e estando seguro de mim mesmo, graças aos meus princípios, passo a pô-los em prática, com entusiasmo, com zelo, com energia e com todo o vigor que Deus me deu. Contudo, vocês vêem a diferença que há entre a sinceridade e o zelo como servos assalariados, e não como senhores; como instrumentos para realizarem o que é certo, em vez de determinarem o que é certo. Desta maneira, o homem é governado, não pelas emoções exacerbadas, nem pelo zelo ou entusiasmo ou impaciência, mas sempre pelo seu conhecimento da verdade e pelo seu desejo de servir a verdade de Deus como está em Cristo Jesus, nosso Senhor, e de ser governado por essa verdade.

Devemos examinar-nos à luz disto: a nossa vida teológica é governada pela sabedoria? A nossa vida e o nosso modo de viver diário na prática são governados por esta sabedoria? É assim que vocês agem em seus contatos com os não cristãos? Estou pensando nos parentes que talvez vocês tenham, parentes não cristãos, e que vocês tanto desejam que venham a ser cristãos. Vocês se precipitam, causando talvez um dano irrecuperável? Ou vocês abordam o problema com sabedoria? Vocês param para pensar? O zelo e o entusiasmo mal conduzidos são responsáveis por dolorosos estragos. O cristão deve ser sábio. O cristão sábio conquista almas. Sim, é o sábio que o faz. O outro pode obter resultados imediatos, fulgurantes, espantosos, porém não duram. Busquem sabedoria, busquem entendimento e, como tenho dito, nos quefazeres mais comuns da vida, numa cidade como Londres, no mundo como este é hoje, quando as coisas nos defrontam de todos os lados e direções, vocês estão vivendo sabiamente, ou estão sendo governados pelo impulso, pelo instinto, pelo desejo? Todas as suas ações, todos os seus pensamentos e tudo o que vocês são e fazem sempre são postos em relação com os princípios eternos, com

a verdade de Deus, com a mensagem uma vez e para sempre entregue e confiada aos santos? Vejam então, filhos da luz, vejam então que andem prudentemente, não como néscios, mas como sábios; como homens que se tornaram sábios com a sabedoria de Deus, como homens que possam dizer: “Temos a mente de Cristo”.

ANDANDO PRUDENTEMENTE

"Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo; porquanto os dias são maus. Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor." - Efésios 5:15-17

Estamos considerando o que é esta sabedoria, sobre a qual a Bíblia diz tanto. Todavia, opinei que além dela o apóstolo diz outras duas coisas. A primeira é, pois, a sabedoria propriamente dita, a segunda é a sua afirmação do que todos os cristãos têm esta sabedoria, e a terceira, como se manifesta esta sabedoria.

Chegamos agora ao segundo ponto - a asserção feita pelo apóstolo de que todos os cristãos são possuidores desta sabedoria. Notem como ele se expressa: "Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios", com o que ele quer dizer: vocês não têm por que portar-se como néscios, porque são sábios. É precisamente em razão disso que ele pode dizer-lhes negativamente que não lhes cabe comportar-se ou andar como pessoas néscias ou não sábias.

A Bíblia, vocês vêem, divide a humanidade toda em dois grupos. Ela tem muitos e diferentes modos de descrevê-los, mas todos dão na mesma - cristão e não cristão, pertencente a Cristo, pertencente ao mundo. Sim, mas esta outro distinção é igualmente verdadeira. Sábio, não sábio. Vocês o têm completo na famosa parábola do fim do Sermão do Monte - o sábio que construiu a sua casa sobre a rocha, e o outro que a construiu sobre a areia, o néscio. As virgens sábias, as virgens néscias. Essa divisão é fundamental. Vocês a encontram precisamente da mesma maneira no Velho Testamento. Todos os patriarcas e profetas eram sábios; às vezes eram até chamados "videntes" por essa razão. Portanto, isso é algo inteiramente básico para o nosso entendimento da vida cristã. O apelo do apóstolo ao cristão é sempre em termos do fato de que este é sábio, de haver-se tomado sábio em distinção do outro homem.

Ora, esta é uma afirmação espantosa, e o apóstolo nunca cessa de regozijar-se nela. Vocês recordam como, no capítulo primeiro da Primeira Epístola aos Coríntios, ele abora esta idéia e exulta nela. "Os gregos buscam sabedoria", a grande característica dos filósofos é que

eles estão sempre buscando sabedoria, sempre buscando o conhecimento e o entendimento culminantes. A tarefa da filosofia é tentar descobrir esta sabedoria, e os gregos passavam o tempo tentando achá-la, sem sucesso. Ela sempre se lhes escapava, apesar da sua genial capacidade. E sempre tem sido assim, daquele tempo em diante; o mundo sempre anda à caça da sabedoria.

Toda a cultura do mundo, assim chamada, preocupa-se com isso, toda a inteligente

fala e produção de livros por não cristãos inteligentes e instruídos $_{v}$ É isso que todos eles estão fazendo, estão à procura desta sabedoria. E evidente que é certo que ela seja procurada, porque todo homem que pensa, logo pode ver que há algo radicalmente errado neste mundo. Ele quer ver o que é errado e como pode corrigi-lo. Essa é a busca de sabedoria, e o extraordinário é que o mundo, com toda a sua habilidade e esperteza, não a pode achar. O mundo a busca hoje tão ativamente como sempre. As pessoas continuam lendo os velhos filósofos gregos, estão até tentando ir além deles e edifcar sobre eles, e promover os seus próprios sistemas. Até na filosofia existem modas. Nos recentes anos os filósofos têm continuado a tentar descobrir o significado da linguagem para que esta seja usada corretamente.
Esta grande busca de sabedoria continua sendo feita e, contudo, o apóstolo nos lembra aqui que o que o mundo, com todo o seu genial brilhantismo não pode conseguir, e não pode ter bom êxito em fazer, já é possessão do cristão. O cristão é sábio. Ele encontrou a sabedoria que o mundo procura. O cristão não a está procurando mais, já a encontrou - ela veio a ele.

Leiam os dois primeiros capítulos da Primeira Epístola aos Coríntios, e a encontrarão. Os judeus exigem sinal, os gregos buscam sabedoria, nós pregamos a Cristo crucificado. Porquê? Porque Paulo diz que Ele é a sabedoria de Deus e o poder de Deus. “Mas vós sois dele”, diz ainda Paulo, “em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria.” Sabedoria! Nós temos a sabedoria, nós a temos em Cristo. Deus colocou esta sabedoria suprema em Seu Filho. Esta é, pois, a tremenda afirmação. Pergunto se, como cristãos, no sentido verdadeiro, temos esta sabedoria suprema. Temos o conhecimento e o entendimento sobre a vida e todas as suas circunstâncias subordinadas que o mundo tenta em vão descobrir. O que o mundo, com toda a sua sabedoria, não conseguiu fazer, já aconteceu com o cristão.

Agora focalizamos isso, por um momento apenas. Como foi que aconteceu? Bem, aconteceu porque os seus olhos foram abertos para essa sabedoria suprema que está no Senhor Jesus Cristo. Como Paulo o expressa no capítulo dois da Epístola aos Colossenses: “Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento”

(versículo 3, VA; cf. ARA). Tudo está em Cristo. A resposta aos problemas do mundo estão no Senhor Jesus Cristo. Essa é outra afirmação estonteante, não é? Mas é a afirmação que fazemos como cristãos. Não há problema que confronte o indivíduo ou a sociedade em geral hoje que não tenha resposta em Jesus Cristo. Tudo! Não hesito em asseverar isso. Diz o apóstolo que *todos,* todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos nEle. Está tudo ali. E se os homens e as mulheres tão-somente O conhecessem, seriam possuidores dessa sabedoria.

Ser cristão significa, então, que vocês estão nessa posição. O cristão é o homem cujos olhos foram abertos para a verdade, para a sabedoria como esta se acha no

Senhor Jesus Cristo. O cristão passou a ver estes grandes princípios que governam a totalidade do pensamento e da vida. Gostem vocês ou não, o cristianismo é a única filosofia completa. Não é uma filosofia humana; Paulo nega que o seja em Colossenses, capítulo 2, bem como em 1 Coríntios, capitulo 2. Não é a sabedoria deste mundo, porém é sabedoria, nada menos que sabedoria. Nosso dever como povo cristão é capacitar-nos disso. É um perfeito e completo sistema de pensamento e de entendimento. Prestaremos um grande desserviço à causa cristã se não captarmos isto e se vivermos somente na esfera de algum pequeno e confortável sentimento. O que se espera de nós é que demos uma razão para a esperança que há em nós. Se havemos de funcionar como luz, compete-nos mostrar que em Cristo estão toda a sabedoria e todo o conhecimento de que necessitamos. O cristão é um homem cujos olhos foram abertos para isso, e ele vê estes grandes princípios eternos e fundamentais relacionados com a totalidade da vida e com a totalidade do cosmos, com a totalidade da história - relacionados com todas as coisas.

Há outra maneira pela qual esta sabedoria chega a ele. Ele tem em si um novo princípio de vida. Ora, isso é tremendamente importante. Não é apenas que os seus olhos foram abertos para aquela sabedoria objetiva que há fora dele em Cristo. Não, há ao mesmo tempo um novo princípio de vida. E vocês vêem como isso é importante. Fizemos uma análise da pessoa néscia, não sábia, e vimos que ela é néscia porque é uma criatura de certos impulsos e instintos que há dentro dela. Todos nós os temos em nós, estes ímpetos e compulsões, e eles são mais fortes que a nossa vontade e que o nosso entendimento natural. É por isso que, como estive indicando, homens que podem ser muito instruídos e reconhecidamente capazes, podem ser néscios consumados em sua vida e em sua prática por causa dessas outras forças. Assim para tomar-me verdadeiramente sábio, preciso não somente do conheci-

mento, da sabedoria objetiva que ali está, preciso de algo que opere dentro de mim, e que aí está em Cristo, a nova vida, novo poder e novo princípio. Somos participantes da natureza divina. Há agora em nós um princípio que está operando na direção da verdade, da sabedoria e do agrado a Deus, e esse princípio mantém dominadas as outras forças e energias que há em nós por natureza e em conseqüência da Queda. É por isso que o apóstolo se dirige a nós como sendo nós sábios.
Não devemos pensar no cristão meramente como alguém que mudou o seu ponto de vista. Ele fez isso, é claro, mas essa não é a única coisa. Graças a Deus, há esta outra, a regeneração. O cristão tem mente nova, nova capacidade, novo poder, um novo princípio de vida, e estes fatores operam juntos, com o conhecimento que ele agora tem.

Em terceiro lugar, o Espírito Santo agora reside no cristão. Isso o Novo Testamento ensina em toda parte. O cristão é alguém em quem habita o Espírito Santo. “Não

sabeis", diz ainda Paulo a estes coríntios, "que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós?" Visto que Ele está em nós, somos ajudados nesta questão de sabedoria. Como posso dominar estas forças que estão dentro de mim, esta impulsividade, esta tendência para agir pela intuição, pelos sentimentos, etc.? Que posso fazer quanto a estas compulsões? O Espírito Santo é a resposta. Escrevendo a Timóteo, que tendia a atentar demais para os seus sentimentos e para o seu temperamento, em vez de aplicar esta sabedoria, diz o apóstolo: "Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação" (2 Timóteo 1:7). Disciplina - sabedoria, se vocês preferirem - esse é o caráter do espírito que nos foi dado, diz ele. Não o espírito de temor. Não, a característica do Espírito é que Ele dá poder, dá capacidade para manter estas outras coisas sob controle. Ele incentiva o amor, que é essencial nestas questões. Acima de tudo, há esta moderação, esta sabedoria, esta disciplina e esta atitude ordeira.

Aí estão, pois, três razões, sem ir atrás de mais nada, pelas quais o cristão pode ser considerado como sábio. Vocês vêem que ele é totalmente diferente do não cristão. O não cristão é cego para a verdade. Não tem em si o princípio da nova vida. Não é regenerado e o Espírito de Deus não habita nele. Que possibilidade tem ele de ser sábio? Nenhuma. Ele é vítima de si próprio e do mundo em que vive. Ele é néscio e nada pode fazer por si mesmo. Não é assim com o cristão, porém. Tudo em tomo dele o separa, coloca-o noutro lado e numa categoria diferente, e aí está ele, é um sábio. Esta é a espantosa afirmação do apóstolo.

Há algo deveras triste - não há? - no fato de que, como cristãos evangélicos, demasiadas vezes damos a impressão de que ser cristão

significa passar muito tempo cantando cânticos e sendo animado, jovial e feliz; contando breves contos e histórias, gracejando e fazendo rir as pessoas. Caros amigos, nAquele que está em nós e em Quem nós estamos, estão ocultos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. E eu e você devemos mostrar isso. Estaremos representando mal aCristo, se o não fizermos. A acusação que constantemente fazem contra nós, evangélicos, e que não há nada em nós que favoreça o intelecto, que somos anti-intelectuais e obscurantistas, que enterramos a cabeça na areia, que não encaramos os problemas, não mostramos esta sabedoria e este conhecimento. Vergonha para nós, se for verdade! O cristão é sábio. É possuidor desta sabedoria suprema, e deve mostrá-la e torná-la manifesta. Quando o fizer, estará clamando ao incrédulo: "Desperta, tu que dormes, e levanta-te dentre os mortos, e Cristo te esclarecerá".

Passemos à questão seguinte. Como se manifesta esta sabedoria que o cristão possui agora? Aqui o apóstolo condescende com nosso fraqueza e divide o assunto para nós. Eis a primeira coisa que ele nos diz - a característica primordial do homem que é sábio neste sentido cristão é que ele anda prudentemente. "Portanto, vede

prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios." Que é que significa essa expressão? O termo significa de fato "precisamente", cuidadosamente, porque não se pode ser preciso sem ser cuidadoso. Prudentemente - precisamente, cuidadosamente - que é que estas palavras sugerem? Sugerem que a pessoa olha bem antes de saltar. Olha em volta, examina tudo com cuidado, não sai correndo loucamente de maneira precipitada ou impulsiva. Ele tem uma idéia, leu algo num livro e em seguida o faz - nada disso! Ele olha, examina, inspeciona, é cuidadoso. É na verdade um completo contraste com aquele néscio que nós analisamos extensamente para podermos ver este assunto com clareza. Não desprezem as negativas; elas são muito importantes. Éporque nos esquecemos das negativas que somos como somos. Este sábio que anda prudentemente é exatamente o oposto do indivíduo que se deixa governar unicamente por impulsos, instintos, desejos e zelo estulto - o homem falto de sabedoria. Andar prudentemente significa andar estritamente de acordo com uma regra. Ah, sim, o sábio sempre tem uma regra. Já deixei entrever que ele sempre relaciona tudo com certos princípios fundamentais. Ele sabe o que faz, sabe por que o faz, pode dar razões para o seu proceder - essa é a essência da sabedoria.

O sábio compreende que tem que considerar muitas coisas antes de agir. Agora, isso não é, como eu disse, a prudência ou cautela exagerada do homem que nunca faz nada - "Quem observa o vento,

nunca semeará" (Eclesiastes 11:4). Não se trata disso. Simplesmente significa que ele compreende logo que não é uma unidade isolada na vida, mas que ele tem as suas relações com outros, que nenhum homem vive para si, nem morre para si. Vocês sabem, a maioria do povo não pensa desse modo. Em geral as pessoas pensam somente em si mesmas e fazem o que querem. Mas o sábio pára e percebe que há outras pessoas que vão estar envolvidas no seu modo de viver e no que ele faz. Eu não vivo para mim mesmo, e não posso fazê-lo. Portanto, devo olhar ao redor e considerar estes outros fatores, que são muitos. Para andar prudentemente, o cristão está se lembrando constantemente de que é cristão. Deve lembrar-se disso todas as manhãs, quando se desperta, todas as manhãs, quando sai de casa para o mundo. De igual modo, ele deve compreender a condição dos outros. Se não pensarmos nos outros e em sua situação, não agiremos como luz com relação a eles, não os despertaremos para que saiam das trevas e da morte em que se acham, e não os traremos para a luz de Cristo.

Não, andar prudentemente significa que você olha em volta, vê que existem certos alçapões, e que se puser o pé neles, afundará. Você faz uma inspeção antes de mover-se, procura ter uma visão geral, e só depois começa a andar. O apóstolo, por certo, gosta muito da idéia toda, e fala a seu respeito em diferentes Epístolas. Ouçam-no também em Colossenses, capítulo 4, versículo 6, onde ele diz: "A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como vos convém responder

a cada um". É isso que significa andar prudentemente. Noutras palavras, temos que fazer avaliações, temos que considerar estas outras pessoas. Devemos indagar: qual seria o efeito desta minha ação sobre elas? Vocês vêem, existem muitas coisas que são legítimas para o cristão, mas que ele não faz por causa do seu efeito sobre outros. O apóstolo o expressa em 1 Coríntios desta maneira: "Digo, porém, a consciência, não a tua, mas a do outro"; diz ele também: "Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm". Pois bem, o sábio está ciente disso. O outro diz: "Bem, se isso é certo, eu tenho direito de fazê-lo; que mal há nisso?" - e o faz. Ah, porém ele ofendeu o seu irmão mais fraco, por quem Cristo morreu, e causou grande dano à igreja e aos de fora. Andar prudentemente significa considerar como isso vai afetar os outros. Isso faz parte do exercício da sabedoria.

Portanto, o cristão é alguém que deve exercer grande tato e grande paciência. Ele vê a verdade com muita clareza, e o seu instinto é, naturalmente, *fazer* que todos os outros a vejam. Não conhecemos isso? Preocupamo-nos com alguém e tentamos explicar-lhe a verdade cristã. Para nós é tão simples e elementar, mas essa outra pessoa não

pode vê-la, e você sente vontade de martelar-lhe os ouvidos para fazer com que ela a veja, todavia, se você o fizer, é óbvio que ela nunca a verá. É aí que entram a paciência e a sabedoria do cristão. O cristão deve dizer a si próprio: "Pois bem, este homem é muito inteligente; por que não vê este ponto? Ah", diz o cristão, "sei por que ele não o vê; o deus deste mundo o cegou. Ele não consegue vê-lo." "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura." O cristão compreende isso. Por essa razão é cuidadoso quanto à sua maneira de falar. Ele não bombardeia as pessoas, nem as caceteia; não enfia a verdade pelas suas goelas. Não, ele é sábio.

O cristão precisa também considerar os diferentes tipos de pessoas. Ele sabe que não são todas idênticas. Assim, ele varia a sua abordagem; não a sua mensagem, mas a sua abordagem. O apóstolo Paulo nos diz que ele fazia isso. Diz ele: "Para os que estão debaixo da lei, (fiz-me) como se estivera debaixo da lei. Para os que estão sem lei, como se estivera sem lei. Aos circuncisos de um modo, aos incircuncisos doutro. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns" (cf. 1 Coríntios 9:20-22). Eu e vocês devemos agir assim também. Há diferentes tipos de pessoas, ^com diferentes dons e habilidades. Estão em situações diferentes. E nosso dever apresentar a verdade de tal maneira que ela tenha algo para dizer a todos. Não somente a um tipo, e sim a todos. Se não o fizermos, não estaremos andando prudentemente. Se dissermos: bem, o meu método é este, e vou usá-lo sempre, é como procede o néscio. Ele não olha ao redor, não considera. Não observa a situação. Não tem real e profundo amor pelas almas. Ele só está preocupado consigo mesmo, com o que ele faz e com o que lhe acontece - que tragédia!

Agora, é necessário que conheçamos estas coisas na Igreja, e todos que são membros de igreja têm o dever de entendê-las. Se algo não o atrai, lembre-se de que pode atrair outra pessoa, e é por isso que há estas constantes exortações a que nos apoiemos uns aos outros. Precisamos crescer juntos. Estamos em diferentes estágios. Se você não entende bem uma coisa, acredite que alguma outra pessoa a entende, e procure chegar lá. E assim que nós crescemos na graça e no conhecimento do nosso Senhor. Isso é sabedoria, é andar prudentemente. Envolve tudo isto, este grande tato e paciência, esta capacidade de diagnosticar e de entender, esta capacidade de apresentar a verdade.

Leiam Atos dos Apóstolos e verão tudo isso magnificamente nalguns daqueles capítulos grandiosos e dramáticos. Leiam, por exemplo, o capítulo 26 e notem como o apóstolo anda prudentemente. Aí está o apóstolo com o seu apelo ao rei Agripa e à sua mulher, e a

Festo e à sua mulher. "Paulo, estendendo a mão em sua defesa, respondeu: tenho-me por venturoso, ó rei Agripa, de que perante ti me haja hoje de defender de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus; mormente sabendo eu que tens conhecimento de todos os costumes e questões que há entre os judeus; pelo que te rogo que me ouças com paciência". Que sabedoria magnífica! Que andar prudente! Vocês vêem, se ele pode dizer alguma coisa favorável, ele a diz. Ele está desejoso de conquistar para Cristo aquele homem; não o ataca. Não, ele o encontra exatamente onde está, e parte desse ponto. Ele está tentando conquistar pessoas para a verdade. Ele não diz: aqui eu fico! Você acaba dizendo isso muitas vezes, como o fez Lutero, mas você não começa por aí- isso é sabedoria. Todos nós precisamos desenvolver pessoalmente esse princípio em detalhe.

O traço essencial da sabedoria é que ela compreende que o conhecimento deve ser aplicado, e que, se não for aplicado de maneira apropriada, provavelmente fará mais mal que bem. O conhecimento teórico, o conhecimento acadêmico, em si mesmo, pode ser completamente inútil. Há um tipo de homem que nega a sua mensagem pelo seu método. O sábio tem coerência entre a mensagem e o método. Ele está sempre aplicando a sua mensagem, ela transparece em tudo o que ele faz. Essa é a essência da sabedoria. Esta é a primeira coisa que Paulo nos diz: devemos andar prudentemente.

O segundo ponto nos diz por que devemos ser tão prudentes. Uma vez que o cristão é sábio, tem uma visão correta da vida neste mundo, e do estado do mundo. Ele redime o tempo, porque os dias são maus. Ninguém sabe disso, exceto o cristão. Para o não cristão os dias são maravilhosos; nunca foram melhores. Qual é a frase? "Nunca foi tão bom." Os dias não são maus, não falta trabalho, há muito dinheiro, há abundância de tudo$_v$ Ah, mas o homem que tem sabedoria afirma que os dias são maus. É unicamente a sabedoria de Deus que habilita o homem a dizer isso. O mundo é

maravilhoso, diz o outro homem. Os dias são maus, diz o cristão. Isso, naturalmente, é perfeitamente exposto no capítulo seguinte, no versículo 12. Dizele: "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra os potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contras as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". Vocês vêem, o que ele quer dizer é que este mundo é mau. Os dias são maus, e não num sentido abstrato; ele quer dizer que este mundo é pernicioso. Este mundo está sob o controle de poderes e forças e fatores hostis a Deus e em ativa oposição a Deus. E isso que ele quer dizer.

Ele já tinha dito isso, é certo, logo no início do capítulo 2! "E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados, em que noutro

tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o (governado pelo) príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência." Os dias são maus. Pois bem, somente o cristão entende isso; porém o cristão o entende imediatamente. Ele se dá conta de que, por trás do homem e do que o homem faz, há este outro poder terrível, maligno, infernal, que tenciona levar à ruína a gloriosa criação de Deus e tudo o que nela existe. Esse poder é pernicioso, é ativamente mau. Se o homem não se der conta disso, não terá possibilidade de andar prudentemente neste mundo. Não terá possibilidade de viver como deve. Se alguém fizer objeção a isso e disser: "Bem, não vejo assim, essa é uma idéia pessimista. Naturalmente, é típica da Bíblia, é o velho puritanismo. Tudo negro e sombrio. Contudo o mundo não é assim. O mundo é maravilhoso, é brilhante; tratemos de passar bons momentos, principalmente na mocidade". O homem que pensa dessa maneira nunca será luz para ninguém. Nunca levará nenhuma pobre alma condenada a aperceber-se da ira de Deus e do inferno, para onde ela se apressa.

Temos que entender que este mundo é a sede do conflito de dois extraordinários poderes e forças, Deus e Seu Cristo, os Exércitos dos céus, o Espírito Santo, e, do outro lado, o diabo e todos os seus poderes e emissários. Eu e vocês estamos envolvidos nesse conflito. Os dias são maus. Devemos compreender isso com relação a nós mesmos. Por isso o apóstolo nos dirá no próximo capítulo que temos que revestir-nos de toda a armadura de Deus. Nenhuma outra coisa será suficiente para nós. "Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno."

Não haveria ocasiões em que vocês sentem que isso é verdade? Vocês estariam cientes do fato de que os dias são maus? Vocês com João Bunyan, consideram o mundo como é, e sem Cristo, como uma Cidade de Destruição? Vocês enxergam o poder infernal que está por trás das aparências? Acaso vocês não podem ver isso quando passam os olhos em seus jornais populares todas as manhãs? Vocês não vêem o mal que está por trás? Tudo se faz para fazer dinheiro - e eles se entregam a

tudo, filmes, sexo e tudo mais. É simplesmente uma questão de fazer dinheiro. Eé este o seu poder maligno. Nada importa, os princípios não importam. Ah, a vileza e o caráter pernicioso da vida neste mundo! E, vocês vêem, o homem que anda prudentemente percebe isso e diz: "Tenho que ser cauteloso. Devo ser cauteloso quanto ao que leio. Há muita literatura ao meu redor, de vários gêneros e formas, que podem ferir a minha alma e embotar o meu gosto, pôr abaixo as minhas barreiras, minar a minha resistência e afetar a minha capacidade de julgar". Há muito disso; não há nada mais difícil do que

manter-se reto, verdadeiro e puro neste mundo moderno, neste mundo mau. Os dias são maus!

O cristão vê isso e, portanto, diz: tenho que andar prudentemente. E então, quando ele percebe as condições dos que são vítimas ignorantes deste poder maligno, sabe que deve redobrar os seus esforços e que deve ser cuidadoso. Os homens do mundo não sabem disso, não têm consciência disso. Consideram estas coisas como divertidas; gabam-se delas. Gabam-se das suas bebedeiras, que causam tanta infelicidade e que levam famílias à ruína. Fazem brincadeiras acerca disso. O que se diz é que essas coisas são maravilhosas e que você está fora de época, é um retrógrado, se não as pratica. Não vêem que foi justamente este poder maligno que os apanhou. Mas eu e vocês devemos pensar por eles, devemos cuidar deles, devemos fazer tudo o que pudermos para libertá-los e tirá-los deste poder perverso e maligno que os domina. Os dias são maus. Nunca foram piores. E é somente o sábio que olha e vê tudo isso como realmente é. Porventura vemos com clareza o estado em que se encontra o mundo? Temos vivida nas nossa mentes a distinção entre o mundo e a Igreja, entre o reino das trevas e o reino da luz? É fundamental para o cristianismo, e eu e vocês temos que captá-la.

Deixem-me dizer uma palavra sobre o último ponto - "remindo o tempo" - que é outro característica desta sabedoria. O cristão é alguém que, por causa de todas estas coisas, redime o tempo. Que é que isso significa? Bem, temos que ser cautelosos a esse respeito. Não significa meramente que ele usa o tempo da maneira certa. Inclui isso, naturalmente. Mas há muito mais que isso. Tempo aqui não é tanto o dos calendários - o espaço de tempo de janeiro a dezembro. Não; *significa oportunidade.* Remindo o tempo deve traduzir-se "comprar toda a oportunidade" ou "arrematar toda a oportunidade".

Este é um pensamento muito profundo. Aí está este homem sábio, este cristão. Como ele mostra sabedoria? Eis como: ele vê a sua vida neste mundo como sendo uma grande oportunidade. Nisso, é claro, ele é absolutamente diferente do não cristão. O não cristão vê este mundo como um lugar em que o homem se estabelece, faz o máximo que pode e o desfruta plenamente. Mas não é esse o modo de ver do cristão, O cristão compreende que este mundo é passageiro e que ele não passa de um viajor.

Eis aqui os termos do Novo Testamento - “Amados”, diz Pedro, “peço-vos, como a peregrinos e forasteiros. . .” (1 Pedro 2:11). É o que vocês são, forasteiros ou estrangeiros e peregrinos. Vocês estão apenas por pouco tempo aqui. O seu lar não é este. “A nossa cidade”, diz Paulo em Filipenses, capítulo 3, versículo 20, “está nos céus.” É de onde somos. Neste mundo, sou um homem que está

fora de casa. Sou estrangeiro aqui, estou apenas fazendo uma visita. Estrangeiros e peregrinos, viajantes e moradores temporários, sempre em movimento. “Todas as noites eu armo a minha tenda desmontável um dia de marcha mais perto do lar.” Lar! Meu lar não é daqui, é de lá!

Essa é a posição do cristão. Esta vida não é vida real para o cristão. A vida real é vindoura. Como diz Paulo em Romanos, capítulo 13: “A noite é passada, e o dia é chegado”. É isso que o cristão espera. Essa é a esfera a que ele pertence, porém aqui ele está num mundo mau, e diz: ah, mas enquanto estou aqui, devo fazer uso da oportunidade. É um lugar temporário de oportunidade. Em espírito estou fora dele, todavia no sentido físico sou deixado aqui, e assim, que devo fazer? Bem, vou usar o meu tempo aqui para mostrar a glória de Deus. Vamos parar neste ponto agora, porque desejo fazer um minucioso esquema de como o cristão realmente faz isso tudo.

Somos chamados para fazer isso, e especialmente num tempo como este, quando não é mais costume do povo freqüentar locais de culto, a responsabilidade do cristão individual aumenta muito. Hoje em dia as pessoas não dão ouvidos ao evangelho. Muito bem, pois, que o vejam em suas vidas. Que vejam a luz quando olharem para vocês. Essa é a insistente exortação do apóstolo.

Estivemos examinando os princípios que habilitam o homem a andar de tal maneira que atue como luz para os outros. Tal homem olha em volta; anda prudentemente. Ele tem princípios pelos quais pode avaliar tudo e chega à conclusão de que os dias são maus. Ele vê o inferno por trás da fachada, vê a miséria, a infelicidade e o diabo existentes. Todas estas coisas o orientam em seu procedimento pessoal, e em seu comportamento para com os outros. E depois ele diz a si mesmo: estou aqui para representar a minha família, estou aqui como representante do meu Pai, estou aqui como representante do Seu Filho, do Espírito Santo e de todas as hostes angelicais. Pertenço à Sua família, e devo considerar o meu tempo neste mundo primária e essencialmente como uma oportunidade para dizer aos homens e às mulheres que existe outra vida, vida de glória, vida de santidade, vida compartilhada com Deus. Vejo aquelas pobres pessoas ao meu redor, na escravidão e nas garras do pecado em suas diferentes formas. Não me interessa a forma que o pecado assuma, devo tentar trazer aquelas pessoas para a luz, devo despertá-las, devo fazer-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns. Portanto, devo mostrar esta sabedoria em todas as suas variegadas formas, moldes e cores. Que todo o espectro

se torne manifesto em mim e por meu intermédio, de modo que, por algum meio, de algum modo, alguma pobre alma,

vítima do mal e do pecado, seja despertada do sono, levante-se do túmulo e da morte que caracterizam o pecado, e se ponha a olhar para a face de Jesus Cristo e a ver a luz do conhecimento da glória de Deus.

REMINDO O TEMPO

‘‘Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo; porquanto os dias são maus. Pelo que não sejais insensatos, mas entendei qual seja a vontade do Senhor." -Efésios 5:15-17

Voltamos a esta importante exortação mais uma vez porque nela o apóstolo está dizendo algo de grande valor. O seu grande interesse é que todos os cristãos percebam a diferença existente entre eles e os não cristãos. O cristão tem a sabedoria de Deus em Jesus Cristo. Ele sabe das coisas, tem uma capacidade de discernir a vida que ninguém mais tem e, portanto, o que lhe cabe fazer é andar prudentemente. Já vimos isso. Cabe-lhe entender as condições do mundo em que ele vive - os dias são maus. Somente o cristão pode dizer isso. O não cristão até se ofende com essa afirmação. Ele acredita que o mundo é maravilhoso, que a vida é estupenda. Não, diz o cristão, os dias são maus. E assim vimos que o cristão considera a sua vida neste mundo primariamente como uma grande oportunidade - oportunidade de portar-se como luz, oportunidade de testemunhar da graça de Deus no Senhor Jesus Cristo. Desta maneira, ele redime o tempo, não deixando passar nenhuma oportunidade.

É esse, então, o pensamento que devemos ter em nossas mentes quando passarmos a considerar de que modo o cristão usa a sua vida neste mundo como uma oportunidade de disseminar o conhecimento e a luz provenientes de Deus na face de Jesus Cristo.

A primeira coisa, pois, que devemos salientar é que ele de fato tem que remir o tempo. O significado da palavra remir, redimir é o de adquirir alguma coisa, especialmente adquiri-la para nós mesmos. Se vocês preferirem, é a descrição do homem que está em busca de uma boa compra. Ele quer comprar algo para si e está de olho nos artigos na banca, ou na vitrina da loja. Está desejoso de fazer o negócio, e assim olha aqui e ali e mostra grande interesse.

Ora, essa é a exortação que o apóstolo nos faz aqui, como cristãos. Compreendendo o que vocês são, diz ele, e que os dias são maus, e entendendo quais são as condições do mundo em que se acham, sejam como os que estão de olho nas oportunidades. Estejam preparados

para capturá-las e segurá-las. Essa é uma figura comum do cristão no Novo Testamento. Na sua Primeira Epístola, capítulo 4, versículo 3, o apóstolo Pedro faz a mesma colocação à sua maneira, com estas palavras: “Porque é bastante”, diz ele, “que no tempo passado da vida fizéssemos a vontade dos gentios, andando em dissoluções, concupis-cências, borrachices, glutonarias, bebedices e abomináveis idolatrias”. Certamente; argumenta o apóstolo Pedro, é quase desnecessário que eu

discuta isso com vocês. Vocês já gastaram bastante tempo neste mundo fazendo essas outras coisas, desperdiçando-o e jogando-o fora. Bem, diz ele, não façam mais isso. Vocês já desperdiçaram demais a sua vida neste mundo com disparates e lixo. Nunca mais! Sejam espertos, estejam alerta, explorem todas as oportunidades.
Agarrem cada minuto, cada segundo, redimam o tempo, tendo em vista que vocês perderam demasiado tempo e deixaram escapar muitas oportunidades gloriosas. Não façam mais isso.

Paulo não nos está meramente exortando a não desperdiçar o nosso tempo. Ele é muito positivo. Diz ele que vocês devem esforçar-se para ir em busca de oportunidades. Vocês vêem, isso é muito mais forte do que a postura negativa, embora a negativa esteja incluída, naturalmente. Vocês não conseguirão fazê-lo, se estiverem desperdiçando tempo. Mas não é só isso. Estejam alerta, sejam espertos, explorem as oportunidades. Procurem-nas e agarrem-nas avidamente, toda vez que se lhes apresentarem. Isso é, por certo, da maior importância, porque os dias são maus e por causa das condições em que nos achamos.

Agora, parece-me que aqui o apóstolo nos está exortando a apossarmos de todas as oportunidades por duas razões principais. A primeira é que o façamos pelo nosso próprio bem. Depois, em segundo lugar, pelo bem doutras pessoas.

Consideremos a primeira delas. Vocês devem remir o tempo, diz o apóstolo, por amor de vocês mesmos. Então, como devo agora tomar providências para que, durante o tempo que resta da minha breve vida, eu resgate e aproveite as oportunidades?

Vejamos primeiro o que ele nos diz negativamente. Depois veremos como ele se refere positivamente a qual é a vontade do Senhor. Vemos um conselho e uma instrução muito práticos quanto a isso no Salmo primeiro. Se devo remir o tempo, há certas coisas que não devo fazer. Não devo andar segundo o conselho dos ímpios. Não devo desperdiçar tempo detendo-me no caminho dos pecadores. Não devo vagar pelo tipo de lugar pelo qual eu sei que é provável que eles passem. Tampouco devo assentar-me na roda dos escamecedores. Se eu fizer essas três coisas, longe de apossar-me da oportunidade, estarei

perdendo oporturíidades. Aí está a instrução dada por Deus. “Bem-aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios.” Você sabe qual é a perspectiva deles, sabe o que eles pensam da vida. Não se ligue a eles. Não se interesse pela filosofia deles, pelo seu conselho. Não atraia o pecado, ou, como Paulo o expressa escrevendo aos romanos: “não façais provisão para a carne”. Se você se puser no caminho dos pecadores, o fim será que você acabará pecando com eles. Portanto, se você souber de um tipo de literatura que tenha a probabilidade de prejudicá-lo, não a veja. Jogue-a no fogo. Não lhe dê a mínima atenção. Não tome muito tempo lendo insípidos pormenores sobre as leis nos jornais. Não lhe farão bem nenhum.

Isso é deter-se no caminho dos pecadores e, se você ficar ali, será arrastado com eles sem perceber.

Pode-se dizer o mesmo sobre assentar-se na roda dos escamecedores. O apóstolo Pedro no-lo expressa claramente em sua Primeira Epístola, capítulo dois, versículos 11 e 12: "Amados, peço-vos como, a peregrinos e forasteiros"; é o que vocês são, forasteiros ou estrangeiros e peregrinos neste mundo, desde quando se tornaram cristãos, "peço--vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios". E exatamente a mesma coisa. Aí estão, pois, as exortações negativas.

Que dizer das positivas? Bem, voltem, e verão tudo no Salmo primeiro. Aí está o homem bem-aventurado - "mas o seu prazer está na lei do Senhor, e na sua lei medita de dia e de noite". Vocês vêem, este homem não está perdendo tempo com literatura indigna e nociva. Antes, ele passa o tempo com a lei do Senhor, e nela medita de dia e de noite. Não é como o homem que diz que é tão ocupado que realmente não tem tempo para estudar a Bíblia e ler bons livros. Mas como é tão ocupado? Ele gasta mais tempo com o jornal do que com a Bíblia? Então, ele não tem mais desculpa. Que o tempo que ele estava dando para a leitura do jornal seja dado ao estudo da lei do Senhor. O cristão medita na lei do Senhor de dia e de noite. Este é o seu prazer. Diz ele: quero algo que me edifique, me ajude e me habilite a funcionar como luz; por isso é muito cauteloso quanto ao emprego do seu tempo. Ele não desperdiça o seu tempo, para ver no fim do dia que não leu a Bíblia, quase não orou a Deus e não fez nenhuma outra coisa porque o seu tempo foi consumido com as frivolidades das coisas do presente mundo. Não, não; este é o homem que se apossa da oportunidade. Ele tem que disciplinar-se. Diz ele: tenho que fazer isto, insisto nisto. Vou fazê-lo, custe o que custar. Isso nunca foi mais necessário do que hoje.

Ou vejam outra exortação, feita pessoalmente pelo nosso Senhor: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam". Não gaste seu tempo neste mundo fazendo isso. Fazer o quê, então? ".. .ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam." Você é um peregrino da eternidade, que é para onde está indo. Pois bem, não passe o tempo todo ajuntando tesouros neste mundo, porque você vai sair dele; vai perecer, e os deixará para trás. Olhe para a frente, prepare-se para o futuro, ajunte tesouros lá, redima o tempo. Resgate a oportunidade.

Vejam a exortação similar registrada no Evangelho Segundo Lucas, capítulo 16, versículo 9: "Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabemáculos eternos". Que é que Ele quer dizer? Essas palavras são um comentário da parábola do mordomo infiel. Qual a característica daquele mordomo? Sua sabedoria. Como diz o nosso Senhor: "Os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz".

Eis aí um homem em apuros, e ele saltou sobre uma oportunidade. Disse ele: ora, antes que a sentença caia sobre mim, vou preparar-me para o futuro; por isso foi aos fregueses e disse: quanto vocês me devem? Um deles respondeu: devo tanto - e o mordomo lhe disse que anotasse muito menos, a metade. E continuou desse modo. Que é que ele estava fazendo? Estava se preparando para a calamidade que estava prestes a cair sobre ele. Foi sábio. Viu o que vinha e agiu imediatamente, remindo o tempo. Eu e vocês devemos ser assim. Por isso diz o nosso Senhor: use o seu dinheiro neste mundo de tal maneira que, quando chegar o fim, já tenha feito a sua preparação, e assim, quando passar para o outro mundo, haja ali muitos que estejam prontos a recebê-lo e a regozijar-se ao vê-lo. Trate de viver neste mundo de maneira tal, que esteja realmente fazendo preparativos para o mundo por vir. Que esteja resgatando a oportunidade.

Eu poderia citar as Escrituras quase interminavelmente para vocês, com relação a este assunto, mas deixem que eu mencione apenas uma passagem - passagem notável, do fim do capítulo treze da Epístola de Paulo aos Romanos: “E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando no princípio cremos. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos pois as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz. Andemos honestamente, como de dia; não em glutonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não façais provisão para a carne” (versículo 14, VA).

Estas são todas diferentes maneiras, vocês vêem, de dizer-nos que nos despertemos, que nos apercebamos do que somos e de quem somos, e que nos agarremos a todas as oportunidades. Sejam ativos e estejam alerta. Considerem este mundo apenas como uma oportunidade de agradar ao Senhor. Granjeai amigos, até com as riquezas da injustiça; tomem posse da vida eterna.

Se é preciso algo mais para persuadir-nos da urgência disso, pensem no seguinte: “Todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo”. Cristãos, “devemos prestar contas dos feitos no corpo, quer bons quer maus” (cf. 2 Coríntios 5:10). Muito bem, diz o apóstolo, conhecendo o terror do Senhor, procuro persuadir os homens. O que ele quer dizer é que ele sabe que comparecerá perante o seu Senhor. Não é que esteja em perigo de perder a salvação. O julgamento não é no sentido de que o nosso destino eterno estará sendo determinado. Ele está falando a pessoas já cristãs e cujo destino eterno está seguro. Este tipo de julgamento é para recompensa ou galardão. Aquele que por nós veio do céu à terra e morreu na cruel e infamante cruz do Calvário; que não Se poupou, que suportou a contradição dos pecadores. Aquele que sofreu aquela agonia no jardim e na cruz, Ele nos examinará - e o que estará investigando é: como passamos o nosso tempo no^ mundo, depois que nos demos conta do que Ele tinha feito por nós. É o terror do amor, vocês vêem, não o medo do

tormento. Vocês olharão aquela face amada e aqueles olhos, e compreenderão, como nunca antes, o que Ele fez por vocês. Depois vocês compreenderão, com vergonha, o que não fizeram por Ele. Ah, exclama Paulo, apossem-se da oportunidade, não percam um segundo. Mantenham isto no primeiro plano de suas mentes.

O apóstolo João diz exatamente a mesma coisa em sua Primeira Epístola, capítulo 3: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como ele é o veremos". E João acrescenta imediatamente: "E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro". Éprecisamente isso que o apóstolo Paulo está dizendo aqui. Vocês são filhos da luz, diz ele, e do dia; não devem andar como se ainda estivessem nas trevas. Não, havendo compreendido o que vem, vocês sabem que não podem perder um segundo. Apossem-se de todas as oportunidades. Façam pleno uso do tempo que lhes resta neste mundo. Então, finalmente, para remate disso tudo, há uma grande declaração no livro de Apocalipse, capítulo 14, versículo 13: "Escreve" - vocês devem ter ouvido isto em ofícios fúnebres; compreenderam a sua significação? - "Escreve: bem-aventurados os mortos que desde agora

morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, pois as suas obras os seguem." Aí está de novo. Graças a Deus, as obras que nos seguem são as nossas boas obras! São as que fazemos conforme fomos aproveitando a oportunidade ou remindo o tempo. Tudo está sendo registrado, nada será esquecido; você ouvirá as benditas palavras: venha, bendito do Senhor, venha, servo bom e fiel, entre no gozo do Senhor. Entre no reino que foi preparado para você antes da fundação do mundo. É coisa estupenda - "as suas obras os seguem".

Muito bem, pois, aí está a exortação em face disso tudo. Para que vocês possam ter aquela recepção, para que vocês possam ouvir aquele encômio, redimam a oportunidade. Que coisa maravilhosa será ouvir as palavras: "Vinde, benditos de meu Pai". Desenvolvam-nas em termos de Mateus, capítulo 25, sobre as pessoas que O visitaram na prisão visitando o Seu povo na prisão e levando-lhe alimento, bebida e roupa. Vocês vêem, eles tomaram cada oportunidade, viveram à luz disso e remiram o tempo. Essa é a exortação, Está aí com relação a nós, porém não devemos viver somente para nós, embora devamos começar daí. Seremos de pouco valor para os outros, se não compreendermos tudo isso acerca de nós mesmos, e por isso Paulo o coloca em primeiro lugar.

Mas então passamos à segunda aplicação - a nossa relação com os outros neste mundo. Devemos resgatar a oportunidade com vistas a eles. Como fazê-lo? A primeira coisa que devemos fazer é procurar compreender o seu estado e as suas condições. Eles ainda pertencem a este mundo mau. Ainda estão nas trevas e o seu estado é de pecado. No entanto, sabemos algo mais. Sabemos que o tempo todo eles

nos estão olhando e observando. Todos nós sabemos isso por experiência pessoal. Além disso, os jornais gritam isso para nós. Vocês não notaram que, se houver um homem num tribunal com alguma acusação contra ele, e se descobrem que ele fora professor da Escola Dominical trinta anos antes, sempre o mencionam? Chegam a pôr como cabeçalho: "Professor da Escola Dominical em julgamento", embora não estivesse ali por trinta anos talvez. Estão vigiando. Dizem eles: essas pessoas dizem que são diferentes. Muito bem, vejamos como estão se comportando, como vivem. Esse é o argumento comum, não é? Por que devo ser cristão? Por que devo unir-me a vocês na igreja? Vejam as pessoas que vão!

Mais importante ainda, as pessoas julgam o cristianismo pelo que vêem em nós. Não só isso, julgam a Cristo por nós, julgam a Deus por nós. Somos tomados por Deus e por Cristo, pelo evangelho da salvação, pela totalidade da mensagem cristã. Somos seus represen-

tantes. Eles a julgam inteiramente pelo que vêem em nós. Não lêem a Bíblia, nem livros sobre a Bíblia. Nós somos tomados em lugar dela. Assim, eles nos observam! Vocês vêem por que o apóstolo diz que devemos remir o tempo e apossar-nos de todas as oportunidades. Muitas vezes Deus levou pessoas ao arrependimento e à salvação simplesmente levando-as a observarem outros cristãos, e elas tiveram um sentimento de condenação e, ao mesmo tempo, a sensação de algo que as atraía. Essa é a razão pela qual devemos ser cautelosos, diz o apóstolo.

Então, que é que devemos fazer? Como havemos de remir o tempo? Devemos viver de tal maneira que silenciemos toda a crítica. Pedro o expressa perfeitamente em 1 Pedro 2:11-12: "Amados, peço-vos, como a peregrinos e forasteiros, que vos abstenhais das concupiscên-cias carnais que combatem contra a alma". Elas são prejudiciais a vocês, pelo que não as pratiquem pelo bem de vocês mesmos.
Mas depois ele continua: "Tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem". Vivam de tal maneira, diz ele, que desarmem a crítica que eles fazem. Não haverá nada que possam dizer. Embora tenham falado contra vocês, como se vocês fossem malfeitores, as suas boas obras lhes responderão e eles terão que admitir que estavam errados.

Essa é, obviamente, a primeira coisa; porém devemos ir mais adiante. Não devemos somente viver de tal maneira que silenciemos toda crítica. Devemos, positivamente, viver de tal maneira que exerçamos atração sobre essas pessoas e as façamos sentir que estão perdendo alguma coisa magnífica e maravilhosa por não serem cristãs. E preciso haver, acerca de nós, o que havia no Senhor e que atraía as pessoas como um ímã. Vocês não vêem aqueles pobres homens possessos de demônios? Quando O viram, correram para Ele. Tinham vivido nas montanhas e entre os túmulos. Fugiam das pessoas, mas quando O viram, correram para Ele. "E chegavam-se a ele todos

os publicanos e pecadores", lemos no início de Lucas, capítulo 15. Era sempre o efeito que Ele causava; os fariseus não atraíam as pessoas, entretanto Cristo atraía. Havia algo em tomo dEle que as fazia sentir que receberiam compreensão e simpatia. A mulher, pecadora na cidade, foi e caiu a Seus pés, regou-os com as suas lágrimas e enxugou-os com os cabelos da sua cabeça. Era sempre esse o efeito que Ele causava, e é dessa maneira que devemos viver.

Como fazê-lo, porém? Que espécie de vida devemos viver? O primeiro ponto essencial, eu diria, é que deve ser uma vida ordenada. Tem que ser uma vida disciplinada. Uma das coisas que mais

prejudicam a causa cristã é o cristão errático. Vocês conhecem o tipo de gente que vem com o maior ímpeto e por algum tempo faz-nos sentir como se nós nunca fomos cristãos antes. Todavia isso não dura mais que algumas semanas, e então ele desaparece completamente. Depois volta! Não há nada que cause mais grave desserviço. O mundo está observando, e sorri quando vê de volta uma pessoa desse tipo. Bem, graças a Deus, não é o mundo que decide sobre o destino de um homem desses, e se você tem sido um cristão errático, deixe-me assegurar-lhe que, se você voltar, e voltar deveras, Deus o receberá e você terá outra oportunidade. Mas não continue agindo dessa maneira; "Vai, e não peques mais". Contudo não podemos ser erráticos ou inconstantes ou imprevisíveis, se nos consideramos sábios. Não vivemos por uma legislação *ad hoc*. [1] Temos um grande plano e vivemos com leal constância de acordo com esse plano. Se posso tomar emprestadas as palavras de Matthew Arnold (e multiplicá-las pelo infinito!) - o cristão é alguém que vê a vida com firmeza leal e a vê globalmente e, portanto, não é errático.

Ou, vejam-no assim: temos que viver uma vida não caracterizada por tropeços e quedas, desta ou daquela forma. Um cristão que vive tropeçando e caindo é uma pobre recomendação do evangelho, porque o mundano pode tropeçar e cair em pecado, em qualquer de suas formas ou tipos, pecado no temperamento, na ira, na perda de controle, na falta de simpatia e de compreensão. Quem age assim não está remindo o tempo. Não está recomendando o cristianismo, nem a Deus, nem ao Senhor Jesus Cristo. Não; a grande característica da vida cristã é a firmeza. Não pode haver reações violentas de modo algum. Ouçam a descrição que um salmista faz deste bom tipo de homem, no Salmo 112: "Não temerá maus rumores; o seu coração está firme, confiando no Senhor". Vocês sabem que os tempos de crise sempre ajudam a mostrar o que o homem é realmente. Uma coisa é ser cristão teórico, mas a prova real é o que você é quando as coisas vão mal. Subitamente você cai de cama, e se você fica alarmado e não sabe o que fazer, o mundo diz: eu pensava que ele era cristão, porém isso não parece ajudá-lo muito. Como é você quando a tristeza ou a aflição chega ao seu lar? Como é você quando irrompe a guerra? Vocês vêem, é por nossas reações que revelamos o que somos. Disse o nosso Senhor: "Por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado"

(Mateus 12:37). Acontece alguma coisa, e você fala instintiva-

mente, e mostra exatamente o que você é nas profundezas do seu ser. O cristão é inabalável; não temerá más notícias. Seu coração está firme, confiando no Senhor.

Naturalmente, vocês vêem, quando as coisas vão bem esta homem fala consigo mesmo e diz; "Ora, sim, graças a Deus, as coisas vão indo bem. Deus é misericordioso e bondoso comigo. Nem isso eu mereço. Não posso entender por que Ele me abençoa como me abençoa, e Lhe dou graças por isso. Mas eu sei que num mundo mau como este, nunca se sabe quando as coisas irão mal. O pecado trouxe toda espécie de conseqüências e complicações, e eu faço parte do munco e estou sujeito a estas coisas. A qualquer momento elas podem chegar a mim". Assim, quando elas chegam, ele não é apanhado desprevenido. Ele pensou na frente, e previu tudo. Está tudo muito bem, diz ele, isto faz parte da porção que me cabe neste mundo; neste tabemáculo gememos sob os nossos fardos, desejando ardentemente ser revestidos da nossa casa, que é do céu. Seu coração é firme. Ele é um homem inabalável. Tem equilíbrio em sua vida. Ele tem reservas das quais ninguém sabe. Ele está sobre uma rocha, sobre um alicerce, e ainda que o mundo todo se convulsione na calamidade final, este homem permanece firme, confiante no Senhor. Essa é a espécie de vida que devemos viver.

Pensemos também em remir o tempo como algo aplicável praticamente à questão do falar. É muito importante. Você vive assim, não somente porque sabe que os outros o estão observando, mas também, quando você está conversando com eles, você está cheio de sabedoria, discrição e entendimento, e fica atento, à espera das suas oportunidades. Você pode estar num trem, sentado ao lado de alguém, ou pode estar falando com alguém por sobre o muro do jardim. Eles se põem a expressar as suas opiniões, e você pode aproveitar a oportunidade. Eles podem começar dizendo: "Não é terrível?" Você não diz apenas: "Sim, não é?" Você diz: "Mas por que você acha que é terrível? Qual a causa de tudo isso?" Você se assenhoreou da sua oportunidade. Deixe-os falar. Não vá de repente a eles, dizendo-lhes, "Você está salvo?" Não, você tem que ser sábio - quem é sábio conquista almas. Ouça a conversa deles. Se eles expressarem uma crítica ou uma opinião, esteja pronto para usar a mensagem cristã. Induza-os a ela, partindo de onde eles partem, levando-os gradativamente e ligando o que é dito com os princípios eternos.

Ou pode ser que eles lhe façam perguntas. Que oportunidade vinda do céu! Se tão-somente virmos isso deste modo é admirável quão constantemente as pessoas nos presenteiam com estas verdadeiras oportunidades. Sim, porém nós as estamos querendo, as estamos procurando? Estamos sempre prontos a agarrar-nos à ocasião e a

aproveitá-la? É isso que o apóstolo nos está dizendo que façamos. Ou ainda, devemos manter os olhos abertos e observar o que está acontecendo com as pessoas.

Aí está um homem que ficou doente, homem que é nosso conhecido e que não tem interesse pelos assuntos cristãos. E maravilhoso poder ir oferecer-lhe um pouco de simpatia, tentar ajudá-lo de alguma forma prática, e então, logo lhe será dada oportunidade de oferecer melhor a maior ajuda. Enfermidade, doença, acidente, morte, reveses, todas estas coisas estão acontecendo constantemente com as pessoas, e aí vemos a nossa oportunidade. Quando os seus corações se abrandam, estejamos lá e estejamos prontos. Redimam o tempo, tomem posse da oportunidade!

Depois, finalmente, devemos governar-nos pelo nosso entendimento de qual é a vontade do Senhor. "Mas entendei qual seja a vontade do Senhor." Aí está o princípio dominante que governa tudo. Que é que ele quer dizer? Entender qual é a vontade do Senhor não significa procurar direção especial para tudo o que se faz e se diz. Há gente que o interpreta desse modo, vocês sabem, e essa gente nunca se move sem orar e esperar por uma orientação imediata. Todavia vocês não necessitam fazer isso. Aqui está, diante de vocês, a orientação na Bíblia. Leiam a Bíblia, em vez de fazer aquilo. Há circunstâncias muito excepcionais em que a gente precisa de orientação especial, mas são muito poucas. Entender qual é a vontade do Senhor não significa isso.

Que significa? Significa exatamente aquilo que o apóstolo nos estivera falando no versículo 10: "Aprovando o que é aceitável ao Senhor". Diz ele precisamente a mesma coisa em Romanos, capítulo 12, versículo dois. Qual será então, a vontade do Senhor? Certamente não deve haver dúvida sobre isso. O temor do Senhor é o princípio da sabedoria. Quemais? "Esta é a vontade de Deus, avossa santificação", diz Paulo naPrimeiraEpístolaaosTessalonicenses,capítulo4, versículo 3. Diz ele aqui, na Epístola aos Efésios, capítulo 1, versículo 4: "Como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor". A santidade sempre caracteriza o cristão. A vontade do Senhor é isso. É o que Ele quer que eu seja. Ele quer que eu seja alguém que aja como luz neste mundo, e a Bíblia está cheia de instruções sobre o que eu devo fazer e o que não devo. Leiam os Dez Mandamentos, leiam as Bem--aventuranças, leiam o Sermão do Monte. Essa é a vontade do Senhor. Para conhecer a vontade do Senhor, digo e repito, vocês têm que ler a Bíblia. Meditem na lei do Senhor, como o homem do Salmo primeiro, cujo prazer está nela e que nela medita de dia e de noite. Conheçam--na exaustivamente, e então apliquem-na.

Noutras palavras, eu gostaria de fazer esta colocação: aí está um homem cujo maior desejo na vida é agradar ao Senhor. Como o Conde Zinzendorf, ele, por assim dizer, olha para o quadro da cruz de Cristo e lê esta inscrição - Fiz isto por você, que fez você por mim? - e se levanta e O serve obedientemente, É um homem que, tendo compreendido o que Deus fez por ele em Cristo, sente que não pertence mais a si próprio. "Não sabeis que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço" (1 Coríntios 6:19-20); portanto, sirvam a Deus com o seu corpo, com o

seu espírito, com todo o seu ser. Este é o seu maior desejo, e ele sabe que o desejo do Senhor é que ele mostre ao mundo que o Senhor o libertou do pecado, tomou-o santo e o está preparando para o céu. Se você mantiver isso em mente, não poderá ir mal. Tudo, então, será determinado por essa realidade.

Se vocês quiserem mais alguma coisa, aqui está: olhem para o Filho de Deus, vejam como Ele viveu neste mundo. Devemos tentar viver desse modo, seguir os Seus passos, que não erraram. "Quanto o injuriavam, não injuriava, mas entregava-se àquele que julga justamente" (1 Pedro 2:23). "Sede pois imitadores" - já dissera Paulo a estes efésios - "Sede pois imitadores de Deus". Imitem o Senhor Jesus Cristo, não para se tomarem cristãos, mas porque vocês são cristãos. Como Ele é, assim somos nós neste mundo. Devemos seguir os Seus passos. Devemos negar-nos a nós mesmos, tomar sobre nós a cruz e seguir a Cristo. E na medida em que o fizermos, as nossas vidas serão santas, serão firmes. Serão calmas e serenas, serão uma censura ao pecado em todas as suas formas e modalidades. Serão uma atração para os pobres pecadores que estão começando a perceber o seu estado e a sua necessidade. "Sempre conhecendo", diz ele, "e entendendo qual seja a vontade do Senhor." Eis aqui a Sua vontade: "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus" (Mateus 5:16). Essa é a exortação que está em Efésios, capítulo 5, versículos 15 a 17. "Assim resplandeça a vossa luz"!

AS TREVAS E A LUZ

Este volume é o quinto de uma série de oito. O conteúdo foi originariâmente pregado como parte de uma exposição sistemática da Epístola aos Efésios nos cultos dominicais matutinos na Capela de Westminster, Londres, entre 1954 e 1962.

E um fato extraordinário que, nos escritos do apóstolo Paulo, grandiosa exposição doutrinária leva sempre a apelos claros, exigentes e práticos para a santidade pessoal e para o crescimento na sabedoria cristã e no caráter cristão. Em nenhum outro lugar isso é ilustrado mais claramente do que em Efésios 4:17-5:17. Todavia, é precisamente neste ponto que falta a tantos cristãos o equilíbrio das Escrituras -ou salientando a doutrina sem explicar as suas implicações para a vida cristã, ou vice-versa. Aqui é que o Dr. Lloyd-Jones foi considerado um mestre, talvez sem paralelo no presente século. *As Trevas e a Luz* demonstra por que a sua pregação foi tão grandemente apreciada por sua fidelidade à doutrina e prática apostólica. Magnífica exposição, é também um manual que ensina a viver a vida cristã.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116 - 3º andar - salas 14-17 01041-000 - São Paulo - SP

***Ad hoc* = para isto; em resposta a isto. Expressão geralmente empregada nos casos de funções emergenciais. E.g. - "Secretário ad hoc", i.e., designado para o momento, para a reunião do momento. Em latim no original. Nota do tradutor.**